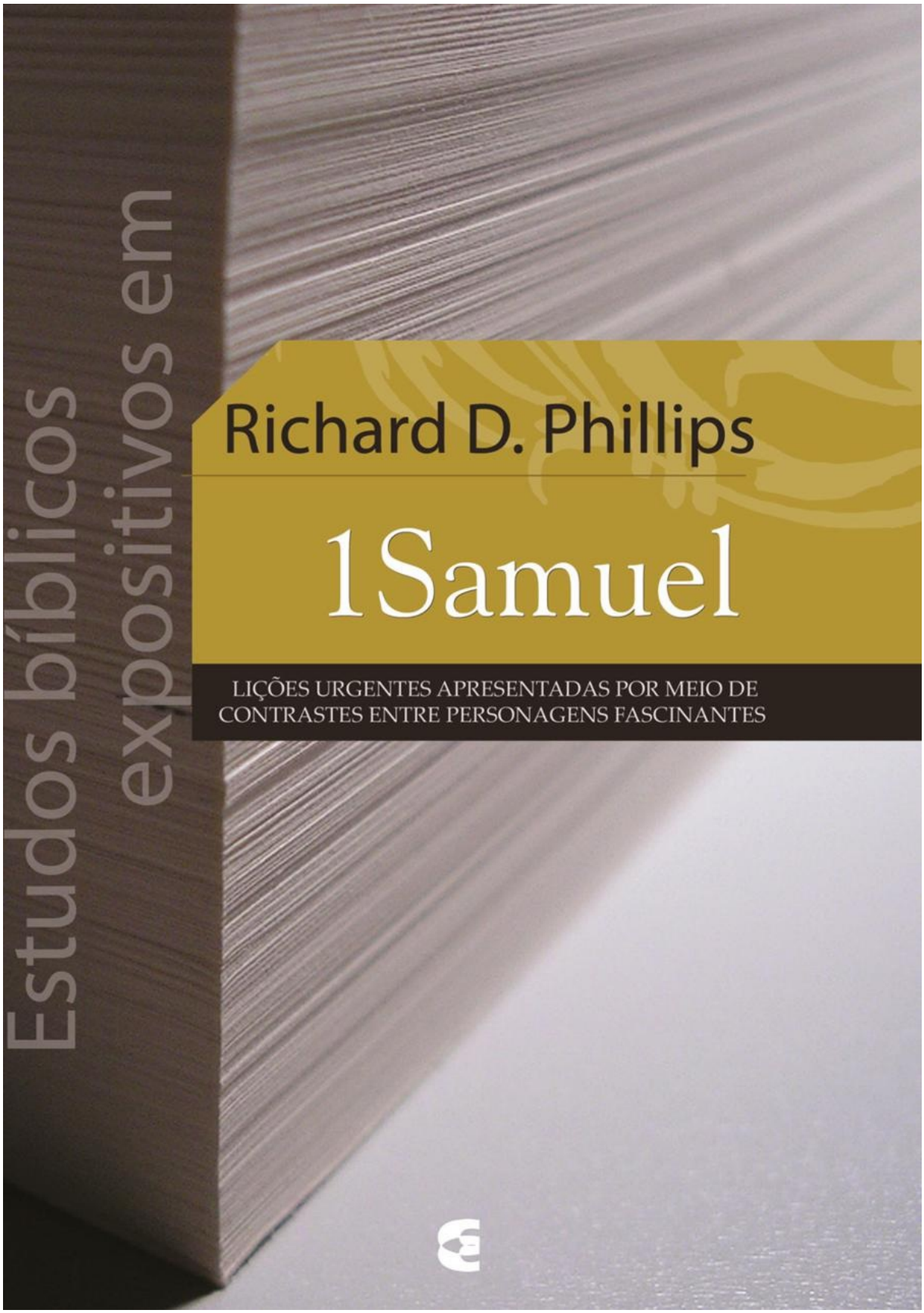
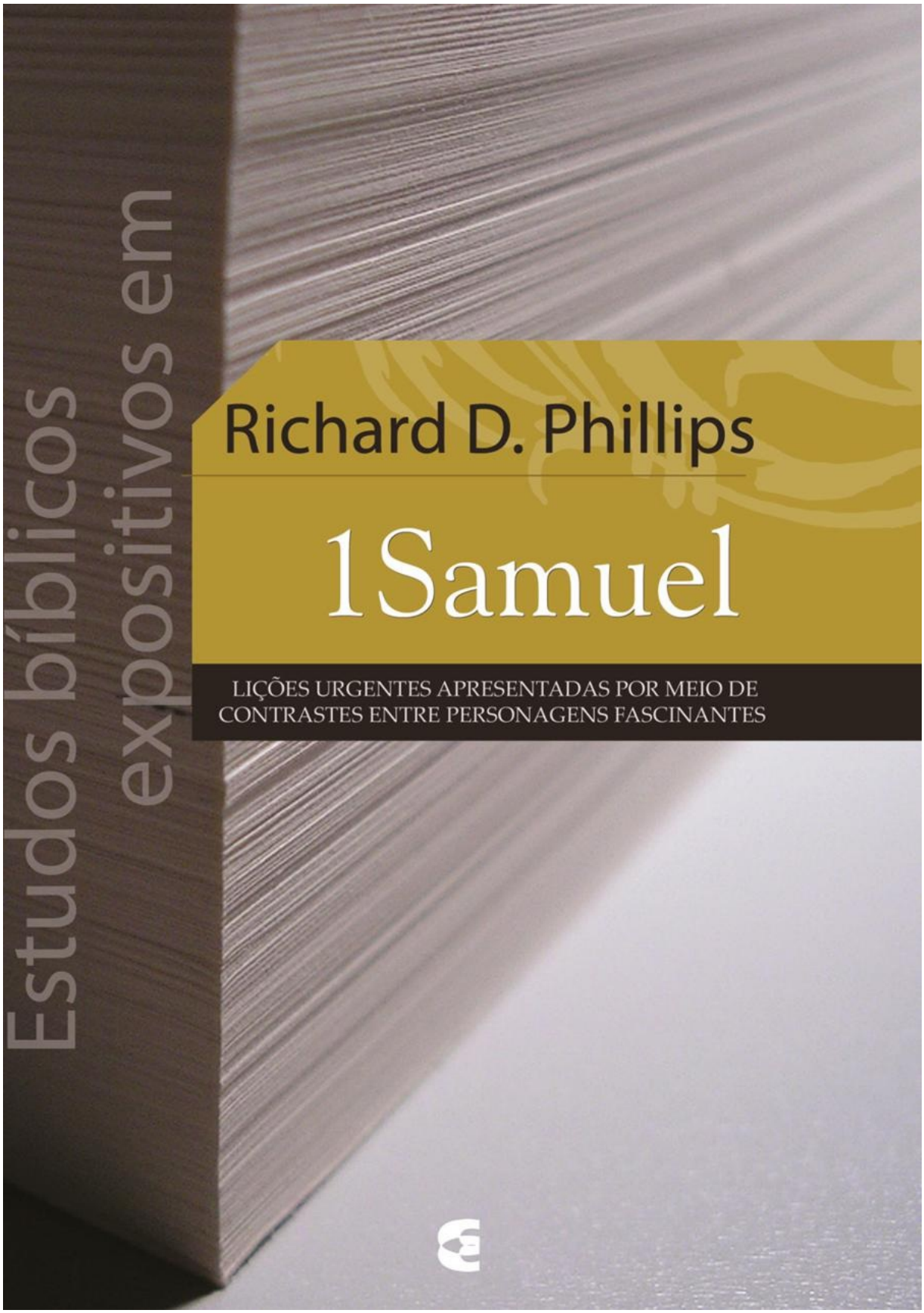
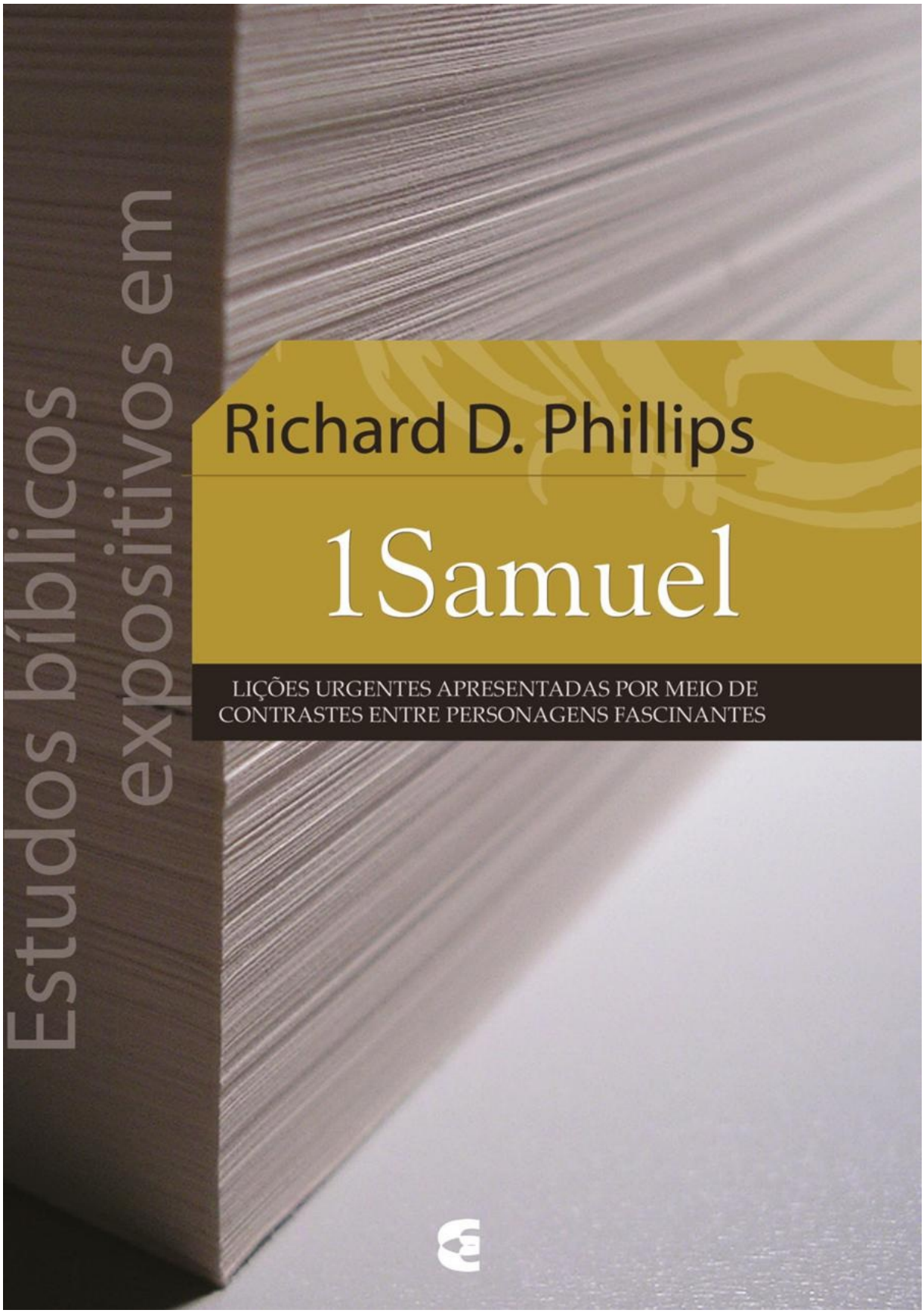
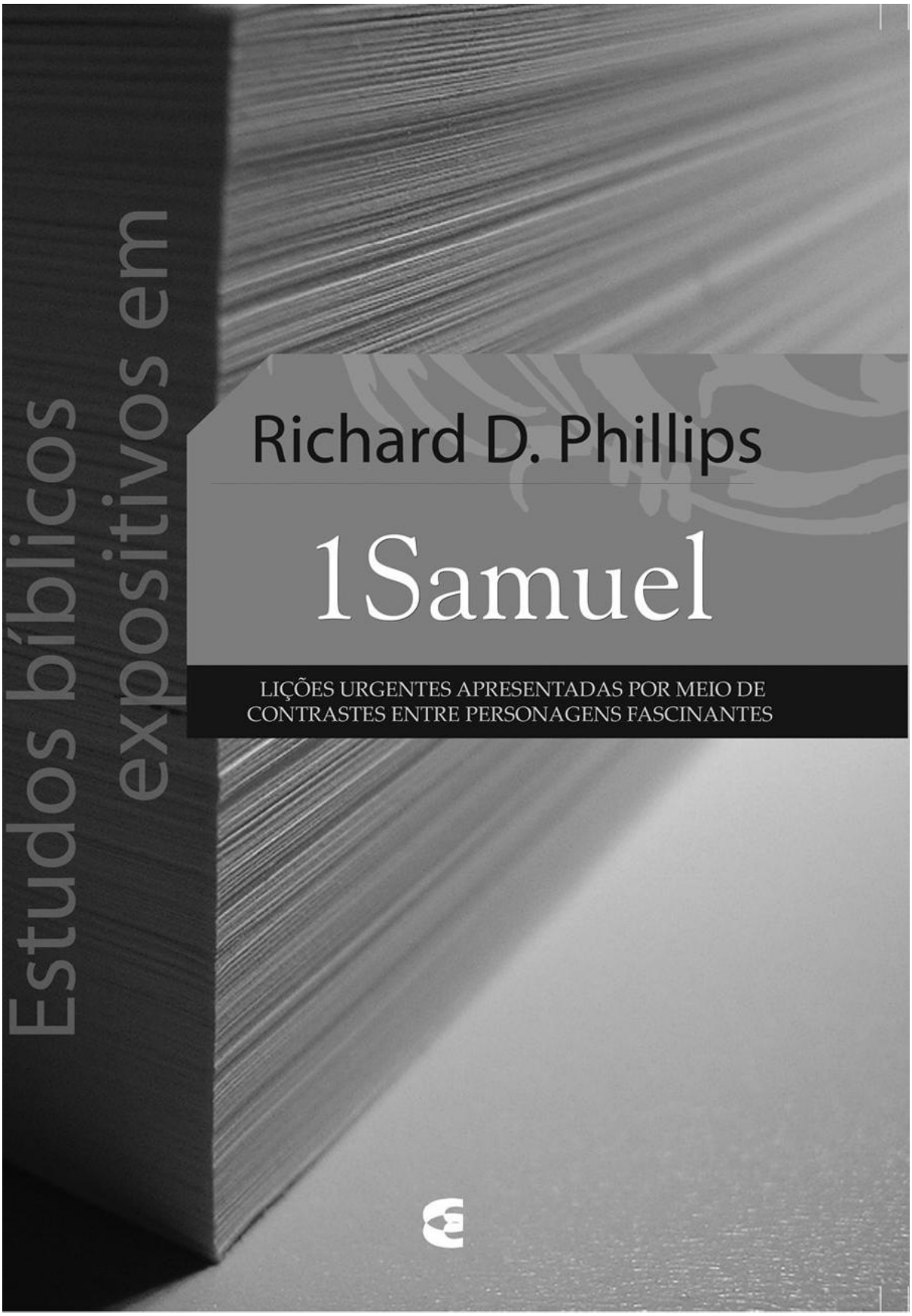

Estudos bíblicos expositivos em
Richard D. Phillips
1Samuel
LIÇÕES URGENTES APRESENTADAS POR MEIO DE CONTRASTES ENTRE PERSONAGENS FASCINANTES


Estudos bíblicos expositivos em
Richard D. Phillips
1Samuel
LIÇÕES URGENTES APRESENTADAS POR MEIO DE CONTRASTES ENTRE PERSONAGENS FASCINANTES


Estudos bíblicos expositivos em
Richard D. Phillips
1Samuel
LIÇÕES URGENTES APRESENTADAS POR MEIO DE CONTRASTES ENTRE PERSONAGENS FASCINANTES


Estudos bíblicos expositivos em
Richard D. Phillips
1Samuel
LIÇÕES URGENTES APRESENTADAS POR MEIO DE CONTRASTES ENTRE PERSONAGENS FASCINANTES

Estudos bíblicos expositivos em 1Samuel, de Richard D. Phillips © 2016 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título Reformed expository commentary – 1Samuel © 2012 by Richard D. Phillips. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

Conselho Editorial Antônio Coine Cláudio Marra (Presidente) Heber Carlos

P558e Philips, Richard D. Estudos bíblicos expositivos em 1Samuel / R

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.




EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Ao

Reverendo Eric Alexander, em cuja vida e ministério tive o privilégio de observar tanto Cristo, o Leão, quanto Cristo, o Cordeiro,

e

ao Deus da graça, que “não vê como vê o homem. [...] porém [...] o coração” (1Sm 16.7).

Sumário

Prefácio

Parte 1: O último dos juízes

1. A esposa estéril: 1Samuel 1.1-8

2. O Deus que ouve: 1Samuel 1.9-20

3. Oferecido ao Senhor: 1Samuel 1.21-28

4. O cântico de Ana: 1Samuel 2.1-10

5. Os ímpios filhos de Eli: 1Samuel 2.11-36

6. Eis-me aqui! 1Samuel 3.1–4.1

7. Religião de poder: 1Samuel 4.1-11

8. Icabô! 1Samuel 4.12-22

9. Queda dos deuses: 1Samuel 5.1-12

10. Este Deus santo! 1Samuel 6.1–7.2

11. Edificando Ebenézer: 1Samuel 7.3-17

Parte 2: Um rei como todas as nações

12. Um rei como todas as nações: 1Samuel 8.1-22

13. Eis o vosso rei! 1Samuel 9.1–10.16

14. Viva o rei! 1Samuel 10.17-27

15. Salvação em Israel: 1Samuel 11.1-15

16. A despedida de Samuel: 1Samuel 12.1-25

17. Um homem que agrada a Deus: 1Samuel 13.1-23

18. Com muitos ou com poucos: 1Samuel 14.1-23

19. A insensatez de Saul: 1Samuel 14.24-46

20.Obedecer é melhor: 1Samuel 14.47–15.23

21. Rasgado: 1Samuel 15.24-35

Parte 3: Um homem segundo o coração de Deus

22. Olhando para o coração: 1Samuel 16.1-13

23. A serviço do rei Saul: 1Samuel 16.14-23

24. Um homem para lutar: 1Samuel 17.1-30

25. A armadura do rei Saul: 1Samuel 17.31-40

26. Em nome do Senhor: 1Samuel 17.41-54

27. Uma aliança de amor: 1Samuel 17.55–18.5

28. A loucura do rei Saul: 1Samuel 18.6-30

29. Matar Davi: 1Samuel 19.1-24

30. Flechas além de ti: 1Samuel 20.1-42

31. Fuga ímpia: 1Samuel 21.1-15

32. O assassinato dos sacerdotes: 1Samuel 22.1-23

33. Vivendo pela palavra: 1Samuel 23.1-14

34. Fiel em amizade: 1Samuel 23.15-29

35. A orla do manto: 1Samuel 24.1-22

36. Insulto e injúria: 1Samuel 25.1-31

37. Insulto e injúria: 1Samuel 25.1-31

38. O Senhor dará a paga: 1Samuel 25.32-44

39. O rei justo: 1Samuel 26.1-25

40. A noite escura da alma: 1Samuel 28.3-25

41. Marchando com o inimigo: 1Samuel 29.1-11

42. Fortalecido no Senhor: 1Samuel 30.1-31

43. O fim trágico de Saul: 1Samuel 31.1-13

PREFÁCIO

A maioria das pessoas pensa que Davi é um dos grandes heróis românticos da Bíblia. Os que creem na Escritura não duvidam de sua importância histórica, mas Davi é o homem que prende a imaginação. Consequentemente, muitos sermões sobre o herói de 1Samuel concentram-se nos modos como o exemplo de Davi é considerado relevante para nós hoje. Para muitos, Davi é o modelo do jovem crente quando se coloca diante do gigante Golias, armado apenas com sua funda de pastor e com sua fé em Deus. Também observamos Davi em meio às lutas da vida adulta num mundo injusto. Davi fornece um modelo de liderança cristã: não apenas enfrenta os obstáculos da sua própria vida e do seu próprio chamado, mas seu comportamento de líder também desempenha um papel decisivo em construir o reino que vai liderar. Com todos esses pontos de contato com os leitores, aos quais acrescentamos o Davi poeta e cantor do Livro dos Salmos, não é de admirar que os crentes de todas as gerações sintam esse forte vínculo com Davi.

Apesar de todo o fascínio do romântico Davi, contudo, o cristão criterioso percebe um interesse ainda mais forte em Davi como um dos principais tipos ou modelos de Jesus Cristo no Antigo Testamento. É como um ungido, alguém chamado e enviado por Deus para liderar Israel, que Davi desempenha seu principal papel na história redentora e dá sua contribuição distintiva em preparar o povo de Deus para o Ungido, o Messias que vem para governar e salvar. Os estudiosos concordam que o centro teológico do corpus de Samuel está em 2Samuel 7, que registra a promessa pactual de um trono eterno da linhagem de Davi. Sendo assim, o centro de 1Samuel ocorre no capítulo 16, quando o profeta-juiz Samuel unge Davi para seu ofício real. Tudo o que vem antes é um prólogo para a unção de Davi, e toda a fascinante tensão que vem depois resulta de Davi ter sido separado como rei “que lhe [a Deus] agrada” (1Sm 13.14).

O tema de Davi como o ungido de Israel é enfatizado especialmente na sua batalha épica contra o gigante Golias, quando o jovem pastor alcança inesperadamente uma grande vitória sobre inimigos fortes demais para o povo de Deus. Na verdade, nessa e em outras passagens importantes Davi continua sendo um fascinante objeto de interesse como exemplo para nossa fé. A perspectiva tradicional sobre Davi, o homem de fé, continua sendo válida na exposição de

1Samuel. No entanto, mais do que servir meramente como um exemplo, Davi, de maneira mais importante, nos orienta para o Salvador prometido, que é o objeto da nossa fé. Nem tudo o que Davi faz em 1Samuel é semelhante a Cristo – longe disso – mas, como o ungido no seu próprio tempo, ele começa a mostrar ao povo de Deus como o verdadeiro Messias trará salvação ao seu povo necessitado de todos os tempos.

Apesar de toda a atenção dada a Davi, 1Samuel também apresenta outros dois vultos importantes. Naquele que dá nome ao livro, Samuel, encontramos uma figura notável da Escritura, cuja importância é equiparada à de Josué, sucessor de Moisés. O lugar de Samuel na história redentora é muito subestimado pela maioria dos estudiosos da Escritura; sua vida e seu ministério têm um papel importante na história bíblica e fornece uma inspiração que rivaliza com a que é associada a Davi. Foi Samuel que Deus usou para guiar Israel para fora do caos do período dos juízes e para servir no futuro reino na chegada de Davi. Próximo de Samuel está Saul, que serve como alter ego primeiro para Samuel e depois para Davi e que incorpora a idolatria e a incredulidade que contaminarão Israel ao longo de todo o restante do Antigo Testamento. Por meio dos contrastes entre Saul e Samuel/Davi, a narrativa de 1Samuel apresenta inúmeras lições que merecem nossa consideração. Juntamente com essas figuras principais, os personagens menos importantes de 1Samuel não são incidentais, incluindo Eli, o sacerdote corrupto, Ana, a crente chorosa, e Jônatas, o amigo fiel, para citar apenas alguns.

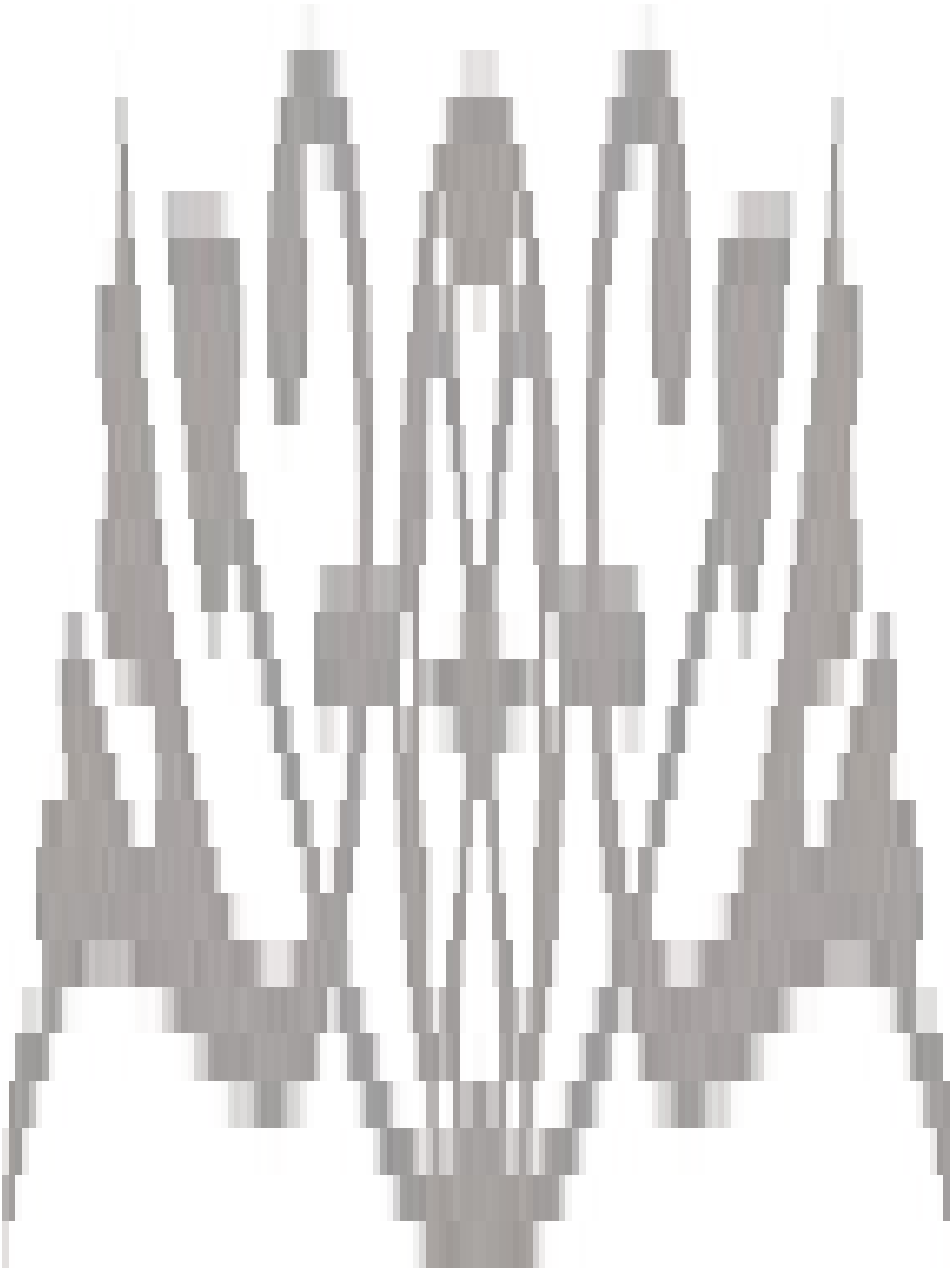
Estas exposições a respeito de 1Samuel foram pregadas originalmente nos cultos da Segunda Igreja Presbiteriana de Greenville, Carolina do Sul. Agradeço a essa amada congregação, especialmente pelo encorajamento que recebi para me dedicar ao estudo e para escrever. Também sou grato aos doutores Philip Ryken e Iain Duguid, cujos esforços editoriais melhoraram muito a qualidade deste livro, à senhora Shirley Duncan, pelo seu inestimável auxílio na revisão do manuscrito, e a Marvin Padgett e meus amigos na P&R Publishing. Este comentário é dedicado ao reverendo Eric Alexander, com graças a Deus pela doçura de sua amizade por mim e pela minha esposa e pelo seu exemplo extraordinário como pregador da poderosa Palavra de Deus.

Adicionalmente, louvo a Deus pela companhia amorosa e pelo ministério de minha querida esposa, Sharon, sem cuja fiel ajuda eu poderia realizar muito pouco para o Senhor, bem como pelos nossos cinco amados filhos. Finalmente, dou graças ao Deus e Pai do Filho de Davi: a ele, glória para sempre.

RICHARD D. PHILLIPS

Greenville, Carolina do Sul, abril de 2011.

PARTE 1

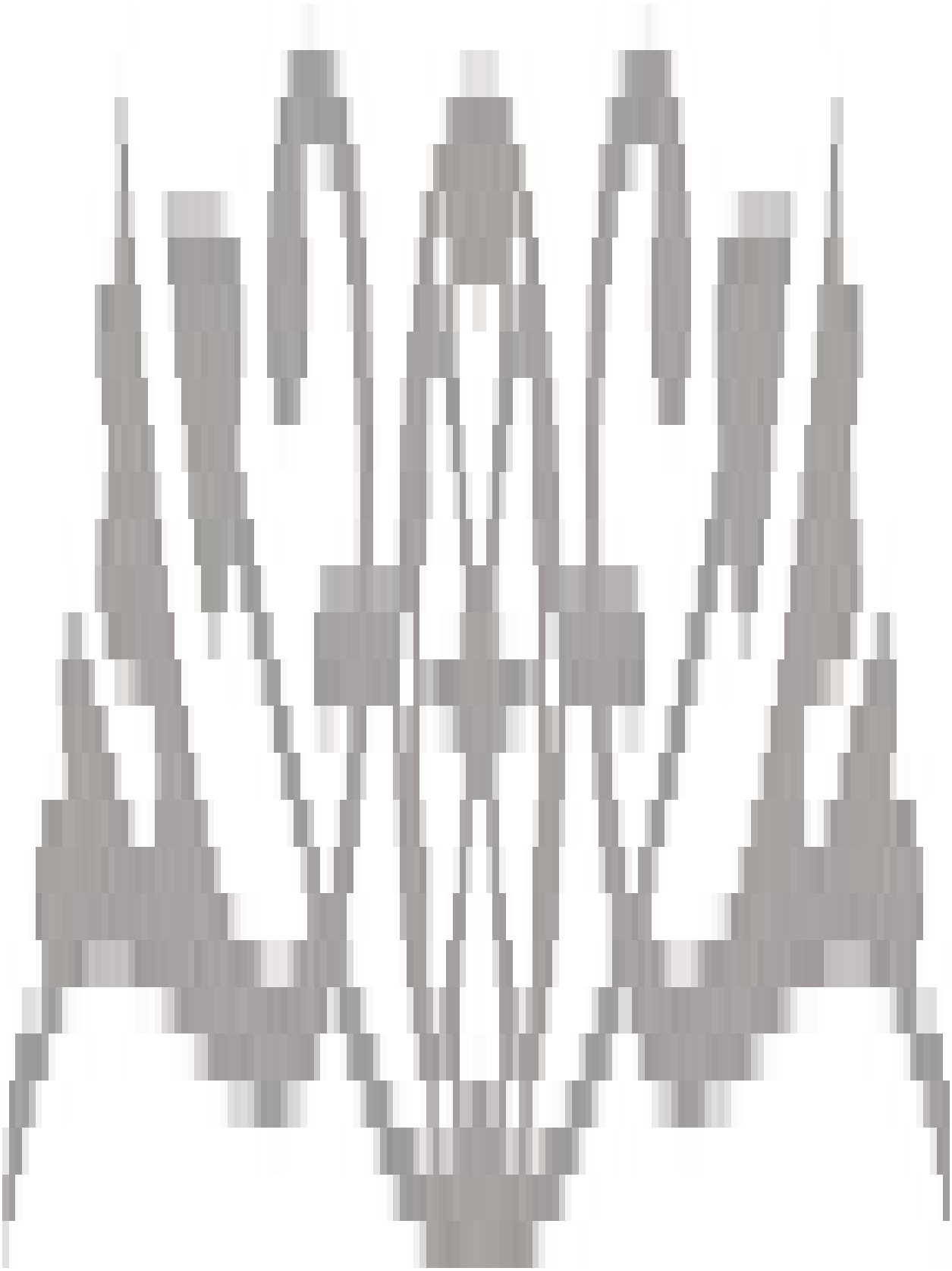


O último dos juízes

1

A ESPOSA ESTÉRIL

1Samuel 1.1-8



Elcana, seu marido, lhe disse: Ana, por que choras? E por que não comes? E por que estás de coração triste? Não te sou eu melhor do que dez filhos? (1Sm 1.8)

Entre os tesouros do nosso mundo estão as grandes histórias que formam a identidade de todos os povos. A Ilíada de Homero proporcionou aos antigos gregos uma base literária sobre a qual foram construídos séculos de grande cultura. No caos da Idade Média, os bretões encontraram um ideal nobre na história do rei Artur e Camelot. Mais antigo que essas duas histórias é o livro veterotestamentário de Samuel, com sua história do surgimento do rei Davi e do estabelecimento do reino de Israel.

Como literatura, Samuel é insuperável na riqueza do seu enredo, na complexidade e profundidade dos seus personagens, na intensidade da sua ação e na profundidade das suas lições. Tudo isso é ainda mais notável quando percebemos que Samuel não é um conto de ficção, mas uma narrativa histórica verdadeira. Essas pessoas viveram na nossa terra, e esses acontecimentos tiveram lugar no nosso mundo. Homero e o rei Artur nos inspiram por meio de seu mundo de fantasia cheio de heróis, donzelas e monstros. Samuel recusa-se a reconhecer inferioridade quando se trata disso. Mas a importância de Samuel está em que não apenas sua história é verdadeira, mas também porque é parte do desdobramento da história da salvação de Deus, que é a maior de todas as histórias.

Último juiz, primeiro profeta

Samuel nasceu por volta do ano 1050 a.C. “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto” (Jz 21.25). Isso resume as condições da nação na época do nascimento de Samuel. Israel enfrentava uma crise de liderança que era acompanhada por uma crise espiritual. Tendo entrado na Terra Prometida com vitória e força, o povo de Deus tinha perdido seu caminho espiritual, política e militarmente. Juízes 2.10 explica o motivo: depois de Josué e sua geração, “outra geração após eles se levantou, que não conhecia o

SENHOR”.

Esquecer-se do Senhor é o maior mal que pode acontecer a uma geração. Sem o auxílio de Deus, Israel não conseguiu expulsar o restante dos cananeus e em vez disso começou a seguir seus modos pagãos e a adorar seus ídolos profanos. Como punição, Deus entregou os israelitas nas mãos dos seus inimigos, periodicamente mostrando misericórdia ao levantar juízes para libertá-los (veja Jz 2.10-23). O livro de Juízes termina com uma série de histórias que descrevem o cenário decadente no qual Samuel nasceu e cresceu, incluindo a corrupção espiritual dos levitas, a idolatria do povo e a moral escabrosa da sociedade israelita.

O nascimento de Samuel pressagiou uma nova era. Assim como Deus mais tarde prepararia Israel para o seu Messias enviando João Batista, Deus preparou o caminho para o rei, que seria “um homem que lhe agrada” (1Sm 13.14) enviando Samuel, que foi ao mesmo tempo o último juiz e o primeiro da grande linhagem de profetas que serviram durante a existência do reino de Israel. David Tsumura observa: “Samuel desempenha um papel decisivo no período de transição dos dias dos juízes para a era monárquica, levando ao estabelecimento da Casa de Davi e ao início da adoração a Yahweh em Jerusalém”.[1]

A importância histórica de Samuel é evidenciada pela narrativa do seu nascimento, que dá início aos dois livros da Bíblia que levam seu nome. As Escrituras sempre têm o cuidado de nos informar sobre o nascimento e a criação das suas figuras mais importantes, e faz isso nesse caso. Assim como Moisés, Sansão, João Batista e Jesus Cristo nasceram de pais piedosos e humildes em épocas de angústia, Samuel entra na História como filho de Elcana e Ana. O livro começa: “Houve um homem de Ramataim-Zofim, da região montanhosa de Efraim, cujo nome era Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliú, filho de Toú, filho de Zufe, efraimita” (1Sm 1.1).

O pai de Samuel era “um homem”, dificilmente uma descrição de alguém importante. Somos informados sobre duas coisas a respeito de Elcana, começando com o lugar onde ele morava. Ramataim-Zofim era uma pequena vila no centro de Israel, pertencente ao território destinado a Efraim, não distante da sua fronteira com Judá, cerca de 8 quilômetros ao norte do que mais tarde seria a cidade de Jerusalém. Samuel colocaria Ramá, como essa vila seria chamada mais tarde, “no mapa”, tornando-a a capital virtual de Israel durante seu ministério como juiz (1Sm 8.4) e fundando ali a escola dos profetas (1Sm

19.18-20). Contudo, nem Elcana nem Samuel eram efraimitas. Eles traçaram sua linhagem através de Toú a Zufe, que era efratita,* um estrangeiro naturalizado da região de Belém, na terra de Judá. Além disso, sua família era sacerdotal, da tribo de Levi e do clã de Coate, como aprendemos em 1Crônicas 6.33-38; os coatitas eram originalmente encarregados de guardar a arca da aliança e servir como porteiros do templo (Nm 3.31). No governo de Davi, os "filhos de Coate" dedicavam-se ao ministério da música no tabernáculo. O neto de Samuel, Hemã, é chamado de "cantor" e parece ter tido o enorme privilégio de servir como diretor de música na adoração de Israel no reinado de Davi (1Cr 6.31-33). Os descendentes de Samuel estavam, provavelmente, entre os "filhos de Coré", aos quais é atribuída a autoria de 11 salmos.

A esposa estéril de Deus

No entanto, o foco primário no nascimento de Samuel não está sobre seu pai, mas sobre sua mãe, Ana. Muitas vezes podemos traçar a fé de filhos notáveis a mães notáveis. Assim aconteceu com essa mulher, que é um dos mais memoráveis personagens femininos da Bíblia. Robert Bergen observa que "a fonte de energia espiritual nessa narrativa era uma mulher socialmente impotente [...] [que] entendeu sozinha o verdadeiro poder da fé total no Senhor".[2]

Há muito a dizer sobre essa extraordinária mulher, mas nessa época havia um fato que dominava sua existência. O ventre de Ana era fechado, de modo que ela não conseguia gerar filhos para Elcana. Depois de nos dizer que Ana é esposa de Elcana, a Bíblia simplesmente registra: "Ana, porém, não os [filhos] tinha" (1Sm 1.2).

A esterilidade de Ana parece corresponder ao estado espiritual de Israel. Mulheres que sofrem essa condição geralmente perguntam-se como Deus está envolvido, mas, no caso de Ana, nós sabemos, porque o texto nos informa que o Senhor a deixou estéril (1Sm 1.5). Há muitas razões pelas quais Deus envia provações para a vida do seu povo, geralmente para estimular a fé, mas, no caso da mãe de um vulto tão importante como Samuel, a questão não tem a ver com Ana, mas com Israel. O Senhor fechou o ventre de Ana para lembrar a Israel que ele havia tornado o povo espiritualmente estéril por causa de sua idolatria e incredulidade. Israel era a esposa estéril de Deus, não tendo conseguido lhe dar os filhos de fé que ele desejava. Como nação, Israel manifestou particularmente

sua esterilidade na resultante falta da liderança forte de um rei verdadeiro. Bruce Birch explica: “A situação na família de Elcana é intencionada como uma parábola da situação de Israel nesse momento histórico. A ansiedade de Ana por não ter filhos, muito embora Elcana a ame, faz um paralelo com a ansiedade de Israel por não ter um rei, apesar do cuidado e do amor de Deus”.[3]

O que Deus nos mostra por meio de Ana é relevante para todo cristão cuja fé parece estéril. Isso é verdadeiro para igrejas estéreis, como a igreja no Ocidente, incluindo a América, que pode ser tida hoje como produzindo muito pouco da colheita de santidade e zelo pela verdade que Deus deseja. Continuando com a história de Ana, ela modelará para nós a oração em busca de graça que precisamos fazer a Deus. Mas nesses versículos iniciais vemos outro ponto essencial. Numa época em que Israel como um todo havia se esquecido do Senhor, “este homem subia da sua cidade de ano em ano a adorar e a sacrificar ao SENHOR dos Exércitos, em Siló. Estavam ali os dois filhos de Eli, Hofni e Fineias, como sacerdotes do SENHOR” (1Sm 1.3).

Silo era a localização do tabernáculo e da arca da aliança no tempo de Elcana. Eli não era um líder espiritual marcante, e seus filhos ímpios, Hofni e Fineias, escarneciam do ministério, como veremos (1Sm 2.22-25). Elcana não ia a Siló para ver Eli e seus filhos, mas para comparecer perante o Senhor e renovar sua fidelidade à aliança. Elcana fazia o que também devemos fazer: priorizava o lugar de Deus na sua vida e dava atenção ao Senhor. Por menos que Elcana conhecesse a verdadeira religião numa época como aquela, ele sabia o suficiente para ir, como pecador, buscar a graça de Deus por meio do sangue derramado de um sacrifício.

É assim que a salvação começa para uma alma estéril. Ela começa com a percepção de que devemos ir diretamente a Deus. Pecadores vão à cruz de Jesus Cristo, o cordeiro de Deus, para quem apontavam os antigos sacrifícios, buscando perdão por meio do sangue expiatório e renovação por meio de sua graça redentora. Cristãos espiritualmente estéreis voltam à cruz, confessando a Deus o seu pecado e sua negligência espiritual e encontrando purificação e aceitação por meio do sacrifício definitivo de Cristo. Isto é o que Deus desejava de Israel: uma busca sincera e arrependida dele e da sua graça, para cujo propósito ele o tinha afligido com a esterilidade do tempo dos juízes e que ele refletiu na condição estéril da piedosa Ana. Quando vemos as lágrimas de Ana, derramadas não pelos seus próprios erros, mas pelos de Israel, devemos lamentar pelos nossos pecados e pela vida estéril que eles causam. O livramento dela do

mesmo modo faz-nos lembrar do amor redentor e do poder transformador de Deus que estão disponíveis a nós.

Lágrimas no tabernáculo

No entanto, a teologia da condição estéril de Ana teria sido pouco para seu coração quando ela voltou ao tabernáculo com sua família. Era uma família disfuncional, primariamente porque Ana não era a única esposa de Elcana: "Tinha ele duas mulheres: uma se chamava Ana, e a outra, Penina; Penina tinha filhos; Ana, porém, não os tinha" (1Sm 1.2).

No Antigo Testamento, a prática da poligamia é vista muitas vezes, embora provavelmente essa não fosse a norma. O livro de Gênesis deixa claro que Deus planejou o casamento entre um homem e uma mulher (Gn 2.24), definição que é confirmada por Jesus Cristo (Mt 19.5). A poligamia de Elcana provavelmente foi provocada pela impossibilidade de Ana gerar filhos, o que ameaçava causar privação econômica e a eliminação do seu nome e da sua linhagem. Por isso, como os patriarcas Abraão e Jacó, Elcana tomou uma segunda esposa para gerar filhos, enquanto seu amor permanecia em Ana.

A divisão emocional nesse casamento corresponde aos nomes das duas esposas: Ana, cujo nome significa "graciosa", e Penina, cujo nome significa "prolífica". A poligamia sempre causa conflito familiar, mas muito mais certamente quando uma esposa recebe amor e a outra recebe filhos. A discórdia na casa de Elcana reflete a dissensão intertribal dentro de Israel e nos lembra da importância da família e da unidade cristã.

A angústia emocional de Ana por causa do seu ventre estéril já seria dor suficiente sem Penina para atormentá-la. Sua provação é familiar a mulheres que, hoje, sofrem por não poder gerar filhos. Ela nunca havia tido a emoção de dar ao seu marido a notícia de uma gravidez; em vez disso, conhecia a frustração mensal da infertilidade. Sempre que ia ao mercado ou socializava com outras famílias, o som da voz de crianças – o próprio som que ela mais desejava – penetrava no seu coração como uma faca. William Blaikie acrescenta que "a provação que Ana tinha de suportar era particularmente pesada [...] para uma mulher hebreia. Não ter filhos não era apenas uma frustração, mas parecia tornar a pessoa desonrada por Deus, indigna de qualquer parte ou quinhão nos meios

que deviam produzir o cumprimento da promessa: ‘em ti serão benditas todas as famílias da terra’”[4] (Gn 12.3). É sempre cruel, e quase sempre injustificado, supor que a aflição de outra pessoa é um sinal do desfavor de Deus, especialmente no caso de uma provação tão dolorosa para o coração de uma mulher. Porém, como os filhos eram considerados um sinal do favor de Deus (Dt 7.14; 28.4) e como a lei mosaica citava a esterilidade como um sinal da maldição de Deus pela quebra da aliança (Dt 28.18), mulheres sem filhos eram frequentemente escarnecidas na sociedade feminina, o que as privava do apoio emocional de que precisavam. Tudo isso era o quinhão amargo de Ana, mês após mês, ano após ano.

E havia Penina. Embora Ana tivesse o coração de Elcana, Penina tinha seus filhos e não perdia a oportunidade de causar tristeza por causa disso. “A sua rival a provocava excessivamente para a irritar, porquanto o SENHOR lhe havia cerrado a madre. E assim o fazia ele de ano em ano” (1Sm 1.6-7).

Um exemplo típico foi o que aconteceu durante essa visita a Siló: “No dia em que Elcana oferecia o seu sacrifício, dava ele porções deste a Penina, sua mulher, e a todos os seus filhos e filhas. A Ana, porém, dava porção dupla, porque ele a amava, ainda mesmo que o SENHOR a tivesse deixado estéril” (1Sm 1.4-5). Podemos imaginar o dilema de Elcana: ele devia destinar todas as porções para Penina e seus muitos filhos, mas somente uma para Ana? Para expressar sua simpatia e amor, dava a Ana porção dobrada. Esse sinal de favor especial aborrecia Penina, incitando-a a uma zombaria selvagem. Talvez isso fosse feito de maneira indireta, como imaginada por Ralph Davis:

“E então, crianças, todos têm seu alimento? Queridos, vocês são tantos que é difícil controlar.”

“Mãe, a tia Ana não tem nenhum filho.”

“O que você disse, querido?”

“Eu disse que a tia Ana não tem nenhum filho.”

“Tia Ana? Ah! sim, é isso mesmo – ela não tem filhos!”

“Ela não quer ter filhos?”

“Sim, ela quer muito ter filhos! Não é mesmo, Ana? [Num aparte em voz baixa] Você também não quer ter filhos?”

“Papai não quer que a tia Ana tenha filhos?”

“Sim, com certeza ele quer, mas a tia Ana o está desapontando; ela simplesmente não consegue ter filhos.”

“Por que não?”

“Porque Deus não quer que ela tenha.”

“Deus não gosta da tia Ana?”

“Bem, eu não sei – o que você acha?”.[5]

Essa conversa imaginária pode ou não refletir a verdadeira estratégia de Penina para afligir o coração de Ana, embora se encaixe na descrição bíblica de que Penina “a provocava excessivamente para a irritar”, a ponto de fazê-la chorar (1Sm 1.6-7). Um coração asqueroso como o de Penina requer nossa reflexão, especialmente porque tem certa semelhança com o nosso próprio coração. Blaikie escreve: “O sofrimento na parte mais sensível da natureza de uma pessoa é, sem dúvida, uma pesada aflição. Mas ter o coração ansioso para infligir esse sofrimento a outra pessoa é algo muito mais terrível”. Blaikie adverte a todos que agem como a coesposa de Ana, que zombam dos que sofrem e agem como senhores daqueles que são humilhados:

Você pode ter sucesso por um momento e pode ter seja qual for a satisfação que possa ser encontrada numa vingança maligna, mas saiba disto: você está criando uma víbora no peito que não se contentará em cumprir o que você deseja. Ela tomará residência no seu coração e destilará seu veneno sobre ele.[6]

O fato de que a segunda esposa de Elcana tenha se comportado dessa maneira numa visita ao tabernáculo lembra-nos que a demonstração exterior de religião,

sem uma correspondência interior, geralmente é uma máscara para os corações mais odiosos.

No entanto, naquele momento Penina deve ter tido a sensação de triunfo. A verdade é que nossa língua pode levar outras pessoas ao desespero. Lemos simplesmente que Ana "chorava e não comia" (1Sm 1.7). No exato lugar em que a esperança devia reinar – a casa de Deus – Ana sentia apenas angústia. Às vezes a igreja é o lugar mais deprimente para aqueles que se sentem isolados por suas provações, embora também seja o lugar em que elas mais precisam estar. Percebendo isso, os cristãos são lembrados a serem atentos às aflições dos outros, sensíveis em sua conduta e em suas palavras e, enquanto se alegram com suas bênçãos, demonstrar simpatia sincera e apoio aos que sofrem. Do mesmo modo, os pastores precisam ser sensíveis a corações quebrados como o de Ana quando empenhados nas suas orações pastorais. Em geral, o culto na igreja não deve supor uma felicidade despreocupada em todos os adoradores, mas sim refletir e alcançar toda a variedade de emoções humanas quando a comunidade da aliança se encontra com Deus.

Um amor maior do que esse

No entanto, mesmo aqui, no início da sua história, há sinais de esperança para Ana. O primeiro sinal de esperança é a própria declaração sobre o envolvimento de Deus que muitos temem quanto às suas aflições: "ainda mesmo que o SENHOR a houvesse deixado estéril" (1Sm 1.5). Em vez de nos ressentir da soberania de Deus em nossas provações, nós, cristãos, devemos animar o coração. Nosso Deus provou sua fidelidade e amor enviando seu próprio Filho para morrer pelos nossos pecados. Nos dias de Ana, ele era conhecido como o Deus que foi fiel para libertar Israel da escravidão no Egito e que era poderoso para assegurar para eles a Terra Prometida. Em vez de supor um propósito profano, malvado ou condenatório nas aflições impostas por Deus, os cristãos precisam lembrar-se de que Deus é santo, de modo que todos os seus atos são santos; Deus é bom, de modo que ele planeja nossas tristezas para o bem; e Deus é cheio de misericórdia pelos quebrantados. Por meio das nossas provações, Deus não procura destruir-nos, mas salvar-nos. Como a própria Ana mais tarde testemunharia: Ele "levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado" (1Sm 2.8). Então, se Deus é aquele que fechou o ventre, devemos tomar ânimo, porque ele pode abri-lo.

No caso de Ana, Deus estava usando a situação dela para orquestrar o livramento de Israel da era terrível dos juízes. Essa era uma causa cara ao coração de Ana, como vemos pelo cântico que ela posteriormente entoou em louvor a Deus (1Sm 2.10). Podemos nunca saber como Deus usou nossas mais amargas provações para levar outros à salvação, para nos dar sensibilidade para ministrar a outros ou mesmo para provocar um importante avanço do evangelho. Mas conhecemos Deus e sabemos, por sua palavra, que “todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28), de modo que podemos confiar no propósito dele para a nossa vida.

Um famoso exemplo da história da igreja é a triste experiência de Mônica, mãe do maior teólogo da igreja antiga, Agostinho de Hipona. Como cristã dedicada, Mônica estava angustiada pelo desprezo que seu brilhante filho sentia pelo evangelho, e ainda mais pela vida sexualmente dissoluta que o via levar. Noite após noite, ela suplicava ao Senhor por Agostinho. Uma noite foi especialmente penosa, pois pela manhã seu filho planejava embarcar num navio para Roma, onde era de se esperar que um rapaz mergulhasse profundamente no pecado. Ela orou a noite inteira e, quando se levantou pela manhã e descobriu que seu filho havia partido, chorou amargamente diante do Senhor. Mal sabia ela que, na Itália, seu filho ficaria sob a influência do notável pregador Ambrósio de Milão e que, durante sua permanência ali, ele se converteria à fé em Jesus. Além disso, a própria impiedade que causava tanta dor a essa mãe deu a Agostinho uma penetrante apreciação da graça de Deus na salvação. Seu ensino de salvação somente pela graça teria profunda influência sobre gerações de cristãos, incluindo influência direta sobre os homens usados por Deus para liderar a Reforma protestante.

Então, se você sofre sob aflições, tenha ânimo por saber que Deus as desejou para você. João Crisóstomo, o grande pregador da igreja primitiva, escreveu sobre tristezas como a de Ana:

Mesmo que estejamos sofrendo aflição e dor, mesmo que o problema pareça insuportável para nós, não fiquemos ansiosos ou tomados de medo, mas esperemos a providência de Deus. Afinal de contas, ele é bem consciente de quando é o momento para que o que está nos causando depressão seja removido [...] Não foi por ódio, de fato, nem por desgosto que [Deus] fechou o ventre [de Ana], mas para abrir para nós as portas para os valores que a mulher possuía e

para vislumbrarmos as riquezas de sua fé e percebermos que ela se tornou mais [fértil] por causa disso.[7]

A segunda causa da esperança de Ana era o terno amor revelado pelo seu marido, Elcana: “Ana, por que choras? E por que não comes? E por que estás de coração triste? Não te sou eu melhor do que dez filhos?” (1Sm 1.8). Antes de nos voltarmos para suas palavras, não devemos negligenciar o fato de que Elcana foi à esposa. Simplesmente estar presente com aqueles que sofrem é muito consolador. Com frequência, nossa simples presença ao lado de enfermos, pessoas com problemas e que estão sofrendo é mais poderosa que palavras. E quando falou, Elcana foi direto ao ponto, dizendo a Ana que a amava muito e que a incapacidade dela de gerar filhos não o deixava aborrecido com ela. Se outras pessoas zombavam dela, ela podia tirar força da solidariedade de seu marido e, embora ela facilmente pudesse temer perder tudo por causa de sua esterilidade, Elcana a lembrou que ela não perderia seu amor.

Como é típico dos homens (que às vezes são ineptos para lidar com o coração das mulheres), as palavras de Elcana não estão acima da crítica e podem até mesmo ser consideradas egocêntricas. Observe que ele lhe pergunta: “Não te sou eu melhor do que dez filhos?”, em vez de dizer: “Você vale para mim mais do que dez filhos”. Assim, pode ser que até os amigos mais bem-intencionados não saibam o que dizer e podem se expressar de maneira imperfeita (ou pior). Mas há alguém cujo consolo sempre está disponível e cuja solução não erra. A causa final para a esperança de Ana estava no Senhor e na realidade de que ela não tinha, de fato, desistido da sua fé nele. O amor de Elcana por Ana era grande, mas havia um amor maior que o dele e um Consolador que podia fazer o que ele não podia, alguém que podia atender a súplica de Ana e conceder o pedido do seu coração.

Às vezes pensamos que um coração quebrado como o de Ana teria pouco interesse por teologia, mas é em momentos como esse que mais precisamos das verdades que aprendemos sobre Deus. Assim como o povo de Israel havia caído na idolatria porque havia se esquecido do Senhor, do mesmo modo Ana precisava lembrar-se do Senhor. Ela precisava de teologia – isto é, do conhecimento do caráter e dos caminhos de Deus. Há boa razão para suspeitar que, embora o coração de Ana estivesse chorando, sua mente estava refletindo sobre a Bíblia. Talvez ela se lembrasse de como Deus muitas vezes havia

concedido filhos especiais por meio de piedosas mulheres estéreis. Ela certamente sabia como Deus tinha dado o herdeiro da aliança, Isaque, à esposa de Abraão, Sara, conquanto ela fosse não apenas estéril, mas já tivesse passado da idade de ter filhos. Ela também sabia como Isaque havia orado pela sua esposa estéril, Rebeca, e ela deu à luz dois meninos gêmeos, entre eles Jacó, pai de Israel. A esposa de Jacó também sofria por não ter filhos. De fato, Raquel enfrentou uma situação semelhante à de Ana, por causa da maldade de sua irmã e coesposa, Lia, que, ainda que fosse pouco amada, era prolífica em gerar filhos. Mas Deus lembrou-se de Raquel e atendeu a sua oração, dando-lhe José, o mais importante dos filhos de Jacó, juntamente com Benjamim, o mais amado.

A predominância de ventres estéreis entre as mulheres mais abençoadas por Deus pode ter chamado a atenção de Ana, e, se foi assim, ele pode ter percebido que um filho gerado por ela poderia ser de especial importância para Deus. Essa ideia é sugerida pela oração que Ana passa a fazer (1Sm 2.1-10). O tema bíblico da bênção de Deus sobre mulheres estéreis enfatiza que Deus salva não pela capacidade humana, pela realização humana ou pelo esforço humano. Deus salva pela graça. Deus faz o ventre estéril gerar filhos, assim como faz o coração sem vida crer. Desse modo, Deus chama seu povo não para confiar na sabedoria humana e no esforço humano, e também não para se desesperar diante do fracasso humano, mas para confiar nele, que dá vida aos mortos e salvação por meio do ventre estéril. A aflição de Ana, assim como a nossa, era, portanto, um chamado para crer na fidelidade de Deus, e sua dor era um chamado para buscar a graça de Deus.

Por mais grata que Ana pudesse ser pelo amor do seu marido, sua verdadeira esperança estava num amor maior do que esse. Sua esperança estava no Senhor, cuja maneira de tratar Israel era de fidelidade, poder e graça. Nossa verdadeira esperança, em todas as nossas provações, especialmente no fardo da nossa culpa pelo pecado, é esse mesmo Deus, o Deus que revelou seu amor para sempre ao enviar seu próprio Filho para nos redimir por meio do seu sangue. De fato, quando chegou o momento de nascer nosso Salvador, ele foi concebido pelo Espírito Santo não num ventre estéril como o de Ana, mas no ventre virgem de Maria, provando que nada é impossível ao nosso Deus. Davis aplica a lição a nós: “Quando seu povo está sem força, sem recursos, sem esperança, sem engenhos humanos, então [Deus] ama estender sua mão do céu. Assim que percebemos onde Deus geralmente começa, entendemos quanto podemos ser encorajados”.[8]

O rei Davi certa vez perguntou a si mesmo: “Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim?”. Sua resposta? É a resposta que veremos revelada pela fé de Ana, uma resposta que todos que conhecem o Senhor podem aceitar em toda provação: “Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu” (Sl 43.5).

1 David Toshio Tsumura, The First Book of Samuel, New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 104.

* Na tradução da Bíblia usada pelo autor; a ARA traz “efraimita” (N. do T.).

2 Robert D. Bergen, 1-2 Samuel, New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 63.

3 Bruce C. Birch, 1 & 2 Samuel, New Interpreter’s Bible, v. 2 (Nashville: Abingdon, 1998), 973.

4 William G. Blaikie, Expository Lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 5.

5 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the Heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 13-14.

6 Blaikie, First Samuel, 7-8.

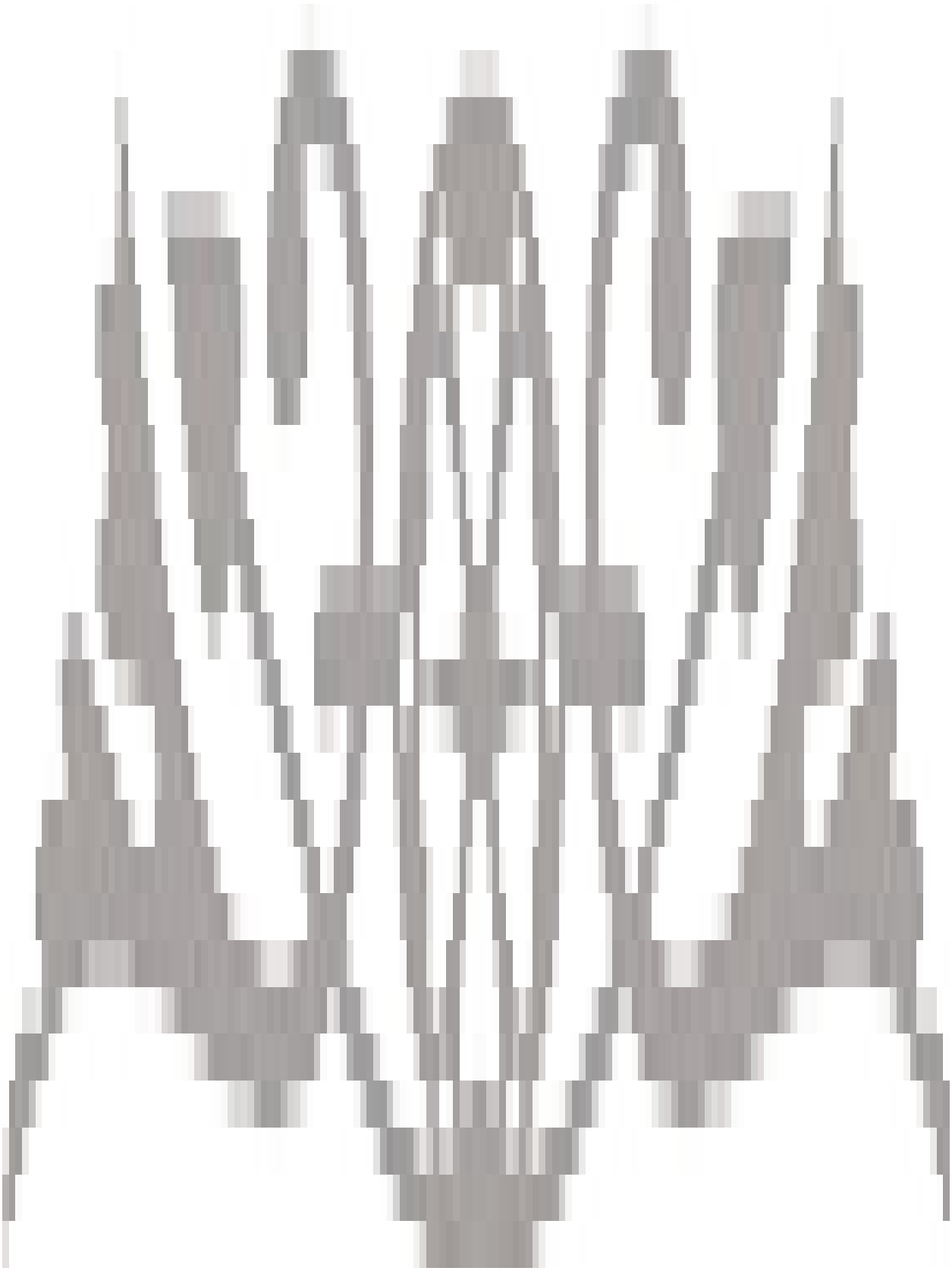
7 John R. Franke, org., Joshua, Judges, Ruth, 1–2 Samuel, Ancient Christian Commentary on Scripture, Old Testament v. 4 (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), 195.

8 Davis, 1 Samuel, 13.

2

O DEUS QUE OUVE

1Samuel 1.9-20



E fez um voto, dizendo: SENHOR dos Exércitos, se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, e lhe deres um filho varão, ao SENHOR o darei por todos os dias da sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha. (1Sm 1.11)

Um dos modos em que a Bíblia ensina sobre Deus é por meio dos vários nomes dados a ele no Antigo Testamento. O nome mais básico para Deus é Elohim, ou El, em sua forma abreviada, que se refere a Deus como o grande Criador. Outro nome usado frequentemente é Yahweh , o nome que Deus deu a Moisés na sarça ardente, que significa “E U S OU O Q UE S OU ” (Êx 3.14). Esses nomes são, então, usados em combinação com outras palavras para revelar coisas específicas sobre Deus. Quando Deus teve piedade de Agar, a moça que era serva de Sara e mãe de Ismael, filho de Abraão, ela o chamou de El-Roi , o “Deus que vê” (Gn 16.13). Depois que Deus forneceu um carneiro para ser oferecido como oferta em lugar de Isaque, Abraão o chamou de Yahweh-Yireh, que significa “o S ENHOR proverá” (Gn 22.14).

Um dos nomes mais majestosos de Deus aparece pela primeira vez na história de Ana e no nascimento de Samuel. Lemos em 1Samuel 1.3 que Elcana sacrificava ao “SENHOR dos Exércitos”. O hebraico é Yahweh Sabaoth, com frequência traduzido como “SENHOR Todo-Poderoso”. Essa expressão é usada em 230 versículos do Antigo Testamento. “SENHOR dos Exércitos” refere-se ao comando que Deus tem sobre os exércitos, mas especialmente das legiões do céu, e descreve seu poder onipotente. Ana adorava com a mesma fé do seu marido, e, em razão de sua situação terrível, o Senhor dos Exércitos era precisamente o Deus de que ela precisava. Quando Ana buscou a Deus em oração, suas primeiras palavras foram: “SENHOR dos Exércitos” (1Sm 1.11).

A oração de Ana

Quando deixamos Ana no capítulo anterior, ela estava chorando amargamente no tabernáculo por causa da sua incapacidade de gerar um filho e por causa da zombaria odiosa de sua rival e coesposa, Penina. Seu marido atencioso, Elcana,

foi consolá-la, usando palavras que transmitiam sua compreensão e afeição (1Sm 1.8). Parece que isso a ajudou o suficiente para voltar a participar da refeição em família, porque os versículos 9 e 10 nos dizem: “Após terem comido e bebido em Siló [...] levantou-se Ana”.

Ana levantou-se e foi em direção ao tabernáculo, onde Eli estava sentado na cadeira do sumo sacerdote. Mas Ana não estava procurando por Eli; ela estava procurando pelo Senhor em oração. Sua oração é um modelo para nós, começando com o simples fato de que ela se voltou para o Senhor em sua necessidade. Isso pode parecer surpreendente, considerando que era o Senhor quem havia fechado o seu ventre, como ela sabia. Muitas pessoas se afastam de Deus quando sentem sua mão de aflição, ou simplesmente entregam-se ao seu destino. Os cristãos às vezes aconselham seus amigos numa situação como essa a simplesmente seguirem em frente e darem graças a Deus pela provação. Devemos ser gratos a Deus por tudo, até mesmo pelas provações, mas isso não significa que devemos nos resignar à nossa situação. O apóstolo Tiago dá um conselho melhor: “Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração” (Tg 5.13). De todas as coisas que Ana podia ter feito – ficar irada ou amarga, desmanchar-se em lágrimas ou insultar o Senhor – ela fez a melhor. Ela simplesmente foi ao Senhor em oração pela sua necessidade.

A segunda coisa que devemos observar é que, tendo se voltado para Deus em oração, Ana orou sabendo quem Deus é. “SENHOR dos Exércitos”, começou ela (1Sm 1.11). Ana honrou a Deus atribuindo a ele todo o poder de que ela precisava, o poder do Senhor dos exércitos do céu. Então, pediu a Deus: “Se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, e lhe deres um filho varão [...]” (1Sm 1.11). Esse não é um pedido qualquer, mas um pedido que reflete o que ela havia aprendido sobre Deus por meio do maior dos seus atos salvadores até aquele tempo: o êxodo. Quer Ana tivesse ou não acesso aos escritos de Moisés, ela conhecia a história suficientemente bem. O Senhor disse a Moisés: “Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento” (Êx 3.7; cf. Êx 4.31; Dt 26.7). A declaração de Deus a Moisés mostra que a libertação no êxodo foi em resposta à oração. Nesse momento, num novo tempo de necessidade de Israel e de si mesma, Ana invoca o Senhor numa oração de fé. “Ana implorou a Deus que fizesse por ela o que ele havia feito por Israel nos dias de Moisés. Ela estava pedindo a Deus para fazer o que ele havia mostrado ser seu comportamento característico em favor do seu povo.”[1]

Terceiro, Ana orou sabendo quem ela era. Ela referiu-se a si mesma como humilde serva de Deus (1Sm 1.11). Ela não exigiu nada do Senhor, nem há qualquer evidência de que tenha reclamado de suas tristezas particularmente intensas. Ela não exigiu seus direitos, mas fez um pedido humilde. Além disso, ela sabia em que tipo de mundo vivia. Gordon Keddie escreve: “Ela sabia que este mundo não é o céu, mas um lugar caído, enfermo pelo pecado, no qual todos os seus habitantes participam, pessoalmente, de suas imperfeições e aflições”.[2] Observe, também, que Ana não pediu a Deus vingança contra Penina. Ana sabia que estava buscando a misericórdia de Deus. E é uma prática ruim pedir a justiça de Deus para os outros enquanto estamos buscando misericórdia para nós. Ana identificou-se como uma serva do Senhor e apresentou seus pedidos a ele em humilde fé.

Isso leva a um quarto item a ser observado na oração de Ana: ela sabia o que queria e não teve medo de pedir ao Senhor. É verdade que nossas orações devem consistir de mais do que uma lista de coisas que desejamos receber de Deus. Precisamos adorar a Deus em oração, dar graças pelas nossas bênçãos e confessar a ele os nossos pecados, buscando purificação. Mas também devemos perceber que Deus nos convida a fazer pedidos a ele, e quando fazemos isso ele é honrado. Portanto, devemos buscar a Deus sabendo o que estamos pedindo e pedir humilde e claramente. Tiago apresenta uma norma que, infelizmente, explica grande parte da nossa pobreza espiritual: “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4.2).

Observe que a oração de Ana não se baseou numa fórmula ritual de palavras ou numa técnica de oração. Ela simplesmente conhecia o Senhor, cria na sua promessa de cuidar do seu povo e orou a ele pelo que queria. Esse é o benefício de se conhecer a Deus, incluindo seus atributos, suas promessas e seus atos salvadores. Ana podia orar confiantemente porque conhecia o Deus a quem orava.

Outra razão pela qual Ana orou com tal confiança foi porque ela sabia que seus motivos para orar eram certos. Tiago nos repreende não somente por não pedirmos em oração, mas também por termos motivos errados para orar: “Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” (Tg 4.3). Com isso em mente, Ana orou tendo em vista a vontade de Deus.

Vemos isso especialmente no voto, que tem um papel importante na oração de Ana: “SENHOR dos Exércitos, se benignamente atentares para a aflição da tua

serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, e lhe deres um filho varão, ao SENHOR o darei por todos os dias da sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha" (1Sm 1.11). Ana refere-se aos ritos de um nazireu, como descritos em Números 6 – alguém que fez voto de separar-se totalmente para o serviço do Senhor. Normalmente, a condição de nazireu era limitada a determinado período, durante o qual a pessoa separada para a obra de Deus se abstinha do álcool, evitava tocar em cadáver e deixava seu cabelo crescer sem cortá-lo, que era o sinal visível de um nazireu (Nm 6.2-8). O nazireu mais famoso foi Sansão, o poderoso guerreiro que matou tantos filisteus e foi o último juiz de Israel antes de Samuel. Sansão nasceu da esposa estéril de Manoá e, de acordo com as instruções do anjo, devia ser separado como nazireu por todos os dias de sua vida (Jz 13.5). Ana provavelmente nasceu e foi criada durante o tempo em que Sansão era juiz, de modo que a condição de nazireu havia formado preeminentemente sua ideia de consagração ao Senhor. Ela também pode ter se identificado com a mulher estéril de Manoá. Então ela faz o voto de que o primeiro filho que Deus lhe desse seria, do mesmo modo, dedicado à causa de Israel nesse tempo desesperador de necessidade.

Seria isso uma tentativa de barganhar com Deus? Estaria Ana dizendo: "Deus, o Senhor me dá isso e eu lhe dou aquilo"? Se sim, então Ana orou de maneira incorreta. São os pagãos que buscam seus deuses procurando pacificá-los com ofertas e subornos. Porém, o voto de Ana não foi desse tipo. William Blaikie escreve:

Sem dúvida, ela desejava o filho e pediu o filho em cumprimento do seu desejo veemente. Porém, além e acima desse desejo surgiu na sua alma a noção do direito e da glória de Deus, e a essas elevadas considerações ela desejou subordinar todo o seu próprio sentimento. Se Deus lhe desse o filho, ele não seria dela, mas de Deus.[3]

Keddie diz: "Toda a atmosfera é de motivos santos, desejos consagrados e submissão humilde".[4]

Devemos considerar o sacrifício envolvido no voto de Ana: ela estava oferecendo privar-se das alegrias de cuidar do filho que ansiava ter. Ela também

estava se privando da posição que um filho lhe traria na sociedade. Assim, sua oração não foi uma barganha na qual ela ofereceu algo a Deus para obter o que queria. Em vez disso, o que queria era um filho para oferecer ao Senhor. Ela queria desempenhar seu papel no plano de salvação de Deus, e foi zelosa em desempenhar um papel muito importante: gerar um filho que seria um nazireu por toda a vida e serviria sinceramente ao Senhor. João Crisóstomo comenta: "Ela ainda não havia recebido o filho e já estava formando um profeta".[5] Nisso, Ana é um exemplo para pais cristãos, pois nosso principal desejo para nossos filhos deve ser que eles sejam totalmente comprometidos com o Senhor e úteis ao seu reino.

Uma sexta e última coisa a ser observada na oração de Ana é que ela fervorosamente abriu seu coração ao Senhor. Como ela explicou a Eli: "venho derramando a minha alma perante o SENHOR" (1Sm 1.15). Se alguma vez pensarmos que os crentes do Antigo Testamento eram privados do privilégio de comunhão pessoal com o Senhor, devemos nos lembrar da oração de Ana. Ela não foi com uma fórmula para manipular Deus ou com uma oferta para subornálo, mas orou com uma mente que conhecia a Deus e um coração que se derramou em dor e desejo piedoso. Matthew Henry escreve: "A oração veio do coração dela, assim como as lágrimas vinham dos olhos".[6]

Por um lado, precisamos perceber que a paixão emocional não torna nossas orações melhores ou mais eficazes, como se tivéssemos de empurrar nosso coração para o Senhor. Jesus ensinou: "Orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos" (Mt 6.7). Por outro lado, as paixões que estão no nosso coração – nossa frustração, nossa dor, até mesmo nossa ira e nossa dúvida – podem e devem ser levadas a Deus em oração. Dale Ralph Davis aconselha: "Muitos cristãos precisam perceber que Yahweh, nosso Deus, nos permite fazer isto – derramar nossas dores, nossos soluços e nossas perplexidades aos seus pés. Nosso Senhor pode lidar com nossas lágrimas; você não o deixará nervoso ou desconfortável se descarregar sua angústia aos seus pés".[7] Com essa angústia no seu coração, Ana orou muito e firmemente pelo auxílio de Deus. Como Davi disse sobre suas orações: "derramo perante ele a minha queixa, à sua presença exponho a minha tribulação" (Sl 142.2).

A bênção do sumo sacerdote

O sumo sacerdote de Israel, assentado na sua cadeira, observou Ana enquanto ela orava. Eli apresenta um nítido contraste com Ana, um contraste que será ainda mais marcante quando revelado nos seus respectivos filhos. Aqui está o tipo de irônica inversão de papéis, tão comum na Escritura. Era de se esperar que Eli, um homem da mais elevada posição espiritual da santa nação de Deus, fosse o protetor da verdadeira espiritualidade e aquele que abriria caminho até a graça de Deus. No entanto, ele é virtualmente aquele que está mais distante dessas coisas. Enquanto isso, a humilde esposa de um levita do interior – uma pessoa que é tratada pelas outras como amaldiçoada por Deus por causa da sua esterilidade, uma mulher social e religiosamente tão fragilizada quanto se podia imaginar naquela época – é aquela cujo coração está mais próximo de Deus. Ana, não o sumo sacerdote, é a figura espiritual que realmente importa nessa hora de angústia. Isso está em harmonia com o grande princípio espiritual: "Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça" (1Pe 5.5).

Eli revelou sua falta de discernimento espiritual na sua repreensão a Ana, que orava. Ele viu seus lábios se movendo, mas não ouviu som sendo produzido, pois "Ana só no coração falava" (1Sm 1.13). "Por isso, Eli a teve por embriagada e lhe disse: Até quando estarás tu embriagada? Aparta de ti esse vinho!" (1Sm 1.13-14). Talvez a reação de Eli tenha sido condicionada por sórdidas experiências do passado no tabernáculo. Mas John Woodhouse certamente está correto ao reclamar: "Se Israel tinha um líder que não conseguia dizer a diferença entre a oração sincera de uma mulher piedosa e um vagabundo embriagado, não é de admirar que Israel tivesse uma crise de liderança!"[8]

Ana defendeu-se: "Não, senhor meu! Eu sou mulher atribulada de espírito; não bebi nem vinho nem bebida forte; porém venho derramando a minha alma perante o SENHOR. Não tenhas, pois, a tua serva por filha de Belial; porque pelo excesso da minha ansiedade e da minha aflição é que tenho falado até agora" (1Sm 1.15-16). Além de explicarem o comportamento intenso e emocional de Ana, suas palavras deixam claro que havia outras mulheres que mereciam a repreensão do sumo sacerdote. Ela afirma que não é uma "filha de Belial", ou "mulher sem valor", uma mulher propensa a destruir. Em vez disso, seu aparente murmúrio era uma oração de grande intensidade nascida de uma alma ofendida. O outro tipo de mulher pode tolamente afogar suas tristezas em bebida forte, mas Ana tinha banhado as suas em lágrimas de oração. Por isso, Eli pronunciou para ela uma palavra de bênção: "Vai-te em paz, e o Deus de Israel te conceda a petição que lhe fizeste" (1Sm 1.17). Ana ficou contente com essa

resposta, respondendo humildemente: “Ache a tua serva mercê diante de ti”. Com isso, “a mulher se foi seu caminho e comeu, e o seu semblante já não era triste” (1Sm 1.18).

Ana “lembrou-se”

É evidente que Ana aceitou as palavras de Eli como uma resposta do Senhor, o que é compreensível, já que Eli era o sumo sacerdote de Israel. Veremos mais sobre Eli e ficará claro que ele não era um gigante espiritual; aliás, o filho de Ana seria enviado pelo Senhor para substituir o sacerdócio corrupto de Eli e de sua família.

Contudo, Eli era o sumo sacerdote, e, assim, alguém que falava em nome de Deus; por isso, Ana estava certa em interpretar suas palavras desse modo. “O Deus de Israel te conceda a petição que lhe fizeste” era mais do que um bom desejo quando dito por um homem em seu ofício divinamente ordenado. Podemos dar um passo adiante e dizer que Ana creu em Eli como estava crendo em Jesus Cristo para representá-la diante de Deus. Eli ocupava um dos três ofícios ungidos do Antigo Testamento – profeta, sacerdote e rei – e, como não havia profetas nem reis naquela época, o sacerdote Eli era o único mediador ungido diante de Deus. A palavra hebraica para “ungido” é Messias, que, traduzida para o grego, é Cristo. Podemos ver que Eli estava temporariamente ocupando o lugar, na economia de Deus, que, no devido tempo, seria ocupado por Jesus. Portanto, não era no caráter pessoal de Eli que Ana confiava, mas na sua representação da mediação que Deus proveria na pessoa do seu próprio Filho.

O que Eli representava, por pior que ele fizesse isso, era a realidade que veio com Cristo. Quando os cristãos oram “em nome de Cristo”, estamos dizendo que comparecemos perante Deus por meio do ministério sacerdotal de Jesus Cristo. E quando Jesus nos diz palavras de consolo e segurança por meio da Escritura, devemos seguir o exemplo de Ana, guardando-as no coração. Jesus diz maravilhosas palavras de paz e esperança quando faz mediação por nós com o Senhor dos Exércitos. “Não andeis ansiosos pela vossa vida”, ele nos diz, porque nosso pai celestial sabe do que precisamos e cuida de nós (Mt 6.25-32). Àqueles que estão cansados e sobrecarregados, ele promete: “Eu vos aliviarei” (Mt 11.28). Jesus nos restaura a Deus, dizendo: “A minha paz vos dou” (Jo 14.27).

Ele promete nos conduzir por este mundo e entregar sua própria vida para nos libertar da penalidade pelos nossos pecados: “Eu sou o bom pastor”, diz ele; “dou a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10.14-15). Jesus promete nunca nos deixar nem nos abandonar, mas nos conduzir em segurança por esta vida para a glória do céu. Se ouvirmos com a fé de Ana, responderemos com as palavras de Hebreus 13.5-6: “Ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmamos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei” (citando Js 1.5; Sl 118.6).

A experiência de Ana nos mostra duas coisas que acontecem quando o povo de Deus ora a ele em fé. A primeira é que a oração nos transforma. Vemos isso na sua dramática mudança de comportamento. Ana começou a orar abalada e deprimida. Porém, quando se levantou da oração, “se foi seu caminho e comeu, e o seu semblante já não era triste” (1Sm 1.18). Ela vivenciou a bênção da renovação da fé, que o escritor de Hebreus diz que é “a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11.1). Embora Deus fosse atender a oração de Ana, o tempo que ela passou com ele foi compensador, como sempre é. Concentrar nosso coração em Deus é lembrar a nós mesmos que o Senhor que reina também é o Deus de graça que nos convida a entrar em sua presença. Ele abençoa aqueles que confiam nele segundo sua santa, sábia e boa vontade soberana. É por essa razão que aqueles que negligenciam a oração ou que oram sem fé privam-se desse grande recurso para a paz e alegria no mundo. O conselho de Pedro é essencial para uma vida espiritual forte: “Humilhai-vos [...] lançando sobre ele [Deus] toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1Pe 5.6-7).

Se a oração pudesse apenas nos transformar ela já seria valiosa. Mas a segunda coisa que aconteceu foi que Deus atendeu a oração de Ana. A oração não apenas nos transforma, mas transforma as coisas. Deus tem prazer em agir em resposta às nossas orações. Algumas pessoas reagem ao conhecimento da soberania de Deus pensando que a oração, então, não importa, já que Deus decidiu tudo por antecipação. Ana não raciocinou assim, mas entendeu que a vontade soberana de Deus é alcançada por meio dos atos de homens e mulheres, especialmente pelas nossas orações. John Woodhouse comenta que ela voltar-se para o Senhor “mudará não apenas sua vida, mas a vida da nação, e, de fato [...] a história do mundo”. Ele acrescenta: “Portanto, a fé em Deus leva-nos, em nossos problemas, a orar ao Deus que é soberano sobre todas as coisas”.[9]

A linguagem do versículo 19 é digna de nota: “Levantaram-se de madrugada, e

adoraram perante o SENHOR, e voltaram, e chegaram à sua casa, a Ramá. Elcana coabitou com Ana, sua mulher, e, lembrando-se dela o SENHOR [...]". Ana não apenas creu que Deus atenderia a sua oração, mas agiu com base nessa crença, executando suas obrigações espirituais em adoração e também suas obrigações conjugais. Isso não sugere que Deus anteriormente havia se esquecido de Ana ou que tivesse estado ocupado demais percorrendo o universo para dar atenção às suas necessidades antes que ela as indicasse. Significa, em vez disso, que Deus atentou à sua oração e ordenou os acontecimentos para que agissem em bênção a Ana. O mesmo verbo é usado em Gênesis 8.1, quando, depois do grande dilúvio, "lembrou-se Deus de Noé", isto é, Deus cumpriu sua promessa pactual e agiu para salvar Noé. Essa linguagem fala da fidelidade de Deus em ouvir as orações e suprir as necessidades do seu povo.

Alguns perguntarão o que significa quando Deus não parece atender as nossas orações, como fez com Ana. Muitas mulheres orarão com lágrimas igualmente sinceras por um filho que está morrendo, por um marido incrédulo ou por um desejo não satisfeito de ter um filho. No entanto, o filho não sobrevive, o marido não crê e o filho não nasce. Assim, elas olham para Ana e agonizam, dizendo que sua oração foi tão fervente e crente quanto a dela, mas que, no entanto, não foi atendida. Isso significa que Deus não se lembrou dessas mulheres ou que foi menos fiel a elas?

Blaikie responde: "Apesar de todas as objeções e dificuldades, afirmamos que Deus é aquele que ouve as orações. Toda oração sincera em nome de Cristo é ouvida e tratada por Deus da maneira que lhe parece boa".[10] É verdade que algumas orações não são atendidas porque são feitas num espírito errado ou com motivos egoístas. Outras não são atendidas porque Deus sabe que fazer isso causaria danos. Muitos dos que são tirados de nós pela morte no início da vida são poupados por Deus de tristezas agonizantes. Mas não há como sabermos disso na ocasião em que a oração parece não ter sido atendida. Em outros casos, o pedido feito na oração é negado ou a resposta é demorada porque Deus sabe que precisamos da disciplina de aprender a esperar confiantemente nele, andando pela fé, não pela vista (2Co 5.7). Por isso, Blaikie nos exorta:

Quaisquer que forem as razões para o aparente silêncio de Deus, podemos descansar seguros de que ouvir a oração é a lei do seu reino. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento testemunham disso. Cada versículo do Livro dos

Salmos proclama isso. Tanto por preceito quanto por exemplo nosso Senhor reforçou isso constantemente. Cada apóstolo retoma o tema e ensina o dever e o privilégio. [...] E qual é o cristão verdadeiro que não pode acrescentar testemunhos da sua própria história quanto a isso? Se a resposta para algumas das nossas orações for demorada, isso não aconteceu a muitos deles? [...] E se há orações que não foram atendidas ou a respeito das quais você não tem conhecimento de uma resposta, você não pode esperar até que Deus dê a explicação? E quando a explicação vem, você não tem motivo para crer que ela redundará em louvor a Deus e que muitas coisas a respeito das quais no momento você não consegue ver nada, mas que eram tenebrosas e terríveis, podem mudar quando plenamente explicadas para fornecer um novo e irresistível testemunho de que 'Deus é amor'?[11]

Pedido a Deus

Sabemos que Ana raciocinou de um modo confiante porque ela não esperou que sua oração fosse atendida para recuperar uma atitude alegre. Seu exemplo nos estimula a também encontrar paz em esperar no Senhor, conhecendo sua misericórdia e sua graça.

A chave para a oração de Ana é que ela conhecia o Senhor. Ela começou sua oração chamando-o de "SENHOR dos Exércitos", o Deus Todo-Poderoso que é capaz de superar toda dificuldade em resposta à oração. Mas sua experiência de lançar seu fardo sobre Deus em oração e depois confiar nele levou-a a conhecer Deus ainda mais. Pois assim como Agar chamou Deus de El-Roi quando percebeu que ele a via, e assim como Abraão chamou o lugar de Yahweh-Yireh quando viu que Deus proveria o carneiro para o sacrifício, Ana também comemorou a graça de Deus por ela com um nome: "passado o devido tempo, teve um filho, a que chamou Samuel, pois dizia: Do SENHOR o pedi" (1Sm 1.20).

Os estudiosos discutem o significado preciso do nome Samuel. Como a forma do nome usa letras que podem ser interpretadas de vários modos, diferentes soluções são apresentadas. Uma solução é que Samuel significa "nome de Deus", a ideia sendo que, como presente de Deus, o filho recebe o nome de Deus. Mais naturalmente, contudo, o nome é interpretado como significando "Deus ouve". Isso é refletido na explicação de Ana. Ele chamou seu filho de

Samuel, “Deus ouve”, porque “do SENHOR o pedi” (1Sm 1.20). Ana pediu um filho, e sabia que Deus a havia ouvido assim que orou porque ela conhecia Deus. Então, quando o filho nasceu, ela quis louvar a fidelidade de Deus ao atender a sua oração.

Aonde quer que Samuel fosse e o que quer que ele fizesse, seu nome dava testemunho de uma grande e importante verdade sobre Deus. Ele seria um exemplo vivo de que quando o povo de Deus pede humildemente, o Senhor ouve e responde com misericórdia e graça. Deus nos chama para sabermos disso, para conhecê-lo e, portanto, para lançar sobre ele os nossos fardos, crendo que ele ouve. Se crermos nisso, podemos ter certeza não apenas de que nossas orações mudarão o nosso próprio coração, mas também que, nas fiéis mãos de Deus, farão uma diferença vital no mundo. A oração de Ana deixou a vinda de Cristo um passo mais próxima na História. Nossas orações, feitas com a mesma fé de Ana, trarão as bênçãos do reino de Cristo, pequenas e grandes, e tudo de modo que tocará o coração de Deus e lhe trará louvor.

1 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a Leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 30.

2 Gordon J. Keddie, Dawn of a Kingdom: The Message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 21.

3 William G. Blaikie, Expository Lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 10.

4 Keddie, Dawn of a Kingdom, 22.

5 John R. Franke, org., Joshua, Judges, Ruth, 1–2 Samuel, Ancient Christian Commentary on Scripture, Old Testament v. 4 (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), 197.

6 Matthew Henry, Commentary on the Whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:218.

7 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the Heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 16.

8 Woodhouse, 1 Samuel, 32.

9 Ibid., 29-30.

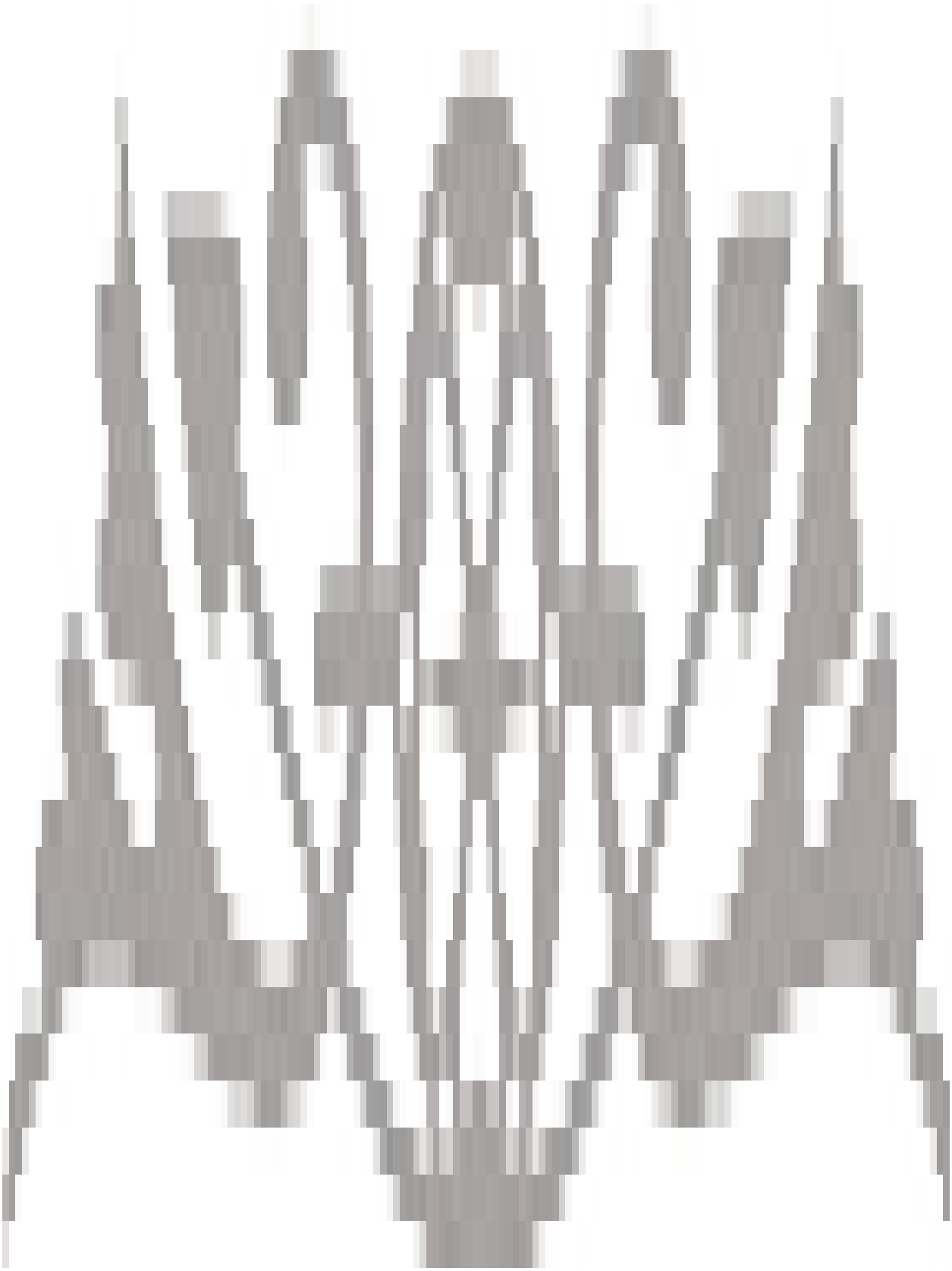
10 Blaikie, First Samuel, 16.

11 Ibid., 17-18.

3

OFERECIDO AO SENHOR

1Samuel 1.21-28



Por este menino orava eu; e o SENHOR me concedeu a petição que eu lhe fizera. Pelo que também o trago como devolvido ao SENHOR, por todos os dias que viver, pois do SENHOR o pedi. (1Sm 1.27-28)

No seu material promocional, a Marinha dos Estados Unidos comunica seu desejo de qualidade acima da quantidade. O que todos os marinheiros querem é "uns poucos bons homens". Na Bíblia há momentos em que parece que uns poucos bons homens e mulheres é tudo o que Deus tem à sua disposição. O fato é que num tempo de trevas, mesmo uns poucos crentes comprometidos pelo poder de Deus podem fazer grande diferença. Assim foi com o nascimento do pequeno Samuel, que cresceria para ser um dos grandes líderes de Israel. Uma história que começou com uma humilde família sacerdotal que compareceu perante o Senhor para adorar leva a acontecimentos muito mais importantes quando Deus atende a oração de Ana e, assim, supre a necessidade de Israel.

O voto de Ana é cumprido

Até aqui tudo bem, podemos dizer sobre Ana. Chegando ao tabernáculo com dor no seu coração por não ter um filho, Ana voltou-se para o Senhor em busca de ajuda. Afligida pelas farpas mesquinhas de sua coesposa rival, Ana não orou por vingança, mas por um filho, a quem ofereceria a Deus. Em vez de encher seu coração de amargura e ressentimento, Ana derramou sua alma diante do Senhor. E quando Eli, falando ex cathedra no seu ofício de sumo sacerdote, pronunciou palavras de bênçãos à sua oração, Ana as recebeu como resposta de Deus e foi para casa com paz e alegria. Como Deus respondeu dando a Ana seu querido filho, podemos dizer que sua abordagem "funcionou". De fato, Ana fornece um modelo de oração eficaz, qualquer que fosse o modo que Deus tivesse decidido responder. O mais importante é que a humilde e piedosa Ana tinha exatamente o tipo de coração crente que Deus sempre procura e tem prazer em abençoar para o bem de muitos outros.

Mas então, no fim desse capítulo inicial, estas perguntas cruciais permanecem: Ana cumprirá sua promessa ao Senhor? Ela cumprirá seu voto de consagrar seu

filhinho ao serviço de Deus pela vida inteira? Ou ela verá as coisas de maneira diferente quando estiver balançando o bebê nos seus braços? Se Ana não cumprisse seu voto – uma promessa feita sob coerção, mas esquecida depois que o problema passou – ela não seria a primeira e certamente não seria a última a fazer isso. Talvez Deus entendesse se ela ajustasse sua promessa para permitir que o pequeno Samuel servisse ao Senhor em sua casa, em Ramá. Talvez ela então achasse melhor dedicar mais tempo à edificação espiritual do filho e permitisse que ele tomasse sua própria decisão.

Quando nos perguntamos sobre a resposta de Ana ao nascimento do seu filho, devemos examinar qual é a atitude de Deus em relação a votos solenes feitos a ele. A Bíblia responde: “Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes. [...] por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra, a ponto de destruir as obras das tuas mãos?” (Ec 5.4,6). Isso mostra que Deus leva nossos votos muito a sério. Os votos feitos a Deus – incluindo os votos de casamento, de ordenação, de membresia na igreja e juramentos de ofício – devem ser feitos com seriedade e discernimento maduro. E continua: “Melhor é que não votes do que votes e não cumpras” (Ec 5.5). Por essa razão, os votos “não devem ser feitos por aqueles que são imaturos e não têm os meios para cumprir os intentos do seu coração”.[1] As ações de Ana sugerem que ela era madura e que fez seu voto a Deus com intenção séria e honesta. Por causa disso, o que tinha começado bem em oração ela agora conclui bem em ação, quando oferece seu filho ao Senhor.

Várias características evidentes na resposta de Ana explicam por que ela estava disposta a cumprir um voto tão exigente. Primeiro, fica claro que o comportamento piedoso de Ana é estimulado pela gratidão ao Senhor. Vemos isso na sua explicação ao apresentar Samuel a Eli: “Por este menino orava eu; e o SENHOR me concedeu a petição que eu lhe fizera. Pelo que também o trago como devolvido ao SENHOR, por todos os dias que viver, pois do SENHOR o pedi” (1Sm 1.27-28). Observe a sequência: “Eu o estou dando a Deus porque ele o deu a mim”. Desse mesmo modo, o verdadeiro culto cristão e as verdadeiras ofertas cristãs são oferecidos a Deus em gratidão pela sua graciosa provisão para nós.

O exemplo de Ana mostra que a graça de Deus requer legitimamente que respondamos devolvendo ao Senhor. Tudo o que Deus nos dá pertence a ele e é planejado para o nosso bem e para a glória de Deus. Receber dádivas de Deus simplesmente para o nosso prazer é usá-las mal e desprezar aquele que as dá,

apreciando pouco a generosidade de Deus e pouco percebendo nossa dependência de sua graça. J. C. Ryle coloca este princípio no contexto do evangelho:

O amor agradecido é a verdadeira fonte de real obediência a Cristo. Os homens nunca tomarão sua cruz, confessarão Jesus diante do mundo e viverão para ele até que sintam que estão em débito com ele por perdão, paz e esperança. [...] Os piedosos são o que são porque amam aquele que os amou primeiro e os lavou do pecado com seu próprio sangue.[2]

É por essa razão que o evangelho de Jesus Cristo é a maior força para transformação de pessoas gananciosas, orgulhosas e egocêntricas, de modo que, em vez disso, passem a buscar santidade e amor. Ryle afirma: “O segredo para nos santificarmos é saber e sentir que Cristo perdoou os nossos pecados”.[3] Com gratidão pela graça de Deus, “permitir que Samuel fosse levado ao templo foi visto por ela [Ana] não como um sacrifício necessário, mas terrível, mas como uma profunda alegria”,[4] apesar da perda que sofreu.

Ana não foi apenas grata, mas também fiel em cumprir seu voto. É digno de nota que ela se recusou a ir novamente ao tabernáculo até que estivesse preparada para entregar seu filho: “Subiu Elcana, seu marido, com toda a sua casa, a oferecer ao SENHOR o sacrifício anual e a cumprir o seu voto. Ana, porém, não subiu e disse a seu marido: Quando for o menino desmamado, levá-lo-ei para ser apresentado perante o SENHOR e para lá ficar para sempre” (1Sm 1.21-22). Em primeiro lugar na mente de Ana estava sua promessa ao Senhor e sua obrigação de cumpri-la. William Blaikie explica:

Se ela tivesse ido antes de seu filho ser desmamado, ela o levaria consigo e o traria consigo, e isso teria quebrado a solenidade do procedimento quando, finalmente, ela deveria levá-lo de uma vez por todas. [...] A primeira vez em que ela devia se apresentar naquele santo lugar onde Deus havia ouvido sua oração e ela havia feito o voto seria quando ela cumpriria seu voto.[5]

Como pessoas que confiam nas promessas de Deus, os cristãos devem ser cuidadosos em cumprir suas próprias promessas. Independentemente das dificuldades, nosso principal desejo deve ser nos mantermos fiéis nos nossos deveres e obrigações diante do Senhor.

Terceiro, Ana mostrou grande generosidade no modo como ofereceu seu filho. Em vez de fazer o mínimo para justificar o cumprimento do seu voto, ela ofereceu o máximo que podia: “Havendo-o desmamado, levou-o consigo, com um novilho de três anos, um efa de farinha e um odre de vinho, e o apresentou à Casa do SENHOR, a Siló” (1Sm 1.24).

Um problema de tradução com esse versículo lança luz sobre a generosidade de Ana. A maioria das traduções para a língua inglesa (ESV, NIV, NASB)* diz que Ana levou “um novilho de três anos”, mas o texto hebraico original afirma que Ana levou três novilhos (KJV). Os estudiosos consideram problemática a leitura original, corrigindo-a para “um novilho de três anos” em parte porque o versículo 25 diz que “imolaram o novilho” (singular). Mas a principal objeção ao texto original é o extremo sacrifício econômico envolvido nessa oferta. Para um povo agrícola primitivo, três novilhos representavam uma prosperidade assombrosa. Incapazes de imaginar essa generosidade em ofertar a Deus, os estudiosos sentiram a necessidade de mudar o texto, seguindo o exemplo de influentes traduções antigas.[6] Mas a oferta adicional de Ana, de um efa de farinha (um efa equivale a cerca de três quintos de um alqueire, ou 22 litros) parece se enquadrar na oferta de três novilhos, pois a lei prescrevia que três décimos de um efa de farinha seriam oferecidos com cada novilho, de modo que a oferta de Ana, de um efa inteiro, era um pouco mais que o necessário para os três novilhos (Nm 15.8-10). Além disso, Ana levou um “odre de vinho”, que é mais bem entendido como um grande vaso de vinho contendo 20 litros.[7]

É evidente que a maior generosidade de Ana estava em oferecer seu filho ao Senhor. Assim, depois que os novilhos, a farinha e o vinho são mencionados, lemos: “Era o menino ainda muito criança” (1Sm 1.24). Aqui estava a oferta verdadeiramente generosa de Ana: “Pelo que também o trago como devolvido ao SENHOR, por todos os dias que viver; pois do SENHOR o pedi” (1Sm 1.28).

A mesma palavra hebraica (s~a~l) significa “pedir” ou “conceder”, dependendo do modo do verbo.[8] Ana faz uso desse jogo de palavras para reconhecer que a resposta adequada à sua oração atendida é a dedicação do seu filho ao serviço do Senhor. A fé que recebe dádivas de Deus também concede ofertas a Deus,

usando-as para servir à causa de Deus e promover seu reino. Samuel sempre seria filho de Ana, mas, como ela havia recebido o menino em mordomia a Deus, estava feliz em fazê-lo filho de Deus e servo de Deus para sempre. Aqueles que usam as dádivas de Deus dessa maneira no final nunca são perdedores, mas sempre ganhadores. Kenneth Chafin observa que Ana havia obtido "a bênção de Deus e o respeito do seu marido e de Eli. Mais tarde, ela teria três filhos e duas filhas, mas eles não eram necessários para sua alegria. Ao ofertar seu filho, Deus havia dado a ela uma razão maior para viver e ser muito feliz".[9]

Quando Ana diz que ele é "devolvido ao SENHOR" (1Sm 1.28), a palavra para "devolvido" é o nome Saul. Saul, o rei de Israel, ainda apareceria na narrativa de 1Samuel, mas os leitores originais desse relato não teriam deixado de observar essa conexão. Uma das principais transições em 1Samuel, bem como na história de Israel, aconteceria quando os anciãos exigissem que o velho Samuel fosse substituído por um rei, que tornaria Israel "como todas as nações" (1Sm 8.20). Esse rei se chamaria Saul. Em antecipação a esse momento agourento, Ana ressalta que Deus já havia dado um s~a~l a Israel na forma do filho a quem ela devolvia ao Senhor em fé. Desse modo, Ana prova que nunca houve a necessidade de Israel se rebelar contra o Senhor, pedindo um líder mundano como o rei Saul, pois Deus havia provado sua disposição de conceder um verdadeiro Saul, que havia sido pedido em fé e devolvido ao Senhor em fervorosa devoção. Como Ana, os crentes de hoje podem confiar no Senhor, oferecendo ao seu serviço tudo o que ele lhes deu, sem necessidade de reter ou desejar mais dádivas mundanas para nossa própria alegria e segurança.

Reflexões sobre o lar

Um entendimento correto do relato de Ana reconhece a singularidade da sua situação. Se parece extremo para uma mãe levar seu filho à igreja e deixá-lo para ser criado pelo ministro, a razão é que Ana estava atrelada a uma obra singular de Deus em favor de seu povo. Contudo, o relato do sofrimento de Ana fornece uma boa compreensão do seu casamento e seu lar, da qual devemos procurar tirar proveito. Ana era uma extraordinária mulher de fé, e o lar piedoso no qual o jovem Samuel nasceu proporciona um modelo para lares cristãos hoje.

A primeira coisa que se percebe sobre os membros da família de Elcana é seu

compromisso com a adoração. Sua família ia à igreja, comparecia à casa de Deus para os momentos regulares de adoração, independentemente da dificuldade ou do custo. A lei de Moisés determinava que os israelitas deveriam fazer peregrinações para adorar o Senhor:

[...] buscareis o lugar que o SENHOR, vosso Deus, escolher de todas as vossas tribos, para ali pôr o seu nome e a sua habitação; e para lá ireis. A esse lugar fareis chegar os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta das vossas mãos, e as ofertas votivas, e as ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas (Dt 12.5-7).

Ter deixado de cumprir essa ordem contribuiu amplamente para difundir a idolatria naquela geração e ao longo dos séculos que se seguiram. No entanto, apesar da dificuldade de viajar nos dias antigos e do grande custo envolvido em fazer sacrifícios ao Senhor, Elcana fielmente levava sua família a Siló todos os anos: “Subiu Elcana, seu marido, com toda a sua casa, a oferecer ao SENHOR o sacrifício anual e cumprir o seu voto” (1Sm 1.21). O exemplo de Elcana lembra-nos que, acima de todos os motivos para irmos ao culto está o fato de que Deus merece o nosso louvor. Além disso, a realização de sacrifícios caros ressalta a grandeza do Senhor e suas incomparáveis bênçãos ao seu povo.

Segundo, podemos perceber a unidade espiritual que unia os corações de Elcana e Ana como marido e esposa. Isso foi revelado quando Elcana se preparou para ir a Siló, mas Ana não quis ir com ele: “Ana, porém, não subiu e disse a seu marido: Quando for o menino desmamado, levá-lo-ei para ser apresentado perante o SENHOR e para lá ficar para sempre” (1Sm 1.22). Elcana entendeu os motivos de Ana e apoiou seu entendimento do que era necessário para cumprir seu voto. Sob a lei, um voto feito por uma esposa precisava ser confirmado pelo seu marido (Nm 30.10-15). Elcana estava feliz com isso: “Faze o que melhor te agrade; fica até que o desmames; tão somente confirme o SENHOR a sua palavra” (1Sm 1.23). Não está claro o que ele quis dizer ao pedir ao Senhor para “confirmar sua palavra”. Muito provavelmente, Elcana se uniu a Ana na interpretação da bênção do sumo sacerdote como confirmação divina da oração de Ana (1Sm 1.17) e, de modo geral, concordou com ela em ver o propósito soberano de Deus nas circunstâncias de Ana.

Do mesmo modo, todo lar é abençoado quando marido e esposa vivem em companheirismo espiritual. Os casais devem buscar um compartilhamento de propósitos na adoração e no serviço cristão deles. Quando um deles é levado a assumir um ministério ou a fazer uma oferta especial, os dois devem colaborar em seu serviço familiar a Deus. Isso só é possível quando marido e esposa estão unidos na palavra de Deus e na oração, sendo igualmente responsáveis em sua caminhada espiritual e dando apoio mútuo para a santificação e o serviço um do outro.

O marido, tendo recebido a liderança espiritual da família, deve ser especialmente perspicaz em perceber os dons e o chamado ministerial de sua esposa. O mandato bíblico para liderança masculina na igreja e no lar não deve limitar a plena participação das mulheres na obra de ambos (1Co 11.3; Ef 5.22-24; 1Tm 2.11). A Bíblia está cheia de mulheres cheias do Espírito e talentosas que fizeram contribuições vitais para a obra de Deus, sendo a própria Ana um exemplo importante. Elcana parece ter entendido o papel extraordinário que Ana estava desempenhando e, em vez de ficar na defensiva ou se ressentir, adaptou-se para apoiá-la totalmente. Não devemos nos esquecer de que Samuel era tanto filho de Elcana quanto de Ana; ele valorizava tanto as contribuições espirituais de sua esposa que não se opôs a que ela entregasse seu filho ao Senhor. Os homens cristãos, hoje, devem ser igualmente perspicazes em estimular importantes serviços cristãos por parte das mulheres, de acordo com o padrão de gênero dado na palavra de Deus, e a enxergar nossas filhas e esposa como companheiras vitais na obra do Senhor.

Finalmente, Ana e Elcana fornecem um modelo valioso para a atitude que os pais cristãos devem ter em relação aos seus filhos. Um número grande de mais de pais crentes é orientado por motivações mundanas a respeito de seus filhos e filhas. Uma das razões pelas quais jovens criados na igreja abandonam sua fé é que seus pais cristãos os direcionaram para caminhos mundanos. Eles cresceram sendo ensinados a sonhar em fazer grande sucesso no mundo: alcançar grande prosperidade, ficar famosos ou ser adorados pela beleza ou pelo talento. Entretanto, a triste realidade é que, quando jovens se sentem chamados por Deus para o ministério ou para o trabalho missionário, seus pais crentes apresentam o maior obstáculo, orientando-os a chamados de maior comodidade, prestígio ou proximidade, em vez de se alegrarem em consagrar um filho para servir ao Senhor.

O dever de pais cristãos é preparar seus filhos para servirem ao Senhor, seja no

ministério formal ou como membros produtivos da igreja. Ana pôde “devolver” seu filho ao Senhor porque estava consciente de que Samuel pertencia ao Senhor antes de pertencer a ela. Os pais são mordomos de Deus na criação dos filhos, e pais piedosos fazem de sua principal ambição que seus filhos sirvam ao Senhor na maior medida possível e com a máxima fidelidade. Pais crentes que verdadeiramente amam seus filhos os educam com as promessas do Senhor firmemente em vista: “Ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos [...]; e, no porvir, a vida eterna” (Mc 10.29-30).

Como fazer uma oferta a Deus

Ana fornece um exemplo notável com sua atitude de gratidão, fidelidade e generosidade, no seu companheirismo espiritual com seu marido e no seu zelo em oferecer seu filho ao serviço de Deus. Reconhecendo os elementos únicos do seu chamado e serviço, também percebemos que todo crente é chamado para ofertar ao Senhor e servir à causa do seu evangelho. Então, como devemos oferecer nossos dons e serviços a Deus? Ana ilustra três princípios: ela reconheceu que o que ela oferecia havia vindo do Senhor e certamente pertencia a ele; sua oferta envolveu considerável preparação e esforço; e ela apresentou a si mesma e a sua oferta não à luz dos seus próprios méritos, mas com base na misericórdia e na graça de Deus.

Primeiro, o que Ana ofereceu a Deus havia vindo dele em primeiro lugar. Quando Ana levou seu filho a Eli, o sumo sacerdote, ela lhe disse: “Ah! Meu senhor, tão certo como vives, eu sou aquela mulher que aqui esteve contigo, orando ao SENHOR. Por este menino orava eu; e o SENHOR me concedeu a petição que eu lhe fizera” (1Sm 1.26-27). A única razão pela qual Ana tinha algo valioso para oferecer é que, primeiro, Deus lhe havia dado o tesouro. Paulo pergunta, corretamente: “Quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído?” (Rm 11.35). Tudo o que podemos dar a Deus é algo que ele fez e nos permitiu possuir, incluindo nossos talentos, nossos bens e até nossa vida. Essa era a lógica da oferta das primícias no culto de Israel, bem como a lógica por trás dos dízimos oferecidos hoje: a primeira porção é levada ao Senhor para mostrar que tudo o que somos e temos vem dele e pertence a ele.

Entender que tudo pertence a Deus em primeiro lugar restringirá muito nosso orgulho, que é sempre uma tentação para aqueles que fazem ofertas ao Senhor. Você dedica seu intelecto a estudar a palavra do Senhor? Isso é correto, pois sua inteligência lhe foi dada por Deus. Você oferece seu dízimo a Deus? Foi Deus quem lhe deu a capacidade e a oportunidade para ganhar seu dinheiro, de modo que é correto que você reconheça o direito dele a ele. Não estamos realizando um serviço extraordinário e digno de louvor quando obedecemos a palavra de Deus e vivemos como Deus quer que vivamos, oferecendo nossos talentos, nosso tempo e nosso dinheiro ao Senhor. Como Paulo lembrou aos orgulhosos coríntios: “Que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se não o tiveras recebido?” (1Co 4.7). Nenhum de nós pode alegar estar entregando a Deus um verdadeiro ganho do seu investimento em nós; a verdade é que tudo o que Deus pode receber por meio do nosso trabalho é meramente fruto de sua própria capacitação e labor, associado a muitos erros e pecados para ele perdoar.

Segundo, uma oferta verdadeiramente significativa para Deus geralmente requer muita preparação e esforço. Quando Ana levou Samuel para viver em Siló, ela havia investido grande esforço no menino. Ela só o levou depois que ele podia ficar lá sem ser um fardo para o sumo sacerdote: “[Ana] disse a seu marido: Quando for o menino desmamado, levá-lo-ei para ser apresentado perante o SENHOR e para lá ficar para sempre” (1Sm 1.22). De acordo com fontes extrabíblicas, as crianças judias eram amamentadas até os 3 anos de idade, talvez mais.[10] É difícil imaginar como Ana podia ter deixado Samuel em segurança antes dessa idade, o que significa que ela o preparou carinhosamente durante os primeiros e vitais anos de sua vida para cumprir o chamado que ela havia votado para sua vida.

Essa necessidade de preparação se estende para todos os tipos de oferta que fazemos a Deus. Se um homem acredita ter sido chamado para o ministério, os anos dedicados ao seminário não são um obstáculo sem sentido, mas um tempo vital de estudo para manusear corretamente a palavra de Deus (veja 2Tm 2.15). Aqueles que se dedicam a um trabalho missionário de longo termo precisam adquirir as habilidades necessárias, aprender línguas e levantar apoio financeiro. A preparação é uma parte essencial para o trabalho que realizam. Do mesmo modo, cristãos que desejam ser fiéis nos dízimos geralmente precisam se preparar, eliminando dívidas e simplificando seu estilo de vida. Isso apenas torna a oferta a Deus mais valiosa e mais preciosa para ele. De fato, boa parte da oferta significativa para Deus consiste na preparação para ofertar: fazer treinamento de

evangelismo para ser capaz de comunicar o evangelho eficazmente; treinamento bíblico para ser eficaz como pai cristão; até mesmo a organização e a previsão que são essenciais para um ministério de oração frutífero. Cristãos maduros e sérios, como Ana, percebem que poucas coisas de real valor podem ser oferecidas a Deus sem grande preparação e esforço.

Terceiro, é absolutamente essencial que os cristãos percebam que toda oferta que fazemos a Deus só pode ser realizada com base na sua misericórdia e na sua graça. Este foi o propósito de pelo menos um dos novilhos que Ana levou: oferecer um sacrifício cruento pelos seus pecados e pelos de Samuel. Primeiro, eles "imolaram o novilho e trouxeram o menino a Eli" (1Sm 1.25). Eles se lembraram de que até mesmo aproximar-se do Senhor requer a purificação dos seus pecados, muito mais aquilo que era oferecido ao seu serviço. Por mais que possamos aprovar a oferta que Ana fez de Samuel ao Senhor, ela sabia que até mesmo seus melhores motivos precisavam de purificação por meio do sangue expiatório, bem como do filho que ela oferecia ao Senhor.

A todos os que levam ofertas ao Senhor Blaikie aconselha:

Lembre-se de quanto você é indigno de estar diante dele. Lembre-se de quanto suas vestes estão manchadas de pecado e de mundanismo, de quanto o seu coração está distraído com outros pensamentos e sentimentos, de quanto é insatisfatório o culto que você é capaz de prestar.

Como, então, podemos ofertar ao Senhor? A resposta é encontrada no sangue purificador de Cristo. Blaikie diz: "Quando você ofertar-se a ele, ou pedir permissão para tomar seu lugar entre os servos dele, procure ser aspergido com o sangue de purificação, reconheça sua indignidade pessoal e ore para ser aceito por meio do mérito do sacrifício dele".[11]

A boa notícia é que não somente devemos ir a Deus por meio do sangue expiatório de Cristo, mas, por piores que sejamos ou que tenhamos sido, somos sempre aceitos por Deus por meio do sangue aspergido. Embora seja necessário que nos aproximemos de Deus pelo sangue de Cristo, também é certo que seremos recebidos pela graça de Deus. O apóstolo João afirma que "o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1Jo 1.7). Então, quando vamos a

Deus apresentando nossos dons para o seu serviço, fazemos isso somente pelo mérito e pelo sangue do Salvador, Jesus Cristo, e vamos certos da aceitação, do favor e da capacitação espiritual de Deus. Como diz Paulo, Cristo "qualificou" até mesmo pecadores como nós a entrar na família amada de Deus, participar da obra de seu reino glorioso e a receber nossa parte da "herança dos santos na luz" (Cl 1.12).

Adoração viva

As últimas palavras do capítulo fornecem uma conclusão adequada: "E eles adoraram ali o SENHOR" (1Sm 1.28). Este era o grande propósito de tudo o que Ana havia desejado e realizado: que seu filho adorasse e servisse ao Senhor na casa dele. O propósito da nossa vida não é diferente. Paulo escreve: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rm 12.1). O "pois" de Paulo se refere a todo o ensino do evangelho que precede sua exortação. Assim como Ana respondeu ao presente de Deus de um filho levando o pequeno Samuel para servir no tabernáculo por todos os seus dias, do mesmo modo devemos responder à graça de Deus em Jesus Cristo oferecendo-nos como sacrifícios vivos ao seu louvor.

Percebendo nosso chamado para servir ao Senhor, vemos que, conquanto o pequeno Samuel fosse cumprir um papel único e vital na história de Israel, há tanto valor em quem serve a Deus fielmente em casa quanto naquele que é chamado para servir na igreja. O ministério cristão não é o único campo de ação cristão, limitado a um pequeno número de destacados religiosos profissionais; é o chamado e o privilégio de todo cristão, independentemente do seu contexto vocacional. Muitos cristãos serão chamados a oferecer a Deus seus labores de tempo integral no ministério. Mas muitos outros servirão a Deus em vocações seculares, oferecendo seu tempo, esforço, dinheiro, orações e dons espirituais ao serviço do Senhor. Na realidade, o que Deus quer de nós é toda a nossa vida, que ele nos deu em primeiro lugar e que ele comprou com o precioso sangue de seu Filho, Jesus (1Co 6.19-20). Jesus disse: "Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á" (Mt 16.25).

Assim, quaisquer que tenham sido os planos que nossos pais tiveram para nossa vida, devemos nos apresentar a Deus do modo como Ana apresentou o pequeno

Samuel. Ana reconheceu que Deus lhe havia dado Samuel, então era certo que ela o devolvesse. Do mesmo modo, cada um de nós deve dizer a Deus: “Senhor, tu me fizeste e me redimiste do meu pecado pela morte do teu Filho. Agora pertenço a ti, por isso ofereço toda a minha vida ao teu louvor e ao serviço do teu glorioso reino”. Como Ana ofereceu Samuel, ofereça-se a Deus de maneira agradecida, fiel e generosa. E, quando fizer sua oferta ao Senhor, entregue-a completamente e sem reservas, como John Wesley orou quando se ofereceu ao serviço de Cristo e do evangelho:

Não pertenço mais a mim, mas a ti. Põe-me onde quiseres. Põe-me para fazer, põe-me para sofrer. Que eu seja usado por ti ou colocado de lado por ti. Enche-me, esvazia-me. Deixa-me ter todas as coisas, deixa-me não ter nada. De maneira voluntária e sincera entrego todas as coisas ao teu prazer e ao teu dispor.[12]

1 Cyril J. Barber, The Books of Samuel, 2 v. (Neptune, NJ: Loizeaux, 1994), 1:49.

2 J. C. Ryle, Luke, 2 v. (1858; reimpr., Edimburgo: Banner of Truth, 1986), 2:287.

3 Ibid., 1:238.

4 Mary J. Evans, The message of Samuel (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004), 29.

5 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 20.

* Assim como a versão ARA (N. do T.).

6 Em conflito com o Texto Massorético “três novilhos”, a Septuaginta, os Rolos do mar Morto e a Peshita traduzem “um novilho de três anos”.

7 Veja David Toshio Tsumura, The First Book of Samuel, New International commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 129-31, para uma discussão detalhada.

8 Qal = “pedir”; Hiphil = “conceder”.

9 Kenneth L. Chafin, 1 & 2 Samuel, Preacher’s commentary, v. 8 (Nashville: Thomas Nelson, 1989), 28.

10 Veja 2Macabeus 7.27. Como Robert Bergen ressalta, “nenhuma casa israelita tinha água corrente, e a maioria das vilas não tinha acesso a um suprimento seguro e confiável de água potável”, o que provavelmente estendia a amamentação para além do que é normal hoje. Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 72.

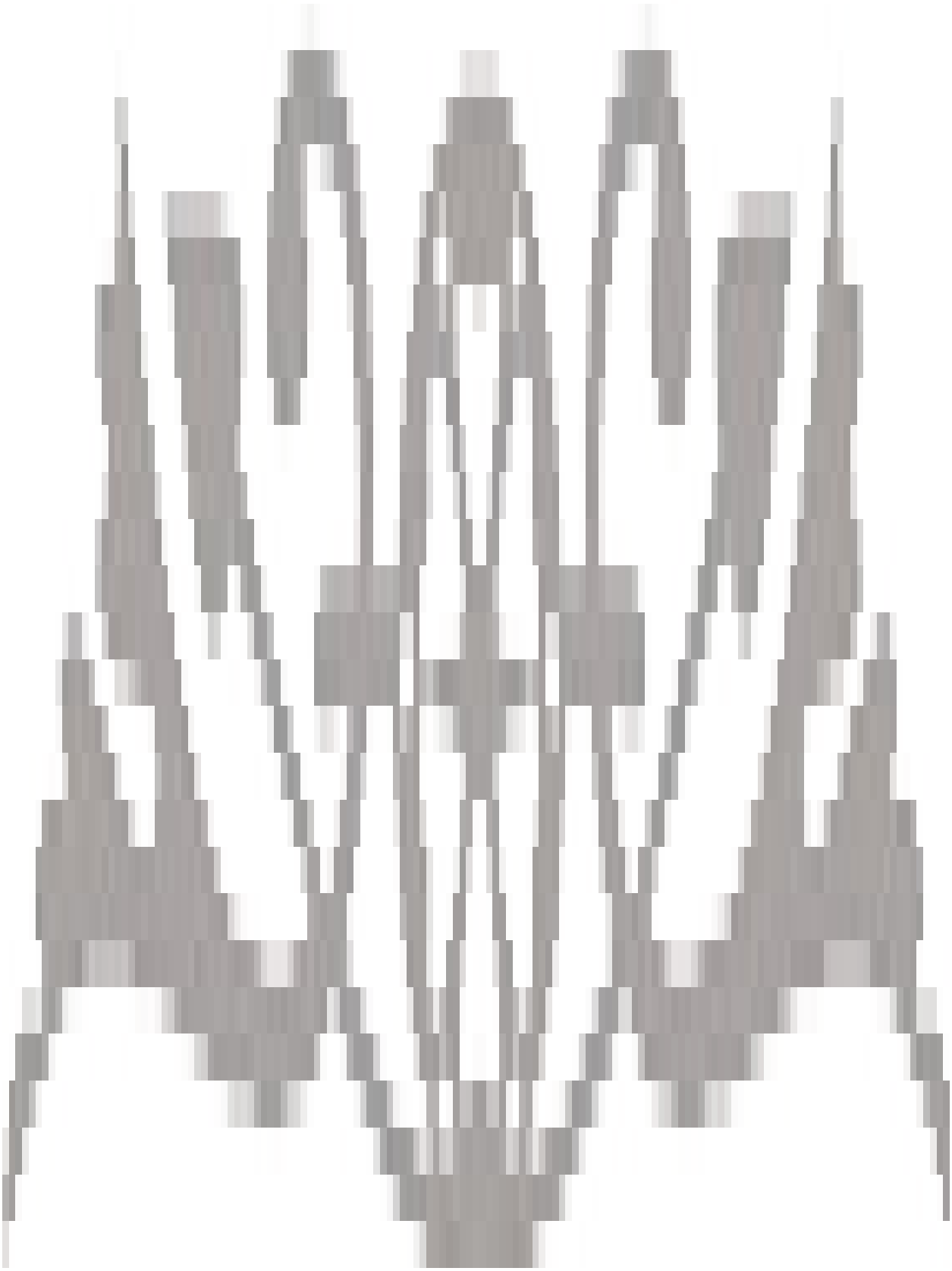
11 Blaikie, First Samuel, 22.

12 John e Charles Wesley, Selected writings and hymns, org. Frank Whaling (Nova York: Paulist Press, 1981), 140.

4

O CÂNTICO DE ANA

1Samuel 2.1-10



Então, orou Ana e disse: O meu coração se regozija no SENHOR, a minha força está exaltada no SENHOR; a minha boca se ri dos meus inimigos, porquanto me alegro na tua salvação. (1Sm 2.1)

Em 31 de outubro de 2008, uma multidão estimada em 3 milhões de pessoas fez um desfile no centro de Filadélfia. A cidade, conhecida pela sua atitude rude e às vezes grosseira, conseguiu, uma vez, viver de acordo com seu nome: Cidade do Amor Fraterno. O que fez tantas pessoas se reunirem nessa celebração entusiástica? A resposta é que, depois de uma longa geração de vãs tentativas atléticas, a cidade finalmente tinha um campeão, quando os Phillies venceram o campeonato mundial de beisebol. Pelo que pareceu, nessa ocasião cada morador da cidade foi divertir-se e alegrar-se.

Como os torcedores, os cristãos têm momentos de triunfo, quando temos apenas de nos alegrar e cantar. Essa atitude é plenamente endossada pela Bíblia: "Salmodiai ao SENHOR, vós que sois seus santos, e dai graças ao seu santo nome" (Sl 30.4); "Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o SENHOR" (Zc 2.10). Uma das filhas cantoras de Israel foi Ana, a outrora estéril esposa de Elcana. A dádiva de um filho a ela por Deus fez Ana irromper em cânticos. Estritamente falando, a Bíblia diz que Ana orou, não que ela cantou, mas a poesia da oração de Ana é tão bonita e tem ligações tão fortes com outros cânticos de vitória da Bíblia que é chamada de cântico de Ana. "O meu coração se regozija no SENHOR, a minha força está exaltada no SENHOR" (1Sm 2.1). Bill Arnold comenta: "Ana tinha de cantar! Deus havia transformado sua esterilidade em alegria [...] e seu cântico revela que ela entendeu muito bem o significado do amor soberano e doador de Deus".[1]

A importância do cântico de Ana se estende para muito além do seu valor pessoal e sentimental. A Ana foi dado "o privilégio de fazer a principal introdução teológica a todo o relato da história da monarquia israelita".[2] Ana prestou um louvor inteligente, teológica e biblicamente fundamentado a Deus nesse importante momento da sua vida. Mas assim como aconteceria 1.000 anos mais tarde, quando a virgem Maria louvaria a Deus pelo nascimento do seu Filho – uma oração surpreendentemente semelhante à de Ana – o Espírito Santo fez uso da língua de Ana, de modo que, no maravilhoso processo de inspiração da

sagrada Escritura, o cântico de Ana fornece um resumo antecipado do que Deus estava para fazer no período histórico em que ela vivia.

Ficamos especialmente conscientes da importância do cântico de Ana quando vemos quão perfeitamente ele corresponde ao cântico de louvor de Davi, em 2Samuel 23.1-7. Esses dois cânticos de louvor funcionam como um par de suportes para livros que envolve todo o corpus de Samuel que está entre eles. Os temas que Ana viu antecipados no nascimento de Samuel encontram sua repetição quando Davi olha para trás e vê a esperança de Ana cumprida maravilhosamente em todo o seu reinado. Tanto para Ana quanto para Davi, o Deus de Israel é sua "Rocha". O que Ana prevê que Deus fará, Davi celebra como realizado na fidelidade da vontade de Deus. Por isso, Agostinho disse a respeito de Ana: "Por meio dessa mulher [...] aqui fala, pelo espírito de profecia, a própria religião cristã, [...] com a qual os humildes são cheios para que se levantem, que foi, de fato, o tema principal que reverberou no seu hino de louvor".[3]

Exaltado no Senhor

Se fãs de beisebol podem ser levados a uma alegria lacrimosa pela conquista de um campeonato mundial, não surpreende que o triunfo de Ana a tenha enchido de gratidão e louvor. Durante anos ela havia ido ao tabernáculo, enfrentando a amargura de seu ventre estéril e sofrendo o deboche cruel de sua coesposa, Penina, que havia sido bem-sucedida em gerar filhos para seu marido, Elcana. Voltando-se em fé para o Senhor, Ana havia oferecido seu filho para serviço vitalício se Deus apenas lhe abrisse o ventre. O capítulo 1 termina com este filho, Samuel, entregue aos cuidados do sumo sacerdote: "E eles adoraram ali o SENHOR" (1Sm 1.28). Ana também adorou o Senhor, e seu louvor foi cheio de júbilo: "Então, orou Ana e disse: O meu coração se regozija no SENHOR" (1Sm 2.1).

Ana nos mostra a diferença que faz nos voltarmos para Deus num tempo de necessidade. Da última vez que a vimos orando, sua situação era muito diferente. Ana cataloga sua transformação em termos de seu coração, seu chifre (força) e sua boca. Anteriormente, seu marido lhe havia dito: "Por que estás de coração triste?" (1Sm 1.8). Ana descreveu-se como uma "mulher atribulada de espírito" (1Sm 1.15). Mas agora seu coração "se regozija no SENHOR".

Algumas traduções para a nossa língua obscurecem o segundo ponto de referência de Ana, substituindo a palavra original “chifre” pela palavra “força”. “O meu chifre está exaltado no SENHOR”, ela exulta (NKJV). Aqueles que viviam no mundo agricultural de Ana sabiam que o animal tem nos seus chifres um símbolo de vitória e poder. Desse modo, Ana se refere à remoção de sua vergonha: agora ela pode levantar a cabeça por causa do que o Senhor fez por ela.

Terceiro, Ana fala de sua boca: “a minha boca se ri dos meus inimigos” (1Sm 2.1). O hebraico afirma literalmente: “Minha boca está bem aberta”. A ideia parece combinar a vitória sobre os inimigos com a satisfação pelos inimigos derrotados. Considerando a recusa de Ana em reclamar de Penina ou em buscar a vingança de Deus, é improvável que ela tenha repentinamente se tornado amarga e odienta. Em vez disso, pensando teologicamente, como faz em toda a sua oração, Ana vê Penina como um exemplo dos inimigos de Deus e do seu povo. Então, Ana fica satisfeita em ver a voz incrédula de deboche silenciada por causa da graça salvadora de Deus.

Alguns comentaristas levantam a questão sobre se Ana superestimou a importância do seu próprio livramento. A resposta é que Ana representava Israel naqueles dias estéreis e solitários; sua salvação foi destinada a encorajar todo o Israel a esperar uma libertação maior. William Blaikie diz:

Vendo-se como representando a nação de Israel, ela parece ter sentido que o que tinha acontecido com ela numa pequena escala aconteceria com a nação em grande escala, pois Deus se aproximaria de Israel como havia feito com ela, tornando-o seu amigo e servo confiante, humilhando as orgulhosas e malignas nações ao seu redor e exaltando-o.[4]

É de grande importância que a fonte da alegria e da força de Ana é o próprio Deus da aliança. Ela afirma “[...] me alegro na tua salvação”. Ana alegra-se não meramente porque havia recebido algo que queria. Aos seus olhos, mais importante que a dádiva é o Doador: o Senhor é o seu cântico e a sua salvação. Robert Bergen comenta: “O objeto do prazer de Ana não é ela mesma – que superou a vergonha da esterilidade – nem seu filho, mas o Senhor, que é a fonte

tanto do seu filho quanto da sua circunstância feliz”.[5] Por mais que Ana amasse seu filho, Samuel, ele não era seu Salvador e não podia fornecer a salvação que ela buscava para o povo de Deus. A salvação é sempre do Senhor, e nosso louvor deve se concentrar no próprio Senhor, não meramente nas bênçãos que ele concede. Ana não tinha simplesmente recebido um filho – como se um bebê fosse resolver todos os seus problemas – mas havia recebido um auxílio gracioso do Senhor, e o Senhor é a solução para tudo o que Ana e Israel precisavam.

Ninguém é como o nosso Deus

Há alguns anos, Philip Yancey escreveu um livro chamado Disappointment with God [Desapontado com Deus].[6] O livro relata os sentimentos de numerosos cristãos que tinham escrito para Yancey para reclamar. Eles haviam confiado no Senhor, mas Deus parecia tê-los decepcionado. Um havia sofrido ao ver seus pais se divorciarem, apesar de ter orado milhares de vezes pela reconciliação deles. Outro havia perdido um filho. Outro não se sentia capaz de ser feliz, e Deus não parecia se importar com isso ou estar disposto a ajudar. Em contraste com Ana, que havia recebido aquilo pelo que tinha orado e louvou ao Senhor, essas pessoas duvidavam de Deus e estavam desapontadas com os resultados de sua fé.

A resposta de Yancey a essas reclamações foi criteriosa. Por exemplo, ele ressaltou que muitas dessas pessoas estavam desapontadas com Deus porque estavam exigindo coisas que Deus nunca prometeu dar: mais especificamente, Deus nunca prometeu poupar seu povo da dor e do sofrimento da presente vida. Além disso, Yancey observou que, mesmo quando as pessoas recebiam o que tinham pedido ao Senhor, elas geralmente não o louvavam nem agradeciam a ele. Yancey concluiu que no cerne desse desapontamento com Deus estava o fato de que muitos cristãos valorizavam Deus apenas pelo que ele podia fazer por elas. O próprio Deus, na glória da sua pessoa, mal era considerado, de modo que não surpreende que as pessoas ficassem desapontadas com Deus quando ele não fazia o que elas pensavam que ele deveria fazer.

Nenhum problema desse tipo pode ser visto na vida de oração de Ana. Durante os longos anos da sua amarga frustração, ela não havia perdido a esperança no Senhor. Portanto, no júbilo de sua celebração, é o próprio Senhor que ela leva em consideração em primeiro lugar. Assim como Ana anteriormente havia sido

um modelo de oração sincera, depois ela foi modelo de oração piedosa, primeiro glorificando a Deus por quem ele é e, depois, maravilhando-se pela salvação que Deus havia dado.

Nos versículos 2-3, Ana faz quatro afirmações sobre Deus, todas as quais lhe dão alegria. Primeiro seu pensamento se volta para a santidade do Senhor: “Não há santo como o SENHOR” (1Sm 2.2). Isso está totalmente correto, porque é a santidade de Deus que nos consola e nos encoraja em cada situação. A santidade de Deus implica sua separação de todas as suas criaturas, mas transmite especialmente a noção da perfeição moral de Deus. Como Deus é santo, todas as suas intenções para o seu povo são santas. Não é possível que os motivos de Deus sejam perversos, insensíveis ou desprezíveis – mesmo em juízo e especialmente em relação ao seu povo amado – pois ele é tão puro de olhos que não pode ver o mal (Hb 1.13). Blaikie observa: “Para os ímpios, esse atributo não é um consolo, mas apenas um terror. [...] No entanto, para aqueles que podem apreciá-la, a santidade de Deus é algo bendito. Nele não há trevas, nem corrupção, nem enfermidade. Absolutamente puro, ele governa todos os princípios de pureza absoluta”.[7] Como Deus é perfeitamente santo, o que verdadeiramente importa não é quais circunstâncias nos sobrevirão na vida, mas qual será nosso relacionamento com o Santo.

A santidade de Deus encoraja aqueles que estão sofrendo no momento. Seria fácil reclamar que Ana está espiritualmente alegre porque seu desejo foi concedido. Mas isso não faz justiça aos longos anos do seu amargo desapontamento. É somente então, quando sua oração foi atendida, que ela consegue discernir o propósito santo de Deus nas suas provações. Mas muito antes que a oração fosse atendida ela sabia que Deus era santo e esperou pacientemente sua santa solução para sua necessidade. Sabendo que o propósito de Deus em suas aflições deve ser santo, puro e bom, você pode ser consolado pelo exemplo de Ana de que o dia do livramento do Senhor virá para você do modo e no tempo que ele determinar; quando isso acontecer, você terá todas as razões para louvá-lo como o Deus santo que ele é.

Tendo louvado a Deus pela sua santidade, Ana acrescenta que “não há outro além de ti” (1Sm 2.2). A poesia hebraica frequentemente emprega um paralelismo no qual uma afirmação é seguida por outra, que desenvolve e expande a ideia inicial. Não somente o Senhor é santo, mas ele também é incomparável, porque na sua categoria não existe mais ninguém. O Senhor de Israel é o único Deus verdadeiro; sozinho entre todos que são adorados como

divinos, o Senhor de Ana é verdadeiramente Deus. Portanto, não há ninguém que possa frustrar os maravilhosos planos de Deus; a vontade do Senhor é sempre estabelecida, pois “não há outro além de ti”.

A isso, Ana acrescenta uma terceira afirmação, que leva sua oração ao clímax. Não apenas Deus é santo e o verdadeiro Deus, mas “Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus” (1Sm 2.2). A imagem de Deus como uma rocha transmite sua fidelidade em proteger e estabelecer seu povo. O Senhor é a rocha imóvel, sobre qual todas as nossas esperanças estão seguras. Gordon Keddie escreve: “Ele é a Rocha na qual seu povo pode sempre confiar, porque não pode ser destruída”.[8]

A oração teocêntrica de Ana é um exemplo vital para nós. Se atribuirmos mais glória às bênçãos que Deus nos dá do que ao próprio Deus, cometemos idolatria, estimando a criatura acima do Criador, e nos envolvemos numa insensatez que, por fim, arruinará tudo. Ana está certa: não há ninguém santo como o Senhor, não há ninguém além dele e não há Rocha como ele. Portanto, como Ana, devemos sempre ter como nossa principal glória e esperança conhecer a Deus e sermos aceitos em seu cuidado amoroso pelo ministério expiador do seu Filho Salvador, Jesus Cristo.

Ana acrescenta uma quarta afirmação sobre Deus, expressa como uma repreensão aos zombadores: “Não multipliqueis palavras de orgulho, nem saiam coisas arrogantes da vossa boca; porque o SENHOR é o Deus da sabedoria e pesa todos os feitos na balança” (1Sm 2.3). Os ímpios e arrogantes devem perceber que Deus vê e conhece todas as coisas e sabe como responder a todas elas. Blaikie comenta: “Seus olhos estão sobre todos os planos elaborados nas trevas. Ele conhece seus servos fiéis, sabe quais são seus objetivos, o que eles sofrem, qual pressão é geralmente colocada sobre a fidelidade deles”.[9] Deus tem uma resposta, calculada por infinita sabedoria, para cada situação; Deus age e permite ações de acordo com seu perfeito conhecimento de passado, presente e futuro, sempre cumprindo sua soberana vontade para sua própria glória e o maior bem do seu povo.

Quando lemos esses dois versículos, podemos entender esta mulher notável, Ana. Qual era a fonte de sua humilde firmeza sob tão grande provação? O que a capacitou a oferecer seu filho amado para um serviço vitalício ao Senhor? E o que a fez louvar a Deus com tanta beleza e poder? A resposta é que Ana foi absorvida pelo Senhor. Seu coração estava cheio do conhecimento de Deus, sua

fé estava ancorada nas perfeições gloriosas do caráter e dos atributos dele. Essa era a fonte não apenas da esperança e da alegria de Ana, mas também de sua grandeza; como o profeta Jeremias diria mais tarde: “O que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o SENHOR” (Jr 9.24).

O relacionamento de Ana com seu Senhor é uma reprovação àqueles que têm pouco interesse em Deus. Você vai à igreja primariamente para se encontrar com Deus entre o povo dele? Seu interesse primário num sermão é que ele ensina sobre Deus, em vez de seus valores supostamente práticos para sua própria vida? Se não, se você tiver pouco interesse no próprio Deus, mas muito interesse no que pode ganhar de Deus, sua condição espiritual na melhor das hipóteses é fraca, e na pior corre sério perigo. Se desejarmos uma fé que queima mesmo em lugares escuros e um caráter que honra a Deus em todos os momentos, então nossa fé deve estar concentrada no próprio Senhor, buscando em primeiro lugar o reino de Deus, o qual conhecer é vida eterna (Jo 17.3).

A salvação do Senhor

Isso não significa que Ana não se alegrasse com as maravilhosas ações de Deus em seu favor. Também devemos conhecer e entender as obras salvadoras de Deus para que possamos amá-lo e louvá-lo como devemos. Ana louva a Deus pelo que ele fez em dois grupos de afirmações. Na primeira seção, versículos 4-5, Ana reflete sobre o que Deus fez por ela, vendo um padrão geral na salvação de Deus. Depois, nos versículos 6-8, ela louva a Deus pelas suas ações em relação aos piedosos e aos ímpios, respectivamente.

A chave para o primeiro conjunto de louvores de Ana vem no fim do versículo 5: “até a estéril tem sete filhos, e a que tinha muitos filhos perde o vigor”. Isso se refere, é claro, à situação da própria Ana. Aquela que era estéril é exaltada, enquanto sua oponente arrogante é humilhada pela sua bênção.

Alguns estudiosos ficam confusos com a afirmação de que “a estéril tem sete filhos”, pois esse era seu primeiro filho e o número total de filhos que ela teria era seis (veja 1Sm 2.21). O ponto, expresso poeticamente, é que Deus abençoou completamente aquela que era estéril, sendo sete o número simbólico para a plenitude de bênção (cf. Rt 4.15). Deus deve ser louvado porque levanta os

abatidos e humilha os arrogantes e ímpios. Vendo esse ponto tipificado na sua oração atendida, Ana acrescenta outros exemplos típicos: “O arco dos fortes é quebrado, porém os débeis, cingidos de força. Os que antes eram fartos hoje se alugam por pão, mas os que andavam famintos não sofrem mais fome” (1Sm 2.4-5).

De acordo com Ana, a salvação que vem de Deus envolve uma inversão da sorte, na qual os orgulhosos e violentos são humilhados e os pobres e humildes são exaltados. Essa foi a mesma mensagem ensinada por Jesus: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. [...] Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5.3,5). Deus deve ser louvado porque, num mundo em que parece que os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres, o Senhor assume a causa dos abatidos e dá salvação aos fracos.

Nos versículos 6-8, Ana expande seu pensamento sobre a salvação de Deus no que se refere às questões máximas de vida e morte: “O SENHOR é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir. O SENHOR empobrece e enriquece; abaixa e também exalta. Levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória”. Num mundo como o nosso, em que cada um, por fim, é levado à morte – um mundo em que qualquer um de nós pode repentinamente ficar pobre, doente, necessitado e abatido – Deus maravilhosamente levanta seu povo da morte e da destruição.

Era disso que Ana necessitava no seu desespero estéril: o Salvador dos quebrantados, esmagados, condenados e fracos, que se humilham em fé. João Calvino escreveu a seu amigo William Farel com uma ideia semelhante de Deus, quando estava sofrendo pela morte de sua esposa, Idelette: “Que o Senhor Jesus [...] me sustente [...] sob essa pesada aflição, que certamente teria me vencido, se ele, que levanta os prostrados, fortalece os fracos e revigora os exaustos não tivesse estendido sua mão do céu para mim”.[10] Do mesmo modo, quando Ana estava abatida, Deus levantou sua cabeça; quando era estéril, trouxe vida ao seu ventre; quando era miserável, deu-lhe um lugar de honra. O Senhor fará o mesmo, das maneiras e no tempo de sua decisão soberana, por todos que se humilham em fé e o buscam como seu Deus e Salvador.

Essas reflexões levaram Ana a uma importante lição concreta:

Porque do SENHOR são as colunas da terra, e assentou sobre elas o mundo. Ele guarda os pés dos seus santos, porém os perversos emudecem nas trevas da morte; porque o homem não prevalece pela força. Os que contendem com o SENHOR são quebrantados; dos céus troveja contra eles. O SENHOR julga as extremidades da terra (1Sm 2.8-10).

Deus é soberano sobre todas as coisas, tendo criado tudo o que existe e governando tudo com poder divino. Aqueles que andam diante dele em fidelidade descobrem que Deus “guarda os pés dos seus santos”. O mesmo ensino é encontrado no salmo 121: “O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra. Ele não permitirá que os teus pés vacilem [...] O SENHOR te guardará de todo mal; guardará a tua alma” (Sl 121.2-3,7). Mas, por outro lado, “os perversos emudecem nas trevas” e os inimigos do Senhor “são quebrantados” quando o Senhor julgar “as extremidades da terra” (1Sm 2.9-10).

Com isso em mente, Ana chega à moral da sua oração, que também é a grande lição de 1 e 2Samuel como um todo: “O homem não prevalece pela força”, mas pelo Senhor. Essa foi a lição ensinada no cântico de Moisés e Miriã na travessia do mar Vermelho: “Cantai ao SENHOR, porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro” (Êx 15.21). O jovem Davi, mais tarde, ensinaria a mesma lição ao gigante Golias: “Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado” (1Sm 17.45).

“O homem não prevalece pela força”, mas pelo Senhor. Você aprendeu essa lição? Você aprendeu que Deus é aquele que mais importa; a quem, em última análise, você deve prestar contas e apenas por cuja graça você pode esperar ser salvo? Você percebeu que, mesmo que tiver sucesso em chegar ao topo da escada, se você não for justo diante de Deus, tudo finalmente será perdido, se não logo, então no juízo final? Você aprendeu que todos que se humilham e vão ao Senhor em fé recebem dele o cuidado salvador de que necessitam, para que possam prevalecer no fim não “pela força”, mas pelo Senhor, que mostra misericórdia e concede graça?

O Rei e Messias de Deus

Talvez tenha sido porque o pensamento de Ana tivesse se voltado para o juízo de Deus, no qual cada um de nós é corretamente condenado como pecador, que ela concluiu sua oração com uma referência notável ao Rei e Messias prometido de Deus: “Dá força ao seu rei e exalta o poder do seu ungido” (1Sm 2.10).

Essa menção final a um rei enviado por Deus, juntamente com o Messias de Deus, que é a palavra hebraica para “ungido”, enfatiza a importância do cântico de Ana como uma introdução aos livros de Samuel. Seja por meio de algum conhecimento extraído da Escritura ou por meio da inspiração profética do Espírito Santo, Ana previu que Deus planejava suprir a necessidade de Israel dando-lhe “seu rei”. Deus proveria um rei para governar em seu nome em verdadeira fé. Os capítulos que se seguem contam a história de como a profecia de Ana foi cumprida: o rei Davi seria fortalecido por Deus quando, humildemente, governaria o povo de Deus em fé.

Mas a história do rei de Deus não termina com 1 e 2Samuel, pois Deus não queria meramente prover um rei piedoso para governar Israel. Ele também queria exaltar “o poder do seu ungido”, isto é, o Messias. Isso porque até mesmo Davi, com toda a sua glória e poder, era apenas uma imagem do verdadeiro Rei, o verdadeiro Ungido, o Messias Jesus, que viria salvar o povo de Deus e governar para sempre em justiça e paz.

O cântico de Ana é a primeira referência direta no Antigo Testamento ao Messias prometido de Deus, que, no Novo Testamento, é traduzido como Cristo. E foi muito apropriado que essa promessa viesse dos lábios de Ana. Quem melhor que a mulher que voluntariamente entregou seu filho primogênito para servir ao Senhor e ministrar em nome de Deus para profetizar a entrega que Deus faria de seu Filho para ser o Salvador da humanidade pecadora? Blaikie comenta que, aqui, no fim de sua oração, o filho de Ana “parece dar lugar a um Filho mais nobre, por meio do qual a terra seria abençoada como ninguém jamais a havia abençoado, e todas as almas famintas e sedentas seriam guiadas para o pão vivo e a água viva, da qual todo aquele que comer e beber nunca mais terá fome ou sede de novo”.[11]

Foi apropriado, também, que o cântico de Ana encontrasse sua contraparte neotestamentária no cântico de uma jovem mulher tão piedosa quanto ela, a virgem Maria, quando o anjo veio anunciar o nascimento do Salvador prometido

por meio do seu ventre virgem. Tocada pelo Espírito Santo, Maria retomou os temas de Ana para glorificar a Deus em sua própria exaltação:

A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador, [...] porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome. [...] Agiu com o seu braço valorosamente; dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos. [...] e exaltou os humildes (Lc 1.46-52).

Ana acreditava que o nascimento do seu filho anunciava um novo tempo de esperança para o povo de Deus. Maria percebeu que, por meio do seu Filho, viria esperança a todo o mundo. Embora Samuel fosse grande como juiz e profeta de Israel, Jesus Cristo seria exaltado em poder por Deus, por meio de sua morte na cruz para o perdão dos nossos pecados.

De que outro modo, afinal de contas, Deus pode exaltar os pobres e salvar os condenados, a não ser que seu próprio Filho se torne pobre por nós e aquele que não conheceu pecado fosse feito pecado “para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.21)? O que Ana viu de muito longe ficou próximo de todos nós pela vinda de Jesus, o Messias prometido. É agora, no seu nome apenas, que os débeis são “cingidos de força” (1Sm 2.4) por meio do poder espiritual que Jesus dá. É agora, por meio de Jesus, que “os que andavam famintos não sofrem mais fome” (2.5), já que, como Jesus disse, “o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo. [...] Eu sou o pão da vida” (Jo 6.33,35). Portanto, todo aquele que crê em Jesus Cristo como Rei e Messias de Deus, nosso Salvador por meio de seu sangue derramado na cruz, será assentado, como Ana previu, “entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória” (1Sm 2.8), pois, como Jesus ensinou, “quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna” (Jo 5.24).

1 Bill T. Arnold, 1 & 2 Samuel, NIV application commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2003), 76.

2 Mary J. Evans, The message of Samuel (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004), 30.

3 Agostinho, City of God, em Joshua, Judges, Ruth, 1–2 Samuel, org. John R. Franke, Ancient Christian commentary on Scripture, Old Testament v. 4 (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), 202.

4 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 26.

5 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 75.

6 Philip Yancey, Disappointment with God (Grand Rapids: Zondervan, 1988).

7 Blaikie, First Samuel, 28.

8 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 32.

9 Blaikie, First Samuel, 28.

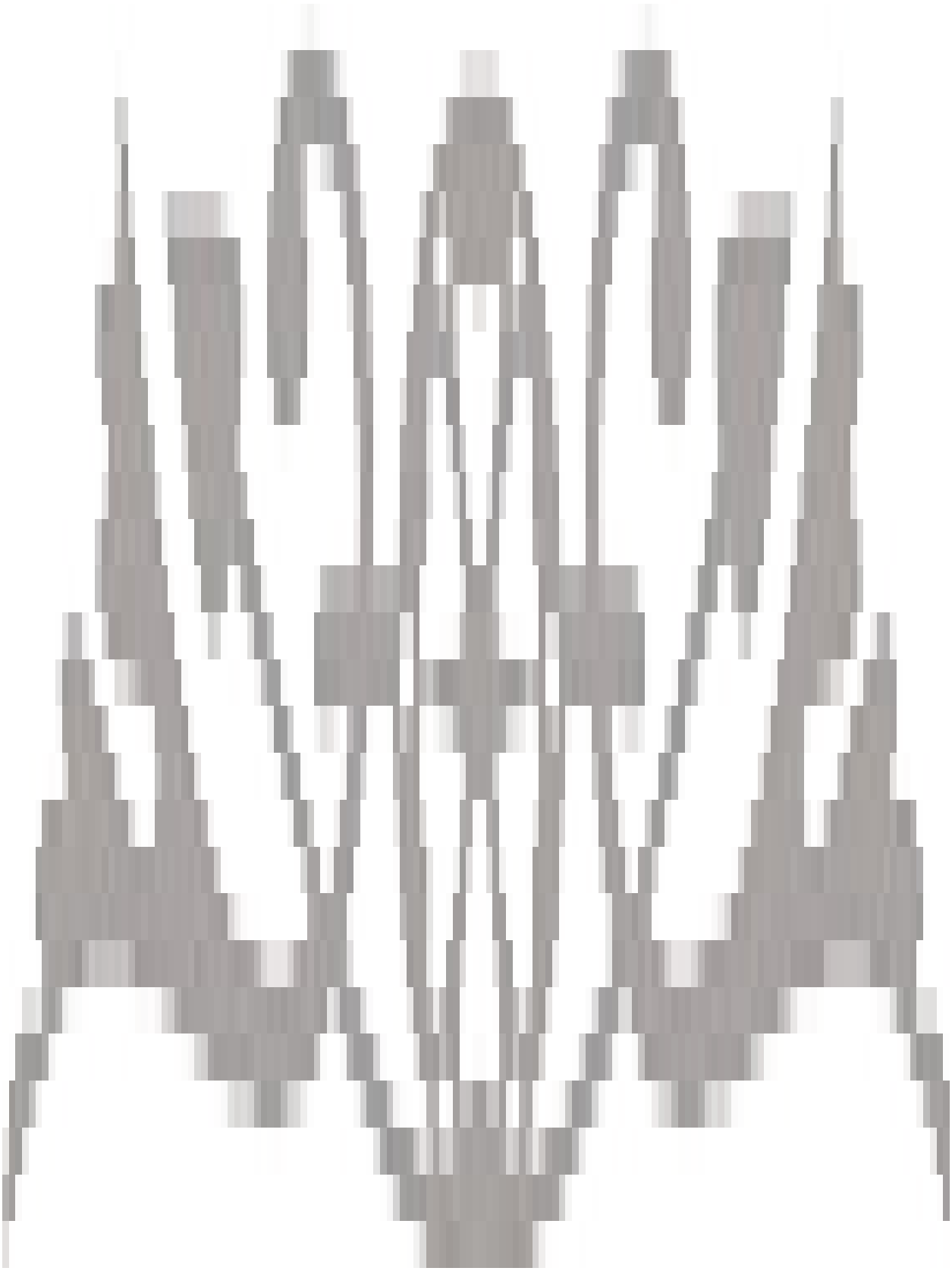
10 Citado em Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 19.

11 Blaikie, First Samuel, 35.

5

OS ÍMPIOS FILHOS DE ELI

1Samuel 2.11-36



... diz o SENHOR, Deus de Israel: Na verdade, dissera eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém, agora, diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos. (1Sm 2.30)

Uma característica importante de 1 e 2Samuel é o uso de contrastes para frisar um ponto. Vimos essa característica no início de 1Samuel e continuaremos a vê-la até o fim de 2Samuel. Primeiro, houve o contraste entre a Ana humilde e crente e a arrogante hostilidade de Penina, sua coesposa rival. No fim do capítulo 1, Ana leva seu filho, Samuel, para servir na casa de Deus, iniciando um contraste entre Samuel e os filhos ímpios de Eli. Esse capítulo, então, "alterna engenhosamente entre as práticas pecaminosas dos filhos ímpios de Eli e a pureza inocente e a justiça de Samuel e sua família". [1]

A razão para esses contrastes é a graça de Deus em ação num mundo mau. Já em 1740, um pastor norte-americano chamado Samuel Blair reclamou que "a religião está, por assim dizer, agonizando e prestes a dar seu último suspiro de vida nesta parte da igreja visível". De fato, no entanto, Deus estava na iminência de lançar um dos grandes avivamentos da História, o Grande Despertamento, que data daquele mesmo ano.[2] Deus estava silenciosamente trabalhando nos bastidores, preparando o que logo seria anunciado nas primeiras páginas da História. Uma situação semelhante é vista nos primeiros capítulos de 1Samuel. O contraste entre Samuel e os filhos de Eli faz mais do que nos advertir contra o caminho do ímpio. Ele também nos lembra que Deus está em ação nos bastidores, de modo que mesmo em meio à impiedade e à incredulidade sempre há esperança para a graça.

Os pecados dos filhos de Eli

A esperança de graça para Israel é representada pelo pequeno Samuel, a quem seus pais deixaram no tabernáculo para servir ao Senhor: "Então, Elcana foi-se a Ramá, a sua casa; porém, o menino ficou servindo ao SENHOR, perante o sacerdote Eli" (1Sm 2.11). Entretanto, a desesperada necessidade de graça que

Israel tinha é demonstrada na vida dos filhos de Eli, cuja conduta ímpia corrompia o sacerdócio.

A apresentação dos filhos de Eli deixa pouco à imaginação: “Eram, porém, os filhos de Eli filhos de Belial e não se importavam com o SENHOR” (1Sm 2.12). Essa é a apresentação mais condenatória que alguém pode receber, especialmente um ministro. Dizer que eles eram “filhos de Belial” (homens indignos) é dizer que eram agentes de destruição. E depois, dizer que eles “não se importavam com o SENHOR” é dizer que, apesar de todo o acesso que tinham à religião divina e de todo o seu conhecimento de teologia e de rituais de adoração, esses homens não eram convertidos, mas sim espiritualmente ignorantes da graça salvadora de Deus e não se importavam com as exigências de sua santidade. O fato de que esses homens eram seus líderes espirituais era um grande problema para Israel. Não admira que a vida espiritual de Israel tenha sido representada pelo ventre estéril de Ana.

A impiedade dos filhos de Eli é vista no tratamento desdenhoso que dão às ofertas levadas ao Senhor no tabernáculo. A lei de Moisés dizia que os sacerdotes que serviam na casa de Deus receberiam seu alimento dos sacrifícios que eram oferecidos. Porém, embora a lei especificasse certas porções aos sacerdotes, dependendo do animal (cf. Lv 7.34; Dt 18.3), os filhos de Eli tinham seu próprio modo de tomar a carne, enviando o servo deles para apoderar-se aleatoriamente da carne das panelas das famílias, com um espeto.

O costume daqueles sacerdotes com o povo era que, oferecendo alguém sacrifício, vinha o moço do sacerdote, estando-se cozendo a carne, com um garfo de três dentes na mão; e metia-o na caldeira, ou na panela, ou no tacho, ou na marmita, e tudo quanto o garfo tirava o sacerdote tomava para si; assim se fazia a todo o Israel que ia ali, a Siló (1Sm 2.13-14).

Incentivados pelo seu sucesso em pegar carne suculenta, os jovens sacerdotes foram além e exigiram até mesmo as porções gordas, que eram reservadas para o Senhor:

Também, antes de se queimar a gordura, vinha o moço do sacerdote e dizia ao homem que sacrificava: Dá essa carne para assar ao sacerdote; porque não aceitará de ti carne cozida, senão crua. Se o ofertante lhe respondia: Queime-se primeiro a gordura, e, depois, tomarás quanto quiseres, então, ele lhe dizia: Não, porém hás de ma dar agora; se não, tomá-la-ei à força (1Sm 2.15-16).

Os israelitas piedosos que iam sacrificar diante do Senhor não apenas testemunhavam a atitude sacrílega dos sacerdotes com relação às ofertas, mas também eram roubados daquilo que o Senhor havia destinado a eles e suas famílias. O versículo 17 faz uma acusação desmoralizante: “Era, pois, mui grande o pecado destes moços perante o SENHOR, porquanto eles desprezavam a oferta do SENHOR”.

O pior de tudo era o desprezo que esses jovens ministros demonstravam pela santidade de Deus. A profanação por parte deles chegou ao ponto em que “se deitavam com as mulheres que serviam à porta da tenda da congregação” (1Sm 2.22). Essa tenda – o tabernáculo – era o lugar em que os israelitas entravam na santa presença de Deus. Era muito grande o sacrilégio dos pecados sexuais dos sacerdotes nesse lugar sagrado. Aquelas mulheres israelitas, que provavelmente trabalhavam na limpeza ou no suprimento de outras necessidades do tabernáculo, deveriam ser tratadas com a máxima decência, mas em vez disso eram tratadas como as prostitutas cultuais dos templos pagãos.

Essa conduta dos filhos do sumo sacerdote só podia ter o pior efeito possível no caráter espiritual e moral da nação, do mesmo modo que os pecados de ganância e infidelidade sexual entre os ministros de hoje. Afinal de contas, se os líderes da religião pensam tão pouco do Senhor, por que alguém deveria adorá-lo? Além disso, considerando a tendência da nossa natureza pecaminosa de cometer esses tipos de pecado, o exemplo dos sacerdotes inevitavelmente daria um incentivo a uma ampla tolerância de profanações semelhantes. William Blaikie assim resume: “Homens de vida corrupta, que não têm vergonha de sua devassidão, à frente da religião têm um efeito aviltante sobre a vida moral de toda a comunidade”.[3]

Os erros grosseiros dos filhos de Eli lembram àqueles que exercem autoridade na igreja que seu santo chamado acarreta uma obrigação santa, pela qual eles serão responsabilizados. É muito fácil, e com muita frequência é visto hoje, os

pregadores usarem seu ministério primariamente para proveito pessoal – usando abordagens mundanas que trazem grandes multidões e ofertas de valor considerável – em vez de buscar a glória de Deus e o bem-estar espiritual do seu povo. E é muito frequente que ministros que buscam proveito pessoal acabem se desgraçando em pecados sexuais.

Em contraste, somos informados da espiritualidade crescente do pequeno Samuel. Depois que seus pais o deixaram em Siló, "o menino ficou servindo ao SENHOR, perante o sacerdote Eli" (1Sm 2.11). E enquanto os filhos de Eli estavam ocupados explorando suas posições sagradas, "Samuel ministrava perante o SENHOR, sendo ainda menino, vestido de uma estola sacerdotal de linho" (2.18). Essa "estola sacerdotal de linho" era, provavelmente, um avental branco que indicava que Samuel era um sacerdote em treinamento. Vestido desse modo, Samuel não apenas desempenhava seu papel, mas também era visto como fazendo isso. Seu exemplo fiel incentivava a fé e a piedade sinceras em outras pessoas. Ele nos lembra que, individualmente, os cristãos podem servir fielmente ao Senhor e com vida santa, independentemente do contexto espiritual geral. Administradores cristãos que trabalham num ambiente profissional hostil devem tratar seus colaboradores com respeito. Onde outros alcançam sucesso por meio de manipulação desonesta, os cristãos podem servir a Deus por meio de um ministério honesto. Nas igrejas em que a maior parte dos membros não ora e não tem interesse em missões, os crentes podem diariamente pedir a Deus para ajudar a resplandecer sua luz nas trevas do mundo. São muito importantes esses crentes que se levantam acima das circunstâncias, e com muita frequência Deus os usa para trazer avivamento à sua igreja aparentemente sem vida.

A repreensão ineficaz de Eli

Samuel é contrastado não apenas com os filhos ímpios de Eli, mas também com o próprio sumo sacerdote. O versículo 21 nos diz que "o jovem Samuel crescia diante do SENHOR" e imediatamente acrescenta: "Era, porém, Eli já muito velho" (1Sm 2.22). Eli é visto como um homem bem-intencionado e pessoalmente piedoso, mas um líder espiritual ineficaz e um fracasso em governar seus filhos.

Naturalmente, Eli sabia dos excessos dos seus filhos, por isso "disse-lhes: Por que fazeis tais coisas? Pois de todo este povo ouço constantemente falar do

vosso mau procedimento. Não, filhos meus, porque não é boa fama esta que ouço; estais fazendo transgredir o povo do SENHOR" (2.23-24). O erro de Eli é visto no fato de que, embora ouvisse sobre os pecados de seus filhos e lhes falasse sobre seu comportamento, nada fazia para refrear as más ações deles.

Podemos facilmente imaginar que esse padrão caracterizou a ação paterna de Eli durante toda a criação dos seus filhos. Seu primeiro erro foi não ter supervisionado o serviço sacerdotal deles. O resultado foi que, em vez de intervir e corrigir seus filhos imediatamente, Eli meramente ia até eles mais tarde para discutir o que havia ouvido. Seu segundo e maior erro foi que sua repreensão não levava a uma punição imediata. De acordo com a Bíblia, deixar de disciplinar nossos filhos é o caminho mais seguro para arruinar a alma deles (cf. Pv 13.24). Mais à frente será falado sobre Davi que nunca "contrariou" seus filhos pedindo-lhes contas (1Rs 1.6). Deslealdade, assassinato, estupro e traição cometidos pelos seus filhos dão testemunho dos erros de Davi como pai.

Ao lidar com seus filhos adultos, Eli tinha no mínimo a obrigação de tirá-los de seu ofício e empossar outros sacerdotes qualificados e piedosos. Nos dias originais do sacerdócio israelita, até mesmo os filhos de Arão, Nadabe e Abiú, haviam sido mortos por Deus por terem levado "fogo estranho" ao tabernáculo (Nm 3.4). Muito mais abomináveis eram os pecados de Hofni e Fineias. Mas embora Eli repreendesse seus filhos, ele não agia. Blaikie escreve que Eli "não conseguia ser severo com seus filhos. Ele não conseguia suportar que fossem desgraçados e degradados. Ele se satisfazia com uma admoestação suave, não obstante a cada dia uma nova desgraça acontecesse no santuário e novos incentivos fossem dados a outros para a prática da impiedade".[4]

De sua parte, os filhos de Eli teriam demonstrado sabedoria se recebessem a repreensão de seu pai, "entretanto, não ouviram a voz de seu pai" (1Sm 2.25). Poucas coisas são mais vitais para os filhos do que a humildade em receber a correção paterna. Quando o quinto mandamento diz "honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra" (Êx 20.12), ele ensina que receber correção dos pais e ter sucesso na vida andam de mãos dadas. Isso é verdadeiro também para os adultos, que não estão mais sob a autoridade dos seus pais, mas ainda devem ser humildes em aceitar conselhos piedosos. A Bíblia diz: "Quem ama a disciplina ama o conhecimento, mas o que aborrece a repreensão é estúpido" (Pv 12.1).

O versículo 25 nos diz que Hofni e Fineias não aceitaram a repreensão do seu

pai porque “o SENHOR os queria matar”. Essa afirmação não elimina a responsabilidade dos filhos de Eli. Seu objetivo, em vez disso, é mostrar que Deus estava tão ofendido com os pecados dos rapazes que resolveu puni-los com a morte, e, para isso, endureceu o coração deles para a repreensão de seu pai.

A apostasia desses dois filhos maus caminhava de mãos dadas com a intenção do Senhor de entregá-los à destruição. Eli chegou ao cerne da questão na sua advertência: “Pecando o homem contra o próximo, Deus lhe será o árbitro; pecando, porém, contra o SENHOR, quem intercederá por ele?” (1Sm 2.25). O que ele quis dizer era que pecados contra outras pessoas podem ser perdoados pelo sangue expiatório dos sacrifícios do Senhor. Porém, o que pode ser feito pelos pecados que mostram desprezo pelos próprios sacrifícios? Seus pecados contra o modo de salvação de Deus – muito semelhantes ao das pessoas que desprezam o evangelho hoje – deixaram os filhos de Eli sem meios de perdão. Tão grandes eram seus pecados contra os meios de graça de Deus que o Senhor os entregou à condição letal de um coração endurecido. Dale Ralph Davis aplica isso como uma advertência para todos nós: “Uma pessoa pode permanecer tão firme na sua rebelião que Deus a confirmará nela, de modo que permanecerá totalmente surda e insensível a quaisquer advertências de juízo ou rogos para que se arrependa”.[5]

Nos bastidores, e em contraste com a família corrupta de Eli, está a família de Samuel. Se Deus age poderosamente em indivíduos fiéis, muito mais poderosamente é sua presença nos bastidores de famílias piedosas. Em Elcana e Ana, vemos o valor do envolvimento amoroso e piedoso com os filhos. Lemos que “sua mãe lhe fazia uma túnica pequena e, de ano em ano, lha trazia quando, com seu marido, subia a oferecer o sacrifício anual” (1Sm 2.19). Gordon Keddie escreve: “A família deve ser uma área em que a piedade pessoal seja promovida e a glória de Deus seja manifestada em relacionamentos pessoais arraigados no compromisso com o Senhor”.[6]

Ana e seu marido eram pecadores imperfeitos como todos nós, mas o sincero compromisso deles com Deus teve impacto sobre seu filho. Podemos imaginar as orações que Ana entrelaçou em cada fio da túnica que fazia anualmente para seu filho, juntamente com as exortações e encorajamentos que vinham quando as entregava. F. B. Meyer aplica esta lição à nossa atuação como pais e mães: “As mães ainda fazem roupas para seus filhos – não meramente no tear ou com suas agulhas, mas com seu caráter santo e enobrecedor demonstrado, dia a dia, diante dos olhos observadores dos filhos, com suas palavras e conversas, e com os

hábitos de sua devoção diária”.[7]

A produtividade espiritual de Ana era refletida no aumento do tamanho da sua família. A cada ano Eli a abençoava e pouco depois “ela concebeu e teve três filhos e duas filhas” (1Sm 2.21). Ana deu ao Senhor e recebeu em abundância da parte dele. O versículo 26 descreve a maturidade espiritual de Samuel em palavras que indicam a mais elevada aprovação, especialmente considerando que o Evangelho de Lucas as reflete para descrever a maturidade do menino Jesus: “Crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (cf. Lc 2.52).

Eli deve ter passado muitas noites acordado perguntando-se como as coisas haviam dado tão errado com seus filhos. Podemos imaginar que seus pensamentos sobre o que teria feito de maneira diferente se tivesse a oportunidade de criar seus filhos de novo dariam uma leitura interessante. Quando nossos filhos tiverem crescido, o que desejaremos ter feito de maneira diferente? Desejaremos ter sido mais diligentes em ensinar e discutir a palavra de Deus? Sentiremos arrependimento por não ter sido mais determinados e coerentes em corrigir o pecado? Perguntaremos por que não nos esforçamos para ser um exemplo melhor para a fé e piedade deles? Questionaremos as prioridades que demonstramos pelo nosso estilo de vida ou desejaremos que tivéssemos aproveitado o tempo para nos envolver mais na vida dos nossos filhos? O problema é que quando nossos filhos tiverem crescido será tarde demais para colocarmos em prática qualquer uma dessas resoluções. Para Eli, tudo o que restava era a queda da sua casa, enquanto Deus agia nos bastidores para fazer nova provisão para a liderança do seu povo. Os pais que, hoje, sentirem que têm errado na criação dos seus filhos devem aproveitar o tempo restante orando pela graça interventora de Deus e buscando todos os meios piedosos para fazer o bem aos seus filhos.

A rejeição da casa de Eli por Deus

A notícia do juízo de Deus, juntamente com uma repreensão pungente, não demorou a chegar.

Veio um homem de Deus a Eli e lhe disse: Assim diz o SENHOR: Não me manifestei, na verdade, à casa de teu pai, estando os israelitas ainda no Egito, na casa de Faraó? Eu o escolhi dentre todas as tribos de Israel para ser o meu sacerdote, para subir ao meu altar, para queimar o incenso e para trazer a estola sacerdotal perante mim; e dei à casa de teu pai todas as ofertas queimadas dos filhos de Israel. Por que pisais aos pés os meus sacrifícios e as minhas ofertas de manjares, que ordenei se me fizessem na minha morada? E, tu, por que honras a teus filhos mais do que a mim, para tu e eles vos engordardes das melhores de todas as ofertas do meu povo de Israel? (1Sm 2.27-29)

Essa repreensão estava baseada numa lição da História. Durante o tempo do êxodo, Arão e seus filhos foram ordenados como um sacerdócio perpétuo (Êx 29.9), que consistia de três tarefas: “subir ao meu altar”, isto é, levar os sacrifícios das pessoas perante o Senhor para o perdão dos pecados delas; “queimar incenso”, que fala do ministério de oração intercessória do sacerdote; e “trazer a estola sacerdotal perante mim”, referindo-se à vestimenta na qual estavam as 12 pedras que representavam Israel perante o Senhor. Esses eram os próprios ministérios tão profanados pelos filhos de Eli. No entanto, aqui Deus reclama com Eli: “Por que honras a teus filhos mais do que a mim, para tu e eles vos engordardes das melhores de todas as ofertas do meu povo de Israel?” (1Sm 2.29).

Ao permitir que seus filhos transgredissem o sacerdócio, Eli havia considerado a honra deles acima da do Senhor. Isso acontece hoje quando homens se revelam moral ou espiritualmente inadequados para o ministério, mas são mantidos no ofício pastoral. Seja por motivos sentimentais, por vantagens políticas ou por uma noção equivocada de demonstrar “graça” a líderes caídos, os herdeiros contemporâneos de Hofni e Fineias só podem ser admitidos quando há pouca consideração pela reputação do Senhor ou pelo bem do seu povo. Eli não era responsável por tudo o que seus filhos faziam, mas era responsável por eles cometerem pecados enquanto continuavam sendo sacerdotes. Portanto, sua casa foi rejeitada pelo Senhor porque ele tratou os privilégios de sua ascendência araônica tão levianamente:

Portanto, diz o SENHOR, Deus de Israel: Na verdade, dissera eu que a tua casa e

a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém, agora, diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram, honrarei; porém os que me desprezam serão desmerecidos. Eis que vêm dias em que cortarei o teu braço e o braço da casa de teu pai, para que não haja mais velho nenhum em tua casa. E verás o aperto da morada de Deus, a um tempo com o bem que fará a Israel; e jamais haverá velho em tua casa. O homem, porém, da tua linhagem a quem eu não afastar do meu altar será para te consumir os olhos e para te entristecer a alma; e todos os descendentes da tua casa morrerão na flor da idade (1Sm 2.30-33).

Deus havia prometido à casa de Arão o privilégio de servir como sacerdotes, mas havia uma clara obrigação envolvida: “Aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos” (1Sm 2.30). Como Eli desprezou o Senhor, sua casa seria eliminada do sacerdócio. Somente um seria deixado, “para te consumir os olhos e para te entristecer a alma”, enquanto todos os outros descendentes de Eli “morrerão na flor da idade” (1Sm 2.33). Essa promessa foi cumprida nos dias de Davi, quando Doegue, o edomita, matou todos os descendentes de Eli no tabernáculo, com a única exceção de Abiatar (1Sm 22.6-23). Abiatar serviu a Davi como sacerdote até que apoiou a usurpação de Adonias contra o herdeiro de Davi, Salomão. Quando Salomão expulsou Abiatar do sacerdócio, a Escritura observa que isso cumpriu “a palavra que o SENHOR dissera sobre a casa de Eli, em Siló” (1Rs 2.27). Abiatar foi substituído por Zadoque, que era de uma família mais preeminente da linhagem de Arão, desse modo restaurando a promessa de que essa família seria mantida no sacerdócio (cf. Nm 25.6-13). Assim, o descendente de Eli foi colocado numa ocupação secundária durante as glórias do reinado de Salomão, olhando com inveja para os que ocupavam o sacerdócio e sobrevivendo da generosidade do homem que o suplantou, como 1Samuel 2.36 predisse. Zadoque seria o sacerdote fiel mencionado no versículo 35, “que procederá segundo o que tenho no coração e na mente”.

Tudo isso aconteceria nas gerações vindouras, mas Eli vê prova disso, pois Deus disse: “Ser-te-á por sinal o que sobrevirá a teus dois filhos, a Hofni e Fineias: ambos morrerão no mesmo dia” (1Sm 2.34). Não demoraria para que os filhos ímpios de Eli fossem mortos no mesmo dia, confirmando para Eli o juízo ainda por vir.

O princípio por trás da rejeição da casa de Eli deve ser observado: “Aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos” (1Sm 2.30). Esse é um princípio fixo do reino de Deus. Enquanto o mundo, de modo geral, honra aqueles que servem à sua causa, o Senhor promete honrar aqueles que estimam a sua glória. A História mostra isso. Aqueles que desprezam o Senhor podem alcançar grande poder e fama. Porém, virá o dia da retribuição de Deus, e, para cada déspota, cada político corrupto e cada executivo fraudulento haverá um dia de acerto de contas, quando seu nome for humilhado. Entretanto, como Blaikie comenta:

Os homens que honraram a Deus, os homens que não se importaram com seus próprios interesses, mas dedicaram-se resolutamente a obedecer a vontade de Deus e a fazer a obra de Deus; [...] e trabalharam na vida particular e no serviço público para executar as grandes normas do seu reino – justiça, misericórdia, amor a Deus e ao homem – esses são os homens que Deus honrou; esses são os homens cuja obra permanece; esses são os homens cujos nomes brilham com honra imorredoura e de cujo exemplo e de cujas realizações os jovens corações, em toda a era vindoura, tirarão inspiração e encorajamento.[8]

Um famoso exemplo de pessoa que honrou a Deus e foi honrada por ele é o de Eric Liddell, um atleta olímpico escocês que ganhou uma medalha de ouro na Olimpíada de 1924, em Paris. Liddell nasceu e foi criado na China como filho de missionários cristãos. Voltando para a Escócia na sua adolescência, emergiu como um dos maiores corredores que a Escócia já produziu, numa época em que o orgulho nacional britânico cobiçava muito a glória olímpica. Liddell era o favorito para vencer a prova dos 100 metros rasos. Porém, surgiu um problema quando ele soube que a corrida ocorreria num domingo. Liddell estava convencido, pela Escritura, de que não devia competir no dia do Senhor, por isso recusou-se a participar. Denunciado pelos jornais como traidor e pressionado pessoalmente pelo Príncipe de Gales a rever seus princípios, Liddell permaneceu firme, determinado a honrar o Senhor acima do seu bem-estar pessoal e mesmo acima do seu país.

Foi feito um acordo segundo o qual Liddell não participaria da corrida de 100 metros e, em vez disso, participaria da corrida dos 400 metros, uma das poucas

corridas que não tinha provas no domingo. Liddell não havia treinado para isso, mas correria como sua única oportunidade de ganhar nas Olimpíadas. Quando se preparava naquela manhã, um membro da equipe de treinamento britânica se aproximou e lhe entregou um bilhete. Eric abriu o pedaço de papel enquanto caminhava para a corrida. Nele estavam escritas as palavras de 1Samuel 2.30: “Aos que me honram, honrarei”. Com o pedaço de papel embolado em sua mão, Liddell correu, não apenas ganhando a medalha de ouro, mas estabelecendo o novo recorde mundial.

A Grã-Bretanha foi extravagante em adulações a Liddell, mas, em vez de aproveitar sua fama, ele cumpriu o compromisso de voltar à China como missionário. Quando saiu da Escócia, a multidão que foi vê-lo era tão grande que mais de 1.000 pessoas foram impedidas de participar. Vinte anos depois, Liddell ainda estava honrando o Senhor na China quando morreu num campo de concentração japonês, pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial. No fim do filme feito em honra a Liddell, Carruagens de fogo, há estas palavras: “Eric Liddell, missionário, morreu na China ocupada, no fim da Segunda Guerra Mundial. Toda a Escócia o pranteou”. Liddell havia honrado a Deus nos bastidores, e Deus honrou seu nome diante dos anjos e dos homens.[9]

Um sacerdote para servir

Assim como Eric Liddell se distinguiu na sua geração, o jovem Samuel fez um nítido contraste com a condenada casa de Eli. Enquanto Deus estava preparando para derrubar, ele também estava preparando para edificar, providenciando um líder piedoso para seu povo. A última palavra de Deus sobre essa situação, então, é uma palavra de esperança: “Suscitarei para mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o que tenho no coração e na mente; edificar-lhe-ei uma casa estável, e andará ele diante do meu ungido para sempre” (1Sm 2.35).

Podemos ver o início desse propósito tomando forma na vida do jovem Samuel. Ele, de fato, serviria fielmente ao Senhor como sacerdote e como profeta e juiz de Israel, fazendo a vontade de Deus. Essas palavras também se referem ao fiel Zadoque e à linha sacerdotal de sua casa, que serviria nos dias do rei Salomão. Mas essa resolução divina só podia ser cumprida na vinda de Jesus, o verdadeiro Sumo Sacerdote de Deus. Sempre que considerarmos os papéis dados aos sacerdotes de Israel, perceberemos que Jesus é aquele que verdadeiramente

realiza e cumpre esse ofício sagrado.

Um sacerdote era ordenado, primeiro, disse Deus, “para subir ao meu altar” (1Sm 2.28), apresentando os sacrifícios para expiar os pecados do povo. Somente Jesus faz o verdadeiro sacrifício pelo nosso pecado, tendo sido feito “misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo” (Hb 2.17). Jesus é o Sacerdote que oferece o sangue expiatório eficaz – o sangue de sua cruz – para cobrir nossos pecados para sempre na presença de Deus.

Os sacerdotes também eram chamados para “queimar o incenso” (1Sm 2.28), representando o ministério intercessório de oração diante do Pai celestial. Embora fosse o Filho de Deus, Jesus se tornou homem para “compadecer-se das nossas fraquezas” (Hb 4.15) e orar a Deus Pai em nosso favor. Deus prometeu que seu Sacerdote serviria na sua casa, entrando e saindo “para sempre”. De fato, o templo celestial seria a verdadeira casa do Sacerdote – a casa, diz Deus, do “meu ungido” (1Sm 2.35). Jesus, assim, ministra para sempre como Sacerdote na casa em que ele mesmo é Salvador e Rei. Hebreus 7.25 diz que ele “pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”.

Assim como o sumo sacerdote devia usar a estola sacerdotal, levando as pedras das 12 tribos à presença de Deus, do mesmo modo Jesus é o verdadeiro e eterno Sacerdote que leva todos os seus redimidos no seu coração e assegura o lugar deles em glória, tendo gravado seus nomes nas palmas de suas mãos (Is 49.16).

Onde Deus é honrado

Que lição podemos aprender ao ver o pequeno Samuel na fracassada casa sacerdotal de Eli? A obediência de Samuel lembra-nos que devemos olhar para os bastidores, onde Deus está trabalhando com graça. Independentemente das aparências externas, a verdadeira ação está sempre acontecendo onde Deus é honrado, onde sua palavra é reverenciada e onde o compromisso humilde com o Senhor é vivido sinceramente. A mensagem do pequeno e piedoso Samuel e dos ímpios filhos de Eli é que nada é mais importante do que a piedade pessoal, em famílias piedosas e graciosas, com um compromisso simples com a palavra de Deus e com a oração. Se quisermos fazer verdadeira diferença com nossa vida,

não buscaremos as áreas de influência mundana, especialmente quando elas exigirem que façamos concessões com princípios bíblicos. É melhor o povo de Deus servir humildemente ao Senhor, geralmente nos bastidores, lembrando-se de sua promessa: “Aos que me honram, honrarei” (1Sm 2.30).

1 Bill T. Arnold, 1 & 2 Samuel, NIV application commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2003), 70.

2 Citado em Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 23.

3 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 41.

4 Ibid., 43.

5 Davis, 1 Samuel, 27.

6 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 42.

7 F. B. Meyer, Great men of the Bible, 2 v. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), 1:275.

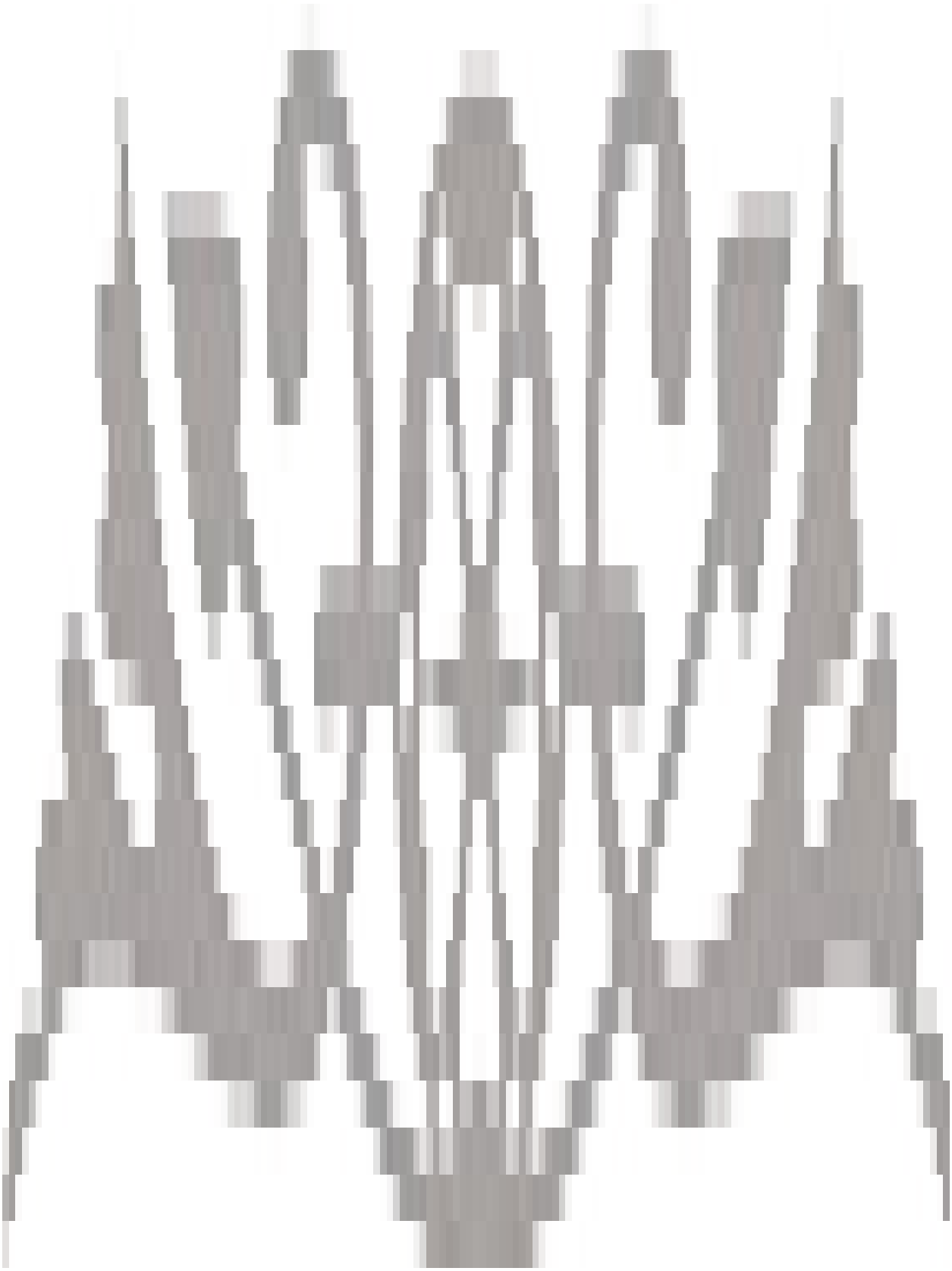
8 Blaikie, First Samuel, 47-48.

9 Para uma boa biografia que detalha não apenas o heroísmo olímpico de Liddell, mas toda a sua vida de fé, veja David McCasland, Eric Liddell: Pure gold (Grand Rapids: Discovery House, 2004).

6

EIS-ME AQUI!

1Samuel 3.1–4.1



Então, veio o SENHOR, e ali esteve, e chamou como das outras vezes: Samuel, Samuel! Ele respondeu: Fala, porque o teu servo ouve. (1Sm 3.10)

Estaríamos errados em pensar que o período sombrio no qual Samuel cresceu foi destituído de religião. Havia grande quantidade de atividade religiosa em Israel. Havia sacerdotes servindo e rituais sendo observados. Toda essa religião andava lado a lado com a idolatria e a devassidão nacionais amplamente difundidas. Como a religião e a imoralidade podem coexistir tão confortavelmente? A resposta é dada no primeiro versículo de 1Samuel 3: “Naqueles dias, a palavra do S ENHOR era mui rara; as visões não eram frequentes”. Apesar de toda a atividade religiosa, não havia revelação da parte de Deus e, sem a palavra de Deus, não pode haver vida espiritual verdadeira.

A passagem de 1Samuel 3 fala da solução de Deus ao chamar o jovem Samuel para servir como seu porta-voz profético para Israel: “O jovem Samuel servia ao SENHOR, perante Eli” (1Sm 3.1). O capítulo termina: “Continuou o SENHOR a aparecer em Siló, enquanto por sua palavra o SENHOR se manifestava ali a Samuel. Veio a palavra de Samuel a todo o Israel” (3.21–4.1). Assim começou uma nova era para o povo de Deus e para o desdobramento do relato da redenção de Deus no mundo. As imagens desse capítulo contam sua história: num tempo em que a luz de Israel estava indistinta, Deus convocou um jovem cujo coração estava perto dele e, ao restaurar a palavra de Deus, Samuel abriu novamente as portas para a presença e o poder de Deus.

Ouvindo a palavra de Deus

Muitos dos grandes vultos da Bíblia começaram sua carreira com um chamado dramático do Senhor, incluindo Abraão, Moisés, o profeta Isaías e o apóstolo Paulo. A importância de Samuel na história bíblica é vista pela sua inclusão nessa lista de servos do Senhor escolhidos e especialmente chamados.

A literatura popular gosta de descrever Samuel respondendo aos chamados de Deus como um menino, mas é mais provável que anos suficientes tivessem

passado para Samuel pelo menos ter entrado na adolescência. No capítulo 2, lemos que “o jovem Samuel crescia” (v. 26) e, em 3.2, lemos que Eli agora era tão idoso que seus “olhos já começavam a escurecer-se”. Enquanto o capítulo 2 comparou o pequeno Samuel aos ímpios filhos de Eli, o capítulo 3 o descreve em contraste com o idoso Eli. Enquanto Eli estava ficando cego, o jovem Samuel recebeu uma visão do Senhor. Enquanto Eli estava “deitado no lugar costumado”, o que sugere um quarto ou uma câmara fora do tabernáculo, Samuel estava “no templo do SENHOR, em que estava a arca” (1Sm 3.3). De fato, Samuel estava substituindo Eli e então seria formalmente empossado por Deus no lugar de Eli. Assim como a decrepitude espiritual de Israel seguiu a enfermidade cega de Eli, nesse momento a Palavra do Senhor viria a Israel por meio do vigor espiritual do jovem Samuel.

O cenário para o chamado de Samuel é declarado de modo provocativo: “antes que a lâmpada de Deus se apagasse” (1Sm 3.3). Isso indica que foi nas horas antes da alvorada que Deus chamou Samuel, pois as lâmpadas eram mantidas acesas até o amanhecer. Mas isso também era simbolicamente verdadeiro: a lâmpada da presença de Deus em Israel estava fraca, mas não completamente apagada. Nesse tipo de cenário, a voz do Senhor foi ouvida mais uma vez dentro de sua casa: “O SENHOR chamou o menino” (3.4). Há muita graça nessas palavras. Num tempo em que a palavra de Deus havia sido transgredida e pisada até mesmo pelos filhos do sumo sacerdote, quando a lei ofendida de Deus dava todas as razões para um juízo de eterno silêncio divino, não obstante a voz do Senhor foi ouvida chamando um filho da sua aliança.

E, no entanto, na mais trágica ironia, nem mesmo o mais dedicado e digno dos servos de Deus reconheceu sua voz. “Eis-me aqui”, gritou Samuel, e, depois, correu para o quarto de Eli: “Eis-me aqui, pois tu me chamaste. Mas ele disse: Não te chamei; torna a deitar-te” (1Sm 3.4-5). O Senhor chamou Samuel novamente, e a mesma coisa aconteceu. O versículo 7 explica o motivo: “Samuel ainda não conhecia o SENHOR, e ainda não lhe tinha sido manifestada a palavra do SENHOR”. Isso diz simplesmente que Samuel nunca havia ouvido a voz de Deus, de modo que não a reconheceu, mas também implica que, já que Samuel, o mais brilhante e o melhor de Israel, não conhecia a voz do Senhor, ele também não conhecia realmente a Deus. Embora não possamos dizer que Samuel fosse um incrédulo, “Samuel ainda não tinha o conhecimento de relacionamento pessoal com o Senhor”.[1] Isso estava prestes a mudar e, como sempre, a salvação viria pelo chamado gracioso da palavra de Deus.

Na terceira vez que Deus chamou Samuel e o jovem apareceu no quarto de Eli, o sumo sacerdote suspeitou que algo estivesse acontecendo. “Vai deitar-te; se alguém te chamar, dirás: Fala, SENHOR, porque o teu servo ouve” (1Sm 3.9). Finalmente, no quarto chamado, um chamado feito com a urgência da repetição – “Samuel, Samuel!” – o jovem ministro estava pronto: “Fala, porque o teu servo ouve” (3.10).

A inspiração da palavra de Deus

O chamado de Samuel não somente revela a graça de Deus, tanto voltando a Israel com sua palavra quanto em sua paciência com a falta de entendimento de Samuel, mas também fornece um exemplo notável de inspiração profética, pois nesse caso vemos não meramente o chamado de um profeta, mas do primeiro profeta na longa linhagem de profetas que serviram no tempo dos reis de Israel. Assim, o modo como a palavra do Senhor vem a Samuel estabelece um precedente para a revelação de Deus por meio dos profetas.

O apóstolo Pedro deu a fórmula clássica de inspiração divina: “Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21). Em outras palavras, profecia e inspiração não começam com os pensamentos do autor humano, mas por ouvir a palavra de Deus. Os homens que escreveram a Bíblia falaram “da parte de Deus”, isto é, transmitiram-nos a mensagem que Deus lhes deu. Além disso, todo o processo foi supervisionado (ou “movido”) “pelo Espírito Santo”.

Outra definição clássica de inspiração foi dada por Paulo em 2Timóteo 3.16: “Toda a Escritura é inspirada por Deus”. Quando dizemos que a Bíblia foi inspirada por Deus, devíamos realmente estar dizendo que a revelação de Deus foi “soprada” ou “expirada” da própria boca de Deus. Na Bíblia, lemos a palavra de Deus para o homem, comunicada por intermédio dos seus mensageiros inspirados e supervisionados pelo Espírito, de modo que o escritor de Hebreus pode simplesmente declarar: “havendo Deus, outrora, falado [...] pelos profetas” (Hb 1.1). Assim como Deus falou a Samuel para fornecer sua palavra a Eli e, mais tarde, para revelar sua palavra a todo o Israel, do mesmo modo Deus falou a todos os profetas e apóstolos para que sua Palavra revelada fosse fornecida a nós na Bíblia.

A Bíblia mostra considerável variação no modo pelo qual os mensageiros de Deus vivenciaram a inspiração. Grande parte da Bíblia consiste de narrativas históricas que foram escritas por autores humanos conhecidos ou desconhecidos. Os salmos são poemas e cânticos escritos por Davi e outros para expressar sua experiência espiritual e sua dedicação a Deus. As epístolas do Novo Testamento são cartas escritas pelos apóstolos às primeiras igrejas. Todos esses tipos de Escritura são a palavra de Deus inspirada e superintendida pelo Espírito Santo.

Mas aqui, no início da era profética, no chamado de Samuel, vemos a maneira mais básica de revelação divina. Deus aparece ao jovem Samuel e lhe diz uma mensagem para ser registrada e transmitida. Essa abordagem na forma de "ditado" é frequentemente denegrida na erudição acadêmica, como se fosse um pouco indigno da parte de Deus falar às suas criaturas dessa maneira. Porém, de fato, grande parte do material profético é apresentado como tendo sido ditado oralmente por Deus e escrito mais ou menos verbatim pelos profetas. O Senhor disse: "[Em sua] boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar" (Dt 18.18). Os profetas não nos dizem que tinham tido ideias que agora querem compartilhar conosco. Em vez disso, invariavelmente nos dizem: "Veio a mim a palavra do SENHOR" (Jr 1.4; cf. Is 2.1; Ez 1.3; Os 1.1; Jn 1.1; Mq 1.1; etc.) e "assim diz o SENHOR" (Am 1.3; Ob 1.1; Na 1.12; etc.).

Nesse caso, Deus aparece a Samuel em pessoa, numa visitação divina (do mesmo modo, a maioria dos profetas recebia visões, motivo pelo qual são chamados videntes) e apresenta uma mensagem oral para que ele transmita. Esse é o modelo básico em toda a Escritura, tema sobre o qual há numerosas variações, de modo que seja qual for a forma em que a Bíblia se apresenta, podemos saber que estamos lendo o que Deus confiou aos seus servos para ser comunicado a nós. Portanto, somos obrigados a receber tudo o que a Bíblia nos ensina como palavra do próprio Deus, o que acarreta autoridade divina, e, assim, requer nossa crença confiante e nossa resposta obediente.

Nova vida por meio da palavra de Deus

O início da nova vida em Israel veio quando Samuel ouviu a palavra de Deus. O mesmo padrão se mantém verdadeiro hoje: o povo de Deus é despertado quando ouve a palavra de Deus. Nossa própria geração tem muita semelhança com a de Eli: temos grande quantidade de atividade religiosa, com legiões de pregadores e

grande quantidade de tempo e dinheiro dedicada à igreja e suas atividades. Mas onde está a palavra do Senhor? Gordon Keddie escreve: “Agora, como naquela época, não há escassez de ‘religião’ e, certamente, não há escassez de clérigos. É a verdade revelada de Deus que é notável pela sua ausência da teologia, da pregação e, não menos, da vida dos clérigos e do povo”.[2]

Hoje, temos o que Eli e seus filhos não tinham: a completa revelação da palavra de Deus na Bíblia. Com a vinda de Jesus Cristo, a revelação de Deus está completa e a igreja possui a palavra final escrita de Deus enquanto espera o retorno do seu Senhor. No entanto, a fome pela palavra de Deus pode ser tão severa para nós, que possuímos a Bíblia, quanto para os que não a possuem, por causa da nossa falta de interesse. Reavivamento e reforma na igreja e na nossa vida pessoal só podem vir do mesmo modo que foram a Israel nos dias de Samuel: pela restauração da palavra divina no coração e na mente do povo de Deus.

Um exemplo dessa verdade é visto na experiência de um homem chinês chamado Xiao-Hu Huang, que estava morando na Alemanha com sua esposa, Kirstin. Xiao era budista, e sua esposa, incrédula. Querendo dar um presente de aniversário especial para seu marido, Kirstin procurou um livro escrito em chinês, mas o único livro que encontrou foi uma tradução chinesa da Bíblia. Insatisfeita com suas opções, ela, no entanto, comprou a Bíblia, esperando que seu marido apreciasse o gesto. Xiao não gostou de receber a Bíblia, mas, com saudade de sua língua materna, começou a lê-la. Enquanto a lia, foi sendo impactado pela verdade revelada nas páginas da Bíblia; em pouco tempo foi convencido e começou a crer na palavra de Deus. Isso, por sua vez, desagradou sua esposa, já que Kirstin era uma mulher ocidental que havia rejeitado o cristianismo. Quando entraram em conflito sobre o livro que ela havia lhe dado, ela começou a lê-lo também, simplesmente para argumentar com mais eficácia contra seu marido. Mas, no processo, ela também foi convencida e tornou-se uma crente no Senhor Jesus. Pouco tempo depois, começaram a estudar sua Bíblia em chinês juntos e cresceram em fé. Logo perceberam que precisavam da comunhão e do apoio de outros crentes, por isso foram a uma igreja fiel, onde a palavra de Deus era pregada. Foram batizados como seguidores de Cristo e continuaram a crescer como seus discípulos.[3]

Esse tem sido o método de Deus ao longo da História. Foi pela sua palavra que Deus trouxe o universo à existência (Gn 1.1-26). Foi pela sua palavra que Deus chamou Abraão, Moisés e Samuel para o serviço e, por meio deles, chamou e

reuniu seu povo. Pedro escreveu que os cristãos foram “regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1Pe 1.23). Davi alegrou-se porque a palavra de Deus “é perfeita e restaura a alma”; “fiel e dá sabedoria aos símplices”; “reta e alegra o coração”; “pura e ilumina os olhos”; “límpida e permanece para sempre” (Sl 19.7-9). Isso é o que temos escrito para ler na nossa Bíblia: a palavra de Deus, que traz vida para salvação na nossa alma. Perceber isso fez John Wesley clamar: “Ó, dá-me este livro! Por qualquer preço, dá-me o livro de Deus!”[4]

Falando a palavra de Deus

Por mais que seja essencial o povo de Deus ouvir a Palavra, isso não é suficiente. Também é necessário falarmos a palavra de Deus. Assim aconteceu com o jovem Samuel, tendo recebido uma mensagem da parte de Deus para Eli.

Receber a palavra de Deus criou um problema para Samuel por causa do conteúdo da mensagem, que era uma confirmação do juízo que Eli anteriormente havia recebido do homem de Deus que havia ido ter com ele. “Eis que vou fazer uma coisa em Israel, a qual todo o que a ouvir lhe tinirão ambos os ouvidos” (1Sm 3.11). O que estava prestes a acontecer causaria medo no povo de Deus:

Naquele dia, suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado com respeito à sua casa; começarei e o cumprirei. Porque já lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu. Portanto, jurei à casa de Eli que nunca lhe será expiada a iniquidade, nem com sacrifício, nem com oferta de manjares (1Sm 3.12-14).

Essa declaração de juízo ressalta alguns pontos importantes. O primeiro é que Deus julga o pecado com a severidade que ele merece. Os pecados dos filhos de Eli eram grosseiras ofensas ao Senhor, e sua justiça exigia um acerto de contas. É digno de nota, contudo, que a ira de Deus é dirigida não meramente aos filhos de Eli, mas especialmente ao próprio Eli. O que Eli havia feito? Literalmente,

nada. Ele não havia cometido os pecados dos seus filhos, mas também não havia feito nada para impedi-los: “Ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu” (1Sm 3.13). Isso também nos diz que Deus espera que os oficiais de sua igreja supervisionem suas questões e assegurem a adoração reverente que é aceitável a ele.

Segundo, o Senhor afirma quanto à casa de Eli que “nunca lhe será expiada a iniquidade, nem com sacrifício, nem com oferta de manjares” (1Sm 3.14). A aparente razão para Deus proibir o perdão foi que os filhos de Eli haviam blasfemado contra os mesmos sacrifícios que Deus havia ordenado para a purificação do pecado. Como, então, seriam perdoados sendo que haviam desprezado os meios de graça de Deus? O mesmo é verdadeiro hoje para aqueles que negam a obra expiatória de Cristo ou desprezam a palavra de Deus, pois estão “crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia” (Hb 6.6).

Como Samuel, recebemos uma mensagem da parte de Deus que é difícil de entregar e de receber. Keddie escreve:

A mensagem do evangelho é essencialmente uma mensagem que é difícil tanto de pregar quanto de ouvir, porque é um chamado aos pecadores para confessarem sua incapacidade de salvar a si mesmos e para se voltarem em arrependimento e fé ao Senhor Jesus Cristo para salvação por meio de sua expiação substitutiva pelo pecado.[5]

A mensagem de Deus ao mundo inclui condenação do pecado, sua ameaça de juízo severo e eterno e seu chamado aos pecadores para que se arrependam. Unida a essa mensagem dura está a misericórdia de Deus pelos pecadores por meio do sangue de seu Filho. Jesus morreu para nos salvar do pecado. Para sermos salvos, portanto, devemos confessar nossos pecados e nossa total necessidade da misericórdia de Deus por meio da cruz de Cristo.

Alguns cristãos mal orientados acreditam que, se omitirem a denúncia que a Bíblia faz do pecado, estão sendo mais humildes e agradáveis e estão tornando mais fácil que as pessoas aceitem Cristo como seu Salvador. Pelo contrário: eliminar da Bíblia a mensagem da ira de Deus quanto ao pecado é adulterar de

modo arrogante a mensagem que Deus nos confiou e insensivelmente afastar dos pecadores uma verdade que eles devem aceitar para serem salvos. Deixar de anunciar a mensagem de pecado e juízo presente na Bíblia torna sem sentido a mensagem da cruz. Paulo disse que “tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria” (1Co 1.22); ou seja, os judeus queriam que Deus os aprovasse por suas obras de justiça e os gregos queriam ser salvos pela filosofia. “Mas”, diz Paulo, “nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Co 1.23-24). O evangelho desejado por judeus e gentios era um evangelho que omitia a condenação de seus pecados por Deus, mas Paulo insistia em pregar o evangelho de Cristo, no qual Jesus morreu para nos salvar da ira de Deus.

Os verdadeiros ministros da palavra de Deus possuirão o mesmo coração terno que fez Samuel relutar em dar as más notícias ao seu mentor. A Bíblia afirma que “ficou Samuel deitado até pela manhã e, então, abriu as portas da Casa do Senhor; porém temia relatar a visão a Eli” (1Sm 3.15). Samuel não falou com Eli de maneira ansiosa ou alegre. No entanto, para que Samuel verdadeiramente abrisse as portas da presença e da graça de Deus, ele devia aprender a não reter a palavra de Deus. Eli, sabendo quanto era vital para Samuel não reter a palavra de Deus, chamou o jovem e exigiu: “Que é que o SENHOR te falou? Peço-te que mo não encubras” (1Sm 3.17). Eli acrescentou uma advertência sobre reter a verdade da palavra de Deus que todos deviam ouvir: “Assim Deus te faça o que bem lhe aprouver se me encobrires alguma coisa de tudo o que te falou” (3.17). “Então, Samuel lhe referiu tudo e nada lhe encobriu” (3.18). Todo servo de Cristo deve fazer o mesmo e, assim, ser capaz de fazer eco às palavras de Paulo aos presbíteros de Éfeso: “Jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.27).

Eli, um homem infeliz e infiel, mas ainda um crente, por mais fraco que fosse, aceitou submissamente a vontade de Deus: “E disse Eli: É o SENHOR; faça o que bem lhe aprouver” (3.18). Eli é, certamente, uma figura complexa. Apesar de todos os seus erros, tinha algumas virtudes, embora parecessem ser passivas. William Blaikie comenta: “Ele conseguia suportar muito, conquanto conseguisse ousar pouco. Conseguia submeter-se, mas não conseguia lutar”.[6]

Vivenciando a palavra de Deus

O reavivamento espiritual sempre envolve ouvir e falar a palavra de Deus. Quando a palavra é ouvida e falada, o resultado é poder para crescer e piedade para testemunhar aos outros. Assim aconteceu com Samuel. Um novo dia havia começado na sua vida e no seu ministério quando ele começou a ouvir e falar a palavra de Deus ao povo. O resultado foi que “crescia Samuel, e o SENHOR era com ele” (1Sm 3.19). Servir a Jesus Cristo, ouvir e falar sua palavra, é crescer continuamente. O apóstolo Paulo vivenciou a sensação de santificação que nunca termina, escrevendo, no fim de sua vida: “Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus” (Fp 3.12). Essas não eram palavras de cínica resignação, mas de emoção e antecipação ansiosa. Por meio da palavra do Senhor há crescimento.

Se estudarmos passagens que descrevem um caráter cristão – como as bem-aventuranças em Mateus 5, ou o fruto do Espírito em Gálatas 5.22-23 – a verdade é que nenhum de nós reflete perfeitamente o ideal bíblico. Mas a boa notícia é que, quando andamos com o Senhor, permanecendo em sua palavra, crescemos continuamente em poder espiritual, pureza, paz e alegria.

Em acréscimo ao seu crescimento espiritual, Samuel descobriu que Deus autenticou seu ministério: “O SENHOR era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra. Todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do SENHOR” (1Sm 3.19-20). A afirmação de que nenhuma das palavras de Samuel caiu em terra significa que Deus fez suas mensagens proféticas se cumprirem. Samuel, como profeta, era capaz de falar a verdade ao povo de um modo que era válido e crível. Quando crescemos no Senhor, ouvindo a palavra de Deus na Bíblia e comunicando-a fielmente aos outros, nosso discurso também nos caracteriza como verdadeiros servos do Senhor.

Finalmente, Samuel descobriu que grandes coisas Deus podia fazer por intermédio dele. O capítulo termina dizendo: “Continuou o SENHOR a aparecer em Siló, enquanto por sua palavra o SENHOR se manifestava ali a Samuel” (1Sm 3.21–4.1). Por meio de Samuel, a palavra de Deus foi restaurada a toda a nação. A realidade é que cada crente que se dedica a conhecer e comunicar a palavra de Deus vivenciará Deus agindo por meio dele de modo notável e com amplas consequências. Poucos de nós terão um ministério de tão amplas consequências quanto o de Samuel, mas, se colocarmos a palavra de Deus em toda esfera em que ele nos colocar, ficaremos espantados com os resultados

transformadores.

Jesus afirmou esse princípio quando descreveu o que acontece quando a semente da palavra de Deus cria raízes no solo bom de um coração preparado pelo Espírito Santo. A colheita é diferente em cada caso, mas é sempre extraordinária: “O que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um” (Mt 13.23). “Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei” (Is 55.11). Dadas essas verdades, os cristãos descobrirão que a palavra de Deus na mão de Deus é suficiente para fazer sua obra na igreja e no mundo.

Respondendo à palavra de Deus

Alguns de nós podem nos envergonhar com a resposta de Samuel quando Deus o chamou. Bill Arnold comenta corretamente que “1Samuel 3 tem o objetivo de nos despertar da nossa grande letargia, como despertou Samuel do seu sono no início da manhã”.[7] Quando Deus nos chamar, respondamos do mesmo modo que Samuel respondeu a Eli e a Deus: “Eis-me aqui, pois tu me chamaste” (1Sm 3.5). Há chamados que são comuns a todos os cristãos: o chamado para crer em Cristo, para crescer em piedade, para estudar a palavra de Deus e para anunciar a palavra de Deus ao mundo. Mas Deus tem chamados específicos para pessoas diferentes: ter interesse na salvação de uma pessoa específica, trabalhar num ministério de assistência social na igreja, sair de casa para servir num campo missionário, entrar no ministério ordenado, servir como presbítero ou diácono, assumir o compromisso de educar uma criança e fazer sacrifícios financeiros para sustentar uma causa do reino, para citar apenas alguns. Esses chamados constituem momentos decisivos na nossa vida, e nossa produtividade na vida é determinada, em grande parte, pela nossa disposição de repetir a resposta de Samuel: “Eis-me aqui, pois tu me chamaste”.

Quando eu estava inicialmente tentando responder o chamado de Deus para pregar o evangelho, era ocasionalmente convidado para falar numa reunião dominical na Academia Militar dos Estados Unidos, onde lecionava. Quase toda vez que eu ia, os líderes ficavam freneticamente procurando alguém que tocasse piano. Naquela época, descobri que um dos frequentadores regulares era um talentoso pianista, de modo que lhe perguntei: “Por que você nunca se

voluntariou para tocar piano, sendo que essa é uma necessidade permanente?" Nunca me esquecerei da sua resposta: "Se eu começar a me voluntariar para servir a Deus, vou acabar na África. Não quero ir para a África, por isso não me voluntario para nada". Dificilmente pode haver um modo mais seguro de manter-se afastado do crescimento e de vivenciar o poder da graça de Deus do que seguir o exemplo desse homem. Para começar, se Deus quiser que você vá para a África, então a África é o lugar onde você será abençoado. Mais importante: Deus é tão digno de nossa fé obediente, humilde submissão e adoração reverente, que nunca estaremos errados se formos para onde ele nos conduzir e servirmos como ele nos chamou.

Você está disposto a fazer eco às palavras do jovem Samuel, dizendo a Deus: "Eis-me aqui, Senhor, pois tu me chamaste. Fala, porque o teu servo ouve"? Há muitas razões para isso. Paulo nos lembra que Deus provou seu grande amor por nós enviando seu próprio Filho para morrer na cruz pelos nossos pecados. Ele argumenta: "Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (Rm 8.32). Jesus disse: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). Ele acrescentou:

Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna (Mc 10.29-30).

À luz dessas passagens, atender o chamado de Jesus para servir é o melhor investimento que um crente pode fazer.

Essas são razões muito boas para atender a Deus quando ele chama. Mas a melhor razão é aquela que fez o jovem Samuel ir rapidamente ao quarto do idoso Eli quando pensou que o sumo sacerdote o estava chamando: ele o amava e tinha prazer em servi-lo. O apóstolo João escreveu: "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 4.10). Quanto mais claramente

percebermos a grandeza do amor de Deus e a preciosidade do dom do seu Filho para morrer pelos nossos pecados, mais fervorosamente o amaremos e mais agradecidos seremos por ele ter falado sua palavra ao nosso coração. E, quando ele chamar, responderemos prazerosamente: “Eis-me aqui, pois tu me chamaste”.

1 David Toshio Tsumura, The First Book of Samuel, New international commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 177.

2 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 51.

3 Bill T. Arnold, 1 & 2 Samuel, NIV application commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2003), 89-90.

4 Citado em ibid., 90.

5 Keddie, Dawn of a kingdom, 56-57.

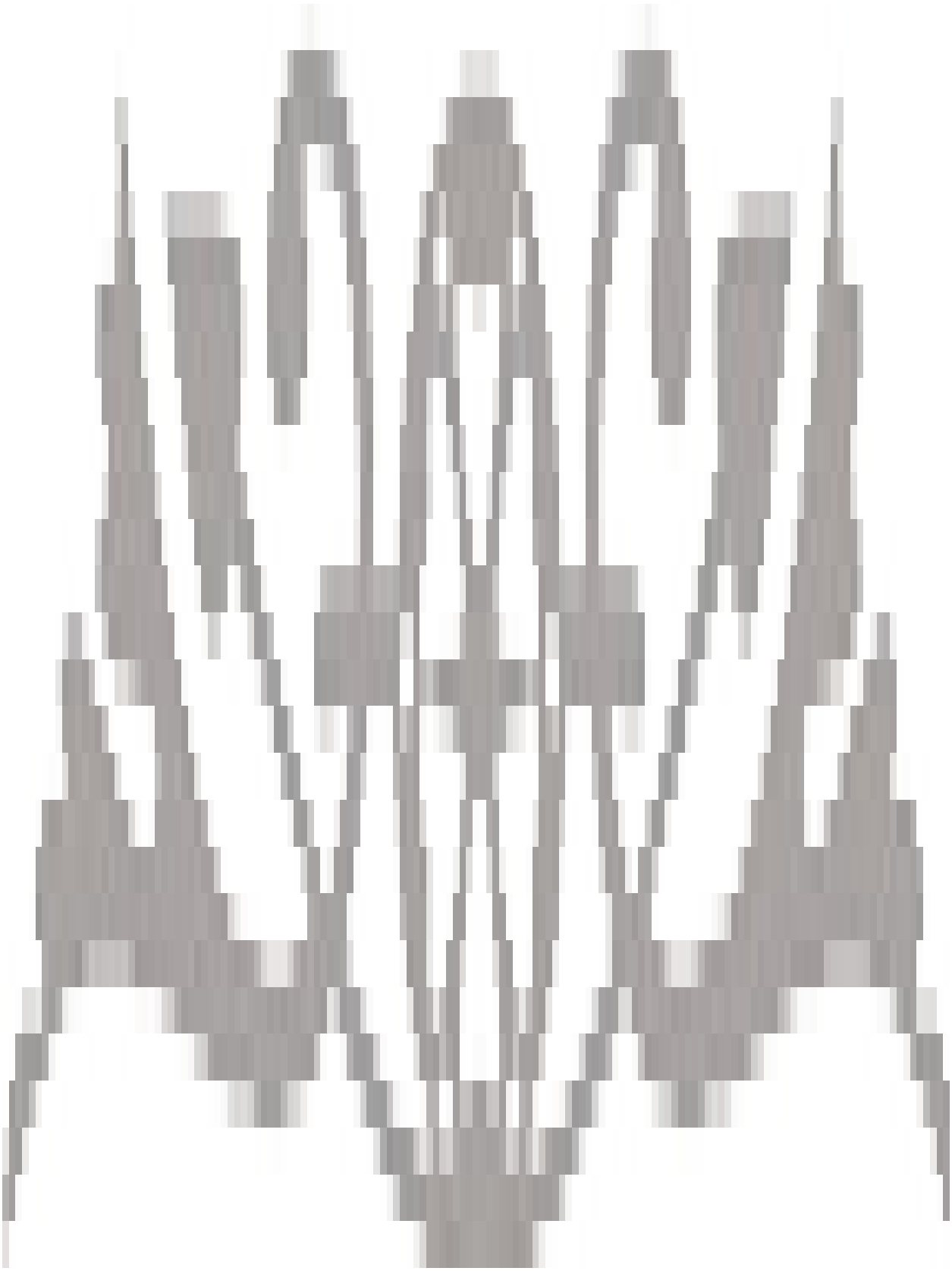
6 William G. Blaikie, Expository Lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpressão, Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 57.

7 Arnold, 1 & 2 Samuel, 85-86.

7

RELIGIÃO DE PODER

1Samuel 4.1-11



Disseram os anciãos de Israel: Por que nos feriu o SENHOR, hoje, diante dos filisteus? Tragamos de Siló a arca da aliança do SENHOR, para que venha no meio de nós e nos livre das mãos de nossos inimigos. (1Sm 4.3)

Para muitos cristãos, a arca da aliança exerce imenso fascínio. A arca era uma caixa de madeira de acácia revestida de ouro na qual eram guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos, e que representava a presença de Deus no Santo dos Santos, dentro do templo de Israel. O esforço para encontrar a arca perdida tornou-se um empreendimento de pequena escala, especialmente entre cristãos absorvidos por esquemas, livros e vídeos premilenaristas sobre o fim dos tempos. A arca da aliança fascina até mesmo os não crentes, que a consideram um talismã para acessar poderes divinos ou mágicos. Por exemplo, Marcus Brody, amigo de Indiana Jones no filme de ficção Os caçadores da arca perdida, acreditava que "o exército que carrega a arca à sua frente é invencível".

A passagem de 1Samuel 4 começa com uma longa sequência conhecida pelos estudiosos como "A narrativa da arca", que abrange a passagem de 1Samuel 4.1–7.2. Tendo se concentrado até esse ponto no nascimento e no chamado de Samuel para ser profeta e juiz, a história prossegue, substituindo-o por esses três capítulos que falam do destino da arca sagrada de Deus. No capítulo 4, a arca é apresentada como o ponto focal da "religião de poder" – isto é, uma tentativa idólatra de aproveitar o poder de Deus para nossos próprios propósitos no mundo.

Uma pergunta que precisa ser respondida

Depois de nos concentrarmos nos assuntos particulares da pequena família de Elcana e Ana e depois nos acontecimentos da vida do jovem Samuel, agora nossa visão é ampliada para examinarmos as questões de Israel. Essas questões são centradas na ameaça dos vizinhos filisteus, um povo navegante que era originário das ilhas do mar Egeu. Descendo a costa da Palestina no início do século 12 a.C., os filisteus construíram cinco cidades-Estado entre o mar e o interior montanhoso de Judá. Na Bíblia, os filisteus aparecem pela primeira vez

durante o juizado de Débora (Jz 3.31). No tempo de Sansão, eles haviam aumentado sua influência no interior e subjugado grande parte de Israel. Sansão travou uma dura luta contra os filisteus, até ser traído e capturado. Na hora de sua morte, Sansão recuperou sua força sobrenatural para derrubar os pilares do templo filisteu. Causando um grande revés ao inimigo, Sansão se matou juntamente com todos os senhores filisteus e 3.000 outras pessoas.

Tudo isso era história recente na Israel do tempo de Samuel. Nesse momento, os filisteus haviam se reagrupado e começado a fazer incursões no território montanhoso de Efraim, não longe de Siló e seu tabernáculo. O capítulo 4 começa: “Israel saiu à peleja contra os filisteus e se acampou junto a Ebenézer; e os filisteus se acamparam junto a Afeca” (1Sm 4.1). Afeca era uma cidade efraimita próxima à fronteira filisteia-israelita. Para conter essa ameaça, o exército de Israel se reuniu perto de Ebenézer. O relato da primeira batalha em Ebenézer é tão breve quanto a batalha foi desanimadora: “Dispuseram-se os filisteus em ordem de batalha, para sair de encontro a Israel; e, travada a peleja, Israel foi derrotado pelos filisteus; e estes mataram, no campo aberto, cerca de quatro mil homens” (1Sm 4.2).

No linguajar moderno, a palavra filisteu refere-se a uma pessoa que não tem cultura ou é hostil a ela. No entanto, os antigos filisteus eram tão ou mais avançados que qualquer dos povos vizinhos – tecnológica, militar e administrativamente. Por isso, eram um incômodo e um perigo constante para Israel. Gordon Keddie escreve: “Seu expansionismo incansável, portanto, foi um desafio perene à integridade territorial e à soberania nacional do povo da aliança de Deus. [...] Eles eram [...] o ‘açoite de Deus’, levantados para castigar os apóstatas do povo do Senhor”. Portanto, “o relacionamento de Israel com os filisteus era um barômetro do seu relacionamento com Deus. Quando eram derrotados, viam a derrota como uma retirada do favor divino”.[1]

Um exemplo do desfavor divino é dado pela primeira derrota em Ebenézer: “Voltando o povo ao arraial, disseram os anciãos de Israel: Por que nos feriu o SENHOR, hoje, diante dos filisteus?” (1Sm 4.3). Os anciãos sabiam que Deus é soberano sobre todas as coisas e também entendiam que, por trás do sucesso ou do fracasso em batalha estava um sinal direto do favor ou do desfavor de Deus. Afinal de contas, quando Josué conduziu as tribos para Canaã, foi Deus quem lhes deu vitória em Jericó. Mas quando Acã pecou, também foi Deus quem fez o mesmo exército fracassar em Ai (Js 7). Sofrendo essa nova derrota, com 4.000 homens perdidos numa só batalha,[2] os anciãos voltaram sua mente para Deus:

“Por que nos feriu o SENHOR?”

Essa derrota em Ebenézer encaixa-se no padrão revelado em todo o livro de Juízes. Ao longo de todo esse período sombrio da história de Israel, havia um ciclo previsível de acontecimentos. Primeiro Israel se esquecia do Senhor e pecava contra sua lei. Como resultado, o Senhor entregava os israelitas nas mãos dos seus inimigos. Durante esse período de opressão estrangeira, o povo cedo ou tarde se arrependia e voltava para o Senhor. Ele, então, enviava o próximo líder na linha de juízes para trazer vitória e salvá-los dos seus inimigos. Pouco depois, o povo se afastava novamente do Senhor, mergulhando em idolatria ainda pior que a anterior, provocando, assim, outro juízo da parte de Deus na forma de conquista e dominação. Esse padrão espiral para baixo continuou sob a libertina liderança de Eli e seus filhos.

Alguns estudiosos argumentam que a administração da justiça por parte de Deus no Antigo Testamento, conhecida como justiça retributiva, não é mais válida no Novo Testamento. Porém, a evidência do Novo Testamento deixa claro que as coisas não mudaram tanto quanto se pode pensar. Quando Pedro decretou a morte de Ananias e Safira, a justiça de Deus fez retribuição pelo pecado de mentir ao Espírito Santo. Mais significativa é a afirmação feita no Novo Testamento a respeito do juízo final depois do retorno de Cristo, no qual os incrédulos são “julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros” (Ap 20.12), uma afirmação clara da justiça retributiva. Considerando as advertências de Deus contra o pecado escandaloso em toda a Bíblia, os anciãos de Israel estavam certos em buscar uma resposta para a causa da ofensa de Deus. Os comentários de Keddie a respeito da repreensão de Deus a Israel merecem a consideração da igreja ainda hoje: “Ele os chamou para enfrentarem as consequências do seu pecado, de modo que pudessem mudar seus caminhos e desfrutar da bênção divina num futuro brilhante com o amor redentor de seu Deus-Pai”.[3]

A resposta errada: religião de poder

Infelizmente, os anciãos de Israel não examinaram suficientemente essa questão. Eles não foram consultar Samuel, o profeta por meio de quem Deus estava falando. Em vez disso, rapidamente tomaram uma medida da sua própria criação para tentar remediar a situação. “Tragamos de Siló a arca da Aliança do

SENHOR, para que venha no meio de nós e nos livre das mãos dos nossos inimigos" (1Sm 4.3), disseram eles. Rapidamente concordando, "mandou, pois, o povo trazer de Siló a arca do SENHOR dos Exércitos" (1Sm 4.4).

Há dois modos principais de considerar a ação dos israelitas, um dos quais é mais caridoso, mas ambos são condenatórios. Mais caridosamente, alguns comentaristas supõem que Israel via a arca como um símbolo da aliança de Deus e, portanto, como um penhor do seu compromisso com o sucesso do povo. John Woodhouse adota essa interpretação, argumentando que "os anciãos, provavelmente, não eram tão grosseiros para imaginar a arca simplesmente em termos mágicos, como se sua simples presença trouxesse o poder de Deus para o lado deles".[4] A outra interpretação afirma que era exatamente isso que os israelitas tinham em mente. No versículo 4, o narrador descreve Deus como "o SENHOR dos Exércitos, entronizado entre os querubins". Os querubins eram os dois anjos de ouro que ficavam sobre a tampa da arca. Essa descrição reforça a ideia de que os anciãos acreditavam que a presença e o poder de Deus estavam fisicamente ligados à arca.

Lembre-se de que a história de Israel está repleta de ocasiões dramáticas em que a presença da arca da aliança trouxe poder divino para vitória. A arca era carregada diante das tribos de Israel que marchavam no êxodo. Números 10.35 nos diz que "Partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam". Quando Israel atravessou o Jordão para entrar em Canaã, a arca foi adiante do povo como um sinal da vitória prometida por Deus (Js 3.10-11); na grande vitória sobre a poderosa Jericó, os sacerdotes foram diante da arca, tocando trombetas, e os muros de Jericó caíram (Js 6.4-20). Seria fácil demais o povo acreditar que era a arca que trazia poder milagroso, e não o próprio Deus – sua presença era meramente simbolizada pela arca – quem dava vitórias a Israel. Especialmente num tempo em que o povo não conhecia o Senhor (1Sm 3.7), é praticamente inevitável que ele pensasse que a arca era uma caixa de poder divino. Por isso, os anciãos mandaram buscar a arca que colocava – pensavam eles – o poder de Deus à disposição deles.

O exercício da religião como uma tentativa de manipular ou controlar Deus é comum tanto na Bíblia quanto no nosso mundo contemporâneo. De fato, se há um tempo em que o tipo de "religião de poder" praticado pelos anciãos de Israel está na moda, esse tempo deve ser hoje. De acordo com a Bíblia, o propósito da nossa fé é levar-nos ao conhecimento salvador de Deus (Jo 17.3), para que

possamos crescer em santidade (Ef 4.20-24) e servir ao Senhor enquanto fazemos nossa peregrinação para o céu (1Pe 2.9). Conhecer a Deus, crescer em santidade e servir ao Senhor e seu evangelho são as prioridades da Bíblia para a vida cristã. Porém, essa interpretação está distante da motivação que está por trás de grande parte do cristianismo popular e da sua apresentação ao mundo.

Um exemplo é um homem de negócios que vê pouco valor no cristianismo até que seja informado de que Deus tem o poder de manter seu negócio a salvo. Uma pessoa doente é orientada a buscar a Deus porque ele tem o poder de curar. Uma estudante em época de provas recorre a Deus em oração porque sabe que Deus tem o poder de fazê-la tirar notas altas. Um político adquire um súbito interesse em Deus quando eleitores cristãos fazem pressão suficiente. Independentemente do que Deus possa fazer para suprir nossas necessidades imediatas, essas pessoas têm pouco interesse genuíno em fé ou religião. Em todos esses casos, suas ações consistem de "tentativas humanas de aproveitar o poder de Deus".[5] Dale Ralph Davis se refere a essa abordagem ao cristianismo como "teologia pé de coelho": "Nosso interesse não é buscar a Deus, mas controlá-lo; não nos submetermos a Deus, mas usá-lo. Assim, preferimos a religião mágica à santidade espiritual; estamos interessados em sucesso, não em arrependimento".[6]

Uma marca indiscutível daqueles que praticam religião de poder, ou "teologia pé de coelho", é uma ênfase sobre técnicas religiosas ou espirituais. Era assim que os anciãos de Israel pensavam: eles tinham uma tecnologia que traria o poder de Deus. Eles não voltaram seu coração para Deus. Eles não perguntaram a Deus por que ele havia permitido a derrota do povo. Eles não se humilhavam e buscavam primeiro o reino de Deus e a sua justiça, para só então buscar as outras coisas (cf. Mt 6.33). Vemos uma atitude semelhante em cristãos e igrejas que se dedicam a vigílias de oração que duram o mês inteiro, mas que nunca consultam a Bíblia para saber como Deus quer que eles corrijam seus caminhos.

Uma ilustração de religião de poder é vista no contraste entre os líderes do Primeiro Grande Despertamento na América (meados do século 18) e o Segundo Grande Despertamento (início do século 19). O Primeiro Grande Despertamento chegou como uma obra poderosa e inesperada de Deus, quando seu Espírito acompanhou a simples e fiel pregação de sua palavra. Não houve técnica ou método específico no Primeiro Grande Avivamento, e seus líderes se dedicavam à piedade pessoal, à oração em busca da vontade de Deus e à fervorosa e sincera pregação da Bíblia. Esse verdadeiro avivamento foi um derramamento soberano

do Espírito de Deus que mudou fundamentalmente o caráter da América. No entanto, no Segundo Grande Despertamento, a ênfase mudou para os mecanismos de reavivamento que dominou a cultura desde então: chamados ao altar, levantamento de fundos orientados por números e, frequentemente, táticas evangelísticas bizarras e manipuladoras. Hoje, os cristãos têm seguido os anciãos israelitas na busca de mecanismos para agarrar o poder de Deus, em vez de se voltarem para o próprio Deus e se humilharem, buscando sua graça.

A entrada da arca da aliança no acampamento em Ebenézer apresenta uma cena impressionante: “Os dois filhos de Eli, Hofni e Fineias, estavam ali com a arca da Aliança de Deus” (1Sm 4.4). A arca era o sinal da presença de Deus, e ali, como seus acompanhantes, estavam os dois homens mais ofensivos a Deus: os ímpios filhos de Eli. Dentro da arca estavam as tábuas da lei de Deus, que Hofni e Fineias haviam quebrado descaradamente enquanto serviam como sacerdotes de Israel. Essa separação entre as santas exigências de Deus e suas bênçãos é característica da religião de poder. Tudo se resume em fazer Deus nos servir, em vez de nós servirmos a ele. Se a derrota dos israelitas na batalha não os tivesse lembrado da necessidade de estarem corretos com Deus, a presença da arca da aliança seguramente teria feito isso. Vendo a arca, os exércitos de Israel deviam lembrar-se da lei de Deus, considerar seu próprio pecado e lançar-se à misericórdia de Deus, simbolizada pelo trono de misericórdia no topo da arca, onde o sangue do cordeiro sacrificial – tipificando o sacrifício de Jesus Cristo – era aspergido para cobrir o pecado de Israel diante dos olhos de Deus. Em vez disso, Israel era tão presunçoso do favor de Deus que o povo não viu perigo em ter os dois sacerdotes que transgrediam a lei como escolta para a santa arca de Deus.

Essa pressuposição arrogante da bênção de Deus é característica especialmente de nações em tempo de guerra. É um fato pouco conhecido que as fivelas dos cintos do exército alemão do regime de Adolf Hitler tinham a inscrição Gott mit uns, que significa “Deus está conosco”. Na Guerra Civil Americana, os dois lados podiam ser elogiados e condenados pelo apelo ao auxílio divino que faziam. Os sulistas clamavam pelo auxílio divino enquanto fechavam seus próprios ouvidos aos clamores dos seus escravos negros. Os nortistas se orgulhavam por serem servos da vontade de Deus enquanto pilhavam e queimavam tudo o que viam pelo caminho através da Geórgia e da Carolina do Sul. O essencial é que, se quisermos buscar o poderoso auxílio de Deus em batalha, devemos buscar seriamente honrar a Deus, dando atenção às repreensões, correções e instruções encontradas na Bíblia.

O fracasso da religião de poder

É improvável que os anciãos de Israel estivessem se importando muito com o que Deus podia estar pensando de suas ações. Eles tinham o pé de coelho divino e "sucedeu que, vindo a arca da Aliança do SENHOR ao arraial, rompeu todo o Israel em grandes brados, e ressoou a terra" (1Sm 4.5).

A passagem conclui com os resultados do fato de Israel ter recorrido à religião de poder sem arrependimento diante de Deus. O primeiro resultado foi a falsa confiança do exército israelita. Seu "grito poderoso", que ecoou tão alto a ponto de ser ouvido no acampamento filisteu, a cerca de 3 quilômetros de distância, lembra as antigas guerras santas em que Israel havia triunfado (cf. Js 6.5; Jz 7.20). Eles acreditavam que Deus estava com eles como antes, quando, de fato, Deus não havia ordenado a batalha e não agiria para protegê-los dos seus inimigos.

Segundo, a chegada da arca teve efeito não apenas sobre os israelitas, incitando-os a falsa confiança, mas também sobre o acampamento filisteu:

Ouvindo os filisteus a voz do júbilo, disseram: Que voz de grande júbilo é esta no arraial dos hebreus? Então, souberam que a arca do SENHOR era vinda ao arraial. E se atemorizaram os filisteus e disseram: Os deuses vieram ao arraial. E diziam mais: Ai de nós! Que tal jamais sucedeu antes. Ai de nós! Quem nos livrará das mãos destes grandiosos deuses? São os deuses que feriram aos egípcios com toda sorte de pragas no deserto. Sede fortes, ó filisteus! Portai-vos varonilmente, para que não venhais a ser escravos dos hebreus, como eles serviram a vós outros! Portai-vos varonilmente e pelejai! (1Sm 4.6-9)

Os filisteus haviam ouvido falar da arca e do grande poder que Deus exerceu quando Moisés tirou os israelitas do Egito. O medo da arca veio sobre eles, como os israelitas queriam. Esse, porém, não foi um medo que veio de Deus, mas o medo de uma inovação tática poderosa, de acordo com o pensamento supersticioso deles. Em vez de fugirem atemorizados, resolveram, ao contrário,

empregar seus melhores esforços. O exercício dos israelitas na religião de poder só serviu para incitar a concentração dos filisteus no seu valor: “Portai-vos varonilmente e pelejai!” (1Sm 4.9).

Esse episódio mostra que, quando se trata de manipular ou excitar as paixões carnais dos homens, o mundo é tão competente quanto os cristãos e ainda mais capaz de reunir poder mundano. A menos que nosso poder na guerra cultural e espiritual seja verdadeiramente o poder de Deus, dirigido pela sua palavra, motivado pela sua graça e vitalizado pelo seu Espírito, o poder do mundo é facilmente capaz de vencer nossas pretensões religiosas.

O terceiro resultado foi a derrota de Israel em combate, com efeitos calamitosos: “Então, pelejaram os filisteus; Israel foi derrotado, e cada um fugiu para a sua tenda; foi grande a derrota, pois foram mortos de Israel trinta mil homens de pé” (1Sm 4.10).[7] Alarmados pela presença da arca, os filisteus atacaram, dizimaram o exército israelita e capturaram a arca da aliança. No entanto, na derrota de Israel, o propósito de Deus foi estabelecido de acordo com a profecia dada a Samuel: “Foi tomada a arca de Deus, e mortos os dois filhos de Eli, Hofni e Fineias” (4.11). Assim terminou o governo da casa de Eli. Também terminou a preeminência de Siló como o centro da religião pactual de Deus; em ardente perseguição, os filisteus devastaram e destruíram a capital religiosa de Israel. O salmo 78 lamenta como Deus “abandonou o tabernáculo de Siló, a tenda de sua morada entre os homens, e passou a arca da sua força ao cativeiro, e a sua glória, à mão do adversário. Entregou seu povo à espada e se encolerizou contra a sua própria herança” (Sl 78.60-62).

Assim terminou o governo dos sacerdotes em Siló, exatamente como Deus havia planejado, por causa do reinado que estabeleceria por meio de Samuel. Apesar de tudo o que Israel e os filisteus pudessem pensar, a captura da arca e a derrota do exército de Israel não significavam a derrota de Deus. Os anciãos pensaram que, trazendo a arca, tinham assegurado que Deus defenderia sua honra; não perceberam que Deus queria defender sua honra enviando os filisteus para trazer juízo sobre seu povo idólatra.

A alternativa à religião de poder

Qual é a alternativa à religião de poder? É a religião da Bíblia, que Martinho

Lutero resumiu como a “teologia da cruz”. A religião bíblica não é uma série de técnicas para manipular a boa vontade de Deus ou para aproveitar-se do poder de Deus. Em vez disso, é um apelo humilde à misericórdia e à graça de Deus, que ele ofereceu por meio do ministério sacerdotal do seu Filho, Jesus Cristo. De fato, foi por causa do fracasso dos sacerdotes de Israel como Hofni e Fineias que Deus enviou seu próprio Filho para nos salvar do pecado e nos restaurar à sua bênção.

A arca da aliança apresentava uma imagem de Cristo em sua obra perfeita – cumprindo a lei de Deus por nós e derramando seu sangue expiatório – de modo que a presença e o favor de Deus estão conosco por meio da nossa união com Cristo em fé. É por isso que as modernas tentativas de encontrar a arca são mal orientadas: a arca foi cumprida na vida de Cristo. João Batista anunciou esta verdade quando disse sobre Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). A verdadeira religião é aquela que vai a Deus humildemente e confessa nosso pecado, confiando no precioso sangue do Cordeiro de Deus, derramado por Cristo na cruz. A verdadeira religião, então, procura glorificar a Deus na nossa vida quando fazemos a vontade dele, não a nossa.

Sem dúvida você quer o poder de Deus para ajudá-lo nas suas lutas e provações diárias, e no seu lugar correto, esse desejo é bom e honra a Deus. Mas você percebeu que deve lidar com Deus primeiro? Você deve comparecer perante ele nos termos dele, aceitando a exigência de justiça perfeita que sua santidade requer. Essa era a percepção que a chegada da arca devia ter inspirado, pois a arca foi planejada para guardar a lei de Deus e também para prover os meios para purificação, por meio do sangue derramado do cordeiro. Percebendo isso, o exército israelita não devia ficar dando gritos de entusiasmo carnal, mas de lamentos pelos seus pecados e pela misericórdia de Deus – um som muito mais aterrorizante para o mundo e para os demônios do que os gritos de aclamação que surgiram no acampamento de Israel. Com Cristo em nosso meio, pela fé na sua cruz, verdadeiramente podemos prevalecer na guerra santa contra Satanás e o pecado, sabendo, com Paulo, que nada no céu ou na terra “poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.39).

Os anciãos de Israel revelaram sua atitude no uso de uma única palavra reveladora. Eles exigiram a arca, confiando que “[ela] venha no meio de nós e nos livre das mãos de nossos inimigos” (1Sm 4.3). Eles estavam confiando nela para salvá-los – sua caixa, sua máquina-Deus – e não nele, o Deus vivo. Há algum ela/ele em que você esteja confiando em vez de confiar em Deus –

alguma técnica, alguma rotina, algum ritual, alguma busca espiritual pessoal que, na verdade, apenas o impede de se colocar diante de Deus? Para muitas pessoas hoje, música emocionalmente carregada é algo essencial para sua vida espiritual. Outros procuram suprir suas necessidades espirituais primariamente por meio da vida social da igreja. Esses são apenas exemplos de como se pode colocar coisas – até mesmo coisas boas – no lugar de Deus. Não há nenhuma coisa pela qual possamos ser salvos – nem mesmo coisas boas, como nosso batismo, nossa frequência à igreja ou nosso conhecimento da Bíblia e de teologia. Nunca somos salvos por uma coisa, mas somente por Deus, o Deus soberano de justiça e misericórdia, que exige que nos arrependamos, sejamos transformados e creiamos na sua graça e a busquemos.

Você está enfrentando alguma luta, algum fracasso, alguma prova em que precise do poder de Deus para sua salvação? Volte-se para Deus em busca de misericórdia e graça em Jesus Cristo. “Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Is 55.7).

1 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 61-62.

2 Os estudiosos debatem se isso deve ser entendido como quatro “mil” ou como quatro “companhias”, já que a palavra para mil também é usada para o equivalente israelita de modernas pequenas unidades militares. Kyle McCarter observa que, em Números 1, essas unidades contêm de cinco a 14 homens. Usando esse cálculo, ele sugere um número entre 20 e 65 baixas na primeira derrota de Israel em Ebenézer, um número mais provável dado o contexto histórico. Veja P. Kyle McCarter Jr., 1 Samuel, Anchor Bible, v. 8 (Nova York: Doubleday, 1980), 105, 107.

3 Keddie, Dawn of a kingdom, 63.

4 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 90.

5 Ibid., 85.

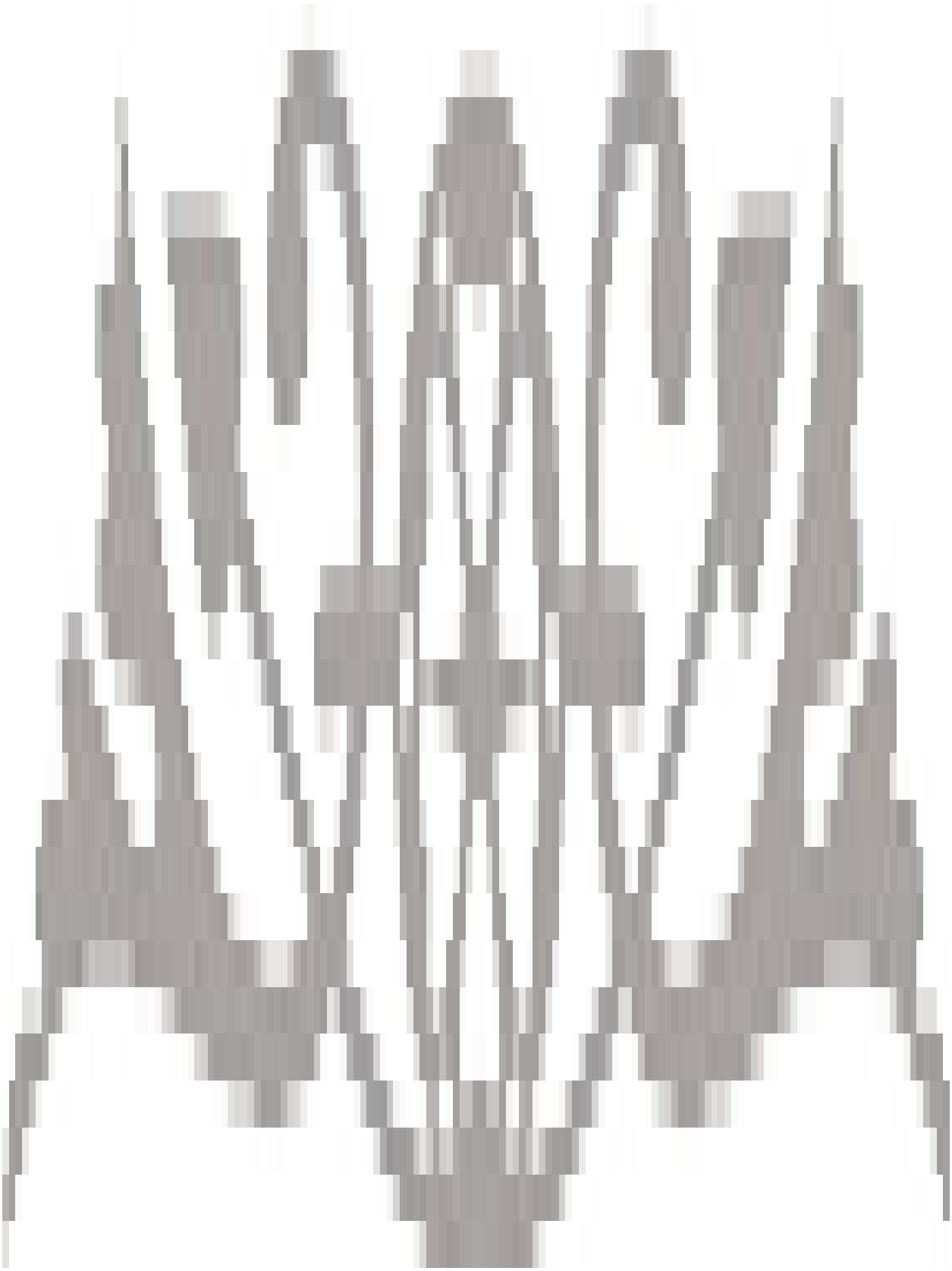
6 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 43.

7 Adotando a abordagem sugerida por McCarter ao examinar o versículo 2, esse número seria revisado para algo entre 150 e 420 homens. McCarter, 1 Samuel, 107.

8

ICABÔ!

1Samuel 4.12-22



... chamou ao menino Icabô, dizendo: Foi-se a glória de Israel. Isto ela disse, porque a arca de Deus fora tomada e por causa de seu sogro e de seu marido. (1Sm 4.21)

O profeta Isaías exclamou: “Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas” (Is 52.7). Talvez o exemplo mais famoso que temos disso seja o de Filípides, que correu os cerca de 43 quilômetros de Maratona a Atenas com a notícia da vitória dos gregos sobre os persas (490 a.C.). Chegando a Atenas, Filípides gritou: “ Nenike ’kamen! ” (que significa “nós vencemos”) e imediatamente caiu morto. Os atletas, hoje, celebram seu feito correndo a mesma distância, numa corrida conhecida como maratona.

Não há dúvida de que Eli, sumo sacerdote de Israel, teria se alegrado com uma boa notícia semelhante enquanto esperava, em Siló, por um relato da batalha contra os filisteus. Afirma-se que observadores ansiosos podiam adivinhar a notícia simplesmente observando a postura do mensageiro que se aproximava, caso em que Eli e seus companheiros israelitas provavelmente ficariam preocupados. A passagem de 1Samuel 4.12 nos diz: “Correu um homem de Benjamim, saído das fileiras, e, no mesmo dia, chegou a Siló; trazia rasgadas as vestes e terra sobre a cabeça”. Correr 32 quilômetros por um terreno irregular foi um feito atlético notável, embora talvez não tão épico quanto o de Filípides. No entanto, por maior que tivessem sido sua força e seu valor, a chegada do benjamita nunca será lembrada com alegria, pois sua própria aparência era sinal de más notícias.

O fim de uma era de trevas

Enquanto Eli, o sumo sacerdote, esperava, estava “assentado numa cadeira, ao pé do caminho, olhando como quem espera, porque o seu coração estava tremendo pela arca de Deus” (1Sm 4.13). Essa é uma observação reveladora: Eli parece sempre estar sentado e esperando, quando devia estar de pé e agindo. Nesse caso, era de se esperar que Eli estivesse pelo menos esperando de modo otimista, certo de que receberia uma boa notícia. Afinal de contas, a arca da

aliança havia ido para a batalha com Israel. Quando a arca chegou ao acampamento, os soldados de Israel deram “grandes brados” (4.5) e, quando os filisteus souberam que a arca havia sido levada para lá, “se atemorizaram” (4.7). Então, o que Eli sabia que o exército dos filisteus não sabia? Por que ele estava tremendo, com medo, enquanto esperava por notícias?

Há duas respostas para essa pergunta. A primeira é que Eli havia recebido uma profecia de um anônimo “homem de Deus” (1Sm 2.27). Como Eli havia permitido que seus filhos pecassem no tabernáculo, ele foi informado que “todos os descendentes da tua casa morrerão na flor da idade. Ser-te-á por sinal o que sobrevirá a teus dois filhos, a Hofni e Fineias: ambos morrerão no mesmo dia” (2.33-34). Essa profecia foi confirmada posteriormente na primeira mensagem de Deus por intermédio de Samuel: “Julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu” (3.13).

Com essas profecias soando nos seus ouvidos, entendemos por que Eli tremeu no dia que seus dois filhos levaram a arca para a batalha. Seria esse o dia em que cairia o castigo de Deus? O coração do homem pecaminoso fica sempre inquieto em tempos de perigo porque sua consciência dá testemunho de sua culpa diante de Deus. João Calvino sabiamente comentou: “Aquele que é o mais ousado desprezador de Deus é, de todos os homens, o que fica mais amedrontado com o ruído de uma folha que cai”.[1] Como Deus ameaçou juízo sobre todo pecado, apenas aqueles cujos pecados foram purificados pelo sangue de Cristo podem enfrentar as tempestades da vida com paz no coração.

Há uma segunda razão pela qual Eli tremia de ansiedade. Certamente ele estava consciente de que a arca só devia ser transportada por ordem de Deus (Dt 12.5,11). Em todas as grandes vitórias de Israel, Deus enviou seu povo para a batalha, prometendo seu auxílio poderoso: o povo não ia para a batalha pela sua própria iniciativa, ordenando Deus a levar seu poder. Até mesmo homens e mulheres piedosos perdem a paz quando agem de modo contrário à palavra de Deus. O único modo seguro para enfrentarmos os problemas da vida é, primeiro, sermos justificados por Deus pela fé em Cristo e, segundo, agir em obediência à palavra de Deus.

O mensageiro chegou, passando por Eli: “Depois de entrar o homem na cidade e dar as novas, toda a cidade prorrompeu em gritos. Eli, ouvindo os gritos, perguntou: Que alvoroço é esse? Então, se apressou o homem e, vindo, deu as

notícias a Eli" (1Sm 4.13-14). "Disse o homem a Eli: Eu sou o que saí das fileiras e delas fugi hoje mesmo. Perguntou-lhe Eli: Que sucedeu, meu filho? Então, respondeu o que trazia as novas e disse: Israel fugiu de diante dos filisteus, houve grande morticínio entre o povo, e também os teus dois filhos, Hofni e Fineias, foram mortos" (4.16-17). Essa foi uma notícia terrível, mas não inesperada: os filisteus haviam vencido, um grande número de israelitas havia sido morto, e entre eles estavam seus dois filhos. Mas Eli não estava preparado para a última parte da notícia: "e a arca de Deus foi tomada" (4.17).

A notícia da arca perdida atordoou o sumo sacerdote. Eli estava pronto para aceitar sua própria queda do ofício e até mesmo a morte dos seus filhos – afinal, eles mereciam e Deus havia predito isso (1Sm 2.31-34) –, mas ele nunca havia imaginado que o juízo de Deus sobre os seus pecados colocaria em perigo toda a nação. O choque da notícia literalmente o matou: "Ao fazer ele menção da arca de Deus, caiu Eli da cadeira para trás, junto ao portão, e quebrou-se-lhe o pescoço, e morreu" (4.18). Assim Eli terminou sua vida e seu ministério. Esse foi o fim, de fato, de uma era sombria que durou por todo o período dos juízes. Essa era começou com os filhos de Israel esquecendo-se do Senhor e buscando outros deuses (Jz 2.10-12) e terminou com a perda da própria presença de Deus, tendo sua glória se afastado do povo com a arca perdida da aliança. Este foi, diz um comentarista, "um ponto na história de Israel mais baixo que qualquer outro desde o cativeiro no Egito".[2]

O comentário dessa passagem a respeito de Eli é deprimente. Somos informados de que seu coração estava agitado, que seus olhos eram cegos, que ele era idoso e obeso (provavelmente tendo se beneficiado do roubo que seus filhos faziam das carnes consagradas) e de que ele morreu com o pescoço quebrado, o mesmo juízo que Deus infligiria, no capítulo seguinte, ao deus filisteu Dagom. Esse é o testamento final de um homem que havia "julgado a Israel quarenta anos" (1Sm 4.18). Seu legado foi de fracasso e desespero total.

Como isso aconteceu? Uma resposta é que não sabemos totalmente. A Bíblia não registra nem os anos anteriores de Eli como sumo sacerdote e juiz nem qualquer uma de suas realizações. Não sabemos se ele começou bem ou mal, nem como ele se desviou. Talvez isso seja resultado da dor pela sua esposa, que morreu antes que os acontecimentos registrados em 1Samuel tivessem lugar. Talvez Eli fosse como muitos outros homens, cuja dedicação ao trabalho os faz negligenciar a educação dos filhos, o que, no caso de Eli, levou à sua ruína total. Simplesmente não sabemos.

Outra resposta é que a queda e a desgraça de Eli aconteceram do modo como sempre acontecem: um passo, uma decisão, uma concessão de cada vez. Paulo expressou essa ideia como um provérbio: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (Gl 6.7-8). Primeiro semeamos, depois colhemos. Afirma-se que semeamos um pensamento e colhemos uma ação; semeamos uma ação e colhemos um hábito; semeamos um hábito e colhemos um estilo de vida; semeamos um estilo de vida e colhemos um caráter; semeamos um caráter e colhemos um destino.

Se isso explica exatamente a queda de Eli e de sua casa, então a chave para evitarmos ter o mesmo destino que ele é perceber que nossas ações e hábitos, nosso caráter e destino, basicamente nascem dos nossos pensamentos e das nossas crenças. O caminho para sermos pessoas piedosas é renovar nossa mente com a palavra de Deus. Este é o conselho dado pelo apóstolo Paulo como a chave para a vida cristã: “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Que tipo de diferença positiva haveria, perguntamos, se Eli tivesse sido mais dedicado a estudar a palavra de Deus e a ensiná-la aos seus filhos? Não sabemos, mas isso poderia ter feito uma diferença muito grande.

O início sombrio de uma nova era

A passagem termina com um relato tocante e perturbador da família de Eli. A esposa do seu filho Fineias estava perto de dar à luz. “Ouvindo estas novas, de que a arca de Deus fora tomada e de que seu sogro e seu marido morreram, encurvou-se e deu à luz; porquanto as dores lhe sobrevieram” (1Sm 4.19). Esse parto prematuro foi fatal para ela e, percebendo o que estava acontecendo, algumas mulheres tentaram consolá-la: “Não temas, pois tiveste um filho” (4.20). Dar à luz um filho era o ponto alto da vida de uma mulher israelita, mas ela não foi consolada: “Ela, porém, não respondeu, nem fez caso disso. Mas chamou ao menino Icabô, dizendo: Foi-se a glória de Israel. Isto ela disse, porque a arca de Deus fora tomada e por causa de seu sogro e de seu marido. E falou mais: Foi-se a glória de Israel, pois foi tomada a arca de Deus” (1Sm 4.20-22).

Essa passagem, como o capítulo como um todo, é carregada de simbolismo e ironia. A esposa de Fineias está grávida, normalmente um motivo de grande alegria e um sinal de que uma nova era está começando. Mas ela sofre as dores do parto, um detalhe raramente citado nas narrativas bíblicas de nascimento, e um lembrete, aqui, da maldição de Deus sobre o pecado (Gn 3.16). Por causa do pecado, uma cena de alegria se transforma em dor.

Aqui vemos mais um resultado dos pecados de Eli e seus filhos: essa mulher evidentemente piedosa morreu em angústia repentina, deixando órfão o neto de Eli, sem pai, mãe, avô, avó e até mesmo sem tio. Mesmo que essa mulher tivesse sobrevivido, seu cenário ainda seria de aflição, pois uma mãe sem uma família para protegê-la e prover para ela estava em grandes dificuldades. No entanto, muito mais significativo, como ela percebeu, foi a perda da arca de Deus. Assim, no seu último suspiro ela dá ao seu filho recém-nascido o nome de Icabô. O nome significa ou "sem glória" ou "onde está a glória?" A criança, assim, é uma imagem do destino de Israel – órfão em meio a um mundo perigoso, sem os benefícios do cuidado pactual de Deus –, então sua mãe lhe dá um nome terrível, mas adequado: "Mas chamou ao menino Icabô, dizendo: Foi-se a glória de Israel" (1Sm 4.21).

Para a viúva de Fineias, a perda da arca despertava pensamentos perturbadores. Ela pode ter pensado que o vínculo de Israel com seu Deus havia sido perdido, ou mesmo que os filisteus agora controlavam o poder de Deus. A arca era a manifestação – a "glória" – da presença de Deus. Sua afirmação de que "foi-se a glória de Israel" indica que ela percebeu que Deus havia retirado sua presença e sua bênção de Israel; a captura da arca era o símbolo, não a causa, da separação que Deus impôs entre si mesmo e seu povo. Nenhuma das outras perdas – a perda da batalha, de soldados, do seu marido e do seu sogro, nem mesmo a perda da sua própria vida – era comparada com esta perda: "Foi-se a glória de Israel" (1Sm 4.22).

Às vezes os cristãos reagem a acontecimentos trágicos com conclusões semelhantes à da viúva de Fineias. A glória de Deus parece ter evaporado, Deus parece menos poderoso que eles pensavam, ou sua presença parece menos acessível do que eles esperavam. A pergunta para eles, quando a dor se aproxima, é se o nome Icabô se aplica a eles.

O apóstolo Paulo se dirige a cristãos que sentem que a presença de Deus os abandonou em tempos de crise. Citando Moisés, ele diz: "Não perguntes em teu

coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo; ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos" (Rm 10.6-7). O que ele quer dizer é que nossa confiança na presença graciosa do Senhor não requer uma manifestação do céu ou uma volta do reino dos mortos. Em vez disso, Paulo argumenta: "A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos" (Rm 10.8, citando Dt 30.14). Como Deus está presente em meio ao que nos parece a maior escuridão? Ele está presente pela sua palavra. Deus está tão próximo de nós quanto a palavra que falamos com nossa boca e em que cremos com o nosso coração.

Num sentido importante, a viúva de Fineias estava certa, pois a arca havia sido levada e o castigo de Deus estava caindo pesadamente sobre o povo. Mas, num sentido maior, a glória de Deus não havia verdadeiramente partido. Deus havia feito grandes promessas a Israel, que nunca podiam ser quebradas: "Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus" (Êx 6.7). Do mesmo modo, a palavra de Cristo nos declara: "De maneira nenhuma te deixarei, nunca jamais te abandonarei" (Hb 13.5, citando Js 1.5). Isso testifica que nada, em toda a criação, "poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.39). Jesus diz: "Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão" (Jo 10.28). Portanto, assim como acontecimentos subsequentes revelariam que Deus não havia abandonado seu povo definitivamente, nós, também, sempre temos acesso à glória de Deus, mesmo na noite mais escura, quando guardamos sua palavra nos nossos lábios e no nosso coração. Isso porque, conclui Paulo, "se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10.9). Nosso desafio durante as provações, então, é crer na palavra que está na nossa boca e que Deus colocará dentro do nosso coração: se esse desafio for enfrentado com fé, teremos força para suportar os outros desafios associados às nossas provações.

Quando a glória se vai

Não obstante, a perda da arca para os inimigos de Israel sinalizava um tempo de castigo divino. A mulher agonizante falou a verdade quando escreveu Icabô sobre o cenário que estava deixando, pois Deus estava temporariamente retirando sua bênção e sua proteção do seu povo. Siló logo seria destruída, e os filisteus mais uma vez colocariam Israel sob o odiado jugo deles.

O Antigo Testamento mostra que, quando o povo de Deus persiste em rebelião, andando em caminhos de impiedade e curvando-se aos ídolos do mundo, Deus inevitavelmente retira sua glória – isto é, o poder e a bênção da sua presença – do seu povo. O maior exemplo veterotestamentário da glória de Deus se afastando não é a perda da arca no tempo de Eli, mas a saída do Espírito Santo antes da queda de Jerusalém, cerca de 400 anos depois. O profeta Ezequiel teve uma visão não meramente da arca da aliança deixando o templo, mas da verdadeira presença do Espírito de Deus levantando-se e indo embora. “Então, saiu a glória do SENHOR da entrada da casa e parou sobre os querubins. Os querubins levantaram as suas asas e se elevaram da terra à minha vista. [...] pararam à entrada da porta oriental da Casa do SENHOR, e a glória do Deus de Israel estava no alto, sobre eles” (Ez 10.18-19). Com isso, a glória do Senhor se afastou de Jerusalém e a palavra Icabô foi escrita nos seus muros condenados. Agora não havia nada para proteger o povo contra o exército da Babilônia, e, pouco tempo depois, a cidade e o templo foram destruídos e as pessoas que não foram mortas foram levadas em correntes.

Se pensarmos que essa retirada da presença de Deus é um fenômeno apenas do Antigo Testamento, devemos nos lembrar das sete cartas de Jesus às igrejas da Ásia, nas quais o Cristo exaltado ameaçou remover o candeeiro de igrejas desobedientes (Ap 2–3). Crentes individuais, do mesmo modo, são advertidos a não “entristecer o Espírito de Deus” (Ef 4.30) por meio de uma vida ímpia, o que sugere que os cristãos podem vivenciar a ausência de Deus como modo de disciplina. A Confissão de Fé de Westminster afirma: “Os verdadeiros crentes podem ter, de diversas maneiras, a segurança de sua salvação abalada, diminuída e interrompida, seja pela negligência de mantê-la ou pelo fato de cair em algum pecado especial que fira a consciência e entristeça o Espírito Santo” (CFW 18.4). Na oração de arrependimento de Davi, ele suplicou a Deus: “Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito” (Sl 51.11).

O que faz Deus retirar a manifestação da sua glória? O exemplo de Eli e seus filhos mostra que Deus fica irado pelo sacrilégio cometido pelo seu povo em adoração, quando os sacerdotes ímpios roubavam as ofertas levadas a Deus e cometiam pecados sexuais no tabernáculo (1Sm 2.12-17,22). Isaías, mais tarde, faria uma acusação semelhante contra a adoração em Jerusalém: “Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim” (Is 29.13). Em vez de permitir que seu povo desprezasse sua presença numa adoração corrompida, Deus enviou a arca para as mãos dos filisteus para ser desprezada por pagãos. Assim, a falsa adoração que

despreza a santidade de Deus é uma causa para a retirada da glória de Deus.

No tempo da visão de Ezequiel, quando Deus entregou Jerusalém ao exército da Babilônia, Jeremias citou a idolatria do povo, que havia abandonado Deus e adotado os falsos deuses das nações: “Vós a contaminastes [a terra] e da minha herança fizestes abominação. [...] meu povo trocou a sua Glória por aquilo que é de nenhum proveito” (Jr 2.7,11). Como Jerusalém havia rejeitado a glória de Deus e adotado a falsa glória de ídolos terrenos, Deus retirou sua glória.

Nas suas cartas às igrejas em Apocalipse, Jesus concentra-se nos temas de falso ensino e imoralidade. A igreja em Pérgamo foi citada por tolerar as heresias de Balaão e dos nicolaítas (Ap 2.14-15). Tiatira foi citada por tolerar imoralidade sexual (2.20). Ao mesmo tempo, a igreja em Éfeso foi elogiada por provar e rejeitar os falsos apóstolos (2.2), e aqueles em Tiatira que não tinham aceitado o falso ensino e os pecados sexuais foram elogiados (2.24-25). Se Jesus fosse escrever cartas às nossas igrejas hoje, muitas delas seriam semelhantemente expostas por promoverem o falso ensino, e uma quantidade muito maior por tolerar o materialismo, o sensualismo e a falta de zelo por missões.

A intenção é sermos advertidos pelo nome de Icabô em Siló, assim como Jeremias advertiu sua geração: “Ide agora ao meu lugar que estava em Siló, onde, no princípio, fiz habitar o meu nome, e vede o que lhe fiz, por causa da maldade do meu povo de Israel” (Jr 7.12). Jeremias advertiu que, se Jerusalém não se arrependesse, “farei também a esta casa que se chama pelo meu nome, na qual confiais, e a este lugar, que vos dei a vós outros e a vossos pais, como fiz a Siló” (Jr 7.14).

A validade dessa advertência para nós foi vividamente demonstrada a mim quando exerci meu ministério no centro da cidade de Filadélfia, que é, na prática, cheio de silós. Por todos os lados há catedrais e palácios de pregação construídos nos dias de outrora, agora imaculadamente mantidos por doações financeiras, mas em grande parte vazios aos domingos. Eu era confrontado regularmente por uma siló porque abastecia meu carro num posto que estava situado onde antes ficava uma igreja. O muro lateral tinha um mural da antiga igreja, sobre o qual, em algum ponto, Deus escreveu Icabô, porque agora ela é nada mais que “uma sombra na cidade”.[3]

Cerca de 100 anos atrás, as principais denominações concluíram que a Bíblia não é realmente a palavra de Deus e começaram a ensinar as heresias da

evolução e do humanismo secular em lugar do evangelho. Como resultado, Deus escreveu Icabô sobre as igrejas liberais, de modo que seu poder espiritual evaporou. Hoje, podemos perguntar se o mesmo está acontecendo com o movimento evangélico, que já falou e agiu com o poder de Deus. Testemunhamos grande vigor espiritual em outros lugares do mundo, com grandes quantidades de convertidos e uma ousadia santa em suportar a perseguição. Entretanto, no Ocidente, não apenas nossa influência cultural está desvanecendo, mas os cristãos evangélicos não estão sequer persuadindo seus próprios filhos a permanecerem na fé: um estudo feito em 2002 pela Convenção Batista do Sul mostrou que 88% dos filhos de evangélicos abandonam a igreja depois de completar 18 anos de idade.[4] É difícil explicar isso sem considerar a retirada da presença de Deus por causa de mundanismo, da heresia, da idolatria e do pecado. É extremamente urgente a necessidade de que a igreja ocidental tem de se arrepender do pecado, voltar às verdades da Bíblia e readquirir uma paixão ardente por Cristo e seu evangelho.

De Icabô a Emanuel

Isso deixa uma última pergunta sobre o afastamento da glória de Deus. Uma vez que o Senhor tenha escrito Icabô sobre uma nação ou uma igreja, ou mesmo sobre uma pessoa, há algo que possamos fazer para ver o retorno da glória e do poder de Deus? A resposta é dada por intermédio do profeta Zacarias: “Tornai-vos para mim, diz o SENHOR dos Exércitos, e eu me tornarei para vós outros” (Zc 1.3). O propósito de Deus em retirar-se, em fazer com que sua glória se afaste, é estimular seu povo a buscar sua glória mais uma vez. É isso que acontecimentos subsequentes revelarão em 1Samuel. Jeremias escreveu no mesmo sentido aos judeus que haviam ido para a Babilônia em cativeiro, assegurando-lhes o retorno da graça de Deus se eles o buscassem em fé verdadeira:

Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração. Serei achado de vós, diz o SENHOR, e farei mudar a vossa sorte; congregar-vos-ei de todas as nações e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o SENHOR, e tornarei a trazer-vos ao lugar donde vos mandei para o exílio (Jr 29.12-14).

Os israelitas do tempo de Samuel sofreriam sob os filisteus por 20 anos, lamentando que a glória de Deus tivesse partido (cf. 1Sm 7.2). Se Deus se afastar de você, não há razão para que se passe tanto tempo até que você o busque de todo o seu coração. Os cristãos às vezes acham que não têm o poder e o zelo dos primeiros dias, e que sua fé não tem a paz e a alegria que certa vez teve. Deus parece distante, dirão eles, como se o erro fosse dele. Se isso descreve a sua condição, perceba que Deus quer que você o busque com todo o seu coração. Quando você o buscar, você o achará e Deus restaurará sua glória como nos dias de outrora.

No Antigo Testamento, o maior exemplo de Deus retirando sua glória foi a queda de Jerusalém no tempo de Jeremias. Mas um caso posterior e ainda maior em que o terrível nome Icabô pode ter sido dito fornece prova da graça salvadora de Deus em favor daqueles que caíram: a morte de Jesus Cristo, o próprio Filho e Glória de Deus, para pagar pelos nossos pecados na cruz. O apóstolo João explica a vinda de Jesus nestas palavras: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Se a glória de Deus já habitou entre a humanidade, foi na vida e no ministério de Jesus Cristo. No entanto, os homens o desprezaram porque amavam seus pecados (3.20) e, por isso, entregaram a glória de Deus à morte na cruz.

Se houve um momento em que Icabô pode ter sido pronunciado, foi quando Jesus morreu, pois nesse momento a verdadeira Glória de Deus foi retirada do mundo. Tudo o que a arca da aliança simbolizava – a glória de Deus e o único caminho de salvação, por meio do sangue expiatório – havia saído deste mundo. Isso foi retratado vividamente nas trevas que cobriram a terra durante as três horas em que Jesus sofreu na cruz (Mt 27.45). Não obstante, a decisão de Deus em salvar seu povo é provada pelo fato de que, mesmo quando seu Filho foi rejeitado e entregue à morte, Jesus não foi totalmente retirado, mas ressurgiu do túmulo no terceiro dia para trazer vida eterna àqueles que crerem nele.

Ao refletir sobre a morte expiatória de Cristo, devemos nos lembrar do clamor da viúva de Fineias, “Icabô”, e fazer o mesmo. Devemos lamentar que a glória de Deus seja corretamente retirada de nós por causa dos nossos pecados. Porém, se levantarmos os olhos do nosso desespero em pecado e vermos Jesus como o Salvador que morreu para remover nossa vergonha e culpa e que depois

ressurgiu novamente, veremos um novo início em sua graça perdoadora. Nosso pecado clama “Icabô”, “a glória de Deus se foi”, mas a graça de Deus responde “Emanuel”, o nome dado ao nosso Salvador, que significa “Deus conosco”, na graça de Jesus Cristo. Embora corretamente sejamos abandonados por Deus, o evangelho nos assegura perdão e aceitação em Cristo. Como diz Paulo, “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6, citando Gn 1.3).

Há mais uma coisa: com a mensagem do evangelho, que responde Icabô com Emanuel, Deus nos envia como anunciadores da sua vitória sobre o pecado, com a boa-nova da salvação para ser anunciada ao mundo. Desde que Jesus veio, morreu pelos nossos pecados e ressurgiu com nova vida para salvação, não precisa mais haver mensageiros abatidos como o benjamita que levou a Siló a notícia da derrota. Em vez disso, será dito de nós, quando anunciarmos a alegre notícia de Jesus e seu sangue salvador: “Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas!” (Is 52.7).

1 João Calvino, Institutes of the Christian religion, trad. Ford Lewis Battles (Filadélfia: Westminster, 1960), 1.3.2.

2 Hans Wilhelm Hertzberg, citado em Bill T. Arnold, 1 & 2 Samuel, NIV application commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2003), 108.

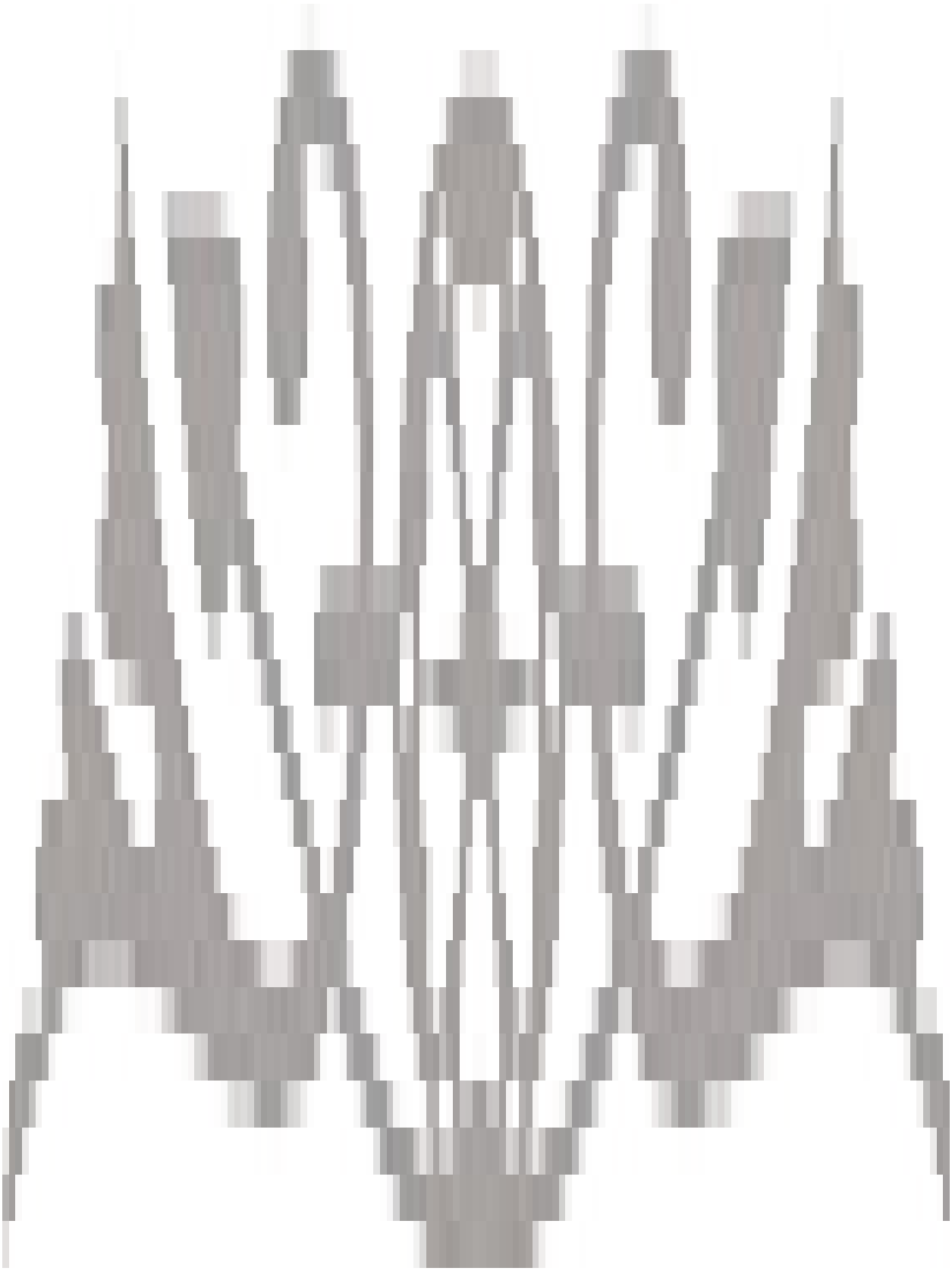
3 Philip Graham Ryken, Jeremiah & Lamentations (Wheaton, IL: Crossway, 2001), 126.

4 Relatado no Baptist Press, www.bpnews.net, 12 de junho de 2002.

9

QUEDA DOS DEUSES

1Samuel 5.1-12



Levantando-se de madrugada no dia seguinte, pela manhã, eis que Dagom jazia caído de bruços diante da arca do SENHOR; a cabeça de Dagom e as duas mãos estavam cortadas sobre o limiar; dele ficara apenas o tronco. (1Sm 5.4)

Apassagem de 1Samuel 4 registra a derrota de Israel na batalha de Ebenézer, na qual os filhos de Eli, Hofni e Fineias, foram mortos e a arca da aliança caiu nas mãos dos filisteus. A passagem de 1Samuel 5 dá continuidade, falando do destino da arca entre os filisteus. Os israelitas temiam que seu amado objeto estivesse perdido para sempre, ou, ainda pior, que o poder de Deus, agora, passasse para os seus inimigos. Porém, em vez de Deus ter caído nas mãos dos filisteus, aqueles que possuíam o receptáculo santo de Deus descobriram o que o autor de Hebreus nos adverte: “Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31).

Os filisteus hoje

O apóstolo Paulo informa aos cristãos que os acontecimentos do Antigo Testamento “sobrevieram como exemplos e foram escritos para advertência nossa” (1Co 10.11). Isso mostra que os princípios ensinados por esse antigo episódio são relevantes para nós hoje. Como o antigo Israel, a igreja ocidental está num estado de fraqueza, tendo sido, aparentemente, derrotada na batalha pela nossa geração. Quem duvidar dessa realidade precisa apenas dar uma volta por um shopping ou assistir a um programa de televisão à noite: nossa terra está dominada por poderes filisteus com raras sugestões de genuína influência cristã. Em 1953, num discurso num congresso internacional de cristãos reformados, Martyn Lloyd-Jones enfatizou os paralelos entre a situação em 1Samuel 4–5 e a igreja moderna:

Certamente, isso nada mais é que um relato da religião num estado de deterioração. [...] É Deus, e a causa de Deus, aparentemente totalmente derrotados e quase, por assim dizer, destruídos, pelo grande inimigo tradicional.

O inimigo é triunfante em todo o processo e está se regozijando. Essa é a imagem.[1]

O inimigo filisteu assume diferentes formas em épocas diferentes. Hoje, na vanguarda do exército da incredulidade estão a filosofia secular e a ciência. A filosofia sempre considerou o cristianismo uma loucura (cf. 1Co 1.23), mas, nos últimos tempos, os filósofos deram um passo adiante e declararam a religião em geral, e o cristianismo em particular, como perigosa ao bem público. Recentes títulos campeões de vendas incluem God is not great: How religion poisons everything [Deus não é grande: como a religião envenena tudo], de Christopher Hitchens,[2] e The God delusion [A ilusão de Deus], de Richard Dawkins.[3] Esses livros atraem grande atenção do público e formam o pensamento de muitas pessoas.

Se é que é possível, o ataque da ciência é ainda mais intenso. Agora é tido como certo na mídia secular e na educação pública que a teoria da evolução, de Charles Darwin, publicada há 150 anos, não apenas abalou, mas destruiu o relato bíblico do mundo, libertando, assim, as mentes iluminadas das garras da religião. Quando estive em Londres há alguns anos, achei notável ver uma imagem de Darwin numa nota de 10 libras. Num país que já celebrou a supremacia de cristãos como Isaac Newton e John Milton, o orgulho da Inglaterra está, agora, investido nesse gigante filisteu que, supostamente, matou a Bíblia. Lloyd-Jones comentou que,

[...] na superfície, podemos muito bem chegar à conclusão de que os filisteus modernos foram tão bem-sucedidos quanto seus protótipos antigos. De fato, nossos contemporâneos creem que os filisteus modernos realmente demoliram a igreja e a causa cristã. [...] A secularização de toda a vida parece ser quase completa.[4]

No século 21, a situação está muito pior do que no tempo de Lloyd-Jones, 50 anos atrás, época em que a moral cristã ainda exercia forte influência na sociedade. Hoje, os filisteus pós-modernos parecem ainda mais triunfantes que os filisteus modernos na sua batalha contra a igreja. A sociedade secular avançou

do racionalismo sem Deus para o hedonismo sem Deus. Até mesmo os blocos básicos da sociedade humana – distinções de gênero e a instituição do casamento – estão sob ataque feroz. Tão completa é a vitória dos filisteus pós-modernos que uma grande porção da igreja cristã virtualmente desistiu de influenciar a cultura e admite francamente adotar valores filisteus mundanos, como pragmatismo, relativismo e sensualismo, como sendo necessários à sobrevivência básica. Em resumo, nossa situação é semelhante à de Israel sob o controle dos filisteus. Os séculos 20 e 21 têm sido para nós uma grande derrota não diferente da calamidade israelita em Ebenézer.

No entanto, isso não significa que os filisteus queiram se desfazer completamente de Deus. As ações descritas em 1Samuel 5.1-2 descrevem perfeitamente a atitude em relação a Deus hoje: “Os filisteus tomaram a arca de Deus e a levaram de Ebenézer a Asdode. Tomaram os filisteus a arca de Deus e a meteram na casa de Dagom, junto a este”. Eles não destruíram a arca, mas, em vez disso, colocaram-na em seu próprio templo, numa prateleira perto do deus deles.

Do mesmo modo, o mundo filisteu de hoje não quer erradicar Deus, apenas domesticá-lo. Vemos essa verdade no desejo de pessoas não cristãs de se casarem na igreja. Ainda mais: vemo-lo no uso da Bíblia e na invocação do nome de Deus quando oficiais públicos fazem seu juramento oficial. Não muitos creem na Bíblia hoje e seu ensino é proibido em repartições públicas, mas, se ela puder ser tirada da prateleira para dar certo ar de santidade ao governo, tudo bem. Nossos tribunais e sessões legislativas abrem os trabalhos com uma oração para que Deus abençoe a América, desde que não tente dizer a ninguém o que fazer.* Isso é o que os filisteus queriam fazer com a arca: Deus poderia permanecer se ficasse sentado atrás do deus filisteu e ficasse calado.

Como Deus lida com os filisteus?

A maioria das observações sobre a Bíblia na vida pública norte-americana poderia ter sido feita no fim de 1Samuel 4, quando a viúva sobrevivente da casa de Eli morreu com a palavra Icabô – “foi-se a glória” – nos lábios. Então, o que o capítulo 5 tem a dizer? Podemos dizer da seguinte maneira: enquanto o capítulo 4 mostra a fraqueza da igreja espiritualmente corrompida e caída contra os poderes filisteus, o capítulo 5 pergunta: “O que Deus pode fazer com os

filisteus?” Os filisteus são, afinal, tanto inimigos de Deus quanto do seu povo; então, o que Deus fará com os filisteus? A resposta é dada de modo dramático: “Levantando-se, porém, de madrugada, os de Asdode, no dia seguinte, eis que estava caído Dagom com o rosto em terra, diante da arca do SENHOR; tomaram-no e tornaram a pô-lo no seu lugar” (1Sm 5.3). Isso é o que acontece sempre que os ídolos são exaltados contra Deus: ele humilha os falsos deuses perante os olhos do mundo.

Lloyd-Jones comparou a humilhação de Dagom por parte de Deus com as primeiras décadas do século 20. O século 19 terminou com confiança arrogante. Os escritores falavam de uma época de ouro do humanismo: por causa de sua ciência e de seu conhecimento, o homem estava progredindo para um paraíso autofabricado e autoglorificante. Agora que a religião havia sido colocada na prateleira, a educação erradicaria a guerra e a pobreza. Mas imediatamente os sacerdotes entraram no templo e encontraram Dagom caído de bruços. Por exemplo, a crise marroquina de 1911 ameaçou derrubar a organização política da Europa e colocar suas nações em guerra. Mas Dagom foi colocado de volta e a situação foi controlada, de modo que o povo seguiu em frente. Em 1912, Dagom caiu de bruços novamente. O Titanic, tido como a maior realização naval, um navio que, segundo seu construtor, “nem mesmo Deus podia afundar”, afundou no gelado Atlântico Norte. As pessoas a bordo estavam se divertindo e a orquestra estava tocando no convés quando surgiu a notícia do iceberg. Ninguém se preocupou, até que o navio foi atingido e começou a afundar. A cosmovisão moderna foi brevemente abalada, mas Dagom foi colocado de volta no seu lugar. Finalmente, em 1914, começou a guerra que todos diziam que era impossível acontecer. A Primeira Guerra Mundial foi terrível e sangrenta, mas, quando terminou, os modernistas declararam que ela havia sido “a guerra para acabar com todas as guerras”, e Dagom foi colocado de volta no seu lugar.

O que estava acontecendo? Deus estava humilhando os ídolos da modernidade. Quando o povo não se arrependia, Deus, por fim, atingia o ídolo com um golpe mortal. No tempo dos filisteus, quando Dagom caiu, os sacerdotes, confusos, simplesmente o colocaram de volta no seu trono de soberania. Mas, no dia seguinte, “eis que Dagom havia caído de bruços diante da arca do SENHOR; a cabeça de Dagom e as duas mãos estavam cortadas sobre o limiar; dele ficara apenas o tronco” (1Sm 5.4). Isso refletia uma prática comum realizada nos cadáveres de inimigos: sua cabeça e suas mãos eram levadas como troféus da vitória deles. De fato, Dagom havia sido conquistado e morto pelo Deus da arca de Israel. O versículo 5 nos diz que, anos mais tarde, os sacerdotes filisteus ainda

se lembravam da humilhação do seu deus: “Por isso, os sacerdotes de Dagom e todos os que entram no seu templo não lhe pisam o limiar em Asdode, até ao dia de hoje”.

Em tempos mais recentes, a modernidade foi esmagada pelo surgimento do nazismo e da Segunda Guerra Mundial, depois pelo comunismo de Stalin, Mao e Pol Pot e, finalmente, pela ameaça de suicídio nuclear planetário. Deus não deixa em paz os deuses filisteus: ele os joga no chão. E quando o homem idólatra coloca os ídolos de volta no lugar, Deus esmaga os ídolos completamente, cortando sua cabeça e suas mãos.

A grande tragédia da nossa era é que, quando Deus detruiu os ídolos da modernidade do século 20, as nações ocidentais não se arrependeram e se voltaram para Deus, mas passaram para a pós-modernidade. A pós-modernidade lamenta os fracassos óbvios de um humanismo arrogante, mas, em vez de se voltar para Deus em fé, simplesmente oferece um humanismo sem esperança. Temos simplesmente pulado o limiar e adaptado novas estratégias para nos rebelar contra a soberania do Senhor, substituindo uma corrente do humanismo por outra. Como resultado, pode-se esperar que, em anos vindouros, Deus expulsará os ídolos da pós-modernidade, esmagando-os no devido tempo.

No centro da pós-modernidade está a revolução sexual dos anos de 1960 e 1970. Os norte-americanos decidiram colocar a Bíblia na prateleira e escrever suas próprias regras para o sexo, o casamento e até mesmo o gênero. Como resultado direto, a ruptura de lares pelo divórcio aumentou muito, assim como a divulgação de pornografia e a violência sexual. Dagom, obviamente, estava caído, mas nós o colocamos de volta e seguimos em frente. Depois surgiu a defesa aberta da homossexualidade e de desvios sexuais relacionados. O que aconteceu? Por mais que tentemos explicar, no exato momento em que a cultura norte-americana estava aceitando as perversões sexuais denunciadas pela Bíblia como abominações (Lv 18.22; 20.13), um misterioso vírus apareceu e disseminou a morte primariamente por meio de comportamento sexual promíscuo. Podia-se pensar que isso levaria a um amplo arrependimento nacional. Em vez disso, dedicamo-nos a encontrar soluções de cura, ao mesmo tempo em que rejeitamos totalmente as reformas morais que praticamente extirpariam a AIDS. Dagom foi colocado de volta no seu lugar e nossa sociedade retomou sua idolatria moral. E agora? O exemplo da Europa é impressionante a esse respeito. Ali, a imoralidade sexual, associada ao desprezo pelo casamento e um correspondente desinteresse por filhos, produziu uma taxa de natalidade tão

baixa que vários grupos étnicos europeus estão ameaçados de desaparecer, enquanto os muçulmanos rapidamente ocupam o espaço vago no cenário europeu. Não há outra explicação adequada para o banho de sangue do século 20 e o colapso impressionante da sociedade ocidental no século 21 a não ser o juízo de Deus sobre nossos falsos deuses e ídolos. O que dissemos sobre o ídolo da sexualidade hedonista também pode ser dito sobre os deuses da política e do governo, da tecnologia e do poder militar. Quando Dagom caiu, as lições da Bíblia e da História nos imploram para nos arrependermos e buscarmos a graça do verdadeiro Deus, que faz todos os falsos deuses caírem.

A pesada mão de Deus

Deus não apenas humilha e mata os ídolos que são levantados contra ele, mas também castiga as pessoas que os adoram e servem a eles. Os primeiros filisteus a sentirem a ira de Deus foram os moradores de Asdode:

> Porém a mão do SENHOR castigou duramente os de Asdode, e os assolou, e os feriu de tumores, tanto em Asdode como no seu território. Vendo os homens de Asdode que assim era, disseram: Não fique conosco a arca do Deus de Israel; pois a sua mão é dura sobre nós e sobre Dagom, nosso deus (1Sm 5.6-7).

Enquanto as mãos de Dagom foram cortadas, a mão do Senhor pesou sobre o povo de Dagom. Parece provável que Deus afligiu os filisteus com peste bubônica, sendo o termo tumores usado de forma geral para indicar inchaços e intumescência. Essa era uma enfermidade que ocorria em regiões costeiras, transmitidas por ratos e camundongos que vinham nos navios. Vemos uma conexão entre tumores e ratos em 1Samuel 6.4-5, quando ratos de ouro são oferecidos como oferta pela culpa. Kyle McCarter observa que “uma conexão entre ratos e peste era reconhecida nos tempos antigos”,[5] e o Senhor pode ter aterrorizado o povo enviando uma multidão de roedores infectados para infestar as casas.

Os moradores de Asdode perceberam que o Deus de Israel era a causa da sua

calamidade. Eles convocaram uma reunião com todos os príncipes filisteus e perguntaram: “Que faremos da arca do Deus de Israel?” (1Sm 5.8). Deus havia chamado a atenção deles, assim como chama a nossa hoje. Os filisteus concordaram em levar a arca para Gate, pensando que talvez houvesse apenas circunstâncias locais por trás da aparente eclosão da ira divina em Asdode. Porém, o mesmo aconteceu em Gate: “A mão do SENHOR foi contra aquela cidade, com mui grande terror; pois feriu os homens daquela cidade, desde o pequeno até ao grande; e lhes nasceram tumores” (5.9). Depois, “enviaram a arca de Deus a Ecrom”, mas o povo imediatamente se rebelou. “Sucedeu, porém, que, em lá chegando, os ecronitas exclamaram, dizendo: Transportaram até nós a arca do Deus de Israel, para nos matarem, a nós e ao nosso povo” (5.10). O fato é que a pesada mão de Deus contra os adoradores de falsos deuses é universal e constante:

Então, enviaram mensageiros, e congregaram a todos os príncipes dos filisteus, e disseram: Devolvei a arca do Deus de Israel, e torne para o seu lugar, para que não mate nem a nós nem ao nosso povo. Porque havia terror de morte em toda a cidade, e a mão de Deus castigara duramente ali. Os homens que não morriam eram atingidos com os tumores; e o clamor da cidade subiu até ao céu (1Sm 5.11-12).

Esse episódio não é um acontecimento isolado, mas uma advertência do juízo de Deus sobre todos os idólatras. A experiência do óbvio juízo de Deus sobre os falsos deuses da nossa época é um ponto semelhante. Lloyd-Jones afirma: “Tudo o que está acontecendo neste século está, do mesmo modo, apontando para o juízo de Deus sobre o homem rebelde e anunciando a destruição final de todos que não se submetem a ele”.[6]

Por que os cristãos são derrotados?

O episódio da arca na Filístia fala poderosamente ao povo de Deus e ao mundo filisteu. Qual foi a mensagem para Israel e para a igreja? A mensagem para nós é que devemos entender corretamente a causa da nossa derrota no mundo. A queda

de Dagom diante da arca do Senhor mostra que sofremos derrota não porque nosso inimigo é forte, muito menos porque o deus filisteu é mais forte que o nosso Deus. Em vez disso, a causa de nossa fraqueza e derrota é nosso relacionamento distante com o Senhor.

Frequentemente ouvimos que o cristianismo está minguando porque a sociedade de hoje é por demais hostil ao evangelho. Não podemos esperar que pessoas instruídas busquem a verdade na Bíblia e não nos resultados comprovados da ciência. Não podemos esperar que pessoas que estão embriagadas por prazeres sensuais tenham interesse por um culto – especialmente por um culto que não se molda aos gostos e às exigências populares. Não podemos esperar que as pessoas, hoje, voltem sua pouca atenção para a pregação bíblica séria. Os filisteus do secularismo, do sensualismo e do relativismo são fortes demais e o cristianismo bíblico não tem apelo suficiente. É com base nessa opinião que muitos cristãos e muitas igrejas concluíram que devemos nos unir aos filisteus se quisermos vencê-los. O mesmo aconteceu com Israel: os filisteus tinham tecnologia e organização melhores e até homens maiores e mais fortes. No entanto, foi muito fácil para Deus expulsar o ídolo filisteu da sua face.

Aliás, isso mostra que não é trabalho da igreja expulsar os ídolos filisteus. O trabalho do povo de Deus é honrar o Senhor em todas as coisas, recusando-se a se juntar à idolatria do mundo e permanecer fiel. Assim, os cristãos são orientados a ficar “firmes contra as ciladas do diabo” (Ef 6.11). Não somos orientados a fazer uma ofensiva contra Satanás, mas a “resistir no dia mau e, depois de ter vencido tudo, permanecer inabaláveis” (6.13). Isso não significa que os cristãos não devam falar contra mentiras e males. Significa simplesmente que a igreja, em sua missão espiritual, não é chamada a travar uma guerra mundana contra seus inimigos. No seu próprio tempo, do seu próprio modo, podemos estar certos de que Deus humilhará os ídolos do mundo. Também devemos nos lembrar do Senhor, confiar nele e anunciar seu evangelho.

O problema de Israel nos dias do sacerdócio de Eli era que o povo havia se esquecido de Deus. Provavelmente os filhos de Eli não teriam cometido seus pecados no templo se tivessem se lembrado do Senhor. Os israelitas estavam espiritualmente distantes de Deus e da sua palavra. A adoração deles era insincera; a vida deles era uma afronta à pureza do Senhor. Esquecendo-se de Deus, deixando de se preocupar com Deus e ofendendo-o, Israel foi presa fácil para o exército filisteu. E o mesmo acontece com a igreja hoje.

O mesmo acontece na esfera pessoal. Considere, por exemplo, a luta de homens (e, cada vez mais, também de mulheres) contra o pecado da pornografia. Muitas pesquisas mostram grande parte dos homens praticamente viciados em fantasias imundas, principalmente por meio de sites da internet. Pesquisas também mostram homens cristãos professos, até mesmo pastores, viciados em pornografia em taxas semelhantes às de não crentes. Em resposta a gritos de alarme, nos é dito que devemos simplesmente encarar o fato de que a tentação é forte demais, as fotos são acessíveis demais e o coração dos homens é enraizado profundamente demais para esperarmos uma mudança real. O que um homem israelita pode fazer diante de um filisteu tão poderoso?

A resposta é que podemos nos lembrar de Deus. Podemos ir a Deus em busca do seu poder. Podemos banhar nosso coração e nossa mente na glória de Deus por meio da sua palavra. Podemos obter paixão pela causa do evangelho num mundo agonizante, de modo a não precisarmos mais de fantasias para nos sentirmos importantes. Podemos ficar de joelhos e pedir ao nosso Deus poderoso e misericordioso para nos purificar dos nossos pecados e nos tornar santos. A realidade é que um homem cristão que está andando perto do Senhor, cuja fé ativa é revigorada pelo Espírito Santo por meio da palavra de Deus e da oração e que participa de uma comunidade sustentadora com outros crentes, não é facilmente vencido por fotos sedutoras de mulheres nuas.

A verdade é que os cristãos não apenas não devem continuar nos hábitos pecaminosos de um mundo filisteu, mas também não precisam continuar sob o poder do pecado. Sim, o filisteu é mais forte do que nós, mas não é mais forte do que Deus. O apóstolo João nos lembra: “Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1Jo 4.4). Essa foi a lógica de Paulo quando escreveu a cristãos que viviam num mundo tão depravado quanto o nosso, com prazeres pecaminosos acessíveis e culturalmente tolerados: “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; [...] Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça” (Rm 6.11-14). Embora a liberdade total deva esperar até alcançarmos as glórias do céu, os cristãos podem viver em liberdade cada vez maior do domínio do pecado porque Deus é maior e mais poderoso que o pecado.

A mensagem de Deus para o mundo filisteu

Quando derrubou o ídolo filisteu e feriu o povo com sua ira, Deus comunicou uma mensagem não apenas ao seu próprio povo, mas também ao mundo filisteu.

Primeiro, Deus provou que é um Deus vivo. Os filisteus pensavam que seus deuses eram objetos – ídolos que eles adoravam para obter um alívio para os problemas da vida, mas ainda objetos. Israel havia caído nesse tipo de pensamento quando colocou sua confiança na arca, ao mesmo tempo em que se esqueceu do próprio Deus. Porém, Deus não é algo que possa ser manipulado ou controlado, um objeto para ser colocado na prateleira e tirado dela quando quisermos. Ele é, ainda hoje, o que era nos tempos bíblicos: "O SENHOR é verdadeiramente Deus; ele é o Deus vivo e o Rei eterno" (Jr 10.10). Lloyd-Jones diz: "Quando você pensa que o derrotou, então ele está ativo; quando pensa que o tem cativo, ele derruba seu deus. Ele é Deus que não pode ser restringido; ele é ilimitado, absoluto, eterno – o Deus vivo".[7] Por essa razão, todos devemos comparecer diante de Deus, em quem "vivemos, e nos movemos, e existimos" (At 17.28, citando Jó 12.10).

Segundo, o Senhor ensinou que ele é o único Deus verdadeiro. Deus é zeloso de sua condição exclusiva: "Eu sou o SENHOR, teu Deus [...] Não terás outros deuses diante de mim" (Êx 20.2-3). Deus não é apaziguado se deixarmos um pequeno lugar para ele na prateleira, ao lado dos nossos outros deuses. Ele exige soberania exclusiva na nossa vida. Ele não divide seu reinado com os ídolos, mas implacavelmente os derruba e castiga aqueles que os servem. No âmbito nacional, se fizermos do governo um deus, Deus enviará líderes corruptos e incompetentes. Se fizermos da economia um deus, Deus é capaz de fazer o mercado naufragar. Se usarmos a ciência para violar suas leis, Deus fará com que nossa tecnologia seja uma maldição para nossa vida. Deus exige que todas as coisas – presidências, lucros empresariais, aviões de guerra e microscópios – sejam submetidas ao seu governo soberano. "Eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim" (Is 46.9). Do mesmo modo, em termos pessoais, Deus exige que submetamos todas as coisas ao seu serviço. Ele não quer dividir a soberania no nosso coração com falsos deuses como fama, prazer e prosperidade.

Terceiro, o Deus vivo e verdadeiro provou que é poderoso. De modo rápido e certeiro os filisteus foram esmagados quando a pesada mão de Deus os atingiu como havia atingido Faraó e os egípcios no tempo de Moisés. Não há

possibilidade de Deus reter seu juízo, seja agora ou no fim. Por essa razão, a possibilidade de a cosmovisão evolucionária prevalecer indefinidamente é precisamente zero. Não há qualquer possibilidade de a liberdade sexual produzir felicidade. Deus derrubará todo poder rebelde com poder infinito.

A História confirma essa realidade repetidamente. A Revolução Francesa levantou seu punho contra Deus e produziu não fraternidade, mas tirania. O humanismo alemão do século 19 não produziu um céu secular, mas o inferno do nazismo. O comunismo ateu não produziu um paraíso de trabalhadores, mas um albergue de escravos. Do mesmo modo, a América pós-moderna secular-humanista não alcançará seus sonhos prometidos de prazer e prosperidade, mas apenas um legado de ruína social e oportunidades perdidas. Deus vive. Deus exige a nossa adoração. E Deus é onipotente para frustrar os planos da humanidade rebelde.

Finalmente, Deus revela-se como um Deus salvador. Os filisteus podem ter refletido sobre o que Deus estava fazendo aos inimigos do seu povo. Esse Deus foi tão fiel que permitiu a si mesmo, via arca, cair nas mãos dos seus inimigos para que pudesse salvar Israel. Refletindo sobre a graça cumpridora da aliança de Deus, os filisteus deveriam ter derrubado Dagom e todos os outros falsos deuses e aceitado o verdadeiro Deus em fé.

A mensagem que Deus anunciou aos filisteus é a mensagem que precisamos anunciar ao nosso mundo hoje. Devemos insistir que Deus não está na prateleira, que ele está muito envolvido nos acontecimentos, de acordo com os princípios ensinados na sua palavra. Ele é um Deus vivo e devemos prestar contas a ele. Além disso, devemos insistir que Deus é zeloso em advertir sobre o perigo de morte para aqueles que confiam em outros deuses. Devemos mostrar às pessoas, tanto na Bíblia quanto no cuidado providencial de Deus na História, quanto é tolo e fútil rebelar-se contra o Deus vivo e verdadeiro e quanto é severo seu juízo sobre seus inimigos.

Mas também podemos dizer ao mundo que o Deus a quem tememos também é um Deus misericordioso e salvador, em quem podemos confiar e a quem devemos adorar. O incidente da tomada da arca pelos inimigos foi somente uma prévia de uma obra maior de salvação. Deus enviou seu próprio Filho a este mundo rebelde para libertar seu povo. Jesus entregou-se aos seus inimigos, mas não os atingiu com sua mão pesada. Em vez disso, entregou-se para morrer na cruz. Desse modo, Deus deu o mais duro golpe contra o poder e o domínio do

pecado, removendo sua maldição ao purificar-nos da culpa com o precioso sangue de Cristo. O flagelo do pecado, que corretamente devia cair sobre nós, caiu sobre Jesus Cristo. De fato, foi por filisteus pecadores como nós que Jesus morreu. Paulo escreve: “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). Agora, confiando em Cristo, somos reconciliados para viver à luz do amor de Deus. E, lembrando-nos do Senhor em fé obediente, nunca precisaremos temer novamente qualquer inimigo filisteu.

1 D. Martyn Lloyd-Jones, Old Testament evangelistic sermons (Edimburgo: Banner of Truth, 1995), 60.

2 Nova York: Twelve, 2007.

3 Boston: Houghton Mifflin, 2006.

4 Lloyd-Jones, Old Testament evangelistic sermons, 61.

* O autor, ao falar sobre repartições públicas, oficiais públicos, tribunais e sessões legislativas, refere-se ao que acontece no seu país, os Estados Unidos. (N. do T.)

5 P. Kyle McCarter Jr., 1 Samuel, Anchor Bible, v. 8 (Nova York: Doubleday, 1980), 123.

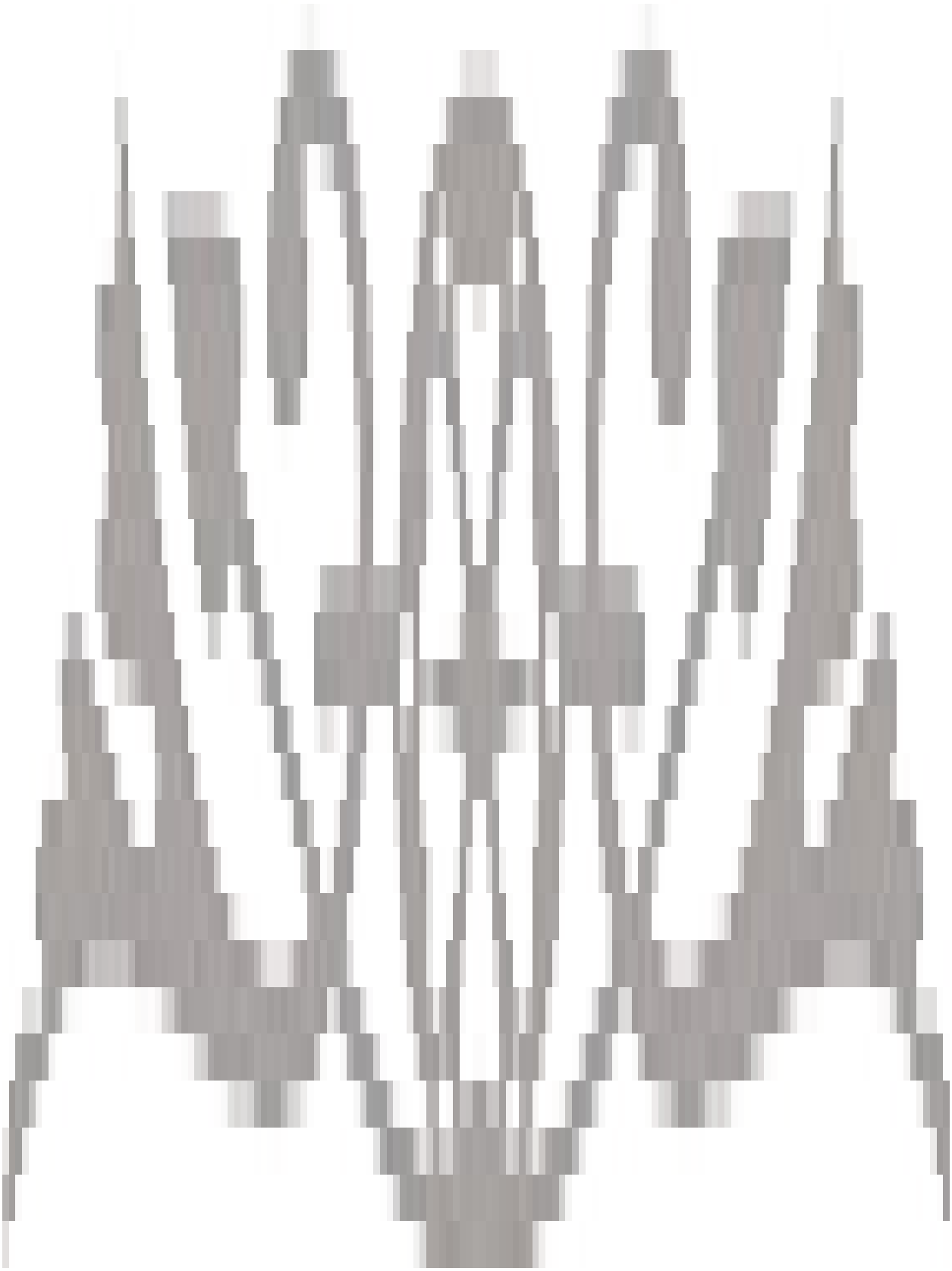
6 Lloyd-Jones, Old Testament evangelistic sermons, 69.

7 Ibid., 70.

10

ESTE DEUS SANTO!

1Samuel 6.1–7.2



Então, disseram os homens de Bete-Semes: Quem poderia estar perante o SENHOR, este Deus santo? E para quem subirá desde nós? (1Sm 6.20)

O apóstolo Paulo discursou aos filósofos de Atenas, dizendo: “Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos” (At 17.22). As mesmas palavras podem ser ditas sobre as pessoas de todos os lugares e de todas as épocas. As pessoas da nossa época alegam ter repudiado a religião, mas sua busca pela ciência é intensamente religiosa, procurando esperança e significado que tradicionalmente vêm da fé em Deus. Até mesmo os filisteus, os antigos inimigos de Israel, o povo de Deus, eram muito religiosos. Eles tiveram uma alegria especial ao capturar o objeto mais sagrado de Israel, a arca da aliança. Mas quando a presença da arca trouxe a ira de Deus sobre eles na forma de uma peste mortal, os filisteus buscaram respostas para algumas das perguntas religiosas mais básicas. Primeiro, eles quiseram saber como escapar da santa ira de Deus. Depois, buscaram meios para entender os santos caminhos de Deus. Finalmente, quando os filisteus se livraram da arca, os israelitas tentaram responder a outra pergunta religiosa essencial: “Quem poderia estar perante o S ENHOR , este Deus santo?” (1Sm 6.20).

Escapando da santa ira de Deus

A primeira pergunta dos filisteus era particularmente urgente nas circunstâncias em que se encontravam. “Sete meses esteve a arca do SENHOR na terra dos filisteus” (1Sm 6.1), e durante esse tempo o povo de pelo menos três cidades filisteias entrou em rebuliço. Começou em Asdode, quando o deus filisteu Dagom foi encontrado no chão diante da arca do Senhor e, depois, com sua cabeça e suas mãos cortadas. Uma peste caiu sobre o povo de Asdode, por isso a arca foi enviada a Gate e depois a Ecrom. Ecrom, também, entrou em pânico e muitos morreram ou “eram atingidos com os tumores” (5.12).

Obviamente, nem tudo estava bem entre os filisteus e o Senhor. Capturar o objeto mais sagrado do inimigo era algo de que se orgulhar; por isso, inicialmente, houve oposição a simplesmente devolver a arca. Porém, agora,

claramente ela havia de ser mandada embora. A questão era: como? “Estes [os filisteus] chamaram os sacerdotes e os adivinhadores e lhes disseram: Que faremos da arca do SENHOR? Fazei-nos saber como a devolveremos para o seu lugar” (1Sm 6.2). Kenneth Chafin escreve: “O que aconteceu a Dagom, o deus deles, a eles mesmos e à terra deles havia criado certo medo de tornar as coisas piores caso o protocolo correto não fosse observado”.[1] Os sacerdotes responderam: “Quando enviardes a arca do Deus de Israel, não a envieis vazia, porém enviá-la-eis a seu Deus com uma oferta pela culpa” (1Sm 6.3).

A atitude dos filisteus revela tanto discernimento quanto ignorância a respeito de Deus e sua ira santa. O discernimento que tiveram veio da lição que estavam tendo: perceberam que haviam ofendido um Deus santo. No entanto, até mesmo com esse discernimento, suas tentativas desesperadas de se livrarem de Deus e de sua ira revelam grande ignorância de Deus e dos seus caminhos. Não obstante, suas ações nos ajudam a entender três verdades sobre Deus e sua ira santa.

A primeira verdade é que a ira de Deus vem sobre nós por causa do nosso pecado, que a resposta à pergunta 14 do Catecismo Menor de Westminster define como “qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão dessa lei”. Colocar a santa arca de Deus ao lado de um ídolo pagão foi algo que transgrediu não apenas a lei de Deus em geral, mas o primeiro mandamento de Deus: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.3). Apenas esse pecado já era uma explicação suficiente para o sofrimento dos filisteus nas mãos de Deus.

Segundo, o santo Deus reage ao pecado com ira e juízo. Como Paulo escreveu: “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens” (Rm 1.18). Nessa passagem, o apóstolo ensina exatamente o que foi vivenciado pelos filisteus, a saber, que “o salário do pecado é a morte” (6.23). Os filisteus haviam ofendido a Deus e quebrado sua lei; por isso, na sua ira, Deus os golpeou com a morte.

A ideia da ira de Deus é amplamente questionada hoje. Um exemplo bem conhecido é o do rabino Harold Kushner, que fala de ministrar na sinagoga no Yom Kippur, o Dia da Expiação judaico, e ficar angustiado pela culpa que seu povo sentia. Para tratar desse sentimento de culpa, Kushner escreveu um livro revisando a história de Adão e Eva e sua queda no pecado por terem comido do fruto proibido. Kushner escreve: “Um Deus que puniu pessoas tão severamente

por quebrarem uma regra arbitrária não é um Deus em quem eu gostaria de crer”.[2] Portanto, no relato revisado de Kushner, “a história do jardim do Éden não é um relato de pessoas sendo punidas por terem cometido um erro, perdendo o paraíso por não serem perfeitas. [...] A história do jardim do Éden não é uma história da queda do homem, mas do surgimento da humanidade”.[3] Em resumo, Kushner respondeu aos sentimentos de culpa de sua congregação mudando a história e o ensino bíblico. De modo notável, argumentos semelhantes estão sendo apresentados por estudiosos cristãos hoje. Por exemplo, os evangélicos Joel Green e Mark Baker escreveram, de acordo com Kushner: “A Escritura como um todo não fornece base para uma imagem de um Deus irado que precisa ser apaziguado por um sacrifício expiatório”.[4]

O livro de Kushner não teria sido bem vendido entre os filisteus; o argumento de Green e Baker teria recebido pouca atenção em Asdode ou Gate. Os filisteus haviam vivenciado a ira de Deus em primeira mão. Que eles se sentissem culpados ou não, era óbvio que Deus considerou-os culpados e reagiu em ira. A Bíblia como um todo concorda com essa posição, assegurando-nos que a ira de Deus arde contra todo pecado não perdoado. De fato, nunca devemos pensar na ira de Deus em termos da petulante e pecaminosa ira humana. Em vez disso, John Stott explica: “A ira de Deus [...] é seu antagonismo permanente, incansável, incessante e inflexível ao mal em todas as suas formas e manifestações”.[5] Dada a perfeita santidade de Deus, essa ira contra o pecado é não apenas inevitável, mas também justa. J. I. Packer argumenta: “Longe de a manifestação da ira de Deus em punir o pecado ser algo moralmente duvidoso, moralmente duvidoso seria ele não demonstrar sua ira dessa maneira”.[6]

Dado que o pecado produz culpa e que Deus reage ao pecado com ira e juízo justos, os filisteus precisavam de um modo de aplacar ou afastar a ira de Deus. Em outras palavras, a terceira coisa que eles perceberam foi que precisavam de um sacrifício adequado para satisfazer a justa ira de Deus pelo pecado deles. Seus sacerdotes recomendaram isso, dizendo: “Quando enviardes a arca do Deus de Israel, não a envieis vazia, porém enviá-la-eis a seu Deus com uma oferta pela culpa; então, sereis curados e sabereis por que a sua mão se não tira de vós” (1Sm 6.3). O que o povo precisava era fazer a oferta correta para satisfazer a ira de Deus, de modo que a peste cessasse. Por isso os filisteus responderam: “Qual será a oferta pela culpa que lhe havemos de apresentar?” (6.4). Essa é a pergunta da qual a Bíblia inteira trata. Qual oferta satisfará a ira de Deus contra o nosso pecado?

Foi nesse ponto que os sacerdotes filisteus revelaram tanto discernimento quanto ignorância. A resposta deles nos parece estranha, mas envolvia bastante conhecimento:

Segundo o número dos príncipes dos filisteus, cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro, porquanto a praga é uma e a mesma sobre todos vós e sobre todos os vossos príncipes. Fazei umas imitações dos vossos tumores e dos vossos ratos, que andam destruindo a terra, e dai glória ao Deus de Israel; porventura, aliviará a sua mão de cima de vós, e do vosso deus, e da vossa terra (1Sm 6.4-5).

Como devemos entender essa oferta? Os sacerdotes perceberam que qualquer pagamento a Deus pelo pecado deve ser custoso. Os filisteus estavam pagando um alto preço pelo que haviam feito ao ofender o Senhor, e era óbvio que só poderiam satisfazer a ira de Deus fazendo um sacrifício custoso. Além disso, a oferta deveria de algum modo corresponder à punição que estavam recebendo. Como o juízo de Deus envolvia ratos contaminados e produzia tumores na pele deles, pensaram em oferecer ao Senhor o que o versículo 18 nos assegura que eram muitos ratos de ouro – não apenas um para cada uma das grandes cidades, mas um para cada vila – que serviriam de petição e pagamento pelo terrível juízo que Deus havia imposto.

De um ponto de vista bíblico, há alguns problemas óbvios com essas ofertas. Os ratos estão entre os animais sacrificialmente detestáveis que Deus proibiu que fossem usados em ofertas (cf. Lv 11.29) e as imagens de tumores eram, do mesmo modo, impuras perante o Senhor (para não mencionar que eram desagradáveis à vista). Os filisteus haviam aprendido muito sob a pesada mão do Senhor, mas não perceberam que a verdade salvadora não vem dos adivinhadores e sacerdotes pagãos, que consultaram. Essa verdade vem somente daqueles que falam a palavra do Senhor.

O que os filisteus deviam ter feito era consultar um sacerdote israelita, assim como devemos consultar a Bíblia para aprender como satisfazer a ira de Deus contra os nossos pecados. Um verdadeiro sacerdote lhes teria dito como fazer a oferta correta pela culpa: “Trará ao SENHOR, por oferta, do rebanho, um carneiro sem defeito” (Lv 5.15). O profeta Isaías iria além e lhes diria que esses

sacrifícios animais prefiguram a vinda do Salvador, a quem Deus enviaria:

Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos (Is 53.5-6).

Finalmente, no Novo Testamento aprendemos que esse Salvador é o próprio Filho de Deus, Jesus Cristo, sobre quem João Batista declarou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).

Talvez o apóstolo Paulo dê o mais claro relato sobre a teologia bíblica da expiação, dizendo-nos que o sacrifício de que precisávamos era tão caro que só Deus poderia oferecê-lo e que Deus, em sua graça, enviou seu próprio Filho para ser o sacrifício pelos nossos pecados. Paulo escreve: “Todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé” (Rm 3.23-25).

O instinto dos filisteus em oferecer a Deus material caro estava certo, mas sua estimativa do custo do perdão era simplesmente baixa demais. Nosso pecado causa ofensa infinita à santa justiça de Deus; por isso, só podemos ser perdoados e purificados por um sacrifício infinitamente valioso. Pedro diz que obtemos perdão não “mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro [...] mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1.18-19). O próprio Deus, em sua graça infinita, enviou o sacrifício pelo qual podemos escapar de sua ira contra os nossos pecados. Somente confiando no sangue de Cristo podemos receber perdão, não como algo que compramos ou merecemos, mas como um dom da misericórdia de Deus, recebido somente pela fé.

Os adivinhos filisteus poderiam não saber o modo de expiação aceito por Deus, mas pelo menos reconheceram a urgência de buscá-lo. Eles advertiram o povo: “Por que, pois, endureceríeis o coração, como os egípcios e Faraó endureceram o coração? Porventura, depois de os haverem tratado tão mal, não os deixaram ir, e

eles não se foram?” (1Sm 6.6). A história da saída de Israel do Egito no tempo de Moisés era bem conhecida no mundo antigo. Faraó endureceu seu coração e, como resultado, a morte caiu sobre a terra do Nilo. Essa exortação continua válida hoje: os pecadores não devem endurecer seu coração contra o modo de perdão de Deus por meio da fé em Jesus Cristo. Recusar-se a confessar sua culpa ou rejeitar o modo de expiação que Deus ofereceu é simplesmente autodestruição. Por que alguém que percebe quanto Deus é santo e quanto nosso pecado é ofensivo a ele faz tudo, menos aceitar o perdão concedido por Deus por meio da fé no precioso sangue de Cristo?

Entendendo os santos caminhos de Deus

Apesar de tudo o que haviam sofrido e dito, os filisteus ainda tinham dúvidas sobre se a peste realmente havia sido causada pelo Senhor. Por isso, elaboraram um modo para determinar os caminhos de Deus:

Agora, pois, fazei um carro novo, tomai duas vacas com crias, sobre as quais não se pôs ainda jugo, e atai-as ao carro; seus bezerros, levá-los-eis para casa. Então, tomai a arca do SENHOR, e ponde-a sobre o carro, e metei num cofre, ao seu lado, as figuras de ouro que haveis de entregar como oferta pela culpa; e deixai-a ir. Reparai [...] (1Sm 6.7-9).

A construção de um carro novo e o uso de vacas sobre as quais ainda não se havia colocado o jugo são expressões de respeito. Mas os filisteus acrescentaram um truque, usando vacas que haviam tido crias recentemente. Toda pessoa que tenha familiaridade com animais de fazenda sabe que vacas e seus bezerros são praticamente inseparáveis. Assim, se as vacas seguissem espontaneamente na direção da cidade judaica, isso só podia ser uma confirmação da parte do Senhor.

Os filisteus estavam usando um método para discernir a vontade de Deus que, às vezes, é usado pelo povo de Deus. Um famoso exemplo é Gideão, que respondeu a ordem de Deus buscando confirmação sobrenatural (Jz 6.36-40). Assim como os filisteus, Gideão estava pedindo a Deus para confirmar seu envolvimento

fazendo as coisas acontecerem de modo contrário à natureza. Gideão colocou sua lã no chão e pediu que Deus a molhasse com orvalho enquanto o chão ficasse seco. Quando isso aconteceu, Gideão pediu que o chão ficasse molhado, mas a lã ficasse seca. Sua "prova com a lã" não é um exemplo que devemos seguir, mas um sinal da fé fraca de Gideão.

As vacas se foram, sem que houvesse quem as guiasse e deixando seus bezerros para trás. Com certeza, o carro seguiu direto para a estrada para Bete-Semes: "As vacas se encaminharam diretamente para Bete-Semes e, andando e berrando, seguiam sempre por esse mesmo caminho, sem se desviarem nem para a direita nem para a esquerda; os príncipes dos filisteus foram atrás delas, até ao território de Bete-Semes" (1Sm 6.12). Dificilmente poderemos imaginar o alívio dos filisteus quando a santa arca de Deus finalmente saiu de suas terras.

A acomodação de Deus ao procedimento dos filisteus não deve nos incentivar a confiar em métodos supersticiosos para discernir a vontade de Deus. Sinais subjetivos elaborados a partir das tolices da nossa mente não são o modo de discernir a vontade de Deus. Em vez disso, eles nos convidam a divinizar nossas próprias intuições e, às vezes, fornecem uma oportunidade para Satanás nos enganar. Em vez de usar esses métodos, devemos nos lembrar do testemunho de Pedro, que testemunhou revelações divinas muito claras, incluindo a voz audível de Deus. Pedro nos diz que "temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso" (2Pe 1.19). Se quisermos receber a revelação de Deus, o lugar onde devemos procurá-la é na sagrada Escritura, que Deus deu como lâmpada para os nossos pés e luz para os nossos caminhos (Sl 119.105).

Aparentemente, os propósitos de Deus com os filisteus haviam terminado, pelo menos nesse momento. Não devemos supor que seus balangandãs de ouro tivessem conseguido expiar seus pecados, mas que o Senhor os havia humilhado suficientemente, e isso bastou. Os filisteus voltaram para casa felizes por terem conseguido lidar com essa santidade perigosa. É muito fácil nós fazermos a mesma coisa quando a mão de Deus nos castiga: ficamos felizes em escapar da dor da reprovação de Deus, mas não damos o devido valor às verdades que ele enfatizou. Os filisteus eram como os homens ímpios sobre os quais Jó disse: "São estes os que disseram a Deus: Retira-te de nós! Não desejamos conhecer os teus caminhos" (Jó 21.14). Muito melhor é entesourar a palavra de Deus e nos humilharmos em obediência confiante a tudo o que ele revelou.

Permanecendo na santa presença de Deus

Assim, a santa arca de Deus retornou a Israel depois de sete meses nas mãos dos filisteus. Os filisteus só queriam escapar da ira de Deus e discernir a vontade de Deus o suficiente para pensar que estavam livres do seu juízo. Agora que a arca retornou a Israel, perguntamos: “Como seu povo pode permanecer na presença de um Deus tão santo?”

A primeira resposta é que o povo de Deus deve receber a presença de Deus com alegria. Vemos essa alegria demonstrada pelo povo de Bete-Semes: “Andavam os de Bete-Semes fazendo a sega do trigo no vale e, levantando os olhos, viram a arca; e, vendo-a, se alegraram” (1Sm 6.13). Os filisteus podem ter tido vontade apenas de se livrar de um Deus santo, mas o povo do Senhor conhecia sua graça poderosa. Neemias disse que “a alegria do SENHOR é a vossa força” (Ne 8.10). Os cristãos são mais fortes quando estão se alegrando no Senhor, e Deus nunca é mais completamente louvado por nós do que quando nos alegramos nele.

Segundo, o povo de Deus deve habitar com ele em reverência. Bete-Semes era uma cidade levítica na qual vivia o clã de Coate, que era responsável por cuidar da arca da aliança dentro do tabernáculo (cf. Nm 4.2; Js 21.16). Não é de admirar, então, que eles fizessem um sacrifício imediato: “O carro veio ao campo de Josué, o bete-semita, e parou ali, onde havia uma grande pedra; fenderam a madeira do carro e ofereceram as vacas ao SENHOR, em holocausto” (1Sm 6.14).

O que é de admirar, no entanto, é que eles não observaram o mandamento segundo o qual somente touros deviam ser sacrificados (Lv 13). Isso foi seguido por uma transgressão mais fatal. A arca foi colocada sobre uma grande pedra no campo de um homem chamado Josué (1Sm 6.18). Ali, “feriu o SENHOR os homens de Bete-Semes, porque olharam para dentro da arca do SENHOR, sim, feriu deles setenta homens; então, o povo chorou, porquanto o SENHOR fizera tão grande morticínio entre eles” (6.19).

Notavelmente, os levitas haviam permitido que a santa arca de Deus se tornasse uma atração turística. Que espetáculo deve ter sido aos olhos do povo do interior: uma grande caixa de ouro, adornada com lindos anjos finamente fabricados por artesãos empregados por Deus, especialmente ungidos pelo

Espírito Santo (Êx 35.30-35). Seria muito natural as pessoas se reunirem para ver a grande arca da aliança, agora em Bete-Semes pela primeira vez. No entanto, o que nos parece natural é, às vezes, sacrílego para Deus. De fato, o Senhor havia especificado que somente os sacerdotes podiam ver o exterior da arca, enquanto nem mesmo os coatitas podiam olhar para dentro dela. De acordo com Números 4.20, ninguém devia "nem por um instante, ver as coisas santas, para que não morram". Essa regra expressava a total santidade de Deus, representada pela arca. O primeiro dever do sacerdote, que eles deviam ter percebido até mesmo em uma rápida inspeção da palavra de Deus, era guardar a arca da vista das pessoas.

O exemplo de Bete-Semes lembra-nos que não devemos mostrar reverência a Deus tratando-o segundo nossa sabedoria e nossos sentimentos, mas apenas obedecendo as ordens e os preceitos da sua palavra. Hoje, é oferecido a Deus culto flagrantemente carnal, orientado pelos padrões humanos, mas sem buscar referência em princípios bíblicos (geralmente em violação direta ao ensino da Escritura), e certamente essa irreverência deve explicar a falta de bênçãos espirituais vivenciadas pelos cristãos. Assim como a notável ignorância dos coatitas em lidar com a arca revela o declínio espiritual daquela geração, assim também a falta de reverência a Deus hoje indica um declínio espiritual entre nós.

Os levitas de Bete-Semes também mostraram sua pobreza espiritual ao reagir à ira de Deus de maneira idêntica à dos filisteus. Eles clamaram: "Quem poderia estar perante o SENHOR, este Deus santo? E para quem subirá desde nós?" (1Sm 6.20). Então, assim como os filisteus de Asdode haviam passado a arca para Gate e Ecrom, o povo de Bete-Semes enviou "mensageiros aos habitantes de Quiriate-Jearim, dizendo: Os filisteus devolveram a arca do SENHOR; descei, pois, e fazei-a subir para vós outros" (6.21). Isso mostra o resultado final quando o povo de Deus se afasta da palavra de Deus: a igreja toma a mesma atitude do mundo e, por fim, rejeita Deus, em incredulidade.

O povo de Quiriate-Jearim forneceu um terceiro exemplo de como devemos nos colocar na presença do Deus santo, a saber, pela fé. "Então, vieram os homens de Quiriate-Jearim e levaram a arca do SENHOR à casa de Abinadabe, no outeiro; e consagraram Eleazar, seu filho, para que guardasse a arca do SENHOR" (1Sm 7.1). William Blaikie comenta: "Homens mais medrosos teriam dito: 'A arca nada nos trouxe além de calamidade. Nada temos a ver com ela'. Houve fé e lealdade demonstradas na prontidão deles em acomodá-la dentro dos seus limites".[7]

Vale a pena observar que Quiriate-Jearim era uma cidade gibeonita (Js 9.17). Os gibeonitas eram não israelitas que haviam enganado Josué para que lhes permitisse viver e que eram incumbidos de cortar madeira e levar água para o tabernáculo (9.21-22,27). Assim, Deus mostra que seu verdadeiro povo são aqueles que respondem a ele em fé. Embora não tenham nascido na aliança, esses gibeonitas confiavam na palavra de Deus; agindo de acordo com a Escritura, ficaram ansiosos por ter a arca no meio deles. Confiando na graça de Deus e acatando humildemente a palavra de Deus, tiveram o privilégio de abrigar a santa arca de Deus por uma geração, até que surgiu o rei Davi, tomou a arca e levou-a para Jerusalém.

Aparentemente, Abinadabe e seu filho fizeram tudo o que puderam para cumprir as ordens de Deus quanto à arca. Eles também se recusaram a fazer mais do que a palavra de Deus permitia. Assim, Quiriate-Jearim não se apresentou como um novo local nacional de adoração, substituindo Siló, que os filisteus haviam destruído. As festas tradicionais não foram celebradas ali e o sistema sacrificial não foi observado, por não haver sacerdócio adequado. Por 20 anos, “a arca ficou em Quiriate-Jearim”, não no centro, mas na periferia da nação, cuidada fielmente por estrangeiros leais que confiavam na palavra de Deus, mas inacessível à nação, de modo que “toda a casa de Israel dirigia lamentações ao SENHOR” (1Sm 7.2). Assim como o evangelho é, de acordo com Paulo, cheiro de morte para aqueles que não creem, mas aroma de vida para aqueles que têm fé (2Co 2.15-16), do mesmo modo a arca foi cheiro de morte para a irreverente Bete-Semes e aroma de vida e alegria para a casa fiel de Abinadabe.

Quem pode estar perante?

Examinamos três importantes perguntas respondidas nesse capítulo: Como podemos escapar da ira de Deus? Como podemos entender os santos caminhos de Deus? Como podemos permanecer na presença de um Deus santo? Todas essas três perguntas podem de fato ser incluídas na última delas, feita pelos israelitas para os quais a arca retornou e respondida pelo exemplo do fiel Abinadabe: “Quem poderia estar perante o SENHOR, este Deus santo?” (1Sm 6.20). Permanecer na santa presença de Deus é ser purificado do pecado e liberto da santa ira de Deus. Crer nessa mensagem de salvação é entender o próprio cerne da vontade de Deus para nós.

Curiosamente, a resposta a essa pergunta é dada pela própria construção da arca da aliança, de modo que, se os filisteus tivessem refletido sobre seu desenho exclusivo, poderiam ter entendido a vontade de Deus e a salvação melhor do que realmente entenderam.

Como observamos, a arca era uma caixa de ouro, dentro da qual estavam as verdadeiras tábuas dos Dez Mandamentos dadas por Deus a Moisés. No topo da arca havia estátuas de ouro de dois querubins, anjos que serviam como assistentes de Deus e representavam sua santa presença. Olhando para baixo, os anjos viam a lei de Deus – suas santas exigências para a humanidade – que nós quebramos. Esse é nosso problema e a fonte da ira de Deus contra nós. Mas havia mais um elemento na arca, conhecido como trono de misericórdia, sobre o qual o sangue de bodes e cordeiros sacrificados era aspergido, de modo que o santo Deus não mais via sua lei quebrada, mas o sangue expiatório do sacrifício que ele mesmo havia ordenado.

Anteriormente, citei o ensino de Paulo em Romanos 3.25, que diz sobre Jesus Cristo, o verdadeiro Cordeiro, que “Deus [o] propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé”. Propiciação refere-se ao afastamento da ira de Deus; em grego, a palavra é hilasterion. Essa é a mesma palavra usada na tradução grega do termo veterotestamentário para trono de misericórdia, a tampa sobre a qual o sangue do sacrifício era aspergido para afastar a ira de Deus do nosso pecado. Com a lei e o trono de misericórdia, a arca da aliança tinha o objetivo de expressar a absoluta santidade de Deus, que arde contra todo pecado, e sua maravilhosa graça, que oferece um caminho para os pecadores se aproximarem, por meio do sangue do seu Filho, Jesus Cristo.

Não acredito que os filisteus teriam entendido tudo isso simplesmente examinando a arca, mas isso poderia tê-los ajudado a pensar na direção certa. Eles teriam percebido imediatamente que a religião de Israel era completamente diferente da idolatria pagã com a qual estavam acostumados. Investigando mais, poderiam ter deixado de lado seus costumes pagãos e tentado aprender mais sobre o Deus de Israel e seu trono de misericórdia, que cobre os pecados daqueles que vão a ele em fé. O fato de que a arca foi acolhida entre os gibeonitas prova que qualquer um – até mesmo um filisteu – que confia no sangue expiatório pode colocar-se na presença de Deus.

Temos o benefício da completa revelação de Deus no Antigo e no Novo Testamento. Isso significa não apenas que podemos entender a vontade de Deus

simplesmente lendo a sua Palavra, mas também que a história da redenção agora está completa na vida e na morte de Jesus Cristo. A arca desempenhou seu papel por algum tempo, declarando a santidade e a misericórdia de Deus, mas, agora, o apóstolo João escreve: “A graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (Jo 1.17).

Como Jesus responde a pergunta que está acima de todas as outras perguntas humanas: “Quem poderia estar perante o SENHOR, este Deus santo?” (1Sm 6.20). Ele responde: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28). A Epístola aos Hebreus nos diz que Jesus veio como “misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo” (Hb 2.17). Jesus veio para nos purificar dos nossos pecados e nos vestir com as vestes da sua própria justiça, para que possamos permanecer sem medo na presença de Deus e com grande alegria. “Fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu” (Hb 7.27) e, “por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus” (7.25).

1 Kenneth L. Chafin, 1 & 2 Samuel, preacher’s commentary, v. 8 (Nashville: Thomas Nelson, 1989), 57.

2 Harold Kushner, How good do we have to be? (Nova York: Little, Brown, 1996), 3.

3 Ibid., 30-31.

4 Joel B. Green e Mark D. Baker, Recovering the scandal of the cross: Atonement in New Testament and contemporary contexts (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000), 51.

5 John R. W. Stott, The cross of Christ (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1986), 173.

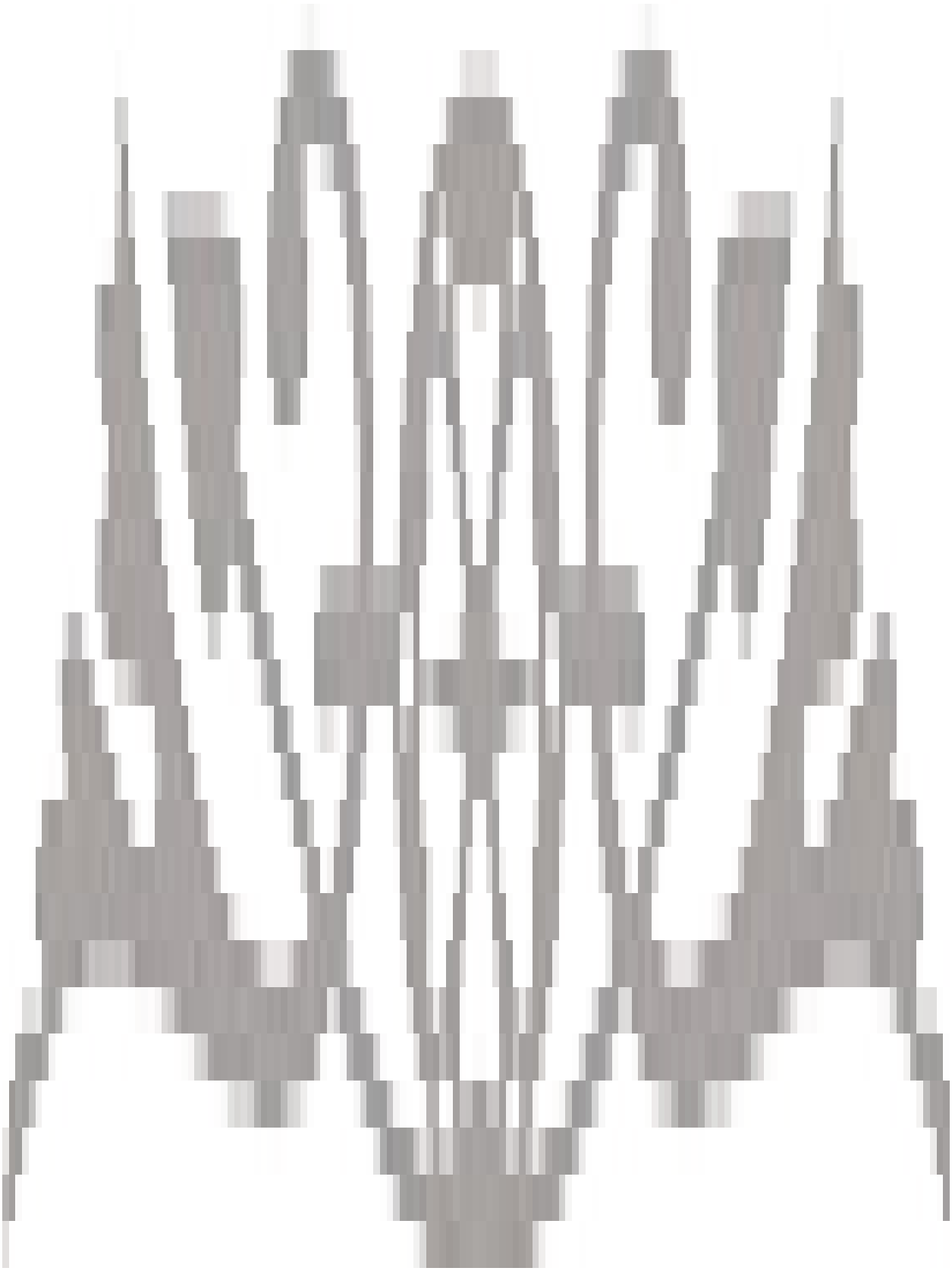
6 J. I. Packer e Mark Dever, In my place condemned he stood: Celebrating the glory of the atonement (Wheaton, IL: Crossway, 2007), 35.

7 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 85.

11

EDIFICANDO EBENÉZER

1Samuel 7.3-17



Tomou, então, Samuel uma pedra, e a pôs entre Mispa e Sem, e lhe chamou Ebenézer, e disse: Até aqui nos ajudou o SENHOR. (1Sm 7.12)

Vinte anos haviam se passado desde que a arca da aliança havia sido perdida para Israel. Seus líderes tentaram usar a santa arca de Deus como uma superarma militar sem se humilhar diante do Senhor ou buscar sua vontade. Deus entregou Israel à derrota com uma terrível matança e a arca caiu nas mãos dos filisteus. Sete meses mais tarde, Deus manifestou sua ira aos filisteus, para que enviassem a arca de volta a Israel, onde permaneceu numa obscura vila na fronteira. Por 20 anos, os filisteus mantiveram domínio sobre o povo de Deus. Israel foi reduzido a uma virtual escravidão, proibido pelos filisteus de ter ferreiros, para que seus arados não fossem transformados em espadas, enquanto seus inimigos mantinham quartéis dentro do território de Israel (cf. 1Sm 13.19–14.5).

Podemos perguntar: onde estava Samuel quando tudo isso aconteceu? Ele provavelmente estava presente em Siló quando a notícia da derrota de Israel chegou a Eli e o sumo sacerdote morreu, e talvez tenha voltado para sua casa em Ramá quando Siló foi destruída. Durante os longos anos de opressão de Israel, Samuel deve ter orado e orientado Israel a voltar para o Senhor. Se foi assim, então as últimas palavras de 1Samuel 7.2 são as palavras pelas quais Samuel estava esperando: “Toda a casa de Israel dirigia lamentações ao SENHOR”. Vinte anos de opressão finalmente haviam feito com que Israel sentisse falta do cuidado amoroso de Deus e até mesmo lamentasse a ausência do próprio Senhor. O apóstolo Paulo diz que “a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação” (2Co 7.10). Para ver se o lamento de Israel era piedoso e verdadeiro, Samuel orientou o povo a voltar ao Senhor. “Se é de todo o vosso coração que voltais [...]”, começou a ele a clamar, mais como um desafio do que como uma pergunta (1Sm 7.3). Em vez de ficar satisfeito com um remorso passageiro, Samuel procurou conduzir Israel ao verdadeiro arrependimento para restaurar o povo ao Senhor.

Voltando para o Senhor

Vários anos atrás, próximo à minha casa foi colocado um anúncio com uma mensagem da diocese local da Igreja Católica Romana. O anúncio mostrava uma jovem angustiada, e dizia: “Se acha que não pode resolver, você está errada”. Não há dúvida de que os protestantes questionariam uma parte da teologia por trás dessa mensagem católica, mas o ponto principal dela é um que todos os cristãos podem aceitar: você sempre pode voltar para Deus.

Como prova desse princípio, examinemos a mensagem de Samuel ao povo caído de Israel. Tão intensamente Israel e seus líderes haviam ofendido a Deus que ele se afastou deles, mandando embora a arca da aliança. O Senhor os entregou à destruição, de modo que o nome Icabô (que significa “foi-se a glória”) foi corretamente pronunciado a respeito deles. Eles haviam abandonado o verdadeiro Deus em favor dos ídolos, cometendo pecados grosseiros, e, em consequência, haviam caído em escravidão e sofrimento. O pecado sempre leva a isso. Jesus disse que “todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34) e Paulo escreveu que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). O pecado conduz a uma escravidão miserável que conduz à morte. Então como pode haver esperança para pecadores como os israelitas, que ofenderam a Deus?

A resposta é a misericórdia de Deus, que sempre recebe os pecadores de volta quando eles buscam graça com humildade. Deus diz: “Tornai-vos para mim [...] e eu me tornarei para vós outros” (Zc 1.3). Foi com essa graça em mente que Samuel falou a Israel sobre voltar para o Senhor: “Falou Samuel a toda a casa de Israel: Se é de todo o vosso coração que voltais [...]” (1Sm 7.3). Esse é o apelo que Deus sempre faz àqueles que estão caídos em pecado.

Samuel entendia que o arrependimento envolve muito mais do que ficar pesaroso pelo pecado. A maioria das pessoas só se sente pesarosa quando é flagrada pecando ou pelas más consequências que sofrem por causa do pecado. Mas o verdadeiro arrependimento começa com o pesar pelo pecado e segue em frente até o abandono total do pecado e um retorno a Deus com obediência renovada. O principal pecado de Israel havia sido a idolatria, por isso Samuel exortou o povo: “Se é de todo o vosso coração que voltais ao SENHOR, tirai dentre vós os deuses estranhos e os astarotes” (1Sm 7.3).

Essa ordem envolvia muito mais do que jogar algumas estátuas numa vala. A idolatria, naquele tempo e ainda hoje, envolve todo um modo de vida. O versículo 4 menciona “baalins e astarotes”. Esses “deuses estranhos” cananeus (v. 3) estavam ligados à questão vital da fertilidade, de modo que, por meio da

adoração a eles, o povo esperava assegurar chuvas e colheitas abundantes. Baal era o deus cananeu da tempestade, e Aserá era sua esposa. É possível que Aserá fosse considerada uma esposa de Yahweh, o Deus de Israel. Na idolatria, a ideia de uma contraparte feminina ser necessária para um deus masculino é universal. Um exemplo contemporâneo é a veneração católico-romana a Maria como redentora juntamente com Cristo.

Abandonar os baalins e astarotes exigia dois movimentos difíceis. Primeiro, os israelitas deveriam rejeitar os costumes que eram normais e amplamente difundidos na época deles. Adorar o Deus da Bíblia exigia que eles fossem separados e se distinguissem da cultura idólatra ao redor. Do mesmo modo, quem quiser seguir Jesus hoje simplesmente não pode conformar-se aos caminhos do mundo. O mundo tem uma definição de sucesso e um modo de resolver problemas da vida que são completamente diferentes dos de Deus e de seu povo. João lembra-nos que "tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo" (1Jo 2.16). Do mesmo modo, Tiago adverte os crentes que mundanismo é idolatria: "Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo contra Deus" (Tg 4.4).

Acrescentada à dificuldade de ser diferente está a realidade de que a adoração aos ídolos era sensualmente atrativa. A adoração a Baal e a Aserá envolvia ofertas de sexo ritual para influenciar suas forças para a fertilidade. Muitos israelitas achavam que esse era um modo mais agradável de fazer as colheitas aumentarem do que fazer uma reunião de oração. Como os caminhos do pecado são tão naturalmente atrativos à nossa natureza corrompida, Dale Ralph Davis enfatiza que "nenhum arrependimento superficial – somente um arrependimento sobrenatural – quebraria esse tipo de escravidão".[1]

Foi por isso que Samuel uniu o afastamento dos ídolos a uma devoção sincera ao Senhor: "Preparai o coração ao SENHOR, e servi a ele só" (1Sm 7.3). A sincera dedicação ao Senhor requer o abandono dos falsos deuses e do pecado. Mas Samuel percebeu que o poder para o arrependimento vem de um novo fervor pelo Senhor. Não apenas abandonamos as trevas, mas passamos a andar na luz. O poder para nos afastarmos do pecado vem de ver a glória do Senhor como o verdadeiro Deus, e a bênção de sua salvação como a nossa única esperança.

Foi por isso que Samuel acrescentou uma promessa de bênção ao seu chamado

ao arrependimento, pois é a esperança do evangelho que vitaliza nosso abandono do pecado. “Ele vos livrará das mãos dos filisteus” (1Sm 7.3). Como Deus havia se afastado de Israel para produzir arrependimento pelo seu pecado, o verdadeiro arrependimento restauraria a bênção e o auxílio da parte de Deus. Os cristãos devem perceber que esse é o caminho para desfrutarmos da plenitude do poder e da bênção de Deus: afastarmo-nos da idolatria do nosso pecado e servirmos sinceramente ao Senhor.

A sinceridade do anseio dos israelitas por Deus é vista na resposta deles: “Então, os filhos de Israel tiraram dentre si os baalins e os astarotes e serviram só ao SENHOR” (1Sm 7.4). Nesse contexto, a palavra serviram refere-se à adoração: eles deram glória somente a Deus. Isso lembra-nos de que nosso estilo de vida é realmente uma questão de adoração. Hoje as pessoas adoram os ídolos do ego e do prazer e o estilo de vida delas mostra isso. Jesus disse: “Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24). O estilo de vida da idolatria é de tomar, enquanto Deus chama seu povo para dar; os deuses deste mundo nos ensinam a dominar os outros, enquanto o verdadeiro Deus nos chama a um estilo de vida de sacrifício e serviço. Nessas coisas é que nossa religião é vista. Quando Israel voltou para o Senhor, uma longa era da idolatria pecaminosa chegou ao fim e um novo dia de bênção estava nascendo.

O chamado de Samuel ao arrependimento desafia diretamente algumas das mensagens ouvidas na igreja hoje. Estamos vivendo numa época em que entretenimento carnal e atrativos mundanos – alguns deles tão sensuais que permitem comparações com os cultos a Baal e Astarote – são amplamente empregados para persuadir as pessoas a irem à igreja. Numa grande igreja, anúncios promoviam uma série de sermões sobre prazer sexual referindo-se a isso como “strip club”. Outra igreja famosa usou o incentivo de sortear uma casa para um membro sortudo que fosse à igreja naquele dia. A multidão inevitavelmente grande que se reuniu por meio desse recurso mundano foi citada como evidência de reavivamento espiritual, de modo que cristãos relutantes deviam deixar de lado suas objeções bíblicas e se unir a eles. Porém, o ensino de Samuel lembra-nos que a verdadeira renovação espiritual é sempre acompanhada por arrependimento pelo mundanismo e pelo pecado, assim como o verdadeiro reavivamento também produz fruto na reforma da igreja de Cristo segundo a palavra de Deus. Sem verdadeiro arrependimento pelo pecado e sem reforma da igreja, não temos base bíblica para alegar que temos um avivamento. Em vez de confiar em estratégias de marketing ensinadas pelo mundo, seria muito melhor seguirmos o exemplo de Samuel e usar a palavra de Deus para

levar pecadores ao arrependimento e à misericórdia em Cristo.

O mesmo é verdadeiro em termos pessoais: o reavivamento espiritual é sempre unido a uma paixão pela santidade. Assim, cada um de nós deve ver seu amor pelo pecado como a principal barreira à nossa bênção espiritual. Uma das melhores orações que podemos fazer é a súplica presente no hino de William Cowper, de 1779, “O for a closer walk with God”:

O mais querido ídolo que conheci,

Qualquer que fosse ele,

Serviu para me afastar do teu trono

E da adoração somente a ti.*

Restauração em Mispa

Pecados individuais devem ser confessados e deve haver arrependimento por todos eles. Mas há pecados nacionais e eclesiásticos pelos quais a nação e a igreja devem se arrepender. Além disso é correto, quando a congregação busca a bênção de Deus em adoração, confessar a culpa pelo seu pecado. Por isso Samuel convocou o povo para se reunir em Mispa, um tradicional local de reuniões que fica a cerca de oito quilômetros ao norte de Jerusalém. “Congregai todo o Israel em Mispa, e orarei por vós ao SENHOR” (1Sm 7.5).

Assim que o povo se reuniu, as pessoas responderam com duas ações destinadas a expressar a contrição delas pelo seu pecado. Primeira, “tiraram água e a derramaram perante o SENHOR” (1Sm 7.6). O significado desse gesto não é totalmente claro. Robert Bergen supõe que elas “estavam negando a si mesmas a água como uma confissão simbólica de que o favor do Senhor era mais importante para elas do que a água, que sustenta a vida”.[2] William Blaikie interpreta essa ação como “um símbolo do derramamento diante de Deus de confissões de pecado nascidas das profundezas do coração”.[3] A isso foi acrescentado o jejum público, cujo propósito era expressar humilhação e dor especiais pelo pecado (cf. 2Sm 12.21; 1Rs 21.27; Dn 10.2-3). Assim, os

israelitas compareceram perante o Senhor declarando sua disposição de receber sua graça renovadora. Pode haver pouca dúvida sobre a sinceridade, o fervor e a dor derramados em suas palavras de confissão, ditas em conjunto, como povo penitente: “Pecamos contra o SENHOR” (1Sm 7.6). Blaikie escreve: “Eles se humilharam diante de Deus em profunda convicção de sua indignidade e sendo, assim, esvaziados do ego, estavam em melhor condição de receber a graciosa visitação de amor e misericórdia”.[4]

Podemos entender por que os israelitas se humilharam e confessaram seus pecados: 20 anos de castigos haviam causado sua contrição. Porém, não é óbvio por que Deus aceitou a confissão e perdoou os pecados deles. O mesmo acontece conosco: até mesmo um breve vislumbre do santo caráter de Deus torna a confissão de pecados imperativa para nós. Mas por que Deus perdoa?

A resposta é vista em Mispa, onde Samuel fez a mediação entre Israel e Deus. “Congregai todo o Israel em Mispa, e orarei por vós ao SENHOR” (1Sm 7.5). Atuando no seu ofício sacerdotal, Samuel foi designado para representar o povo perante Deus e Deus perante o povo. Observe o contraste, aqui, com a situação anterior em Siló: foi por falta de sacerdotes piedosos – os filhos de Eli sendo rejeitados pela impiedade deles – que Israel havia sido abandonado por Deus. Agora há um sacerdote verdadeiro e piedoso, e o povo é restaurado ao favor de Deus.

Mas não foi meramente quem Samuel era que produziu reconciliação com Deus, mas também o que Samuel fez: “Tomou, pois, Samuel um cordeiro que ainda mamava e o sacrificou em holocausto ao SENHOR; clamou Samuel ao SENHOR por Israel, e o SENHOR lhe respondeu” (1Sm 7.9).

Primeiro Samuel ofereceu um sacrifício para expiar os pecados do povo. Esse é o único meio pelo qual os pecadores podem ser perdoados por Deus e restaurados ao seu favor. A Bíblia diz que “sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb 9.22) pela simples razão de que o pecado contra Deus merece a morte. Quando Deus ordenou que Adão não comesse da árvore proibida, ele advertiu que “no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). Assim, toda transgressão da lei de Deus exige a pena de morte, pois o pecado não pode permanecer na santa presença de Deus. Mas Deus, em sua misericórdia, fez um caminho para o perdão por meio de um substituto que pagasse a penalidade pelo pecado. Esse substituto – simbolizado no Antigo Testamento pelos animais sacrificiais – é o próprio Filho de Deus, que veio ao

mundo para salvar “seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21).

Esta é a mensagem que os cristãos apresentam ao mundo: há perdão por meio do sangue expiatório de Cristo. Não há outro modo para conduzir homens e mulheres pecadores ao favor de Deus e nenhum outro evangelho que transmita paz verdadeira ao nosso coração. Foi isso que Martinho Lutero descobriu. As pessoas tentam de todos os modos obter o favor de Deus, e Lutero tentou praticamente todos eles. Ele realizou boas obras como monge, fez expedições sagradas e ofertas especiais, buscou lugares místicos e se humilhou diante dos confessores da igreja. No entanto, nenhuma dessas tentativas funcionou para Lutero, pela simples razão de que nenhuma delas tinha a aprovação escrita de Deus. Finalmente Lutero se voltou para a Bíblia, na qual aprendeu o evangelho – que é, ele escreveu, “nada mais que a história de como Cristo entrou em nossos pecados, levou-os para a cruz na sua carne, e os destruiu, para que todo aquele que nele crê seja liberto do pecado por intermédio dele”.[5] Esse é o mesmo método de expiação que os apóstolos ensinaram. Paulo escreveu: “No qual [Cristo] temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados” (Ef 1.7). João ensinou: “O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1Jo 1.7). Pedro disse: “Não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1.18-19). A mensagem do sacrifício de Samuel, e a mensagem de toda a Bíblia, é dupla: nenhum pecador pode comparecer perante a santidade de Deus sem o sangue expiatório, mas também todo pecador pode comparecer perante a santidade de Deus por meio do precioso sangue de Cristo.

O cordeiro de Samuel era uma figura de Cristo como nosso sacrifício, mas o próprio Samuel era uma figura de Cristo como nosso sacerdote. “Clamou Samuel ao SENHOR” (1Sm 7.9) para que o povo fosse aceito por Deus. Como Israel, agora somos reconciliados com Deus pelo ministério mediador daquele que foi enviado por Deus – aquele que é Deus e homem, o Filho de Deus encarnado, Jesus Cristo. O escritor da Epístola aos Hebreus nos lembra que, porque o Senhor ressurreto vive e reina para sempre, “pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7.25). Dale Ralph Davis comenta:

Na intercessão de Samuel em favor de Israel [...] vemos uma figura do ofício de

Cristo como nosso sumo sacerdote [...] Aqui está o verdadeiro segredo de nossa constância: confiamos nas orações de Outro, cujas orações são sempre eficazes. Nada é tão tocante quanto saber que sou objeto da oração intercessória de Jesus.[6]

A fé cristã é sempre vivida num mundo perigoso que é hostil à fé verdadeira. Por isso, quando os filisteus souberam da reunião em Mispa ficaram muito infelizes: "Quando, pois, os filisteus ouviram que os filhos de Israel estavam congregados em Mispa, subiram os príncipes dos filisteus contra Israel" (1Sm 7.7). Os filisteus haviam pensado – corretamente – que uma renovação espiritual de Israel ameaçava seu domínio. Militarmente superiores, os filisteus confiantemente avançaram sobre Mispa, ansiosos por reprimir essa ressurgência israelita.

"Ouvindo os filhos de Israel [que os filisteus vinham contra eles], tiveram medo dos filisteus" (1Sm 7.7). Isso deve ter parecido uma repetição do desastre anterior. Na primeira batalha de Ebenézer, os filisteus haviam aparecido em todo o seu poder. Naquela ocasião, os líderes de Israel haviam arrogantemente tentado usar o poder de Deus por meio da arca. Mas, dessa vez, eles buscaram Samuel: "Não cesses de clamar ao SENHOR, nosso Deus, por nós, para que nos livre da mão dos filisteus" (7.8). No contraste entre esse cenário e a batalha anterior, vemos a diferença entre a verdadeira e a falsa religião. Anteriormente, trazendo a arca, eles tinham esperado: "para que [ela] venha no meio de nós e nos livre das mãos de nossos inimigos" (4.3). Agora eles pedem a Samuel para orar a Deus "para que [ele] nos livre da mão dos filisteus" (7.8). A falsa religião é sempre uma tentativa impessoal e ímpia de manipular o poder de Deus para nosso próprio benefício. A verdadeira religião é um relacionamento pessoal com o Deus santo, que nos reconcilia consigo por meio do Mediador que ele enviou, nos purifica pelo sacrifício que realiza e nos salva por sua graça poderosa.

"Enquanto Samuel oferecia o holocausto, os filisteus chegaram à peleja contra Israel; mas trovejou o SENHOR aquele dia com grande estampido sobre os filisteus e os aterrou de tal modo que foram derrotados diante dos filhos de Israel" (1Sm 7.10). A verdadeira religião faz uma grande diferença. Quando o povo de Deus vai até ele humildemente por meio do sangue expiatório e confia nele em fé, Deus mostra seu poder para salvar. Revigorados pela poderosa intervenção de Deus, os israelitas avançaram com novo poder: "Saindo de Mispa os homens de Israel, perseguiram os filisteus e os derrotaram até abaixo de Bete-

Car” (7.11). Há uma grande diferença entre o que é dito aqui e a fraqueza e o desespero de Israel no início do capítulo. Os israelitas voltaram para o Senhor, confessaram seus pecados e apelaram à graça de Deus em Cristo com fé sincera.

Edificando Ebenézer

Os estudiosos discutem o que realmente aconteceu em Mispa, oferecendo todos os tipos de sugestão criativa para evitar a clara afirmação do texto bíblico. A simples explicação de Samuel foi oferecida na forma de uma pedra memorial que ele colocou nesse lugar. Ele “lhe chamou Ebenézer, e disse: Até aqui nos ajudou o SENHOR” (1Sm 7.12). O que aconteceu em Mispa foi isto: Deus ajudou seu povo, salvando-o dos seus inimigos, assim como protege e preserva as almas de todos que invocam seu nome em fé.

Ao erigir uma pedra memorial, Samuel estava seguindo os passos de crentes anteriores, especialmente Josué. Quando Deus abriu o caminho através do rio Jordão para Israel passar, Josué erigiu uma coluna de pedras para marcar o acontecimento (Js 4.20-24). No fim da vida de Josué, quando Israel se reuniu para renovar a aliança em Siquém, Josué erigiu uma pedra como testemunho (24.26). “A ideia desses memoriais”, escreve Gordon Keddie, “era que fossem um testemunho permanente do que Deus havia feito no passado pelo seu povo e do que ele ainda faria no tempo por vir.”[7]

A característica curiosa dessa ocasião foi o nome que Samuel deu à pedra memorial: Ebenézer. Ebenézer era o lugar da derrota de Israel 20 anos antes, muitos quilômetros a noroeste. Naquela ocasião, o nome do lugar zombava do fracasso de Israel. Ebenézer significa “pedra de auxílio”, mas Deus recusou-se a ajudar Israel por causa da incredulidade. Agora, agindo em fé, Israel havia vivenciado o auxílio de Deus, e Samuel parece querer deixar isso bem claro. Robert Bergen escreve: “Tudo o que foi perdido pelo pecado no primeiro acontecimento Ebenézer foi restaurado pelo arrependimento no segundo”.[8]

Além disso, Samuel especifica: “Até aqui nos ajudou o SENHOR” (1Sm 7.12). Assim, ele lembra a Israel que essa recente vitória é apenas a última numa longa história de poderosos atos redentores, não menos que a última em que Deus ajudou os israelitas a se arrependerem. É por causa de uma longa corrente de misericórdias que o povo de Deus existe em bênção. Samuel quer que o povo se

lembre do que Deus fez “até aqui” para que, no futuro, novamente recorra a ele em fé.

Esse relato sugere que os cristãos devem fazer memoriais da graça de Deus em sua própria vida. Há momentos em que nos voltamos ao Senhor sinceramente e ele nos dá sua paz, supre nossas necessidades e fortalece nossa fé para suportarmos uma provação. Kenneth Chafin nos diz como responder: “Geralmente uma pessoa pode atravessar um momento de desânimo simplesmente por deixar de se lembrar de todas as bênçãos que Deus derramou na sua vida”.[9] No futuro, podemos nos encontrar em caminhos sombrios e podemos pensar que fomos levados ao limite da nossa resistência e tentados ao desespero. O que precisamos, então, é de nos lembrar que “até aqui nos ajudou o SENHOR”. Deus estava ali para nos ajudar no passado, por isso somos encorajados a confiar nele hoje e amanhã. O famoso hino extraído dessa passagem diz: “Aqui edifico meu Ebenézer; mais perto eu chego por teu auxílio / E por teu beneplácito, espero chegar em casa em segurança”.[10] Os cristãos não vivem no passado, mas vivemos do passado: nós nos lembramos de como Deus provou sua fidelidade e amor e, assim, esperamos mais uma vez chegar em casa em segurança.

É claro que o mais importante acontecimento para o qual olhamos com gratidão, celebrado pela pedra Ebenézer da Ceia do Senhor, é a cruz de Jesus Cristo. Olhando para a cruz, na qual Deus entregou seu próprio Filho para nos salvar dos nossos pecados, nenhum cristão pode verdadeiramente duvidar do auxílio de Deus. Com a cruz em vista, dizemos: “À graça, um grande devedor diariamente sou obrigado a ser; / que a graça, agora, como um grilhão, prenda meu coração errante a ti”.[11]

Assim como a cruz venceu nosso pecado e obteve para nós a salvação, do mesmo modo a derrota dos inimigos de Israel, imposta por Deus, levou a um renovado tempo de paz:

Os filisteus foram abatidos e nunca mais vieram ao território de Israel, porquanto foi a mão do SENHOR contra eles todos os dias de Samuel. As cidades que os filisteus haviam tomado a Israel foram-lhe restituídas, desde Ecrom até Gate; e até os territórios delas arrebatou Israel das mãos dos filisteus. E houve paz entre Israel e os amorreus (1Sm 7.13-14).

Assim acontece quando o povo de Deus é forte no Senhor. A história dos avivamentos mostra que, quando o evangelho está avançando, a imoralidade é subjugada na sociedade. Blaikie escreve:

Onde quer que a vida e o caráter de homens piedosos sejam tais que lembrem os de Deus, onde quer que a imagem de Deus seja claramente visível, onde quer que os resultados da presença de Deus sejam claramente vistos, a ideia de um Poder sobrenatural é comunicada e certa influência intimidadora é sentida.[12]

A pedra Ebenézer de Samuel tinha o objetivo de falar a esses momentos, pois no passado prosperidade e paz haviam frequentemente levado Israel à idolatria. O memorial tinha o objetivo de inspirar o povo a dar graças pela vitória que Deus havia dado graciosamente e impedir que eles se esquecessem do auxílio de Deus e se voltassem para outros deuses.

Pelo restante da sua vida, Samuel foi o juiz de Israel: “De ano em ano, fazia uma volta, passando por Betel, Gilgal e Mispa; e julgava a Israel em todos esses lugares. Porém voltava a Ramá, porque sua casa estava ali, onde julgava a Israel e onde edificou um altar ao SENHOR” (1Sm 7.16-17). Ao viajar pelas diferentes regiões, sua liderança serviu para unir as tribos de Israel, e, desse modo, preparou o cenário para o reinado que veio posteriormente. Embora essas palavras resumam os anos de ministério que se seguiram à vitória em Ebenézer, podemos ter pouca dúvida a respeito da mensagem que Samuel continuou a apresentar ao povo, uma mensagem que é tão verdadeira e urgente hoje quanto sempre foi: “Se é de todo o vosso coração que voltais ao SENHOR, tirai dentre vós os deuses estranhos [...] preparai o coração ao SENHOR [...] Até aqui nos ajudou o SENHOR” (1Sm 7.3,12). Nunca podemos nos esquecer dessa graça, confiando no auxílio do Senhor em todos os nossos momentos de necessidade.

1 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 58.

* “The dearest idol I have known, / Whate´er that idol be, / Help me to tear it from thy throne /And worship only thee.”

2 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 107.

3 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 91.

4 Ibid., 91-92.

5 Martinho Lutero, Concerning the letter and the Spirit, em Martin Luther´s basic theological writings, org. Timothy F. Lull (Minneapolis: Fortress, 1989), 84.

6 Davis, 1 Samuel, 60.

7 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 88.

8 Bergen, 1, 2 Samuel, 108.

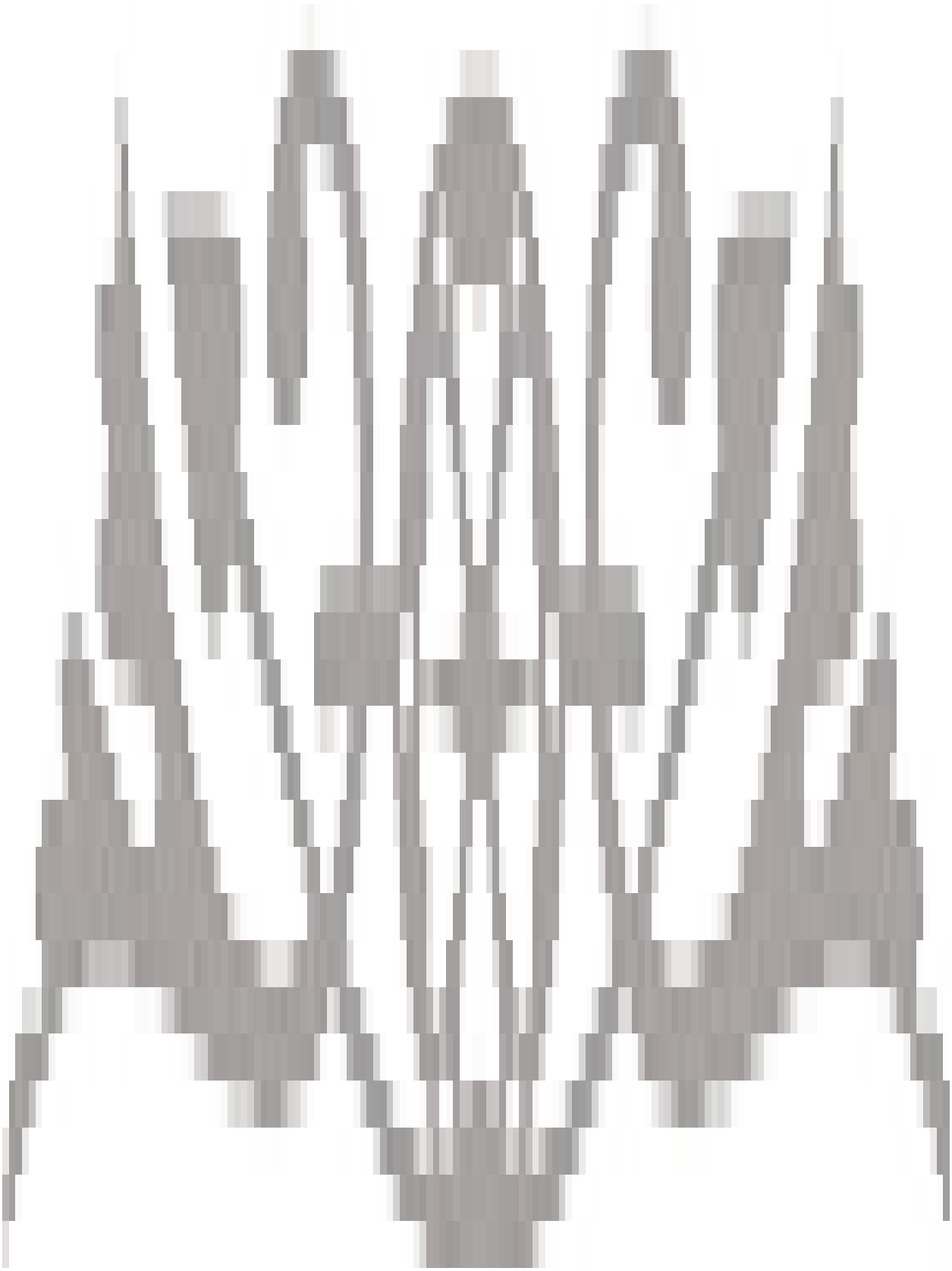
9 Kenneth L. Chafin, 1 & 2 Samuel, Preacher’s commentary, v. 8 (Nashville: Thomas Nelson, 1989), 66.

10 Robert Robinson, “Come, thou fount of every blessing” (1758) [“Here I raise my Ebenezer; hither by thy help I´m come; / And I hope, by thy god pleasure, safely to arrive at home”].

11 Ibid. [“O to grace how great a debtor daily I´m constrained to be; / let that grace now, like a fetter, bind my wand´ring heart to thee.”]

12 Blaikie, First Samuel, 102.

PARTE 2

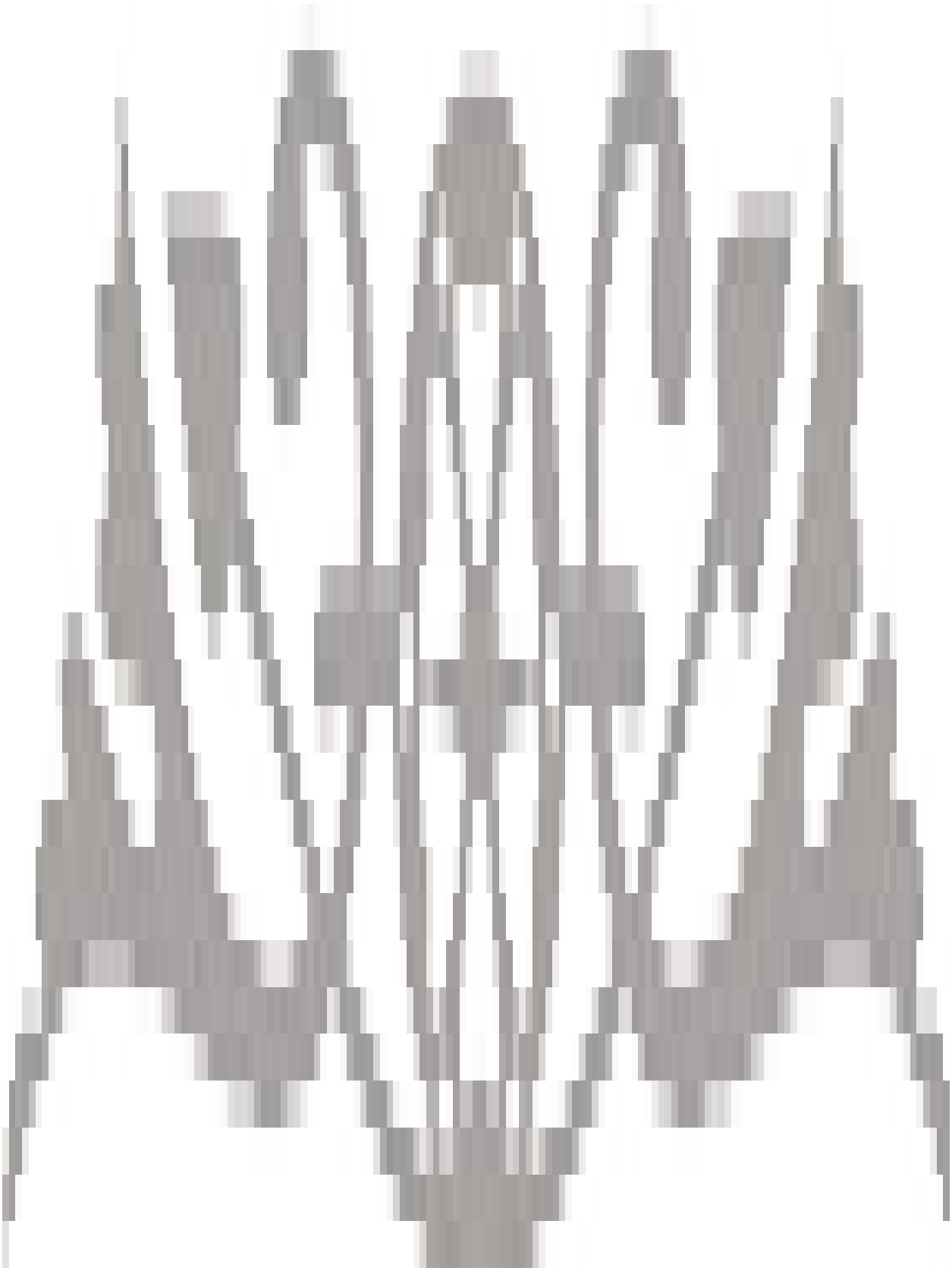


Um rei como todas as nações

12

UM REI COMO TODAS AS NAÇÕES

1Samuel 8.1-22



... os anciãos todos de Israel se congregaram, e vieram a Samuel, a Ramá, e lhe disseram: Vê, já estás velho, e teus filhos não andam pelos teus caminhos; constitui-nos, pois, agora, um rei sobre nós, para que nos governe, como o têm todas as nações. (1Sm 8.4-5)

Samuel foi um dos grandes líderes da Bíblia, que julgou "todos os dias de sua vida a Israel" (1Sm 7.15). Ele desempenhou um papel historicamente vital na transição da nação de uma confederação tribal para uma monarquia. Os anos depois da sua grande vitória sobre os filisteus viram um retorno à paz, à prosperidade e ao vigor nacional. Mas havia um problema com Samuel. Sendo homem, era mortal. O capítulo 8, assim, começa com esta realidade perturbadora: "Tendo Samuel envelhecido [...]" (1Sm 8.1).

O período histórico coberto pelos livros de Juízes e de Samuel foi dominado por crises de liderança. Juízes lamenta: "Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que achava mais reto" (Jz 17.6; 21.25). Deus levantava juízes para liderar, e o povo tentou fazer pelo menos um deles rei. Gideão rejeitou essa oferta, lembrando-lhes o privilégio de terem o Senhor como seu único Rei: "Não dominarei sobre vós, tampouco meu filho dominará sobre vós; o SENHOR vos dominará" (Jz 8.23). Mas o reinado do Deus invisível extenuava a fé das pessoas; por isso, por intermédio de Samuel, Deus providenciou um reinado humano, pelo qual estabeleceu seu governo soberano sobre seu povo.

Hoje é muito frequente que as igrejas sofram de crises de liderança, especialmente durante transições pastorais. Como os israelitas do passado, os cristãos devem aprender que Deus designou os meios para governar seu povo e que também provê os líderes para fazerem sua vontade na igreja. Confiar na provisão do Senhor nos inspira a levar mais a sério as qualificações bíblicas e a dedicar mais esforço e energia à oração.

Constitui-nos um rei

Uma solução consagrada para o problema de liderança é o governo hereditário,

pelo qual os filhos seguem seu pai no ofício. Samuel tentou fazer isso: “Tendo Samuel envelhecido, constituiu seus filhos por juízes sobre Israel. O primogênito chamava-se Joel, e o segundo, Abias; e foram juízes em Berseba” (1Sm 8.1-2). Os nomes que Samuel deu aos seus filhos sugerem expectativas elevadas: Joel significa “Yahweh é Deus”, e Abias significa “Yahweh é nosso Pai”. Podemos facilmente entender por que Samuel quis que seus filhos assumissem a difícil incumbência de liderar o povo de Deus. Do mesmo modo, muitos ministros e igrejas importantes adotam o governo hereditário, com filhos seguindo imediatamente as pegadas dos seus pais.

O problema é que os filhos de grandes líderes, com poucas exceções, raramente são grandes líderes também. Além disso, é Deus que fornece líderes ao seu povo, e a prática de nepotismo é contrária à ideia de chamado especial de Deus em sua igreja. Quatro dos juízes de Israel foram sucedidos por seus filhos (Gideão, Jair, Eli e Samuel) e não é de admirar que o resultado tenha sido negativo em três desses casos. A Bíblia diz que Cristo fornece líderes por meio da sua distribuição graciosa de dons espirituais (Ef 4.7-12) e que o caráter piedoso, não a linhagem, qualifica homens para liderar a igreja (1Tm 3.1-7; Tt 1.7-9). Por esse modelo, os filhos de Samuel fracassaram completamente: “Seus filhos não andaram pelos caminhos dele; antes, se inclinaram à avareza, e aceitaram subornos, e perverteram o direito” (1Sm 8.3).

Com essa preocupação com a liderança em mente, os anciãos de Israel foram a Samuel. Considerando o fiasco anterior com os ímpios filhos de Eli, podemos entender a ansiedade deles: “Vê, já estás velho, e teus filhos não andam pelos teus caminhos” (1Sm 8.5). Se nos lembrarmos das lições ensinadas anteriormente em 1Samuel, saberemos que os anciãos, naquele tempo, deviam esperar uma palavra da parte do Senhor por meio do seu profeta. Porém, como acontecia tão frequentemente naqueles dias (e nos nossos), os anciãos não foram ouvir o profeta, mas ditar seus planos a Samuel.

Anteriormente, os líderes de Israel haviam tido a ideia de levar a arca da aliança para o campo de batalha, confiantes de que a santa caixa de Deus lhes daria uma vantagem no combate (1Sm 4.4). Naquela ocasião, Deus ficou irado e os entregou nas mãos dos seus inimigos. Mais uma vez, os israelitas têm sua própria ideia sobre o que precisa acontecer: “Constitui-nos, pois, agora, um rei sobre nós, para que nos governe, como o têm todas as nações” (8.5). É fácil acompanhar o raciocínio deles: o sistema de juízes periódicos não estava funcionando, e Samuel estava perto de sua morte; a constante ameaça militar dos

filisteus e dos amonitas requeria controle executivo constante (veja 12.12). Finalmente, como seus filhos haviam se desqualificado e o vácuo de liderança podia colocar em risco a nação, Samuel devia providenciar o tipo de governante que as outras nações tinham: “Constitui-nos um rei”. John Woodhouse explica que um rei “oferecia um centro de autoridade política forte, estável e previsível para uma nação que de outro modo tinha de depender que um Deus invisível a unisse. Além disso, o reinado prometia uma organização central eficiente a uma nação que, sem essa estrutura, tendia a cambalear de uma crise para outra”.[1]

Os anciãos pensavam que soluções eficazes em instituições terrenas funcionariam igualmente bem numa instituição divina como Israel. A mesma lógica é mostrada hoje quando a igreja é orientada a imitar as práticas que tornam as empresas tão eficazes. Com muita frequência é dito hoje que, se empregar as estratégias mundanas de recrutamento, marketing e entrega de produto a igreja pode expandir o nicho do mercado de Deus no mundo. O raciocínio dos anciãos de Israel continua a ser ouvido entre o povo de Deus: “Constitui-nos [...] um rei [...] como o têm as outras nações” (1Sm 8.5).

Como devemos entender o pedido dos anciãos? Bill Arnold o descreve como pecaminoso em seus motivos, pois representava uma rebelião contra o governo de Deus; egoísta em sua inoportunidade, pois exigia provisão da parte de Deus no tempo escolhido pelos anciãos; e covarde em seu espírito, pois eles buscavam um sistema que eliminasse a necessidade de que tivessem fé no Senhor.[2]

A alternativa ao pedido deles era uma verdadeira busca a Deus, incluindo a disposição de andar nos seus caminhos. No entanto, como antes, pareceu mais fácil buscar um novo recurso, um novo dispositivo, em vez do arrependimento necessário para serem restaurados ao Senhor.

A oração de Samuel e a resposta de Deus

Tendo aprendido com seus anos de experiência, Samuel fez o que os anciãos deveriam ter feito: buscou ao Senhor em oração. “Esta palavra não agradou a Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei, para que nos governe. Então, Samuel orou ao SENHOR” (1Sm 8.6). Ele dá um exemplo de sabedoria, lembrando-nos de reagir a todo desafio ou necessidade voltando-nos, em primeiro lugar, a Deus em oração.

A resposta do Senhor foi um pouco surpreendente, especialmente porque ele não pareceu tão indignado quanto seu profeta. Deus deu três respostas a Samuel. Primeiro, ministrou ao seu servo, garantindo-lhe que o erro não estava nele. Samuel não havia falhado com Israel, e o povo não o estava rejeitando: “Não te rejeitou a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre ele” (1Sm 8.7). De fato, esse episódio foi meramente o último numa longa história da rejeição do governo de Deus por Israel: “Segundo todas as obras que fez desde o dia em que o tirei do Egito até hoje, pois a mim me deixou, e a outros deuses serviu, assim também o faz a ti” (8.8). Desde o momento em que Israel foi libertado da escravidão no Egito, o Senhor havia sido o rei deles. No entanto, a incredulidade e a rebelião de Israel eram problemas recorrentes, por isso Samuel não devia pensar que fosse a causa da insatisfação do povo. Essas palavras devem consolar cada pastor, professor ou pai cujos liderados se recusam a seguir no caminho do Senhor: desde que sejamos fiéis no ensino e na liderança, o erro não é nosso, e compartilhamos com o Senhor nosso sentimento de rejeição.

Segundo, com isso em mente, Deus sabia como responder aos anciãos: atendendo o pedido deles. Muitas vezes Deus responde dessa maneira à rebelião entre seu povo. Quando exigimos um substituto para Deus, o Senhor nos permite suportar o governo mundano e incrédulo, com todas as suas consequências danosas. Isso não acontece porque Deus foi contrariado pela obstinação dos anciãos ou porque estivesse desorientado. Em vez disso, Deus queria dar uma lição humilhante que resultaria em futuro arrependimento e restauração.

Isso nos lembra de que nem sempre devemos nos sentir encorajados quando Deus parece responder a nossa oração. Nesse caso, a concordância de Deus não era um sinal de sua bênção, mas do seu castigo. Quanto mais percebemos quanto nosso coração é pecaminoso e a frequência com que nossos pensamentos e desejos se desviam, mais humildemente desejamos que Deus rejeite nossas orações para que sua sabedoria vença nossa estupidez e sua santidade corrija o nosso pecado.

Os direitos dos reis

A terceira resposta de Deus foi uma ordem a Samuel: “Agora, pois, atende à sua voz, porém adverte-o solenemente e explica-lhe qual será o direito do rei que houver de reinar sobre ele” (1Sm 8.9). A paciência de Deus ao fazer ao seu povo

obstinado uma advertência detalhada sobre o que eles estavam pedindo foi notável. Consequentemente, “referiu Samuel todas as palavras do SENHOR ao povo, que lhe pedia um rei” (8.10).

O que vem a seguir é uma descrição extraordinariamente precisa dos resultados normais do governo humano. Samuel descreve o reinado humano não apenas na sua natureza depravada, mas na sua própria natureza, usando dois verbos: tomar e servir. O rei tomará e eles servirão:

Este será o direito do rei que houver de reinar sobre vós: ele tomará os vossos filhos e os empregará no serviço dos seus carros e como seus cavaleiros, para que corram adiante deles; e os porá uns por capitães de mil e capitães de cinquenta; outros para lavrarem os seus campos e ceifarem as suas messes; e outros para fabricarem as suas armas de guerra e o aparelhamento de seus carros. Tomará as vossas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras. Tomará o melhor das vossas lavouras, e das vossas vinhas, e dos vossos olivais e o dará aos seus servidores. As vossas sementeiras e as vossas vinhas dizimará, para dar aos seus oficiais e aos seus servidores. Também tomará os vossos servos, e as vossas servas, e os vossos melhores jovens, e os vossos jumentos e os empregará no seu trabalho. Dizimará o vosso rebanho, e vós lhe sereis por servos (1Sm 8.11-17).

No original hebraico, a palavra tomar ocorre seis vezes. Um rei “tomará vossos filhos” para servirem no exército e morrerem nas batalhas. Quando não lutarem, seus filhos serão tomados pelo rei como escravos virtuais “para lavrarem os seus campos e ceifarem as suas messes” ou para trabalharem exaustivamente em suas fábricas. Mas isso não é tudo, pois o rei também “tomará vossas filhas”. Os israelitas não deviam pensar que suas filhas poderiam ficar em casa cuidando da família. Elas seriam necessárias para trabalhar para o governo como “perfumistas, cozinheiras e padeiras”. Então o rei “tomará o melhor das vossas lavouras, e das vossas vinhas, e dos vossos olivais” para que possa recompensar seus servos mais bem-sucedidos. Haverá um dízimo extra de toda a produção para que os oficiais de alto escalão possam viver com o luxo adequado. Finalmente, o rei tomará os servos de Israel para que não mais trabalhem nos campos e nas casas dos israelitas, mas nos campos do rei, a serviço do rei. Em

resumo, sempre que o povo recorrer a um líder humano para salvá-lo de todos os seus problemas, o resultado inevitável será que ele reduzirá Israel à sua antiga condição no Egito: “vós lhe sereis por servos” (1Sm 8.17).

Essa foi a mensagem de Samuel naquela ocasião, e continua sendo verdadeira hoje. Se não queriam um governante divino, mas o tipo de líder que governa “todas as nações”, então os israelitas vivenciariam o quinhão comum da humanidade: escravidão a líderes opressores. Hoje, do mesmo modo, aqueles que querem que o governo nacional supra todas as suas necessidades devem estar dispostos a abrir mão dos seus direitos como pessoas livres. Se o governo deve resolver todos os seus problemas, então ele deve ser obedecido em todas as coisas e a maior parte do que temos deve ser dada a ele. Por mais que um rei possa fazer por uma nação, é certo que ele tomará mais do que dará. Ele tomará e você servirá: esse é o despotismo sempre que homens pecaminosos são colocados no lugar de Deus na nossa vida.

Esse princípio é ainda mais verdadeiro quando se trata de render-se ao pecado, o grande senhor de escravos do nosso mundo. Jesus disse: “Todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34). Pensamos que podemos nos envolver com o pecado e manter o controle sobre nossas paixões, mas isso não é verdade. O pecado toma e nós damos, até que finalmente ele nos destrói no santo juízo de Deus.

O que sem dúvida o povo de Israel queria era ter o bolo e, ao mesmo tempo, comê-lo. Os israelitas queriam observar a religião de Deus somente se tivessem um governo secular; eles queriam uma fé de piedade particular, não de credibilidade pública. Do mesmo modo, os ornamentos religiosos são permitidos por governos seculares hoje, atraindo o endosso de Deus para o governo soberano do homem, desde que Deus concorde em não se intrometer nas nossas questões. Porém, Deus não se acomoda a esse esquema. Ele disse aos anciãos israelitas que, se quisessem um rei humano, teriam de confiar nele sem a ajuda do Senhor: “Naquele dia, clamareis por causa do vosso rei que houverdes escolhido; mas o SENHOR não vos ouvirá naquele dia” (1Sm 8.18).

Esse cenário terminou em duas gerações, quando Israel vivenciou a opressão que Samuel havia predito no reinado do filho e sucessor de Davi, Salomão. Salomão passou sete anos construindo o templo do Senhor (1Rs 6.38), mas passou 13 anos construindo um palácio ainda mais espetacular para si mesmo (7.1). Para realizar essa façanha, Salomão impôs a Israel trabalho forçado (5.13-18).

Salomão tomou e eles deram e, quando ele morreu, os anciãos pediram a seu filho, Roboão, que fosse mais brando. Eles disseram: “Teu pai fez pesado o nosso jugo; agora, pois, alivia tu a dura servidão de teu pai e o seu pesado jugo que nos impôs, e nós te serviremos” (12.4). Roboão respondeu como qualquer rei responderia, recusando-se a começar seu reinado com um sinal de fraqueza. Ele se jactou: “Meu dedo mínimo é mais grosso do que os lombos de meu pai. Assim que, se meu pai vos impôs jugo pesado, eu ainda vo-lo aumentarei” (12.10-11). Desse modo, Deus entregou seu povo ao sofrimento da sua própria insensatez incrédula, e seus clamores por alívio não foram respondidos. “Não!”, eles haviam insistido, quando rejeitaram a advertência de Samuel. “Mas teremos um rei sobre nós. Para que sejamos também como todas as nações; o nosso rei poderá governar-nos, sair adiante de nós e fazer as nossas guerras” (1Sm 8.19-20). O Senhor condescendeu, selando sobre eles seu juízo: “Atende à sua voz e estabelece-lhe um rei”. Assim Samuel despediu os anciãos, dizendo: “Volte cada um para sua cidade” (8.22).

Dois princípios inter-relacionados

Esse episódio revela dois aspectos relacionados de fé no Senhor e, correspondentemente, duas forças relacionadas que agem contra nossa fé. O primeiro aspecto da nossa fé é nosso chamado para sermos dedicados exclusivamente ao Senhor. Moisés ordenou: “Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6.5). Jesus se referiu a isso como “grande e primeiro mandamento” (Mt 22.37-38). No cerne do relacionamento de aliança estava esta obrigação de dedicação mútua: Deus mostrou seu amor a vocês, agora amem-no e honrem-no em todas as coisas. Assim, a exigência de um rei foi uma afronta ao próprio cerne do relacionamento baseado na aliança de Israel com Deus.

A segunda obrigação mais importante da antiga aliança era o chamado de Israel à santidade: “Porque sois povo santo ao SENHOR, vosso Deus, e o SENHOR vos escolheu de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhe serdes povo próprio” (Dt 14.2). O povo de Deus deveria ser diferente das nações em praticamente todos os modos: seu modo de pensar, seus padrões de comportamento, seus objetivos e seus métodos deveriam ser piedosos, não mundanos. Ao exigir um rei como “todas as nações” (1Sm 8.5), os anciãos israelitas rejeitaram o chamado de Deus para serem santos e separados do mundo

incrédulo.

Esses dois princípios são totalmente válidos para os cristãos hoje. A lição que devemos tirar da rejeição dos anciãos à exclusiva dedicação ao Senhor e à santidade diante do mundo é que esses dois princípios ficam de pé ou caem juntos. Não é por acaso que, ao rejeitar o Senhor, os anciãos israelitas estavam exigindo ser como as outras nações, ou que, desejando conformar-se ao mundo, acabaram repudiando o Deus verdadeiro. Há uma sinergia entre a dimensão vertical da nossa fé – nossa dedicação ao Senhor e nosso prazer nele – e a dimensão horizontal – nossa separação do mundanismo e do pecado. O que é, afinal, que encoraja os cristãos a ficarem firmes nos caminhos do Senhor, aceitando a dificuldade de sempre se oporem aos ventos predominantes do mundo? A resposta é que nosso chamado à santidade só pode ser fortalecido pela nossa reverência pela glória de Deus e pela nossa gratidão pela graça salvadora de Deus. É por isso que Paulo diz que é "a graça de Deus" que nos ensina para que "renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tt 2.11-13). É a maravilha da graça e da glória de Deus que sela nosso coração para uma vida santa.

Podemos dizer a mesma coisa ao inverso: separando nosso coração dos prazeres e tesouros de um mundo manchado pelo pecado, mantendo nossa mente livre das mentiras da falsa religião e da vã filosofia, fortalecemo-nos para a fidelidade ao Senhor. Fidelidade a Deus e santidade diante do mundo são elementos inseparáveis e mutuamente sustentadores. Mas, inversamente, também são igualmente sustentadores no fracasso espiritual. Israel esqueceu-se do Senhor e, assim, buscou os falsos deuses do mundo. A idolatria, então, afastou de Deus o coração do povo e corrompeu seu apetite espiritual por meio de práticas pagãs. Desse modo, o povo santo de Deus tornou-se uma nação incrédula, exigindo um rei como "todas as nações", no lugar de Deus.

Conquanto esses dois princípios estejam mutuamente relacionados, devemos sempre dar prioridade à dimensão vertical. O declínio espiritual que levou à rejeição de Deus havia começado décadas antes, quando "outra geração após eles se levantou, que não conhecia o SENHOR, tampouco as obras que fizera a Israel" (Jz 2.10). Isso nos lembra de que não há chamado mais nobre ou mais urgente na igreja do que o da pregação, que começa com Deus, não com o homem, que se concentra nos grandes atos salvadores de Deus na História,

culminando em Jesus Cristo, e não nas questões e problemas relatados nos jornais e revistas. O que é verdadeiro para as igrejas também é verdadeiro para as pessoas: aqueles que não conhecem o Senhor ou sua obra salvadora inevitavelmente cairão nos caminhos e na adoração do mundo. Assim,

igrejas que perdem seu foco em Deus inevitavelmente se tornam mundanas em sua prática, o que as conduz cada vez para mais longe de Deus, até que quase nada que seja distintamente cristão seja mantido. Porém, aquelas que fazem do conhecimento e da glória de Deus seu foco primário são tiradas do mundo com seus métodos e ídolos, e, assim, levadas a uma maior confiança em Deus e comunhão com o Senhor.[3]

Padrões bíblicos para a liderança cristã

Apesar da opinião negativa de Samuel e da condenação do próprio Deus aos motivos dos anciãos, não era estritamente contrário à palavra de Deus que Israel tivesse um rei humano. A pecaminosidade da atitude dos anciãos é óbvia, mas a ideia deles de ter um rei pode ter vindo da palavra de Deus. Por exemplo, Deus disse a Abraão: “De ti farei nações, e reis procederão de ti” (Gn 17.6). Além disso, as orientações finais de Moisés incluem instruções de Deus para os futuros reis de Israel. Sabemos que Deus viu o pedido dos anciãos como uma rejeição a si mesmo e uma defesa do mundanismo (1Sm 8.7-8), mas, anteriormente, ele havia previsto exatamente isso: “Quando entrares na terra que te dá o SENHOR, teu Deus, e a possuíres, e nela habitares, e disseres: Estabelecerei sobre mim um rei, como todas as nações que se acham em redor de mim, estabelecerás, com efeito, sobre ti um rei” (Dt 17.14-15). Essa permissão tinha o objetivo de promover a piedade, não o mundanismo, nos reis de Israel. Esses princípios são válidos e vitais hoje para estabelecer líderes piedosos na igreja.

Primeiro, os líderes do povo de Deus devem ser escolhidos e chamados por ele: “Estabelecerás, com efeito, sobre ti como rei aquele que o SENHOR, teu Deus, escolher” (Dt 17.15). Naquele tempo, Deus revelava sua escolha por meio de revelação especial dada por meio de um profeta, como aconteceu quando mais tarde Samuel ungiu Saul e, depois, Davi como rei de Israel. No Novo Testamento, quando os apóstolos quiseram substituir Judas por um novo

apóstolo, Deus revelou sua escolha por meio do lançamento de sortes (At 1.26). Hoje, Deus levanta seus líderes tendo qualificado homens aprovados pelos presbíteros e seu chamado reconhecido quando a igreja dá sua aprovação. Homens divinamente designados (o Novo Testamento restringe o ofício eclesiástico somente a homens; veja 1Tm 2.11-12; 3.2; Tt 1.6) não herdam o presbiterato ou a ordenação, não se candidatam ao trabalho e não entram no ministério por falta de algo melhor a fazer. Os líderes espirituais são escolhidos e capacitados por Deus, e seu chamado é afirmado pelo Espírito, falando por meio da igreja.

Segundo, Deus ordenou que os reis de Israel viessem do povo da aliança: "Homem estranho, que não seja dentre os teus irmãos, não estabelecerás sobre ti, e sim um dentre eles" (Dt 17.15). Nem é preciso mencionar que pastores e presbíteros devem ser cristãos, assim como os reis de Israel deviam vir do povo de Deus. Mas, ao repetir a palavra irmão,* o Senhor está dando uma ênfase. Os líderes cristãos devem ter um sentimento fraterno por aqueles que estiverem sob sua autoridade espiritual. Eles não devem ser indiferentes às provações e apuros do seu rebanho e ter compaixão daqueles que erram ou caem.

Terceiro, "Este não multiplicará para si cavalos [...] Tampouco para si multiplicará mulheres, para que o seu coração se não desvie; nem multiplicará muito para si prata ou ouro" (Dt 17.16-17). O Novo Testamento ensina que as necessidades terrenas dos pastores devem ser supridas para que possam se dedicar ao cuidado espiritual e à nutrição do rebanho. "Não amordaces o boi, quando pisa o trigo", escreve Paulo, pois "o trabalhador é digno do seu salário" (1Tm 5.18). "Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?" (1Co 9.11), ele pergunta. Mas não deve haver excessos ou a busca de luxos mundanos, e a prática cada vez mais frequente de pregadores famosos receberem somas exorbitantes, muito além de suas necessidades, é um escândalo para nossa geração. Embora os ministros devam ser pagos generosamente, eles devem sempre lembrar-se de que seus proventos vêm dos dízimos e ofertas de pessoas que geralmente ganham pouco. Pedro, por isso, enfatiza que os líderes da igreja devem servir não "por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho" (1Pe 5.2-3).

Finalmente, um líder que honra a Deus estará sob a autoridade da palavra de Deus em todas as coisas. Essa foi a principal provisão de Deus para um reinado piedoso. Ele determinou que a primeira coisa que um homem deveria fazer ao

subir ao trono era escrever “para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos levitas sacerdotes” (17.18). Ele devia, literalmente, fazer sua própria cópia manuscrita da palavra de Deus, aceitável aos sacerdotes, que ele deveria, então, levar para onde quer que fosse. “E o terá consigo e nele lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o SENHOR, seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os cumprir” (17.19). Este, então, é o padrão final para a liderança cristã: um compromisso observável com a palavra de Deus que é refletido em obediência cuidadosa a tudo o que a Bíblia ensina e ordena. Esse padrão – não uma personalidade dinâmica, nem influência política, nem habilidade administrativa – é a chave para toda liderança espiritual. Um verdadeiro líder espiritual deve ser capaz de dizer com o rei Davi: “Terei prazer nos teus decretos; não me esquecerei da tua palavra” (Sl 119.16).

O governo sobre seus ombros

O verdadeiro plano de Deus para reinar sobre seu povo envolvia um homem que reinaria como Rei para sempre. De fato, o último dever de Samuel seria ungir o jovem Davi e orientá-lo em seus difíceis primeiros passos. Mas Davi era apenas um precursor do verdadeiro grande Rei, que viria de sua própria linhagem. Deus prometeu a Davi: “Farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. [...] teu trono será estabelecido para sempre” (2Sm 7.12,16). O próprio cerne do Antigo Testamento é a promessa desse Rei-Pastor, que cumpriria as profecias sendo tanto Filho de Davi como Filho de Deus. Isaías cantou: “Um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9.6). Miqueias predisse: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Mq 5.2). Essas profecias foram cumpridas, e nosso Rei foi dado na vinda de Jesus Cristo, que nasceu de uma mulher e também era “Filho do Altíssimo [...] Filho de Deus” (Lc 1.32,35).

Há um nítido contraste entre Jesus e os reis descritos por Samuel. Jesus não é um Rei que toma, mas um Rei que dá. Jesus disse: “[...] o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28). Ele entregou sua própria vida na cruz, morrendo em nosso lugar, para que pudéssemos ser libertos da culpa do nosso pecado. Ele é o Rei “que nos

ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados" (Ap 1.5). E quando nosso Rei Jesus ficou diante das autoridades deste mundo, com as feridas profundas dos açoites que sofreu, ele afirmou claramente a Pôncio Pilatos: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18.36). Jesus Cristo é um Rei, mas não um "rei como o têm todas as nações", e sim um Rei que serve aos menores em seu reino e dá vida eterna àqueles que o amam e confiam nele. Se o aceitarmos como nosso Rei – este homem que é também Deus – então entraremos com ele no glorioso reino há muito preparado por seu Pai e ele compartilhará conosco as maravilhas e bênçãos de Deus – tesouros que não são deste mundo, mas que durarão para sempre na Terra Prometida da era vindoura.

1 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 145.

2 Bill T. Arnold, 1 & 2 Samuel, NIV application commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2003), 153-54.

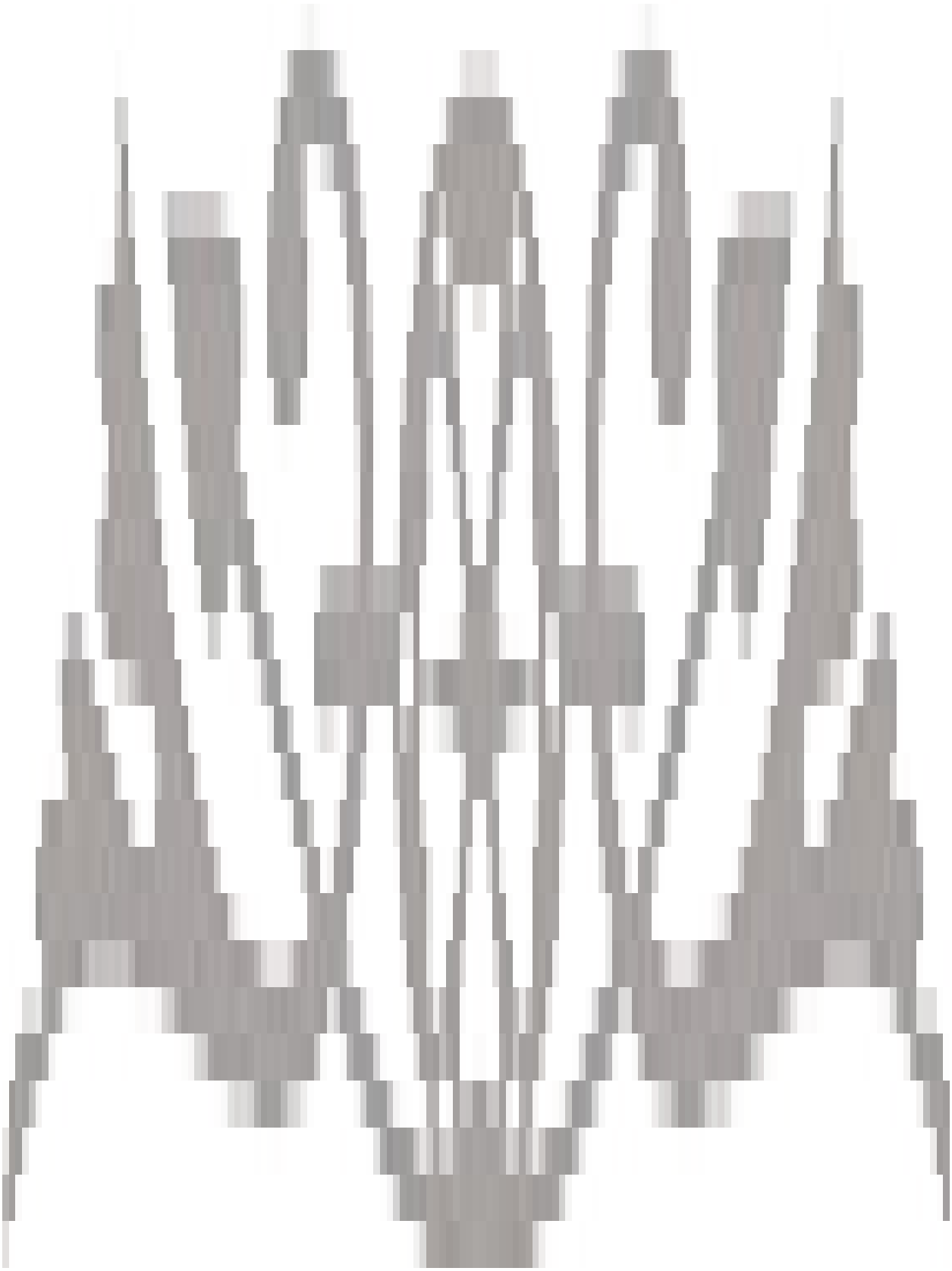
3 Richard D. Phillips, Turning back the darkness: The biblical pattern of Reformation (Wheaton, IL: Crossway, 2002), 47.

* Na versão ARA, a segunda ocorrência dessa palavra é traduzida como “eles”: “[...] um dentre eles”. (N. do T.)

13

EIS O VOSSO REI!

1Samuel 9.1–10.16



Tinha ele um filho cujo nome era Saul, moço e tão belo, que entre os filhos de Israel não havia outro mais belo do que ele; desde os ombros para cima, sobressaía a todo o povo. (1Sm 9.2)

As palavras iniciais de 1Samuel 9 indicam que chegamos a uma nova seção do livro. Quando lemos “havia um homem de Benjamim, cujo nome era Quis” (1Sm 9.1), lembramo-nos das palavras iniciais do capítulo 1: “Houve um homem de Ramataim-Zofim” (1.1). A primeira seção de 1Samuel (cap. 1–8) relata o surgimento de Samuel como juiz de Israel, terminando com a exigência dos anciãos por “um rei [...] como o têm todas as nações” (1Sm 8.5). O capítulo 9 começa uma nova seção (cap. 9–31) ao apresentar esse rei, cujo início faz um paralelo com a introdução anterior a Samuel.

Essa repetição lembra-nos que os livros de Samuel tratam da questão da liderança do povo de Deus. Os anciãos exigiam um tipo de liderança diferente daquele que Deus havia dado por meio dos juízes – homens chamados por Deus quando a necessidade surgia. Em vez disso, queriam um rei de um reinado hereditário, como as outras nações tinham: “Teremos um rei sobre nós. Para que sejamos também como todas as nações” (1Sm 8.19-20). Samuel advertiu que esse rei tomaria tudo o que eles tinham e os reduziria à condição de escravos. Mas, quando os anciãos insistiram, o Senhor instruiu Samuel a atender “à sua voz e estabelece-lhe um rei” (1Sm 8.22). Samuel respondeu enviando para casa os anciãos até que Deus revelasse esse rei. No capítulo 9, Deus provê Saul, filho de Quis, por meio de quem Israel aprenderia que foi uma insensatez querer ser como “todas as nações”.

O filho de Quis

A primeira coisa que aprendemos sobre Saul é sua linhagem: “Havia um homem de Benjamim, cujo nome era Quis, filho de Abiel, filho de Zeror, filho de Becorate, filho de Afias, benjamita, homem de bens” (1Sm 9.1). Essa não é uma árvore genealógica distinta – nenhum desses nomes teve qualquer distinção na Bíblia – embora o pai de Saul tivesse alguma importância e prosperidade. Além

disso, Benjamim era a menor das tribos de Israel e seu patriarca era o último dos 12 filhos de Jacó. De um ponto de vista político, porém, Benjamim não era uma má escolha para gerar um rei, pois um membro dessa tribo podia mediar entre as poderosas tribos de Judá, ao sul, e Efraim, ao norte.

O nome Saul significa “pedido” ou “consagrado” (cf. 1Sm 1.28). Isso corresponde ao pedido dos anciãos por um rei: o tipo de pessoa admirado segundo os padrões humanos. O mundo admira alguém que parece e age como um líder, e Saul era “moço e tão belo”. De fato, “entre os filhos de Israel não havia outro mais belo do que ele” (1Sm 9.2). A palavra traduzida como “belo” é simplesmente a palavra bom (hebr. tov). O fato é que Saul causava muito boa impressão, tanto pela sua aparência quanto pela sua conduta. Dale Ralph Davis graceja: “As pessoas o teriam elegido Mr. Israel se em Israel houvesse esse tipo de concurso”.[1] Além disso, num mundo que valoriza a estatura física, Saul era uma espécie de gigante: “Desde os ombros para cima, sobressaía a todo o povo” (1Sm 9.2). O fato de que Saul é o único israelita definido na Bíblia pela sua grande altura – sendo a estatura física sempre uma marca dos inimigos de Israel (cf. Nm 13.33; Dt 1.28; 2.10; 9.2; 1Sm 17.4) – amplifica a impressão de que Saul é precisamente o tipo de rei que seria escolhido por “todas as nações”.

A história de Saul começa com um acontecimento comum naquele mundo agrícola: “Extraviaram-se as jumentas de Quis, pai de Saul. Disse Quis a Saul, seu filho: Toma agora contigo um dos moços, dispõe-te e vai procurar as jumentas” (1Sm 9.3). Saul e seu servo fizeram uma busca pelos animais extraviados, com o resultado de que não os encontraram, mas acabaram entrando na “terra de Zufe” (9.5) Zufe era a casa do profeta-juiz de Israel, Samuel.

Ao longo do caminho, várias credenciais dão apoio à probabilidade de Saul para a liderança. No versículo 5, Saul mostra respeito e interesse pelo seu pai, querendo voltar para casa para que “não suceda que meu pai deixe de preocupar-se com as jumentas e se aflija por causa de nós” (1Sm 9.5). Segundo, quando o servo de Saul sugere que consultem “um homem de Deus” naquela cidade, Saul insiste para que compareçam perante o servo do Senhor somente se tiverem um presente adequado: “Eis, porém, se lá formos, que levaremos, então, àquele homem? Porque o pão de nossos alforjes se acabou, e presente não temos que levar ao homem de Deus” (1Sm 9.7). Esse era o tipo de coisa que se esperava no mundo social de Israel quando um viajante aparecia sem anunciar perante uma pessoa importante,[2] e Saul era cuidadoso quanto a agir de acordo com os costumes.

Além disso, o fato de que Saul e seu servo foram consultar o profeta de Deus o separa dos outros líderes de Israel, como aqueles que negligentemente levaram a arca da aliança para o campo de batalha (1Sm 4.3-4) e os anciãos, que exigiram um rei terreno (8.5). Saul e seu servo lembram-nos que não há questões tão triviais que Deus não nos convide a buscar seu conselho por meio da oração e do estudo da sua palavra. A sabedoria de Deus diz: “Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas” (Pv 3.6).

Um segundo ponto enfatizado por esse relato de viagem é que, embora Saul fosse humanamente impressionante, ele não era verdadeiramente um líder espiritual. Esse é o ponto principal desenvolvido ao longo dos capítulos 9 e 10. Primeiro, a aptidão de Saul para liderança espiritual é denegrida pela sua incapacidade de encontrar as jumentas perdidas do seu pai. Os mais famosos líderes de Israel haviam sido pastores – Abraão, Isaque, Jacó e Moisés – de modo que a incompetência de Saul em rastrear até mesmo animais grandes (que no final foram para casa sozinhos) é evidente, para dizer o mínimo. Uma das mais importantes qualificações de um líder espiritual é a fidelidade em vigiar o rebanho de Deus (Hb 13.17; 1Pe 5.2-3), mas esse não era o tipo de coisa em que Saul se destacava.

Além disso, alguns estudiosos argumentam que o interesse de Saul num presente para “o homem de Deus” em Zufe não era mera cortesia social, mas sua crença de que os servos de Deus deviam ser pagos. Essa é precisamente a atitude que as pessoas do mundo têm em relação a pastores e igrejas hoje: para elas, a religião é apenas mais um negócio.

Adicionalmente, o texto enfatiza a ignorância de Saul quanto ao homem de Deus a quem seu servo se referia. Aqui há “um homem de Deus, e é muito estimado; tudo quanto ele diz sucede” (1Sm 9.6). Logo descobriremos que o servo está se referindo ao próprio Samuel. Anteriormente, vimos que “todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do SENHOR” (3.20) e que “veio a palavra de Samuel a todo o Israel” (4.1). No entanto, Saul nunca havia ouvido falar dele. Aparentemente, havia estado ocupado demais tornando-se exteriormente impressionante para ter interesse em assuntos espirituais. A total ignorância de Saul quanto ao principal profeta e juiz de Israel é confirmada mais tarde, quando ele encontra Samuel e pergunta: “Mostra-me, peço-te, onde é aqui a casa do vidente” (9.18), apenas para descobrir que estava falando com o próprio Samuel. A cegueira espiritual de Saul terá um papel importante nos futuros acontecimentos, especialmente

quando julgar mal os motivos do seu piedoso filho Jônatas e ver o fiel Davi como uma ameaça ao seu trono.

Finalmente, observamos que conquanto Saul estivesse no comando, era, na verdade, seu servo que liderava, enquanto Saul o seguia. Foi o servo, não Saul, quem insistiu para que procurassem o profeta de Deus. Mais tarde, quando se tornasse rei, Saul seria frequentemente influenciado pelo conselho de terceiros, em vez de seguir um curso determinado pela sua própria fé e suas próprias convicções.

Reconhecemos Saul, não é mesmo? Saul está entre nós, hoje, como o executivo que causa a ruína da empresa enquanto exige bônus generosos, ou o político que domina a arte de falar em público, mas que nunca fala realmente a verdade. Os sauls do mundo têm pouca competência para o trabalho que devem realizar, mas apenas a cuidadosamente cultivada impressão de superioridade. Os sauls têm poucas convicções, mas muitas ambições. São conduzidos pelos ventos de mudança. Esse era o tipo de rei que os israelitas queriam e, num mundo corrompido como o nosso, Saul é o tipo de homem que frequentemente obtém preeminência e poder.

Uma última ênfase no início do capítulo 9 é o controle providencial de Deus sobre questões menos importantes da nossa vida, de acordo com sua vontade soberana. Procurar jumentas era uma coisa comum na qual Saul estava empenhado. No entanto, foi o desenrolar do plano de Deus que orientou os caminhos dos homens de modo completamente inesperado para eles. Fica óbvio, pelo texto, que Deus havia ordenado cada detalhe dessa viagem, até mesmo Saul e seu servo chegando às portas da cidade precisamente no momento em que Samuel passava por elas (1Sm 9.14). Aqui somos lembrados de que a total soberania de Deus sobre até mesmo os menores detalhes da nossa vida não entra em conflito com a completa expressão da escolha e da vontade humanas. Por meio das questões menos importantes da vida humana, Deus cumpre suas promessas pactuais e seus propósitos. Ele havia prometido dar a Israel um rei como têm todas as nações, e, pelos meios que escolheu, essa promessa seria cumprida. Além disso, esse acontecimento fazia parte do plano soberano de Deus para o seu povo, conhecido e ordenado desde a eternidade: “Conhecidas por Deus desde a eternidade são suas obras” (At 15.18 NKJV). O povo de Deus raramente sabe como Deus planeja usar os acontecimentos simples de sua vida ou as grandes coisas que Deus fará a partir de tarefas aparentemente desimportantes, mas sabemos que “todas as coisas cooperam para o bem

daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28). A esse respeito, a escolha de Saul como rei de Israel lembra-nos que Deus deu seu Filho, Jesus, para reinar como Salvador do seu povo. Enquanto os líderes religiosos de Jerusalém pensavam que estavam traindo apenas outro rabino ao entregar Jesus aos romanos, Pedro declarou que o eterno plano redentor de Deus estava verdadeiramente em andamento. No domingo do Pentecostes, Pedro pregou aos judeus sobre Jesus, a quem eles haviam "entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, [e] vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos" (At 2.23).

A mensagem de Deus a Samuel

O propósito de Deus na busca aos animais torna-se evidente logo que entendemos a perspectiva de Samuel. Saul estava para voltar para casa quando seu servo lhe deu uma moeda para dar ao profeta (o v. 9 observa que o primeiro termo vidente se refere ao profeta) em troca de informações sobre suas jumentas perdidas. Saul consentiu e os dois foram para a cidade, que podemos presumir que era a cidade natal de Samuel, Ramá, na terra de Zufe. Enquanto iam, aconteceu que estavam saindo algumas moças que sabiam exatamente onde o vidente estava. "Apressa-te", elas disseram, "pois, porque, hoje, veio à cidade; porquanto o povo oferece, hoje, sacrifício no alto. Entrando vós na cidade, logo o achareis, antes que suba ao alto para comer" (1Sm 9.12-13). As mulheres acrescentaram o que Saul poderia não saber, que "o povo não comerá enquanto ele não chegar, porque ele tem de abençoar o sacrifício" (9.13). Certamente, quando entraram na cidade, foram direto até Samuel.

Saul e seu servo não sabiam que o grande profeta e juiz estava esperando por eles. Mas Samuel havia sido avisado por meio de uma mensagem da parte de Deus recebida no dia anterior: "Amanhã, a estas horas, te enviarei um homem da terra de Benjamim, o qual ungirás por príncipe sobre o meu povo de Israel, e ele livrará o meu povo das mãos dos filisteus; porque atentei para o meu povo, pois o seu clamor chegou a mim" (1Sm 9.16). Quando Saul se aproximou, Deus disse a Samuel: "Eis o homem de quem eu já te falara: Este dominará sobre o meu povo" (9.17). Por causa do plano de Deus, esse encontro "casual" foi uma ocasião significativa na história de Israel, bem como para essas duas pessoas, cujas vidas, dali em diante, estariam entrelaçadas.

Samuel ficou sabendo, primeiro, que devia ungir Saul como “príncipe” ou “comandante” de Israel. É interessante que o Senhor não identifica Saul como rei, embora o termo possa se referir à condição de Saul como rei designado.[3] De qualquer modo, vemos que o Senhor não mudou sua abordagem com base no pedido dos anciãos: Deus ainda está levantando um homem de sua própria escolha para liderar seu povo em tempos difíceis. Muito embora Saul fosse rei pela exigência popular, ele ainda seria levantado como escolha de Deus, como havia acontecido com os juízes.

Segundo, a intenção de Deus era que Saul livrasse “o meu povo das mãos dos filisteus” (1Sm 9.16). Esses inimigos que vinham do mar, repelidos anteriormente quando Samuel julgava Israel, agora haviam reconquistado grande parte do seu controle opressor sobre Israel. Foi por isso que os anciãos pediram um rei para “sair adiante de nós e fazer as nossas guerras” (8.20). Saul era o tipo de líder que podia reunir a nação para batalha, e Deus o usaria para isso.

Terceiro, ficamos sabendo o motivo de Deus: “Atentei para o meu povo, pois o seu clamor chegou a mim” (1Sm 9.16). Essas são palavras preciosas quando percebemos quantas vezes Israel havia causado a ira do Senhor e como, nesse exato momento, os anciãos haviam se rebelado contra ele. Paulo escreveu: “Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo” (2Tm 2.13). Davis comenta: “Esse povo insensato e obstinado não deixa de ser objeto das compaixões de Yahweh. [...] Se você é um filho de Deus, você se alegrará em ver [...] que seu pecado não secará a fonte das compaixões dele, que a piedade dele se recusa a abandonar seu povo”.[4]

Quarto, quando Saul chegou, Deus acrescentou: “Este dominará sobre o meu povo” (1Sm 9.17). Há debate sobre o significado da palavra traduzida aqui como dominará (hebr. yaazar). Várias versões para o inglês traduzem como dizendo que Saul governará o povo de Deus (KJV, NIV, NKJV, NLT), mas esse não é o significado da palavra. Robert Bergen ressalta que essa palavra é quase sempre usada de modo negativo, indicando aprisionamento ou impedimento. Assim, ele argumenta que

o Senhor havia determinado usar a carreira de Saul como um meio para punir a nação. [...] Quando governasse a nação, suas políticas e seu comportamento impediriam a prosperidade da nação e agiriam como um tipo de barreira para

separar Israel do melhor de Deus para eles.[5]

O registro bíblico mostra que isso foi precisamente o que aconteceu durante o reinado de Saul: apesar dos seus sucessos militares iniciais, sua morte em batalha não deixaria Israel em condição melhor do que quando ele chegou.

Antes de seguir em frente, devemos observar que três vezes, nessa mensagem a Samuel, o Senhor se refere a Israel como “meu povo”. Saul seria príncipe “sobre o meu povo de Israel”; Saul livraria “o meu povo”, pois “atentei para o meu povo, pois o seu clamor chegou a mim” (1Sm 9.16). Isso mostra que, por mais rebelde que o povo fosse, Deus não tinha a intenção de abandonar seu senhorio ou seu amor por ele. Mais tarde, Samuel se refere a Israel como “herança” do Senhor (10.1). Isso expressa a permanência do senhorio de Deus sobre Israel, já que uma herança é “uma posse incontestável que não pode ser transferida para outra pessoa”.[6] O povo teria seu rei, mas nunca substituiria Deus por Saul ou por nenhum governante humano. Para Israel, foi uma bênção imerecida ser chamado de herança do Senhor, sustentado no amor de Deus pela firme graça soberana. É uma grande bênção para os cristãos, hoje, serem chamados de “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9).

Saul ungido

Saul nada sabia sobre a mensagem de Deus, nem quem era Samuel. Mas Samuel conhecia Saul e respondeu ao jovem cumprimentando-o, chamando-o para ir ao sacrifício e passar a noite. Primeiro, Samuel informou a Saul que não deveria se preocupar com as jumentas, que haviam sido encontradas. O profeta, então, falou sobre o destino de Saul. “Para quem está reservado tudo o que é precioso em Israel?”, ele perguntou. “Não é para ti e para toda a casa de teu pai?” (1Sm 9.20). Isso provavelmente se refere ao pedido dos anciãos para terem um homem destacado como rei. Saul ficou confuso, dadas suas origens humildes. Ele respondeu: “Porventura, não sou benjamita, da menor das tribos de Israel? E a minha família, a menor de todas as famílias da tribo de Benjamim? Por que, pois, me falas com tais palavras?” (9.21).

A longa seção de 1Samuel 9.22–10.8 relata a honra com que Samuel tratou Saul, a unção privada de Samuel a Saul e as instruções de Samuel quanto ao que Saul deveria fazer. Saul ficou surpreso por estar assentado num lugar de honra, com os melhores cortes de carne separados de antemão para sua vinda. Samuel disse: “Eis que isto é o que foi reservado; toma-o e come, pois se guardou para ti para esta ocasião, ao dizer eu: Convidei o povo” (1Sm 9.24). Isso foi seguido pelo privilégio especial de passar a noite na casa de Samuel, seguido por uma reunião particular ao amanhecer. Tudo isso foi feito para mostrar a Saul sua elevação a uma posição tão importante.

Pela manhã, quando Samuel acompanhou Saul até os portões da cidade, ele o chamou reservadamente para fazer saber a ele “a palavra de Deus” (1Sm 9.27). Então, Samuel derramou um vaso de azeite sobre a cabeça de Saul, beijou-o como um sinal de honra e declarou a ele: “Não te ungiu, porventura, o SENHOR por príncipe sobre a sua herança, o povo de Israel?” (10.1). Como explicação adicional, Samuel acrescentou: “E reinarás sobre o povo do SENHOR e o salvará da mão de seus inimigos em redor” (10.1).* Essa unção significava a autoridade de Deus sobre Saul, empossando-o primeiro como seu próprio servo e só depois como rei de Israel. A unção também simbolizava a capacitação do Espírito Santo a servos de Deus especialmente escolhidos.

A unção foi seguida por três sinais, que tinham o objetivo de assegurar a Saul a verdade da mensagem de Samuel e a autoridade divina por trás dela. O primeiro sinal predisse que, perto do túmulo de Raquel, Saul encontraria dois homens que lhe diriam que as jumentas haviam sido encontradas e que seu pai estava preocupado com sua segurança (1Sm 10.2). O segundo sinal forçaria Saul a reconhecer sua condição de ungido, pois envolveria três homens indo adorar em Betel, “um levando três cabritos; outro, três bolos de pão, e o outro, um odre de vinho” (10.3). Cumprimentando Saul, os homens lhe dariam essas ofertas que eram destinadas ao Senhor, e, ao aceitá-las, Saul reconheceria sua nova condição de ungido (10.4). O terceiro sinal aconteceria perto da casa de Saul, em Gibeá-Eloim (que significa “colina de Deus”):

[...] e há de ser que, entrando na cidade, encontrarás um grupo de profetas que descem do alto, precedidos de saltérios, e tambores, e flautas, e harpas, e eles estarão profetizando. O Espírito do SENHOR se apossará de ti, e profetizarás com eles e tu serás mudado em outro homem. Quando estes sinais te sucederem,

faze o que a ocasião te pedir, porque Deus é contigo (1Sm 10.5-7).

O último sinal confirmaria que realmente havia sido Deus quem ungira Saul e também proporcionaria a capacitação divina que o chamado de Saul exigia.

Finalmente, Samuel tinha instruções divinas para Saul, mostrando que, mesmo sob a nova monarquia, os reis de Israel deveriam ser subordinados à palavra de Deus por intermédio dos profetas. Samuel havia mencionado a guarnição filisteia em Gibeá-Eloim e, agora, sugere que Saul a ataque: “Quando estes sinais te sucederem, faze o que a ocasião te pedir, porque Deus é contigo” (1Sm 10.7). Saul, então, devia ir a Gilgal, o lugar onde Josué havia renovado a aliança de Israel com Deus, para esperar a chegada de Samuel, dentro de uma semana. Ali, Samuel ofereceria ofertas queimadas, para cobrir os pecados de Israel, e ofertas pacíficas, que, presumivelmente, tinham o objetivo de dar graças a Deus pela vitória que Saul teria sobre a guarnição filisteia (10.7-8).

Saul entre os profetas

Os anciãos de Israel haviam pedido um rei terreno, e Deus enviou Saul como resposta. Saul era o messias (i.e., “ungido”) e rei para o Israel incrédulo, e traria alívio da pesada mão dos filisteus. Para isso, Deus enviou seu Espírito para capacitá-lo para a tarefa que tinha à frente. 1Samuel 10.9 diz que, quando Saul se afastou de Samuel, “Deus lhe mudou o coração”. Então, quando Saul encontrou o grupo de profetas em Gibeá, “o Espírito de Deus se apossou de Saul, e ele profetizou no meio deles” (1Sm 10.10).

Aqueles que haviam conhecido Saul anteriormente ficaram surpresos. Eles se espantaram: “Que é isso que sucedeu ao filho de Quis? Está também Saul entre os profetas?” (1Sm 10.11). Essas palavras se tornaram um provérbio local, que, grosso modo, significa o mesmo que nossa expressão “os milagres nunca cessam”. Um homem zombou da nova associação de Saul, perguntando: “Quem é o pai deles?” (10.12), provavelmente referindo-se ao fato de que Saul não havia vindo de uma família que tipicamente produzia profetas de Deus. À primeira leitura, tudo isso pode nos incentivar a concluir que Deus havia enviado um verdadeiro messias para liderar seu povo para uma era de ouro de fé e poder

espiritual.

O erro dessa interpretação é visto nos versículos finais dessa passagem, que relata as subsequentes ações de Saul. De acordo com a Bíblia, o modo de avaliar uma suposta regeneração espiritual é observar o estilo de vida que a acompanha. Ezequiel predisse que Deus removeria o coração de pedra e daria um coração de carne (Ez 36.26). Foi isto o que aconteceu com Saul: uma verdadeira transformação espiritual? De acordo com Ezequiel, Deus dá um novo coração com um propósito: “Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis” (36.27). O novo coração de Saul resultou em novo zelo para servir a Deus e obedecer a sua Palavra?

A resposta é “não”. Depois do seu breve flerte com os profetas, Saul foi para casa. “Aonde fostes?”, perguntou seu tio (1Sm 10.14). Saul respondeu sem nada dizer sobre sua unção por Samuel ou sua experiência com os profetas, observando apenas que não havia conseguido encontrar as jumentas. Saul não disse a ninguém que havia recebido o Espírito Santo, nem levantou um dedo contra os filisteus. Isso indica que, seja o que for que lhe tenha acontecido, Saul não recebeu vida eterna nem entrou num verdadeiro relacionamento salvífico com o Senhor, pela simples razão de que não mostrou inclinação para obedecer a palavra de Deus.

Então, o que significa o Espírito ter vindo sobre Saul? Essa pergunta tem provocado um debate interminável. A melhor resposta reconhece que, no Antigo Testamento, Deus às vezes enviava seu Espírito para capacitar servos escolhidos a realizarem as tarefas que lhes eram designadas. O Espírito de Deus veio sobre Bezalel, dando habilidade sobrenatural para trabalhar com metais, capacitando-o para fazer a arca da aliança (Êx 31.2-4), e deu a Sansão a força sobrenatural com a qual derrotou muitos filisteus (Jz 14.6). O Espírito de Deus deu a Saul uma nova noção de chamado, de modo que, nesse sentido limitado, podemos dizer que ele recebeu um novo coração (1Sm 10.9).

E o que dizer sobre Saul ter profetizado com o grupo de profetas? A palavra usada aqui para profetizou ocorre tanto com nuança positiva quanto negativa na Bíblia. Em alguns casos, refere-se a um desvario extático, como no caso dos profetas de Baal na disputa deles contra Elias, que “clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas” enquanto invocavam o falso poder de Baal (1Rs 18.28). O termo também é usado, contudo, para indicar a ação do profeta Ezequiel (Ez 37.10) e em Números 11, quando o Espírito veio sobre os 70

anciãos de Israel. Naquela ocasião, Moisés comentou: “Tomara todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!” (Nm 11.29) Em Gibeá, o Senhor permitiu que Saul vivenciasse a nobreza espiritual da declaração profética, mas Saul não mostrou os sinais de uma verdadeira regeneração, que vem com uma nova vida de obediência à palavra de Deus.

Saul forneceu uma boa ilustração para o ensino de Jesus sobre a necessidade de fé que obedece a palavra de Deus. Nossas boas obras não são a causa da nossa salvação, mas são uma consequência necessária da fé verdadeira e salvadora. Jesus ensinou que “nem todo o que me diz: Senhor! Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21). Isso implica que uma pessoa a quem Cristo salvou busca inevitavelmente fazer a vontade de Deus. Alguns dos ouvintes de Jesus objetaram a isso, usando o mesmo argumento que Saul podia ter usado: “Senhor! Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?”. Jesus respondeu: “Então, lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (7.22-23). A evidência da salvação não é dada por experiências dramáticas ou grandes realizações, especialmente quando não há sinais de arrependimento de uma vida de pecado. Em vez disso, as pessoas que são salvadoramente conhecidas por Cristo são aquelas cuja fé confia em sua palavra e cuja vida é marcada por um afastamento da iniquidade, em obediência à vontade de Deus.

A realidade é que a experiência de Saul se encaixa em atitudes mundanas em relação a Deus e à salvação. Saul tipificou o tipo de pessoa que busca experiências espirituais, mas tem pouco interesse em cultivar uma fé viva e verdadeira que obedece ao Senhor. Em religião, como em outras áreas, Saul foi verdadeiramente “um rei como o têm todas as nações”, um rei que louva com os lábios, mas cujo coração não obedece a palavra do Senhor.

Eis o vosso rei!

Os anciãos de Israel haviam pedido um rei terreno, e Deus enviou Saul como sua resposta literal. Saul era o messias (i.e., “ungido”) e rei para o Israel incrédulo. Mas por meio das experiências amargas que se seguiram, muitos entre o povo de Deus clamariam por um verdadeiro Rei que fizesse a vontade de Deus e não a

vontade do mundo. No devido tempo, Deus providenciaria para eles um Rei e Messias, e sua vinda estaria em nítido contraste com a vinda de Saul.

O dia em que Deus proveria esse verdadeiro Rei para Israel é lembrado como Domingo de Ramos, quando Jesus entrou em Jerusalém em meio a gritos de "Hosana" (que significa "salve agora"). É notável que, quando Saul foi a Ramá, o principal centro religioso de Israel naquela época, ele foi de um modo exatamente oposto ao modo como Jesus entrou em Jerusalém. Jesus entrou montado num jumento, o símbolo real de Israel daquele que traz paz. Saul chegou como aquele que havia sido incapaz de encontrar suas jumentas. Apesar de todas as suas qualificações impressionantes, Saul simplesmente não foi capaz de ser um verdadeiro rei para o povo de Deus. Enquanto Saul foi a Israel com atributos carnais que mascaravam sua incompetência, Jesus foi numa humildade que escondia sua majestade e seu poder divinos.

A diferença mais fundamental entre Saul e Jesus era o desinteresse de Saul em ser justo diante de Deus. Essa é a característica distintiva de reis e impérios terrenos: um interesse somente por meios pragmáticos de sucesso terreno, com pouco ou nenhum interesse pelo que Deus deseja ou pensa. Durante todo o reinado de Saul, ele tropeçará nas ordens de Deus, achando sua própria vontade mais adequada às suas necessidades. No maior contraste, Jesus é o Rei que obedece perfeitamente a palavra de Deus e é cheio de paixão pela justiça. Jesus podia dizer honestamente: "A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (Jo 4.34). Saul teve uma capacitação transitória dada pelo Espírito de Deus. Mas Jesus, como verdadeiro Filho de Deus, foi plena e constantemente avivado pelo Espírito de Deus. "Aquele que me enviou está comigo", declarou Jesus. "Não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada" (Jo 8.29). "O Espírito do Senhor está sobre mim", disse Jesus, "pelo que me ungiu para evangelizar os pobres" (Lc 4.18, citando Is 61.1).

Sua justiça pessoal perfeita o qualificou para montar no jumento real de paz em Jerusalém. Zacarias profetizou: "Eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta" (Zc 9.9). Hebreus 1.8-9 diz: "Cetro de equidade é o cetro do seu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros" (citando o Sl 45.7). Jesus é o verdadeiro Rei enviado por Deus para estabelecer justiça no mundo, e, nessa justiça, dar paz eterna àqueles que o saúdam como Salvador e Senhor.

Os israelitas não tinham escolha senão aceitar Saul como rei. Seus anciãos haviam se rebelado contra Deus, exigindo um reinado terreno, e Deus lhes deu Saul. Porém, nós temos escolha. Tudo o que Saul representa ainda está vivo hoje, entronizado nos tronos terrenos de poder e exigindo submissão e adoração. Temos uma escolha entre Saul, cujo nome o identifica como o rei que o mundo incrédulo pediu, e Jesus, cujo nome o identifica como o Salvador enviado por Deus para libertar seu povo da penalidade e do poder de seus pecados (Mt 1.21). Nossa escolha – aceitar o mundo ou confiar em Cristo – determinará o reino no qual nossa salvação será encontrada: ou um reino terreno de expediente injusto e poder carnal ou um reino eterno e celestial de justiça e paz.

Jesus, nosso Rei, deu sua vida para pagar a penalidade pelos nossos pecados, e o Espírito que ele envia capacita os crentes a obedecerem a vontade de Deus como declarada na sua palavra. Na justiça que Jesus dá – perdão para os nossos pecados e poder para viver para Deus – encontramos a paz de Deus. Sobre seu reino é dito: “Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do SENHOR, na majestade do nome do SENHOR, seu Deus; e eles habitarão seguros [...] Este será a nossa paz” (Mq 5.4-5).

1 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 74.

2 C. H. Gordon, citado em David Toshio Tsumura, The First Book of Samuel, New international commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 269.

3 Veja David F. Payne, I & II Samuel, Daily study Bible (Filadélfia: Westminster, 1992), 50.

4 Davis, 1 Samuel, 77.

5 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 123.

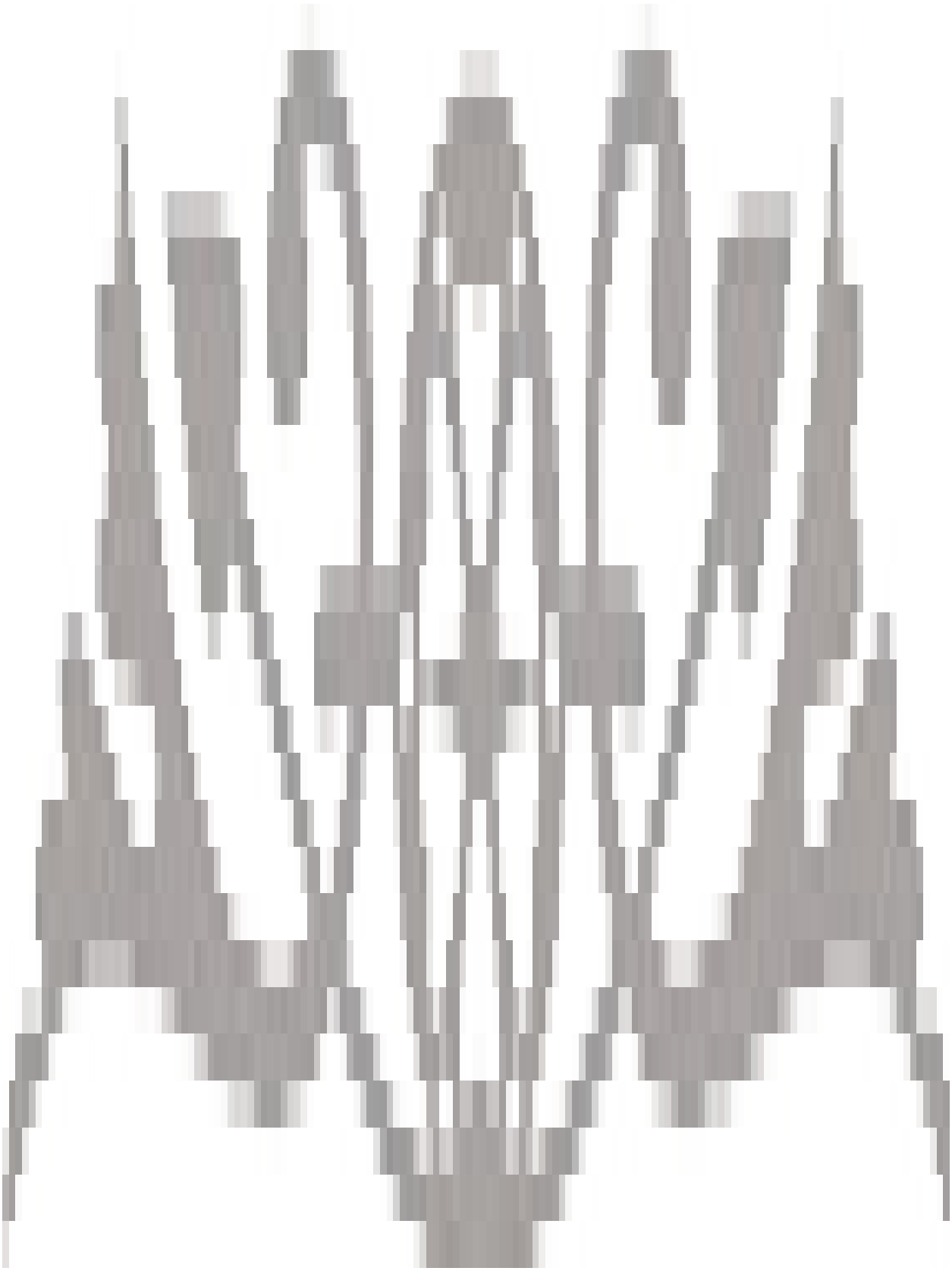
6 Woodhouse, 1 Samuel, 169.

* Na versão ARA, a segunda ocorrência dessa palavra é traduzida como “eles”: “[...] um dentre eles”. (N. do T.)

14

VIVA O REI!

1Samuel 10.17-27



... disse Samuel a todo o povo: Vedes a quem o Senhor escolheu? Pois em todo o povo não há nenhum semelhante a ele. Então, todo o povo rompeu em gritos, exclamando: Viva o rei! (1Sm 10.24)

Em 31 de julho de 2008, a minúscula nação de Tonga, no Pacífico Sul, coroou um novo rei, um dos últimos monarcas absolutos do mundo, George Tupou V. A festa de coroação, que durou três dias, incluiu um baile formal, uma parada militar, uma cerimônia tradicional de bebida kava, um espetáculo de fogos de artifício, uma partida de rugby , um concerto musical a céu aberto iluminado por tochas e um concurso de beleza. O custo disso tudo foi estimado em 1,6 milhão de libras, o que provocou reclamações, por causa da taxa nacional de pobreza de 40%. O governo e a maior parte do povo defenderam o gasto, considerando-o importante para manter a cultura tradicional da nação insular. [1]

A insistência dos tonganianos numa coroação adequada é respaldada, em princípio, pelo exemplo bíblico de Saul. Os anciãos de Israel haviam ido ao juiz Samuel pedindo um rei, e Deus havia revelado a Samuel sua escolha de Saul, filho de Quis. Mas ainda havia a necessidade de formalidades públicas que empossariam Saul no seu reinado. A coroação de Saul marcou uma mudança sinistra na história de Israel e forneceu uma afirmação notável da soberania de Deus como Senhor de todos.

A incredulidade de Israel é repreendida

Cerimônias solenes exigem cuidadosa atenção ao protocolo. No entanto, às vezes, exceções são justificadas. Na Igreja da Escócia do século 18, a Assembleia Geral tinha poder para impor a uma congregação um ministro indesejado. Assim, em 1773, a Assembleia Geral instruiu um presbitério e seus membros a receberem David Thomson como ministro numa igreja local perto de Stirling. O moderador do presbitério, Robert Findley, dirigiu-se a Thomson durante o culto de posse. Ele informou a Thomson que ele e outros ministros estavam presentes apenas por ordem da Assembleia Geral e que 600 chefes de família, juntamente com todos os presbíteros da igreja, exceto um, haviam se

oposto à sua escolha como pastor. Diante do presbitério e da congregação, portanto, Findley implorou a Thomson para “desistir”. Thomson recusou-se, dizendo a Findley para “obedecer as ordens dos seus superiores”. Diante disso, Findley pronunciou as palavras de empossamento e encerrou o culto, sem ter sequer orado pelo novo ministro ou sua congregação.[2]

Findley violou a etiqueta para uma ocasião cerimonial como a posse de um pastor. No entanto, às vezes, a verdade requer uma quebra de protocolo. Samuel raciocinou assim quando reuniu todo o Israel em Mispa. Esse foi o lugar em que Samuel anteriormente havia levado a nação ao arrependimento perante o Senhor, resultando na vitória deles sobre os filisteus (1Sm 7.6-7). Samuel retornou agora a Mispa não apenas para lembrar o arrependimento anterior, mas na esperança de que ocorresse um novo arrependimento. Portanto, embora uma coroação normalmente exigisse um comportamento formal, com discursos brandos e afirmações alegres, Samuel aproveitou a ocasião para repreender a nação pela sua incredulidade ao pedir um rei em lugar do Senhor.

A repreensão de Samuel teve duas partes, a primeira das quais foi para lembrar ao povo as grandes e salvadoras obras de Deus na história deles. Ele lhes disse: “Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Fiz subir a Israel do Egito e livrei-vos das mãos dos egípcios e das mãos de todos os reinos que vos oprimiam” (1Sm 10.18). É verdade que, sob o governo de Deus, Israel havia sido regularmente oprimido. Israel havia sido escravizado no Egito, havia sido hostilizado pelos moabitas e amonitas e, nesse momento, estava sendo oprimido pelos filisteus. Do mesmo modo, ser um cristão nos alista na batalha contra o mundo, a carne e o diabo. É, de fato, porque somos povo de Deus, separados do mundo e do pecado para uma vida santa, que nós, os crentes, sofremos pelo menos algumas das nossas provações e sofrimentos. Mas Samuel sabia que Deus havia sido fiel em cada ocasião que Israel havia clamado a ele. “Livrei-vos”, resumiu Deus, e descobriremos que Deus nos livra também de todos os nossos terríveis inimigos.

Contudo, o povo de Deus às vezes é tentado a evitar as provações ao conformar-se ao mundo. Se fizermos apenas algumas coisas do modo do mundo – adotando o modo mundano de falar ou de vestir, ou as prioridades do mundo quanto ao dinheiro, tempo e talentos – podemos evitar chamar atenção. Era isso o que Israel estava fazendo ao pedir um rei. O povo não estava pedindo um novo Deus para adorar, mas apenas um sistema político que o tornasse como “todas as nações” (1Sm 8.20). No entanto, na segunda parte da sua repreensão, Samuel insistiu que pedir este implicaria aquele. Ele clamou: “Vós rejeitastes, hoje, a

vosso Deus, que vos livrou de todos os vossos males e trabalhos, e lhe dissestes: Não! Mas constitui um rei sobre nós" (10.19).

Se o apóstolo Tiago tivesse estado em Mispa, teria isto a dizer: "Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus" (Tg 4.4). Cristãos que desejam ser como o mundo são como os israelitas quando pediram um rei. Apesar de todas as suas alegações formais de fidelidade ao Senhor, os israelitas estavam cometendo apostasia, substituindo o governo de Deus pelo de um simples homem. Ser povo de Deus requer fidelidade a ele e santidade perante o mundo, e, por isso, o pedido de Israel para ter um rei terreno era efetivamente "um desejo de não ser mais o povo do Senhor".[3] Jesus disse aos seus seguidores: "No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo" (Jo 16.33). Para os cristãos, afastar-se das tribulações que acompanham a piedade é renunciar ao poder que Cristo tem para vencer por nós.

O rei de Israel é revelado

Não somos capazes de dizer o modo exato como Samuel pronunciou as palavras de sua repreensão – se foi em voz alta ou de maneira branda, rapidamente ou devagar – mas eu não ficaria surpreso se tivesse havido uma pausa no meio do versículo 19. Samuel repreendeu o povo por rejeitar o Senhor ao pedir um rei. Ele não pode ter feito uma pausa para esperar uma expressão de arrependimento? "Mas vós rejeitastes, hoje, a vosso Deus, que vos livrou de todos os vossos males e trabalhos, e lhe dissestes: Não! Mas constitui um rei sobre nós..." [pausa]. Samuel pode ter esperado uma repetição do arrependimento do povo em Mispa, quando sentiram remorso por causa dos seus pecados. Se Samuel fez essa pausa, ela foi em vão, respondida somente por um silêncio pétreo. Então, ele continuou: "Agora, pois, ponde-vos perante o SENHOR, pelas vossas tribos e pelos vossos grupos de milhares" (1Sm 10.19).

Essa convocação deve ter sido uma surpresa perturbadora para o povo. Eles podem ter ficado inseguros quanto aos procedimentos para a escolha de um rei, mas sabiam muito bem o que significava ser convocado por tribos e clãs para a escolha por sortes, pois isso é o que Deus havia feito na história deles, em resposta ao pecado de Acã, depois da derrota de Israel em Ai. Primeiro, uma tribo foi escolhida por sortes, depois um clã, depois uma família, e, finalmente,

foi revelado o homem que havia provocado a ira de Deus com seu pecado. Acã foi revelado assim, e ele, juntamente com toda a sua família, foi apedrejado até à morte e queimado. Naquela ocasião, que estabeleceu o precedente, as sortes foram usadas para identificar o pecador que receberia a ira de Deus (veja Js 7.14-18).

E então Samuel convocou a nação mais uma vez para uma assembleia, com as sortes à sua frente. O líder de cada tribo deveria ir à frente, escrever o nome de sua tribo numa pedra e, depois, esperar a escolha. A sorte da tribo de Benjamim foi chamada. Então todos os patriarcas de clãs de Benjamim foram à frente apresentar suas pedras, e a sorte dos matritas foi escolhida. Finalmente, desse clã, foi lido o nome de Saul, filho de Quis. Ele seria aquele... o quê? Israel estava sendo julgado e o nome de Saul foi escolhido por sortes... para quê? No lugar em que Acã havia sido escolhido para receber a ira de Deus, Saul foi escolhido para ser rei de Israel.

Saul foi escolhido como rei por sortes por duas razões. A primeira foi para indicar que o assentimento de Deus em conceder um rei era uma forma de juízo. Normalmente, quando um profeta denunciava o pecado de Israel, a sentença do juízo de Deus vinha imediatamente. Nesse caso, "a escolha de Saul é inserida no ponto exato em que esperaríamos um anúncio de juízo".[4] Às vezes, o juízo mais severo de Deus é permitir nosso pecado e suas consequências, e foi isso o que aconteceu nesse caso. Não que Saul estivesse sendo punido por tornar-se rei, mas todo o Israel estava recebendo disciplina divina por meio da escolha dele como rei. Isso é confirmado pela afirmação posterior de Deus: "Dei-te um rei na minha ira" (Os 13.11).

O uso de sortes serviu a um segundo propósito. Como esse era um método autorizado e aceito pelo qual Deus revelava sua escolha, a sorte identificou Saul como a escolha de Deus para o reinado. "A sorte se lança no regaço, mas do SENHOR procede toda decisão" (Pv 16.33). A sorte, portanto, mostrou que Saul não era meramente a escolha de Samuel como rei, mas a escolha de Deus, de modo a dar legitimidade pública ao reinado de Saul por meio de revelação divina.

Havia um único problema: "Quando o procuraram [Saul], não podia ser encontrado" (1Sm 10.21). Podemos imaginar a cena: "E, finalmente, o escolhido de Deus para ser rei de Israel é... Saul, filho de Quis!... Eu disse Saul, filho de Quis!... Alguém viu Saul, filho de Quis?"A resposta foi que, "quando o

procuraram, não podia ser encontrado" (10.21). Saul sabia que seria escolhido, pois havia recebido a notícia antecipadamente pela sua unção, que foi, então, confirmada por meio de três sinais divinamente revelados. Então, Saul não devia estar esperando para fazer sua entrada triunfal no palco da História? Em vez disso, o Senhor os informou: "Está aí escondido entre a bagagem" (10.22). O que devemos entender desse comportamento inesperado?

Há duas avaliações principais da ação de Saul. Alguns comentaristas a entendem como uma humildade elogiável da parte de Saul. Cyril Barber, por exemplo, observa que muitos dos melhores servos de Deus tentaram evitar posições de preeminência pública, incluindo Atanásio, o grande defensor da fé na igreja primitiva.[5] Matthew Henry afirma que Saul esperava que sua ausência levasse à escolha de outra pessoa, pois ele "estava consciente de que era inadequado para um cargo tão importante".[6] O interesse de Saul, segundo essa interpretação, era o bem-estar de sua nação, pois pensava que outra pessoa faria um trabalho melhor que ele.

Mais negativamente, outros argumentam que Saul revela covardia ao se esconder embaixo da bagagem. De fato, o contexto sugere fortemente medo em vez de humildade como a razão pela qual Saul se escondeu. E quem pode culpá-lo, já que estava sendo chamado para ficar no lugar de Deus? Talvez Saul pudesse perceber que Deus estava irado e que sua escolha era o juízo de Deus sobre a nação. Por causa da dificuldade da tarefa, dificilmente podemos culpá-lo por tentar se esquivar. Contudo, a negligência do dever prenuncia um padrão que será repetido durante seu reinado. O povo de Israel havia desejado um rei que lhe desse a superioridade de liderança desfrutada pelas outras nações, pois não desejava mais confiar simplesmente no poder salvador de Deus. Aqui, então, está o tipo de covardia interesseira com a qual terão de se acostumar ao serem governados por reis humanos. Por mais que possamos entender os motivos de Saul para se esconder em sua coroação, esse início não foi um bom presságio para o futuro reinado de Israel.

Admito que gostaria de ver uma encenação dramática desse episódio. Quando Saul não foi encontrado, o povo perguntou "se aquele homem viera ali. Respondeu o SENHOR: Está aí escondido entre a bagagem" (1Sm 10.22). Então as pessoas foram até a bagagem, encontraram Saul e o puxaram para fora. Lemos: "Estando ele no meio do povo, era o mais alto e sobressaía de todo o povo do ombro para cima" (10.23). É nesse ponto que eu gostaria de ver a cara de Samuel quando ele diz: "Vedes a quem o SENHOR escolheu? Pois em todo o

povo não há nenhum semelhante a ele" (10.24). Se Samuel demonstrou um presunçoso olhar de ironia, não podemos culpá-lo. Ele estava dizendo, de fato: "Aqui está o homem que vocês procuravam, o homem escolhido por Deus para ser o rei de vocês, o ousado líder que estava se escondendo debaixo da bagagem durante sua própria coroação – ele não é alto e bonito?" O povo, recuperando-se quanto podia, gritou, em resposta: "Viva o rei!" (10.24). Independentemente do seu comportamento tímido, Saul parecia exatamente o tipo de rei que eles estavam esperando: alto, bonito, exteriormente impressionante. As questões de caráter e fé foram facilmente deixadas de lado e Israel aclamou o rei que havia desejado.

Ao longo desses versículos, vemos a soberania contínua e incansável de Deus. O povo pediu um rei, mas não conseguiu ficar independente de Deus. Foi o Senhor quem escolheu e revelou Saul. A soberania de Deus não foi deixada de lado, mesmo quando ele concordou em atender o pedido de Israel, dando-lhe um rei para substituí-lo. Do mesmo modo, os cristãos descobrirão que, independentemente de quanto possamos nos esforçar para tomar as rédeas da nossa própria vida, decidindo sozinhos como pensar e como viver, Deus continua sendo incansavelmente soberano e nos proporciona todas as nossas circunstâncias. Seja em fé ou em incredulidade, teremos Deus como nosso Senhor, e ele exercerá suas prerrogativas soberanas.

A lei de Israel é reafirmada

Outro modo pelo qual Deus enfatizou sua soberania foi pela aplicação imediata da lei de Deus por Samuel ao novo reinado: "Declarou Samuel ao povo o direito do reino, escreveu-o num livro e o pôs perante o SENHOR" (1Sm 10.25). Israel pode ter desejado um rei, mas Deus escolheu e revelou esse novo governante. Além disso, o reinado estava sujeito à lei de Deus e à palavra do profeta de Deus.

No texto é feita uma distinção vital, que fala do direito ou da justiça não do "rei", mas do "reinado". Em outras palavras, Samuel estava colocando a nova instituição sob a autoridade da palavra de Deus; ele não enfatizou a autoridade do rei sobre a lei, mas a autoridade da lei sobre o rei.

Há pouca dúvida de que os mandamentos que Samuel leu em alta voz e depois

escreveu foram extraídos do ensino de Deus sobre o reinado, em Deuteronômio 17. Não somente o rei estava proibido de acumular grandes tesouros ou entregar-se a luxos excessivos (Dt 17.16-17), mas, mais importante, devia observar cuidadosamente a palavra de Deus. O rei devia escrever sua própria cópia da lei de Deus para mantê-la consigo em todos os momentos e lê-la diariamente, "para que aprenda a temer o SENHOR, seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os cumprir" (17.19). Se o rei observasse cuidadosamente os estatutos e mandamentos de Deus, Israel teria sucesso e o reinado seria longo (17.20).

Essa passagem teve um papel importante não meramente no Israel do Antigo Testamento, mas também na igreja e nas relações de Estado desde então. John Knox apontou para essa passagem para mostrar que os monarcas terrenos não são lei para si mesmos, mas estão sujeitos à lei de Deus. Assim, quando Maria, rainha dos escoceses, cometeu adultério e instigou o assassinato do seu marido, Knox requereu que ela fosse presa e executada. Ainda mais importante foi a influência da coroação de Saul sobre o clássico de Samuel Rutherford, de 1644, Lex Rex. Rutherford escreveu Lex Rex, que significa a "lei do reinado", para opor-se à ideia de Rex Lex, o rei como lei para si mesmo. O livro de Rutherford foi baseado em Deuteronômio 17, provavelmente a mesma passagem da Bíblia que Samuel havia colocado diante de Saul, e fez referência à colocação do rei Saul, por Samuel, sob a autoridade da palavra de Deus. Rutherford afirmou que os reis da Escócia não tinham o direito de fazer leis contrárias à Escritura e declarou que, quando um rei se conduzia ilegalmente, seus direitos sobre o povo eram perdidos. O modelo bíblico de separação de poderes e aliança social de Lex Rex foi influente entre os pais fundadores da América e também forneceu uma base bíblica para os colonos cristãos norte-americanos em sua rebelião contra o monarca inglês ilegal. Por isso, John Robbins descreveu 1Samuel como "o mais antigo livro sobre liberdade política", enfatizando que, ao colocar a sociedade humana sob a lei de Deus, "a Bíblia [...] nos fornece os princípios de que precisamos para defender uma sociedade livre".[7]

Não eram apenas os reis que eram chamados para obedecer os mandamentos de Deus, mas todo o povo de Deus. Muitos cristãos ficam confusos quanto a obedecer a lei de Deus hoje, pois o Novo Testamento ensina que não estamos "debaixo da lei, e sim da graça" (Rm 6.14). Paulo diz isso em referência à lei como meio de justiça. O que ele quer dizer é que os cristãos não obtêm a salvação pela lei, mas pela graça de Deus no evangelho de Cristo. Contudo, o objetivo de Paulo nessa passagem não foi promover o antinomismo – a crença de

que a graça nos liberta de todo e qualquer padrão de conduta. Paulo deixa isso claro ao perguntar: “E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!” (6.15). Os cristãos não são salvos pela lei de Deus, mas são salvos para a lei de Deus; ou seja, nossa vida como crentes deve estar em harmonia com os mandamentos de Deus. Isso inclui as obrigações morais dos Dez Mandamentos e as normas e regulamentações que Deus deu em sua palavra para toda a vida.

Assim como Deus reinaria sobre o rei Saul por meio da lei do reinado, ele exerce sua soberania sobre nossa vida por meio dos estatutos e normas na Sagrada Escritura. Os cristãos que estão se preparando para o casamento devem informar-se sobre as normas e regulamentações de Deus que envolvem os deveres de maridos e esposas. Assim como Samuel leu as normas do reinado na coroação de Saul, do mesmo modo os ministros devem preparar casais para o casamento apresentando aos maridos a ordem bíblica de amar a esposa com o amor carinhoso e sacrificial de Cristo (Ef 5.25-31) e devem ensinar às esposas a ordem bíblica de ajudar o marido e submeter-se a ele em tudo (5.22-24). Essas não são meramente ideias tradicionais sobre o casamento, mas normas e regulamentações de Deus para o estado marital. Do mesmo modo, a Bíblia tem normas para a relação entre a autoridade civil e seus cidadãos (Rm 13.1-7), pais e filhos (Ef 6.1-4), senhores e servos (Ef 6.5-9) e pastores e membros de igreja (Ef 4.1-3; Hb 13.17; 1Pe 5.1-3). Os cristãos devem ser ensinados a viver de acordo com essas regras.

Deus é soberano sobre seu povo e reina sobre nós por meio da sua palavra. Observar cuidadosamente as normas de Deus não é praticar legalismo, mas render obediência fiel ao nosso soberano gracioso. Observar as leis de Deus não impede nosso bem-estar, mas é o modo pelo qual os crentes vivenciam a liberdade da mais rica bênção de Deus. Pode-se argumentar que um mapa limita o comportamento daqueles que seguem sua orientação, mas ele também nos dá a liberdade de chegar em segurança ao nosso destino. Para um crente em Cristo, o apóstolo Tiago refere-se aos mandamentos de Deus como “lei da liberdade” (Tg 1.25), pois ordenam nossa vida para o bem e aplicam a nós sua bênção soberana.

O rei de Israel é empossado

“Viva o rei!”, gritou o povo, estabelecendo uma tradição que continua até hoje.

Com essas palavras, Israel recebeu seu novo rei, Saul, filho de Quis. Porém, se tivesse consultado a palavra de Deus, saberia que, por mais longo que fosse seu reinado, sua dinastia não seria preservada, pois, como o patriarca de Israel Jacó havia profetizado, o cetro real estava destinado à tribo de Judá. “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos” (Gn 49.10).

O livro de 1Samuel relata a história de como o reinado passa de Saul para Davi, e da tribo de Benjamim para a tribo de Judá. Os reis de Israel eram tipos – precursores instrutivos – do verdadeiro Rei do reino de Deus, seu próprio Filho, Jesus Cristo, que nasceu da linhagem de Davi, da tribo de Judá. No caso de Saul, vemos um contraste com Cristo: sendo um rei corrompido, ele serve mais para fazer um contraste com Cristo do que para tipificar o reinado do Filho de Deus.

Primeiro, seja o que for que pensemos sobre Saul ter se escondido entre a bagagem, Jesus também escondeu seu chamado real do povo de Israel. Marcos registra que, quando Jesus realizava milagres de cura, ele instruía as pessoas a não o identificarem. “Ele lhes ordenou que a ninguém o dissessem” (Mc 7.36; cf. 1.45; 5.20,34; 8.26) sobre seu poder divino. A razão para o “segredo messiânico” de Jesus não era medo ou relutância, mas o fato de que ele havia vindo primeiro para morrer pelos nossos pecados e somente depois para voltar em glória e poder reais.

Um segundo contraste é a aclamação de Saul feita por Samuel de que “em todo o povo não há nenhum semelhante a ele” (1Sm 10.24). Isso era verdadeiro exteriormente quanto a Saul, mas é verdadeiro interiormente quanto ao caráter e o ser de Cristo. A esse respeito, Saul nos mostra Cristo por meio do que está faltando em sua vida. Apenas Jesus é totalmente puro e sem pecado; até mesmo Pôncio Pilatos disse sobre Jesus durante o julgamento dele: “Não acho nele crime algum” (Jo 18.38). Colossenses 1.18 diz que, em tudo, Cristo tem a primazia. O livro de Hebreus aclama Jesus como maior que os anjos, maior que Moisés, maior que Josué e maior que o sumo sacerdote Arão. Por essa razão, a Escritura diz a Deus sobre Cristo: “De glória e de honra o coroaste [e o constituíste sobre as obras das tuas mãos]. Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés” (Hb 2.7-8, citando o Sl 8.5-6). Verdadeiramente não há ninguém como Jesus entre todo o povo – Hebreus 7.26 o descreve como “santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus” – e só ele é digno de reinar sobre o povo de Deus como Rei para sempre.

Além disso, observamos que a apresentação de Saul foi precedida por uma afirmação do juízo de Deus sobre o povo. Saul foi apresentado como uma expressão da ira de Deus contra o pecado. Jesus, porém, veio para trazer a solução de Deus para o pecado. Paulo diz que Deus "propôs [Cristo], no seu sangue, como propiciação, mediante a fé" (Rm 3.25). Uma propiciação é um sacrifício de sangue que satisfaz a justa ira de Deus, e Jesus assume sua coroa como nosso Rei depois de ter assumido a cruz para morrer pelos nossos pecados. O apóstolo João, vendo a adoração no céu, registra que Jesus é aclamado digno de assumir seu trono real: "Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra" (Ap 5.9-10). A Bíblia declara o reinado de Jesus como um reino de graça sobre o pecado, de modo que todos aqueles que pertencem ao seu reino são aqueles que foram à sua cruz para purificação, perdão e redenção do pecado. Você levou seus pecados à cruz para serem perdoados no sangue de Cristo? A cruz onde Jesus morreu pelos nossos pecados é o trono do qual ele reina com paz para a humanidade.

Finalmente, a coroação de Saul trouxe divisão a Israel. Quando o novo rei foi para sua casa em Gibeá, foi com ele um grupo de seguidores, "homens cujo coração Deus tocara" (1Sm 10.26). Porém, havia outros, "filhos de Belial", que disseram: "Como poderá este homem salvar-nos? E o desprezaram e não lhe trouxeram presentes" (10.27). A descrição zombeteira que a Bíblia faz desses críticos lembra-nos de que, mesmo quando Deus nos permite ser governados por líderes não piedosos, o povo de Deus tem a obrigação de se submeter aos governantes colocados sobre ele por Deus. Paulo escreveu: "Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas" (Rm 13.1) – e se não nos submetermos a todos os líderes legítimos colocados sobre nós, mereceremos o rótulo desdenhoso de "homens de Belial", dado aos israelitas que se opuseram a Saul.

Do mesmo modo, a vinda de Cristo dividiu o mundo. Alguns, com o coração tocado pelo evangelho da graça de Deus, correram para a cruz de Cristo para serem purificados dos seus pecados e viver como seus discípulos. Porém, muitos outros o desprezam e negam a ele o louvor e a fé. Como Saul, Jesus "silenciou" durante sua vida, mas, no dia de seu retorno em glória, "com os anjos do seu poder, em chama de fogo" (2Ts 1.7-8), Cristo julgará as nações (Mt 25.31) e infligirá destruição eterna àqueles que se opõem ao seu reinado (2Ts 1.8-9).

Quando Saul foi apresentado a Israel, o povo gritou com todo o otimismo que conseguiu reunir: “Viva o rei!” (1Sm 10.24). O quê, então, devemos dizer ao Senhor Jesus, que vem na glória de sua graça e poder? Vendo-o como aquele que excede todos os outros, que morreu pelos nossos pecados na cruz e que agora reina para sempre em sua vida ressurreta, certamente podemos ecoar as palavras dos israelitas, com esperança muito maior. Na sua ira, Deus deu Saul a Israel, mas, na sua misericórdia, deu-nos seu Filho, Jesus Cristo. Se nosso coração estiver aberto por Deus para ver Jesus na glória de sua graça, nós o coroaremos com muitas coroas, cada um de nós alegremente entregando seu coração e gritando para Jesus: “Viva o rei!” Seu reinado nunca decepcionará e nunca terá fim, e aqueles que se ajoelharem diante do seu trono “reinarão pelos séculos dos séculos” (Ap 22.5).

1 Sophie Tedmanson, “Lavish coronation ceremony for new king of Tonga”, The Times, 1o de agosto de 2008, http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article4440717.ece.

2 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 85.

3 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 184.

4 Bill T. Arnold, 1 & 2 Samuel, NIV application commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2003), 167.

5 Cyril J. Barber, The Books of Samuel, 2 v. (Neptune, NJ: Loizeaux, 1994), 1:118.

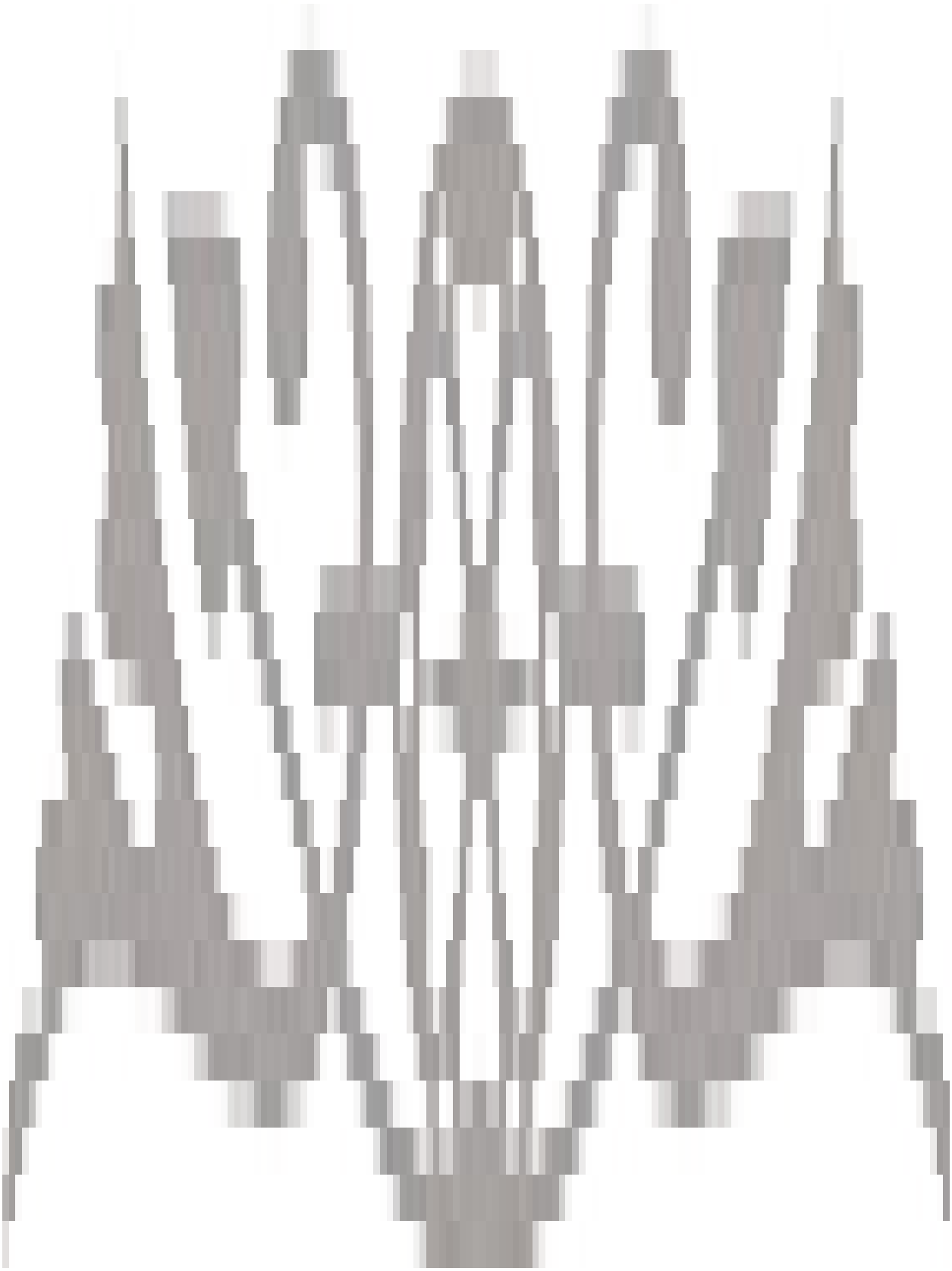
6 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:262.

7 John W. Robbins, Freedom and capitalism: Essays on Christian politics and economics (Unicoi, TN: Trinity Foundation, 2006), 30, 46.

15

SALVAÇÃO EM ISRAEL

1Samuel 11.1-15



Porém Saul disse: Hoje, ninguém será morto, porque, no dia de hoje, o SENHOR salvou a Israel. (1Sm 11.13)

Os comandantes militares norte-americanos seguem um procedimento-padrão para planejar suas operações que tem se mostrado eficaz ao longo de muitos anos. As Ordens de Operações consistem de cinco parágrafos, dos quais os mais importantes são os dois primeiros: a situação e a missão. Acima de tudo o mais, um plano de batalha bem-sucedido requer o entendimento adequado da situação e da correta missão que a unidade deve realizar.

Teria sido uma boa ideia Saul avaliar a situação e a missão ao acabar de ser aclamado rei de Israel. Ele enfrentava dois problemas graves, ambos os quais ameaçavam a existência da nação. O primeiro era a divisão interna de Israel. As tribos de Israel estavam divididas fisicamente, algumas ao norte e algumas ao sul, com a maior parte da nação a oeste do Jordão, mas com algumas tribos na margem oriental. Ainda pior, as tribos estavam moral e espiritualmente divididas, como é mostrado no fim do livro de Juízes. A terra natal de Saul, na terra de Benjamim, havia sido a causa de uma breve guerra civil, que resultou na morte de milhares de israelitas (Jz 19.1–20.48). Além disso, havia oposição à escolha de Saul como rei por alguns "filhos de Belial" que duvidavam de sua liderança "e o desprezaram" (1Sm 10.27). A menos que Saul conseguisse unir as tribos e desenvolver meios de coordenação eficazes, Israel não podia esperar sobreviver aos seus inimigos. Esses inimigos externos eram outra ameaça a Israel, a saber, os filisteus a oeste e os amonitas a leste, ambos os quais inimigos ferozes e bem armados.

Esses dois problemas eram a situação que Saul enfrentava. Sua missão, então, era resolver as picuinhas que dividiam Israel, unir as tribos sob sua liderança real e lançar uma ofensiva aos inimigos de Israel para garantir paz para sua geração.

A passagem de 1Samuel 11 apresenta a resposta de Saul a esses desafios, incluindo uma nova ameaça por parte dos amonitas. A ação eficaz de Saul deu uma boa perspectiva de futuro para o seu reinado. Por trás de Saul, contudo, estava o Senhor, que salvou seu povo. A palavra "salvar" ou "salvação" ocorre três vezes nesse capítulo, indicando seu tema principal. Talvez mais importante

seja a aparente percepção de Saul do que cada líder precisa saber – seja em larga escala, na sociedade, ou em pequena escala, na igreja ou em casa – ou seja, que, diante de ameaças e perigo, nossa esperança de sucesso está, em última análise, no Senhor.

Naás e o cerco de Jabes-Gileade

Depois da sua coroação, Saul voltou para casa em Gibeá e retomou sua vida normal. Talvez estivesse evitando chamar atenção sobre si mesmo enquanto esperava uma oportunidade, de acordo com a prática dos juízes que vieram antes dele. No entanto, estava surgindo problema nas terras de Israel a leste do Jordão: "Então, subiu Naás, amonita, e sitiou a Jabes-Gileade" (1Sm 11.1).

Nesse ponto surge uma interessante questão textual, pois um dos Rolos do Mar Morto (4QSama) inclui material que não está presente em outros textos hebraicos. Josefo faz alusão a esse material em sua história, afirmando que Naás, o rei amonita, havia reduzido as cidades israelitas transjordânicas à escravidão.[1] A adição feita pelo Rolo do Mar Morto afirma que Naás "estava oprimindo os gaditas e os rubenitas gravemente, arrancando o olho direito de cada um deles e não permitindo que houvesse libertador em Israel". Naás havia conquistado toda a região do outro lado do Jordão, mas 7.000 homens haviam escapado e fugido para Jabes-Gileade.

Seja esse acréscimo autêntico ou não, a Bíblia nos informa que os fugitivos israelitas estavam desesperados o suficiente para tentar se entender com Naás: "Faze aliança conosco, e te serviremos" (1Sm 11.1). Naás estava disposto, mas com uma condição: "de vos serem vazados os olhos direitos, trazendo assim eu vergonha sobre todo o Israel" (11.2). De acordo com Josefo, naquela época os guerreiros lutavam em formação com escudos entrelaçados, de modo que o olho esquerdo ficava coberto pelo escudo. Vazando-lhes o olho direito, Naás os tornaria inúteis para a batalha, embora ainda fossem úteis para o trabalho escravo.[2] Se Naás tivesse sido bem-sucedido em escravizar Jabes-Gileade e desarmar sua guarnição, Israel poderia ter perdido seu território a leste do Jordão permanentemente. Além disso, William Blaikie comenta: "A condição mutilada daquela pobre comunidade de um olho só seria motivo de desprezo por parte de toda a nação e seria um símbolo da humilhação e da degradação de toda a comunidade israelita".[3]

Esse episódio nos lembra o mundo perigoso em que vivemos. Frequentemente ouvimos que é “um cachorro comendo o outro”, um aforismo que compara a sociedade humana a vira-latas que brigam por comida. De fato, se alguém não estiver preparado para defender o que possui, não pode esperar desfrutar disso por muito tempo. George Washington saiu da vida pública dizendo: “O preço da liberdade é a eterna vigilância”. Se um homem tiver uma oportunidade, ele rouba, mata e escraviza os que forem mais fracos do que ele.

Mas Naás também tinha um rancor contra os israelitas, querendo trazer “vergonha sobre todo o Israel” (1Sm 11.2). Os amonitas eram primos de Israel via incesto, sendo descendentes da união ilícita entre o bêbado Ló e uma de suas filhas depois da fuga deles da destruição de Sodoma (Gn 19.38). Os israelitas não tinham os amonitas em grande estima, para dizer o mínimo, de modo que o ressentimento era recíproco. Durante a passagem de Israel pelo deserto, no êxodo, os amonitas tinham se recusado a oferecer as provisões necessárias (Dt 23.4) e estavam listados entre os inimigos tradicionais de Israel (Is 11.14; Jr 9.25-26; Ez 25.1-7). Finalmente, durante o período em que Jefté, o gileadita, foi juiz, os amonitas fizeram guerra nessas mesmas regiões. Jefté derrotou os amonitas e capturou 20 de suas cidades (Jz 11.33). A antipatia entre Israel e Amom vinha de longa data.

Por essas e outras razões, Naás tinha prazer em fazer os israelitas de Jabes-Gileade tremer de medo diante dele. Nisso, ele descreve o ódio do mundo pelo povo de Deus em cada geração. Dale Ralph Davis escreve: “Essa arrogância, esse ódio, nunca cessa. Naás pode se tornar relíquia histórica, mas a ‘mente amonita’, isto é, mutilar, destruir e estrangular o povo de Deus, está sempre conosco”.[4] O exemplo clássico é o assassinato injusto de Jesus Cristo. Jesus disse aos seus discípulos: “Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15.19).

É por causa dessa hostilidade por parte de um mundo mau e odioso que o povo de Deus precisa de um Salvador. Buscando salvação, os líderes israelitas de Jabes-Gileade apelaram a Naás: “Concede-nos sete dias, para que enviemos mensageiros por todos os limites de Israel e, não havendo ninguém que nos livre, então, nos entregaremos a ti” (1Sm 11.3). Esse é o apelo que os cristãos frequentemente fazem a Deus, como vemos nos salmos: “SENHOR, Deus meu, em ti me refugio; salva-me de todos os que me perseguem e livra-me; para que ninguém, como leão, me arrebate, despedaçando-me, não havendo quem me

livre” (Sl 7.1-2). Ser cristão é perceber a necessidade de salvação da parte de Deus – não apenas perdão dos pecados, mas salvação dos perigos e da maldade deste mundo – e invocar a Deus para livramento em tempos de medo e pavor.

O rei Saul é inflamado

Provavelmente foi o desprezo que Naás tinha pelos israelitas, bem como seu desejo de espalhar terror por toda a nação, que fez com que o rei amonita permitisse que os habitantes de Jabes-Gileade enviassem mensageiros suplicando pela sua salvação. Percebendo os riscos para toda a nação e buscando auxílio onde quer que pudesse ser encontrado, enviaram mensageiros “por todos os limites de Israel”, assegurando a Naás que, se nenhum auxílio chegasse em sete dias, “nos entregaremos a ti” (1Sm 11.3).

Desse modo, a notícia do cerco amonita chegou a Gibeá. Parece que os mensageiros não tinham consciência do reinado de Saul, pois foram ao povo em geral, em vez de irem diretamente ao rei. Diante da notícia, “todo o povo chorou em voz alta” (1Sm 11.4). Por trás dessa dor estava um vínculo especial entre Gibeá e Jabes-Gileade. Na guerra contra Benjamim, registrada em Juízes 21, Jabes-Gileade havia se recusado a participar. Como resultado, todas as mulheres solteiras de Jabes-Gileade haviam sido dadas como esposas aos homens de Gibeá (Jz 21.12-14), de modo que muitas pessoas na cidade de Saul eram filhos e filhas de mulheres de Jabes-Gileade. Ouvindo o tumulto inspirado por esse vínculo, Saul perguntou: “Que tem o povo, que chora?” (1Sm 11.5), e a notícia lhe foi dada.

Com essa notícia, havia chegado o momento decisivo para o recém-entronizado Saul. Foi a ameaça de invasão o que mais havia influenciado os anciãos a pedirem um rei (1Sm 8.20). E então essa invasão havia ocorrido, e era dever do rei salvar Israel. Essa tinha sido exatamente a objeção levantada pelos oponentes de Saul: “Como poderá este homem salvar-nos?” (10.27). Assim, esse episódio seria um ponto-chave decisivo para o novo regime.

Felizmente para Saul, sua maior necessidade foi suprida naquele exato momento: “O Espírito de Deus se apossou de Saul, quando ouviu estas palavras, e acendeu-se sobremodo a sua ira” (1Sm 11.6). A vinda do Espírito é notável, pois mostra o favor do Senhor por esse rei que havia sido empossado como

resultado da rebelião do povo. O Senhor daria a Saul a oportunidade de servir na força do próprio Deus; ele estava desejando graciosamente continuar sendo o Salvador de Israel por meio do reinado de Saul. Assim como o Espírito de Deus havia vindo sobre Sansão, dando-lhe força sobrenatural para derrotar os filisteus (Jz 14.6,19; 15.14), e assim como o Espírito havia capacitado Otoniel, Gideão e Jefté em suas vitórias, agora o Espírito veio para encher Saul de coragem e vigor e liderar Israel nesse tempo de crise.

A vinda do Espírito de Deus encheu Saul com uma atitude de ira justa contra a maldade de Naás e com uma firme determinação de sair em defesa do povo de Deus. O contra-ataque de Saul faz uma importante afirmação que se opõe à ideia de pacifismo cristão. No sermão do monte Jesus ensinou que devemos evitar revidar aqueles que nos causam dano pessoal. “Não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra” (Mt 5.39). Alguns cristãos têm concluído erradamente, portanto, que devemos observar passivamente quando outros estão sendo ameaçados ou prejudicados, deixando de observar a diferença entre defender-nos e proteger outros contra o dano. Mas quando o Espírito de Deus veio sobre Saul, o resultado dessa influência divina foi o zelo santo de fazer guerra contra aquele que ameaçava seus compatriotas. John Woodhouse escreve: “Essa foi uma ira inspirada por Deus. A ira inspirada em Saul pelo Espírito de Deus foi, obviamente, dirigida contra a ameaça apresentada ao povo de Jabes-Gileade por Naás e os amonitas”.[5] Essa ira justa reflete a ira do próprio Deus contra o mal, motivo pelo qual o Senhor deu a espada às autoridades civis (Rm 13.1-4).

A situação de Saul – tanto em termos de sua necessidade de estabelecer sua autoridade quanto em termos da urgente necessidade do resgate de Jabes--Gileade – exigia ação ousada e decisiva. Saul agiu de modo apropriado:

Tomou uma junta de bois, cortou-os em pedaços e os enviou a todos os territórios de Israel por intermédio de mensageiros que dissessem: Assim se fará aos bois de todo aquele que não seguir a Saul e a Samuel. Então, caiu o temor do SENHOR sobre o povo, e saíram como um só homem (1Sm 11.7).

Inspirado pelo espírito, Saul falou com autoridade, assim como os servos de

Deus devem falar ousadamente ao proclamar a verdade divina hoje. Não obstante, Saul não foi cruel, abstendo-se de ameaçar de morte os que se opusessem a ele (como havia sido feito quando Israel foi convocado a fazer guerra contra sua própria tribo e cidade natal, em Jz 19.29) e impondo apenas a punição civil de morte aos bois deles. Isso nos lembra que não é necessário que os líderes da igreja sejam rudes ou insultem quando reprovam e exortam o povo de Deus. Os que têm autoridade espiritual podem ser diretos, mas também moderados em sua disciplina eclesiástica. É sempre o Espírito de Deus que faz o povo de Deus desejar arrepender-se ou obedecer. Nesse caso, o Senhor colocou seu temor sobre a nação e os israelitas "saíram como um só homem".

Esse vínculo entre a piedade da nação e o bem-estar da nação como um todo lembra-nos do motivo pelo qual o governo é sábio em incentivar a religião cristã e por que a intolerância do governo ao cristianismo é danosa ao seu próprio bem. Matthew Henry observa: "A religião e o temor de Deus fazem dos homens bons súditos, bons soldados e bons amigos do interesse público do país. Aqueles que temem a Deus têm consciência do seu dever para com todos os homens, particularmente para com seus governantes".[6]

Novamente auxiliado pelo Espírito de Deus, Saul rapidamente organizou o povo: "Contou-os em Bezeque; dos filhos de Israel, havia trezentos mil; dos homens de Judá, trinta mil" (1Sm 11.8). Como a palavra hebraica para "mil" também é usada para indicar uma unidade militar do tamanho de uma companhia, é possível que esses números fossem significativamente menores – 300 unidades israelitas de 30 a 50 homens e 30 unidades judaicas de 30 a 50 homens – embora ainda uma força militar significativa. Saul, então, enviou uma mensagem à cidade sitiada: "Amanhã, quando aquentar o sol, sereis socorridos" (11.9). Os habitantes de Jabes-Gileade confiaram na ousada e eficaz liderança de Saul e enviaram a Naás uma mensagem, dizendo: "Amanhã, nos entregaremos a vós outros; então, nos fareis segundo o que melhor vos parecer" (11.10). O aparente efeito dessa mensagem foi embalar as forças de Naás numa confiança excessiva e desatenta. Assim, quando as forças de Saul chegaram – bem organizadas em três linhas de batalha – "vieram para o meio do arraial e feriram a Amom, até que se fez sentir o calor do dia. Os sobreviventes se espalharam, e não ficaram dois deles juntos" (11.11).

Uma lição que podemos aprender da vitória de Saul sobre Naás é a importância de uma liderança capacitada. Mas o mais importante a ser observado é o papel vital desempenhado pelo Espírito de Deus em preparar essa liderança espiritual e

estimular o povo à obediência piedosa. Davis observa: “A salvação não veio porque Israel tinha um rei, mas porque o rei tinha o Espírito de Yahweh; não é a instituição do reinado, mas o poder do Espírito que traz libertação”.[7]

É dito que antes de cada sermão, o grande pregador inglês Charles Spurgeon fazia uma oração para que Deus enviasse o Espírito, o que explica grande parte da sua notável eficácia como arauto do evangelho. É o Espírito Santo que torna a palavra de Deus poderosa para salvação (Ez 36.26-27), quem capacita o cristão para crescer em santidade e graça (Gl 5.16; Ef 1.16-20; 3.16-19) e quem produz os frutos de justiça, paz e alegria (Rm 14.17; cf. Gl 5.22-23). A norma entre o povo de Deus é sempre aquela que foi afirmada a Zorobabel: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 4.6). Sempre que o povo de Deus recorre a estratagemas mundanos, começa a ter falta de poder; mas sempre que o Espírito de Deus vem aos crentes, somos fortalecidos em poder e graça.

Como, então, os cristãos obtêm acesso ao poder e à bênção do Espírito de Deus? Queira Deus que o Senhor conceda seu Espírito inesperadamente, como fez nesse caso com o rei Saul. Mas o Novo Testamento nos dá duas normas coerentes: primeira, devemos orar pelo ministério do Espírito de Deus em nós. Assim Jesus concluiu seu ensino sobre oração em Lucas 11: “Quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lc 11.13). Devemos pedir o Espírito Santo.

Segunda, o Espírito de Deus responde à fé na palavra de Deus. Por isso Paulo questionou os gálatas: “Recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (Gl 3.2). A resposta é que foi a fé na palavra de Deus que trouxe o Espírito de Deus. O Espírito é o autor da palavra de Deus (2Pe 1.21). Jesus disse: “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (Jo 6.63). Portanto, o caminho para termos o Espírito é nos dedicarmos à palavra; aqueles que confiam na palavra de Deus é que desfrutam da bênção do poder do Espírito Santo. Por isso, se os cristãos esperam ser renovados com poder para enfrentar os desafios do pecado e da incredulidade na nossa época, precisam da presença e do poder do Espírito Santo, que vêm ao povo de Deus pela oração e pelo estudo da Bíblia.

O reinado é renovado

A vitória de Saul em Jabes-Gileade estabeleceu seu reinado entre as tribos de Israel. O povo respondeu recorrendo a Samuel, cobrando violência contra o grupo que havia se oposto a Saul em sua coroação: “Quem são aqueles que diziam: Reinará Saul sobre nós? Trazei-os para aqui, para que os matemos” (1Sm 11.12). Essa cobrança pode ter expressado a nova dedicação do povo a Saul, embora também possa ter sido um ato calculado para eliminar a dissidência interna na nação.

Qualquer que fosse o motivo, a resposta não veio de Samuel, mas de Saul: “Hoje, ninguém será morto, porque, no dia de hoje, o SENHOR salvou a Israel” (1Sm 11.13). Aqui temos um ato de liderança inspirado do novo rei, mostrando a moderação e a magnanimidade que podem trazer verdadeira unidade a qualquer povo. Esse foi o ponto alto de toda a vida e do reinado de Saul, quando ele lembrou que não havia sido ele, mas o Senhor que havia trazido salvação ao povo, de modo que o povo deveria honrar o Senhor com piedade, em vez de honrar Saul com violência contra seus críticos. “O SENHOR salvou a Israel”, disse ele. Aqui está a única base para verdadeira unidade e força: a confissão do poder salvador de Deus e a determinação de honrar sua soberania por meio da submissão à sua palavra.

Parece que esses acontecimentos trouxeram satisfação a Samuel. Israel o havia rejeitado, e também ao Senhor, ao pedir um rei. Mas agora o Espírito de Deus havia vindo sobre Saul, de modo que Samuel podia esperar piedade e fé por parte do novo governante. O profeta rapidamente tirou proveito da situação: “Disse Samuel ao povo: Vinde, vamos a Gilgal e renovemos ali o reino” (1Sm 11.14). Assim o povo foi a Gilgal, um tradicional local de reuniões perto de Jabes-Gileade, e “proclamaram Saul seu rei, perante o SENHOR” (11.15).

Há alguma dúvida sobre o que Samuel quis dizer exatamente quando convocou o povo para “renovar o reino” (1Sm 11.14). É óbvio que ele quis confirmar Saul publicamente, dado que Saul foi “proclamado rei” ali (11.15). Mas parece que Samuel, provavelmente, quis mais do que isso: quis que o povo renovasse sua fidelidade ao reinado soberano de Deus, sob o rei Saul. Gilgal foi para onde Josué havia levado Israel depois de atravessar o rio Jordão, levantando ali um memorial com pedras para lembrar a fidelidade de Deus e renovando a aliança da nação com o Senhor (Js 4.20-24). O propósito de Samuel era ligar essa nova vitória à antiga fidelidade de Deus, lembrando ao povo que a vitória e a bênção só vêm pela fé no Senhor (cf. 1Sm 12.14).

Assim, “proclamaram Saul seu rei, perante o SENHOR, a cuja presença trouxeram ofertas pacíficas” (1Sm 11.15), reafirmando o apelo à graça de Deus para receberem bênçãos. Não é de admirar que esse capítulo termine com uma declaração de grande felicidade: “Saul muito se alegrou ali com todos os homens de Israel” (11.15). Esse também é o caminho para nossas igrejas serem felizes e abençoadas: a liderança que honra a Deus recebe a aprovação do povo de Deus, quando toda a igreja renova seu compromisso com a graça de Deus, em harmonia com o ensino da palavra de Deus.

Planos de batalha, não planos de negócios

A vitória de Saul em Jabes-Gileade apresenta um desafio a cristãos e igrejas hoje. O primeiro desafio é percebermos que não importa quanto nossas circunstâncias pareçam adequadas, no plano espiritual o povo de Deus está sempre em pé de guerra. Paulo adverte os cristãos que “a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6.12). Esses inimigos espirituais estão tão ansiosos para destruir e humilhar o povo de Deus hoje quanto o amonita Naás na época de Saul.

De fato, Naás pode ser visto como símbolo do poder do pecado, de modo que a condição de Jabes-Gileade nos adverte a não nos rendermos ao poder imoral do pecado e da tentação. Blaikie escreve: “Se considerarmos Naás como o tipo de outro tirano, como representante da tirania do pecado, podemos extrair dessas condições uma ilustração dos termos cruéis que o pecado normalmente impõe”.[8] Naás queria remover o olho direito dos israelitas; do mesmo modo, o pecado deseja nos desarmar e nos tornar inaptos para lutar pelas causas de Deus. Seremos felizes se conseguirmos perceber, como os homens de Jabes-Gileade perceberam a tempo, que nos entregarmos ao pecado apenas nos submete a danos e humilhações que podem nos marcar para o restante da vida.

No entanto, apesar da advertência dessa passagem, a realidade é que a igreja hoje raramente se vê como envolvida numa batalha espiritual mortal. Woodhouse enfatiza que essa realidade pode ser vista no fato de que a maioria das igrejas se conduz de acordo com planos de negócios, não com planos de batalha. Ele escreve:

“Ir para a batalha” não é como gostamos de pensar em nossos esforços evangelísticos. De muitas maneiras, o mundo dos negócios substituiu o campo de batalha como uma fonte de categorias para pensarmos sobre esse trabalho. O trabalho do evangelho, então, não é uma guerra, mas um comércio: vamos vender um produto, não travar uma batalha. Somos marqueteiros, não soldados. Temos mercadoria, não armas. Enfrentamos clientes em potencial, não um inimigo. Devemos expandir nosso segmento do mercado e aumentar nossa base de clientes, não capturar, defender e destruir um inimigo. [...] A linguagem de guerra, armas e batalha é extrema demais para o modo de pensar sobre evangelismo. Somos mais anunciantes do que lutadores.[9]

Se é assim que pensamos na obra da igreja, então a palavra de Deus requer que repensemos radicalmente nossa abordagem. Nosso desafio, no evangelismo, não é apresentar um produto atraente a uma cultura consumidora. Em vez disso, Paulo diz: “O deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2Co 4.4). Se Paulo estiver certo e a combinação de dominação espiritual e depravação for o problema dos incrédulos, então o evangelismo deve confiar em algo diferente de apelos mundanos para persuadir. Afinal de contas, o evangelho não pode ser vendido àqueles que estão cegos e até mesmo são hostis a ele. Em vez disso, os cristãos devem se perceber como estando envolvidos numa batalha espiritual, usando as armas espirituais da oração e da palavra de Deus. Paulo escreve:

Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2Co 10.3-5).

Se Paulo estiver certo, o sinal de que despertamos para a realidade da batalha espiritual será nosso compromisso renovado com o poder de Deus por meio de

sua palavra (Hb 4.12-13; 1Pe 1.23).

O mesmo é verdadeiro em termos espirituais. Nós também estamos nas linhas de frente da batalha espiritual. A razão pela qual tantos cristãos vivem tão perto do mundo, casualmente participando de mundanismo e pecado, é que deixamos de avaliar o perigo que isso representa para a nossa alma. Pedro adverte: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8). Por isso ele nos orienta: “Sede sóbrios e vigilantes [...] resisti-lhe firmes na fé” (5.8-9). Assim, os cristãos que reconhecem a violenta ameaça dos nossos inimigos espirituais usam ansiosamente os meios de graça dados por Deus para o crescimento e a solidez de sua fé, resistindo aos desejos do pecado, que bombardeiam nossa cultura.

Finalmente, esse capítulo apresenta o tema da salvação em Israel e, assim, lembra-nos que o povo de Deus precisa de um Salvador para nos livrar dos naases deste mundo mau. Percebendo isso, devemos nos aproximar do verdadeiro Rei dotado do Espírito, a quem Deus enviou ao mundo. Jesus Cristo começou seu ministério dizendo: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18-19, citando Is 61.1-2). É no reino de Cristo, onde se entra pela fé em Jesus, que somos defendidos e libertados dos nossos inimigos espirituais – de Satanás, do pecado e da morte que nossa culpa merecia – recebendo a liberdade da salvação e da bênção de ver Jesus e crer nele.

Então, se andarmos perto de Cristo, fortalecendo nossa fé por meio da sua palavra e pela oração contínua e recebendo o poder do Espírito de Deus que ele envia graciosamente àqueles que buscam sua vontade, conheceremos, ainda neste mundo, a alegria da nossa salvação, como Israel celebrou a renovação do seu reino em Gilgal. Jesus disse: “O enviado de Deus fala as palavras dele, porque Deus não dá o Espírito por medida” (Jo 3.34). Pela fé em Cristo e na palavra de Deus, o Deus que fez o Espírito “se apossar” de Saul nos capacitará a permanecer firmes nesses dias maus de batalha espiritual, e ele nos usará para levar essa mesma salvação a outros, que estão cercados pelas trevas e pela incredulidade.

1 Josefo, The antiquities of the Jews, 6.5.

2 Ibid.

3 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 172-73.

4 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the Heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 93.

5 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 197-98.

6 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:264.

7 Davis, 1 Samuel, 95.

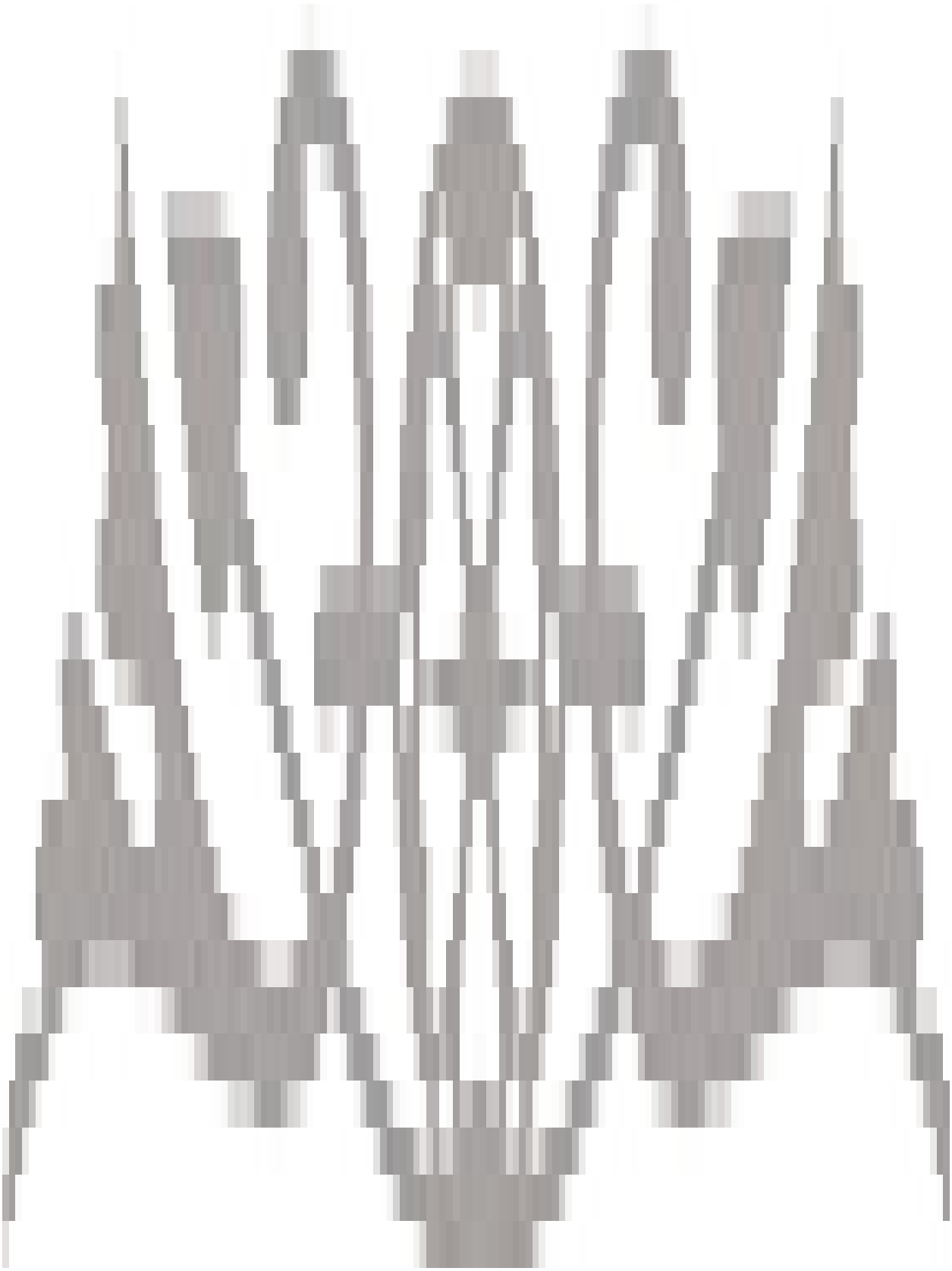
8 Blaikie, First Samuel, 173.

9 Woodhouse, 1 Samuel, 192.

16

A DESPEDIDA DE SAMUEL

1Samuel 12.1-25



Tão somente, pois, temei ao SENHOR e servi-o fielmente de todo o vosso coração; pois vede quão grandiosas coisas vos fez. Se, porém, perseverardes em fazer o mal, perecereis, tanto vós como o vosso rei. (1Sm 12.24-25)

Sempre que um grande líder chega ao fim da sua carreira, seu discurso final aos seus seguidores é geralmente interessante e sempre importante. Isso é especialmente verdadeiro quanto aos grandes líderes do povo de Deus na Bíblia. O livro de Deuteronômio apresenta as palavras finais de Moisés a Israel, depois das quais o grande libertador e legislador subiu ao topo do monte Nebo para ver a Terra Prometida e então morrer. Seu sucessor, Josué, reuniu todo o Israel para fazer um desafio que ainda ecoa em nossos ouvidos: “Escolhei, hoje, a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam dalém do Eufrates ou aos deuses dos amorreus em cuja terra habitais”, e concluiu: “Eu e minha casa serviremos ao S ENHOR ” (Js 24.15). Quando Paulo passou por Éfeso naquela que ele sabia que seria a última vez, ele reuniu os presbíteros. O apóstolo lembrou-os do que é o verdadeiro ministério – “jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa [...] jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.20,27) – e os advertiu contra lobos que entrariam no rebanho e devorariam as ovelhas (At 20.29-30). Mais importante é o discurso final do Senhor Jesus Cristo aos seus discípulos no que chamamos de “Última Ceia”. Ali, Jesus chamou a atenção deles para a obra que estava prestes a realizar ao morrer na cruz pelos nossos pecados (Mt 26.26-28) e lhes deu instruções para orientá-los durante os anos do trabalho deles como apóstolos (Jo 13–16).

Considerando esses exemplos, podemos ver um padrão geral para os discursos de despedida dos grandes homens da Bíblia. A maior parte deles procura recapitular e resumir seu ministério, que eles também afirmam ser fiel ao Senhor. A isso é acrescentada uma responsabilidade para aqueles que seguem adiante de permanecer fiéis na sua própria fé e prática. Em resposta, é comum o povo expressar tristeza pela perda do seu líder e necessidade de intercessão junto ao Senhor, o que, em última análise, só pode ser feito pelo próprio Senhor Jesus Cristo. Esse é o padrão refletido no discurso final do grande profeta e juiz Samuel, quando ele se prepara para entregar a liderança de Israel ao recém-consagrado rei Saul.

Samuel defende seu ministério

Pode parecer estranho que um vulto tão exaltado quanto Samuel precisasse defender seus anos de ministério. Mas quando nos lembramos do tipo de liderança que os israelitas haviam recebido anteriormente e da depravação geral do mundo antigo, não devemos nos admirar. Hoje, ministros que substituem alguém que caiu em pecado geralmente são vistos com uma suspeita injusta. Samuel havia substituído Eli e seus filhos ímpios, de modo que preocupação com a exploração do seu ofício e com a sua moral não teria sido algo inesperado.

Portanto, Samuel começou: “Eis que ouvi a vossa voz em tudo quanto me dissestes e constituí sobre vós um rei. Agora, pois, eis que tendes o rei à vossa frente” (1Sm 12.1-2). O que Samuel quis dizer é que não estava com más intenções com relação ao povo. Ele não era inacessível nem indisposto a atender os pedidos deles. Muito embora considerasse o pedido por um rei um insulto a si mesmo, e ainda mais, um insulto a Deus, e embora advertisse o povo quanto à catástrofe que esse pedido traria (8.11-17), estava disposto a fazer o melhor que pudesse para fazer o arranjo funcionar. Além disso, quando o Senhor ordenou que Samuel ungisse Saul como rei, ação que Samuel achou detestável, o grande juiz e profeta não hesitou em agir em obediência ao Senhor. De fato, o papel de Samuel na entronização do rei Saul mostra quanto ele não tinha interesse por ganho pessoal, pois Saul era seu próprio substituto. Por séculos, Israel havia confiado nos juízes que Deus levantava para suprir necessidades específicas, em vez de uma sucessão dinástica regular. Samuel foi o último desses juízes e, a pedido do povo e por vontade do Senhor, vem dizer suas palavras finais ao se afastar da liderança executiva da nação.

Samuel também ressalta seu modo de vida:

Já envelheci e estou cheio de cãs, e meus filhos estão convosco; o meu procedimento esteve diante de vós desde a minha mocidade até ao dia de hoje. Eis-me aqui, testemunhai contra mim perante o SENHOR e perante o seu ungido: de quem tomei o boi? De quem tomei o jumento? A quem defraudei? A quem oprimi? E das mãos de quem aceitei suborno para encobrir com ele os meus olhos? E vo-lo restituirei (1Sm 12.2-3).

Samuel sabia que as pessoas tendiam a se ressentir e desconfiar daqueles que recebem grande autoridade pela simples razão de que essas pessoas com frequência abusam do seu poder. “O poder corrompe”, disse lorde Acton, “e poder absoluto corrompe absolutamente”. Então, Samuel desafia o povo a testemunhar se isso poderia ser dito a respeito dele. “Eis-me aqui”, disse ele, “testemunhai contra mim perante o SENHOR”. Se Samuel tivesse enganado alguém, se tivesse exigido pagamentos não autorizados para realizar seus serviços, se tivesse usado sua posição para atormentar seus oponentes, essas pessoas podiam vir à frente agora e desgraçar o ministério de uma vida inteira. O fato de que ninguém foi à frente com uma acusação contra Samuel testifica da sua extraordinária piedade e lembra a todos os cristãos o valor de um registro limpo e um bom nome. Podemos ficar diante da igreja e dar a todos a oportunidade de falar contra nossa integridade? Se não pudermos, devemos corrigir nossa reputação manchada e nos voltar imediatamente para o Senhor, buscando um coração justo e honesto, e depois fazer tudo o que pudermos para nos reconciliar com aqueles que podem nos acusar.

Em resposta ao pedido de Samuel, o povo não teve opção senão responder positivamente: “então, responderam: em nada nos defraudaste, nem nos oprimiste, nem tomaste coisa alguma das mãos de ninguém” (1Sm 12.4). Samuel defendeu sua causa, chamando o Senhor e o recém-ungido rei Saul para certificarem da sua fidelidade, dizendo: “O SENHOR é testemunha contra vós outros, e o seu ungido é, hoje, testemunha de que nada tendes achado nas minhas mãos”. E eles disseram: “Deus é testemunha” (12.5). Desse modo, Samuel estava levando o povo a confessar seu próprio pecado diante do Senhor. Isso porque, como John Woodhouse comenta, “a defesa de Samuel significava a acusação do povo”,[1] pois os israelitas reconheceram que não tinham outro motivo além da incredulidade para pedir que Samuel fosse substituído por um rei.

O jovem ministro escocês Robert Murray M’Cheyne é famoso por ter dito que o presente mais importante que ele podia dar à sua congregação era sua santidade pessoal. A razão para isso é que somos grandemente incentivados a crer no evangelho quando vemos seu poder em ação na vida dos outros. A fidelidade como cristãos não é importante apenas para os ministros, mas também para os pais. Nossos filhos aprenderão com nossa conduta se Deus é verdadeiramente soberano sobre a nossa vida e se o evangelho de perdão é verdadeiramente nossa

norma para a fé e a vida. Thomas Carlyle disse sobre seu pai pobre e inculto que tinha mais orgulho de ter sua linhagem do que teria de ser um duque ou um rei "pois o que é a glória de mera categoria ou posição casual quando comparada à glória de qualidades divinas e a um caráter que reflete a imagem do próprio Deus?"[2]

O escritor de Hebreus enfatiza o valor de se seguir o exemplo visto na vida de anciãos piedosos: "Lembrai-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram" (Hb 13.7). Todo mero homem tem fraquezas e defeitos, mas nossa fé deve ser um exemplo para os outros. A fé de líderes espirituais e a fidelidade deles em ministrar ao rebanho devem ser sustentadas diante de todos os cristãos e também do mundo como um forte incentivo à fé.

A causa do Senhor é defendida

O propósito por trás da defesa de Samuel não era seu interesse pelo seu próprio legado ou reputação. Em vez disso, Samuel apresentou sua própria fidelidade como um preâmbulo para seu interesse principal: Samuel queria que o povo se lembrasse como era grande e fiel o Deus a quem eles serviam e a quem haviam ofendido com seu pedido por um rei. Esse foi outro propósito em citar Deus como testemunha da sua própria integridade. Tendo chamado o Senhor como testemunha, Samuel elabora sobre a fidelidade do Senhor a Israel:

> ... disse Samuel ao povo: Testemunha é o SENHOR, que escolheu a Moisés e a Arão e tirou vossos pais da terra do Egito. Agora, pois, ponde-vos aqui, e pleitearei convosco perante o SENHOR, relativamente a todos os seus atos de justiça que fez a vós outros e a vossos pais (1Sm 12.6-7).

Samuel começa com o êxodo, lembrando ao povo de Israel que seus antepassados haviam ido para o Egito e sido brutalmente escravizados. Mas eles clamaram ao Senhor "e o SENHOR enviou a Moisés e a Arão, que os tiraram do Egito e os fizeram habitar neste lugar" (1Sm 12.8). Essas palavras resumem

todos os grandes milagres envolvidos no êxodo, a jornada de Israel da escravidão no Egito para a conquista da Terra Prometida. “Porém”, lamenta Samuel, “esqueceram-se do SENHOR, seu Deus” (12.9). O resultado da infidelidade de Israel à aliança foi o castigo de Deus, entregando seu povo à opressão “nas mãos de Sísera, comandante do exército de Hazor, e nas mãos dos filisteus, e nas mãos do rei de Moabe” (12.9). Como era verdadeiro naquela época que padrões de pecado sem arrependimento levam à severa disciplina de Deus, também é verdadeiro para os cristãos (veja Hb 12.4s.). No entanto, os israelitas “clamaram ao SENHOR” novamente, dizendo: “Pecamos, pois deixamos o SENHOR e servimos aos baalins e astarotes” (1Sm 12.10), com o resultado de que Deus os salvou de novo.

Nos dias dos juízes, Deus enviou heróis como Jerubaal (Gideão), Baraque e Jefté – e, finalmente, o próprio Samuel – de modo que sua fidelidade em salvar seu povo arrependido e crente não pode ser questionada. Mais recentemente, o povo havia enfrentado a ameaça de Naás, o amonita. Em vez de confiar no Senhor, exigiram que o Senhor lhes desse um rei. (O versículo 12 confirma que foi o medo da derrota que levou Israel a buscar um rei humano.) Isso é visto claramente como um ato de incredulidade e pecado: “Me dissestes: Não! Mas reinará sobre nós um rei; ao passo que o SENHOR, vosso Deus, era o vosso rei” (1Sm 12.12). A exigência deles de um rei era uma rejeição do Senhor como Rei. Portanto, considerando o consistente padrão de juízo e castigo pela idolatria do seu povo por parte de Deus, podemos ver Deus atendendo ao pedido por um rei como forma de juízo. O que Deus fez não foi tanto providenciar um rei, mas entregar o povo ao seu pecado e às suas consequências. “Agora, pois, eis aí o rei que elegestes e que pedistes; e eis que o SENHOR vos deu um rei” (12.13). Enquanto Saul viveu e reinou, ele continuou sendo “o outro rei”, enquanto Deus preparava seu povo, por meio de uma história de fracassos, para receber o verdadeiro Rei.

Isso requer uma observação. Sempre que nos desviamos para nossos próprios esquemas e planos, ou para os esquemas e planos do mundo, como opostos aos de Deus, estamos caminhando para problemas. Esse abandono do Senhor raramente é explícito. Simplesmente somos seduzidos por alguma estratégia ou abordagem mundana ao ministério ou ao crescimento pessoal, tendo perdido a confiança na palavra de Deus e nos métodos ensinados nela. Sempre que isso acontece, estamos caminhando para o desastre, porque o caminho de Deus é o verdadeiro e certo e também porque Deus pune ativamente a incredulidade e a desobediência do seu povo.

Se descobrirmos que esse afastamento de Deus e de sua palavra aconteceu, o que devemos fazer? Samuel nos dá a resposta:

Se temerdes ao SENHOR, e o servirdes, e lhe atenderdes à voz, e não lhe fordes rebeldes ao mandado, e seguirdes o SENHOR, vosso Deus, tanto vós como o vosso rei que governa sobre vós, bem será. Se, porém, não derdes ouvidos à voz do SENHOR, mas, antes, fordes rebeldes ao seu mandado, a mão do SENHOR será contra vós outros, como o foi contra vossos pais (1Sm 12.14-15).

Essa é uma declaração notável e notavelmente encorajadora para nós. Samuel está dizendo que, embora o povo de Deus tenha pecado ao escolher Saul, e embora o reinado de Saul fosse uma afronta ao Senhor, se o povo e o rei Saul se humilhassem diante do Senhor e renovassem sua aliança com ele e se realmente seguissem "o SENHOR, vosso Deus", o Senhor seria gracioso e os abençoaria. Porém, eles teriam de ser sérios e Deus não seria enganado. Observe quanto a linguagem é meticulosa e definitiva: eles devem temer o Senhor, devem servir o Senhor e obedecer a sua voz; não devem ser rebeldes aos seus mandamentos e devem seguir o Senhor e atender a voz dele. Se fizessem essas coisas, Deus faria do novo reinado – apesar de toda a incredulidade, idolatria, mundanismo e desobediência por trás dele – um sucesso que abençoaria seu povo.

Esse mesmo princípio é válido para nós. O que acontece quando descobrimos que tomamos uma decisão errada ou percebemos que caímos em pecado e rebelião e nos colocamos em disputa com o Senhor? A Bíblia ensina que Deus nos permite começar exatamente onde estamos, humilhando-nos e confessando nossos pecados, confiando no Senhor e invocando seu nome e nos comprometendo novamente a uma nova obediência em fidelidade à sua palavra.

Às vezes, um cristão descobre que tomou uma decisão insensata ao aceitar um emprego, mas agora não pode voltar atrás na sua decisão. O que ele deve fazer? Deve voltar-se para o Senhor, andando em temor e obediência enquanto confia nas promessas dele, e Deus pode abençoá-lo até mesmo no que ele considera um emprego ruim. O mesmo acontece se tomarmos uma decisão errada ao nos mudarmos para certa cidade, frequentar certa faculdade, participar de uma igreja problemática ou fazer um casamento descabido. Em alguns casos, podemos

invalidar a decisão anterior e voltar atrás; em outros, não. Então, o que devemos fazer? Voltar-nos para o Senhor precisamente onde estamos, humilharmo-nos diante dele e de sua palavra e começar a andar em fidelidade. Podemos estar certos, mesmo quando houver dificuldades, que a bênção de Deus estará sobre nós e seu auxílio estará disponível. Essa é a solução para aqueles que admitem que "saíram do caminho da vontade de Deus" e não recorreram a ele em busca de ajuda. Os cristãos podem dar graças a Deus porque, mesmo quando se voltam para direções erradas, ele é gracioso e os ajuda quando oram.

Não há situação ou problema em que os cristãos não possam ser abençoados pelo poderoso auxílio de Deus, se apenas se voltarem para ele em fé sincera, humilharem-se diante dele como seu Senhor e Deus e renovarem seu compromisso de andar na sua palavra. Essa é a solução para cada problema, e ela funciona porque Deus é tão gracioso e está tão disposto a receber seus filhos que erram quanto para abençoá-los. Arrependimento, fé e nova obediência são o caminho adiante para todo cristão onde quer que ele esteja, bem ou mal, exatamente neste momento. Davi expressou esse princípio no salmo 28.7, que começa com uma afirmação de confiança renovada no poder salvador de Deus que expressa fé nele, recebe o auxílio de Deus e, portanto, responde com alegre agradecimento: "O SENHOR é a minha força e o meu escudo; nele o meu coração confia, nele fui socorrido; por isso, o meu coração exulta, e com o meu cântico o louvarei".

Certa ocasião, quando estava evangelizando entre muçulmanos na África, fui questionado por uma mulher pobre quanto ao poder do Deus cristão. Ela exigiu que, antes que testemunhasse do evangelho, realizasse um milagre para convencê-la. Respondi que não tinha consciência de ter poder para realizar milagres, nem precisava fazer isso. Em vez disso, havia ido anunciar a boa-nova da graça perdoadora de Deus por meio do seu Filho, Jesus Cristo. Ela respondeu que seu povo era pobre, doente, tiranizado e oprimido; eles precisavam de um Deus que resolvesse seus problemas. Respondi que, se ela cresse em Jesus, ela ainda teria todos esses problemas. No entanto, o maior problema – a santa ira de Deus sobre seu pecado – seria resolvido pelo sangue expiatório do Filho de Deus. Além disso, ela se tornaria uma amada filha de Deus, e Deus assumiria o dever de cuidar dela. Se Deus não mudasse suas condições, ele lhe daria o poder de suportá-las alegremente, e Deus, nosso Pai, asseguraria que tudo de que ela realmente precisava fosse providenciado. Mas, para que isso acontecesse, ela deveria renunciar ao falso deus Alá, humilhar-se diante do verdadeiro Deus em arrependimento e fé e andar com ele em sincera obediência, para que seu Pai não

achasse necessário discipliná-la dolorosamente no seu santo amor. Essa explicação foi seguida por uma longa conversa, na qual expliquei a boa-nova da salvação por meio de Jesus. Pela graça de Deus, a mulher creu, juntamente com vários dos seus amigos que estavam ali, e eles fizeram a importante declaração pública de unir-se a nós para adoração pública na igreja cristã mais próxima.

Quaisquer que sejam nossas circunstâncias – quer pareça que estamos no topo do mundo ou debaixo dos seus pés – temos exatamente a mesma razão que aquela pobre mulher africana para crer em Jesus Cristo. O maior problema do povo de Israel não era o amonita Naás e sua ameaça de furar o olho direito deles (1Sm 11.2), mas o santo Deus, que ameaçava sua alma com a justa condenação pelo pecado. Jesus disse: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma quanto o corpo” (Mt 10.28). Além disso, o caminho que nos leva a uma vida alegre, pura e piedosa – vida que tem verdadeiro significado neste mundo e no próximo – é ir a Deus em busca de seu cuidado paterno e dedicar nossa vida a ele em fé por meio do seu Filho Salvador.

Essa foi a mensagem de Samuel a Israel, e é a mensagem da Bíblia para nós hoje. A Bíblia não diz que nossa vida será livre de problemas. Jesus disse: “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33). É a segunda afirmação que nos capacita a suportar a primeira. No entanto, se Israel se recusasse a aceitar a oferta de Samuel – “Se, porém, não derdes ouvidos à voz do SENHOR, mas, antes, fordes rebeldes ao seu mandado” – então não somente a bênção de Deus seria retida, mas “a mão do SENHOR será contra vós outros, como o foi contra vossos pais” (1Sm 12.15).

Os israelitas eram o povo da aliança de Deus, por escolha de Deus e não deles mesmos, de modo que, tendo eles um rei ou não, eles ainda estavam sob o governo da aliança de Deus. O mesmo é verdadeiro para os crentes, que são chamados a Cristo pela graça soberana de Deus, exatamente como Israel foi: podemos viver de maneira insensata ou fiel, mas não podemos viver sem o santo e todo-poderoso governo de Deus sobre a nossa vida. A mão de Deus estará sobre nós para bênção ou contra nós para disciplina, mas nunca será removida. É muito melhor, então, para os cristãos, simplesmente resolver honrar o Senhor, temê-lo, confiar nele e obedecer a ele. Então, sejam quais forem as circunstâncias em que nos encontremos, podemos ter a confiança de ter uma vida que tem a marca da paz com Deus e a alegria da força do Senhor.

A intercessão de Samuel é buscada

Ao contrário de mim, Samuel tinha o poder de realizar milagres e considerou seu discurso de despedida um bom momento para uma demonstração que colocaria um ponto de exclamação na sua mensagem:

Ponde-vos também, agora, aqui e vede esta grande coisa que o SENHOR fará diante dos vossos olhos. Não é, agora, o tempo da sega do trigo? Clamarei, pois, ao SENHOR, e dará trovões e chuva; e sabereis e vereis que é grande a vossa maldade, que tendes praticado perante o SENHOR, pedindo para vós outros um rei. Então, invocou Samuel ao SENHOR, e o SENHOR deu trovões e chuva naquele dia; pelo que todo o povo temeu em grande maneira ao SENHOR e a Samuel (1Sm 12.16-18).

Primeiro, Samuel lembrou ao povo que era a época do ano em que não caía chuva forte; depois, prometeu um milagre que colocaria um selo no seu chamado ao arrependimento. Quando invocou o Senhor, uma violenta tempestade caiu imediatamente sobre eles, “pelo que todo o povo temeu em grande maneira ao SENHOR e a Samuel” (1Sm 12.18). Não sabemos se Samuel gostou de deixar seu governo sobre Israel nesse estilo, mas seu objetivo foi alcançado. O profeta, afinal, não estava se afastando completamente das questões de Israel. Embora não fosse mais juiz sobre o povo, continuava sendo profeta do Senhor, e, portanto, aquele que falava com autoridade e poder ao povo e ao rei.

O povo, aterrorizado, respondeu pedindo a Samuel para interceder por eles junto a Deus: “Todo o povo disse a Samuel: Roga pelos teus servos ao SENHOR, teu Deus, para que não venhamos a morrer; porque a todos os nossos pecados acrescentamos o mal de pedir para nós um rei” (1Sm 12.19). Essa era uma sincera confissão de pecados, embora não tenha sido feita mais rapidamente. O povo reconheceu que toda a sua história era de desobediência e rebelião e que eles haviam tido uma atitude ímpia ao pedir um rei como todas as outras nações, em lugar de Deus. “Antes tarde do que nunca”, dizemos. Fizeram a coisa certa ao confessar seu pecado e também ao pedir que Samuel intercedesse por eles

junto a Deus.

Por um lado, o pedido por um mediador indicava um grande problema. Precisamos de um mediador para falar em nosso favor diante de um Senhor cujo juízo tememos. Observe que o povo falou com Samuel referindo-se ao Senhor como “teu Deus” e que, em vez de irem eles mesmos ao Senhor em oração, pediram para ele: “Roga pelos teus servos ao SENHOR” (1Sm 12.19). Isso é praticamente uma citação dos lábios do Faraó, depois que Deus havia quebrado sua determinação por meio do anjo da morte, que havia matado seu filho primogênito. Quando Moisés e Israel finalmente tiveram permissão para sair do Egito, Faraó pediu a Moisés um favor. “Levai também vossas ovelhas e vosso gado, como tendes dito; ide-vos embora”, e então pediu, “e abençoai-me também a mim” (Êx 12.32). Faraó não tinha base para ir pessoalmente a Deus nem para ficar na presença dele, de modo que teve de pedir a alguém que tinha o favor de Deus que orasse por ele. Portanto, o povo de Israel, com toda sua idolatria e impiedade, havia se degradado à condição que Faraó ocupava diante da ira de Deus e só conseguiu pedir a um homem em seu meio que orasse ao Senhor por eles.

Samuel respondeu como todos os servos de Deus respondem a um pedido sincero de auxílio espiritual e, assim, apresenta um exemplo instrutivo de como devemos responder a pessoas não cristãs que pedem nosso auxílio espiritual. Samuel estava mais do que disposto a orar por eles: “Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o SENHOR, deixando de orar por vós”, sendo este o dever de todo homem de Deus. Mas ele disse mais: “Vos ensinarei o caminho bom e direito” (1Sm 12.23). É precisamente assim que devemos responder aos amigos e familiares não cristãos que pedem nossas orações: “Orarei por você, mas também quero lhe dizer como você pode ter o direito de orar por si mesmo”. Essa resposta nos dá uma abertura para explicar como a fé pessoal em Jesus oferece acesso pessoal a Deus Pai para pedir auxílio e salvação.

Segundo, Samuel reafirmou a eles a boa vontade graciosa de Deus: “Não temais” (1Sm 12.20). Do mesmo modo, temos o privilégio de informar às pessoas a bondade e o amor que Deus tem por elas em Jesus Cristo. Terceiro, Samuel reconheceu o pecado deles, mas mostrou-lhes a solução: “Tendes cometido todo este mal; no entanto, não vos desvieis de seguir o SENHOR, mas servi ao SENHOR de todo o vosso coração. Não vos desvieis; pois seguiríeis coisas vãs, que nada aproveitam e tampouco vos podem livrar, porque vaidade são” (1Sm 12.20-21). Samuel estava se referindo aos deuses falsos e vazios,

lembrando aos israelitas e a nós que não podemos seguir ao Senhor enquanto ainda estivermos buscando as idolatrias do mundo, incluindo a ganância, a luxúria, o orgulho e a malícia.

Quarto, Samuel lembrou ao povo as promessas pactuais de Deus: “Pois o SENHOR, por causa do seu grande nome, não desamparará o seu povo, porque aprouve ao SENHOR fazer-vos o seu povo” (1Sm 12.22). Deus honrará suas promessas de salvação primariamente para honrar seu nome, de modo que o povo saiba que se cumprirá tudo o que ele prometeu. Do mesmo modo, podemos estar certos de que Deus cumprirá sua promessa evangélica a todo aquele que crê: Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.24).

Essas são mensagens nas quais devemos crer para nós mesmos, bem como para outros: devemos nos lembrar da boa vontade de Deus em favor dos pecadores por meio de Jesus Cristo, confessar nossos pecados, nos voltar para ele em busca de salvação e crer nas suas promessas evangélicas que garantem sua misericórdia e graça infalíveis àqueles que o seguem com fé sincera. Essa foi a mensagem final de Samuel ao entregar seu ofício de juiz, embora mantivesse seu ofício de profeta do Senhor: “Tão somente, pois, temei ao SENHOR e servi-o fielmente de todo o vosso coração; pois vede quão grandiosas coisas vos fez. Se, porém, perseverardes em fazer o mal, perecereis, tanto vós como o vosso rei” (1Sm 12.24-25). Não importa se a pessoa é rei ou não rei: fé no Senhor ou rebelião contra sua vontade soberana é o que decide nosso destino eterno e nosso relacionamento com ele durante esta vida.

Nosso verdadeiro Mediador

Com essas palavras, a narrativa de 1Samuel muda seu foco de Samuel para um novo foco sobre o rei Saul. Samuel havia sido um fiel servo do Senhor, como o povo atestava, e um homem de Deus verdadeiramente grande. Quando os bandos amonitas começaram a invadir as regiões orientais de Israel, os anciãos de Israel consideraram o idoso profeta Samuel e seus filhos rebeldes e decidiram que precisavam de outra pessoa para terem livramento, exigindo o rei que Deus agora havia dado, Saul, filho de Quis.

Podemos honrar o legado de Samuel ao relatar todas as coisas que o fizeram grande. Mas um modo melhor de honrá-lo seria olhar além dele e ver as razões pelas quais Jesus Cristo é melhor Salvador, Rei e Mediador, em quem podemos encontrar tudo de que precisamos para a salvação eterna da nossa alma.

Primeiro, enquanto o povo pedia a Samuel para mediar a favor deles com Deus, temos o privilégio de nos achegar ao trono de Deus pela mediação de Jesus. Apesar de toda a sua virtude, Samuel continuava sendo pecador; nem mesmo ele podia ficar diante de Deus pelos seus próprios méritos. No fim, como Israel e nós, Samuel teria de assumir as palavras que Faraó dirigiu a Moisés: “Você pode, por favor, me abençoar e interceder por mim diante de Deus?”. Jesus não é um mero homem santo, é o Deus-homem, o Emanuel, que significa “Deus conosco”, Deus Filho, que encarnou para levar seu povo a Deus (Is 7.14; Hb 2.14-17). Em virtude de quem Cristo é e do que ele fez, Paulo afirma: “Há um só [...] Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Tm 2.5). Jesus é o homem completamente sem pecado, que não precisa do seu próprio Salvador diante da santa lei de Deus e que, como Filho de Deus, é, portanto, capaz de oferecer sua morte para o perdão de todo aquele que crê nele e invoca o nome de Deus para sua salvação.

Segundo, Jesus é um mediador melhor que Samuel porque ele nunca fica velho ou frágil. Sob a monarquia de Israel, até mesmo os melhores reis envelheciam e, por fim, morriam, de modo que o povo tinha de tremer pelo que o aguardava no novo reinado. Mas no reino de Deus não há essa ansiedade. Jesus, nosso Rei, que morreu pelos nossos pecados, ressurgiu da sepultura para a vida eterna. O escritor de Hebreus, assim, exulta pelo sacerdócio de Jesus, que é eterno, e o mesmo é verdadeiro com relação aos seus ofícios de Profeta e Rei: ele reina “para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7.24-25).

Finalmente, embora Samuel tivesse demonstrado um poder de retórica e pregação profética que agita a alma e até mesmo o tivesse reforçado com um milagre notável que assustou seus ouvintes, suas palavras não tinham poder em si mesmas para mudar o coração. Muito diferente é o Senhor Jesus Cristo, que fala e prega com o poder e a persuasão do Espírito Santo. Somente Jesus pode dizer: “As palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (Jo 6.63). Se invocarmos seu nome – o nome do Filho unigênito de Deus e Salvador do mundo – se entrarmos no seu reino pela fé e se abrirmos o coração para suas

palavras vivas e poderosas, Jesus diz que teremos vida eterna. O fiel Samuel nos apontou o Senhor, dizendo: “Temei ao SENHOR e servi-o fielmente de todo o vosso coração” (1Sm 12.24). Jesus, o próprio Senhor para quem Samuel apontou, nos chama, dizendo: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8.12).

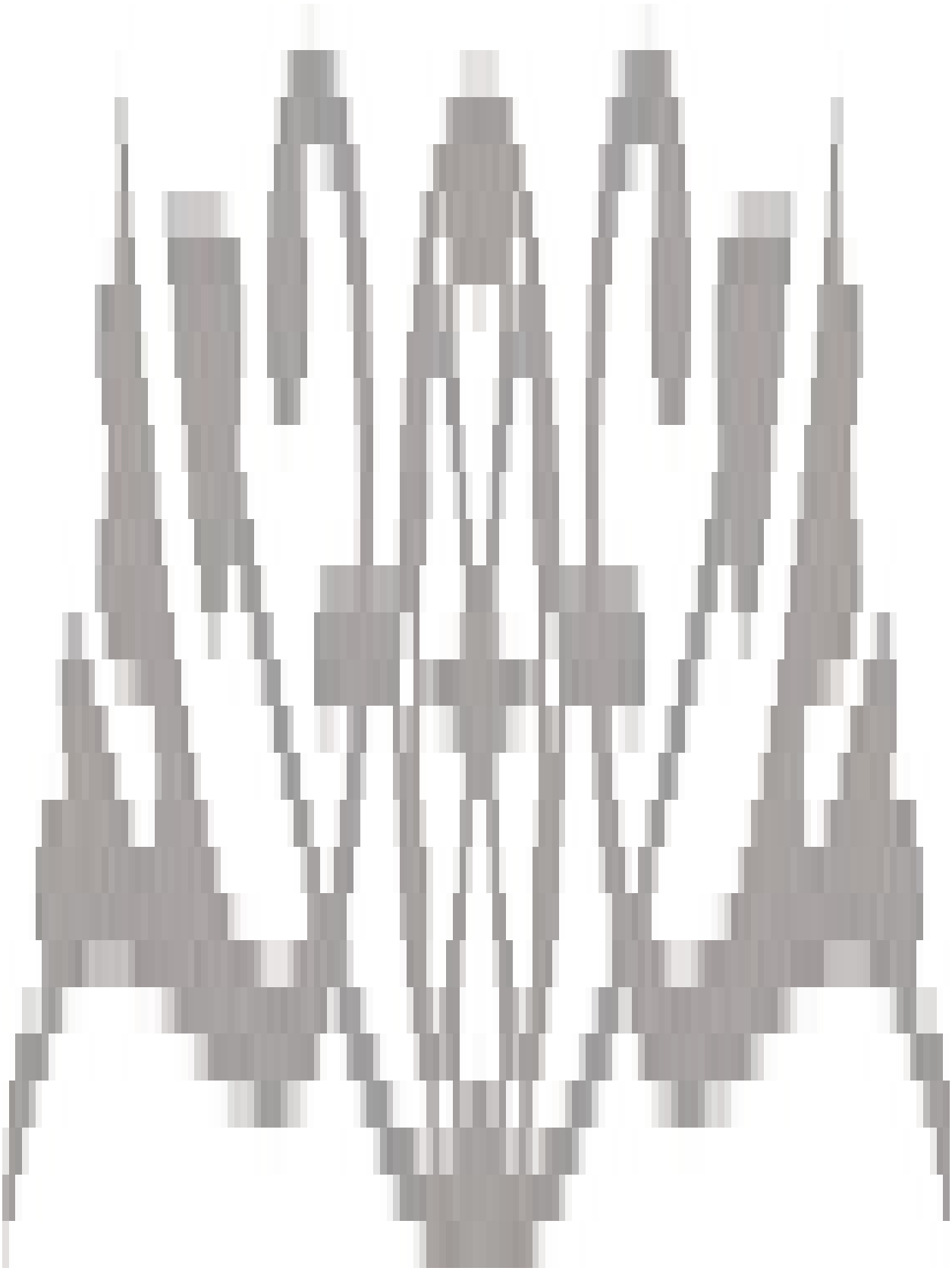
1 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 215.

2 Citado em William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 185.

17

UM HOMEM QUE AGRADA A DEUS

1Samuel 13.1-23



O SENHOR buscou para si um homem que lhe agrada e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o SENHOR te ordenou. (1Sm 13.14)

A passagem de 1Samuel 13 começa com um problema textual que tem confundido os comentaristas. O Texto Massorético, geralmente considerado o texto hebraico mais autoritativo do Antigo Testamento, diz que “Saul tinha um ano de idade quando começou a reinar e reinou por dois anos sobre Israel” (1Sm 13.1). Há três abordagens principais para lidar com essa afirmação. A primeira, e mais comum, é admitir que algo foi perdido na transmissão do texto pelos escribas. [1] É sobre esse pressuposto que algumas versões para a língua inglesa corrigem o versículo com base em outros registros. A New International Version (NIV) diz: “Saul tinha trinta anos de idade quando se tornou rei e reinou sobre Israel por quarenta e dois anos”. Essa leitura é baseada na Septuaginta, o texto grego do Antigo Testamento datado do século 3o d.C. e na afirmação de Paulo em Atos 13.21 de que Deus deu Saul a Israel por 40 anos. O problema com essa interpretação é que Jônatas, filho de Saul, teve um papel importante como general do exército de Israel, o que seria difícil imaginar se Saul, seu pai, tivesse apenas 30 anos de idade. Com isso em mente, a New American Standard Bible (antes da atualização de 1999) mudou o versículo 1 para dizer que Saul tinha 40 anos de idade quando começou a reinar.

Uma segunda abordagem supõe que esse problema resultou não de um erro de escriba, mas do autor original. Pode ser, dizem alguns, que o editor que colocou 1 e 2Samuel em sua forma final não soubesse qual era idade de Saul ou quanto tempo ele reinou, por isso deixou o texto sem essa informação até que conseguisse encontrar registros que suprissem essa lacuna.[2]

Uma terceira abordagem assume que o texto diz exatamente o que foi escrito para dizer, por mais estranho que possa parecer. Por exemplo, a expressão “filho de um ano”, que normalmente é traduzida como “um ano de idade”, pode significar “numa certa idade”.[3] A mais provável é a intepretação de John Woodhouse, que sugere que o texto significa que havia se passado um ano desde que Saul havia sido ungido rei quando os acontecimentos narrados no capítulo 13 tiveram lugar.* Do mesmo modo, embora seja certo que Saul reinou por mais

de dois anos – o Novo Testamento diz que foram 40 – o texto parece estar afirmando que a legitimidade de Saul como rei durou somente durante o período registrado nos capítulos 13–15, depois do qual ele foi rejeitado pelo Senhor, um período que teria durado dois anos.[4] Essa última solução é a melhor, pois dá um sentido viável ao que o texto bíblico realmente diz: “Um ano reinara Saul em Israel. No segundo ano de seu reinado sobre o povo [...]” [ARA].

A guerra de Saul contra os filisteus

Se essa for a introdução correta ao capítulo, ela é deprimente. Contudo, 1Samuel 13 prossegue com uma nota otimista, quando Saul faz a ofensiva contra as forças dos filisteus que mantinham fortalezas em território israelita:

> Escolheu para si três mil homens de Israel: estavam com Saul dois mil em Micmás e na região montanhosa de Betel, e mil estavam com Jônatas em Gibeá de Benjamim; e despediu o resto do povo, cada um para sua casa. Jônatas derrotou a guarnição dos filisteus que estava em Gibeá, o que os filisteus ouviram; pelo que Saul fez tocar a trombeta por toda a terra, dizendo: Ouçam isso os hebreus. Todo o Israel ouviu dizer: Saul derrotou a guarnição dos filisteus, e também Israel se fez odioso aos filisteus. Então, o povo foi convocado para junto de Saul, em Gilgal (1Sm 13.2-4).

Aqui Saul reage ao maior dos problemas que tinha de enfrentar: a dominação dos israelitas pelos filisteus. Para isso ele forma um exército permanente, que ele posiciona centralmente, sob seu próprio comando e do seu filho Jônatas. Micmás e Gibeá eram localizações centrais do lado ocidental do rio Jordão, a partir das quais Saul podia reagir a ataques vindos virtualmente de qualquer direção. Com essa organização, o rei enviou o restante do povo – a milícia dos cidadãos – de volta para casa para esperar a mobilização. Depois que esses preparativos foram feitos, Jônatas atacou uma guarnição dos filisteus (Geba é ou uma variante de Gibeá ou o nome de uma localização próxima, a noroeste)[5], iniciando o conflito que se seguiu.

A chave para entender esse capítulo é perceber que, intencionalmente ou não, Saul havia finalmente obedecido as instruções de Samuel, que lhe foram dadas no momento de sua unção, um ano antes. Depois de dar a Saul três confirmações sobrenaturais de sua unção, Samuel lhe ordenou:

Quando estes sinais te sucederem, faze o que a ocasião te pedir, porque Deus é contigo. Tu, porém, descerás adiante de mim a Gilgal, e eis que eu descerei a ti, para sacrificar holocausto e para apresentar ofertas pacíficas; sete dias esperarás, até que eu venha ter contigo e te declare o que hás de fazer (1Sm 10.7-8).

A ordem para fazer “o que a ocasião te pedir” era um modo de orientar Saul a atacar os filisteus, uma ordem que Saul não cumpriu na ocasião. Muita coisa havia acontecido nesse ínterim. Saul havia sido escolhido por sortes para ser o rei de Israel. Samuel, no seu discurso de despedida à nação, havia convocado o povo e o rei à cuidadosa obediência à palavra de Deus: “Tão somente, pois, temei ao SENHOR e servi-o fielmente de todo o vosso coração; [...] Se, porém, perseverardes em fazer o mal, perecereis, tanto vós como o vosso rei” (1Sm 12.24-25).

Talvez Saul tenha tido de pensar durante um ano sobre isso para tomar coragem, e talvez tenha sido a iniciativa de Jônatas que o tenha movido, mas Saul finalmente se comprometeu a fazer como o profeta havia orientado. Gibeá era a localização da guarnição dos filisteus que Samuel havia ordenado que Saul capturasse, e a vitória de Jônatas ali fez Saul começar a seguir o caminho apontado pelo profeta. Quando os filisteus foram provocados por essa quebra na trégua, Saul respondeu tocando uma trombeta por toda a terra, convocando uma mobilização nacional, dizendo: “Ouçam isso os hebreus. Todo o Israel ouviu dizer: Saul derrotou a guarnição dos filisteus, e também Israel se fez odioso aos filisteus. Então, o povo foi convocado para junto de Saul, em Gilgal” (1Sm 13.3-4).

Alguns comentaristas denigrem Saul pelo que consideram ser seu militarismo impulsivo. Gordon Keddie compara o ataque de Jônatas a Gibeá ao ataque japonês a Pearl Harbor, em decorrência do qual houve a incitação de um grande inimigo a uma guerra em grande escala. Keddie escreve: “Ao iniciar uma

agressão de guerra, Saul havia cometido seu primeiro grande erro e trazido o juízo de Deus sobre seu povo”.[6]

Porém, essa é uma interpretação incorreta. Em primeiro lugar, a guerra santa do Antigo Testamento não aceitava a ideia de uma trégua com nações pagãs que ocupassem a terra santa de Israel. Em segundo, Saul estava finalmente obedecendo as ordens da palavra de Deus. Nunca é errado os crentes começarem a praticar o que Deus ordenou – nessa questão, de fato é melhor tarde do que nunca – e Saul estava seguindo as palavras do profeta dadas no momento de sua unção para ser rei de Israel. Do mesmo modo, embora os crentes e as igrejas não devam sempre tomar uma atitude de militância política em relação à nossa sociedade e aos seus pecados predominantes, contudo devemos seguir a ousadia de Saul e Jônatas falando contra a idolatria, a imoralidade e a falsidade. Para a igreja, buscar a vitória cultural por meios mundanos envolveria um militarismo errado. Porém, silenciar nosso testemunho da palavra de Deus – por exemplo, recusando-nos a falar sobre assuntos controvertidos, como aborto e homossexualidade – seria trair o Senhor, acomodando-nos aos inimigos filisteus.

Como veremos, é verdade que a ação de Saul – ou talvez o bravo ataque de Jônatas – imediatamente colocou Israel em grandes apuros, do mesmo modo que obedecer ao Senhor às vezes nos coloca em dificuldades no curto prazo. Mas Saul estava seguindo o plano que Deus havia ordenado por meio do profeta, de modo que o resultado final do ataque que ele lançou em Gibeá seria a libertação de Israel dos seus inimigos opressores, pelo menos por algum tempo. Quando estivermos em dúvida, devemos simplesmente obedecer a palavra de Deus como ela se aplica à nossa situação. Foi isso que Saul fez e, embora tenha recebido o desprezo de observadores antigos e modernos, não podemos deixar de ver isso como o ponto alto de toda a sua vida e reinado.

O erro de Saul e a repreensão que recebeu

Os filisteus responderam ao ataque de Saul com força imediata, selvagem e esmagadora: “Reuniram-se os filisteus para pelejar contra Israel: trinta mil carros, e seis mil cavaleiros, e povo em multidão como a areia que está à beira-mar; e subiram e se acamparam em Micmás, ao oriente de Bete-Áven” (1Sm 13.5). Esse era um efetivo muito além daquilo com que Israel podia lidar. Mesmo se interpretarmos a palavra hebraica “mil” como significando

“regimento”, como provavelmente é justificável (de modo que os filisteus avançaram com 30 regimentos de carros), seu exército era muito maior que o dos israelitas. Como resultado, quando Saul tocou suas trombetas, mobilizando o povo, os israelitas fugiram da zona de guerra o mais rápido que puderam:

Vendo, pois, os homens de Israel que estavam em apuros (porque o povo estava apertado), esconderam-se pelas cavernas, e pelos buracos, e pelos penhascos, e pelos túmulos, e pelas cisternas. Também alguns dos hebreus passaram o Jordão para a terra de Gade e Gileade; e o povo que permaneceu com Saul, estando este ainda em Gilgal, se encheu de temor (13.6-7).

Enquanto isso, Saul havia ido a Gilgal, precisamente de acordo com as orientações de Samuel, para começar uma espera de sete dias até que o profeta chegasse. Isso deve ter sido uma provação extraordinária para a fé já vacilante de Saul. Ele havia decidido obedecer o Senhor, colocando à prova a fidelidade de Deus, e parecia que o resultado seria uma grande catástrofe. No entanto, as ordens de Samuel a Saul exigiam que esperasse por sete dias, o tempo designado por Samuel, durante o qual “o povo se foi espalhando dali”, e “não vindo, porém, Samuel a Gilgal” (1Sm 13.8).

Como devemos entender o propósito de Deus agindo por meio de Saul? No seu discurso de despedida, Samuel havia admoestado Saul e o povo: “temei ao SENHOR e servi-o fielmente de todo o vosso coração” (1Sm 12.24), lembrando as grandes coisas que Deus havia feito por eles. Saul estava tentando fazer exatamente isso, mas tudo estava dando errado e agora sua destruição parecia próxima. Isso significa que Deus nunca quis que Saul fosse bem-sucedido, de modo que o Senhor lhe deu uma prova que o levaria ao ponto de ruptura? Essa ideia representa incorretamente a integridade do Senhor e não observa os termos claros com que Deus havia oferecido sua bênção a Saul se ele obedecesse (12.14). A realidade é que Deus testa seu povo com provações severas, dando graça àqueles que confiam no seu poder. Moisés aprendeu a confiar no Senhor diante do mar Vermelho – que Deus abriu para salvar seu povo e destruir o exército egípcio. Do mesmo modo, Saul precisava confiar no Senhor em tempos difíceis se quisesse ver a salvação de Deus.

No entanto, o teste mostrou-se difícil demais para Saul. Podemos compreender seus sentimentos: o inimigo que ele havia provocado estava se aproximando, suas forças estavam se desfazendo e ele estava parado esperando Samuel chegar para oferecer sacrifício para que pudesse assegurar o favor de Deus. O que faríamos numa situação como essa? Não tentaríamos encarar as realidades práticas sem levar em conta as exigências aparentemente injustificáveis de obediência e fé? Poucos de nós podem olhar com desprezo para Saul quando ele decidiu tomar a situação em suas próprias mãos: “Então, disse Saul: Trazei-me aqui o holocausto e ofertas pacíficas. E ofereceu o holocausto” (1Sm 13.9).

É muito frequente o povo de Deus fracassar quando um pouco mais de obediência teria levado ao sucesso. No caso de Saul, ele cedeu e ofereceu o sacrifício quando Samuel finalmente estava se aproximando: “Mal acabara ele de oferecer o holocausto, eis que chega Samuel; Saul lhe saiu ao encontro, para o saudar” (1Sm 13.10). O profeta imediatamente abordou Saul: “Que fizeste?” (13.11). Isso nos lembra a voz do Senhor falando a Adão e Eva depois de seu pecado no jardim (Gn 3.9-13). Como Adão, com suas folhas de figueira, Saul tentou cobrir sua desobediência com um manto de religiosidade:

Respondeu Saul: Vendo que o povo se ia espalhando daqui, e que tu não vinhas nos dias aprazados, e que os filisteus já se tinham ajuntado em Micmás, eu disse comigo: Agora, descerão os filisteus contra mim a Gilgal, e ainda não obtive a benevolência do SENHOR; e, forçado pelas circunstâncias, ofereci holocaustos (1Sm 13.11-12).

Se ficamos surpresos com a ferocidade da repreensão que se seguiu, imagine como Saul deve ter se sentido. Samuel respondeu:

Procedeste nesciamente em não guardar o mandamento que o SENHOR, teu Deus, te ordenou; pois teria, agora, o SENHOR confirmado o teu reino sobre Israel para sempre. Já agora não subsistirá o teu reino. O SENHOR buscou para si um homem que lhe agrada e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o SENHOR te ordenou (1Sm 13.13-14).

Saul foi lembrado, como nós precisamos ser, de que Deus está interessado nos motivos do coração. O que Saul não conseguiu entender foi que caráter é o problema, e, a esse respeito, ele foi pesado e achado em falta.

De acordo com Samuel, se Saul tivesse obedecido a esse simples teste, seu reinado teria sido aceito pelo Senhor e estabelecido para sempre. Devemos interpretar essa afirmação como está, por mais improvável que seja seu cumprimento. Como Saul não obedeceu a palavra de Deus, seu reinado não podia continuar. Esse foi o início da rejeição de Saul por Deus, depois da qual Saul devia considerar seu reinado como ilegítimo. No mínimo, a repreensão de Samuel significa que Saul não teria uma dinastia perpétua, já que seu reinado não seria estabelecido para sempre.

Por que Deus rejeitaria Saul pelo que nos parece um erro tão sem importância? Alguns podem considerar as ações de Saul como uma "quase obediência" digna de apreciação. Ele "quase" obedeceu e isso não vale nada para Deus? Samuel reagiu a Saul de uma maneira que nos diz que Deus desejava mais do que uma obediência hesitante e pela metade, que o Senhor estava buscando "um homem que lhe agrada" (1Sm 13.14). Essa afirmação pode – e talvez deva – ser interpretada de dois modos. Por um lado, pode significar que Deus desejava um rei cujo coração fosse integralmente comprometido com ele em fé. A desobediência de Saul revelou um problema a respeito do seu coração, que não era totalmente dedicado a Deus. Foi por isso que ele pensou que uma "quase obediência" seria suficiente para o Senhor. A expressão "que lhe agrada" também pode significar que Deus deseja um rei de sua própria escolha. Saul era o rei "como todas as nações" (8.5), escolhido pelo povo incrédulo. Deus desejava um rei de sua própria escolha, um rei que expressasse verdadeira dedicação ao Senhor por meio de sua fé e obediência.

As lições do pecado de Saul

Qual foi, exatamente, o pecado de Saul? A resposta óbvia é que ele fez o sacrifício sem ter autoridade para isso. Somente um sacerdote devidamente ordenado poderia oferecer um holocausto que assegurasse o favor de Deus. Mas dadas as severas circunstâncias nacionais que Saul estava enfrentando, seria

possível que Deus estivesse mais preocupado com o ritual correto para o oferecimento de sacrifícios do que com a necessidade que Saul tinha de organizar os preparativos para a guerra? A resposta é “sim”. As ofertas sacrificiais dos sacerdotes eram mais importantes do que a busca da guerra pelo rei. O que fazemos em adoração revela nossas crenças sobre quem Deus é e o que ele quer, de modo que nossa obediência em adoração deve receber prioridade na nossa vida. Os sacrifícios que Saul profanou eram santos e tratavam de coisas santas, como a ira de Deus contra o pecado e sua obra expiatória em Cristo para nosso perdão. Objetivamente, para Deus era mais importante ser adorado corretamente do que Israel sobreviver à guerra.

Ao mesmo tempo, a obediência de Saul à ordem de Deus teria assegurado o apoio do Todo-Poderoso, que é mais do que capaz de defender seu povo contra todos os seus inimigos. Samuel não os havia advertido a, acima de tudo o mais, temer o Senhor (1Sm 12.24)? William Blaikie escreve: “Deus está disposto a defender e governar seu povo como no passado, se apenas o povo tiver a devida consideração por ele e pela sua aliança”. Essa percepção “deveria ter feito Saul ser duplamente cuidadoso em agir nessa crise, em cada aspecto, na mais rígida submissão à vontade de Deus”.[7]

Vários aspectos da repreensão de Samuel se aplicam a nós. Primeiro, observamos a insensatez que é violar a ordem do Senhor. O provérbio afirma: “Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento” (Pv 3.5). Saul transgrediu esse preceito ao fazer pessoalmente o sacrifício. Dadas as circunstâncias, pareceu-lhe melhor – até mesmo necessário – transgredir a ordem de Deus. Mas nunca é certo violar a ordem de Deus, que é soberano sobre todas as circunstâncias e salva seu povo que confia nele. Isso se aplica aos cristãos hoje em questões como criação de filhos, namoro, casamento e uso do tempo e do dinheiro. Enquanto nossa sociedade incentiva a independência dos filhos, a Bíblia ordena obediência aos pais. Enquanto o mundo aplaude a liberdade sexual no namoro, Deus requer pureza e domínio próprio. E assim acontece virtualmente em cada aspecto da vida. Quando ideias seculares entram em conflito com o ensino da palavra de Deus e especialmente com suas ordens claras, elas devem ser vistas como perigosas e insensatas. Como Samuel disse a Saul, isso também podia ser dito a nós quando nossa “sabedoria” nos leva a transgredir a palavra de Deus: “Procedeste nesciamente em não guardar o mandamento que o SENHOR, teu Deus, te ordenou” (1Sm 13.13).

Segundo, vemos que a obediência a Deus é obediência à palavra de Deus. A razão pela qual Saul era culpado de quebrar o mandamento de Deus é que ele transgrediu a palavra que Samuel lhe havia dado. Hoje, recebemos a palavra de Deus nas sagradas Escrituras. Algumas pessoas reclamam que reverenciar a Bíblia é fazer dela um ídolo. Mas a Bíblia é a palavra de Deus, e o modo como adoramos e obedecemos a Deus é obedecendo aos ensinos da Bíblia. Foi porque Saul tratou a palavra de Deus sem reverência que ele foi repreendido pelo Senhor.

Terceiro, Samuel lembra-nos que, se quisermos fazer a obra de Deus, devemos fazê-la de acordo com a palavra de Deus. Saul não estava seguindo uma agenda própria. Ele estava servindo a Israel contra seus inimigos. Então qual era o problema? O problema é que ele não serviu a Deus segundo a palavra de Deus, motivo pelo qual foi repreendido e rejeitado pelo Senhor. Cristãos e igrejas arriscam alcançar o mesmo resultado hoje quando adaptam a adoração da igreja e os planos para o crescimento da igreja a modelos mundanos derivados do entretenimento e dos negócios, em vez de aplicarem fielmente os tipos de ministério ensinados e exemplificados na Bíblia.

Quarto, podemos ser tentados a pensar que Samuel e, portanto, Deus, foi excessivo na sua repreensão a Saul. Mas esse exemplo nos mostra que o que consideramos casos de negligência sem importância geralmente é considerado por Deus como grandes indicadores de um coração que não é dedicado a ele. Deus vê o coração (1Sm 16.7) e é nas questões menos importantes da nossa vida que a verdadeira atitude do nosso coração geralmente é revelada.

Os apuros desesperados de Saul

Quando Saul se afasta de Samuel, a cena é de desespero. Tudo havia dado errado, até mesmo a tentativa terrena de Saul de honrar o Senhor. Tendo sua missão em Gilgal resultado em erro e repreensão, Saul voltou ao exército. Quando contou aqueles que haviam permanecido diante da enorme força dos filisteus, viu que eram apenas pouco mais de um único regimento, “cerca de seiscentos homens” (1Sm 13.15). Essa pequena força permaneceu no campo de sua vitória contra as forças filisteias em Gibeá, enquanto o exército inimigo se espalhou para ter controle total da população: “Os saqueadores saíram do campo dos filisteus em três tropas: uma delas tomou o caminho de Ofra à terra de Sual;

outra tomou o caminho de Bete-Horom; e a terceira, o caminho a cavaleiro do vale de Zeboim, na direção do deserto” (1Sm 13.17-18).

Entretanto, tendo assim estendido sua ocupação às cidades israelitas, os filisteus aumentaram o aperto:

[...] em toda a terra de Israel nem um ferreiro se achava, porque os filisteus tinham dito: Para que os hebreus não façam espada, nem lança. Pelo que todo o Israel tinha de descer aos filisteus para amolar a relha do seu arado, e a sua enxada, e o seu machado, e a sua foice. Os filisteus cobravam dos israelitas dois terços de um siclo para amolar os fios das relhas e das enxadas e um terço de um siclo para amolar machados e aguilhadas (1Sm 13.19-21).

Essas palavras descrevem um povo que havia sido deploravelmente reduzido à escravidão, tendo negadas as bases até mesmo para manter sua própria economia para que não representassem uma ameaça militar aos seus conquistadores. Podemos imaginar, nesse estado de humilhação, as miseráveis zombarias dirigidas a Saul pela sua lamentável tentativa de obedecer a ordem de Deus. Hoje, as pessoas diriam: “Isso é o que acontece quando você fica fanático pela Bíblia!” Em razão da fracassada tentativa de obediência por parte de Saul, a nação estava em condições piores que nunca e a honra de Deus estava ainda mais desgraçada. Quando o capítulo termina, Saul está acossado na fortaleza que havia conquistado, a nação está totalmente dominada mais uma vez e o povo está privado dos meios de resistência, sem espada nem lança (1Sm 13.22).

Saul não podia imaginar quanto estava perto de receber auxílio do Senhor, que atacaria os opressores para salvar seu povo. Saul pode ter falhado com o Senhor, mas ainda era o rei de Israel, mesmo ilegítimo, e Israel ainda era o povo do Senhor. Como o anjo diria a gerações posteriores de israelitas, “aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho” (Zc 2.8). E, como o apóstolo Paulo descobriu no seu próprio momento de necessidade, Deus diz: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9).

Um homem que agrada a Deus

A declaração pela qual 1Samuel 13 é famoso é o ensino de Samuel a respeito do desejo de Deus por um homem “que lhe agrada”. Samuel disse a Saul: “O SENHOR buscou para si um homem que lhe agrada e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o SENHOR te ordenou” (1Sm 13.14).

Essa declaração antecipa o chamado de Davi como rei, mas é primariamente uma afirmação geral do propósito de Deus. Deus está buscando “um homem que lhe agrada”. Isto é o que Deus está procurando neste mundo: obediência à sua vontade. Um verdadeiro rei e líder recebe a aprovação de Deus por meio de submissão e serviço fiéis.

Isso nos mostra a importância do teste a que Saul foi submetido. Deus estava lhe dando uma oportunidade de ser essa pessoa: sob a angústia que teve de suportar, sua confiança em Deus seria testada e revelada. Se Saul se apegasse à palavra de Deus, mesmo com seus seguidores espalhados e os filisteus avançando com grande força, essa perseverança mostraria que seu coração estava totalmente entregue ao Senhor. Como aconteceu, o teste de Saul revelou o oposto, a saber, que ele se mostrou inadequado para reinar sobre o povo de Deus.

O teste de Saul não foi o primeiro desse tipo aplicado por Deus, nem será o último. O primeiro é registrado no início da Bíblia, quando Adão sofreu uma provação semelhante em nome de toda a nossa raça:

Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás (Gn 2.15-17).

Como Saul, se Adão tivesse cumprido a aliança sob a coerção da tentação de Satanás, o princípio do que Deus disse a Saul também seria verdadeiro para Adão: “Teria, agora, o SENHOR confirmado o teu reino sobre Israel para sempre” (1Sm 13.13). Porém, Adão não passou no teste, colocando nossa raça sob a maldição do pecado, deixando Deus ainda buscando um homem que lhe agradasse.

Continuando em 1Samuel, veremos que Davi corresponde à busca de Deus, pelo menos interinamente, quando é entronizado como rei segundo o coração de Deus. Quando acontece a provação de Davi diante do gigante Golias (1Sm 17) ou com Saul na caverna de Adulão (1Sm 24.6), Davi obedece a palavra de Deus sob a maior pressão. Nisso, Davi, um pecador salvo pela graça, é um tipo do seu mais brilhante descendente, Jesus Cristo, que recebe o trono do reino eterno de Deus por causa da sua obediência perfeita no cumprimento da lei de Deus. Deus, assim, prometeu estabelecer a casa de Davi como reino eterno não por meio do pecaminoso Davi, mas por meio do Filho que Deus daria: “Farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino” (2Sm 7.12-13). Esse Filho e Rei eterno viria mais tarde, em cumprimento à profecia de Deus, à cidade natal de Davi, Belém: “De ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Mq 5.2).

O Novo Testamento revela esse Filho prometido, o homem verdadeira e plenamente segundo o coração de Deus, Jesus, nosso Salvador. Como o rei Saul, Jesus começou seu ministério com uma provação severa: sua tentação no deserto. O coração do Pai deve ter ficado muito alegre quando seu Filho o honrou sob as tentações de Satanás, passando em todos os testes pela obediência à palavra de Deus: “Está escrito: Não só de pão viverá o homem” (Lc 4.4, citando Dt 8.3); “Está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto” (Lc 4.8, citando Dt 6.13); “Dito está: Não tentarás o Senhor, teu Deus” (Lc 4.12, citando Dt 6.16).

O sucesso de Jesus como homem segundo o coração de Deus significa que temos um rei que reina seguro de um trono eterno. Hebreus 1.8-9 alegra-se: “Mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros” (citando o Sl 45.6-7). Além disso, pela justiça de Jesus, temos um Mediador que reconcilia os filhos caídos de Adão por meio de sua própria obediência. Paulo explica: “[...] como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida” (Rm 5.18-19). Isso diz que Jesus é o “homem segundo o coração de Deus” em nosso lugar. Os teólogos se referem à “obediência ativa” de Cristo em cumprir perfeitamente a lei de Deus em nosso lugar. Lançando -nos a Jesus em fé, temos o consolo de

saber que, embora nosso pecado nos deixe eternamente alienados de Deus e sujeitos à sua ira, a obediência ativa de Cristo em vida e seu sacrifício expiatório na morte nos reconciliam com nosso Deus amoroso.

A obediência de Jesus, portanto, estabelece o padrão para sua obra na nossa vida. Ele nos molda à sua própria semelhança, de modo que possamos ser homens e mulheres segundo o coração de Deus nele, pela obediência à palavra de Deus e pelo poder do Espírito Santo, que Jesus envia. “Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Hb 8.10, citando Jr 31.33). A obra de Deus nos seguidores do seu Filho real é fazer de nós homens e mulheres que lhe agradem. Quando confiamos em Deus, não temos nada a temer dos filisteus deste mundo, sabendo que, como seu Filho, em quem Deus tem prazer, somos a menina dos seus olhos e ele não deixará que nada nos toque à parte de sua boa vontade para nossa salvação.

1 Para essa visão, veja P. Kyle McCarter Jr., 1Samuel, Anchor Bible, v. 8 (Nova York: Doubleday, 1980), 222. McCarter vê isso como um exemplo de “supressão por parte do escriba de um texto obviamente corrupto”.

2 Um exemplo dessa interpretação é encontrado em Bill T. Arnold, 1 & 2 Samuel, NIV application commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2003), 497.

3 Para essa visão, veja David Toshio Tsumura, The First Book of Samuel, New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 330-33.

4 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 227-29.

5 Para uma discussão da primeira possibilidade, veja McCarter, 1 Samuel, 225. Para a segunda interpretação, veja John Bright, A history of Israel, 3a ed. (Filadélfia: Westminster, 1981), 188-89. [“Geba” é como aparece na versão da Bíblia que o autor está usando (ESV) quando se refere à cidade em que estava a guarnição dos filisteus que Jônatas derrotou; a ARA traz “Gibeá” – N.R.]

* Esta é a tradução da ARA: “Um ano reinara Saul em Israel. No segundo ano do seu reinado [...]”. (N.R.)

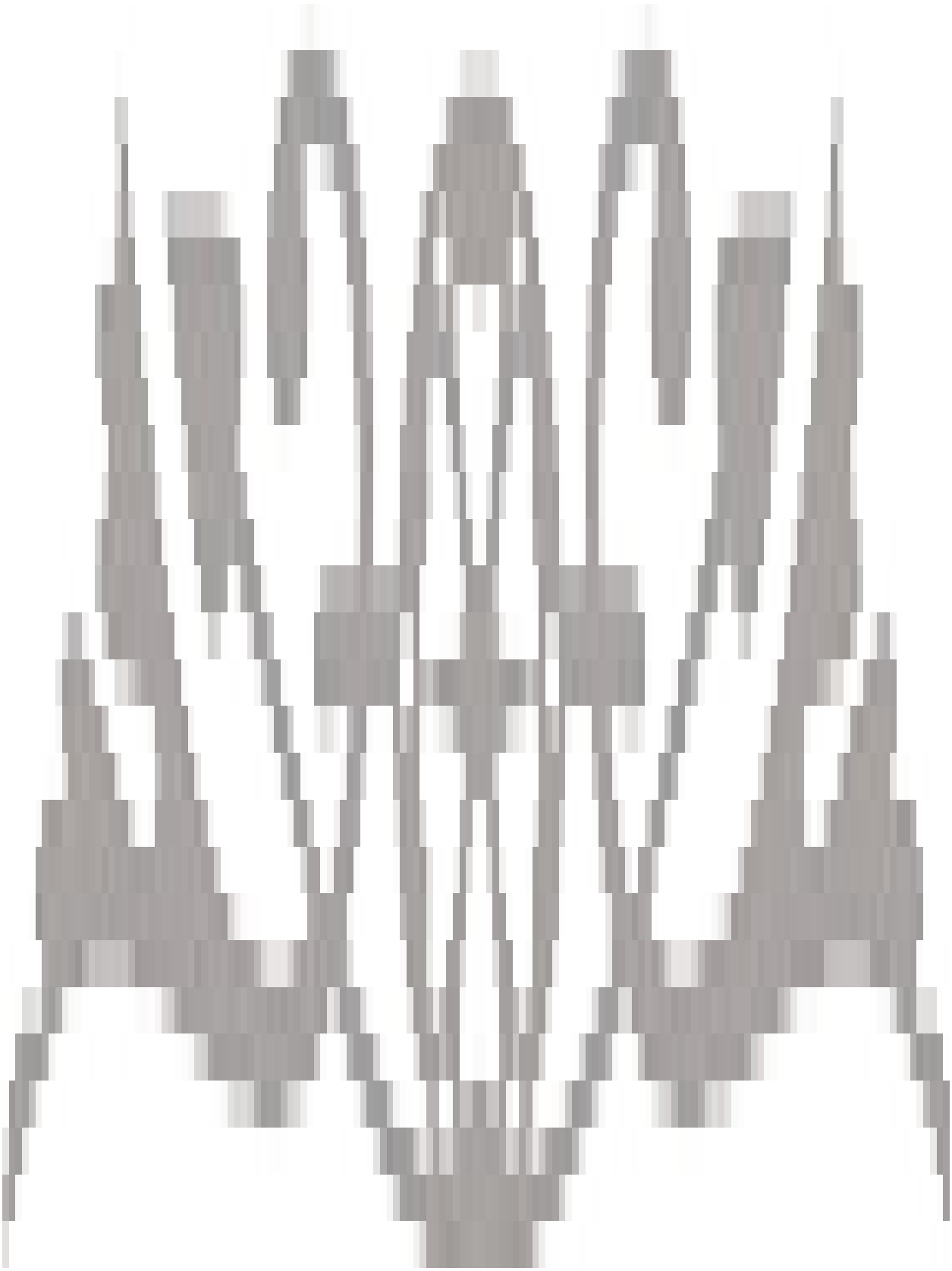
6 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 122.

7 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 210 (ênfase no original).

18

COM MUITOS OU COM POUCOS

1Samuel 14.1-23



Disse, pois, Jônatas ao seu escudeiro: Vem, passemos à guarnição destes incircuncisos; porventura, o SENHOR nos ajudará nisto, porque para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos. (1Sm 14.6)

A passagem de 1Samuel 14 nos apresenta um dos mais belos personagens de toda a Escritura, Jônatas, o filho do rei Saul. Jônatas não é uma das figuras primárias em 1Samuel, mas tem um papel importante em tantas situações diferentes que devemos conhecê-lo melhor. Em nenhum dos relatos Jônatas revela o menor defeito. Ele sempre age de acordo com uma fé robusta e uma forte dedicação ao Senhor e aos seus servos. Sabemos que Jônatas foi um pecador, mas na sua descrição bíblica vemos um modelo brilhante de virilidade cristã, amizade fiel e serviço dedicado à causa do Senhor.

Fé contrastada

O escritor de Samuel geralmente defende seus argumentos pelo uso de contrastes e comparações. Com frequência ele coloca duas figuras lado a lado, fornecendo detalhes paralelos que deixam claros os temas de fé e incredulidade, virtude e pecado. Nesse capítulo, as duas figuras contrastantes são o rei Saul e Jônatas.

Primeiro, o rei Saul “se encontrava na extremidade de Gibeá, debaixo da romeira em Migrom; e o povo que estava com ele eram cerca de seiscentos homens. Aías, filho de Aitube, irmão de Icabô, filho de Fineias, filho de Eli, sacerdote do SENHOR em Siló, trazia a estola sacerdotal” (1Sm 14.2-3). Essa descrição é uma imagem oficial de mal-estar espiritual. Tendo tentado conduzir o povo em nome de Deus, de modo algum Saul foi bem-sucedido nisso. Seu primeiro ataque contra os filisteus havia provocado retaliação massiva por parte deles, e o fato de ele não ter obedecido a palavra de Deus havia levado o Senhor a rejeitá-lo (13.13-14). Seu presente cenário reflete essas duas tristes realidades. Em dificuldades com um inimigo muito superior em número e armamento, Saul está isolado nas cercanias da sua capital com apenas 600 soldados que, de acordo com 1Samuel 13.22, não tinham sequer o armamento básico de espadas e lanças.

Consequentemente, Saul não toma nenhuma iniciativa militar. A capacidade de Jônatas de sair do acampamento sem ser observado sugere que os seguidores de Saul estavam tão desanimados que não conseguiam sequer posicionar sentinelas adequadamente.

No plano espiritual, a situação de Saul era ainda pior. Saul havia estabelecido sua corte, seguindo a tradição de tomar seu assento atrás ou do lado de uma árvore notável. Com ele está o capelão real, um descendente da linhagem sacerdotal que usava a estola sacerdotal, o avental sagrado com o Urim e Tumim para buscar a vontade do Senhor. Até esse ponto, tudo bem – até vermos a identidade desse sacerdote: Aías, neto do ímpio Fineias, da rejeitada e amaldiçoada casa de Eli, sobrinho do "foi-se a glória de Israel", Icabô. Esses detalhes não estão inseridos no texto por acaso. Em vez disso, mostram a situação de Saul. David Jobling escreve: "Sua própria glória real tendo partido, onde mais esperaríamos que Saul estivesse senão com um parente do 'foi-se a glória'?"[1] Tendo substituído o conselho dinâmico de Samuel pelo degradante conselho da casa de Eli, Saul perdeu o rumo e é capaz de fazer pouco mais do que agarrar-se a fragmentos da sua credibilidade perdida.

Em contraste com Saul está seu filho, Jônatas. Jônatas não se cercou de cortesãos reais, mas seguiu apenas na companhia do seu escudeiro. Jônatas é o único homem, além de Saul, que, no exército de Israel, possui seu próprio equipamento de batalha, e ele emprega sua espada não para guardá-la em segurança, mas para manejá-la em fé ousada. Enquanto Saul está sentado, Jônatas age. Enquanto a piedosa inatividade de Saul não inspira auxílio do Senhor, a iniciativa de fé de Jônatas recebe poderosa ajuda de Deus. "Enquanto Saul, o comandante, publicamente desonrava o Senhor por meio de sua desobediência inspiradora de medo, Jônatas, o guerreiro, honrava o Senhor por meio de sua fé destemida."[2]

Fé ousada

A ação mais famosa de Jônatas, que resultou na libertação do seu povo, começou com o simples desejo do príncipe de fazer algo pelo Senhor e pelo seu povo. "Um dia, disse Jônatas, filho de Saul, ao seu jovem escudeiro: Vem, passemos à guarnição dos filisteus, que está do outro lado" (1Sm 14.1). Jônatas não tinha um plano definido. Em vez disso, cansado da inatividade, simplesmente saiu para

procurar uma oportunidade para ação.

Os exércitos inimigos estavam do outro lado do vale, vários quilômetros ao norte de Jerusalém, num lugar onde a subida pelos dois lados era particularmente desanimadora. Provavelmente foi por causa dessa dificuldade do terreno que Saul fez sua força retirar-se para esse ponto e também foi por isso que os filisteus se contentaram em cercar, em vez de atacar os israelitas. Isto foi o que Jônatas observou quando saiu: “Deste lado havia uma penha íngreme, e do outro, outra; uma se chamava Bozez; a outra, Sené. Uma delas se erguia ao norte, defronte de Micmás; a outra, ao sul, defronte de Geba” (1Sm 14.4-5). Os nomes dessas penhas, grosso modo equivalentes a Escorregadia (Bozez) e Espinhosa (Sené), descrevem sua inacessibilidade. Entre essas duas penhas corre o estreito e profundo Uádi Suwneit em direção ao rio Jordão. Em resumo, qualquer avaliação militar das abordagens a qualquer acampamento indicaria que eles eram inacessíveis.[3]

É óbvio que todos, nos dois lados, viam essa situação como excluindo qualquer possibilidade de ação eficaz contra o outro. No entanto, Jônatas pensou de modo diferente. Ele era do tipo ousado, que imagina possibilidades onde outros só veem barreiras. Assim, disse Jônatas ao jovem que carregava sua armadura: “Vem, passemos à guarnição destes incircuncisos; porventura, o SENHOR nos ajudará nisto, porque para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos” (1Sm 14.6).

Por trás das ações ousadas de Jônatas estava a simples convicção de sua fé: “para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos”. Em outras palavras, Jônatas percebeu que a salvação não é uma questão de fatores humanos, mas de graça e poder divinos. Se aprouvesse ao Senhor usar Jônatas para dar a vitória a Israel, realmente não importava quais forças estavam preparadas contra ele ou a dificuldade do terreno. Sua fé não se apoiava em circunstâncias favoráveis, mas esperava em Deus e no seu poder.

De onde Jônatas havia obtido essa ousada perspectiva de Deus? A resposta: provavelmente dos registros das tratativas de Deus com seu povo ao longo dos anos. Todo o registro do período dos juízes, a história recente de Israel, mostrava que, quando o Senhor queria libertar Israel, ele podia muito bem fazer isso com alguns bons homens ou até mesmo com um único crente ousado. Eúde havia ido sozinho à fortaleza de Eglom de Moabe e matado o opressor do seu povo (Jz 3.16-30). Depois surgiu Sangar, “que feriu seiscentos homens dos filisteus com

uma aguilhada de bois; e também ele libertou a Israel” (Jz 3.31).

Talvez a realização mais famosa tivesse sido a libertação de Israel das mãos dos midianitas por meio de Gideão. A situação de Israel sob os midianitas havia sido semelhante à sua atual situação sob os filisteus: “Prevalecendo o domínio dos midianitas sobre Israel, fizeram estes para si, por causa dos midianitas, as covas que estão nos montes, e as cavernas, e as fortificações”, pois os saqueadores midianitas desciam para roubar as colheitas e os animais dos israelitas (Jz 6.2-5). A presente fortificação de Saul pode ter sido construída nessa época. O próprio Gideão estava escondido num lagar quando um anjo o chamou para livrar Israel. Então, depois do primeiro ataque de Gideão contra um altar de Baal, 32.000 israelitas se reuniram ao seu chamado. Mas o Senhor considerou que isso era de mais para os seus propósitos, de modo que 22.000 homens foram dispensados. Eles ainda eram de mais, então o Senhor os mandou descer às águas para testá-los: todos os que bebessem a água das suas mãos ficariam; os que se ajoelhassem para beber diretamente da corrente iriam para casa (7.5-6). Isso reduziu o número a apenas 300 fortes israelitas, e, com eles, o Senhor arruinou totalmente o imenso exército midianita.

Há tantos paralelos nesse capítulo com a vitória de Gideão sobre os midianitas que Jônatas talvez esteja se referindo a esse episódio, concluindo desse e de outros exemplos que “para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos” (1Sm 14.6).

Essa comparação sugere que um meio de fortalecer a nossa fé é examinar como nossa situação reflete a de outras pessoas na Bíblia e lembrar como Deus libertou seu povo no passado. Moisés e os israelitas tinham as costas voltadas para o mar Vermelho, com o exército de Faraó vindo contra eles, e o Senhor abriu as ondas para seu povo passar e as fechou sobre seus inimigos que os perseguiam. Do mesmo modo, Deus sempre proverá um modo não previsto de escape para seu povo sitiado hoje. O exército de Senaqueribe cercou Jerusalém, mas, quando Ezequias colocou diante do Senhor em oração os escárnios que eles faziam, o anjo do Senhor feriu 185.000 soldados do exército assírio (Is 37.36). Do mesmo modo, hoje, “muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16). Antes ainda, quando José se recusou a ofender o Senhor pecando com a esposa do seu senhor, motivo pelo qual foi lançado na masmorra de Faraó sob falsa acusação, Deus não apenas providenciou sua libertação, mas usou essa terrível provação para elevar José a um lugar de alta influência na nação. Assim também devemos confiar que Deus usará nossas aflições para revelar sua graça e

poder. Esses e muitos outros exemplos bíblicos têm paralelos nas questões do povo de Deus hoje, grandes e pequenas, e devem alimentar uma fé ousada.

Lembrando-se dos exemplos dos juízes e concentrando sua fé no poder soberano de Deus, Jônatas resolveu tornar-se disponível para ser usado pelo Senhor. Sem dúvida, ele estava consciente da desmoralização do exército israelita, e partiu para ver se o Senhor o usaria para mudar a situação. Esse é o tipo de iniciativa ousada que é tão necessária na igreja. Jônatas combinou iniciativa pessoal com esperança confiante na bênção do Senhor quando procurou defender a causa do Senhor e do seu povo.

Hoje, é fácil demais, e comum demais, as igrejas não fazerem nada diante das grandes necessidades, esperando por mais pessoas para trabalhar, mais recursos financeiros, mais membros e aprovação denominacional. Como Saul debaixo da romeira, esses cristãos sempre acham seus desafios assustadores demais para agir. Melhor é os cristãos agirem ousadamente, reconhecendo a possibilidade – e até a certeza – de fracasso se o Senhor não ajudar, mas sabendo que Deus geralmente se agrada de iniciativas ousadas tomadas pela fé.

William Carey encaminhou uma geração de missionários com sua mensagem: “Tentem grandes coisas para Deus; esperem grandes coisas de Deus”. O próprio Carey superou grandes dificuldades e desencorajamento oficial para realizar sua primeira missão bem-sucedida na Índia. Do mesmo modo, William Wilberforce derrotou as fortes e endinheiradas forças políticas da Inglaterra para interromper o tráfico de escravos. George Müller viu a situação dos órfãos na Inglaterra do século 19 – um problema esmagador – e, pelo poder da oração, foi bem-sucedido em criar e educar cerca de 23.000 órfãos num ambiente cristão. Hoje, é por causa de crentes como Jônatas, que se atrevem a confiar em Deus, que cristãos estão respondendo à crise da AIDS e dos órfãos na África, a taxas epidêmicas e indesejáveis de gravidez na América e pregando o evangelho da graça de Deus em terras muçulmanas ao risco da própria vida.

Jônatas nos lembra que os cristãos não têm de ter as respostas para suas orações antes de agir ousadamente em fé. Tudo de que verdadeiramente precisamos é de uma fé que crê que nosso Deus é capaz de triunfar com muitos ou com poucos. É por essa fé que os cristãos têm ousado fazer grandes coisas para Deus e abalado as nações. Todos os cristãos devem se atrever a viver ousadamente para Deus, em todos os tempos permanecendo firmes pela verdade e dando testemunho de Cristo e do seu evangelho de salvação. William Blaikie escreve que “o

verdadeiro segredo de todo sucesso espiritual está na nossa busca de sermos instrumentos nas mãos de Deus e em nos entregarmos a ele para fazer em nós e por nós o que for bom aos seus olhos”.[4]

Fé triunfante

É importante percebermos que Jônatas não estava reivindicando para si um lugar especial no plano de salvação de Deus. Ele não tomou o manto de Gideão e o colocou sobre os ombros. Em vez disso, ele simplesmente disse: “Porventura, o SENHOR nos ajudará nisto” (1Sm 14.6). Jônatas estava oferecendo-se ao Senhor, não exigindo algo do Senhor. Essa fé geralmente atrai seguidores dignos, e seu escudeiro estava ansioso para acompanhá-lo. “Faze tudo segundo inclinar o teu coração; eis-me aqui contigo, a tua disposição será a minha” (14.7).

Quando os dois homens se aproximaram do lado filisteu do uádi,* Jônatas apresentou uma resolução:

Eis que passaremos àqueles homens e nos daremos a conhecer a eles. Se nos disserem assim: Parai até que cheguemos a vós outros; então, ficaremos onde estamos e não subiremos a eles. Porém se disserem: Subi a nós; então, subiremos, pois o SENHOR no-los entregou nas mãos. Isto nos servirá de sinal (1Sm 14.8-10).

Isso indica que Jônatas recebeu alguma revelação de Deus, seja por antecipação ou quando estava se aproximando dos filisteus? Nada no texto sugere isso, embora lembrando-se da lã de Gideão (Jz 6.34-40) Jônatas possa ter pedido ao Senhor um sinal de que ele o ajudaria. Além disso, é provável que Jônatas tenha combinado seu pedido com alguma artimanha militar. Se os filisteus permitissem que ele fosse até eles no caminho estreito e difícil, então ele poderia ter a oportunidade de lidar com eles um a um num lugar em que a superioridade numérica teria pouca influência. Oliver Cromwell é famoso por comandar suas tropas: “Confiem no Senhor e mantenham a pólvora seca”. Do mesmo modo, Jônatas estava buscando o auxílio do Senhor, mas previu que esse auxílio

chegaria de modo que lhe daria uma vantagem prática sobre seus inimigos. Uma analogia para nós hoje poderia ser pedirmos em oração uma abertura para nosso ministério ou testemunho, estando ansiosos para ver a mão de Deus no nosso sucesso e prontos para aproveitar as oportunidades que Deus dá. O sinal de Jônatas correspondia a uma oração para que o Senhor lhe desse vantagem militar e, esperando o auxílio de Deus, ele estava disposto a agir com ousadia quando esse auxílio viesse.

De acordo com esse plano, Jônatas e seu escudeiro deram-se "a conhecer à guarnição dos filisteus" (1Sm 14.11). Vendo esses dois únicos soldados israelitas, os altivos filisteus zombaram deles: "Eis que já os hebreus estão saindo dos buracos em que se tinham escondido" (1Sm 14.11). Era exatamente essa vergonha que Jônatas esperava corrigir com seu ousado ataque. De fato, "os homens da guarnição responderam a Jônatas e ao seu escudeiro e disseram: Subi a nós, e nós vos daremos uma lição" (14.12). Por que os filisteus não zombariam e escarneceriam dos israelitas, que haviam demonstrado apenas covardia? Mas Jônatas estava entusiasmado – Deus havia lhe dado um sinal. Ao seu companheiro, ele gritou: "Sobe atrás de mim, porque o SENHOR os entregou nas mãos de Israel" (14.12).

Imagine Jônatas nesse momento, quando ele começa seu ataque de dois homens contra a guarnição dos filisteus. Tendo se apresentado aos sentinelas, ele então desaparece da vista deles quando começa a subir "de gatinhas" (1Sm 14.13) pelo paredão. Entretanto, os filisteus haviam voltado aos seus afazeres, não se preocupando com a ameaça de dois homens por esse caminho improvável. Mas então Jônatas escala até o topo da rocha chamada Escorregadia e, antes que os filisteus soubessem o que os atingiu, Jônatas já os havia atacado com sua espada. Um a um, o herói israelita derruba seus inimigos, com seu escudeiro vindo atrás para terminar o trabalho. Em pouco tempo, havia "20 homens que nunca ensinariam outra lição a um hebreu".[5]

A fé que ousa sempre triunfa. O ataque repentino de Jônatas pode ser explicado por fatores puramente humanos: um soldado bem treinado e bem armado avança por um caminho difícil, salta sobre seus inimigos e obtém uma vantagem imediata. Jônatas, é claro, não tinha nada disso em vista. Sua perspectiva teológica foi imediatamente reforçada por mais auxílio dramático do Senhor: "Houve grande espanto no arraial, no campo e em todo o povo; também a mesma guarnição e os saqueadores tremeram, até a terra se estremeceu; e tudo passou a ser um terror de Deus" (1Sm 14.15). Observe que o ataque de Jônatas

produziu um pânico geral entre os filisteus. Observe, também, que Deus acrescentou os efeitos dramáticos de um terremoto para levar os filisteus a um "grande espanto". A história militar tem muitos ataques pelo flanco que quebraram exércitos, mas nenhum deles foi lançado por um só homem e seu escudeiro. Isso foi Deus agindo com Jônatas como havia agido com Gideão anteriormente, perturbando a mente dos inimigos de Israel e dispersando-os em pânico.

Fé que reanima

A fé de Jônatas lhe deu ousadia. Essa fé produziu um importante triunfo para o povo de Deus. Além disso, a fé de Jônatas teve o efeito de reanimar os corações abatidos de todo o Israel, de modo que a nação foi inspirada à ação. A fé ousa, a fé geralmente triunfa e a fé reanima o povo de Deus.

Com isso em mente, a cena volta ao acampamento de Saul: "Olharam as sentinelas de Saul, em Gibeá de Benjamim, e eis que a multidão se dissolvia, correndo uns para cá, outros para lá" (1Sm 14.16). Essas sentinelas não haviam sido suficientemente vigilantes para notar a saída de Jônatas, mas o pânico em massa dos filisteus foi óbvio demais para que não percebessem. Saul reagiu querendo saber quem era o responsável: "Contai e vede quem é que saiu dentre nós" (14.17). A inspeção revelou que Jônatas e seu escudeiro haviam saído.

Nesse ponto vemos outro contraste entre Saul e seu filho. Saul, sem dúvida, lembrava-se do problema que havia criado anteriormente quando não seguiu os procedimentos adequados para lidar com o Senhor. Ele também sabia que Israel não devia sair para a batalha sem confirmação divina por meio do sumo sacerdote (Dt 20.4-5). Por isso "Saul disse a Aías: Traze aqui a arca de Deus" (1Sm 14.18). Podemos imaginar Saul andando de um lado para o outro, olhando primeiro para o sacerdote e depois através do vale, onde Jônatas estava expulsando os filisteus. Finalmente, "enquanto Saul falava ao sacerdote, o alvoroço que havia no arraial dos filisteus crescia mais e mais, pelo que disse Saul ao sacerdote: Desiste de trazer a arca" (14.19), o que significa que o sacerdote podia cessar sua atividade. Deus não estava falando com Saul, e os rituais sacerdotais estavam demorando demais. Pelos padrões bíblicos, essa interrupção nos procedimentos divinamente ordenados deu mais uma prova da incompetência espiritual de Saul. Gordon Keddie põe o dedo na ferida: "Saul

nos dá a impressão de que sabia que devia ser ‘religioso’ e observar certas convenções nos momentos apropriados, mas realmente não tinha convicções pessoais profundas. Ele usava a religião, em vez de ter uma vida de fé pessoal no Senhor”.[6] Há um contraste muito grande entre a religião de Saul e a fé ousada de Jônatas.

Porém, nem mesmo a incompetência real de Saul foi suficiente para impedir a grande vitória dos israelitas naquele dia. A confiança de Saul foi reanimada pela fé de Jônatas, de modo que o rei avançou com todas as suas forças (1Sm 14.20). Entre os filisteus havia vários judeus que anteriormente haviam se unido ao inimigo, mas que agora se uniram a Jônatas. Do mesmo modo, quando “todos os homens de Israel que se esconderam pela região montanhosa de Efraim, [ouvindo] que os filisteus fugiram, eles também os perseguiram de perto na peleja” (14.21-22). A fé havia dado uma grande vitória a Jônatas. Ele não apenas havia vencido os filisteus, mas havia trazido os israelitas de volta para a causa do Senhor. É muito frequente que a fé de apenas um homem ou mulher reacenda a fé de outras pessoas. De fato, nunca deve haver na igreja escassez de exemplos ousados como o de Jônatas, de fé audaciosa que leva o povo de Deus a agir ousadamente, confiando no poder do Senhor.

E o que foi mais importante, a fé de Jônatas havia trazido o auxílio do Senhor. Aqui vemos outro paralelo entre Jônatas e Gideão. Quando o pequeno exército de Gideão circundou o exército midianita, brandindo suas tochas e gritando ao seu comando, os midianitas fugiram em pânico e até atacaram uns aos outros na confusão. Do mesmo modo, o ataque de Jônatas, capacitado por Deus, produziu uma confusão autodestrutiva entre os filisteus: “A espada de um era contra o outro, e houve mui grande tumulto” (1Sm 14.20). A situação começou com o fato desanimador de que somente Saul e Jônatas tinham espadas. Porém, enquanto Saul mantinha sua espada embainhada, Jônatas oferecia sua espada em fé ao Senhor. O Senhor, em resposta, trouxe para a batalha todas as espadas de que Israel precisava, até mesmo aquelas que seriam manejadas pelos filisteus contra si mesmos. Verdadeiramente, a fé de Jônatas foi recompensada quando ele disse: “Para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos” (14.6).

Um homem com Deus

A passagem conclui com um pós-escrito apropriado: “Assim, livrou o SENHOR a Israel naquele dia” (1Sm 14.23), expulsando o inimigo. Embora o louvor corretamente caiba somente a Deus – pois quem é o autor da fé de Jônatas, senão o Senhor, que respondeu a sua oração e que usou seu ataque, de outro modo suicida, para expulsar todo um exército? – somos conclamados a refletir sobre a fé do jovem Jônatas. Cremos, como ele cria, que as circunstâncias não determinam os resultados quando Deus está envolvido? Cremos na possibilidade de Deus agir nas nossas circunstâncias, abrindo portas para o evangelismo, provendo recursos para o ministério, oferecendo seu poder para criar sucesso onde de outro modo só haveria fracasso? Se cremos nessas coisas, não ficamos sentados em desânimo indolente quando forças hostis ao cristianismo varrem nossa geração. Não participaremos da inação de Saul nem da sua religião pragmática e sem princípios. Em vez disso, se formos inspirados pela fé de Jônatas, faremos como ele, oferecendo-nos ao serviço do Senhor, entrando em ação, orando ao Senhor para dar abertura e força e aproveitando as oportunidades que o Senhor proporciona, confiando em sua graça para dinamizar nossos esforços.

Um homem que se posicionou firmemente ao lado do Senhor na sua geração foi John Knox. Um dos primeiros a aceitar o evangelho da Reforma na Escócia, Knox uniu forças ao grupo perseguido de pregadores do evangelho, escapando por pouco com vida. Exilado em Genebra, foi fortalecido na fé pelo ministério de João Calvino, vendo em primeira mão o poder de Deus transformar toda uma sociedade. Voltando à sua terra natal, ousadamente promoveu a causa da Reforma, anunciando a mensagem do evangelho e opondo-se agressivamente às perversões religiosas que predominavam no país. Sob sua liderança, a Escócia emergiu das trevas do catolicismo romano medieval.

Como John Knox conseguiu fazer tantas coisas? Sua própria resposta foi dada em palavras memoráveis, que lembram o antigo exemplo do fiel Jônatas. Knox declarou que “um homem com Deus está sempre em maioria”. Assim foi com Jônatas: um homem, acompanhado por apenas um companheiro, mas auxiliado pelo Deus Todo-poderoso, expulsou um grande exército posicionado contra seu povo.

O que Deus fará hoje por meio de homens e mulheres que ficam firmes no poder de Deus pela causa do evangelho da verdade e da graça em nossos tempos? Nunca saberemos, a menos que, como Jônatas, avancemos em direção ao mundo, oferecendo-nos a Deus, crendo que ele pode salvar com poucos e com

muitos, dizendo: “Porventura, o SENHOR nos ajudará” (1Sm 14.6), como tantas vezes agiu antes em favor do seu povo. O exemplo de Jônatas nos desafia a sermos ousados em nosso compromisso com missões mundiais, estabelecimento de igrejas e outras obras para o progresso do evangelho. Ele fala à nossa ousadia em dar testemunho do evangelho, como igreja e como pessoas cristãs. Ele fala ousadamente para nos mantermos firmes contra os poderes do pecado e o avanço das trevas espirituais na nossa época. Não fiquemos sentados debaixo de uma árvore, desesperançados por causa do mal. Mas avancemos em fé, sabendo que, com Deus, certamente seremos maioria, pois, se for da sua graciosa vontade, “para o SENHOR nenhum impedimento há em salvar com muitos ou com poucos” (14.6).

1 Citado em Bill T. Arnold, 1 & 2 Samuel, NIV application commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2003), 209.

2 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 155.

3 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 112.

4 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 228.

* Curso d'água temporário (N. do E.).

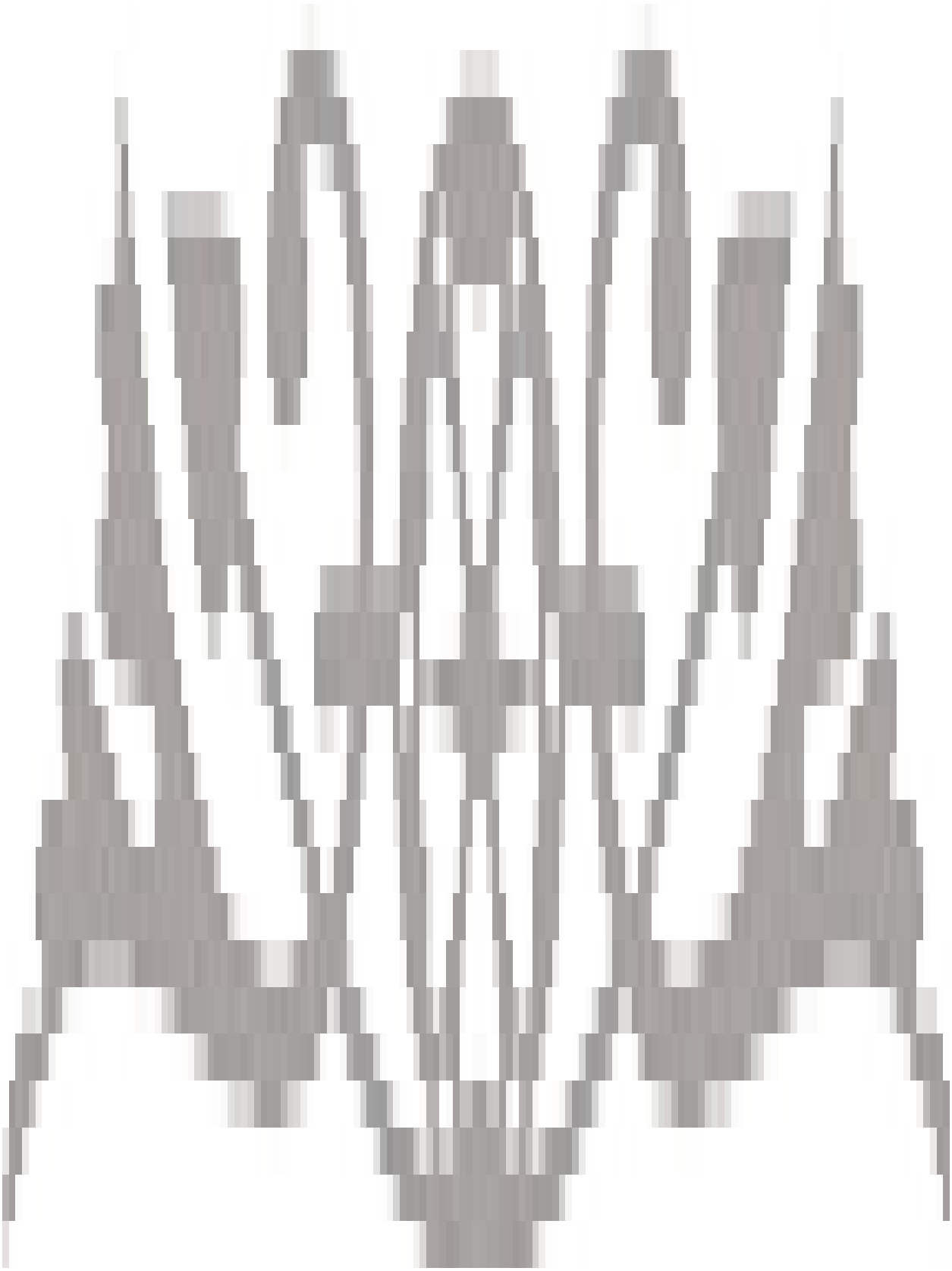
5 Davis, 1 Samuel, 114.

6 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 133.

19

A INSENSATEZ DE SAUL

1Samuel 14.24-46



Saul conjurara o povo, dizendo: Maldito o homem que comer pão antes de anoitecer, para que me vingue dos meus inimigos. (1Sm 14.24)

Nos anos de 1850, o nome de John Banvard era um dos mais famosos da América. Ele era o mais renomado pintor do mundo, e suas inovadoras e comoventes paisagens do Oeste norte-americano fizeram dele um homem excepcionalmente rico. Voltando de um triunfante tour pela Europa, Banvard celebrou seu sucesso mundial construindo para si mesmo uma réplica do castelo de Windsor em Long Island, Nova York. Um biógrafo diz a seu respeito: "Aclamado por milhões e por contemporâneos como Dickens, Longfellow e a rainha Vitória, sua perícia artística, prosperidade e desenvolvimento pareciam inalcançáveis". [1] No entanto, em pouco tempo Banvard ficaria sem um centavo e sua reputação ficaria arruinada. O que aconteceu? Como é mostrado no livro Banvard's folly: Thirteen tales of people who didn't change the world [A insensatez de Banvard: treze histórias de pessoas que não mudaram o mundo], Banvard cometeu o erro crucial de colocar em jogo todo o seu dinheiro e prestígio numa aventura que rapidamente o arruinou. Construindo um grande museu na cidade de Nova York, Banvard se lançou numa batalha homem a homem com o grande apresentador e promotor P. T. Barnum. Nesse duelo, Banvard era continuamente vencido, até que sua loucura foi totalmente exposta no fim do seu museu e no colapso da sua fortuna.

Se Paul Collins, o biógrafo que relatou a falência de Banvard e de outras pessoas, tivesse expandido seu estudo para incluir o mundo antigo, dificilmente teria encontrado um exemplo melhor que o rei Saul. Quando se trata de insensatez grosseira e autodestrutiva, poucos conseguem superar Saul. Suas ações insensatas e a perda do respeito nacional estão registradas em 1Samuel 14, um capítulo que nos lembra nossa necessidade de sermos guiados pelo ensino da palavra de Deus, seguido de um humilde espírito de oração.

O juramento insensato de Saul

O efeito da insensatez de Saul sobre Israel é visto na transição entre a primeira e

a segunda metade do capítulo 14: “Livrou o SENHOR a Israel naquele dia; [...] Estavam os homens de Israel angustiados naquele dia” (1Sm 14.23-24).[2] A primeira afirmação se refere ao ousado ataque de Jônatas, que recebeu a bênção de Deus. A segunda parte resultou de Saul assumir a liderança. Os esforços de Saul quase serviram para tirar derrota de onde havia vitória, e, pela sua insensatez, os filisteus conseguiram sobreviver à sua estonteante derrota.

O ataque heroico de Jônatas expulsou os filisteus do campo de batalha em pânico e confusão. Então uma perseguição incansável foi convocada para destruir totalmente as forças deles. Para isso, Saul, que havia se levantado da letargia do medo, deu ordens para motivar os soldados: “Estavam os homens de Israel angustiados naquele dia, porquanto Saul conjurara o povo, dizendo: Maldito o homem que comer pão antes de anoitecer, para que me vingue de meus inimigos. Pelo que todo o povo se absteve de provar pão” (1Sm 14.24).

O texto não nos informa o motivo exato de Saul ao fazer esse juramento, mas duas possibilidades parecem mais prováveis. Primeira, o rei pode ter tido a preocupação legítima de que a perseguição aos filisteus atrasaria se os soldados de Israel vasculhassem o acampamento inimigo em busca de comida e objetos valiosos. Os soldados da antiguidade tinham de levar sua própria comida, então a tentação de se afastarem da luta para pegar os espólios da vitória era real. Em vez disso, Saul queria que cada soldado atacasse incessantemente e destruísse o inimigo completamente.

Se a intenção de Saul era essa, seu juramento foi pura insensatez, tanto por proibir os soldados de comer quanto por obrigá-los por meio de um voto. Matthew Henry ridiculariza o juramento de Saul como imprudente, “pois, se ganhou tempo, perdeu força”; despótico, pois “proibi-los de se banquetearem seria elogiável, mas proibi-los até de comer, mesmo estando tão famintos, foi bárbaro”; e ímpio “por reforçar a proibição com uma maldição e um juramento. Não teria ele uma punição menor que um anátema para sustentar sua disciplina militar?”.[3] Foi por causa do juramento insensato de Saul que “estavam os homens de Israel angustiados naquele dia” (1Sm 14.24).

Um motivo adicional por trás do juramento de Saul torna-se mais provável quando consideramos o contexto das suas últimas experiências. Saul estava se tornando mais religioso desde sua rejeição por Samuel pelo pecado de oferecer de modo incorreto o sacrifício em Gilgal. Depois da batalha inicial de Saul que deu início à sua guerra contra os filisteus, Samuel havia orientado o rei a ir para

o local tradicional de encontro e esperar sete dias para que o profeta chegasse e fizesse o sacrifício que traria o favor de Deus. Como o período se aproximava do fim sem que Samuel chegasse e como sua situação militar ficava pior a cada minuto, Saul, impetuosamente, ofereceu o sacrifício pessoalmente, transgredindo os mandamentos de Deus. Por isso Samuel o repreendeu e informou a ele que o Senhor havia rejeitado seu reinado (1Sm 13.8-14). Como consequência dessa repreensão, Saul parece ter se dedicado à prática religiosa ao mesmo tempo em que seu coração ficava cada vez mais negligente e insensível. Um exemplo é o modo como ele buscou inicialmente a orientação divina depois que Jônatas havia atacado e depois, impacientemente, interrompeu os sacerdotes quando Deus se recusou a responder (1Sm 14.18-19). Como outro exemplo desse compromisso renovado com a prática religiosa, Saul ordenou que os soldados israelitas jejuassem durante a batalha, talvez como tentativa de reconquistar o favor do Senhor, que não falava com ele.

O comentário da Bíblia sobre o juramento precipitado de Saul é dado por meio de um episódio que envolve seu filho Jônatas, o herói desse capítulo. Jônatas estava liderando a vanguarda do ataque contra os filisteus. Em certo ponto, Jônatas e os soldados que o seguiam chegaram a uma floresta onde “havia mel no chão” (1Sm 14.25). Aparentemente, as colmeias eram tão abundantes nesse ponto que “corria mel” delas (14.26). Os soldados de Saul, temendo a ameaça de seu juramento, dolorosamente passaram sem comer. “Jônatas, porém, não tinha ouvido quando seu pai conjurara o povo, e estendeu a ponta da vara que tinha na mão, e a molhou no favo de mel; e, levando a mão à boca, tornaram a brilhar os seus olhos” (14.27). Isso não foi um ato de rebelião, e o zelo de Jônatas pela batalha era firme. Aliás, o mel teve um efeito positivo imediato sobre sua disposição para a batalha: “Tornaram a brilhar os seus olhos” (14.27). Mas no momento em que Jônatas foi revigorado por essa nova fonte de energia, um soldado o interrompeu, dizendo: “Teu pai conjurou solenemente o povo e disse: Maldito o homem que, hoje, comer pão” (14.28).

Jônatas respondeu imparcialmente: “Meu pai turbou a terra” (1Sm 14.29). Essa foi uma afirmação provocativa porque é a mesma terminologia usada anteriormente na Bíblia para um indivíduo cujo pecado faz Israel perder a bênção de Deus. No livro de Josué, Acã “conturbou” Israel com seus pecados de roubo de objetos consagrados das ruínas de Jericó (Js 7.25-26). Jônatas, que certamente conhecia o coração e os motivos do seu pai, afirmou claramente que o pecado e a insensatez do seu pai estavam impedindo que Israel desfrutasse plenamente da bênção de Deus na batalha. Esse foi o efeito prático do juramento

de Saul, pois “estava exausto o povo” (1Sm 14.28). Jônatas tristemente exclamou: “Vede como brilham os meus olhos por eu ter provado um pouco deste mel. Quanto mais se o povo, hoje, tivesse comido livremente do que encontrou do despojo de seus inimigos; porém desta vez não foi tão grande a derrota dos filisteus” (14.29-30).

Como líder espiritual, Saul errou ao exigir mais do povo de Deus do que o próprio Deus havia exigido, o que Saul fez ao exigir um jejum no meio da batalha. Além disso, as exigências não bíblicas de Saul resultaram em males não intencionais (como as exigências extrabíblicas tendem a fazer). William Blaikie comenta: “Foi cruel Saul impor um jejum naquele momento, principalmente porque, sendo o comandante do exército, era seu dever fazer o melhor que pudesse para o bem-estar dos seus soldados”.[4] O exemplo de Saul nos lembra que pais, por exemplo, que dão ordens severas e insensíveis, especialmente em nome de práticas religiosas, simplesmente amargam os filhos contra o governo dos pais e a religião. Do mesmo modo, líderes religiosos que inventam suas próprias normas extrabíblicas fazem mais para impedir do que para promover a causa do evangelho.

Ordens insensatas de Saul

Um dos males não intencionais do voto insensato de Saul envolveu o pecado de seus soldados famintos transgredirem as regulamentações alimentares de Israel. Apesar de sua fraqueza física, os israelitas haviam perseguido o inimigo de Micmás a Aijalom (1Sm 14.31), uma distância de cerca de 32 quilômetros em terreno acidentado. No fim do dia, os soldados estavam tão famintos que, “lançando-se ao despojo, tomaram ovelhas, bois e bezerros, e os mataram no chão, e os comeram com sangue” (14.32). Como o sangue era um símbolo de vida, os israelitas não podiam comer carnes cujo sangue ainda não tivesse sido drenado (normalmente isso era feito pendurando-se a carne; veja Lv 19.26). Além do mais, “é o sangue que fará expiação em virtude da vida”, por isso os israelitas não podiam comer carne impregnada de sangue (Lv 17.10-14).[5]

Mais uma vez, Saul foi incisivo para causar boa impressão pela sua demonstração exterior de religião. Essa era, como ele pensava, uma oportunidade perfeita para mostrar sua dignidade religiosa. Por isso, quando foi informado que “o povo peca contra o SENHOR, comendo com sangue”

(1Sm 14.33), Saul respondeu com zelo. Chamando de “traidores” os soldados que haviam violado a lei de Deus em total desespero por causa do seu juramento, o rei imediatamente agiu. Cada homem devia trazer “o seu boi, a sua ovelha, e matá-los” sobre a grande pedra que Saul havia rolado para o seu acampamento. “Não pequeis contra o SENHOR, comendo com sangue”, ordenou. Finalmente, depois que o jejum provocou a desordem do pecado de seu exército contra o Senhor, Saul providenciou os recursos adequados: “Então, todo o povo trouxe de noite, cada um o seu boi de que já lançara mão, e os mataram ali” (14.34).

Envaidecido pelo sucesso em sua prática religiosa exterior, Saul edificou “um altar ao SENHOR”, presumivelmente usando a pedra sobre a qual os animais já haviam sido mortos. O texto acrescenta a nota sugestiva: “Este foi o primeiro altar que lhe edificou” (1Sm 14.35). Henry faz o sábio comentário de que “Saul estava se afastando de Deus; no entanto, começou a construir altares, sendo mais zeloso (como muitos) pela forma da piedade quando nega o poder dela”.[6] Em todas essas ações, Saul não mostrou sinal de arrependimento a Deus, tristeza pelo seu pecado ou zelo real em honrar o Senhor. “Ele sente apenas que seus próprios interesses como rei estão em perigo. É esse motivo egoísta que o faz decidir ser mais religioso.”[7]

Sentindo mais uma vez o chão embaixo dos seus pés, Saul propôs um novo ataque contra os filisteus: “Desçamos esta noite no encalço dos filisteus, e despojemo-los, até o raiar do dia, e não deixemos de resto um homem sequer deles” (1Sm 14.36). A sabedoria dessa ordem é questionável, por causa da fadiga e do evidente estado andrajoso do exército. Além do mais, esse plano era quase o oposto das ordens de Saul durante o dia. Antes, os israelitas não deviam comer para que o saque aos filisteus não interrompesse a perseguição; agora, Saul apresenta a possibilidade de saque como motivação para o ataque noturno.

Saul era um homem que desejava ser bem-sucedido, mas não tinha convicções fortes nem profundas. Os soldados o seguiram com falta da convicção apropriada a esse tipo de líder. Eles responderam: “Faze tudo o que bem te parecer” (1Sm 14.36). Há um contraste muito grande entre essa resposta e as palavras do escudeiro de Jônatas, que se beneficiou das convicções inspiradoras do príncipe guerreiro. Dando uma ordem insensata atrás da outra, Saul nunca ouviria as palavras que foram ansiosamente ditas ao seu filho: “Eis-me aqui contigo, a tua disposição será a minha” (14.7). Saul e Jônatas nos mostram que a verdadeira liderança espiritual requer mais que oportunismo e prática religiosa exterior e que o povo de Deus deve ser conduzido por verdadeiras convicções

bíblicas expressas com consistência e uma fé apaixonada e baseada em princípios.

A sorte insensata de Saul

Anteriormente, ouvimos a frustração de Jônatas com a atitude insensata do seu pai. Agora, é outro homem muito próximo do rei que expressa preocupação com a sabedoria de suas ordens. O sacerdote, presumivelmente Aías, o sumo sacerdote, disse: “Cheguemo-nos aqui a Deus” (1Sm 14.37). Essa foi sua maneira educada de sugerir que consultassem o Senhor antes de seguir os planos de Saul. Saul, talvez tirando nova esperança de sua mais recente prática religiosa, concordou em buscar a revelação de Deus: “Descerei no encalço dos filisteus? Entregá-los-ás nas mãos de Israel?” Só podemos imaginar sua ira frustrada quando “aquele dia Deus não lhe respondeu” (14.37).

Não sabemos exatamente o que eram o Urim e Tumim (os objetos do sumo sacerdote para descobrir a vontade de Deus), nem como funcionavam. Presumivelmente eram algum tipo de sortes, e, pelo exemplo que temos aqui, deveriam ser usados não somente para obter as respostas “sim” ou “não”, mas também para mostrar que Deus não fez revelação. Imagine o efeito que esse insucesso deve ter tido nas tropas de Saul que estavam esperando para fazer um novo ataque, e que então testemunharam o silêncio de Deus ao seu rei e ao seu sumo sacerdote. A própria recusa de Deus em dar uma resposta já era uma resposta ruim.

A recusa de Deus em falar com Saul ou Aías sujeitou a prática religiosa do rei ao ridículo público. Saul obviamente achou necessário apresentar uma razão para esse fracasso, e lembrou a Israel a lição anterior, na qual o pecado de Acã havia obstruído toda a nação (que Jônatas havia, do mesmo modo, lembrado mais cedo, naquele mesmo dia). “Então, disse Saul: Chegai-vos para aqui, todos os chefes do povo, e informai-vos, e vede qual o pecado que, hoje, se cometeu” (1Sm 14.38). É possível que Saul tivesse o coração tão duro a ponto de se recusar a reconhecer a si mesmo como a fonte do desfavor de Deus? Mais provavelmente, como suas ações sugerem, Saul estava simplesmente cego quanto à sua verdadeira condição espiritual. É irônico e tragicamente insensato o rei buscar identificar o pecado que havia afastado o Senhor, enquanto recusa-se a tratar da condenação de Deus ao seu próprio pecado.

Assim é montado o palco para a terceira insensatez quase cômica de Saul nesse capítulo. Lançando sortes de novo, ele bombasticamente fez outro juramento: “Chegai-vos para aqui, todos os chefes do povo, e informai-vos, e vede qual o pecado que, hoje, se cometeu. Porque tão certo como vive o SENHOR, que salva a Israel, ainda que com meu filho Jônatas esteja a culpa, seja morto” (1Sm 14.38-39). Assim como Jônatas incorporava a fé triunfante de Gideão no passado, Saul absorveu a tolice de Jefté, o juiz cujo voto resultou na morte desnecessária de sua filha (Jz 11.30-40). Ao ouvir isso, o povo ficou sem fala. “Nenhum de todo o povo lhe respondeu” (1Sm 14.39).

Saul continuou estabelecendo o contexto para sua investigação: “Disse mais a todo o Israel: Vós estareis de um lado, e eu e meu filho Jônatas, do outro. Então, disse o povo a Saul: Faze o que bem te parecer” (1Sm 14.40). Saul, então, falou novamente ao Senhor: “Mostra a verdade” (14.41).

Não está claro por que Saul dividiu as sortes entre si mesmo e seu filho Jônatas de um lado, e o restante de Israel do outro. Talvez isso refletisse sua necessidade de se isentar, e ele acrescentou Jônatas numa tentativa de reforçar sua defesa. Tendo se isentado, ele seguramente desempenharia o papel de Josué e fazer o novo Acã emergir e sofrer juízo. Mas esse plano, também, foi frustrado pelo Senhor. As sortes foram lançadas e “Jônatas e Saul foram indicados por sorte, e o povo saiu livre” (1Sm 14.41). Saul agora não tinha escolha senão seguir em frente: “Lançai a sorte entre mim e Jônatas, meu filho”, ordenou ele. “E foi indicado Jônatas”. Saul lhe disse: “Declara-me o que fizeste” (14.41-43).

Imagine o dilema de Jônatas, não tendo cometido nenhum pecado de rebeldia nem contra Saul nem contra o Senhor, mas agora sendo identificado como o transgressor de Israel. Novamente, em perfeita sinceridade, Jônatas narra sua transgressão: “Tão somente provei um pouco de mel com a ponta da vara que tinha na mão. Eis-me aqui; estou pronto para morrer” (1Sm 14.43). Saul, uma mera caricatura do tipo de líder espiritual que Josué tinha sido, imediatamente fez outro juramento: “Deus me faça o que bem lhe aprouver; é certo que morrerás, Jônatas” (14.44).

Foi o Senhor que falou por meio de sortes para identificar Jônatas divinamente? É possível que o Senhor tenha atendido a esse único pedido de Saul, como um modo de aumentar seu juízo. Jônatas havia transgredido o juramento do rei de Israel, por mais inocentes que tenham sido suas intenções, por isso é concebível que o Senhor tenha falado para preservar as formalidades da justiça. Essa

explicação, contudo, contraria tudo o que lemos nesse capítulo, no qual a bênção de Deus repousa não na formalidade religiosa, mas na sinceridade evidenciada por Jônatas. O filho do rei não era a causa do desfavor do Senhor; na verdade, foi apenas em resposta à ousada fé de Jônatas que o Senhor exerceu seu poder para conceder vitória a Israel naquele dia. Portanto, uma segunda explicação faz mais sentido. Sem a presença de Deus, o Urim e Tumim simplesmente não eram capazes de funcionar adequadamente. A escolha de Jônatas por sortes para juízo – quando, na verdade, Jônatas havia sido o único homem fiel naquele dia – só prova a vaidade da prática religiosa sem a aprovação da presença de Deus. Blaikie comenta que até mesmo "Saul deveria ter visto isso. E ele deveria ter confessado que estava totalmente errado. De maneira honesta e solidária, deveria ter assumido a responsabilidade e imediatamente isentado seu nobre filho".[8] Contudo, essa atitude exigia uma qualidade de caráter e uma piedade que Saul não possuía.

Esse capítulo mostra a insensatez do rei Saul em frustrar o sucesso de Israel e em separar o rei de todos os seus mais leais seguidores. Seu voto insensato o afastou do seu filho, que nada pôde fazer senão criticar seu pai diante do exército. Suas ordens insensatas afastaram o sumo sacerdote, que desajeitadamente sugeriu que Saul buscasse o conselho divino antes de seguir seus planos. Agora, o insensato lançamento de sortes de Saul o afasta do próprio povo, que simplesmente não permitiu que esse arremedo de justiça acontecesse.

Assim como o fiel povo de Deus às vezes se levanta dos bancos contra um púlpito infiel, do mesmo modo o exército de Saul se opôs ao juramento do rei com seu próprio juramento: "Tão certo como vive o SENHOR, não lhe há de cair no chão um só cabelo da cabeça" (1Sm 14.45). Saul podia ser rei, de modo que os soldados fizeram o melhor que puderam para seguir suas ordens insensatas, mas havia limites para o que ele podia exigir deles. Eles não permitiriam a execução de Jônatas. "Morrerá Jônatas que efetuou tão grande salvação em Israel?", eles perguntaram. Numa óbvia afronta ao seu rei, eles acrescentaram: "Foi com Deus que fez isso, hoje". "Assim, o povo salvou a Jônatas, para que não morresse" (14.45). A credibilidade de Saul, agora, estava totalmente despedaçada – uma realização notável para um rei num dia em que o Senhor havia concedido tão grande vitória sobre seus inimigos – com o efeito de que a perseguição ficou pela metade: "Saul deixou de perseguir os filisteus; e estes se foram para a sua terra" (14.46). Os filisteus sobreviveriam para lutar novamente, e Saul nunca teria novamente tão grande oportunidade de defender seu povo.

A insensatez e a queda de Saul

Exemplos modernos de insensatez calamitosa e queda súbita, como o de John Banvard, empalidecem em comparação com a insensatez e a queda de Saul, rei de Israel. Seu pecado obstinado havia resultado na sua rejeição pelo Senhor (1Sm 13.13-14). E agora, sua insensatez obstinada resultou na perda de toda credibilidade como líder da sua nação, muito embora continuasse entronizado como rei. Deus continuaria a abençoar o povo fiel, como abençoou Jônatas na sua batalha, de modo que o reinado de Saul ainda testemunharia muitos sucessos. Porém, para Saul tudo o que restava era a rejeição final pelo Senhor, seguida por anos de poder amargo e rebelde enquanto o rei aguardava seu juízo inevitável.

Que lições devemos extrair do comportamento insensato de Saul? A primeira lição é que nossa religião deve começar com um verdadeiro relacionamento de salvação com o Senhor. A recuperação do favor de Deus exige que aqueles que pecaram se humilhem diante do Senhor, buscando sua graça. A ausência dessa humilde contrição, com uma franca admissão dos pecados e erros, é a omissão evidente dos muitos relatos sobre o reinado de Saul.

A diferença entre o Saul pecador e o Davi pecador, que o sucederá como rei, é a mesma diferença que há entre Judas, o discípulo apóstata, e o apóstolo pecador Pedro, ambos os quais traíram Jesus na noite da sua prisão. A diferença entre Davi e Pedro, de um lado, e Saul e Judas, do outro, é a humildade que se arrepende do pecado e busca a misericórdia e a graça do Senhor. A grande oração de arrependimento feita por Davi começa com um fervoroso pedido de misericórdia e uma fé confiante na oferta de perdão feita por Deus por meio do sangue sacrificial: “Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado” (Sl 51.1-2). A fé de Davi estava aguardando ansiosamente o verdadeiro Cordeiro de Deus, Jesus Cristo, representado pelo sangue de cordeiros e bodes, que remove o nosso pecado (Jo 1.29) e nos restaura à graça de Deus. Não havia nada que impedisse Saul de ter esse mesmo tipo de arrependimento e fé sinceros, com o resultado de que ele seria restaurado ao favor do Senhor, exceto a dureza do seu coração incrédulo. Aqui vemos a principal e maior insensatez de Saul: a cada momento ele se valia de demonstrações exteriores de prática religiosa, o que

servia apenas para evitar que abrisse seu coração em humilde contrição diante do Senhor.

Essa é uma lição que se aplica a todo pecador cercado pela insensatez do seu pecado. Não pense que Deus pode ser comprado com boas obras, formalismo religioso ou pagamentos em dinheiro. Deus requer que cada pecador confesse seu pecado e recorra ao sangue do Salvador a quem ele enviou, Jesus Cristo. Ele promete: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.9). Jesus dá a sentença sobre a falsa religião de Saul: “Todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado” (Lc 18.14). Como Saul estava sempre procurando se exaltar, seu progresso orgulhoso foi para baixo, enquanto caso tivesse se humilhado, o Senhor certamente o teria levado para cima, em verdadeiro progresso e força espirituais.

Segundo, Saul mostra a necessidade de que os líderes espirituais sejam sinceramente motivados pela vontade de Deus e pela salvação do povo de Deus, e não por mero interesse pessoal. Líderes cristãos de todos os tipos, incluindo pastores e pais, que se apoiam apenas na autoridade da sua posição, sem um exemplo de fé inspirador e um ministério vivo da graça de Deus, muito provavelmente endurecerão seus seguidores contra o Senhor, quando deveriam conduzi-los à salvação. Considere a notável fidelidade demonstrada por Jônatas e a fiel paciência dos soldados de Israel, que fizeram o melhor que puderam para cumprir o juramento insensato de Saul. Não obstante, no fim, os efeitos amargos da liderança espiritual de coração insensível podem apenas afastar os seguidores sinceros, de modo que governantes infiéis encontram sua maior oposição nos servos mais fiéis.

Terceiro, Saul revela o curso dos acontecimentos até mesmo para os melhores de nós se não formos guiados pela palavra revelada de Deus. Observe a ausência do profeta Samuel e o silêncio de Deus. Aí está o principal juízo de Deus sobre a incredulidade de Saul. Como é trágico quando os crentes tolamente se colocam na mesma posição, deixando de consultar os preceitos da palavra de Deus e de meditar neles. Blaikie mostra a lição final da insensatez de Saul, advertindo-nos: “Quem não vê que coisa terrível é abandonar Deus e seus caminhos e entregar-se aos impulsos do próprio coração? Terrível até mesmo para os mais humildes de nós, mas infinitamente terrível para aqueles de grandes recursos e influência, de quem depende todo o povo”.[9] Temamos, de fato, que esse tipo de calamidade caia sobre nós, nossas famílias ou nossas igrejas. Em vez disso, que a sabedoria

dos salmos expresse o desejo do nosso coração:

Faze-me, SENHOR, conhecer os teus caminhos,
ensina-me as tuas veredas.
Guia-me na tua verdade e ensina-me,
pois tu és o Deus da minha salvação,
em quem eu espero todo o dia.
Lembra-te, SENHOR, das tuas misericórdias [...]
Lembra-te de mim, segundo a tua misericórdia,
por causa da tua bondade, ó SENHOR (Sl 25.4-7).

1 Paul Collins, Banvard's folly: Thirteen tales of people who didn't change the world (Nova York: Picador, 2002), 1.

2 A presença do waw hebraico precedendo um substantivo dá uma força disjuntiva, não conjuntiva, ao versículo 24. Assim, em vez de continuar a narrativa anterior, o escritor está introduzindo uma nova seção, cuja ênfase é dada por esse versículo introdutório.

3 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:277.

4 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 233.

5 David Toshio Tsumura, The First Book of Samuel, New international commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 374.

6 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 2:277.

7 Blaikie, First Samuel, 230.

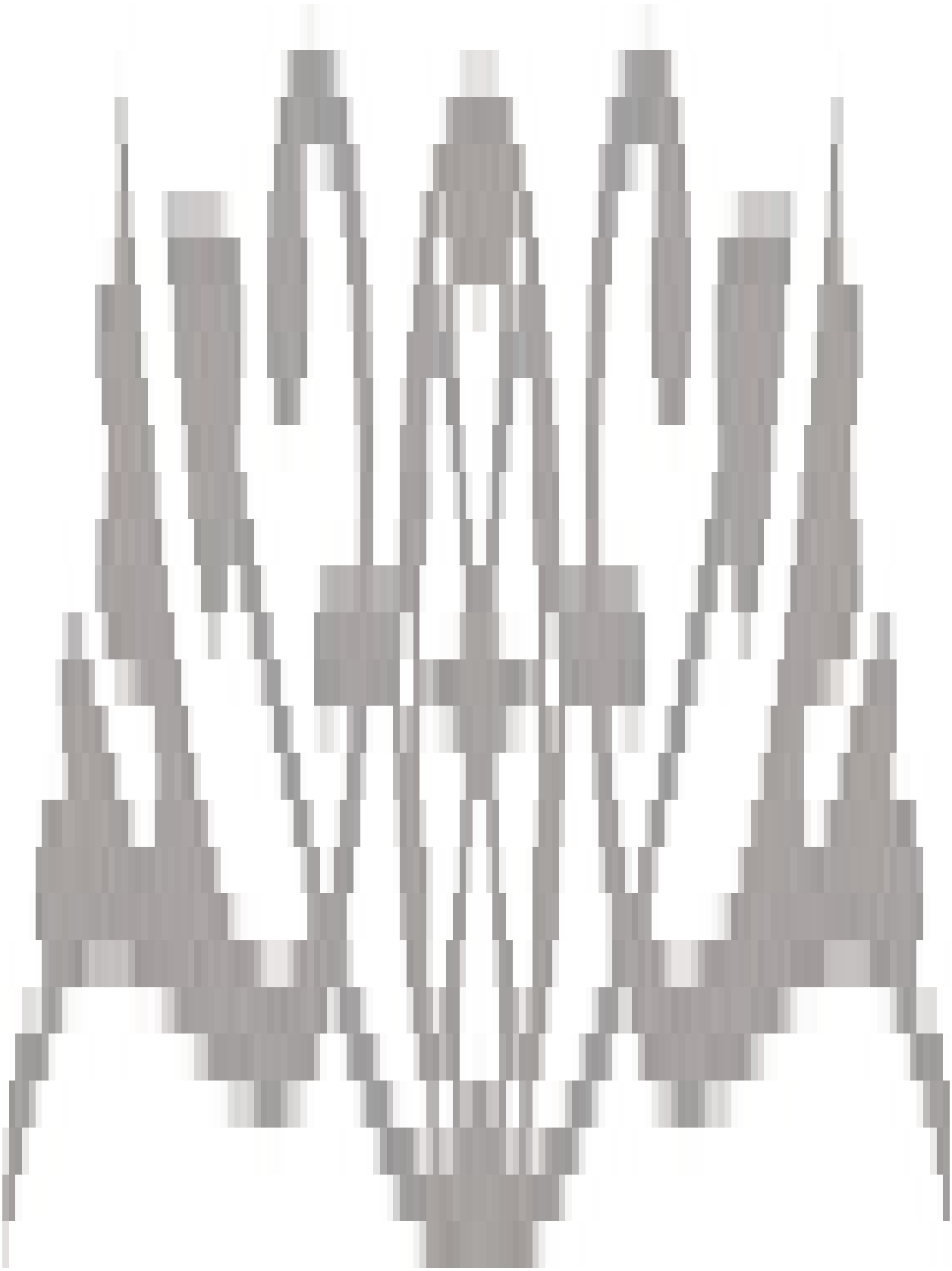
8 Ibid., 237.

9 Ibid., 240.

20

OBEDECER É MELHOR

1Samuel 14.47–15.23



Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros. (1Sm 15.22)

A passagem de 1Samuel 14 conclui com um resumo do longo reinado de Saul. Descobrimos que Saul foi mais ou menos constantemente cercado por inimigos de todos os lados, lutando contra "Moabe, os filhos de Amom e Edom; contra os reis de Zobá e os filisteus". As quatro direções encontram seus representantes nessa lista, e Saul prevaleceu contra todos: "Para onde quer que se voltava, era vitorioso. Houve-se varonilmente, e feriu os amalequitas, e libertou a Israel das mãos dos que o saqueavam" (1Sm 14.47-48). "Por todos os dias de Saul, houve forte guerra contra os filisteus." Por essa razão, Saul estava sempre recrutando guerreiros experientes: "Saul, a todos os homens fortes e valentes que via, os agregava a si" (14.52).

A vida doméstica de Saul era igualmente ativa. Teve três filhos: "Jônatas, Isvi e Malquisua" e Deus o abençoou com duas filhas, Merabe e Mical (1Sm 14.49). Numa passagem que hoje pareceria um obituário, a narrativa conta o nome da esposa de Saul, Ainoã, e do seu primo, Abner, que comandou o exército, e também o pai de Saul, Quis, e o pai de Abner, Ner, e seu avô, Abiel.

Assim foi a vida de Saul – uma vida de fato notável. Mas qual é a razão desse resumo, quando uma parte tão grande do reinado de Saul ainda será contada? A razão aparente é de caridade e apreciação. Este é o registro positivo que pode ser atribuído a Saul: suas batalhas, sua família e seu exército de seguidores. Se essas coisas apenas pudessem fornecer a importância da vida de uma pessoa, tudo bem. Porém, elas não podem, e a lição ensinada a nós pelo decrépito fim de Saul é que a vida de uma pessoa é, por fim, avaliada não pelas realizações terrenas, mas pelo seu relacionamento com o Senhor. Hoje, muitas pessoas possuem currículos ricos e realizações brilhantes, mas nada disso importa porque estão longe do seu Criador. Ser um homem ou mulher de Deus é melhor do que ser um grande rei como Saul. Ou, para colocar em termos da lição de 1Samuel 15, "obedecer é melhor do que sacrificar" (1Sm 15.22).

Saul é ordenado a fazer uma guerra santa

O capítulo 15 é central no relato de 1Samuel, pois conclui o livro do reinado de Saul e abre o livro para o seu sucessor, o rei Davi. Desde o início do capítulo, a questão de que trata é a obediência ao Senhor. Samuel aparece diante de Saul, dizendo: “Enviou-me o SENHOR a ungir-te rei sobre o seu povo, sobre Israel; atenta, pois, agora, às palavras do SENHOR” (1Sm 15.1). Como Saul havia se tornado rei por meio da unção de Deus, ele tinha a obrigação de seguir as instruções que vinham do profeta Samuel. Literalmente, Samuel diz: “Ouça a voz das palavras do Senhor”. Como rei, Saul deve ouvir as palavras de Deus e obedecer ao que o Senhor lhe diz.

A ordem específica que Samuel levou a Saul referia-se a um dos antigos e odiados inimigos de Israel, os amalequitas.

Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Castigarei Amaleque pelo que fez a Israel: ter-se oposto a Israel no caminho, quando este subia do Egito. Vai, pois, agora, e fere a Amaleque, e destrói totalmente a tudo o que tiver, e nada lhe poupes; porém matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos (1Sm 15.2-3).

Saul deveria atacar e destruir os amalequitas, um povo nômade ao sul e sudeste de Israel, que vivia no Neguebe e no deserto do Sinai. Quando os israelitas estavam passando pelo deserto do Sinai durante o êxodo do Egito, os amalequitas os atacaram. Enquanto Arão e Hur sustentavam as mãos de Moisés, os israelitas triunfaram nessa batalha (Êx 17.8-16). Mais tarde, o Senhor ordenou sua vingança: “Lembra-te do que te fez Amaleque no caminho, quando saías do Egito; como te veio ao encontro no caminho e te atacou na retaguarda todos os desfalecidos [...] apagarás a memória de Amaleque de debaixo do céu” (Dt 25.17-19).

No tempo do Senhor, havia chegado o tão esperado dia do juízo de Amaleque, pelas mãos do rei Saul. Somos lembrados de que os conselhos do Senhor são conhecidos somente por ele e que, embora os ímpios zombem da demora de Deus, o dia do juízo vem com terrível e repentina rapidez, de acordo com o cronograma do Senhor.

Saul foi ordenado a colocar os amalequitas sob a punição de Deus, uma ordem

para fazer uma guerra santa e destruir “tudo o que tiver” (1Sm 15.3). Ninguém deveria ser poupado: nem mulheres, nem crianças, nem bebês, nem mesmo os animais dos amalequitas. O propósito da ofensiva de Saul era o juízo divino; toda a nação amalequita devia ser oferecida ao Senhor numa demonstração de justiça perfeita. Tendo anteriormente se oposto a Israel durante sua fraqueza no êxodo, Amaleque havia continuado em impiedade, e a medida da ira de Deus, nesse momento, havia se completado.

Muitos comentaristas se esforçam para aceitar a ética da ordem de Samuel a Saul, com alguns rejeitando-a como “a moralidade provisória do Antigo Testamento”.[1] David Payne afirma que os israelitas que praticaram essa guerra santa arrasadora “ainda tinham muito a aprender sobre o caráter de Deus”.[2] O problema com essas duas interpretações é que foi Deus quem declarou a condenação contra os amalequitas e exigiu que Saul praticasse genocídio. A ética do caráter imutável de Deus nunca é provisória, nem podemos declarar plausivelmente que Deus estava falando em ignorância da sua própria moralidade.

A única área em que o povo de Deus pratica guerra santa hoje é a espiritual, como instruído em passagens como Efésios 6.10-18. Nenhuma nação hoje – nem o Irã nem a América – pode exigir que o povo de Deus entre numa guerra santa legítima e, assim, reivindicar o direito ao tipo de destruição abrangente de um inimigo como vemos no Antigo Testamento. Os dois propósitos dessa guerra santa do Antigo Testamento eram a preservação do povo de Israel e a execução do juízo de Deus sobre nações ímpias que haviam caído sob sua ira.

Hoje, refletindo sobre os horrores da guerra santa do Antigo Testamento, devemos nos lembrar da realidade do juízo de Deus, que será muito pior. Deus é santo, e sua ira arde contra todo o mal. Apocalipse 19.15 nos diz que, quando Jesus voltar em juízo, ele pisará “o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso”. William Blaikie nos lembra:

Que Deus executará ira sobre os impenitentes e incrédulos é tanto um elemento do evangelho quanto que ele concederá todas as bênçãos de salvação e vida eterna aos que creem. [...] É muito proveitoso para todos nós olhar, às vezes, firmemente para esse solene atributo de Deus [justiça perfeita], como Vingador dos impenitentes, porque isso nos mostra que o pecado não é algo que deva ser

menosprezado. Isso também nos mostra que a vontade de Deus não é algo que deva ser desprezado.[3]

Saul respondeu à ordem de Deus com energia: “Saul convocou o povo e os contou em Telaim: duzentos mil homens de pé e dez mil homens de Judá” (1Sm 15.4). Saul convocou um grande exército. Lembrando que a palavra hebraica “mil” também pode significar “unidade militar”, é possível que o exército de Saul não tivesse centenas de milhares de soldados, embora, pelos padrões antigos, sua força ainda fosse muito grande. Com esse exército, Saul partiu.

Aproximando-se dos amalequitas, Saul encontrou os queneus, uma tribo midianita de ferreiros que habitava entre os amalequitas. Isso depõe a favor de Saul, pois, por causa da bondade que os queneus mostraram a Israel durante o êxodo (ajuda que a Bíblia não registra, exceto que o sogro de Moisés, um queneu [Jz 4.11], auxiliou Moisés depois da batalha contra os amalequitas, Êx 18.1-12), Saul deu aos queneus a oportunidade de escapar da batalha (1Sm 15.6). Saul, então, passou a perseguir e derrotar os amalequitas até “Sur, que está defronte do Egito” (15.7).

No entanto, apesar da rápida resposta de Saul à ordem de Deus, o rei de Israel não a obedeceu completamente. Vemos isso na resposta de Saul ao rei inimigo e suas posses: “Tomou vivo a Agague, rei dos amalequitas; porém a todo o povo destruiu ao fio da espada. E Saul e o povo pouparam Agague, e o melhor das ovelhas e dos bois, e os animais gordos, e os cordeiros, e o melhor que havia e não os quiseram destruir totalmente; porém toda coisa vil e desprezível destruíram” (1Sm 15.8-9). Era típico de Saul que, mesmo ao fazer a vontade do Senhor, ele manobrava intencionalmente para desobedecer.

O Senhor se arrepende de Saul

Em 1Samuel 13, Saul não conseguiu completar totalmente a primeira tarefa que lhe foi dada como rei de Israel, oferecendo sacrifício ao Senhor sem esperar pelo profeta, como havia sido orientado a fazer. Esse erro significava que Saul não teria permissão para estabelecer uma dinastia de reis. O erro de Saul no capítulo 15, desobedecendo a Deus por poupar Agague e seus animais, resultou na sua

total rejeição como rei por parte do Senhor: “Então, veio a palavra do SENHOR a Samuel, dizendo: Arrependo-me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras” (1Sm 15.10-11).

Essa afirmação dá origem a algumas questões legítimas, particularmente sobre como se pode dizer que Deus “se arrependeu” das suas ações. Para alguns leitores, essa e outras afirmações de arrependimento divino na Bíblia (há 29 delas que usam uma construção verbal semelhante à usada no versículo 11) enfraquecem o tradicional ensino reformado sobre a onisciência e a soberania de Deus. Essa é a posição dos estudiosos que promovem o que é chamado de teologia relacional [ou teísmo aberto]. A teologia relacional resulta de uma ênfase radical no livre-arbítrio humano, ensinando que Deus não conhece os acontecimentos futuros até que eles aconteçam, pois os acontecimentos não existem até serem criados por escolhas humanas. Por isso, é dito que Deus está “aberto” a acontecimentos futuros, tomando conhecimento deles juntamente conosco, quando nossas escolhas soberanas determinam – pelo menos em grande parte – o curso da História. A teologia relacional, assim, não apenas enfraquece a descrição bíblica de Deus, que enfatiza a soberania predestinadora de Deus sobre todas as coisas (Is 46.9-10; Rm 9.1-23; Ef 1.4-11), mas radicalmente reduz a confiança dos crentes na capacidade de Deus de cumprir suas promessas e triunfar no fim para nossa salvação.[4]

O arrependimento de Deus por ter escolhido Saul como rei é visto pelos teólogos relacionais como um texto clássico que prova seu argumento de que Deus ignora o futuro. John Sanders diz que essa passagem prova que “o futuro é, em alguns aspectos, um acontecimento indefinido para Deus. [...] Deus não está seguindo um projeto ao lidar conosco”.[5] Gregory Boyd escreve que o arrependimento de Deus prova que Deus não era soberano sobre as escolhas de Saul. Ele escreve: “O senso comum nos diz que só podemos nos arrepender de uma decisão que tomamos se essa decisão teve um resultado diferente do que esperávamos”.[6]

O problema com a teologia relacional é que ela entra em conflito com muitas afirmações claras a respeito da perfeita onisciência e soberania de Deus sobre todas as coisas. Considere, por exemplo, Isaías 46.9-10, em que o Senhor diz: “Eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade”. Essa declaração seria impossível sob a teologia relacional, já que Deus não poderia declarar desde o princípio um fim que ele

não conhece e não poderia afirmar cumprir toda a sua vontade se não soubesse como a História termina (nas escalas macro e micro). Do mesmo modo, Jesus assegura aos crentes o cuidado de Deus pela alma deles ao perguntar: “Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai” (Mt 10.29). Deus é soberano sobre os menores detalhes da sua criação, de modo que os pássaros vivem e morrem segundo a sua vontade, predestinando e controlando ativamente a História, de modo que Paulo pôde dizer que Deus “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11).

Então, como lidamos com afirmações bíblicas de que Deus se entristece ou se arrepende por causa de acontecimentos pecaminosos? Bruce Ware fornece três respostas. Primeira, ele observa que essas afirmações indicam que Deus está consciente das mudanças na situação humana e envolvido nelas e reage a elas de maneira apropriada. Assim, quando Saul persistentemente deixa de obedecer, Deus reage arrependendo-se de Saul como rei de Israel.

Segunda, o arrependimento divino “indica real experiência [de Deus] em desenvolver historicamente relacionamentos com pessoas [...] Justamente porque Deus sabe de antemão que um acontecimento terá lugar, isso não o impede de sentir emoções apropriadas e expressar reações apropriadas quando o evento realmente acontece”.[7] É por isso que não é suficiente considerar as declarações sobre o arrependimento de Deus como casos de antropopatismo – o que significa que, embora Deus não sinta realmente o que a Bíblia diz que ele sente, descrições humanas são usadas como uma acomodação a nós. Porém, a Bíblia diz que Deus realmente se entristeceu e realmente se arrependeu da escolha de Saul como rei, assim como se arrependeu de ter feito a raça humana antes do dilúvio (6.6) e assim como se arrependeu do seu juízo quando Nínive se arrependeu dos seus pecados pelo ministério de Jonas (Jn 3.10). Dale Ralph Davis corretamente comenta: “A indiferença nunca é listada como um atributo do verdadeiro Deus. [...] O versículo 11 não tem a intenção de sugerir inconstância do propósito de Yahweh, mas sua tristeza pelo pecado; ele não descreve Yahweh frustrado por não conseguir prever, mas Yahweh triste pela falta de obediência”.[8]

Terceira, Ware observa que com frequência Deus expressa arrependimento e tristeza para trazer à tona o que ele deseja dos seus ouvintes. Deus estava enfatizando algo aos seus leitores – incluindo nós – ao expressar seu arrependimento por ter feito Saul rei.[9] O que é que Deus está nos dizendo com

isso? Ele está nos dizendo que exige cuidadosa obediência às suas ordens por parte daqueles que servem em seu nome. Um dos principais pontos do registro bíblico do reinado de Saul é deixar claro para o povo de Deus sua obrigação de obedecer o Senhor. Saul “deixou de me seguir e não executou as minhas palavras” (1Sm 15.11). A mensagem para nós é que a fé no Senhor nos obriga a obedecer cuidadosamente a sua palavra.

Provavelmente o melhor comentário sobre o arrependimento de Deus seja feito por Samuel perto do fim desse capítulo. O versículo 11 nos diz que Samuel respondeu a mensagem de Deus com grande paixão: “Samuel se contristou e toda a noite clamou ao SENHOR”. O que o angustiou? No mínimo, o profeta compartilhava do arrependimento de Deus, de que o homem que tinha o privilégio de ser o rei ungido de Israel se comportasse de maneira desobediente. Mas ele também pode ter se debatido para aceitar a declaração de Deus de que sentia tristeza e arrependimento por Saul. No fim, Samuel reconcilia-se com a imutável soberania de Deus, pois declara que “a Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa” (1Sm 15.29). Essa é uma declaração fascinante, pois, quando Samuel diz que o Senhor não se arrepende, ele usa o mesmo verbo que o Senhor usou quando disse que havia se arrependido de ter tornado Saul rei.

Alguns objetam a essa aparente contradição, argumentando que parece que Deus realmente não sente arrependimento do modo como os seres humanos sentem. É claro que isso é verdade, pois ele é, afinal, Deus, não homem. John Piper escreve: “Ele não é homem para sentir ‘arrependimento’ [do modo como os seres humanos sentem]. Ele sente do seu modo – o modo como se sente ‘arrependimento’ quando se é onisciente e se conhece todo o futuro perfeitamente. A experiência é real, mas não é como o homem finito a vivencia”.[10]

O Deus que predestina e conhece de antemão o futuro havia ordenado todos os acontecimentos desse capítulo, incluindo seu próprio arrependimento e sua tristeza pela desobediência de Saul. Esses acontecimentos eram uma pequena parte de uma história muito maior, também predestinada e conhecida de antemão por Deus – uma história centrada não apenas na tristeza de Deus pelo pecado, mas em Deus suportar o pecado pelo seu povo na cruz, na pessoa do seu Filho. Isso porque, embora o sacrifício penal do bendito e sem pecado Filho de Deus, Jesus Cristo, tenha sido o acontecimento mais repugnante e odioso que já ocorreu no planeta Terra – tanto que a fúria da ira de Deus foi derramada sobre a

cidade de coração duro que rejeitou Jesus – ele também aconteceu “pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (At 2.23). Todo o propósito da História é que Deus seja glorificado, de modo que as perfeições das glórias de todos os atributos de Deus sejam conhecidas e reveladas aos homens e aos anjos – atributos como santidade, misericórdia, justiça, longanimidade, amor e ira. Deus é glorificado por meio de uma História em que ele revela todo o seu ódio pelo pecado e, ao mesmo tempo, sua graça ilimitada em salvar pecadores pela morte de Cristo.

Saul é repreendido pela desobediência

Samuel ficou amargamente contristado pelo fato de Saul não ter obedecido a ordem clara do Senhor. Por isso, sua noite angustiosa de oração foi seguida por “uma das mais espetaculares confrontações nas páginas da Bíblia, quando o profeta Samuel encontra o rebelde rei Saul”.[11] Numa obra-prima de ironia providencial, Saul havia passado todo esse tempo construindo um monumento à sua obediência ao atacar os amalequitas. O rei, então, voltou a Gilgal, juntamente com seus espólios, esperando ansiosamente receber elogios por parte do profeta.

A troca de palavras entre os dois é quase digna de uma comédia pastelão. Saul espera enquanto Samuel vem pela estrada. O rei o cumprimenta com um bem preparado e presunçoso elogio a si mesmo: “Bendito sejas tu do SENHOR; executei as palavras do SENHOR” (1Sm 15.13). Acreditar que Saul pudesse dizer isso é quase de mais para nós, até nos lembrarmos de quanto é comum preferir obedecer as nossas próprias ordens do que as de Deus. Samuel deu uma das respostas mais mordazes da Bíblia: “Que balido, pois, de ovelhas é este nos meus ouvidos e o mugido de bois que ouço?” (15.14).

O que vem a seguir é um potente manual sobre obediência a Deus. Samuel primeiro ressalta que obediência a Deus envolve cumprir as ordens dele. Saul tinha seu próprio entendimento da sua missão contra os amalequitas, e esse entendimento não estava precisamente em harmonia com as verdadeiras ordens que Deus havia dado por intermédio de Samuel. Se Saul desejava celebrar seu desempenho das ordens de Deus, ele deveria ter observado cuidadosamente essas ordens, lembrando-se sempre delas e julgando suas próprias ações de acordo com o padrão dado na palavra de Deus. O fato de ele não ter feito isso foi

claramente evidenciado no balido das ovelhas e no mugido de bois, todos os quais Deus havia ordenado que fossem mortos e desse modo dedicados a ele mesmo.

O erro fundamental de Saul é extremamente comum hoje. Os cristãos geralmente se declaram obedientes a Deus em muitas questões – na doutrina que aceitam, na sua mordomia financeira, pureza sexual, fidelidade matrimonial, membresia da igreja, adoração, evangelismo, guarda do domingo e outras coisas mais – quando, de fato, sua conduta não está em harmonia com o ensino bíblico. Muito frequentemente, então, perguntamos por que a bênção de Deus não parece estar sobre nós, quando um simples estudo da palavra de Deus revelaria nossa ostensiva desobediência à ordem do Senhor.

Para sermos elogiados por Deus, precisamos obedecer ao que ele realmente ordenou. Isso é o que Gênesis 6.22 diz sobre Noé: “Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara”. Se Noé não tivesse construído a arca observando cuidadosamente as instruções de Deus, ela podia não ter flutuado durante o grande dilúvio. Do mesmo modo, o fato de os cristãos de hoje terem deixado de pregar e observar as verdadeiras doutrinas e mandamentos da palavra de Deus não apenas enfraquece nosso ministério, mas também pode ser nossa ruína. Saul observou que não havia se rebelado completamente: “Dei ouvidos à voz do SENHOR”, disse ele, “e segui o caminho pelo qual o SENHOR me enviou” (15.20). Isso era verdade. Além disso, ele havia destruído a grande maioria dos amalequitas. Porém, ao poupar Agague, o rei amalequita, juntamente com suas ovelhas e bois, ele havia desobedecido notoriamente a ordem do Senhor, anulando o valor do que havia feito.

Segundo, a defesa que Saul fez das suas ações lembra-nos que a obediência a Deus exige ações impopulares. Quando Samuel chamou a atenção para o balido das ovelhas e o mugido dos bois, Saul respondeu: “De Amaleque os trouxeram; porque o povo poupou o melhor das ovelhas e dos bois, para os sacrificar ao SENHOR, teu Deus; o resto, porém, [nós] destruímos totalmente” (1Sm 15.15). Observe como Saul fala de “o povo” e “eles” quando fala da sua desobediência, mas, quando fala da sua obediência, a terminologia repentinamente torna-se inclusiva: “nós”. Desse modo, Saul argumenta que havia destruído a maior parte das posses dos amalequitas, exceto o que o povo achou que devia manter para si, que era “o melhor das ovelhas e dos bois”. Numa explicação duvidosa, Saul piedosamente acrescenta que esses animais haviam sido poupados para serem oferecidos como sacrifício ao Senhor (i.e., uma oferta de gratidão, o tipo de

sacrifício que permitia que as pessoas comessem pelo menos parte do que era oferecido).

O comportamento de Saul nos lembra que líderes espirituais que buscam a bênção de Deus devem estar dispostos a obedecer as ordens da Bíblia, mesmo quando são impopulares. Paulo exortou Timóteo que, juntamente com falsos mestres e impostores, a igreja ficaria infestada de pessoas que "não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas" (2Tm 4.3-4). No entanto, Timóteo deveria permanecer "naquilo que aprendeste e de que foste inteirado" (3.14) e pregar a palavra fielmente (4.2). Um exemplo a ser evitado foi dado por Arão, irmão de Moisés e primeiro sumo sacerdote de Israel, quando presidiu a confecção e a adoração ao bezerro de ouro. Quando Moisés voltou do monte, furioso, Arão ofereceu uma explicação imortal e perene para seu fracasso de liderança: "Tu sabes que o povo é propenso para o mal" (Êx 32.22).

Saul era farinha do mesmo saco que Arão e muitos outros líderes fracassados, que não obedeceram o Senhor porque temeram a zombaria das pessoas. Saul teria honrado a Deus em obediência somente se tivesse proibido que as pessoas tomassem ovelhas e bois dos amalequitas e insistisse para que todas as coisas fossem feitas de acordo com as ordens de Deus. O mesmo é verdadeiro para os pastores, pais e cristãos hoje, que honram a Deus verdadeiramente somente quando insistem que todas as coisas sejam feitas de acordo com as claras ordens da Bíblia.

Terceiro, Samuel reagiu à objeção de Saul ressaltando que a obediência é a única coisa que verdadeiramente agrada o Senhor. Saul argumentou que as ovelhas e bois eram uma oferta especial para Deus. Samuel respondeu: "Tem, porventura, o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros" (1Sm 15.22). Este é o modo como o povo de Deus deve adorá-lo e honrá-lo: obedecendo as suas ordens. Isso é verdadeiro quando se trata da adoração comunitária do povo de Deus na igreja, cuja aceitabilidade é regulamentada pela palavra de Deus (Hb 12.28) e é verdadeiro sobre a adoração viva que cada crente deve oferecer a Deus dia após dia (Rm 12.1-2). Deus é adorado quando é obedecido. É melhor obedecer a Deus do que cantar e fazer orações em seu nome.

O fato de Saul ter errado nesses três pontos provocou a exacerbada repreensão de Samuel. Primeiro, o profeta o repreendeu severamente, lembrando-lhe que mesmo “sendo tu pequeno aos teus olhos”, ele ainda era o rei de Israel pela unção de Deus (1Sm 15.17). Deus havia dado a Saul uma ordem clara como cristal: “Vai, e destrói totalmente estes pecadores, os amalequitas, e peleja contra eles até exterminá-los” (15.18). Com esses fatos inflexíveis em mente, Samuel enfatiza seu argumento: “Por que, pois, não atentaste à voz do SENHOR, mas te lançaste ao despojo e fizeste o que era mau aos olhos do SENHOR?” (15.19). Samuel, é claro, não foi enganado pela gananciosa e patética afirmação de que as ovelhas e bois haviam sido poupados para o Senhor, quando, na verdade, haviam sido poupados para Saul. Saul era uma pessoa extremamente privilegiada entre o povo de Deus, ungido para um ofício da mais alta responsabilidade, por isso tinha deveres importantes a cumprir. Mas todos os crentes têm responsabilidade de mordomia diante de Deus, e não devemos ficar menos surpresos ao sermos reponsabilizados por desobediência e castigados pelo Senhor por não cumprirmos as ordens da sua palavra.

Obediência e reinado

Saul podia não fazer caso da importância das concessões que havia feito, mas para Deus a desobediência de Saul tinha as mais graves consequências. Por isso Samuel revela sua conversa com Deus. “Espera”, ordenou ele a Saul, “e te declararei o que o SENHOR me disse esta noite” (1Sm 15.16). Será que Saul ainda esperava um elogio que equivalesse ao memorial que ele já havia levantado para si mesmo? Se esperava, deve ter ficado muito humilhado ao ouvir o que Samuel tinha a dizer: “A rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar. Visto que rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei” (15.23).

Samuel afirma que “a rebelião é como o pecado de feitiçaria”. Em outras palavras, rejeitar ostensivamente o claro ensino da palavra de Deus é apostasia prática. Para seguir suas próprias invenções, Saul bem poderia ter procurado o ocultismo para receber revelação divina (como faria mais tarde). Além disso, tomar liberdade com as ordens de Deus – como Saul e o povo haviam feito, considerando sua própria sabedoria uma melhoria na ordem de Deus (e procurando encobrir a ganância deles com mentiras piedosas sobre oferecer sacrifícios a Deus) – é obstinação e idolatria. Gordon Keddie comenta que,

considerando a rebelião arrogante de Saul, “ele bem pode ter estado adorando outros deuses. A vontade de Saul era seu verdadeiro Deus. Na prática, ele havia destronado o Senhor do seu coração”.[12] Essa é uma advertência para nossa geração na igreja, que presunçosamente supõe que nossa preferência no consumismo espiritual sempre corresponde à aprovação e à bênção de Deus. Em vez disso, o único modo pelo qual podemos ter certeza de que estamos agradando e verdadeiramente servindo ao Senhor é agindo em clara obediência aos preceitos e mandamentos da sua palavra.

O contraste máximo com Saul é o verdadeiro Rei do seu povo, o justo Senhor Jesus Cristo. Quando Jesus se apresentou a Deus no fim do seu ministério terreno, pôde fazer um relatório muito diferente do que foi feito por Saul. Jesus orou ao Pai: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17.4). A perfeita obediência foi o memorial que Jesus construiu para sua vida. Foi por isso que Deus aceitou Jesus e seu ministério em favor daqueles que creem nele. O escritor de Hebreus explica:

Ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste; não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado. Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade (Hb 10.5-7, citando o Sl 40.6-8).

Para Jesus, obedecer realmente era melhor que sacrificar – foi por isso que ele não precisou que ninguém morresse em seu lugar – e foi a obediência que o capacitou a se sacrificar por nós. Nosso Senhor se apresentou na glória da sua perfeita obediência, e Deus respondeu: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17). Portanto, os pecadores que confiam não em Saul, mas em Cristo, têm um Salvador, um Rei em cujo nome encontram salvação. Representados por Cristo, somos agora chamados à “obediência por fé” (Rm 1.5; 16.26), de modo que, pela fé, estamos em Cristo, “o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1Co 1.30).

O que, então, daremos em gratidão a Deus, que já tem tudo? Deus precisa que lhe demos ovelhas e bois? Ele precisa de dinheiro ou de cânticos de louvor? Devemos, de fato, oferecê-los em gratidão e amor. Mas se realmente quisermos

agradar a Deus – e o que pode ser mais vantajoso na vida? – faremos sua vontade, como está escrito no seu Livro, em nome de Jesus Cristo, o Rei verdadeiro e perfeitamente justo que ofereceu a Deus o sacrifício de sua própria vida obediente, derramando seu precioso sangue pelos nossos pecados.

1 R. P. Gordon, citado em David Toshio Tsumura, The First Book of Samuel, New international commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 391.

2 David F. Payne, I & II Samuel, Daily study Bible (Filadélfia: Westminster, 1992), 76.

3 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 242-43.

4 Uma avaliação abrangente do impacto da teologia relacional sobre a fé cristã pode ser encontrada em Bruce A. Ware, God's lesser glory (Wheaton, IL: Crossway, 2000), cap. 1.

5 John Sanders, The God who risks (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), 73.

6 Gregory Boyd, God of the possible (Grand Rapids: Baker, 2000), 56.

7 Ware, God's lesser glory, 91.

8 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 130.

9 Ware, God's lesser glory, 91-92.

10 Citado em ibid., 97-98.

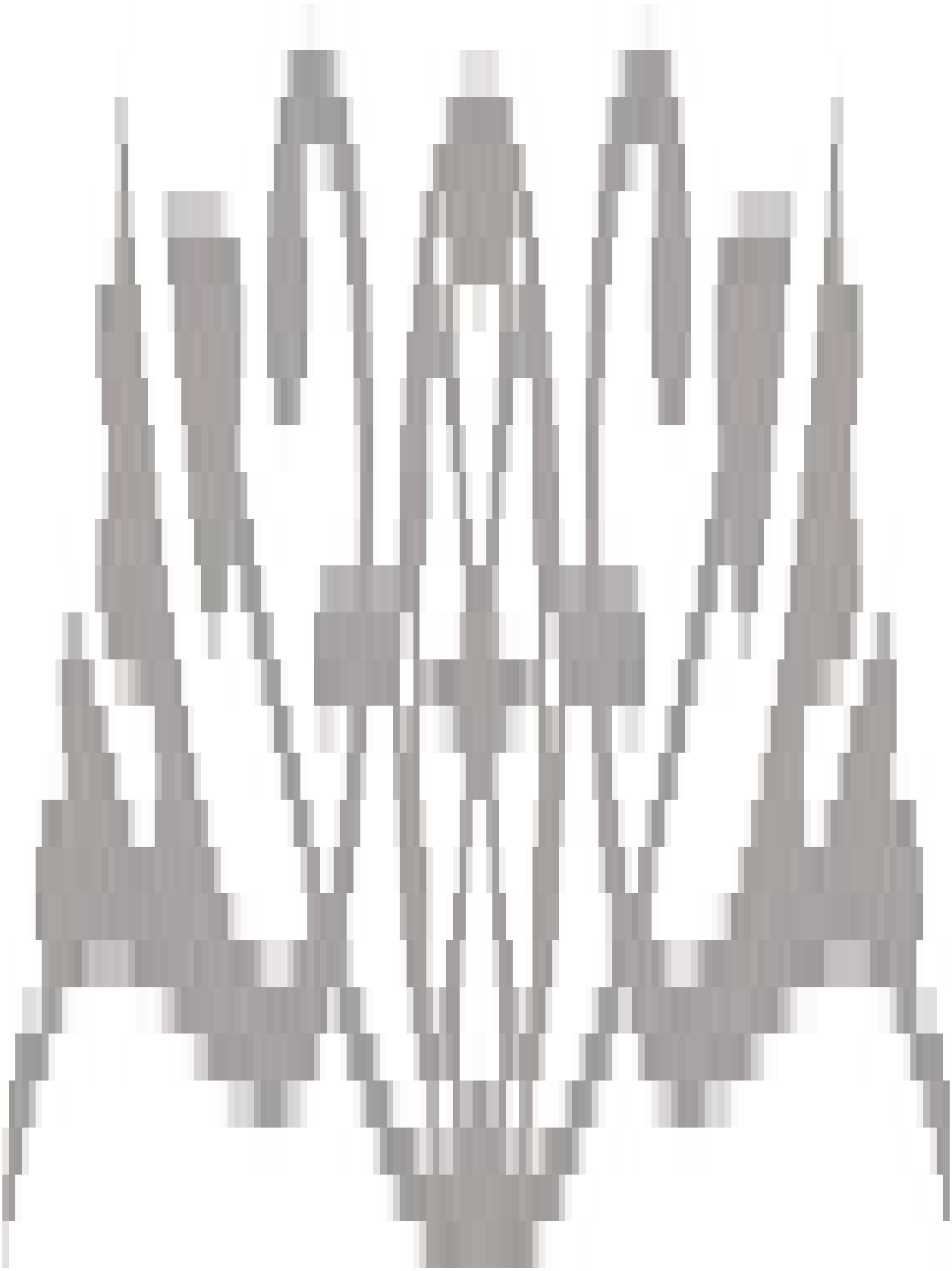
11 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 264.

12 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 147.

21

RASGADO

1Samuel 15.24-35



Samuel disse a Saul: Não tornarei contigo; visto que rejeitaste a palavra do SENHOR, já ele te rejeitou a ti, para que não sejas rei sobre Israel. (1Sm 15.26)

Uma passagem da Epístola aos Hebreus lança muita luz sobre a situação do rei Saul no fim de 1Samuel 15. O escritor de Hebreus está muito preocupado que os leitores judeus cristãos não se afastem de Cristo por causa da perseguição. Para isso, ele lembra a geração do êxodo de Israel, que saiu do Egito com Moisés, mas morreu no deserto por causa da incredulidade. Falando mais sobre esse perigo, o escritor adverte:

É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia (Hb 6.4-6).

Essa é uma descrição exata do êxodo dos israelitas, que vivenciaram em primeira mão o poder, a bondade e a glória de Deus, e, no entanto, não creram. É também uma boa descrição do rei Saul, sobre quem o Espírito de Deus havia vindo para capacitá-lo para seu reinado, a quem foi mostrada a luz da verdade, que provou os dons celestiais e, pessoalmente, encontrou o poder divino. No entanto, em nenhum momento, no longo relato sobre o reinado do rei Saul, lemos que ele se entregou ao Senhor para salvação. Como resultado, chegou o tempo em que Saul não era mais capaz de ser levado ao arrependimento, de modo que o Senhor virou as costas para o homem a quem Israel havia exigido como rei. O juízo de que havia sido advertido por muito tempo finalmente caiu sobre Saul, e, até mesmo quando ele rasgou a orla do manto de Samuel, o profeta declarou: “O SENHOR rasgou, hoje, de ti o reino de Israel e o deu ao teu próximo, que é melhor do que tu” (1Sm 15.28).

O arrependimento superficial de Saul

Não tendo obedecido o Senhor numa ocasião anterior (cap. 13), Saul recebeu uma nova oportunidade. Samuel havia lhe trazido a ordem de Deus para executar vingança contra os amalequitas. Toda a nação deveria ser destruída, sendo todo o povo e todos os animais mortos num justo juízo divino. Saul atacou os amalequitas, então congratulou a si mesmo e foi a Gilgal esperar os elogios de Samuel. Porém, o profeta chegou em meio ao balido de ovelhas e ao mugido de bois, o que, juntamente com o rei amalequita capturado, provou que Saul não havia obedecido as instruções de Deus. Quando Saul alegou que havia poupado os melhores animais para fazer uma oferta ao Senhor, Samuel memoravelmente respondeu: "O obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros" (1Sm 15.22).

Diante das severas repreensões de Samuel, Saul percebeu que deveria confessar seu pecado: "Disse Saul a Samuel: Pequei, pois transgredi o mandamento do SENHOR e as tuas palavras; porque temi o povo e dei ouvidos à sua voz. Agora, pois, te rogo, perdoa-me o meu pecado e volta comigo, para que adore o SENHOR" (1Sm 15.24-25). Superficialmente, podemos ficar satisfeitos em observar os elementos essenciais do verdadeiro arrependimento: Saul disse palavras-chave, incluindo a confissão direta: "Pequei". Ele admitiu: "Transgredi o mandamento do SENHOR" e suplicou por perdão e restauração.

No entanto, apesar de todos esses pontos positivos, ainda resta dúvida sobre a sinceridade do arrependimento de Saul. Uma pista é que nem Samuel nem o Senhor parecem aceitá-lo como verdadeiro. Agostinho comentou: "Conquanto aos ouvidos humanos as palavras sejam as mesmas, o olho do Senhor viu uma diferença no coração".[1] A passagem de 1João 1.9 diz: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". Mas a confissão de Saul não recebe aprovação nem perdão. Isso sugere que seu arrependimento foi superficial e insincero.

Outro mau sinal é que Saul só confessa seu pecado depois que as insistentes acusações de Samuel o deixam com poucas opções. Ele confessou porque havia sido pego – o balido das ovelhas e o rei amalequita são evidências irrefutáveis da sua desobediência. Essa circunstância não necessariamente invalida sua confissão – afinal, Davi confessou e foi perdoado depois de ser confrontado pelo profeta Natã (2Sm 12.13) – mas não é o melhor começo para um verdadeiro arrependimento. Muito melhor é a confissão quando é inspirada pela convicção

interior, não pela exposição pública.

Um terceiro mau sinal é que Saul mostra forte orientação a Samuel e sua opinião, em vez de ter o foco exclusivamente em Deus. “Transgredi o mandamento do SENHOR e as tuas palavras”, disse ele a Samuel (1Sm 15.24). Do mesmo modo, a súplica de Saul por perdão e restauração é dirigida a Samuel, não a Deus: “Agora, pois, te rogo, perdoa-me o meu pecado e volta comigo, para que adore o SENHOR” (15.25). Em contraste, Davi orou diretamente a Deus: “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos” (Sl 51.4). Isso não significa que Davi negasse o dano que seus pecados haviam causado a outras pessoas. Porém, ele estava tão consumido pela sua ofensa a Deus que nada mais podia ser considerado antes que ele confessasse seu pecado ao Senhor.

Quarto, observe que, até mesmo quando Saul confessa, ele procura justificar sua conduta. O infeliz acontecimento ocorreu “porque temi o povo e dei ouvidos à sua voz” (1Sm 15.24). Em contraste, quando Davi confessou seu pecado, ele acrescentou que Deus era “justo no teu falar e puro no teu julgar” (Sl 51.4). Pode não ser fácil dizer “mereço ser condenado”, mas aqueles que verdadeiramente confessam seu pecado reconhecem sua culpa pessoal diante de Deus.

Finalmente, observe que Saul não se preocupa com a honra ofendida de Deus e com as consequências práticas do seu pecado, mas concentra-se apenas na restauração da sua honra e da sua autoridade. Isso fica claro depois que Samuel rejeita a confissão vazia de Saul e ele responde: “Pequei; honra-me, porém, agora, diante dos anciãos do meu povo e diante de Israel; e volta comigo, para que adore o SENHOR, teu Deus” (1Sm 15.30). Cyril Barber comenta: “A confissão [...] não foi tanto resultado de convicção interior, mas evidência do medo de Saul de perder a aclamação popular”.[2] Contraste o pedido de Saul com o do filho penitente, na parábola do filho pródigo, que aceita a perda da sua posição em vez de lutar pelo seu direito de mantê-la: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores” (Lc 15.18-19).

O ponto central desta análise não é que devemos praticar para melhorar nosso desempenho de arrependimento a fim de aumentar a possibilidade de sermos perdoados e restaurados por Deus. Em vez disso, o objetivo é mostrar o que constitui o verdadeiro e genuíno arrependimento, que é o único que Deus aceita. O verdadeiro arrependimento é motivado não meramente por um desejo de

escapar das consequências do pecado, mas de uma convicção sobre o próprio pecado. A verdadeira confissão é feita diretamente ao Senhor e busca o perdão de Deus pelo sangue de Cristo, crendo na promessa divina de salvação (1Jo 1.9). O verdadeiro arrependimento não procura justificar o pecado, mas pede apenas restauração, sem se preocupar com a honra e posições terrenas que possam ter sido perdidas por causa do pecado. Provérbios 28.13 nos orienta sobre os benefícios do verdadeiro arrependimento: “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia”.

A rejeição final de Saul

Samuel, falando tanto por si mesmo quanto pelo Senhor, rejeitou categoricamente a confissão superficial de Saul: “Samuel disse a Saul: Não tornarei contigo; visto que rejeitaste a palavra do SENHOR, já ele te rejeitou a ti, para que não sejas rei sobre Israel” (1Sm 15.26). Depois da primeira desobediência de Saul, o Senhor lhe negou a perspectiva de uma longa dinastia. Seu filho Jônatas não se tornaria rei por causa do pecado de Saul (13.13-14). Mas agora o próprio Saul é rejeitado como aquele que serve como rei de Israel em nome de Deus.

Como acontece em toda a Bíblia com aqueles que não conhecem a graça de Deus, são as próprias palavras de Saul que o condenam: “Temi o povo e dei ouvidos à sua voz” (1Sm 15.24). Isso é precisamente o oposto do que os reis devem fazer. Durante o comissionamento de Saul, em 1Samuel 12, Samuel o advertiu a temer o Senhor (12.14), mas, como o próprio Saul reconheceu, ele temeu o povo (15.24). Saul deveria atentar para a voz de Deus (12.14), mas deu ouvidos à voz do povo (15.24). Assim, como Benjamin Franklin observou, “aquele que não consegue obedecer não consegue comandar”.[3]

Tendo rejeitado Saul, Samuel virou-se para ir embora. Mas Saul, desesperado, “o segurou pela orla do manto, e este se rasgou” (1Sm 15.27). Podemos imaginar a cena trágica. O mesmo Saul que havia recentemente levantado monumentos à glória do seu reino agora se agarra ao manto do profeta que havia acabado de removê-lo do ofício. Samuel viu o rasgar de seu manto como algo altamente apropriado à ocasião: “Samuel lhe disse: O SENHOR rasgou, hoje, de ti o reino de Israel” (15.28). Números 15.38-39 ordenava que os israelitas usassem borlas nos cantos de suas vestes “para que, vendo-as, vos lembreis de todos os

mandamentos do SENHOR e os cumprais; não seguireis os desejos do vosso coração, nem os dos vossos olhos". Ao rasgar uma dessas borlas do manto de Samuel, Saul "dramaticamente simbolizou sua quebra do mandamento do Senhor".[4] Tendo rasgado a ordem de Deus, Saul agora seria rasgado pela mão de Deus, que é precisamente o que Samuel havia anteriormente advertido (1Sm 12.15).

O reino não apenas seria rasgado de Saul, mas seria dado a outro, "ao teu próximo, que é melhor do que tu" (1Sm 15.28). Essas palavras formam uma transição em 1Samuel: desse ponto em diante, a narrativa irá se concentrar no chamado e no surgimento do "homem que lhe agrada" (13.14), que é melhor que Saul, a saber, o rei Davi. Samuel testifica que Davi é melhor que Saul depois de explicar que "o obedecer é melhor do que o sacrificar" (15.22). Como veremos, Davi estava muito longe de ser um homem perfeito, mas era um homem de fé obediente, e isso fez toda a diferença entre ele e Saul.

Há outra diferença entre Saul e Davi, a saber, a origem do seu reinado. Saul foi ungido rei quando o povo se rebelou contra o governo de Deus por intermédio dos juízes (1Sm 8.8). Mas Davi, ao contrário, é um rei que Deus provê para si mesmo (veja 16.1). Essa diferença é, provavelmente, refletida na afirmação que Samuel acrescenta: "A Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa" (1Sm 15.29). No capítulo anterior, ressaltamos que, embora Deus pudesse se arrepender de ter constituído Saul como rei, seu arrependimento não é como o arrependimento humano. Deus não é homem para mudar de opinião ou se arrepender, muito embora o Senhor responda à situação do reinado de Saul com arrependimento santo – o próprio sentimento é merecido.

Mas o versículo 29 parece referir-se diretamente à declaração de Samuel sobre o reinado de Davi. Diferentemente do reinado de Saul, que se originou da palavra de homens e, por isso, não durou, o reinado de Davi se originou da vontade de Deus; portanto, o compromisso de Deus com a casa de Davi será inabalável. Enquanto o reinado de Saul, baseado em pessoas, permaneceu condicional diante de Deus porque dependia do desempenho de Saul, o "reinado davídico se basearia no compromisso incondicional de Deus".[5] Essa afirmação é confirmada em 2Samuel 7, em que Deus concede sua aliança a Davi, prometendo estabelecer "para sempre o trono do seu reino" (2Sm 7.13). Como o salmo 132.11 afirma: "O SENHOR jurou a Davi com firme juramento e dele não se apartará".

Podemos ver Saul como representando o princípio das obras da lei de Deus. Estabelecido pela voz do povo, Saul seria aceito por Deus enquanto obedecesse as suas ordens. Davi, por outro lado, representa o evangelho da graça de Deus, e, por isso, é sustentado não pelo seu próprio desempenho, mas pela graça de Deus. Do mesmo modo, Jesus fala de toda pessoa que vá a Deus não pela lei, mas pelo seu evangelho: "A vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6.40).

Saul reagiu a essa notícia de modo caracteristicamente mundano: "Então, disse Saul: Pequei; honra-me, porém, agora, diante dos anciãos do meu povo e diante de Israel; e volta comigo, para que adore o SENHOR, teu Deus" (1Sm 15.30). Nada sabendo sobre a graça de Deus, Saul tentou apenas manter sua aparência pública. Samuel atendeu o seu pedido, ou porque teve compaixão do miserável Saul ou porque se preocupou com o vácuo de poder que poderia surgir se Saul fosse deposto antes que o novo rei fosse revelado. "Então, Samuel seguiu a Saul, e este adorou o SENHOR" (15.31).

O exemplo de fé e obediência de Samuel

A índole de Samuel era bem diferente da de Saul, como fica claro no fim desse capítulo. Enquanto Saul se preocupava somente com sua reputação pública, Samuel olhava para o Senhor como a "Glória de Israel" (1Sm 15.29). Isso nos lembra a promessa de Deus a uma geração posterior: "Eu lhe serei, diz o SENHOR, um muro de fogo em redor e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória" (Zc 2.5). Essa mesma ideia deve ser evidente entre o povo de Deus hoje: a glória que homens e mulheres veem na igreja não é a glória da habilidade do pregador nem a capacidade da igreja de levantar fundos, mas a glória de Deus no meio do seu povo no poder da sua palavra, que é crida e obedecida.

Com essa visão de Deus em mente, Samuel ordenou que o rei amalequita fosse levado à sua presença. Enquanto Saul havia rasgado a borla do manto de Samuel, que simbolizava a lei de Deus, Samuel mostrou seu compromisso espiritual cortando o rei amalequita em cumprimento à ordem de Deus. Agague, vítima de Samuel, esperava que os ânimos tivessem se acalmado: "Certamente, já se foi a amargura da morte" (1Sm 15.32). Samuel o fez lembrar não apenas da antiga culpa do povo, mas também dos seus pecados pessoais: Agague "desfilhou mulheres" e, agora, "desfilhada ficará tua mãe entre as mulheres"

(15.33). Com essas palavras, Samuel cortou Agague em pedaços – revelando a destruição que sofrerá todo aquele que enfrentar o juízo de Deus sem ser perdoado. Agague foi violentamente julgado somente depois de um longo período no qual arrependimento e fé haviam sido oferecidos a ele. Do mesmo modo, Deus está dando aos pecadores um longo tempo para se arrependerem e crerem em Jesus Cristo para salvação. No entanto, quando Jesus voltar, num momento conhecido somente por Deus, “se assentará no trono da sua glória” (Mt 25.31).

O capítulo se encerra com uma informação que mostra a graça no caráter de Samuel. Saul foi rejeitado pelo Senhor, por isso o profeta do Senhor não mais verá Saul. De acordo com os versículos 34-35, Samuel seguiu seu caminho para Ramá, e Saul para Gibeá. Apesar da proximidade entre essas cidades (menos de 16 quilômetros), “Nunca mais viu Samuel a Saul até ao dia da sua morte; porém tinha pena de Saul. O SENHOR se arrependeu de haver constituído Saul rei sobre Israel” (15.35).

Isso nos mostra onde estava o coração de Samuel o tempo todo. O profeta nunca havia torcido para que o rei fosse reprovado. O verdadeiro servo de Deus se entristece por aqueles que permanecem perdidos em pecado, ao mesmo tempo em que trabalham sinceramente para a futura salvação deles. Gordon Keddie escreve: “Nenhum verdadeiro mensageiro de Deus ama trazer uma mensagem de juízo”.[6] Juntamente com Samuel, o próprio Senhor está triste: “O SENHOR se arrependeu de haver constituído Saul rei sobre Israel” (1Sm 15.35). Esse exemplo mostra que os cristãos que olham os perdidos com compaixão e amor, zelosamente estendendo a mensagem de salvação aos pecadores, são aqueles que mais fielmente representam o coração de Deus ao mundo.

O fim miserável de Saul

A rejeição de Saul mostra quanto o rei havia se tornado miserável por causa da sua persistente incredulidade. Podemos avaliar a condição perdida de Saul comparando suas palavras com as palavras de Faraó a Moisés depois que a ira de Deus caiu sobre o Egito. As pragas do Senhor haviam temporariamente quebrado a vontade de Faraó, de modo que ele implorou ao homem de Deus que anulasse o juízo do Senhor: “Pequei contra o SENHOR, vosso Deus, e contra vós outros. Agora, pois, peço-vos que me perdoeis o pecado esta vez ainda e que

oreis ao SENHOR, vosso Deus, que tire de mim esta morte" (Êx 10.16-17). Porém, em nenhum momento Faraó pede perdão a Deus, nem lhe ocorre orar ao Senhor. Do mesmo modo, quando o anjo da morte matou os primogênitos do Egito, incluindo o de Faraó, o rei egípcio encontrou-se com Moisés, apressando-o a deixar a terra. Então ele acrescentou: "Abençoai-me também a mim" (12.32). Faraó havia aprendido a lição óbvia de que o Senhor de Israel é o verdadeiro Deus, mas em nenhum momento entregou-se ao Senhor, adorou-o, renunciou aos falsos deuses ou sequer pediu que o Senhor o perdoasse e abençoasse. Em vez disso, Faraó meramente esperava que os homens que conheciam o Senhor pudessem conseguir uma bênção para ele.

À luz disso, considere as palavras de Saul a Samuel. Ele pede ao profeta: "Perdoa-me o meu pecado e volta comigo, para que adore o SENHOR" (1Sm 15.25). Saul pede a Samuel que o honre "diante dos anciãos do meu povo" e, assim, permita que ele novamente "adore o SENHOR, teu Deus" (15.30). Saul fala de "meu povo" e "teu Deus". Ele era um político insensível, mas não um crente com um relacionamento pessoal com o Senhor.

Muitos observadores perguntam se Saul é um exemplo de um crente que caiu e perdeu a salvação. A resposta é que Saul nunca foi um crente – em nenhum momento há uma evidência clara de que o rei tivesse fé salvadora e conhecesse o Senhor – e, assim, apesar de todos os seus notáveis privilégios e experiências, ele nunca recebeu a salvação, que só vem pela fé. Saul caiu não da salvação, mas da sua posição exterior de privilégio.

Como não confessou seu pecado sinceramente nem se humilhou diante de Deus, buscando perdão e graça – querendo, em vez disso, apenas manter sua reputação –, Saul colocou-se na terrível condição de apostasia. Desse modo, Saul fornece uma ilustração clássica do apóstata descrito em Hebreus 6.4-6. Na linguagem desse livro do Novo Testamento, Saul havia sido "iluminado", isto é, havia visto a luz, mas havia escolhido as trevas; havia provado, mas não comido, o "dom celestial"; havia "se tornado participante do Espírito Santo", sem ser renovado espiritualmente; Saul havia "provado a boa palavra de Deus", não obedecido a ela; e havia provado "os poderes do mundo vindouro", sem jamais confiar na graça salvadora de Deus. Hebreus nos diz que "é impossível" restaurar essa pessoa para o arrependimento (Hb 6.4-6), e, por essa razão, Samuel não se esforçou para restaurá-lo.

Isso apresenta uma grave advertência a todos que professam o cristianismo mas

abusam da graça de Deus. Em O peregrino, John Bunyan descreve um homem numa gaiola de ferro, que havia sido um professor de religião, mas agora estava trancado e desesperado. Quando Cristão perguntou o que havia acontecido, o homem respondeu: “Dei rédea solta às minhas concupiscências. Pequei contra a luz da palavra e a bondade de Deus. Entristeci o Espírito, e ele se foi. Tentei o diabo, e ele veio até mim. Provoquei a ira de Deus, e ele me deixou. Endureci meu coração, por isso não posso me arrepender”.[7]

Mas o que dizer sobre a segurança eterna dos crentes? Jesus não disse que os crentes “jamais perecerão, e ninguém os arrebatará da minha mão” (Jo 10.28)? Mas essa segurança é somente para os crentes. Aqueles que não creem não têm base para a certeza da salvação. Paulo não escreveu que “aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6)? Sim, mas isso é verdadeiro somente para uma obra iniciada por Deus. O reinado de Saul foi uma obra iniciada pelo Israel incrédulo. A graça preservadora de Deus é prometida àqueles que nasceram de novo para uma fé viva e verdadeira. O Saul que se recusou a lidar com Deus, que justificou seu pecado e que só queria os benefícios terrenos do que a religião podia lhe dar nunca foi um crente; portanto, nunca foi salvo.

Precisamos do ensino bíblico sobre a certeza da salvação para aqueles que creem. Mas também precisamos da advertência do rei Saul, para que não endureçamos nosso coração contra o evangelho e soltemos as rédeas das nossas paixões pecaminosas. Assim como precisamos ouvir Jesus dizer que “a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu” (Jo 6.39), também precisamos ler a exortação do apóstolo Paulo de que somos salvos somente se “permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho” (Cl 1.23). Grandes promessas de salvação eterna são feitas aos eleitos de Deus, mas a marca do eleito é a fé em Cristo e seu evangelho. Ninguém que endurece o coração em incredulidade pode se refugiar no ensino bíblico de segurança. Em vez disso, devemos atentar para a grave advertência do rei Saul e ao comentário de Hebreus 6.4-6: “é impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados [...] e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento”. Acima de tudo o mais, então, nunca endureçamos o coração contra a luz que Deus nos dá.

Cyril Barber conta que encontrou uma mulher numa igreja em que esteve como pregador convidado. Ela lhe disse quanto era incrivelmente ativa na igreja e compartilhou sua angústia sobre seu marido espiritualmente negligente. Ela

também confidenciou ter sido atraída por outro homem, que havia conhecido na escola dos seus filhos. “Ele é um cristão, um viúvo”, disse ela. “Eu me encontrei com ele algumas vezes e não consigo deixar de pensar quanto eu seria feliz se... bem, o senhor sabe... se fosse casada com ele e não com Stan.” Ser o pregador visitante permitiu que Barber falasse abruptamente: “Você se envolveu pecaminosamente com esse homem?” “Sim”, ela admitiu e então relatou todo o seu serviço ativo na igreja, o que certamente deveria lhe dar direito a essa indiscrição compreensível. Barber tentou mostrar a ela, na Escritura, quanto eram insensatos e pecaminosos seus pensamentos e ações, mas sem resultado.

Anos depois, Barber voltou à igreja e perguntou ao pastor sobre a mulher. A história era triste. Ela havia se divorciado do marido e se casado com o viúvo. Stan e seus filhos pararam de ir à igreja e tiveram uma vida difícil nos anos seguintes. Enquanto isso, a mulher e seu novo marido foram para outra igreja, onde cantavam no coral. O relacionamento durou alguns anos, até que seu novo marido se divorciou dela. Isso a levou a desaparecer da igreja e a um acidente automobilístico, bêbada, que lhe tirou a vida. Seu primeiro marido e seus filhos voltaram à igreja para um ofício fúnebre privado.

Qual foi o momento-chave nessa terrível progressão? Foi quando essa mulher cristã viu e entendeu a palavra de Deus, mas endureceu o coração e a rejeitou. Ela, pois, tinha suas razões e seus motivos. Por isso, rejeitou a verdade que Deus havia lhe mostrado e caiu numa depravação da qual não encontrou arrependimento.

É sempre tarde demais para alguém se arrepender? Claramente foi para Saul, assim como Hebreus diz que é impossível a pessoa voltar ao lugar onde irrevogavelmente rejeitou a luz. No entanto, a Escritura sustenta a promessa de perdão e salvação para todos aqueles que vão a Cristo com seus pecados. A promessa é: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo” (At 16.31). João exorta: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.9). Mas nós nos arrependemos? Essa é a pergunta. A resposta a essa pergunta determina o destino eterno: estamos dispostos a admitir nosso pecado, abandoná-lo e buscar o perdão oferecido em Cristo? A fé cristã não é uma religião para pessoas que não pecam, mas também não é uma religião para aqueles que não se arrependem.

Samuel sabia – talvez por revelação divina – que Saul havia ido longe demais, por isso não foi mais a ele, apenas sentiu pena. Nós, porém, nunca podemos

saber que alguém está definitivamente perdido. Portanto, devemos continuar a estender a graça do evangelho a corações endurecidos, mesmo quando nos entristecemos pela sua evidente rejeição ao evangelho. Paulo disse a Timóteo que ele devia disciplinar com mansidão os que se opõem “na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade” (2Tm 2.25). Ele escreve em Gálatas: “Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado” (Gl 6.1). O fim miserável de Saul nos impulsiona a guardar no coração a exortação de Paulo, vigiando nossa alma para não nos tornarmos endurecidos na incredulidade. Na sua comunhão na igreja, os cristãos também devem ser fervorosos em oração uns pelos outros e ministrar delicadamente àqueles que podem estar negligenciando a palavra de Deus. O escritor de Hebreus nos orienta: “Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje” (Hb 3.12-13).

1 Agostinho, “Against Faustus, a Manichaean”, em Joshua, Judges, Ruth, 1–2 Samuel, John R. Franke (org.), Ancient Christian commentary on Scripture, Old Testament v. 4 (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), 258.

2 Cyril J. Barber, The Books of Samuel, 2 v. (Neptune, NJ: Loizeaux, 1994), 1:175.

3 Citado em ibid.

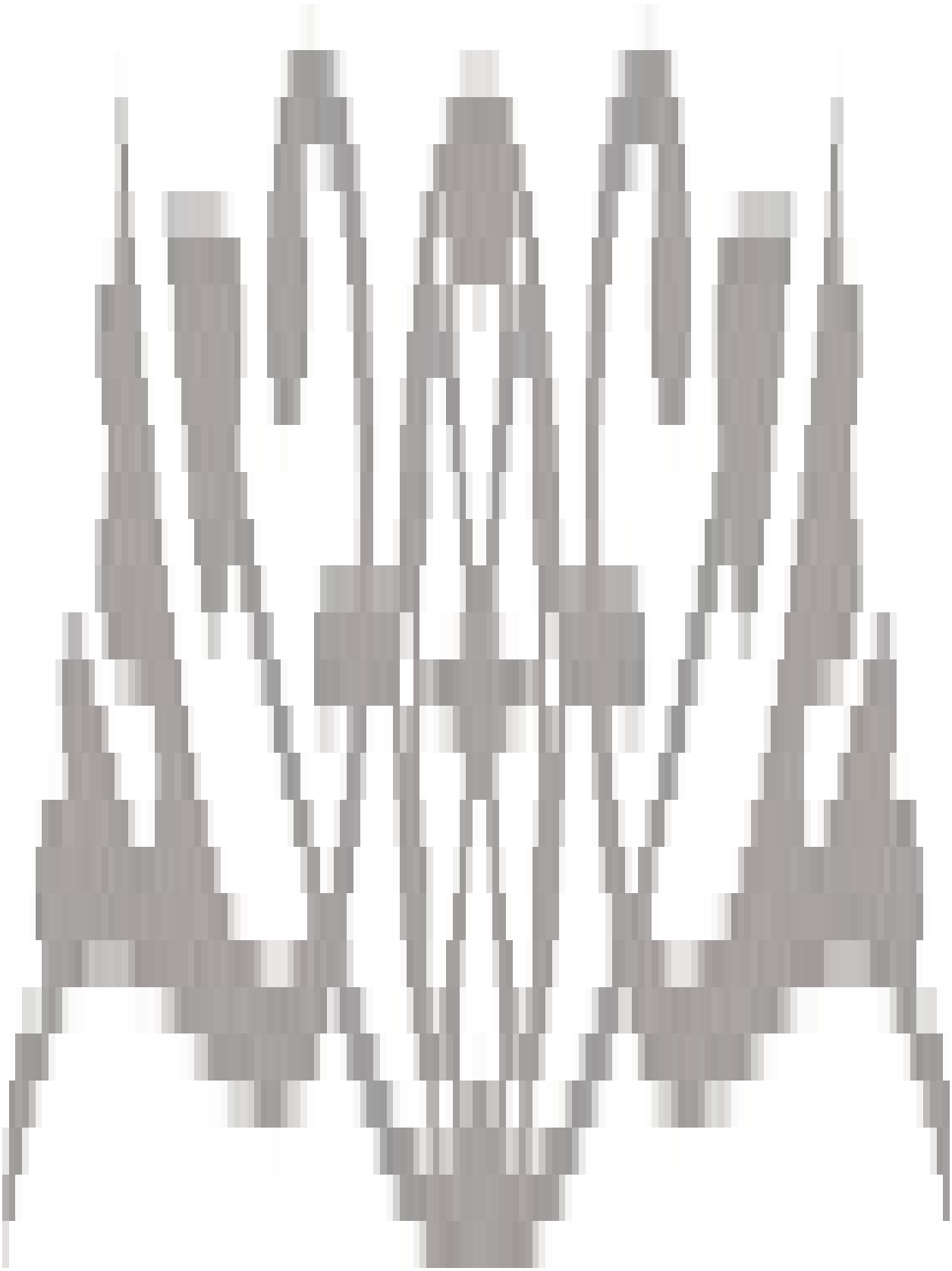
4 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 174.

5 David Toshio Tsumura, The First Book of Samuel, New international commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 408.

6 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 149.

7 John Bunyan, The pilgrim’s progress (Nashville: Thomas Nelson, 1999), 31.

PARTE 3

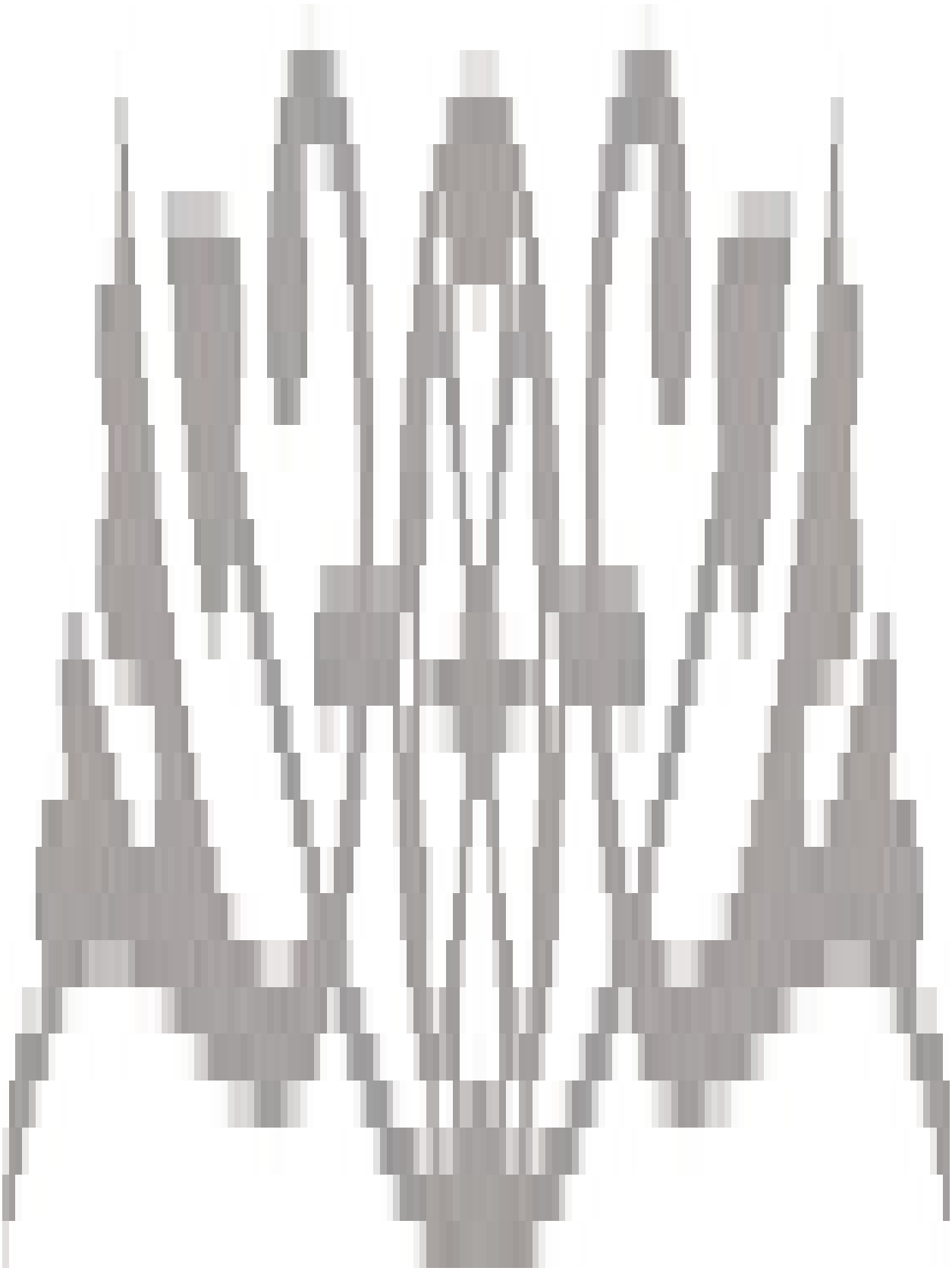


Um homem segundo o coração de Deus

22

OLHANDO PARA O CORAÇÃO

1Samuel 16.1-13



O SENHOR disse a Samuel: Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o SENHOR não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração. (1Sm 16.7)

O capítulo 16 marca uma importante transição nos livros de Samuel, mas, mais que isso, dá início a um dos mais extraordinários relatos em toda a Bíblia ou em qualquer outra literatura. A vinda de Davi foi anteriormente mencionada em Samuel, mas agora o texto sagrado se volta diretamente para a história do grande defensor, poeta, profeta e rei de Israel. Três milênios depois que Davi viveu, sua memória ainda brilha vivamente no coração do povo de Deus e sua paixão e fé continuam a inspirar. Walter Chantry escreve:

Apenas a suprema providência de Deus e as insondáveis profundezas da graça divina poderiam ter concebido e moldado a vida de Davi. Deus fez do filho de Jessé o emblema do ofício real que somente Cristo cumpriria mais gloriosamente. Ele incorporava todas as qualidades de nobreza e graça.[1]

Vestígios da história de Davi podem ser vistos em praticamente todo mito nobre amado pela cristandade, como o do rei Artur e o de Jorge da Capadócia. Porém, nenhuma honra pode ser maior que a dada pelo próprio Deus. Quando o Messias de Israel finalmente surgiu, o Salvador foi identificado como Filho de Deus, que, "segundo a carne, veio da descendência de Davi" (Rm 1.3).

Deus provê um rei

Nenhum autor de peças teatrais poderia sobrepujar a cena inicial, na qual Davi aparece no palco pela primeira vez. Quando a cortina se abre, uma luz opaca revela um homem idoso. Ele é o maior homem de sua época, um dos mais poderosos servos de Deus. Houve uma época em que esse homem foi instrumento de Deus para resgatar seu povo de um de seus momentos mais

tenebrosos. Mas agora Samuel, ex-juiz e ainda profeta, treme e chora. A causa da dor de Samuel é o rei de Israel, a quem, por décadas, Samuel havia tentado servir e ajudar. O rei Saul, escolhido pelo povo por causa de suas qualificações terrenas, provou não possuir nenhuma das qualidades necessárias para liderar o povo de Deus. Saul não obedecia a voz do Senhor, de modo que Samuel foi chamado por Deus para repreendê-lo e rejeitá-lo definitivamente. Por fim, "o SENHOR se arrependeu de haver constituído Saul rei sobre Israel" e Samuel "tinha pena de Saul" (1Sm 15.35).

Talvez Samuel percebesse o que logo ficaria evidente para todos: o rei de Israel estava enlouquecendo. O último encontro amargo que Samuel tivera com Saul havia revelado um espírito mau dentro do rei. Essa situação repugnante parece ter enfraquecido o espírito de Samuel, pois o outrora ousado servo de Deus foi reduzido a dor e medo. Depois de sua grande e longa vida como juiz e profeta de Israel, Samuel foi derrotado pelo pecado que estava em atividade no meio do povo de Deus.

Muitos outros terminaram a vida com o sentimento de dor e medo que Samuel agora sentia, mas o profeta tinha uma grande vantagem em relação a outras pessoas: era um homem que ouvia a voz de Deus. Essa é a vantagem que todo o povo de Deus tem hoje por meio da Bíblia. Aonde vamos para encontrar luz nas trevas? A resposta sempre é a palavra de Deus. Paulo explica o que significa possuir e conhecer a Sagrada Escritura: "Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração" (2Co 4.6, citando Gn 1.3). Assim, na dor Samuel encontra consolo. No medo recebe fé. Nas trevas Deus faz brilhar a luz de boas-novas. Deus disse a Samuel exatamente a boa-nova que ele precisava ouvir: "Me provi de um rei" (1Sm 16.1).

Somos lembrados aqui da soberania de Deus. Assim como Israel era o povo escolhido de Deus (Dt 7.7-8) e os crentes, hoje, são os escolhidos por Deus para a salvação (Ef 1.4), do mesmo modo o rei de Israel deveria ser escolhido pelo Senhor. É digno de nota que a palavra traduzida como "provi" é uma forma da palavra que comumente significa "ver". Por meio da sua provisão soberana, Deus vê o que seu povo que está em trevas não consegue ver, assim como mais adiante veremos que, enquanto o homem só consegue ver as aparências, Deus pode ver o coração. Deus vê o verdadeiro rei que ele desejou porque ele mesmo proveu esse rei: ele é produto da supervisão providencial de Deus e dom de Deus para o seu povo: o rei a quem o próprio Deus escolheu.

Devemos observar dois efeitos dessa mensagem de boa-nova, ambos os quais são comumente vistos quando as boas-novas de Deus são ouvidas e cridas. A primeira era que Deus trouxe consolo para seu povo angustiado. Afinal, Samuel não estava triste por motivos meramente pessoais. Ele não estava deprimido do modo como geralmente ficamos: porque nosso time perdeu, nosso carro precisa de conserto ou nosso estilo de vida não está no nível que gostaríamos que estivesse. Samuel estava triste por causa do pecado do povo de Deus e do sofrimento que certamente viria sobre ele. Samuel estava triste por causa de um homem em quem tinha investido sua vida, o rei da nação santa, que havia deixado claro que seguiria sua própria orientação, à parte da vontade de Deus. Sabemos o que é ficar triste por causa da indiferença a Deus e sua glória em nossa geração, por causa da ignorância bíblica mesmo entre cristãos professos e pela falta de santidade ou zelo por missões dentro de nossas igrejas? Quando Jesus disse "Bem -aventurados os que choram, porque serão consolados" (Mt 5.4), ele estava falando de pessoas que se entristecem de uma perspectiva celestial. Samuel era uma pessoa assim, e, para ele, o Senhor veio com a boa-nova do que estava provendo para seu povo.

Um discernimento que podemos obter desse episódio é que o primeiro sinal de que Deus quer agir misericordiosamente é que ele coloca um sentimento de opressão sobre seu povo por causa do sofrimento do tempo em que estão vivendo. Muitos cristãos hoje perguntam quando Deus vai agir com graça e poder para reverter o colapso espiritual da nossa época. Uma pergunta melhor seria: Nós, que ansiamos por avivamento, sentimos uma opressão de tristeza por causa da incredulidade e do mal? Roger Ellsworth pergunta: "Estamos oprimidos e angustiados pela condição atual da igreja? Até que estejamos conscientes dessa opressão, não precisaremos examinar o horizonte em busca das nuvens negras da misericórdia de Deus. Elas só aparecem sobre a cabeça daqueles que sentem o fardo da época".[2] Saberemos que a opressão de trevas do dia é sentida pelos cristãos quando eles se voltarem para o Senhor com o tipo de oração fervorosa por reforma e avivamento que estão tão em falta hoje.

Com essa tristeza, a vida de Samuel completou um ciclo, pois sua própria história começou com as lágrimas de sua mãe, Ana. O cântico de louvor que ela entoou, quando Deus atendeu a sua oração com a promessa de um filho, estabeleceu o programa teológico para os livros de Samuel, fornecendo um dos principais temas do evangelho. Ela cantou que o Senhor "levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória" (1Sm 2.8). Quando Ana orou, Deus ouviu

e atendeu. Agora, na dor de Samuel pelo povo de Deus, a misericórdia do Senhor veio novamente com a boa-nova de um rei que ele decidiu prover.

As boas-novas de Deus têm o efeito secundário que nós também vemos nessa ocasião: elas desafiam aqueles que viviam em temor a renovar sua coragem em fé.

Deus tinha uma nova missão para Samuel: ele deveria encher o chifre de óleo e ir à casa de Jessé, o belemita, "porque, dentre os seus filhos, me provi de um rei" (1Sm 16.1). Samuel atendeu a esse chamado com um medo quase covarde. Quando nos lembramos de quanto esse profeta havia sido intrépido em muitas ocasiões anteriores, sua reação agora sugere que talvez ele tivesse passado da conta em sua tristeza pelo rei Saul. O Senhor parece repreendê-lo por isso até mesmo quando sua boa-nova traz consolo: "Até quando terás pena de Saul, havendo-o eu rejeitado, para que não reine sobre Israel?" (1Sm 16.1).

Essa repreensão nos lembra que, embora a tristeza seja natural em alguns momentos, ela nunca deve ser tolerada com incredulidade ou medo do homem. Esse parece ter sido o problema de Samuel, pois ele responde ao Senhor: "Como irei eu? Pois Saul o saberá e me matará" (1Sm 16.2). A tristeza de Samuel era claramente imprópria: se ele, um dos grandes e corajosos da fé no Antigo Testamento, reagiu ao chamado de Deus com esse medo, com quanto maior zelo devemos guardar nosso coração contra um espírito medroso de incredulidade?

Em acréscimo a essa reprovação, Deus também ofereceu bondosamente a Samuel um meio para driblar sua dificuldade: "Disse o SENHOR: Toma contigo um novilho e dize: Vim para sacrificar ao SENHOR. Convidarás Jessé para o sacrifício; eu te mostrarei o que hás de fazer, e ungir-me-ás a quem eu te designar" (1Sm 16.2-3). Alguns leitores ficam agitados com o aparente artifício que Deus orienta Samuel a usar para viajar a Belém sob um falso pretexto. O que eles não percebem é que Samuel estava meramente escondendo seu propósito, não negando uma resposta honesta a alguém que tinha direito à informação. Seria perfeitamente legítimo Samuel viajar até a casa de Jessé com um novilho para o sacrifício, e esse era um meio conveniente para evitar problemas com Saul.

Muito embora o Senhor tenha se acomodado ao medo de Samuel, sua mensagem de boa-nova tinha o objetivo de levar seu servo do medo à fé. Pensamos em episódios semelhantes, como quando o gago Moisés recebeu um bastão com o

qual realizar maravilhas diante de Faraó (Êx 4.1-5) ou quando Gideão inquietamente usou a lã não apenas uma, mas duas vezes, para confirmar seu chamado para liderar Israel (Jz 6.36-40). Nesses casos, como aconteceu com Samuel, Deus compensou a fraqueza dos seus servos, mas também levou-os a uma ousadia santa por meio de fé renovada na sua palavra. Do mesmo modo, os cristãos que hoje absorvem as promessas bíblicas da boa-nova em Cristo serão aqueles que serão consolados em sua dor e levados da dúvida medrosa à fé ousada.

Escolhendo entre os filhos de Jessé

Se Samuel havia ficado com medo de viajar até Belém, os homens de Belém ficaram com mais medo ainda ao vê-lo. Essa cidade não ficava no circuito normal de Samuel (1Sm 7.16), por isso "saíram-lhe ao encontro os anciãos da cidade, tremendo, e perguntaram: É de paz a tua vinda?" (16.4). Samuel respondeu: "É de paz" (16.5). Não é dito por que os anciãos ficaram com tanto medo, embora a chegada de um vulto tão grande e santo como Samuel naturalmente provocasse o medo da repreensão de Deus por algum pecado. Mas Samuel explicou que havia ido fazer uma simples inspeção pastoral e dar a bênção do Senhor: "Santificai-vos e vinde comigo ao sacrifício", disse ele (16.5).

Muito provavelmente, Samuel imolou o novilho que havia levado e o ofereceu ao Senhor. A carne, então, podia ser usada para um banquete, que levaria algum tempo para ser preparado. Isso deu a Samuel a oportunidade de realizar a tarefa crucial pela qual havia ido a Belém. Ele pediu para ver os filhos de Jessé, para consagrá-los para o banquete. Quando os filhos de Jessé lhe foram apresentados, o primeiro, e presumivelmente mais velho, Eliabe, era extremamente vistoso. Samuel pensou: "Certamente, está perante o SENHOR o seu ungido" (1Sm 16.6).

De acordo com a resposta do Senhor, o problema de Samuel é visto na descrição de que Samuel "viu a Eliabe e disse consigo" (1Sm 16.6). Ou seja, seu pensamento estava baseado no que ele podia ver. Sem dúvida, Eliabe era muito belo e podia ser dito que "desde os ombros para cima, sobressaía a todo o povo" (9.2). Essas palavras descrevem o que Israel havia visto no rei Saul na última vez que Samuel havia ungido um rei. Esperaríamos que ele estivesse agora atento

contra essa impressão rápida e exterior. No entanto, esse tipo de pensamento é muito comum. Kenneth Chafin escreve:

Como Samuel, também ficamos impressionados demais pelas coisas que podem ser vistas com os olhos físicos. Consequentemente, vivemos num mundo em que a beleza física é mais importante que a profundidade espiritual, em que o sucesso nos negócios e na igreja tende a ser definido em termos materialistas, e em que o carisma é valorizado acima do caráter.[3]

Bem podemos imaginar Samuel pegando seu chifre com o óleo da unção, quando o Senhor lhe disse: “Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o SENHOR não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração” (1Sm 16.7). Aqui, o Senhor repreende toda abordagem mundana de avaliação. “Este é seu problema”, diz ele a Samuel, “você só olha a aparência exterior”. É por isso que tão frequentemente sofremos por causa de má liderança hoje: porque levamos em conta apenas como a pessoa aparenta ser, no cultivo de uma imagem, na prática de declarações inteligentes, na ocultação de motivos desprezíveis – tudo em que os sauls deste mundo são grandes mestres. Deus não fica impedido pelas nossas limitações ou tolices: ele olha o coração e vê a verdade sobre o caráter, a fé, os valores e desejos da pessoa.

Foi por causa desse critério e dessa sabedoria superiores que Deus quis ser aquele que escolheria o rei de Israel. Também é por isso que Deus quer levantar líderes para a igreja hoje pelo seu próprio chamado. Quando as igrejas estão aprovando líderes, precisamos seguir estritamente os critérios dados na palavra de Deus, todos os quais são qualificações espirituais. Na falta da nossa própria sabedoria, precisamos obedecer a palavra de Deus. Ao fazer isso, somos especialmente advertidos contra os atrativos da aparência exterior. Para nós, é muito difícil enxergar através de uma boa impressão cuidadosamente preparada, roupas atrativas ou aparência de sucesso. Seguir as orientações bíblicas não é fácil, e é preciso ter tempo e discernimento para avaliar caráter, valores e crenças verdadeiras (veja 1Tm 5.23-25). Precisamos orar pedindo o auxílio e a sabedoria de Deus e precisamos procurar olhar o coração.

Tendo sido repreendido pelo Senhor, Samuel passou do primeiro filho de Jessé para o seguinte. Abinadabe foi enviado e também foi rejeitado. Depois veio Samá. “Tampouco a este escolheu o SENHOR” (1Sm 16.9). Todos os sete filhos de Jessé colocaram-se diante do profeta, a que Samuel replicou: “O SENHOR não escolheu a estes”. Por isso ele perguntou a Jessé: “Acabaram-se os teus filhos?” (16.11). Afinal, Deus havia lhe dito para ungir um dos filhos de Jessé, mas nenhum havia sido aprovado. Podemos sentir a relutância na conduta de Jessé quando admite que há, ainda, mais um filho: “Ainda falta o mais moço, que está apascentando as ovelhas”. Samuel disse a Jessé: “Manda chamá-lo, pois não nos assentaremos à mesa sem que ele venha” (1Sm 16.11). Samuel sabia como motivar uma ação, e o grupo todo não comeria enquanto esse filho mais jovem não tivesse sido apresentado ao profeta.

Dale Ralph Davis ressalta que o que aconteceu depois “é o material de que as canções são feitas”.[4] Então vem Davi, recém-saído do campo, sem se lavar e ainda com cheiro das ovelhas. Pelo que aprendemos posteriormente sobre sua vida familiar, talvez seus irmãos mais velhos tenham ficado indiferentes, menosprezando-o quando ele se aproximou. Nossa passagem nos diz que ele era “ruivo, de belos olhos e boa aparência”. Logo que ele apareceu, o Senhor disse a Samuel: “Levanta-te e unge-o, pois este é ele” (1Sm 16.12). Assim “tomou Samuel o chifre do azeite e o ungiu no meio de seus irmãos” (16.13). No lugar mais improvável e humilde, Deus havia encontrado o rei de sua própria escolha: o jovem a quem o próprio Deus havia moldado para seu propósito gracioso.

Aprendendo com a unção de Davi

Ao refletir sobre a unção de Davi, precisamos considerar o acontecimento e a palavra de instrução que Deus deu como sua explicação: “O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração” (1Sm 16.7). Primeiro, devemos ver esse acontecimento como uma repreensão da parte de Deus ao princípio que está no cerne da idolatria: o foco na aparência exterior. Não há nada errado numa boa aparência: somos informados de que o próprio Davi era bonito e tinha belos olhos. Mas a essência da questão é o que acontece no coração.

Esse foco no coração é vital, por exemplo, na adoração ao Senhor. Há uma tendência a que a adoração se concentre em aparências e formas corretas. William Blaikie escreve: “Quando tudo está exteriormente correto: a igreja

bonita, a música excelente, o sermão competente, a congregação numerosa e respeitável – essa igreja é tida em alta estima. No entanto, para Deus, talvez ela possa ser pouco satisfatória". O que Deus olha quando seu povo está reunido? Blaikie responde dirigindo-nos ao coração, no qual acontece a verdadeira adoração:

O humilde sentimento de indignidade pessoal, a contemplação do amor divino, a ansiosa espera por misericórdia para perdoar e graça para ajudar, a fé que se apega às promessas, a esperança ancorada dentro do véu, a bondade que respira bênçãos por todos os lados, o amor que suporta todas as coisas, crê em todas as coisas, espera todas as coisas, suporta todas as coisas – são essas coisas, fluindo dos corações da congregação, que dão prazer a Deus.[5]

O que é verdadeiro quanto à adoração é verdadeiro quanto à vida em geral; isto é, devemos nos arrepender da idolatria de "manter aparências". Quantas pessoas na nossa sociedade afundam-se profundamente em dívidas para que seu estilo de vida dê a falsa aparência de prosperidade? Quantos produtos inúteis (ou quase) são apresentados aos consumidores com propagandas falsas ou enganosas? De todas as idolatrias do mundo, poucas são maiores que a idolatria das aparências exteriores. O povo de Deus é chamado a se arrepender desse modo de pensar, que, se continuar, pode colocar em perigo nossa alma. Afinal, na parábola de Cristo, foi o fariseu que foi para casa sem ser justificado porque ostentou sua aparência de justiça perante o Senhor, como se Deus não pudesse ver seu coração impuro (Lc 18.11-14). Ao concentrar-se na sua aparência exterior, ele nunca buscou a justiça que vem somente pela fé em Cristo.

Mais positivamente, recebemos mais instrução pela unção do jovem Davi como rei de Israel. Não sabemos quanto Samuel disse a Davi ou ao seu pai nessa ocasião, mas sabemos que Deus fez Davi ser ungido muitos anos antes de assumir o ofício real. Por que o Senhor fez isso? A melhor resposta é que Deus sabe que chamados importantes exigem preparação prévia.

Independentemente de quanto Samuel disse a Davi sobre o significado da sua unção, Davi voltaria aos seus campos com coisas santas sobre as quais refletir. Saul chegou às suas ambições reais no meio da vida, quando seu caráter e seus

hábitos estavam formados há muito tempo. Davi ainda era jovem, e sua educação numa família piedosa poderia ser dirigida à sua unção para servir ao Senhor.

A esse respeito, não pode ser coincidência que o jovem que Deus estava provendo como rei tenha sido encontrado servindo como pastor no campo. Pastorear era uma ocupação humilde, mas aprovada por Deus e, provavelmente, instilava as mais nobres virtudes. Blaikie escreve: “Os deveres do pastor, vigiar seu rebanho, alimentá-lo e protegê-lo, curar as ovelhas doentes, ligar as quebradas e trazer de volta as que se desviavam, correspondem aos deveres que o governante fiel e piedoso devia cumprir para com o povo submetido ao seu cetro”.[6]

Por fim, o Messias prometido de Deus, seu próprio Filho, assumiria o emblema do pastor para descrever seu governo de amor: “Eu sou o bom pastor”, disse o Senhor Jesus Cristo (Jo 10.11). Quando Jessé e seus filhos mais velhos acharam desnecessário incluir Davi entre os que foram apresentados ao profeta, eles não apenas estavam olhando as aparências, mas também revelaram a mais completa ignorância dos caminhos e desejos de Deus. Longe de ser inelegível por estar cuidando das ovelhas no campo, Davi estava sendo especialmente preparado para ser escolhido por Deus como rei.

Este princípio aplica-se a todos os cristãos: se desejamos ser úteis ao Senhor, devemos nos dedicar a preparar nosso caráter e zelar pelo nosso desenvolvimento espiritual. Nós nos preparamos para servir ao Senhor na escola da Escritura, na disciplina da oração e na prática de servir à igreja de Cristo até mesmo das maneiras mais humildes.

A unção de Davi nos instrui especialmente quanto à preparação de jovens para o serviço cristão. O jovem Davi recebeu responsabilidade e depurou habilidades da vida real que lhe serviriam bem no futuro próximo. Mais tarde, quando Saul tentou negar a Davi o direito de desafiar o gigante filisteu, Golias, Davi respondeu recorrendo à sua experiência como pastor: “Teu servo apascentava as ovelhas de seu pai; quando veio um leão ou um urso e tomou um cordeiro do rebanho, eu saí após ele, e o feri, e livrei o cordeiro da sua boca” (1Sm 17.34-35). Desde a sua juventude, Davi havia sido desafiado a viver sacrificialmente e a realizar tarefas importantes para sua família e para o Senhor. Desse modo, Deus o estava preparando para grandes coisas. Não podemos esperar que Deus, do mesmo modo, empregue nossos jovens se forem desafiados, não meramente a

alcançarem o padrão de “ficar fora de problemas” mas, em vez disso, viverem ousadamente para Cristo em nossa geração sombria?

Outra lição da unção de Davi é vista ao longo de toda a Escritura: o prazer de Deus em elevar servos a partir de lugares humildes. Deus tem prazer em abençoar aqueles que são pobres e humildes no mundo, e aumenta sua glória empregar servos que possuem pouca ou nenhuma vantagem, exceto seu dom gracioso. Encontramos esse princípio afirmado como verdadeiro repetidamente na Escritura, assim como é verdadeiro, em geral, que Deus chama os humildes e pobres para encontrarem sua salvação em Cristo. Paulo nos lembra, sobre os primeiros cristãos, “que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes” (1Co 1.26-27).

Além disso, a unção de Davi nos mostra que as qualidades mais importantes são aquelas que nos recomendam a Deus. Ao escolher líderes espirituais, ao contratar empregados e nas questões pessoais, como a escolha do marido ou da esposa, é urgente nossa necessidade de nos lembrarmos de 1Samuel 16.7: “O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração”. A Bíblia elogia muitas qualidades, como as que encontramos no livro de Provérbios, nas bem-aventuranças e na lista paulina do fruto do Espírito: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5.22). É claro que nenhum de nós chega a alcançar o padrão bíblico. Mas a qualidade que podemos e devemos possuir se quisermos ser fiéis e piedosos servos, empregados, cônjuges, pais e amigos é a disposição e o desejo de obedecer a palavra de Deus. Lembre-se do que Samuel afirmou em sua repreensão a Saul: “Tem, porventura, o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” (1Sm 15.22).

Finalmente, a unção de Davi nos lembra que as qualidades que Deus deseja em seus servos são aquelas que ele concede pelo envio do seu Espírito Santo. É por isso que, depois que Samuel ungiu Davi, “daquele dia em diante, o Espírito do SENHOR se apossou de Davi” (1Sm 16.13). Hoje, o Espírito de Deus trabalha na nossa vida por meio da palavra de Deus e da oração. Jesus prometeu enviar o Espírito a todos os seus discípulos, o consolador divino que os “guiará a toda a verdade” (Jo 16.13) e por cujo ministério “somos transformados” na imagem de

Cristo (2Co 3.18). O modo em que os cristãos crescem em graça e se preparam para o futuro serviço ao Senhor é andando “no Espírito” (Gl 5.16) pela fé em Cristo e em obediência à sua palavra.

Como Davi, como Jesus

A unção de Davi marcou um importante avanço no plano redentor de Deus para a História. Além disso, ela apontou para o maior avanço na salvação oferecida por Deus, que viria com a vinda do seu próprio Filho, Jesus Cristo. De todos os tipos de Cristo no Antigo Testamento – isto é, pessoas, acontecimentos e instituições planejados para prefigurar a vinda de Cristo – Davi é o maior e o mais claro. O fato de Jesus ser conhecido como “filho de Davi” foi planejado originalmente para ser um cumprimento a Jesus, embora, do nosso ponto de vista, o vejamos como um caso de surpreendente graça a Davi.

A escolha de Davi aponta para vários elementos que nos levam à fé em Jesus Cristo. Jesus não foi distinguido pelos seus atrativos exteriores. Ele também não se comportou de maneira a apelar às novidades e modas dos seus dias em Jerusalém. Ele não tomou o caminho esperado de primeiro receber a aprovação dos líderes religiosos. Ele não procurou convencer o povo por meio de eloquência deslumbrante ou pelo uso de expressões cultas. Mesmo quando realizou milagres que revelavam seu poder divino, ele os fazia acompanhar de um ensino que confundia a sabedoria da época. Sua oratória, embora de fato fosse profunda, era dirigida às questões profundas do coração e às inspiradoras realidades de Deus. “Ele conquistava pela gentileza, pela longanimidade, pelo amor, pela simpatia, pela autonegação. Ele impressionava os homens com a glória do sacrifício, a glória do serviço, a glória da obediência [...] à vontade de Deus [...] Ele os inspirava com um amor de pureza de coração.”[7]

E, o mais importante de tudo, Jesus veio para obedecer a vontade do seu Pai. Por essa razão, ele não recebeu as honras do mundo e por essa mesma razão ele recebeu o poder do Espírito Santo de Deus. “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17), disse Deus na ocasião em que o Espírito desceu sobre Jesus como uma pomba. Afinal de contas, Jesus era o Salvador que Deus proveu para seu povo, que traz a salvação que vem de Deus e nos restaura ao favor de Deus.

Como honramos Jesus e confiamos na sua palavra, sigamos seu exemplo em crer em Deus e fazer a vontade dele. Podemos não ter a aprovação do mundo e os métodos mundanos de progresso e sucesso podem nos ser negados, mas, se tivermos a unção do Espírito Santo de Deus, Deus verá em nosso coração as coisas que lhe dão prazer e nos preparará para sermos úteis a ele. E se, como Samuel, ficarmos abatidos e formos derrotados pela influência do pecado e das trevas ao nosso redor, talvez chegando a pensar que estamos perdidos, Deus tem boas-novas para animar nosso coração e nos desafiar a uma nova ousadia em fé. Falando do seu próprio Filho, de quem até mesmo o grande Davi era apenas um tipo e símbolo, Deus diz: “Me provi de um rei” (1Sm 16.1). Crendo em Jesus, nosso verdadeiro Rei, podemos ser elevados em espírito e renovados em fé para servir ao seu reino neste mundo com ousadia.

1 Walter Chantry, David: Man of prayer, man of war (Edimburgo: Banner of Truth, 2007), vii.

2 Roger Ellsworth, The shepherd king: Learning from the life of David (Darlington, UK: Evangelical Press, 1998), 17-18.

3 Kenneth L. Chafin, 1 & 2 Samuel, Preacher's commentary, v. 8 (Nashville: Thomas Nelson, 1989), 122.

4 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 139.

5 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 258.

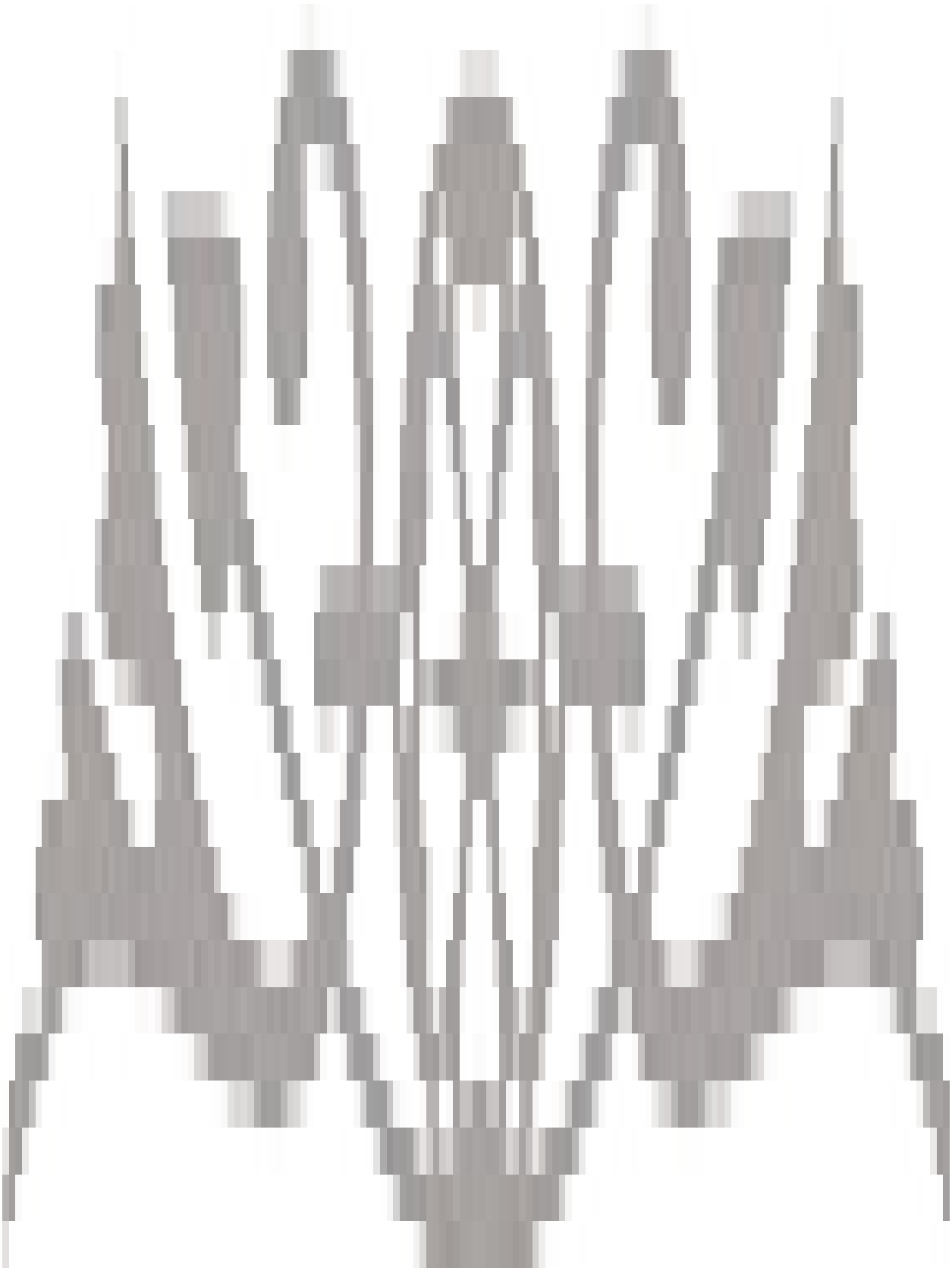
6 Ibid., 260.

7 Ibid., 262.

23

A SERVIÇO DO REI SAUL

1Samuel 16.14-23



Respondeu um dos moços e disse: Conheço um filho de Jessé, o belemita, que sabe tocar e é forte e valente, homem de guerra, sisudo em palavras e de boa aparência; e o SENHOR é com ele. (1Sm 16.18)

Com frequência é dito que “as coisas acontecem por uma razão”. Essa frase não indica necessariamente uma fé bíblica em Deus; pode refletir ideias religiosas orientais de destino ou carma. Mas os cristãos aprendem na Bíblia que essa afirmação é verdadeira. As coisas não acontecem meramente por uma razão em geral, mas os acontecimentos da nossa própria vida acontecem pelos propósitos santos, sábios e infinitamente bons de Deus. As coisas acontecem especialmente para que o plano de salvação de Deus para a História seja realizado por meio do evangelho de Cristo. De acordo com o apóstolo Paulo, tudo acontece “segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11).

Não conseguimos sempre ver a mão soberana de Deus guiando nossa vida, mas o vemos em ação na vida dos grandes vultos da Bíblia. A vida do jovem Davi é um bom exemplo. Davi estava cuidando das ovelhas do seu pai no campo, fora de Belém, quando veio uma convocação para que ele comparecesse diante do profeta Samuel. Quando Davi chegou, o grande líder espiritual o ungiu, derramando azeite sobre a sua cabeça. Isso aconteceu por uma razão: o Senhor havia dito a Samuel: “Me provi de um rei” (1Sm 16.1).

Não somos informados sobre o que aconteceu na vida de Davi imediatamente depois disso. Presumivelmente, ele voltou para o campo, embora possamos imaginar seu pai tendo mais interesse pelo seu filho mais novo e Samuel interagindo com ele quando surgia oportunidade. Mas então uma nova convocação chega a Davi, dessa vez da parte do rei Saul. Quando Davi entrou a serviço de Saul como músico da corte, o jovem pode não ter entendido como ou por que isso estava acontecendo. Mas Davi podia estar certo de que essa convocação havia chegado por uma razão, já que o propósito gracioso de Deus sempre guia os acontecimentos da vida do seu povo. Assim acontece no grande palco da História: foi enquanto a terra estava dormindo que o Filho de Deus nasceu e foi colocado na manjedoura de Belém. Mil anos antes da vinda de Cristo, Deus convocou o jovem Davi de Belém para prestar serviço a Saul.

O espírito maligno de Saul

Quando vimos Saul pela última vez, o rei de Israel havia se envolvido em dificuldades com Deus e com o profeta dele, Samuel. O Senhor havia dado a Saul uma última oportunidade para que ele obedecesse a sua Palavra, mas Saul havia seguido o conselho da sua própria ganância e a do povo, em vez das ordens de Deus. Como resultado, Samuel lhe disse: “Visto que rejeitaste a palavra do SENHOR, já ele te rejeitou a ti, para que não sejas rei sobre Israel” (1Sm 15.26).

Aparentemente, essa exoneração espiritual teve pouco efeito nas questões práticas de Saul e seu reino. Deus havia rejeitado Saul, mas Saul continuou sendo rei. As pessoas hoje, do mesmo modo, tendem a pensar que a área espiritual tem pouca influência nas questões terrenas – coisas como quem está no comando e quem está à frente na vida. Mas a experiência de Saul nos lembra que, de fato, o reino espiritual tem precedência sobre o reino material, e que os arranjos espirituais de Deus infalivelmente determinam consequências terrenas.

A rejeição de Saul por parte de Deus teve dois resultados imediatos. O primeiro foi que retirou-se “de Saul o Espírito do SENHOR” (1Sm 16.14). Saul havia recebido o Espírito de Deus no momento de sua unção por Samuel (10.10). Isso não significa que Saul tivesse sido regenerado para uma fé salvadora, mas que o Espírito de Deus estava lhe dando capacitação sobrenatural para cumprir o chamado que Deus lhe havia dado. Agora, porém, Saul havia sido rejeitado pelo Senhor, e Davi havia sido ungido no seu lugar. Quando Davi foi ungido, “o Espírito do SENHOR se apossou de Davi” (16.13). Ao vir a Davi, o Espírito retirou-se de Saul.

Não sendo mais abençoado com a capacitação sobrenatural da parte de Deus, Saul teria então de enfrentar seus desafios pela sua própria força. Essa retirada nos lembra que não há bênção maior do que a presença do Espírito Santo de Deus no cristão. É pelo Espírito que os pecadores creem em Jesus e recebem a salvação (Jo 3.3-8; 1Co 2.14). No seu ensino sobre oração, Jesus apresentou o Espírito Santo como a maior de todas as bênçãos de Deus. “Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lc 11.13). Nada pode substituir o poder e a bênção do Espírito Santo de Deus. Sem o Espírito, podemos possuir

todas as coisas, mas as teremos sem bênção; com o Espírito, podemos ter falta de tudo o mais, mas seremos cheios da alegria de Deus. Paulo escreveu: “O reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17).

O que é verdadeiro para as pessoas também é verdadeiro para a igreja: nosso ministério não é nada sem o Espírito Santo. O que a igreja pode realizar se tiver os programas mais eficazes, a divulgação mais bem administrada, os músicos mais habilidosos e os mais atrativos pregadores? Essas igrejas podem realizar muita coisa num sentido terreno, mas virtualmente nada de valor espiritual. Ao mesmo tempo, uma igreja que não tem vantagens terrenas, mas ministra fielmente a palavra de Deus, a oração e os sacramentos, pode realizar grandes coisas à luz da eternidade pelo poder do Espírito de Deus. “Sem mim nada podeis fazer”, disse Jesus (Jo 15.5). Podemos fazer muitas coisas sem Cristo, mas, em termos espirituais e eternos, elas não são nada. No entanto, com o Espírito de Deus, diz Paulo, “tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13). Percebendo isso, devemos considerar a retirada do Espírito Santo a maior calamidade possível e a presença do Espírito de Deus o maior auxílio possível. Nada no mundo pode compensar a perda do Espírito de Deus, mas com o poder do Espírito até mesmo a mais fraca pessoa que pertence a Deus pode fazer coisas poderosas.

Foi muito ruim para Saul o Espírito de Deus ter se retirado dele. Mas o segundo resultado da rejeição de Saul pelo Senhor foi ainda pior. Deus também puniu Saul pelos pecados que haviam causado sua rejeição: “Da parte deste [do Senhor] um espírito maligno o atormentava” (1Sm 16.14). Essa afirmação tem incomodado muitos leitores. Isso significa que Deus estava em conspiração com o mal, talvez poderes demoníacos, e que os usava para fazer violência contra seus inimigos?

Comentaristas têm tentado resolver essa aparente dificuldade. Alguns têm argumentado que os escritores do Antigo Testamento tendiam a atribuir tudo a Deus, negligenciando a causalidade humana. Walter Brueggemann reclama que “o mundo da perspectiva bíblica é um mundo sem causas secundárias. Todas as causas são finalmente atribuídas a Deus, que causa tudo”.[1] Por essa perspectiva, Andrew Blackwood argumenta que o que os escritores bíblicos atribuíam a Deus e aos espíritos era, realmente, nada mais do que “aberrações mentais intermitentes”.[2] O problema de Saul, portanto, era psicológico, não sobrenatural. O problema com esse raciocínio é que a Bíblia de fato reconhece causas finais e

secundárias e também contém um entendimento psicológico sofisticado, se não moderno.

Uma segunda abordagem para explicar essa passagem não nega a causa espiritual ou mesmo sobrenatural, mas nega que Deus fosse a fonte. Essa interpretação afirma que a retirada do Espírito Santo apenas abriu o caminho para a aflição demoníaca, uma vez que toda pessoa sem o Espírito "é uma presa fácil para Satanás".[3] O problema com essa explicação é que a passagem afirma explicitamente que o espírito que atormentava Saul era "da parte" do Senhor.

Para entender a passagem, não precisamos entender o espírito como "maligno", mas como "prejudicial" (como a versão ESV a traduz).[4] O espírito – presumivelmente um anjo – não era maligno, mas foi enviado pelo Senhor para causar prejuízo ao rei Saul. Para alguns, isso não parece resolver a dificuldade, pois, quer o espírito em si fosse ou não maligno, ainda temos Deus causando dano a alguém, apesar do ensino bíblico de que "Deus é amor" (1Jo 4.8).

A resposta é que o espírito de prejuízo foi enviado pelo Senhor como um ato de juízo sobre o pecado de Saul. Robert Bergen explica: "O estado torturado de Saul não foi um acidente natural, nem uma condição essencialmente médica. Foi um ataque sobrenatural por um ser enviado por ordem do Senhor, e foi provocado pela desobediência de Saul".[5] A contínua rebelião de Saul contra as ordens de Deus havia causado não apenas sua rejeição, mas também o juízo de Deus na forma do envio desse tormento espiritual enviado pelos céus. Deus é amor; portanto, ele odeia todo mal, incluindo os pecados de Saul. O juízo de Saul é uma advertência quanto ao tormento muito maior que as almas no inferno sofrerão como resultado de uma punição deliberada e, nesse caso, eterna, pelo pecado, imposta por Deus.

Não há dúvida de que o espírito prejudicial de Saul se manifestava em aberrações psicológicas que eram instáveis, hostis e, às vezes, até mesmo perigosas (veja 1Sm 18.10-11). Saul, que havia sido um jovem tão impressionante, tornou-se melancólico e instável. Isso, é claro, foi observado por sua corte. Os seguidores de Saul, então, buscaram uma solução para seu tormento e, sem dúvida, o deles também: "Manda, pois, senhor nosso, que teus servos, que estão em tua presença, busquem um homem que saiba tocar harpa; e será que, quando o espírito maligno, da parte do SENHOR, vier sobre ti, então, ele a dedilhará, e te acharás melhor" (16.16).

Os conselheiros reconheceram que a fonte dos problemas de Saul era sua alienação de Deus: “Eis que, agora, um espírito maligno, enviado de Deus, te atormenta”, disseram eles (1Sm 16.15). Não obstante, a solução deles foi superficial. O toque da harpa era amplamente visto no mundo antigo como eficaz no combate a espíritos maus, e ainda hoje conhecemos o poder calmante da música suave. No entanto, o verdadeiro problema de Saul era seu pecado contra o Senhor. Um conselho espiritualmente salutar orientaria o rei a se voltar para Deus em sincero arrependimento. A graça de Deus está sempre disponível a todo aquele que se arrepender e crer: “Tornai-vos para mim [...] e eu me tornarei para vós outros” é a regra de Deus para pecadores que sofrem angústia e juízo (Zc 1.3).

Conselheiros de mentalidade bíblica parecem ter estado ausentes da corte de Saul, e seus conselheiros só conseguiram pensar num modo de tratar os sintomas psicológicos do que era um problema fundamentalmente espiritual. Gordon Keddie escreve: “Tendo diagnosticado a necessidade de cirurgia do coração, eles então prescreveram um sedativo!”[6] Conquanto devamos reconhecer que nem todas as lutas psicológicas nascem diretamente de raízes espirituais, permanece verdadeiro que o pecado não confessado e sobre o qual não há arrependimento geralmente é a causa de angústia emocional, psicológica e até mesmo física. Mas Saul, sem pensar num plano mais elevado que seus conselheiros, consentiu com o plano deles. Ele ordenou: “Buscai-me, pois, um homem que saiba tocar bem e trazei-mo” (1Sm 16.17).

Davi é convocado para servir a Saul

Foi nesse ponto que a providência de Deus entrou em cena abertamente. Podemos imaginar o burburinho dos conselheiros de Saul perguntando quem trariam para tocar harpa para o rei. Acontece que um deles havia visto “um filho de Jessé, o belemita”, que ele acreditava “saber tocar”. Então, ao pensar nesse filho de Jessé, percebeu quanto seria ideal que o jovem fosse da corte de Saul, descrevendo-o como “forte e valente, homem de guerra, sisudo em palavras e de boa aparência” (1Sm 16.18). Não sabemos quais circunstâncias produziram essa elevada recomendação. Mas sabemos a última coisa que foi dita sobre Davi, que justifica tudo isso: “O SENHOR é com ele” (16.18).

Cada uma dessas afirmações deve caracterizar não apenas Davi, mas todo jovem

ou toda jovem com uma fé viva no Senhor. Primeiro, Davi foi elogiado pela sua coragem e habilidade: “forte e valente, homem de guerra”. Davi não foi criado em tempos de paz. As tropas dos filisteus eram vistas com frequência perto de Belém, uma situação que “podia criar para ele oportunidades para mostrar seu valor de menino”.[7] No próximo capítulo, que conta a famosa vitória de Davi sobre o gigante Golias, Davi observa o rei Saul que havia lutado contra leões e ursos no cumprimento dos seus deveres como pastor (1Sm 17.37). Mais tarde, depois de matar o gigante, Davi levou sua cabeça e a exibiu diante da cidade de Jerusalém, que naquela época era uma fortaleza dos jebuseus não conquistada (17.54). Essa ação nunca é explicada, mas sugere que Davi tinha relações com essa fortaleza inimiga próxima de Belém e havia assumido a responsabilidade de desafiá-la em nome de Israel. Todo esse material descreve um jovem idealista, engenhoso e corajoso, que é exatamente o que uma fé viva no Senhor deve produzir. Nos anos de formação do seu caráter, os jovens cristãos devem começar a participar da guerra espiritual da igreja, levantando-se em defesa do que é certo, orando contra o que é errado e compartilhando com outros a boa-nova de Jesus Cristo.

Em segundo lugar, Davi era “sisudo em palavras”. Isso também deve ser enfatizado na formação de jovens cristãos. A Bíblia consistentemente liga a boca ao coração, de modo que a maneira como falamos indica o teor da nossa vida espiritual. O livro de Provérbios diz que devemos guardar nosso coração como a fonte da vida e, imediatamente, acrescenta: “Desvia de ti a falsidade da boca e afasta de ti a falsidade dos lábios” (Pv 4.23-24). Do mesmo modo, Jesus disse que “a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12.34). A fala piedosa é aprendida por meio da palavra de Deus e é um tema adequado para nossas orações. Davi, assim, pediu ao Senhor: “As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, SENHOR, rocha minha e redentor meu!” (Sl 19.14).

Uma pessoa que é prudente no falar normalmente também possui “boa aparência”, que é o próximo elogio feito ao jovem Davi. Isso parece indicar um comportamento confiante e positivo. Alguns de nós são abençoados com beleza natural, outros não. Mas podemos nos portar com dignidade piedosa e respeito pelos outros, e, se fizermos isso, nossa boa presença indicará a graça de Deus na nossa vida.

Dada essa descrição de Davi, não ficaremos surpresos se descobrirmos que Samuel, o gigante espiritual, estava envolvido em orientá-lo depois da sua

unção. O discipulado piedoso é de grande valor para todo crente, e os jovens devem buscar um modelo primeiro em seus pais e, depois, em outros crentes maduros. Lembramos que havia um legado piedoso na família de Davi. Sua bisavó era Rute, a moabita, e o tipo de lealdade que mostrou à sua sogra, Noemi, é evidenciado na vida de Davi. Seu bisavô foi Boaz, o parente redentor que havia agido com caridade e força ao tomar Rute como sua esposa. Davi pode até mesmo ter morado na casa em que Rute e Boaz haviam morado antes, e seu legado espiritual estaria profundamente gravado dentro dos seus cômodos.

A descrição feita do jovem Davi é um bom programa para a mentoria de qualquer cristão, especialmente de um jovem. O jovem Davi foi descrito como valente, prudente e sereno. A chave para tudo isso, porém, é a última recomendação que é feita dele: "O SENHOR é com ele" (1Sm 16.18). Hoje, na era do evangelho, o Senhor é com todos os que creem em Jesus Cristo, assim como a voz do Senhor é ouvida na sua palavra e a presença do Senhor é sentida na oração do crente. Jesus está presente entre seus discípulos hoje pelo ministério do Espírito Santo; quando estava prestes a ir para a cruz, Jesus disse aos discípulos: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade" (Jo 14.16-17). O caminho para vivenciar o crescimento espiritual e desenvolver um caráter gracioso é abrir nossa vida para a condução do Espírito Santo, em obediência à Escritura, sabendo, pela fé, que o Senhor Jesus está conosco sempre.

Servindo ao rei Saul

Com base nessa notável recomendação, "Saul enviou mensageiros a Jessé, dizendo: Envia-me Davi, teu filho, o que está com as ovelhas" (1Sm 16.19). Ao receber a convocação, o pai de Davi obedeceu, enviando Davi com pão, vinho e um cabrito. Desse modo, "Davi foi a Saul e esteve perante ele" (16.21).

De modo notável, foi por ordem do próprio Saul que o homem ungido por Deus para substituí-lo foi levado à corte real. Lembre-se de que as coisas estavam acontecendo por uma razão. Na presença de Saul, Davi aprenderia questões de Estado e teria oportunidade de refletir sobre a prática da liderança. A mudança de cenário deve ter sido uma grande mudança para o jovem Davi, tirando-o do contexto pastoril fora de Belém para o contexto intenso e espiritualmente diferente da corte de Saul. Se os salmos são uma reflexão, a experiência

aprofundou a fé de Davi e o expôs a amplas variedades de experiência humana, todas as quais podem ser levadas ao Senhor em oração.

O trabalho de Davi era tocar harpa quando Saul ficava mal-humorado, e Davi fazia isso muito bem: “Sucedia que, quando o espírito maligno, da parte de Deus, vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa e a dedilhava; então, Saul sentia alívio e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele” (1Sm 16.23). Saul só podia ser restaurado verdadeiramente pelo arrependimento, mas, enquanto isso, o ministério de Davi ajudava a trazer certa calma ao rei e àqueles que precisavam interagir com ele.

Ver em primeira mão os efeitos do coração endurecido de Saul em relação ao Senhor deve ter causado forte impressão em Davi. Talvez tenha sido a forte advertência recebida nesses dias que tenha feito Davi ser tão disposto, em anos posteriores, a humilhar-se diante de Deus e se arrepender pelos seus pecados. Davi aprenderia o que significa sentir o grande peso da mão de Deus, com o espírito gemendo dia e noite por causa dos seus pecados (Sl 32.3-4). Mas Davi havia aprendido o que fazer quando isso acontecia. Ele relata: “Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: Confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado” (Sl 32.5).

Enquanto isso, Davi era um servo da graça repressora de Deus na vida de Saul. Certo comentarista diz: “Assim Davi estava abençoando Saul e, por meio disso, abençoando Israel. Por causa da presença de Davi, a mente de Saul não era total e completamente incapacitada e os assuntos de Israel não eram completamente imersos em confusão”.[8] Davi deixa um exemplo para os crentes de hoje que se acham trabalhando para um patrão de trato difícil ou que têm pais problemáticos. Mesmo quando se submetem a autoridades superiores, os cristãos podem fazer uma grande diferença, levando luz para as trevas e fornecendo sal para preservar a vida e dar um sabor agradável a qualquer situação (veja Mt 5.13-14). Enquanto isso, Davi era instruído sobre o salário do pecado e o perigo da desobediência ao Senhor, além de aprender como Saul reinava. Sua conduta posterior indica que ele respeitava Saul e aprendeu a ter o ofício real em alta estima. Os cristãos também devem respeitar aqueles que são colocados por Deus como autoridade sobre eles, procurando tirar proveito de seus bons e maus exemplos, e devem se preparar para serviços posteriores, quando aprouver ao Senhor usá-los.

Davi serviu a Saul tão bem que o rei “o amou muito e o fez seu escudeiro” (1Sm

16.21). Não precisamos entender que Saul tivesse uma intensa afeição pessoal por Davi, já que essa afirmação pode significar simplesmente que Saul gostava do que via em Davi. O capítulo seguinte mostrará que, quando se afastava da corte, Saul não reconhecia Davi nem se lembrava do seu nome. O jovem pastor, contudo, havia recebido a posição de escudeiro de Saul, o que fez dele um dos camaradas de armas do rei. Davi, assim, deu vida às palavras escritas pelo apóstolo Paulo, que ensinou que os cristãos devem servir "na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens" (Ef 6.5-7). Os crentes que seguem o exemplo de Davi no local de trabalho geralmente crescem na estima de seus líderes e alcançam posições de maior autoridade e responsabilidade.

"O SENHOR é com ele"

Todavia, o objetivo desse versículo não é apenas apresentar Davi como um exemplo de funcionário. Mais importante que isso, Davi mostra que diferença faz Deus ser conosco. "O SENHOR é com ele" é a declaração decisiva para compreendermos o jovem Davi (1Sm 16.18). De fato, foi por causa de sua fé dada por Deus que Davi serviu como bom exemplo para os cristãos e, mais significativamente, que ele tipificou para nós o caráter e o ministério do Senhor Jesus Cristo. Jesus, também, teve uma vida perfeita, ensinou palavras divinas e realizou milagres poderosos porque o Senhor era com ele. Este é o ensino do primeiro sermão que Jesus pregou: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres" (Lc 4.18, citando Is 61.1).

Deus era com Davi porque o Senhor havia determinado prover para si um rei para governar Israel. Do mesmo modo, Deus era com Jesus Cristo, já que o Pai estava provendo o Filho para ser o Salvador do mundo. Jesus é, de fato, muito maior que Davi, pois não somente o Espírito de Deus estava nele, mas o apóstolo João pôde dizer sobre ele: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1.14). Em Jesus Cristo, não somente o Espírito de Deus se tornou homem, mas, pelo Espírito Santo, o Filho eterno de Deus assumiu carne humana e foi chamado Emanuel, "Deus conosco" (Mt 1.23).

A doce música de Davi conseguia acalmar a mente perturbada de Saul por algum

tempo. Mas a mais doce música já ouvida neste mundo perturbado foi o cântico do anjo anunciando a vinda do Salvador, Jesus Cristo: “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” (Lc 2.14). Jesus não veio somente para nos acalmar na nossa miséria pecaminosa, mas para nos livrar do nosso pecado (veja Mt 1.21). Saul foi abençoado por ouvir a música de Davi, mas errou por não aproveitar esses momentos de clareza para buscar uma cura verdadeira e mais profunda para seus males. É somente crendo no Salvador que Deus enviou que homens e mulheres podem ser abençoados com a paz que só Deus pode dar.

Você está perturbado? Está preso por desejos ardentes e paixões ímpias? Você está preocupado pelas vicissitudes de sua vida ou com a culpa pelos seus pecados? Jesus nos chama para ouvir sua voz e, pela fé nele, receber a verdadeira cura de que nossa alma precisa: ter nossos pecados perdoados, sermos renovados pelo Espírito Santo, sermos aceitos por Deus como filhos amados e receber de Deus o dom gratuito da vida nova e eterna. Jesus, ao contrário de Davi, não apenas possui o Espírito de Deus, mas ele o dá em abundância àqueles que o recebem pela fé. Jesus disse: “As palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (Jo 6.63). A doce música do seu evangelho comunica verdadeira paz à nossa alma perturbada.

Lembre-se: tudo acontece por uma razão. A razão pela qual a mensagem de Cristo é pregada hoje é que muitos que são perturbados pela aflição do pecado ouvirão sua voz, crerão nele e serão salvos. Jesus disse: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.24).

1 Walter Brueggemann, First and Second Samuel, Interpretation (Louisville: John Knox, 1990), 125.

2 Andrew W. Blackwood, Preaching from Samuel (Nova York: Abingdon-Cokesbury, 1946), 123.

3 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 166.

4 Para uma argumentação cuidadosa em favor de um espírito “prejudicial”, ou de “um espírito que produz desastre”, veja David Toshio Tsumura, The First Book of Samuel, New international commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 427.

5 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 182.

6 Keddie, Dawn of a kingdom, 166.

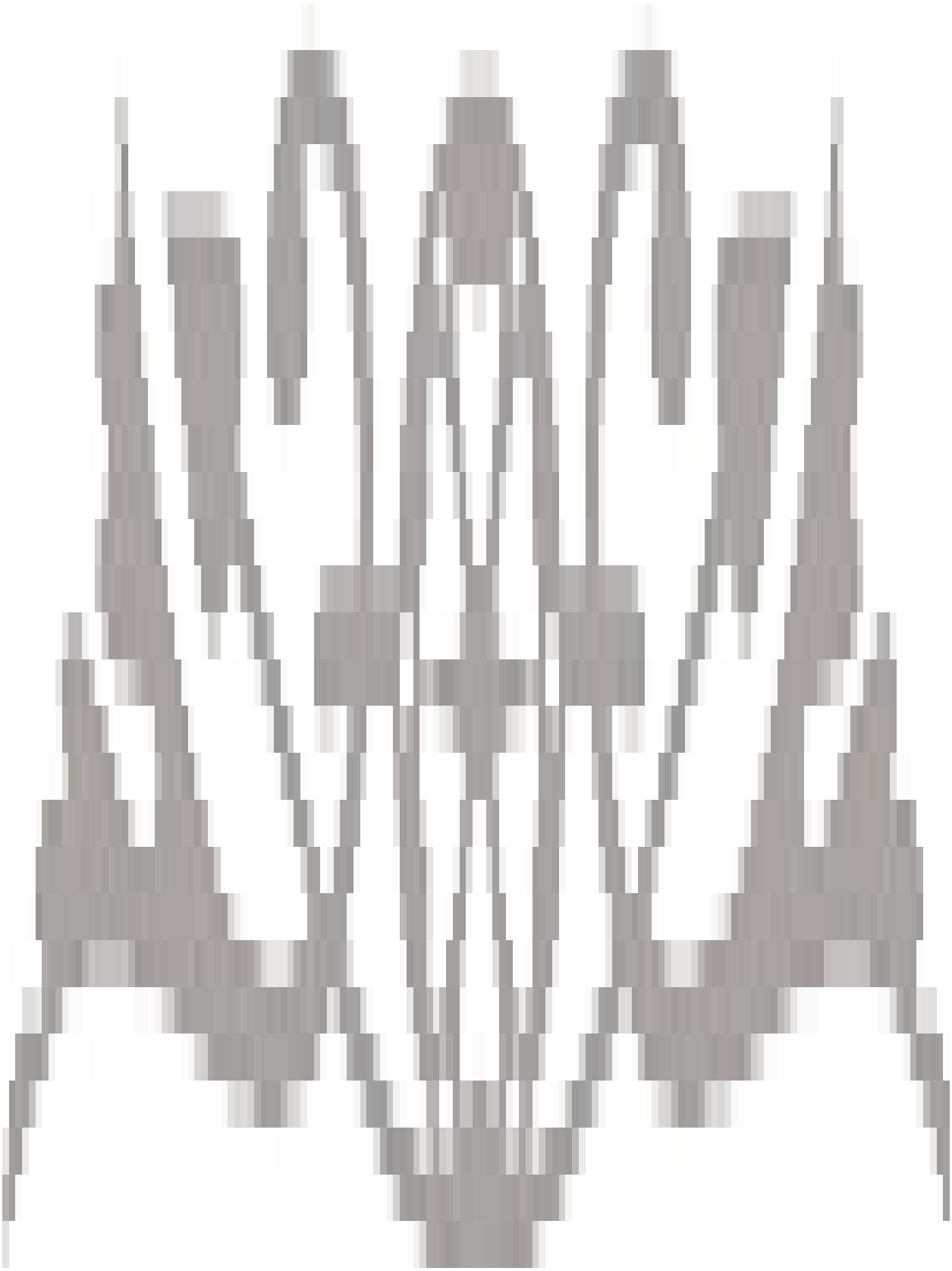
7 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 267.

8 S. G. DeGraaf, citado em Roger Ellsworth, The shepherd king: Learning from the life of David (Darlington, UK: Evangelical Press, 1998), 26.

24

UM HOMEM PARA LUTAR

1Samuel 17.1-30



Disse mais o filisteu: Hoje, afronto as tropas de Israel. Dai-me um homem, para que ambos pelejemos. (1Sm 17.10)

Muitas vezes, a Bíblia ensina questões de fé e virtude pelo uso de contrastes. Isso é especialmente verdadeiro nas narrativas históricas como as de 1Samuel. Diferentemente das epístolas de Paulo, no Novo Testamento, por exemplo, com suas claras afirmações sobre verdade proposicional, as narrativas históricas colocam pessoas diferentes diante de nós, contam-nos suas histórias e nos mostram como Deus interagiu com elas.

De todos esses constrastes, nenhum é mais forte que o que há entre Saul e Davi. Desde o início da unção de Davi, no capítulo 13, ele é apresentado como o oposto de Saul. O capítulo 17, famoso pela batalha entre Davi e Golias, começa com um franco contraste entre Davi e Saul que ocorrerá no restante de 1Samuel. Aqui, no primeiro aparecimento público de Davi, Saul e Davi são contrastados pela resposta que dão ao desafio do gigante filisteu: “Dai-me um homem, para que ambos pelejemos” (1Sm 17.10).

O relato de Davi matando o gigante Golias é um conto clássico, que tem “os ingredientes de drama e exaltação, expectativa e a satisfação do mocinho que derrota o bandido contra todas as probabilidades”.[1] “Davi e Golias” tornou-se um chavão para todo “pequeno” que derrota um inimigo maior e mais forte, seja na guerra, nos esportes, nos negócios ou na política. A preeminência dessa história não é acidental. Esse é o mais longo de todos os relatos de Samuel, que inclui mais citações que qualquer outro (22) e que retrata o mais longo e vívido discurso de um dos inimigos de Israel. Deve-se atentar para os pequenos detalhes, como a quantidade de queijos levados por Davi, as partes e o peso da armadura de Golias, a quantidade de pedras pegas por Davi e assim por diante. Esses detalhes diminuem a marcha de leitura para permitir que o leitor reflita sobre a narrativa “e assim torna a história mais memorável e mais provável de ser estudada mais a fundo”.[2]

Quando abordarmos esse importante capítulo, perceberemos que a vitória de Davi não prenuncia primariamente os triunfos que alcançaremos pela fé, mas a vitória de Cristo para nossa salvação. Davi, como herói e rei, apresenta uma

descrição prefigurada – o que os teólogos chamam de tipo – do seu grande Filho, Jesus. Além disso, embora possamos reconhecer a fé, o caráter, a experiência de pastoreio e a aplicação de princípios bíblicos de Davi como tendo desempenhado um importante papel no seu sucesso, Davi triunfou principalmente porque era habitado pelo Espírito Santo, o Espírito de Deus que "se apossou" dele na sua unção (1Sm 16.13). Assim, as ações de Davi nos lembram que a fé, a bondade e a coragem sempre resultam de uma vida conduzida pelo Espírito e sempre serão usadas por Deus contra nossos inimigos espirituais hoje.

O opróbrio gigante de Israel

No tempo de Saul e Davi, Israel estava cercado de inimigos por todos os lados. Seus principais inimigos eram os filisteus, a oeste, e os amonitas, a leste. As primeiras batalhas de Saul foram contra os filisteus, e, depois da vitória do seu filho, Jônatas, em Micmás (1Sm 14.1-23), os filisteus foram expulsos de Israel e voltaram às suas fortalezas no litoral. No entanto, esses inimigos de muitos recursos não eram facilmente intimidados, por isso voltaram em grande número para fazer guerra contra o reino de Saul. "Ajuntaram os filisteus as suas tropas para a guerra, e congregaram-se em Socó, que está em Judá, e acamparam-se entre Socó e Azeca, em Efes-Damim" (17.1). Essas referências geográficas colocam a linha de batalha cerca de 21 quilômetros a oeste de Belém. Saul mobilizou seu exército para enfrentar os invasores, acampando no "vale de Elá" (17.2). Esse local foi identificado por historiadores e arqueólogos; pelo seu centro passa um profundo desfiladeiro que as chuvas de inverno inundam. Os filisteus avançaram para enfrentar Israel, e as duas forças se encontraram em lados opostos do fosso.

Essa batalha serviria como um divisor de águas para o reinado de Saul, por ser a primeira batalha que ele travaria depois de ter sido rejeitado pelo Senhor e abandonado pelo Espírito Santo. No passado, Saul podia confiar no auxílio de Deus, mas agora Saul e Israel teriam de lidar sozinhos com a situação. Era uma boa coisa, então, que Saul fosse uma pessoa marcante: bonito e "desde os ombros para cima, sobressaía a todo o povo" (1Sm 9.2). Haviam sido essas qualificações que o tornaram tão agradável aos israelitas. O povo de Israel havia exigido um rei "como o têm todas as nações", e uma das coisas que ele queria que seu rei fizesse era "sair adiante de nós e fazer as nossas guerras" (8.20). Quem melhor para isso que o homem com a maior estatura em todo o Israel?

Esses pensamentos podem ter estado na mente de Saul e do seu exército quando as duas forças se aproximavam. Os filisteus tinham armamento superior e normalmente possuíam mais soldados, mas Saul não se assustaria. Graças à sua liderança, à bravura israelita e ao forte terreno defensivo, ele seria capaz de fazer retroceder qualquer ataque pelo vale. Mas então o ruído entre os filisteus começou a diminuir e as colunas se afastaram. Dali saiu a mais recente inovação militar inimiga, um gladiador campeão de proporções gigantescas.

O autor inspirado de Samuel esforça-se para descrever o campeão filisteu. Seu nome era “Golias, de Gate” e a primeira coisa que se observa sobre ele é seu tamanho assustador: “seis côvados e um palmo” (1Sm 17.4). Convertendo essa medida antiga, temos uma altura de cerca de 2,90 metros. Embora o texto nunca se refira a Golias como um gigante, ele não precisa fazer isso: ele era uma montanha humana que ficava muito acima da cabeça de qualquer guerreiro israelita.

Ninguém que esteja familiarizado com a erudição bíblica ficará surpreso ao saber que essa medida foi categoricamente questionada. Essa crítica, aparentemente, é muito antiga, já que, no século 3o a.C., a tradução grega do Antigo Testamento, a Septuaginta, coloca Golias com quatro côvados de altura, o que lhe dá a altura mais crível de 2,05 metros. Mas a menos que trabalhemos com o pressuposto de que as coisas sempre foram como são agora – pois ainda não há registro de qualquer ser humano dessa altura – não há razão para duvidar do texto hebraico. Além disso, a altura de Golias não é incomparável. O Guinness book of world records registra que, em 1940, um homem de Illinóis chamado Robert Wadlow tinha 2,72 metros de altura – apenas 28 centímetros mais baixo que Golias. Hoje, o homem mais alto do mundo tem 2,56 metros.[3]

Também há boas razões bíblicas para levar a sério essa medida. Quando Israel se aproximou da Terra Prometida, no fim do êxodo, Moisés enviou espias para investigar a terra de Canaã. Esses espias relataram ter visto “filhos de Anaque” (Nm 13.22), “povo grande e alto” (Dt 9.2) que aterrorizou os israelitas, tendo vindo dos Nefilins (Nm 13.33). A única outra referência a “Nefilim” vem de antes do dilúvio. Ela diz que havia “gigantes na terra [...] valentes, varões de renome” (Gn 6.4). Como esses gigantes teriam sobrevivido ao dilúvio de Noé é um mistério (embora a grande estatura possa ter ajudado). No tempo da conquista de Canaã por Josué, os anaquins foram expulsos de Israel (veja Js 15.13-14). A única outra referência que temos é a declaração feita em Josué 11.22: “Nem um dos anaquins sobreviveu na terra dos filhos de Israel; somente

em Gaza, em Gate e em Asdode alguns subsistiram". Esse registro se liga ao relato de Samuel, já que o gigante filisteu é identificado como "Golias, de Gate" (1Sm 17.4).

Como geralmente acontece, o debate da crítica dos estudiosos pode nos distrair do ponto central do texto bíblico. Você se lembra por que Saul era tão impressionante para Israel e por que os israelitas o quiseram como rei para sair adiante deles na batalha? A principal característica de Saul era sua grande estatura. Então, Israel e Saul aprenderiam o problema de confiar na força terrena. Se confiar no dinheiro, sempre haverá alguém mais rico. Se confiar na inteligência, sempre haverá alguém mais inteligente. E se confiar no tamanho, sempre haverá alguém mais alto. Golias era muito mais alto que Saul ou que qualquer outro soldado do exército de Israel. Em situações como essa, certamente seria bom poder invocar o Senhor. Mas esse era um privilégio que Saul não tinha mais ou que, aparentemente, nem buscava mais.

Há mais informações na descrição de Golias. Não apenas ele tinha grande estatura, mas sua armadura era intimidadora: "Trazia na cabeça um capacete de bronze e vestia uma couraça de escamas cujo peso era de cinco mil ciclos de bronze. Trazia caneleiras de bronze nas pernas" (1Sm 17.5-6). A menos que as coisas tenham mudado alguns anos antes, a maioria dos israelitas ia para a guerra com pouca ou nenhuma armadura (veja 13.22). Golias, ao contrário, estava coberto da cabeça aos pés. E sua armadura era muito pesada. Sua couraça pesava 5.000 ciclos, isto é, cerca de 57 quilos. Suas imensas pernas eram cobertas com caneleiras de bronze. Golias era efetivamente invencível e, além disso, um escudeiro ia adiante dele. O fato de que um homem era necessário apenas para arrastar o escudo de Golias sugere que ele era de fato muito grande.

Finalmente, somos informados sobre as impressionantes armas de Golias. Ele tinha "um dardo de bronze entre os ombros. A haste da sua lança era como o eixo do tecelão, e a ponta da sua lança, de seiscentos siclos de ferro" (1Sm 17.6-7). A enormidade da lança de Golias é indicada pela sua ponta de ferro de 6,8 quilos. Robert Bergen resume a primeira impressão que Golias deixava como "assustadora e psicologicamente esmagadora",[4] a própria imagem de invencibilidade marcial.

Golias era mais que um espetáculo assustador; era também um especialista em combate corpo a corpo. Golias era "guerreiro" (1Sm 17.4). A expressão hebraica significa, literalmente, "um homem entre os dois". Ele era treinado, equipado e

naturalmente capacitado para se colocar entre exércitos inimigos e desafiar um oponente para um combate corpo a corpo. Essa estratégia tinha a virtude de poupar o grande derramamento de sangue de exércitos que travavam batalha e refletia o pensamento comum de que a batalha era uma disputa entre os deuses das duas nações, já que um combate de apenas dois guerreiros provaria a supremacia de um deus tanto quanto uma batalha completa.

Foi para desafiar os israelitas e seu Deus que Golias havia se apresentado. Ele se posicionou diante das suas fileiras e zombou: “Para que saís, formando-vos em linha de batalha? Não sou eu filisteu, e vós, servos de Saul? Escolhei dentre vós um homem que desça contra mim” (1Sm 17.8). Golias propôs que, quem vencesse esse combate pessoal faria com que o outro exército se rendesse e os soldados se tornassem escravos do vencedor.

Golias representa para nós oposição espiritual a Deus e seu povo, especialmente como manisfesta por Satanás e suas forças demoníacas. A. W. Pink escreve: “Golias descreve para nós o grande inimigo de Deus e do homem, o diabo, que busca aterrorizar e colocar em cativeiro aqueles que levam o nome do Senhor”.[5] Não somente seu tamanho prodigioso reflete o poder de Satanás, mas a zombaria de Golias descreve a hostilidade de Satanás e seu ódio contra o Senhor e seu povo: “Para que saís, formando-vos em linha de batalha? Não sou eu filisteu, e vós, servos de Saul? [...] Hoje, afronto as tropas de Israel. Dai-me um homem, para que ambos pelejemos” (1Sm 17.8-10).

O candidato natural para lutar contra Golias era o rei Saul, já que ir adiante de Israel na batalha era seu dever (1Sm 8.20). Porém, Saul estava espantado e com medo (1Sm 17.11). E o que dizer sobre os muitos capitães valentes de Saul, como Abner, seu filho Jônatas ou um dos outros “valentes” que Saul havia reunido (veja 14.52)? Via de regra, os homens liderados refletem o espírito do seu líder. Aqui temos um problema, pois o Espírito de Deus havia se retirado de Saul e ele havia sido deixado com seus próprios limitados recursos. Quando Saul olhou para Golias com o queixo caído e os olhos arregalados, o exército percebeu que ele estava em pânico. Nenhum deles tinha coragem para responder o desafio de Golias. Provérbios 28.1 diz que “o justo é intrépido como o leão”. Saul provou o oposto, mostrando que, uma vez que a pessoa está afastada de Deus e do seu auxílio, o mundo, com suas ameaças, torna-se assustador, de modo que a pessoa fica facilmente espantada.

O fracasso real de Israel

Tendo em mente a visão de um Saul aterrorizado e desanimado e seu exército recém-criado, outra figura entra em cena. Sua introdução é elaborada cuidadosamente. Alguns estudiosos questionam por que Davi é apresentado de novo, já que suas conexões familiares já haviam sido mencionadas no capítulo anterior, mas há algo importante a ser observado aqui. Enquanto as características físicas do gigante são enfatizadas para nos impressionar, é a linhagem pactual de Davi que o torna especial: “Davi era filho daquele efrateu de Belém de Judá cujo nome era Jessé” (1Sm 17.12). Há os poderes opostos em contenda entre Davi e Golias: força bruta terrena (e talvez demoníaca) versus vínculo pactual com o Deus vivo e verdadeiro.

Comumente, Davi sequer estaria presente nesse campo de batalha, pois ainda não havia atingido a idade exigida para o serviço militar, que era de 20 anos (Nm 1.3,20). Mas a providência de Deus agiu de modo diferente. Os três filhos mais velhos de Jessé estavam no exército, e, naqueles dias, as famílias tinham de dar suporte aos soldados e, em certa medida, ao rei e aos seus oficiais. Por isso Davi foi chamado de seus campos. Embora fosse o mais jovem, sua posição como tocador de harpa na corte de Saul fazia dele a escolha óbvia para levar provisões aos seus irmãos e voltar com notícias do campo de batalha. Assim, Jessé chamou Davi e lhe ordenou que levasse aos seus irmãos “um efa deste trigo tostado e estes dez pães [...]. Porém estes dez queijos, leva-os ao comandante de mil”, e também que trouxesse notícia dos seus irmãos (1Sm 17.17-18).

A experiência de Davi nos lembra que não sabemos quais desafios nos esperam em determinado dia. O pequeno Davi mal sabia, quando “se levantou de madrugada, deixou as ovelhas com um guarda, carregou-se e partiu” (1Sm 17.20) que o desafio que definiria toda a sua vida estava apenas algumas horas à frente. William Blaikie comenta sobre quanto podemos ser esquadrinhados e tentados em determinado dia, perguntando:

Não devemos realmente orar mais, mais sinceramente, se quisermos perceber essas possibilidades? [...] Não é um bom hábito, quando você se ajoelha, toda manhã, pensar: “Pode ser que este seja o dia mais importante da minha vida. Pode me ser dada a oportunidade de prestar um grande serviço à causa da verdade e da justiça; ou a tentação pode me atacar para que eu negue meu

Senhor e perca minha alma. Ó, Deus, não se afaste de mim hoje, prepare-me para tudo o que o Senhor preparou para mim!”[6]

Davi chegou ao campo de batalha justamente quando as tropas estavam assumindo suas posições em lados opostos do desfiladeiro, dando seus gritos de guerra. Nenhum adolescente conseguiria resistir a ir assistir a isso. Por isso, Davi colocou sua carga no depósito de bagagem e “correu à batalha; e, chegando, perguntou a seus irmãos se estavam bem” (1Sm 17.22). Exatamente naquele momento, “vinha subindo do exército dos filisteus o duelista, cujo nome era Golias, o filisteu de Gate; e falou as mesmas coisas que antes falara” (17.23).

Essa cena havia se repetido por 40 dias, cada dia resultando na mesma humilhação para Israel, porque ninguém era suficientemente valente para aceitar o desafio de Golias. A Bíblia usa o número 40 para indicar um período definido de provação – pensamos nos 40 anos de Israel no deserto e na tentação de 40 dias de Jesus – de modo que a chegada de Davi ocorre no momento em que o exército de Israel havia falhado completamente em aceitar o desafio de Golias. Os israelitas haviam tido quase seis semanas para que pelo menos um soldado tivesse coragem suficiente para lutar contra o gigante, e, se até agora ninguém havia se voluntariado, ninguém mais faria isso. Portanto, Davi chegou no momento em que Saul, sem o Espírito, e seu exército desanimado haviam sofrido uma total derrota moral.

Esse fracasso também provou que Israel não tinha fé no seu Deus. O desafio de Golias, no versículo 8, era realmente um teste da confiança deles no Senhor. Roger Ellsworth faz uma paráfrase do insulto de Golias: “Não sou um pagão, um filisteu odiado por Deus? Então por que nenhum dos homens do ‘Deus vivo’ luta contra mim? Vocês realmente não devem crer nele! De fato, vocês acreditam que um guerreiro de 2,90 metros de altura é mais forte que o seu ‘Deus vivo’ quando se trata de uma batalha real”.[7] Esse é o tipo de teste que o mundo tem prazer de fazer com os cristãos, geralmente com uma zombaria semelhante à de Golias: “Sabemos o que vocês ensinam na Escola Dominical, mas vejamos como se comportam quando são confrontados com uma tentação sensual na vida real, ou com uma oportunidade de adquirir riquezas mediante fraude. Vejamos o olhar em seu rosto de louvor a Deus quando você receber um diagnóstico médico terrível ou quando sua carteira de ações virar pó. Vejamos como você reage quando tiver oportunidade de colar numa importante prova da faculdade”. Por

trás de Golias estava o mesmo diabo que faz guerra espiritual hoje. A pergunta é sempre a mesma: “Você realmente confia num Deus amoroso de poder e graça?”

Perceber essa dinâmica espiritual nos ajuda a entender a reação horrorizada de Davi ao que estava diante dele. Essa pode ter sido a primeira vez que Davi ouviu alguém blasfemar o nome do Senhor. Ele sentiu-se mortificado ao ver que “todos os israelitas, vendo aquele homem, fugiam de diante dele, e temiam grandemente” (1Sm 17.24). Talvez embaraçados pelo olhar no rosto de Davi, os soldados se apressaram para justificar sua covardia: “Vistes aquele homem que subiu? Pois subiu para afrontar a Israel” (17.25).

A pergunta óbvia era o que o rei de Israel estava fazendo para responder a essa blasfêmia desafiadora, por isso a resposta de Saul foi relatada a Davi. Embora o rei não arriscasse o pescoço contra o formidável filisteu, ele estava disposto a recompensar ricamente aquele que fizesse isso em seu lugar. Os soldados disseram a Davi: “A quem o matar, o rei cumulará de grandes riquezas, e lhe dará por mulher a filha, e à casa de seu pai isentará de impostos em Israel” (1Sm 17.25). Tratava-se de uma recompensa digna de um príncipe: grandes riquezas, membresia na família real pela mão da filha do rei e isenção vitalícia de impostos e outras taxas para a família. Certamente os homens fariam fila por uma fonte de riqueza como essa.

No entanto, nem um só israelita havia aceitado ser o defensor de Israel. A oferta de Saul mostra que ele havia aceitado o desafio de Golias em princípio. Contudo, Saul não tinha os recursos para aceitar o desafio, pois não tinha um soldado suficientemente inspirado para enfrentar o gigante filisteu. O fracasso real de Saul então é total: ele havia fracassado não apenas no seu chamado para ser o defensor de Israel, mas sua liderança não havia inspirado um único soldado a defender a causa do seu rei, sua nação e, implicitamente, seu Deus.

O verdadeiro problema era que Saul, e, depois dele, seu exército, haviam, de fato, perdido a fé em Deus. Não que formalmente negassem a Deus, é claro. Nada vemos aqui sobre uma sociedade teológica filisteia se formando entre o exército de Israel, nem sobre ofertas a ídolos. Até onde sabemos, Saul e o exército mantinham uma profissão de fé ortodoxa. Mas o teste de fé não é, no fim das contas, um teste de palavras, mas de ação diante de provações terrenas e guerra espiritual. Agimos como quem conhece e serve a um Deus que é maior que qualquer outro poder, a um Salvador que está pronto para nos salvar de todos os perigos? Essa pergunta foi respondida por Saul e seu exército por meio

de seu fracasso em enfrentar Golias, assim como é respondida por todo cristão hoje em suas ações diárias e em sua resposta a ameaças e tentações. O que cremos que é maior e mais forte: o pecado que zomba de nós e o medo que brota em nosso coração ou o Deus cuja fé professamos? Se cremos em Deus, pelo menos iremos ao campo de batalha para provar seu poder de nos preservar do pecado e nos libertar do medo.

A resposta fiel de Davi

Davi parece ter ficado estupefato pelo fato de o rei de Israel não conseguir pensar num incentivo maior para seus soldados do que as riquezas materiais que ofereceu. Afinal, um homem morto não poderia gastar o dinheiro que Saul ofereceu nem desfrutar dos prazeres matrimoniais com a princesa. A resposta de Davi serve como um tipo de confirmação da primeira impressão: “Que farão àquele homem que ferir a este filisteu e tirar a afronta de sobre Israel? Quem é, pois, esse incircunciso filisteu, para afrontar os exércitos do Deus vivo?” (1Sm 17.26).

Essas palavras deram a primeira perspectiva bíblica, teológica, sobre a batalha de Elá. A pergunta de Davi se concentra em ideias-chave que estavam faltando no pensamento de todos os outros: Golias era um “opróbrio” para Israel; o gigante era apenas um “incircunciso filisteu”; e, ao contrário, o Deus a quem Israel servia não era um mero ídolo, mas o “Deus vivo”. Dale Ralph Davis comenta:

Davi traz um mundo totalmente novo. Até esse ponto, a narrativa havia sido “sem Deus” [...], mas agora Davi injeta a pergunta piedosa no episódio. Ter um Deus vivo não faz diferença em tudo isso? Esse sujeito zombou dos “exércitos do Deus vivo”. Se Deus é tão identificado com Israel, você acha que ele é indiferente a esses insultos contra sua reputação? Você espera que um Deus vivo permita que um incircunciso filisteu lance seu nome num lamaçal militar e teológico?[8]

Segundo o entendimento de Davi, não apenas o exército de Israel não precisava se acovardar diante de um guerreiro pagão que negava a Deus, mas, como povo do Deus vivo, não tinha o direito de fugir de medo de Golias. “Em vez disso”, escreve Gordon Keddie, “eles deveriam ter reivindicado a promessa da presença e do poder do Senhor e entrado no campo de batalha com santa ousadia, na dependência do Senhor”.[9]

Quer tenha sido o tom da pergunta de Davi ou sua interposição de verdade bíblica entre esses soldados desesperados e com o orgulho ferido, isso foi mais do que seu irmão mais velho podia suportar. A parte inicial do capítulo conclui com a injusta acusação de Eliabe contra Davi: “Acendeu-se-lhe a ira [de Eliabe] contra Davi”, por isso ele zombou dos motivos de Davi para ir ao campo de batalha: “Bem conheço a tua presunção e a tua maldade; desceste apenas para ver a peleja” (1Sm 17.28). Assim como a fé é desafiada pelos inimigos declarados, como Golias, ela é frequentemente atacada por familiares e amigos que lançam calúnias sobre quem quer que procure honrar a Deus e seguir a fé que professa. Era mais fácil para Eliabe criticar seu irmão do que se arrepender, tendo seu coração endurecido pela reprovação percebida nas palavras de Davi.

A resposta de Davi à situação em Elá nos ensina que os grandes temas da vida são essencialmente teológicos. O que fazemos com nossa vida, como decidimos com quem nos casar, quais prioridades devemos estabelecer ou se damos testemunho do evangelho a amigos e vizinhos revelam o que realmente cremos sobre Deus. Independentemente da nossa profissão de fé formal, se raramente agimos com base na verdade bíblica, mostramos que o mundo exerce mais influência sobre nossa mente e nosso coração do que Deus. Se nos abstemos de fazer coisas difíceis para Deus, mostramos que o imaginamos como fraco, distante ou indiferente.

Além disso, Davi mostra quanto é importante o cristão saber a verdade sobre Deus. Isso aponta para uma grande tragédia na igreja hoje, pois, no exato momento em que um exército de golias culturais e espirituais está atacando a igreja, os cristãos estão sendo informados – geralmente do púlpito – que a teologia não tem relevância para a vida. No exato momento em que os crentes mais precisam usar sua mente e mais precisam da força que vem da verdade bíblica, os cristãos conhecem cada vez menos sua Bíblia e as igrejas não se importam em ensinar a palavra de Deus. Assim como Davi foi atacado pelo seu irmão por causa de sua perspectiva teocêntrica sobre o guerreiro filisteu, aqueles que chamam a igreja para renovar uma teologia teocêntrica são rotineiramente

castigados por outros cristãos e tachados de arrogantes e intrometidos.

Mas como os jovens, hoje, podem resistir às tentações gigantes que enfrentam e aos ataques radicais sobre sua fé se não estiverem solidamente firmados na verdade bíblica? Quantos cristãos sofrem dúvida e medo, pensando que Deus é insensível, indiferente ou condenatório por causa de seu desempenho espiritual fraco, apesar do claro testemunho que a Bíblia dá da graça abundante de Deus e do prazer que ele tem por seu povo em Cristo? Quantos crentes, assim, são capazes de se manter firmes no seguro conhecimento do poder prometido de Deus sobre o pecado?

Essa ênfase sobre a fé e a verdade é vista no ensino do apóstolo Paulo sobre batalha espiritual. Tendo lembrado aos crentes que enfrentamos poderes hostis no reino espiritual, Paulo nos estimula: “Tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis” (Ef 6.13). Sem nos estendermos sobre detalhes das várias peças da armadura de Deus, podemos observar que ela está centrada na fé na palavra de Deus: “cingindo-vos com a verdade [...] couraça da justiça. Calçai os pés [...] do evangelho da paz [...] o escudo da fé [...] o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef 6.14-17). Armado com a verdade e fortalecido pela fé, Davi conseguiu permanecer firme contra o gigante filisteu. Golias havia desafiado Israel, pedindo um homem para combatê-lo, e apenas Davi estava disposto a responder a essa provocação porque ele conhecia sua Bíblia e conhecia seu Deus.

Lutando com fé

Lembre-se da mensagem do capítulo 16: “O SENHOR não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração” (1Sm 16.7). À essa luz, podemos interpretar a saga de Golias como uma ilustração estendida do princípio estabelecido em 1Samuel 16.7. A descrição que o autor faz do campeão filisteu é a descrição mais detalhada de um guerreiro na Bíblia. O objetivo é mostrar quanto ele era assustador, e a pergunta era se o povo de Deus olharia para ele através da fé em Deus ou não.

Podemos aplicar essa passagem perguntando: Que aparências tem a tendência de nos assustar e desfazer nossa fé? Somos dominados pelo que os outros pensam a

nosso respeito? Somos vencidos pelas circunstâncias e pelos seus efeitos aparentes? Deixamos de obedecer a Deus, rejeitar o pecado e dar testemunho de Cristo por temer o gigante da hostilidade do mundo? Confiando no Deus que conhecemos pela Bíblia, Davi nos desafia a não nos acovardarmos diante dos golias que podemos enfrentar, mas a permanecer firmes e a dar um passo à frente em nome do Deus vivo e no poder do Espírito que ele enviou.

Podemos abordar nossos desafios com fé não meramente porque temos o exemplo do jovem Davi, mas primariamente porque temos a obra salvadora de Cristo aplicada em nosso favor. Se Davi ficou incomodado com as provocações de Golias, o Filho de Deus ficou ainda mais angustiado pelo reino do pecado, o desconforto do povo de Deus e o insulto à honra de Deus por meio do poder de Satanás e do pecado. Armado com o nome do Senhor ainda mais potentemente que Davi em sua batalha contra Golias, Jesus derrotou nossos inimigos. Ao ir para a batalha sem armadura, Davi estava se oferecendo como uma espécie de sacrifício a Golias, se essa fosse a vontade de Deus. Contudo, somente Jesus pôde servir como o verdadeiro sacrifício, e foi pela morte do filho de Deus que a própria morte foi derrotada.

Falando do triunfo de Cristo por meio da cruz e do túmulo aberto, Paulo lançou os insultos de volta nos dentes dos inimigos de Deus: “Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 15.54-57, citando Is 25.8). Davi viu o gigante como um inimigo impuro que certamente seria vencido se apenas alguém desse um passo à frente, confiando no Senhor. Porém, olhamos para Satanás, o pecado e a morte como inimigos que foram derrotados pelo triunfo de Jesus em sua morte e ressurreição. Quando o povo de Deus crer nessas verdades do evangelho, os golias da nossa época não deixarão de ter homens e mulheres para lutar contra eles no poder de Deus, que derrubará gigantes ainda hoje.

1 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 301.

2 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 188.

3 Esta informação foi extraída de www.guinnessworldrecords.com, acessado em 22 de agosto de 2009.

4 Bergen, 1, 2 Samuel, 189.

5 A. W. Pink, A life of David, 2 v. (Grand Rapids: Baker, 1981), 1:31.

6 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 281.

7 Roger Ellsworth, The shepherd king: Learning from the life of David (Darlington, UK: Evangelical Press, 1998), 30.

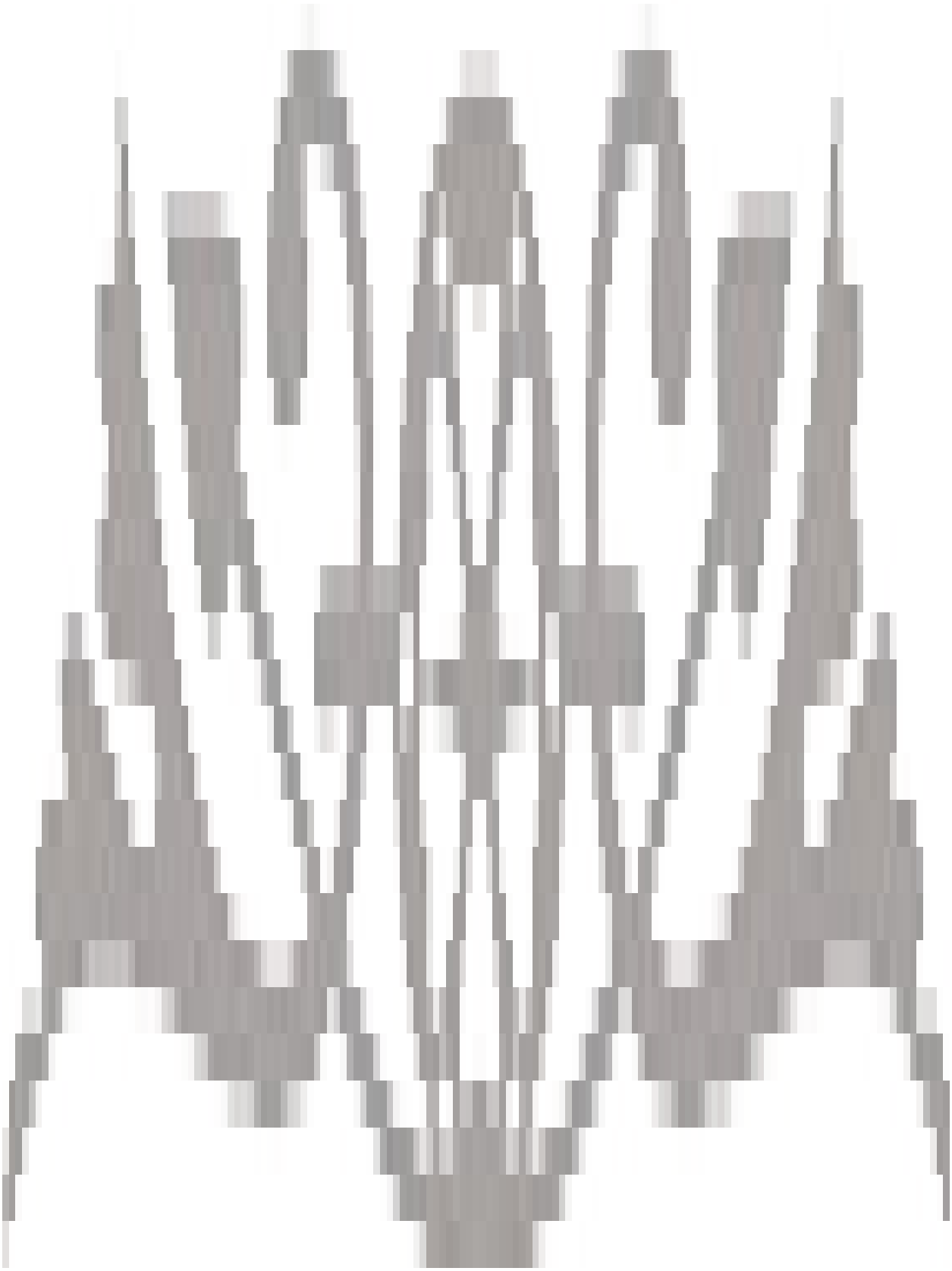
8 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 149.

9 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 169.

25

A ARMADURA DO REI SAUL

1Samuel 17.31-40



Davi cingiu a espada sobre a armadura e experimentou andar, pois jamais a havia usado; então, disse Davi a Saul: Não posso andar com isto, pois nunca o usei. E Davi tirou aquilo de sobre de si. (1Sm 17.39)

Antes de Golias, havia o rei Saul. Isto é, antes de lutar contra o gigante filisteu, Davi tinha de vencer seu próprio letárgico e incrédulo rei. Saul era, afinal, o Golias de Israel: o alto e impressionante campeão, aquele cuja bravura alcançaria a vitória. Mas Saul havia sido superado pelo gigante filisteu, e agora estava acovardado, com medo. Por isso, assim como Davi teve de passar primeiro pela crítica do deboche do seu irmão (17.28), ele também teria de suportar o cinismo do rei para ter a oportunidade de enfrentar Golias. Do mesmo modo, aqueles que quiserem lutar contra os inimigos do Senhor devem, primeiro, vencer a dúvida e o ceticismo dos seus familiares e amigos.

Muita coisa estava em jogo quando Davi respondeu a ordem de comparecer perante o rei Saul. O exército de Israel tremia diante do incircunciso filisteu e parecia que nem sequer um homem de fé defenderia a honra do Senhor. As promessas de Deus para Israel haviam sido repentinamente anuladas? Esse poder hostil era grande demais para o Senhor da aliança? Davi respondeu com um ressoante “não” – mas primeiro tinha de convencer o rei Saul de que realmente havia um defensor em Israel.

Saul havia ouvido falar de como Davi havia se sentido afrontado pelo desafio filisteu e enviou ordens para que Davi comparecesse à sua presença. Compareceu à sua presença um jovem que nem mesmo estava vestido para a batalha, usando as roupas de um pastor que havia vindo direto dos campos. No entanto, parece que seu zelo e sua confiança superavam sua aparência. Foi Davi quem falou primeiro, o verdadeiro líder ungido respeitosamente colocou de lado o protocolo quando se dirigiu ao governante fracassado. Dirigindo-se ao rei, Davi assegurou-lhe: “Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele; teu servo irá e pelejará contra o filisteu” (17.32). Matthew Henry resume a cena: “Um pequeno pastor que chegou de manhã diretamente do cuidado com as ovelhas tem mais coragem que todos os homens poderosos de Israel”.[1]

A disposição de Davi para a batalha

Davi podia ter coragem, mas ainda precisava da aprovação do rei antes de enfrentar o gigante filisteu. Porém, Saul não ficou impressionado com o que viu: “Contra o filisteu não poderás ir para pelejar com ele; pois tu és ainda moço, e ele, guerreiro desde a sua mocidade” (1Sm 17.33). A Saul, de modo totalmente compreensível, a ideia de esse jovem duelar com Golias era absurda. Saul pode ou não ter reconhecido Davi como o harpista cuja música acalmava sua alma, mas o campo de batalha era um local totalmente diferente da sala do trono, e a ousadia de Davi estava tomando o tempo do rei.[2]

Primeiro, Davi deve enfrentar a questão da sua disposição para a batalha. Saul declarou-o obviamente desqualificado. Davi não podia lutar contra Golias porque um menino não pode fazer o trabalho de um homem – e lutar contra Golias era, definitivamente, o trabalho de um homem. Lendo um pouco adiante, percebemos que Saul expressa a mesma opinião que Golias expressaria depois, ao ver Davi como um garotinho (1Sm 17.42-43). Saul e Golias tinham muito em comum, incluindo o modo ímpio de ver que só observa a aparência. O gigante se apoiava na sua aparência para amedrontar e dominar seus inimigos. Saul olhava para a aparência de Davi e enxergava qualquer coisa, menos um guerreiro. “Davi não parecia um herói; por isso, não devia ser um.”[3] Velhos hábitos morrem com dificuldade, e Saul era simplesmente incapaz de enxergar além da aparência externa, incapaz de ver o coração de Davi.

Davi, com comportamento respeitoso diante do rei, questionou essa avaliação fraca da sua aptidão. Ele afirmou que sua experiência como pastor foi subestimada no que se refere a prepará-lo para a batalha.

Respondeu Davi a Saul: Teu servo apascentava as ovelhas de seu pai; quando veio um leão ou um urso e tomou um cordeiro do rebanho, eu saí após ele, e o feri, e livrei o cordeiro da sua boca; levantando-se ele contra mim, agarrei-o pela barba, e o feri, e o matei. O teu servo matou tanto o leão como o urso (1Sm 17.34-36).

Quer o leão ou o urso tenham tentado roubar uma das ovelhas de Davi quer tenham se voltado contra o pastor para tirar sua vida, ele havia matado os

animais e levado a ovelha de volta em segurança.

Muitas pessoas não conseguem aprender lições com sua própria experiência, ou até aprendem lições erradas, por isso é importante o modo como refletimos sobre nossas ações passadas. Davi podia ter extraído das suas experiências uma confiança arrogante em si mesmo. Inicialmente, pode parecer que, ao falar desse modo, ele estava dizendo: “Golias não é diferente dos leões e ursos que enfrentei. Posso vencê-lo do mesmo modo que os matei”. No entanto, essa não foi a atitude de Davi: ele havia aprendido a confiar não em si mesmo, mas no Senhor. Na verdade, Davi via o guerreiro filisteu como pouco mais que um animal – ele disse que “este incircunciso filisteu será como um deles” (1Sm 17.36). Mas ao defender as ovelhas do seu pai ele havia percebido que era Deus que estava com ele, protegendo-o, e foi Deus quem lhe deu sucesso na luta. Esta é a lição que Davi aplica a esse novo desafio: “O SENHOR me livrou das garras do leão e das do urso; ele me livrará das mãos deste filisteu” (1Sm 17.37).

Davi mostra como devemos usar nossas experiências passadas da fidelidade de Deus para encorajar nossa fé no futuro. Dale Ralph Davis comenta: “Olhar para trás com fé nos capacita a seguir adiante em fé [...] O que Yahweh fez no deserto de Judá ele fará no vale de Elá”.[4] É assim que nosso estudo bíblico deve fortalecer nossa fé: não apenas olhamos para o que Deus fez por nós pessoalmente, mas vemos na Escritura quanto ele foi fiel ao libertar seu povo repetidamente, contra os mais extremos perigos, e somos encorajados a confiar no Senhor em nossas próprias batalhas em seu nome.

A disposição de Davi para lutar contra Golias era decorrente da sua experiência de lutas passadas, mas consistia da sua certeza de que o poder e a boa vontade de Deus o salvariam do seu inimigo ímpio. Aqui está a mensagem do evangelho de Davi para o incrédulo rei Saul: “O SENHOR me livrou das garras do leão e das do urso; ele me livrará das mãos deste filisteu” (1Sm 17.37). A. W. Pink comenta: “A linguagem usada [por Davi] na presença do rei não era a bravata de um fanfarrão, mas o testemunho de um homem de fé honrando a Deus”.[5]

Enquanto Saul definhava em desespero, enxergando a situação somente por meio de suas aparências, Davi olhava para o gigante com os olhos da fé e pelas lentes das suas próprias experiências, validadas pelo testemunho da Escritura. A experiência de Davi lhe ensinou a crer nas antigas histórias de poderoso livramento de Deus – histórias que Saul havia esquecido ou que ele desprezava. Davi via as coisas teologicamente, pela perspectiva de Deus, e sua fé o deixou

pronto para enfrentar o gigante na batalha. Uma perspectiva semelhante sobre nossa própria situação e uma confiança no Senhor baseada na fidelidade dele demonstrada na nossa própria vida nos prepararão para ficar firmes na batalha contra os inimigos espirituais de amanhã.

Juntamente com a fé de Davi, outro elemento mostrava sua disposição para travar as batalhas do Senhor. Para vê-lo, precisamos voltar ao desprezo inicial de Saul: “És ainda moço” (1Sm 17.33). Saul descartou Davi por causa da sua fraqueza, mas essa fraqueza, associada à grande fé, capacitava Davi especialmente para lutar contra o inimigo de Deus. Talvez por ser o caçula de muitos irmãos, o negligenciado, enviado para cuidar das ovelhas, Davi tenha se voltado para o Senhor para sua esperança e salvação. Sendo o membro menos importante da sua família e possuindo poucos privilégios, Davi teve de perceber que precisava de um Salvador. Essa consciência o levou à fé, e, paradoxalmente, sua fraqueza acabou tornando-o forte. K. Scott Oliphint escreve:

É assim conosco. Se pensarmos que somos capazes, em nós e por nós mesmos, de travar as batalhas do Senhor, perdemos a batalha. O Senhor usa os fracos do mundo para envergonhar os fortes: ele usa os simples para confundir os fortes e poderosos. Ele faz isso, como Paulo nos lembra, para que ninguém tenha ocasião de se orgulhar (1Co 1.27-29).[6]

As razões de Davi para a batalha

Se desejarmos travar as batalhas do Senhor hoje, não é suficiente que estejamos dispostos. Também devemos entrar na batalha pelas razões certas. Assim como Davi, o jovem pastor, diferia do rei Saul na sua disposição – Davi era qualificado para lutar pela sua fé, não pela sua estatura – também diferia de Saul quanto às suas razões para lutar contra o filisteu. Davi deixa claro seu raciocínio: “Este incircunciso filisteu [...] afrontou os exércitos do Deus vivo” (1Sm 17.36).

A primeira razão que Davi apresenta para lutar contra o filisteu é sua afronta pelo desafio pagão e idólatra contra o Deus vivo e verdadeiro. Em outras palavras, Davi foi motivado por um interesse zeloso pela glória e pela honra de Deus. Davi estava assustado com Golias, mas por uma razão diferente da de

todos os outros: ele estava estupefato não que alguém fosse tão grande, mas que o incircunciso filisteu pudesse desafiar daquela maneira a glória de Deus. Além disso, o gigante havia desafiado a fé de Israel no Senhor, como se o povo de Deus temesse mais a Golias que ao Senhor. Isso era uma afronta ao Deus vivo, um ataque ao nome pactual de Israel e uma causa que o Senhor certamente tomaria para si quando Davi colocasse o filisteu no seu devido lugar, a saber, na sepultura. Assim, quando Davi finalmente ficou diante do gigante, seu desafio ressoou com paixão pela glória de Deus: "Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado" (1Sm 17.45).

Observe que Davi não menciona a Saul o grande tesouro que ele havia prometido a quem matasse o gigante. À luz do interesse de Davi pela honra de Deus, as recompensas de um grande tesouro, um casamento real e privilégios familiares simplesmente não tinham lugar na sua mente. Mesmo nesse momento, diante do rei, não há um lembrete "a propósito" da recompensa prometida por Saul. Essa batalha simplesmente não tinha a ver com Davi: sua preocupação não era com sua segurança nem com seu posterior progresso. "O desafio de Golias era um desafio à glória, ao poder e à honra do Senhor dos Exércitos",[7] e somente por essa razão Davi estava determinado a matar o inimigo e ver a glória de Deus corretamente restaurada.

Esta é a primeira motivação do próprio Deus na nossa salvação: revelar a glória da sua graça. Paulo escreve que Deus "nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado" (Ef 1.5-6). Somos redimidos dos nossos pecados, acrescenta Paulo, "a fim de sermos para louvor de sua glória" (Ef 1.12). É consolador pensar que o propósito principal e primário da nossa salvação é a glória de Deus, porque a glória de Deus é uma causa em que podemos crer. Assim como "o fim principal do homem é glorificar a Deus",[8] do mesmo modo o fim principal de Deus é sua própria glória, e nós, que olhamos em fé para Cristo, podemos ficar confiantes da nossa salvação final porque ela é para louvor da maravilhosa graça de Deus. Como disse Martyn Lloyd-Jones:

Todo o propósito da sua salvação e da minha é que glorifiquemos o Pai. [...] Pessoas vêm a mim e falam comigo, e geralmente dizem o seguinte: "O que a

salvação fará por mim?". A resposta que é comumente dada em nosso evangelismo é: "Creia no evangelho, e isso fará coisas maravilhosas para você". Eu digo que dou graças a Deus porque isso é verdade, mas, meus queridos amigos, não devemos colocar isso em primeiro lugar. O alvo máximo e o objeto de nossa salvação é que possamos glorificar a Deus. [...] A essência da salvação é nos colocar no estado em que glorificamos a Deus.[9]

Portanto, observe que embora Davi estivesse angustiado pela covardia de Israel, ele não deu sinal de querer que Israel fosse glorificado pela sua vitória. Assim também, no nosso labor espiritual, não devemos ser motivados por ganho pessoal, ou pelo prestígio da nossa igreja, ou pela nossa posição teológica, ou mesmo pela reputação dos cristãos em geral. Devemos lutar pela verdade de Deus porque aqueles que desafiam a palavra de Deus afrontam a glória de Deus. Lutamos para defender o nome de Deus e promover sua glória no mundo. Ao fazer guerra por essa razão, podemos estar tão confiantes quanto Davi que Deus tem o poder de matar Golias.

Outra razão pela qual Davi quis lutar foi para livrar o povo de Deus do perigo. Afinal, ele era um pastor e o rebanho de Deus estava intimidado, afligido e prestes a ser destruído. Finalmente, podemos acrescentar a total confiança de Davi no livramento de Deus – "O SENHOR [...] me livrará das mãos deste filisteu" (1Sm 17.37) – como sua razão mais importante para entrar na batalha. Do mesmo modo, devemos entrar na batalha hoje com a motivação primária de defender a honra de Deus, enquanto, ao mesmo tempo, também desejamos defender o povo de Deus e contamos totalmente com a fidelidade e o poder de Deus para salvar.

Os recursos de Davi para a batalha

É difícil afirmar que Saul acreditou na mensagem de fé de Davi, pois, se o rei realmente tivesse acreditado, ele mesmo teria ido enfrentar Golias. A fé verdadeira e salvadora crê na graça de Deus para nós mesmos, não meramente para os outros. Mais precisamente, Saul ficou impressionado com a paixão e a decisão de Davi: "Vai-te, e o SENHOR seja contigo" (1Sm 17.37). Essa afirmação está cheia de ironia, pois o Senhor já havia se retirado de Saul para

ficar com Davi. Saul desejou a presença e a bênção de Deus para alguém que lutaria com Golias, mas seu coração estava endurecido demais para que ele se arrependesse e buscasse o Senhor. Saul nos lembra que a religião bíblica oferece a graça salvadora de Deus somente por meio de fé e arrependimento pessoal: o Deus vivo e verdadeiro não vende indulgências por meio de terceiros. O Senhor já estava com Davi por causa da fé que ele havia proclamado a Saul – uma fé que Saul admirava em Davi, mas rejeitava para si.

Como geralmente acontece com incrédulos que tentam se beneficiar da fé de outras pessoas, Saul se ofereceu para ser um investidor no empreendimento salvador de Davi. Em versículos que estão encharcados de ironia simbólica e espiritual, o rei ofereceu enviar Davi para a batalha com sua armadura. “Saul vestiu a Davi da sua armadura, e lhe sobre a cabeça um capacete de bronze, e o vestiu de uma couraça. Davi cingiu a espada sobre a armadura” (1Sm 17.38-39).

Podemos interpretar essa ação de várias maneiras. Ronald Youngblood sugere que Saul estava tentando ganhar o crédito pela façanha de Davi. Ele escreve que a ação do rei “provavelmente foi planejada para de tal modo ligar Saul a Davi que Saul seria capaz de ganhar o crédito, ou pelo menos uma parte do crédito, pela vitória de Davi sobre o gigante filisteu”.[10] Alternativamente, John Woodhouse vê “um simbolismo nesse ato que corresponde à verdade que já conhecemos. Saul era o rei que estava deixando o poder. Davi havia sido designado para substituí-lo”.[11] Por mais verdadeiras que essas avaliações possam ser, acho que a realidade básica era que Saul estava comunicando boa vontade a Davi e oferecendo ajuda, mas de uma maneira que expressava sua confiança na força terrena. Podemos descrever a oferta de Saul nestas palavras: “Deixe-me ajudá-lo [...] Deixe-me dar-lhe meu selo de autoridade – embora esteja desacreditado. Use minhas armas – por mais inúteis que tenham se mostrado. Vá em meu nome – embora ele seja uma maldição nos lábios de cada homem no meu exército”.[12]

O que é surpreendente é que Davi começou a vestir a armadura de Saul. Sobre o torso de Davi foi colocada a pesada armadura de Saul. Na cabeça de Davi foi colocado o capacete de bronze de Saul. Foi colocada ao lado de Davi a pesada espada de Saul. Esta era a imagem de Davi: um Saul em miniatura. Esse foi um momento decisivo na vida do jovem pastor. Ele assumiria a persona, a incredulidade e a confiança terrena do rei Saul? Só podia haver uma resposta: “Não posso andar com isto, pois nunca o usei” (1Sm 17.39). A razão formal de Davi para tirar a armadura foi que ele não conseguiria lutar com um

equipamento com o qual não estava acostumado. Mas essa pode não ser a única ou mesmo a principal razão para a educada recusa de Davi. Pink explica: “Davi rapidamente percebeu que aquilo era inadequado para ele: aquele que se relaciona com Deus em secreto não pode usar meios e métodos terrenos em público; o homem de fé não tem de usar armas carnais”.[13]

Provavelmente devemos considerar a oferta da armadura de Saul como uma das maiores provações da fé de Davi. A visão de Golias não assustava o jovem herói: ele sabia como Deus lidaria com o filisteu blasfemo, exatamente como um leão ou um urso que procurava matar a ovelha de Deus. Mas a mais sutil tentação foi oferecer-lhe a possibilidade de usar a armadura do rei desacreditado. A fé de Davi sabia como dizer “sim” a um desafio assustador. Era igualmente importante que ela também soubesse dizer “não” à concessão terrena e ao auxílio incrédulo.

Já sem a armadura de Saul, Davi foi enfrentar o gigante filisteu: “Tomou o seu cajado na mão, e escolheu para si cinco pedras lisas do ribeiro, e as pôs no alforje de pastor, que trazia, a saber, no surrão; e, lançando mão da sua funda, foi-se chegando ao filisteu” (1Sm 17.40). Porém, não foi somente com isso que Davi saiu para enfrentar Golias: “Ele foi para o conflito com um ardente interesse pela honra de Deus, confiando na certeza de suas promessas e com o poder do Espírito de Deus”.[14] Davi avançou contra o filisteu não na armadura e na identidade de “um rei [...] como o têm todas as nações”, como era Saul (1Sm 8.5), confiando em nada realmente diferente da armadura e das armas do maligno Golias, mas como um pastor servo do Senhor, defendendo a honra de Deus e protegendo o povo de Deus no poder do próprio Senhor. Desse modo, quer percebesse isso ou não, Davi se identificou com os grandes defensores de Deus de tempos passados, líderes pastores como Abraão, Isaque, Jacó e Moisés, homens de valor espiritual que viveram e lutaram pela fé nas promessas de Deus.

Ao refletir sobre esse momento vital na sua vida, podemos pensar no salmo que Davi escreveu, provavelmente num momento posterior da sua vida. Davi estava pensando nesse acontecimento quando escreveu o salmo 3, ou ele poderia ter tido essa oração em seu coração quando se afastou de Saul, deixando para trás sua armadura, e foi matar Golias?

SENHOR, como tem crescido o número dos meus adversários!

São numerosos os que se levantam contra mim.

São muitos os que dizem de mim:

Não há em Deus salvação para ele.

Porém, tu, SENHOR, és o meu escudo,

és a minha glória e o que exaltas a minha cabeça (Sl 3.1-3).

A armadura de Saul hoje

Como a interação entre Saul e Davi se traduz nas batalhas da nossa época? Que armas do mundo os cristãos e as igrejas são tentados a usar em sua tentativa de conter o avanço das trevas, da incredulidade mundana, do pecado e do mal? A resposta não força nossa imaginação. Os sauls de hoje mostram aos cristãos a necessidade de poder político, de modo que os crentes possam criar leis piedosas com o mesmo poder mundano usado pelos incrédulos para promover seu programa secular. Leis piedosas devem ser muito desejadas, mas o reino de Cristo não avança por meio de legislação secular. Outros insistem que os pregadores devem adotar os recursos das agências de propaganda, criando pregadores-celebridade cujas mensagens são elaboradas com dados de levantamentos destinados a criar coceira nos ouvidos. Outros sauls voltam-se para a animação de Hollywood, orientando a igreja a reformular a adoração como entretenimento mundano e a substituir a pregação da palavra de Deus por videoclipes e apresentações cômicas.

Por trás de cada uma dessas sugestões bem-intencionadas – assim como a armadura de Saul foi oferecida com boa vontade – está a convicção de que a batalha deve ser vencida pela força das nossas próprias mãos. Golias é poderoso e terrível. Ele tem advogados, por isso a igreja deve contratar os seus. Golias é servido por comitês de ação política, por isso o exército de Deus deve enviar suas legiões para a capital. O filisteu é capaz de recrutar grande quantidade de pessoas oferecendo bens e serviços, por isso devemos fazer uso dos mesmos dados de marketing para recrutar nosso próprio exército. O avanço mundano é alimentado por excitação sensual, então a igreja deve responder amplificador por amplificador, emoção forte por emoção forte.

O que Davi diria se visse o desafio espiritual que é lançado contra os cristãos hoje? Ele diria que a igreja de Deus deve reformular sua mensagem e seus métodos para se equiparar às armas do mundo? Certamente Davi desafiaria o pressuposto de que Golias deve ser morto pelo nosso próprio poder. Certamente ele responderia, como declarou ao próprio Golias:

Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. [...] O SENHOR salva, não com espada, nem com lança; porque do SENHOR é a guerra, e ele vos entregará nas nossas mãos (1Sm 17.45,47).

Se a batalha é do Senhor, quais são as armas com as quais Deus quer que seu povo entre na luta? O apóstolo Paulo respondeu, apontando para a palavra de Deus: “Embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10.3-5). Junto com a palavra de Deus está o poder da oração. Paulo escreve sobre batalha espiritual: “Tomais também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica” (Ef 6.17-18).

Foi precisamente assim que os defensores de Deus abalaram o mundo e derrubaram fortalezas em gerações passadas. João Calvino assumiu o púlpito de Genebra apenas com uma Bíblia, e Deus levantou uma nova Jerusalém para a Reforma. John Knox orou, e Maria, a rainha dos escoceses, tremeu. William Wilberforce sustentou a verdade bíblica perante as autoridades de cálculos e comércio, e Deus o usou para acabar com o comércio de escravos na Inglaterra. Como os heróis que vieram antes de nós, e como Davi, que se afastou de Saul para enfrentar Golias, nossa grande necessidade hoje é simplesmente fé: fé na palavra de Deus, fé na graça de Deus para atender orações, fé no poder de Deus para sustentar seu povo e preservar a honra do seu nome e fé de que a batalha pertence ao Senhor e deve ser travada com suas armas. Oliphint escreve: “O que é necessário na batalha do Senhor são as armas que farão as pessoas se

curvarem, dobrarem os joelhos e reconhecerem que o Senhor, e apenas ele, é Deus. Somente armas sobrenaturais podem realizar esta tarefa". Com nossos olhos postos no poder de Deus e nosso alvo dirigido para a glória de Deus, "não usaremos as armas do mundo. Lutaremos, se lutarmos o combate do Senhor, com suas armas. E a principal arma que ele nos deu é sua espada, a própria palavra de Deus".[15]

Esse princípio aplica-se também à nossa vida pessoal. Quais são as analogias da armadura de Saul para nós como pessoas? Talvez sucesso, prosperidade material, desenvolvimento terreno e aprovação popular. Confiamos nisso para nossa segurança, felicidade e bênção? A realidade é que somente com a palavra de Deus e com a oração podemos ter bênção, alegria, força de coração e paz mental. Não precisamos de sucesso terreno para perseverar na vida com bênção, mas precisamos absolutamente da palavra de Deus e da oração, empunhadas pela fé.

Finalmente, se travarmos as batalhas de Deus usando as armas de Deus, confiando na fidelidade de Deus e buscando exaltar a glória de Deus, teremos a satisfação de ouvir os vivas e a apreciação do próprio céu. Isso é o que encontramos no livro de Apocalipse, em que a vitória sobre os inimigos de Deus, por meio do valente povo de Deus, é celebrada: "Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida. Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que nele habitais" (Ap 12.11-12).

A batalha pertence ao Senhor

Não podemos refletir sobre o heroísmo de Davi sem perceber que seu exemplo aponta para frente, para a vinda do verdadeiro guerreiro de Deus, o real Salvador da casa de Davi, o Filho de Deus, Jesus Cristo. Desde os primeiros dias da igreja, o povo de Deus tem visto a vitória de Davi sobre Golias como uma descrição da nossa libertação de Satanás e dos laços do pecado e do inferno. Cesário de Arles escreveu, no século 6o d.C.: "Tudo o que lemos prefigurado em Davi naquele tempo, amados, sabemos que foi realizado em nosso Senhor Jesus Cristo; pois ele estrangulou o leão e o urso quando desceu ao inferno para libertar todos os santos de suas mandíbulas".[16]

Como Davi, Jesus teve sua disposição para servir como Messias questionada por

aqueles que observaram sua falta de estatura terrena ou poder neste mundo. Pôncio Pilatos falou por muitos quando perguntou, com incredulidade: “És tu o rei dos judeus?” (Jo 18.33). Jesus respondeu: “O meu reino não é deste mundo” (Jo 18.36). A aptidão de Jesus para salvar havia sido expressa na sua oração ao Pai, na noite anterior: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (17.4).

Como Davi, Jesus tinha uma razão para a batalha que o mundo não entendeu. Jesus orou: “Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti, assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste” (Jo 17.1-2).

Finalmente, como Davi, Jesus venceu Satanás, o pecado e a morte com recursos que não são deste mundo. Pedro explicou: “Não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1.18-19). Jesus guerreia hoje, fazendo as trevas recuarem e reunindo seu rebanho com o poder de Deus em sua palavra. Ele vem não como um rei terreno, mas como um Pastor Salvador. “Eu sou o bom pastor”, diz ele, “as minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.14,27-28). Jesus ainda faz guerra hoje, como João viu no livro de Apocalipse: “Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força” (Ap 1.16).

Precisamos da armadura de Saul ou das armas deste mundo com tão grande Salvador à nossa frente? Se a batalha é do Senhor, precisamos de alguma arma além daquelas que ele coloca nas nossas mãos, fortalecidas pela graça por meio da fé? Preparados pela fé nele, lutando pela sua glória e armados com as armas celestiais, certamente seremos bem-sucedidos quando o Senhor nos permitir avançar.

Terrível pode ser o conflito, forte pode ser o inimigo,

Mas o exército do Rei ninguém pode vencer;

Agita seu estandarte, a vitória é garantida;

Pois sua verdade imutável torna o triunfo certo.

Alegremente recrutados pela tua graça divina,

Estamos do lado do Senhor; Salvador, somos teus.[17]

1 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:293.

2 A pergunta de Saul a Abner, em 1Samuel 17.55-56, geralmente é interpretada como significando que Saul não reconheceu Davi. Mas a pergunta não foi "Quem é ele?", mas "De quem é filho este jovem?" – o que não significa necessariamente que Saul não tivesse reconhecido Davi.

3 Richard D. Phillips, The heart of an executive: Lessons on leadership from the life of king David (Nova York: Doubleday, 1999), 60.

4 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 150-51.

5 A. W. Pink, A life of David, 2 v. (Grand Rapids: Baker, 1981), 1:35.

6 K. Scott Oliphint, The battle belongs to the Lord (Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003), 11.

7 Ibid., 8.

8 Breve catecismo de Westminster, R. 1.

9 D. Martyn Lloyd-Jones, Saved in eternity (Wheaton, IL: Crossway, 1988), 44-45.

10 Ronald F. Youngblood, 1 & 2 Samuel, Expositor's Bible commentary, v. 3 (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 700.

11 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 332.

12 Phillips, Heart of an executive, 63.

13 Pink, Life of David, 1:36.

14 Roger Ellsworth, The shepherd king: Learning from the life of David (Darlington, UK: Evangelical Press, 1998), 31.

15 Oliphint, The battle belongs to the Lord, 13.

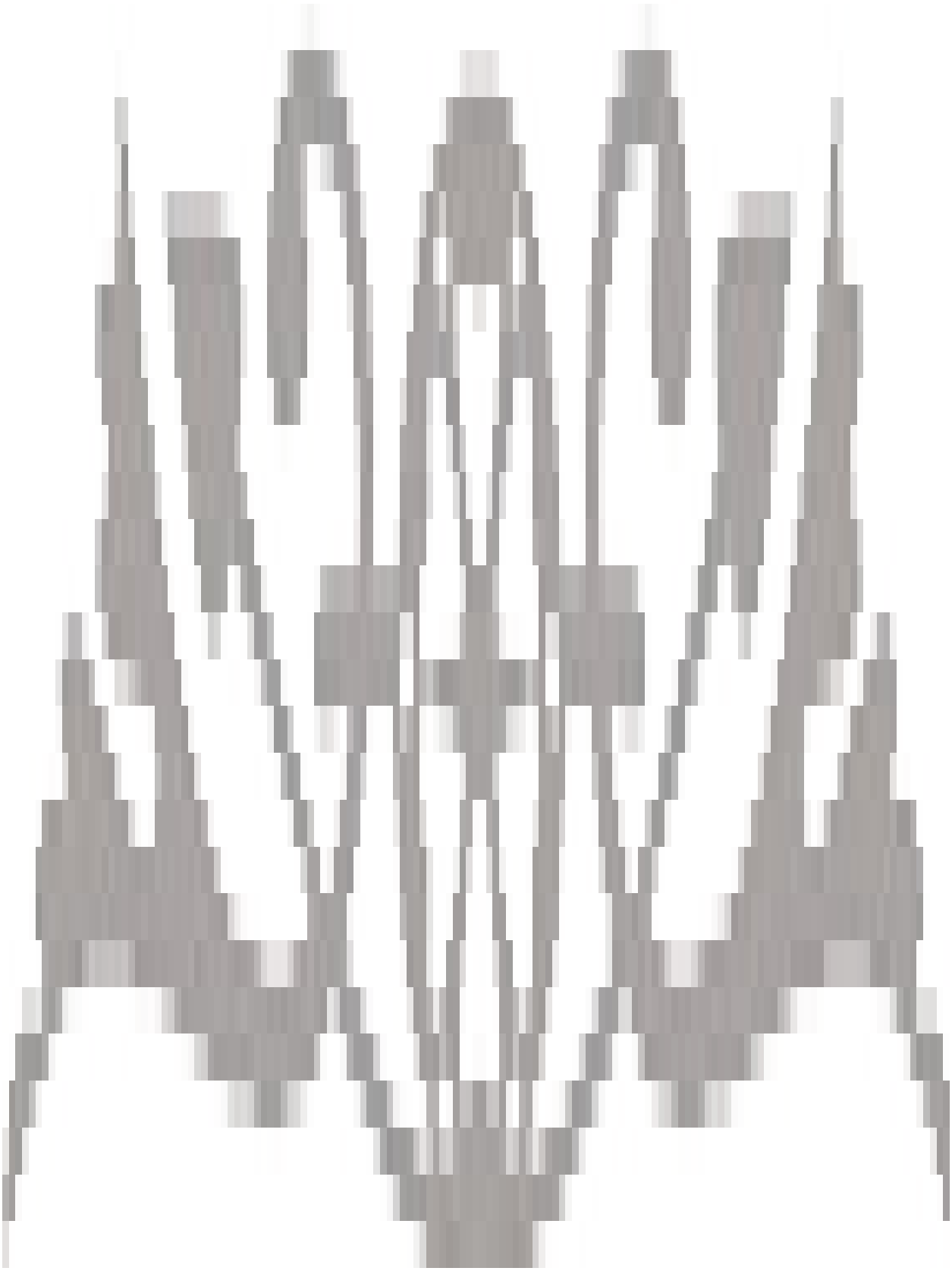
16 Cesário de Arles, Sermão 121.4, em Joshua, Judges, Ruth, 1–2 Samuel, John R. Franke (org.), Ancient Christian commentary on Scripture, Old Testament v. 4 (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), 271.

17 “Fierce may the conflict, strong may be the foe, / But the Kings´s own army can overthrow; / Roud his standard ranging, victory is secure; / For his truth unchanging makes the triumph sure. / Joyfully enlisting by thy grace divine, / We are on the Lord´s side, Savior, we are thine.” Frances R. Havergal, “Who is on the Lord’s side?” (1877).

26

EM NOME DO SENHOR

1Samuel 17.41-54



Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. (1Sm 17.45)

A história da vitória de Davi sobre Golias tem dado origem a muitos sermões de cinco pontos, um para cada pedra que Davi pegou no ribeiro e colocou no seu alforje. Normalmente esses sermões listam princípios ou comportamentos pelos quais até o cristão mais mirrado pode derrubar o mais vigoroso inimigo espiritual.

No entanto, a vitória de Davi foi algo além do triunfo de um "homem qualquer". Davi não era apenas uma pessoa em Israel, mas aquele a quem Deus havia ungido especialmente para liderar e libertar seu povo, para cuja finalidade o Senhor o havia capacitado com o Espírito Santo (veja 1Sm 16.13). Assim, quando Davi declarou ao gigante "vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos" (17.45), ele quis dizer, em parte, que lutava contra o gigante como libertador especialmente ungido de Deus. Isso nos lembra que o evangelho de Davi – sua mensagem de salvação – não era meramente a boa-nova de que aqueles que confiam no Senhor serão salvos. Sua boa-nova também declarava que aqueles que confiam no Senhor serão salvos pelo Ungido – o Messias – que Deus havia prometido. No vale de Elá, esse libertador ungido era o jovem Davi, e foi pelo seu braço que Deus revelou seu poder ao matar o gigante filisteu.

A mensagem para o exército de Israel, portanto, não consistia no que cada um deles deveria e poderia ter feito. Na verdade, eles deveriam ter defendido a honra de Deus e poderiam ter triunfado se tivessem agido com a fé ousada de Davi. O problema é que eles não tinham o Espírito Santo, enquanto Davi havia sido enchido com o Espírito Santo quando da sua unção. Na realidade da fraqueza e do pecado deles, a mensagem para o povo de Israel era que eles precisavam de um Salvador, que Deus concedeu pelo homem segundo o seu coração. Nas pegadas da vitória de Davi, seguindo como seus discípulos, podemos dizer, os israelitas se levantaram e mataram o exército inimigo. A vitória de Davi aponta para nossa necessidade de um defensor quando enfrentamos os inimigos maiores do pecado e da morte. Por isso, Davi tipifica o verdadeiro e grande Messias, Filho de Deus, Jesus Cristo, da casa de Davi, em cujo poder podemos obter a

vitória que ele conquistou pela graça de Deus.

Indo em nome do Senhor

Depois de receber a bênção de Saul para ser o defensor de Israel, Davi pegou cinco pedras lisas e, com uma funda nas mãos, aproximou-se do gigante Golias. O filisteu tinha vindo duas vezes por dia durante 40 dias, desafiando Israel para um combate, por isso podemos pensar que ele finalmente ficaria aliviado por alguém finalmente ter respondido. No entanto, quando viu apenas um jovem, com um cajado e uma funda, Golias ficou furioso com o desprezo. Como o rei Saul havia feito, Golias olhou apenas a aparência exterior, não levando em conta o coração: "Olhando o filisteu e vendo a Davi, o desprezou, porquanto era moço ruivo e de boa aparência" (1Sm 17.42). O guerreiro filisteu "buscava um guerreiro com quem lutar; recebeu um menino para aniquilar".[1] Além disso, as poucas armas de Davi insultaram Golias: "Sou eu algum cão", zombou ele, "para vires a mim com paus?" (1Sm 17.43). Então, o gigante amaldiçoou Davi por seus deuses, prometendo deixar seu corpo para ser comido pelos animais que se alimentam de carniça: "Vem a mim, e darei a tua carne às aves do céu e às bestas-feras do campo" (1Sm 17.44). Vemos em Golias o cumprimento literal de Provérbios 16.18, que diz que "a soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda".

Sem se intimidar, Davi não apenas se aproximou do gigante ameaçador, mas também fez um dos discursos mais clássicos de toda a Bíblia, repreendendo o filisteu pelo seu deboche, expressando sua confiança no poder do Senhor para salvá-lo e anunciando seu propósito de matar o guerreiro gigante.

Primeiro, Davi repreendeu o gigante pelas suas blasfêmias contra o Deus verdadeiro: "Davi, porém, disse ao filisteu: Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado" (1Sm 17.45). Em resumo, Davi estava pronunciando a sentença sobre Golias pelo crime capital de blasfêmia: "Hoje mesmo, o SENHOR te entregará nas minhas mãos; ferir-te-ei, tirar-te-ei a cabeça" (17.46). Golias podia pensar que podia blasfemar contra o verdadeiro Deus, mas Davi havia ido em nome do Senhor para informá-lo do contrário. Levítico 24.16 ordenava a pena de morte por apedrejamento por causa de blasfêmia, e Davi havia ido para cumprir sozinho essa sentença.

Ainda mais notavelmente, Davi expressou sua confiança no Senhor para livrá-lo nessa batalha. Golias tinha armas impressionantes do ponto de vista filisteu – uma espada, uma lança e um escudo. Mas um israelita que olhou com os olhos da fé não ficou impressionado: dificilmente essas seriam armas com as quais ele resistiria ao Senhor. Desdenhando de todas essas armas poderosas, Davi expressou sua total confiança no "nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel" (1Sm 17.45). Referindo-se ao "nome" do Senhor, Davi falou do caráter e do ser de Deus. Entendemos a ideia de Davi quando consideramos a bênção arônica que os sacerdotes regularmente invocavam sobre Israel: "O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o rosto e te dê a paz" (Nm 6.24-26). Quando deu essa bênção pela primeira vez, Deus disse: "Assim, porão meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei" (6.27). Portanto, portar o nome de Deus é viver sob sua bênção, que inclui sua promessa de "preservar" seu povo dos seus inimigos.

Ao proclamar o nome do Senhor, Davi está invocando a promessa de Deus de proteger aqueles que confiam nele, uma bênção que Davi considerou um armamento poderoso diante do mero bronze e ferro de Golias. Robert Bergen comenta: "Como Davi via, Golias estava em desvantagem numérica e logo seria subjugado, pois o Senhor lutaria com Davi contra o gigante".[2]

A expressão de Davi "o SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel" (1Sm 17.45) lembra o controle que Deus tem das legiões do céu e as demonstrações de poder de Deus para vencer seus inimigos no passado. O Deus que abriu o mar Vermelho para os israelitas comandados por Moisés, mas que fez submergir o exército de Faraó, venceria o gigante filisteu com muita facilidade. Davi estava tão seguro da vitória sobre Golias que prometeu cortar a cabeça do gigante com uma espada, muito embora a única espada nas proximidades fosse a do filisteu: "Hoje mesmo, o SENHOR te entregará nas minhas mãos; ferir-te-ei, tirar-te-ei a cabeça" (17.46).

Na sua batalha contra os poderes maiores do pecado, da morte e de outros inimigos espirituais, os cristãos devem, do mesmo modo, confiar no nome do Senhor e não em armas terrenas. Paulo descreveu os cristãos como aqueles que "adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne" (Fp 3.3). Isso significa que deixamos de lado todo mérito mundano ao clamar o favor de Deus. Paulo, antes de aceitar a Cristo, tinha essa atitude e mais tarde ele se lembrou de como se apoiava nos méritos da sua linhagem, da sua

participação na aliança, do seu desempenho ritual na religião e da sua perseguição aos primeiros cristãos. Vendo-se como um tipo de Golias espiritual, Paulo se arrependeu, por isso declarou que:

... o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor [...] não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé (Fp 3.7-9).

Paulo renunciou a todas as armas de sua justiça própria diante de Deus e em vez disso confiou no nome do Senhor, isto é, na salvação prometida pela graça que vem pela fé em Cristo.

Que todos saibam

A proclamação de Davi a Golias da salvação de Israel foi equiparada em importância pelas declarações seguintes, que comunicam seu propósito e objetivo de matar Golias. Davi tinha múltiplos objetivos ao derrotar o gigante, o primeiro dos quais era evangelístico. Davi queria que o mundo todo soubesse sobre o Deus de Israel: “Os cadáveres do arraial dos filisteus darei, hoje mesmo, às aves dos céus e às bestas-feras da terra; e toda a terra saberá que há Deus em Israel” (1Sm 17.46).

Davi tinha boas-novas a anunciar. O famoso Deus que havia livrado Israel tantas vezes no passado com grandes demonstrações de poder ainda estava presente com seu povo para livrá-lo da derrota. A outra boa-nova era que, na pessoa de Davi, um rei ungido tinha vindo portar o nome do Senhor contra os inimigos do povo de Deus. A má notícia para Golias era que, como desafiante zombador do Senhor e inimigo satânico que buscava a destruição de Israel, ele seria morto e desonrado nas mãos do ungido do Senhor. O objetivo dessa chamada do evangelho era convocar as nações para cessarem sua insensata violência contra Israel e seus desafios contra o Deus de Israel, para que elas, também, não

sofressem a justa sentença e o juízo de morte da parte de Deus. Walter Brueggemann resume: “O propósito da vitória de Davi não é simplesmente salvar Israel ou derrotar os filisteus. O propósito é a glorificação de Yahweh aos olhos do mundo”.[3]

A morte de Golias por Davi foi intencionada também para ser uma mensagem para Israel: “Saberá toda esta multidão que o SENHOR salva, não com espada, nem com lança; porque do SENHOR é a guerra, e ele vos entregará nas nossas mãos” (1Sm 17.47). Apesar da sua juventude, Davi entendia sua época. Ele sabia que o povo de Israel havia procurado Saul para ser rei porque estava procurando fontes concretas, terrenas, de salvação. Israel queria “um rei [...] como o têm todas as nações” porque o próprio Israel queria ser como as outras nações – pelo menos no que se refere à salvação. Os israelitas queriam tomar a espada em suas próprias mãos e olhar para cima para ver seu rei alto diante de si. Esses ídolos haviam fracassado miseravelmente no vale de Elá, como os ídolos sempre falham com o povo de Deus quando este se afasta da salvação do Senhor e da confiança nos seus métodos santos. O Senhor queria que seu povo confiasse mesmo não tendo as melhores armas, mas tendo o melhor dos salvadores. Do mesmo modo, ele quer que sua igreja seja bem-sucedida hoje por meio de métodos humildes e santos, pelos quais somente ele pode ser louvado. O profeta Jeremias resumiria o princípio que Davi procurou demonstrar diante de Israel e das nações:

Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o SENHOR (Jr 9.23-24).

Desse modo, Davi estava conclamando Israel “a deixar de imitar as outras nações”, mesmo quando chamou “as nações a abandonarem seu insensato desafio ao Senhor”.[4]

A cabeça de Golias

A batalha em si entre Davi e Golias foi tão rápida que mal valeria o preço do ingresso. De fato, a principal ação havia sido o discurso de Davi: o sentimento do gigante era meramente uma conclusão necessária, mas inevitável.

Depois das palavras de Davi, Golias começou seu poderoso avanço contra o jovem israelita. Mas Davi, estando com poucos equipamentos, avançou rapidamente contra o filisteu. Sem dificuldade, “Davi meteu a mão no alforje, e tomou dali uma pedra, e com a funda lha atirou, e feriu o filisteu na testa” (1Sm 17.49).

Davi manejava uma arma mortal. Depois de girar a funda em torno de sua cabeça, ele soltou uma ponta e uma pedra do tamanho de uma bola de tênis – duas a três polegadas de diâmetro – a uma velocidade de cerca de 60 a 90 quilômetros por hora atingiu o filisteu. A arma de Davi podia não inspirar medo, mas certamente era mortal. Com a precisão que havia adquirido com longa prática e a mão tranquilizada pela fé, a pedra de Davi foi em direção a Golias e o atingiu na testa, destruindo o capacete de bronze que o filisteu usava: “A pedra encravou-se-lhe na testa, e ele caiu com o rosto em terra” (1Sm 17.49). O comentário do narrador é tão breve e direto quanto a própria batalha: “Assim, preveleceu Davi contra o filisteu, com uma funda e com uma pedra, e o feriu, e o matou”. Deve-se observar especialmente a ausência de qualquer arma pesada: “porém não havia espada na mão de Davi” (17.50). Golias estava quase certamente morto antes que seu grande corpo se estatelasse no chão. Mas, para garantir, Davi pegou a espada do filisteu e imediatamente cortou fora a cabeça do gigante.

Ao ler isso, percebemos que Golias não estava mais armado que Davi, pois, nesse tipo de luta, a funda deu ao jovem uma vantagem real. Conquanto Davi conseguisse disparar sua funda, ele mataria o poderoso guerreiro. Assim acontece com frequência quando os cristãos enfrentam as armas do mundo. Os crentes ficam desanimados quando pensam nas prisões injustas nas mãos de governos ímpios. Mas os cristãos sob perseguição têm aprendido a não temer essas represálias. Essa foi, recentemente, a experiência das igrejas na China que se reúnem em casas, cujos cristãos não se importam em enfrentar a prisão, alegremente exibindo contra seus inimigos seculares o poder da oração e a pregação da palavra invencível de Deus. Como a arma de Davi na sua batalha contra Golias, as armas que Deus deu à igreja são, realmente, mais potentes que as armas usadas pelos nossos inimigos incrédulos e mundanos. Ainda mais relevante que a relativa potência das nossas armas, aqueles que confiam no

Senhor têm ao seu lado o poder de Deus: foi a mão de Deus que realmente usou a funda de Davi e lhe deu precisão máxima. Dale Ralph Davis comenta: “O que importa não é se você tem as melhores armas, mas se você tem o Deus verdadeiro”.[5] Com isso em mente, vemos que a vitória de Davi foi tão previsível quanto ele havia dito que seria inevitável.

Do mesmo modo, cristãos que entram em batalha espiritual confiando no Senhor estão armados com a capacitação divina. Paulo descreveu “toda a armadura de Deus” (Ef 6.13) como consistindo do cinto da verdade, da couraça da justiça, das sandálias da preparação do evangelho da paz, do escudo da fé, do capacete da salvação e da espada do Espírito, que é a palavra de Deus (Ef 6.14-17), juntamente com o poderoso recurso da oração. Talvez mais importante que os detalhes seja a impressão geral: estamos protegidos pela nossa salvação em Cristo, com a cabeça e o peito fortemente protegidos, e manejamos a fé para bloquear as setas e a palavra de Deus para golpear nossos inimigos, tudo unido à verdade e feito tão ágil quanto o jovem Davi pela boa-nova do evangelho. Cristãos assim armados, que conhecem o poder salvador de nosso Senhor e confiam nele, sem buscar a armadura e as armas terrenas, são totalmente equipados para a batalha espiritual e capazes de obter muitas vitórias pelo poder de Deus.

Assim aconteceu no vale de Elá, pois quando Davi mostrou a cabeça cortada de Golias, o chocado exército filisteu se levantou e fugiu em pânico. Os israelitas, repentinamente revigorados pelo triunfo do seu campeão improvável, também se levantaram e perseguiram o inimigo em fuga, enchendo os caminhos entre Elá e as cidades dos filisteus de cadáveres de inimigos. Então eles voltaram para saquear o acampamento inimigo.

Curiosamente, Davi deixou o saque para os outros soldados. Numa ação que confunde os comentaristas, “tomou Davi a cabeça do filisteu e a trouxe a Jerusalém; porém as armas dele pô-las Davi na sua tenda” (1Sm 17.54). Estamos tão acostumados ao nome de Jerusalém que podemos não perceber que essa cidade ainda não estava nas mãos de Israel. Ela havia sido dada por Josué às tribos de Benjamim e Judá (entre cujos territórios estava) para que a conquistassem e expulsassem dali os jebuseus. A presença prolongada dessa fortaleza cananeia era um embaraço para Israel e um sinal do legado não cumprido da conquista original da Terra Prometida. Davi, percebendo isso claramente, tirou vantagem da sua vitória sobre o gigante para declarar triunfos futuros que ocorreriam no devido tempo, quando Israel mais uma vez pegasse o

manto dado pelo Senhor em tempos passados. Sua declaração da futura destruição dos cananeus na fortaleza do monte Sião serviu para observar que Israel retornaria à fé no Senhor e que, com o Senhor, seu destino finalmente seria cumprido.

Tão grande Salvador

Há pelo menos dois modos de tirarmos conclusões do triunfo de Davi sobre o gigante Golias. O primeiro, e mais importante, é concentrar nossa fé no Salvador ungido que Deus enviou para nós nas nossas batalhas, o verdadeiro defensor e Messias, Jesus Cristo.

William Blaikie faz uma série de comparações pelas quais podemos enxergar melhor Jesus pelas lentes do jovem Davi. Primeira, "encontramos uma imagem emblemática das conquistas do Messias e de sua igreja". O arrogante desdém de Golias é o próprio espírito com o qual o mundo se opõe à igreja hoje: "o desprezo mostrado pela aparência humilde de Davi, o escárnio público diante da noção de que por intermédio daquele moleque o povo obteria livramento, tem sua contraparte no sentimento em relação a Cristo e seu evangelho". Segunda, o "tranquilo domínio próprio de Davi", associado à total confiança na fiel intervenção de Deus, reflete o comportamento de Jesus em relação aos inimigos espirituais da sua própria época, mesmo quando eles o pregaram na cruz. Terceira, "a espada de Golias voltou-se contra ele, a arma pela qual ele aniquilaria seu inimigo, empregada por esse mesmo inimigo para separar sua cabeça do seu corpo, era um emblema das armas de Satanás usadas por Cristo contra Satanás".[6] Hebreus 2.14-15 afirma sobre Cristo: "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida".

Além disso, vemos a quarta e vital comparação no fato de que, como Davi, Jesus guerreou contra Satanás, o pecado e a morte na qualidade de representante. Davi lutou não somente por si mesmo, mas por todo o seu povo. Do mesmo modo, no triunfo de Cristo seus seguidores obtêm a salvação, recebida somente pela fé.

A quinta comparação é a alegria alcançada pelo Salvador ungido de Deus.

Blaikie escreve:

O grito que saiu das fileiras de Israel e Judá quando viram o campeão filisteu morto e o próprio inimigo fugindo em consternação prenuncia a alegria dos redimidos quando a realidade da salvação de Cristo brilhar no coração deles e eles virem os inimigos que os atormentavam serem expulsos e dispersados – uma alegria que será imensamente aumentada quando todos os inimigos forem finalmente conquistados e a alta voz for ouvida no céu: “Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade de seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus”.[7]

Esta é a vitória

Vendo a vitória de Davi na sagrada Escritura e conhecendo a vitória já alcançada para nós pelo maior triunfo da cruz de Cristo, podemos olhar para o nosso futuro e nossa salvação final com certeza e alegria. Sabendo que somos “mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm 8.37), ficamos ainda mais ávidos por seguir Jesus, permanecendo o mais próximo dele que conseguirmos.

Ao mesmo tempo, devemos perceber que, sendo unidos a Cristo na fé salvadora e tendo sido selados pelo mesmo Espírito Santo que encheu o jovem Davi, agora somos ungidos por Deus e capacitados para lutar em sua causa. Assim, devemos viver com a mesma confiança que encorajou Davi em sua abordagem ao campeão filisteu, declarando a todo inimigo e a toda tentação: “Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado” (1Sm 17.45). Por meio da fé salvadora, a bênção de Deus agora está sobre nós, e ele prometeu nos preservar de todo mal. O triunfo de Davi requer que conheçamos o mesmo poder de Deus disponível a nós em Cristo, de modo que, pela mesma fé, possamos ser fortes contra nossos inimigos.

Enquanto isso, o propósito afirmado de Davi em enfrentar Golias nos dá um nobre propósito para nossas próprias batalhas de fé: que Deus seja glorificado entre as nações e que o povo de Deus seja fortalecido em sua fé. Davi tinha o

seguinte propósito: “Toda a terra saberá que há Deus em Israel” (1Sm 17.46). Do mesmo modo, devemos buscar que, por meio de nossa vida santa, alegria em meio a provações, amor entre crentes e fidelidade à verdade, o mundo saiba que a cruz de Cristo não é mera relíquia da História. Devemos nos comportar de maneira a mostrar aos nossos vizinhos e outros observadores que a fé cristã continua a dar vida, que o poder espiritual que se expandiu na igreja primitiva continua a alcançar convertidos hoje e que o espírito da fé conquistadora de Davi vive entre o povo de Deus. Acima de tudo, desejamos que muitos vejam que tudo isso é verdadeiro porque o Senhor dos Exércitos está verdadeiramente em nosso meio, que há um Deus em nossas igrejas e que temos um Salvador vivo, Jesus Cristo, cuja morte obteve perdão e que, em vida eterna, continua a reinar no céu. Que seja esse o nosso objetivo, e entremos na batalha confiantes no poder do nome do Senhor dos Exércitos.

Além disso, procuremos encorajar muitos cristãos desanimados, mostrando que mesmo na nossa fraqueza o Senhor continua poderoso para salvar. Em vez de ficarmos ansiosos pelo nosso próprio bem-estar, sabendo que nossa segurança eterna está assegurada em Cristo, procuremos fortalecer a fé de outros crentes. Procuremos tornar conhecido a outras igrejas cristãs que a palavra de Deus permanece poderosa para converter os perdidos, edificar os santos e guiar a igreja. Que cada um de nós, por meio das batalhas que Deus coloca diante de nós, encoraje um ao outro, e que, juntos, levantemos o estandarte sob o qual tantos crentes ficaram antes de nós, sabendo que “esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 5.4).

1 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr.; Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 286.

2 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 196.

3 Walter Brueggemann, First and Second Samuel, Interpretation (Louisville: John Knox, 1990), 132.

4 Ibid.

5 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 153.

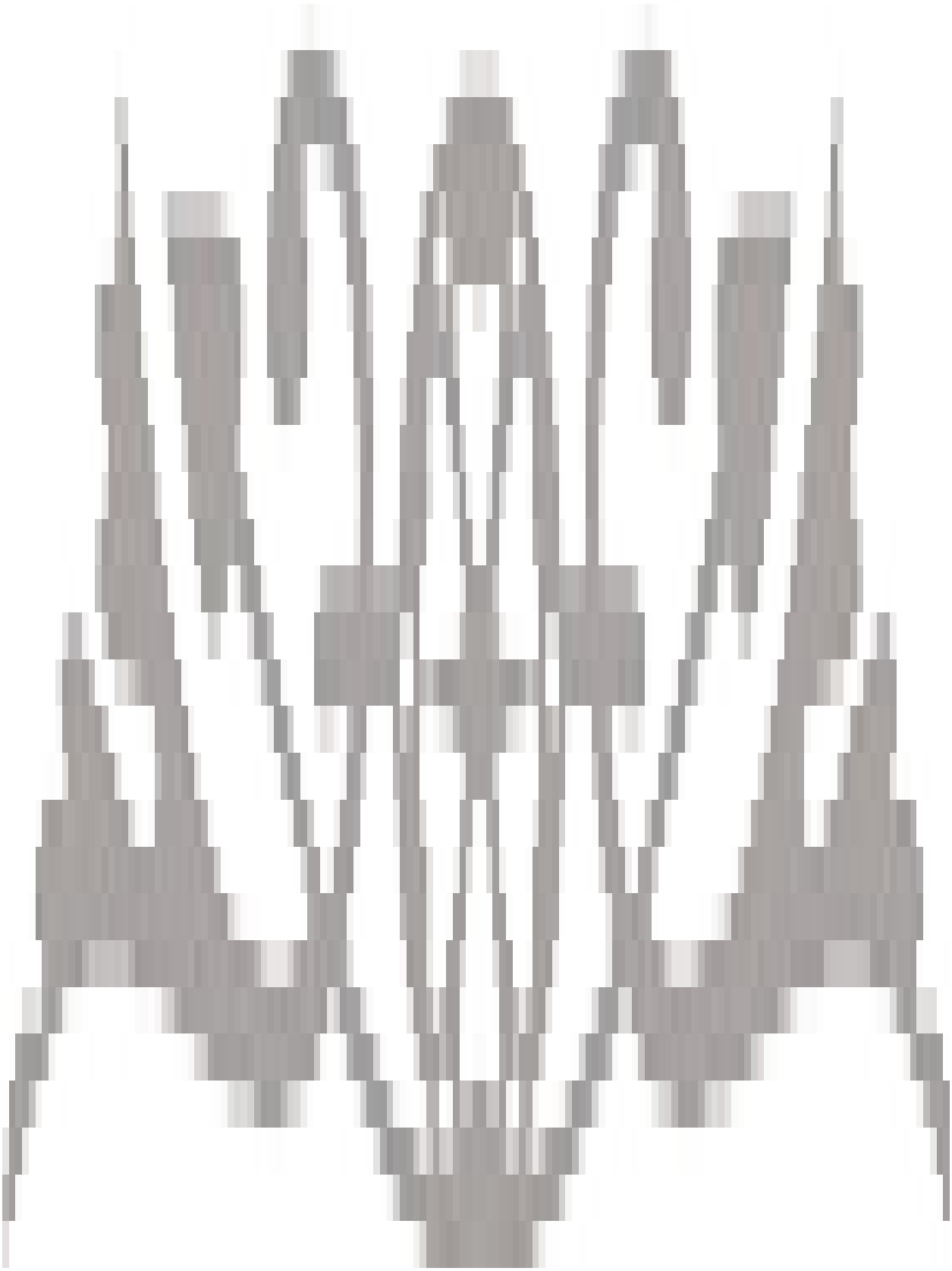
6 Blaikie, First Samuel, 289-90.

7 Ibid.

27

UMA ALIANÇA DE AMOR

1Samuel 17.55–18.5



Sucedeu que, acabando Davi de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma. (1Sm 18.1)

Há algum tempo, assisti a uma entrevista com um golfista profissional que havia vencido seu primeiro U.S. Open. Ele estava falando sobre como esse acontecimento havia mudado sua vida para sempre. Repentinamente ele ficou conhecido por milhares de pessoas, e o licenciamento de produtos estava a todo vapor. Ao mesmo tempo, ele descobriu que sua privacidade estava desaparecendo e sua vida estava tomando um curso próprio.

A vitória de Davi sobre Golias foi assim, mas com muito mais intensidade. Ao eliminar uma terrível ameaça à nação e estabelecendo um notável exemplo de valor, o jovem pastor ganhou o coração da nação com o arremesso de uma pedra. Ele não mais faria o trabalho solitário de cuidar das ovelhas do seu pai; o pasto de Davi cresceria rapidamente, trazendo oportunidade e perigo, alegria e tristeza. Como geralmente acontece com aqueles que alcançam fama repentina, Davi achou o sucesso mais difícil de engolir do que a privação. A grande vitória de Davi não o levou a águas calmas, mas lançou-o nas águas rápidas da intriga e do engano.

Um resultado imediato do triunfo de Davi, no entanto, foi que ele produziu sua amizade com Jônatas, filho do rei Saul e suposto herdeiro do trono. Jônatas foi um dos raros indivíduos que se destacam em sua própria época. Adulto, Jônatas era mais velho que o jovem adolescente, e, sendo um grande herói nacional, pode ter sido um herói pessoal para Davi. Jônatas era um homem de coragem e visão, cuja ousada liderança em fé havia anteriormente livrado a nação (1Sm 14.1-23). Talvez o melhor resultado para Davi de sua vitória sobre Golias tenha sido que “Jônatas o amava como à sua própria alma” (18.3) e fez uma aliança de amizade e amor fraterno com Davi.

A pergunta confusa de Saul

Antes de nos falar sobre o amor de Jônatas por Davi, a Bíblia nos revela uma

conversa entre Saul e seu oficial, Abner. A passagem de 1Samuel 17.55 nos remete ao momento anterior à vitória de Davi, quando estava se afastando de Saul para lutar contra o filisteu. O rei Saul “disse a Abner, o comandante do exército: De quem é filho este jovem, Abner?” (1Sm 17.55-58).

Teólogos liberais argumentam que a pergunta de Saul representa uma “discrepância” na Bíblia, apresentando uma segunda tradição “a respeito da entrada de Davi na corte”.[1] Eles ressaltam que outra passagem, 1Samuel 16.18, apresenta Saul ouvindo sobre Davi e seu contexto familiar, antes de convocá-lo para tocar harpa. Aqui, dizem eles, temos uma versão alternativa sobre como Davi conheceu a corte de Saul. O problema com essa abordagem é não apenas que ela tem uma noção insatisfatória da inspiração bíblica, mas que essa leitura não é o melhor entendimento da pergunta que Saul fez a Abner. Saul não perguntou a Abner quem era Davi, pois Davi já havia se apresentado ao rei. Ele perguntou: “De quem é filho este jovem?”

Saul havia prometido alta posição a quem matasse o gigante Golias, juntamente com casamento com sua filha, portanto é compreensível que ele investigasse sobre o contexto familiar e a posição social de Davi. Qual era a linhagem de Davi e qual era sua formação familiar? Além disso, se Davi fosse bem-sucedido, a recompensa prometida por Saul envolveria a união de Davi à corte do rei permanentemente. Foi isso, de fato, precisamente o que Saul fez depois da vitória que mudou a vida de Davi. A passagem de 1Samuel 18.2 diz que “Saul, naquele dia, o tomou e não lhe permitiu que tornasse para casa de seu pai”. Além disso, parte da recompensa prometida por Saul era a isenção de impostos para a família do vencedor. Tudo isso exigia alguns arranjos com o pai de Davi, e é compreensível que Saul não conseguisse se lembrar quem era ele.

Como Abner não soube responder as perguntas do rei, ele colocou Davi perante o rei. A cena pode ter sido surpreendente e alegre, pois Davi estava segurando a cabeça do grande Golias em suas mãos. Saul não lhe dirigiu palavras de agradecimento ou elogio. Em vez disso, fez apenas uma pergunta: “De quem é filho, jovem? Respondeu Davi: Filho de teu servo Jessé, belemita” (1Sm 17.58).

Um dos objetivos de mostrar essa conversa de “bastidores” entre Saul e Abner é contrastar o espírito calculista do rei com o afeto espiritual fervoroso do seu filho Jônatas. O livro de 1Samuel, como as narrativas bíblicas em geral, geralmente defende uma ideia por meio de comparação e contraste. Em vez de fazer a Davi calorosos agradecimentos e dar-lhe um alegre abraço, Saul avalia

Davi, vendo o herói como pouco mais que uma peça num tabuleiro de xadrez. Muito diferente foi seu filho Jônatas, cujo coração queimava com fé ardente, amor pelo povo de Deus e zelo pela glória do Senhor. A alma de Jônatas, alegrando-se com a vitória de Davi sobre o inimigo de Israel, diante de cuja face outros campeões de Saul haviam tremido, animou-se à vista do jovem Davi e não viu nele um aliado político nem uma ameaça, mas um crente que era digno de seu maior amor e dedicação.

O espírito brilhante de Jônatas

Ao considerar a notável expressão de amor de Jônatas por Davi, devemos examinar tanto sua atitude quanto suas ações. A respeito da sua atitude, primeiro observamos as prioridades espirituais que governaram a reação de Jônatas. A passagem de 1Samuel 18.1 diz que “acabando Davi de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma”.

Há várias razões pelas quais essa foi uma reação improvável de alguém na posição de Jônatas. O filho de Saul era o segundo no reino como príncipe real, tendo merecido sua estatura e a admiração do povo por meio de sua fé e seu valor. Além disso, ele e Davi eram de idades diferentes, de tribos e contextos diferentes e tinham experiências diferentes. Jônatas tinha razões compreensíveis para ter ressentimento e ciúme da repentina fama de Davi. Em resumo, enquanto Davi tinha muito a ganhar, Jônatas tinha muito a perder. Em tais situações, é comum um homem na situação de Jônatas tentar prejudicar e criticar Davi, dificultando as coisas para ele, fazendo-o ser ignorado ou levando-o a afastar-se. No entanto, a atitude de Jônatas em relação a Davi foi completamente diferente do que poderíamos esperar. Em vez de ficar com ciúme de Davi, ele “o amou como à sua própria alma”. Em vez de manter distância do jovem que surgiu do nada, sua alma “se ligou com a de Davi” (1Sm 18.1). Sem dúvida, Jônatas estava simplesmente reagindo à evidente graça na conduta de Davi. Seis vezes, no capítulo 18, lemos que alguém ama Davi. Mas a reação de Jônatas ao sucesso de Davi revelou o compromisso do príncipe com princípios e valores espirituais, e não com prioridades egoístas e mundanas.

Em particular, é evidente que a paixão de Jônatas era dedicada ao bem-estar do povo de Deus e à defesa da honra de Deus. Ele não estava lutando no exército de Saul para obter fama ou para ganhar riquezas e honra. Jônatas estava

comprometido com Israel e com o Senhor de Israel. Isso é visto na passagem anterior, em que a bravura de Jônatas é salientada. Enquanto as ordens erradas de Saul haviam impedido os soldados de Israel e quando Saul recebeu os créditos por uma vitória que a fé de Jônatas havia obtido, seu filho virtuoso não demonstrou preocupação por essas questões. Ele permaneceu fiel ao seu dever e generosamente entregou-se ao serviço da causa que amava. Mesmo quando o insensato voto de Saul ameaçou a vida de Jônatas (1Sm 14.43-45), de modo que os soldados se levantaram em sua defesa, o próprio Jônatas não se opôs à vontade do seu pai.

A lição é que inveja, ressentimento e ódio nascem de prioridades mundanas e egoístas, enquanto o amor nasce de um interesse pelo reino de Deus e seu evangelho. Os cristãos cujo interesse é a glória de Cristo não se oporão aos labores de cristãos com base em considerações de raça, nacionalidade ou classe econômica. Evitaremos um espírito partidário que nos afasta dos nossos irmãos, mostrando, em vez disso, interesse pela integridade bíblica, pela santidade e pela graça. Se nosso objetivo for alcançar os perdidos com o evangelho, não nos preocuparemos muito com quem Deus abençoa e usa nessa obra, contanto que Deus abençoe o trabalho da sua igreja. Em vez de sentir inveja dos dons e chamados de outras pessoas, como Jônatas nos alegraremos por todos os dons que Deus dá, e nossa alma se ligará a todas as outras que estão trabalhando no reino de Deus.

Um exemplo contrário nos ajudará a apreciar as prioridades de Jônatas. Em certa ocasião, Jesus e os discípulos foram para a região dos gadarenos, onde foram confrontados por um homem possuído por muitos demônios. Esse homem, que chamou a si mesmo de “legião” por causa do grande número de demônios que havia dentro dele, havia sido uma ameaça para a região, e os demônios o haviam afligido terrivelmente. Quando Jesus foi até o homem e expulsou os demônios, era de se esperar que as pessoas se alegrassem. Uma alma havia sido liberta de Satanás. Em vez disso, as pessoas ficaram zangadas com Jesus porque ele havia expulsado os demônios para os porcos e pediram que o Salvador do mundo deixasse suas terras, pois valorizavam mais o dinheiro do que sua própria alma (Mc 5.1-20). Em contraste, Jônatas não tinha essas preocupações com sua própria prosperidade nem preocupações mesquinhas de qualquer tipo. Em resposta ao poder de Deus em ação por meio da verdade e da fé salvadora, sua alma se alegrava.

Do mesmo modo, quando observamos o vínculo de amizade que se desenvolveu

entre Jônatas e Davi, vemos que não havia muita base natural para essa forte amizade. Eles não tinham idade próxima, não pertenciam à mesma classe social e nem tinham experiências semelhantes. Qual era o vínculo que tinham em comum? Eles eram unidos pela fé no Senhor. O coração de Jônatas era unido ao de Davi porque Davi incorporava aquilo que era mais precioso ao seu coração. Davi havia lutado contra o gigante em nome do Senhor, determinado a silenciar suas blasfêmias e ansioso para que Israel conhecesse a verdade do poder de Deus. Esses eram temas que inflamavam a admiração de Jônatas e alimentavam seu amor pelo jovem pastor.

O que vemos em Jônatas é nada menos que um homem que havia sido liberto do pensamento mundano e das preocupações egoístas para verdadeiramente amar a Deus e o próximo. A maneira como tratou Davi é uma incorporação dos dois grandes mandamentos enfatizados por Jesus: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10.27, citando Dt 6.5). Isso é o que Deus deseja de nós, que tenhamos como principal interesse sua glória e sua obra e que amemos os outros como a nós mesmos. Jônatas conseguia cumprir esses mandamentos porque havia se entregado ao Senhor e havia verdadeiramente confiado em Deus para suprir todas as suas necessidades. “Apenas as pessoas que, como Jônatas, entregaram-se para fazer algo maior que si mesmas possuem tal liberdade para amar.”[2] É por isso que o Novo Testamento vê o amor verdadeiro como resultado da nossa fé. Como diz Paulo: “Em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor” (Gl 5.6).

Confiando no Senhor para suprir suas necessidades e oferecendo sua vida em serviço sacrificial ao reino de Deus, Jônatas não estava mais preso pelas correntes do egoísmo e do orgulho fúteis. Faria uma grande diferença na nossa vida se fôssemos libertos de uma atitude terrena de cobiça e inveja, confiássemos em Deus para suprir todas as nossas necessidades, e entregássemos nosso coração inteiramente à causa do reino de Deus e do evangelho de Cristo. Como resultado dessa fé centrada em Deus, nos veríamos livres para verdadeiramente amar uns aos outros e nos alegrar pelas realizações dos que estão à nossa volta. Olhando para a liberdade de Jônatas, inspirada pela fé a entregar sua alma em amor, William Blaikie escreve:

Há algo mais bonito que um coração bonito? Depois de praticamente 3.000 anos, ainda ficamos impressionados pelo nobre caráter de Jônatas, e seria bom que todo jovem compartilhasse, em alguma medida, dessa nobreza. Egoístas e hedonistas, olhem para ele, e sintam-se envergonhados![3]

A aliança de amor de Jônatas

A atitude de Jônatas nos inspira, mas também devemos considerar suas ações. É bem observado que o amor não é basicamente um sentimento, mas uma ação. Amar, no seu sentido ativo, é um verbo: é algo que fazemos e concedemos a outros. A esse respeito, o amor de Jônatas por Davi estabelece um exemplo que podemos seguir em nosso amor pelos outros.

O amor entre esses homens era de companheirismo e fraternidade: tentativas recentes feitas por estudiosos liberais de dar tons sexuais a essa passagem são perversas e absurdas. Há diferentes tipos de amor, com diferentes níveis de intensidade e diferentes tipos de expressão: o amor de um homem e uma mulher no casamento, o amor cristão entre os irmãos e o amor de fortes amizades. Embora o amor de Jônatas por Davi caia nessa última categoria, suas ações estimulam o amor que dedicamos aos outros em todas as categorias. Em particular, o amor de Jônatas era um amor que alegra, um amor que dá e um amor que abençoa.

A maneira pela qual Jônatas reagiu a Davi mostra que seu amor se alegrava pela fé e pelas realizações de Davi. “Sucedeu que, acabando Davi de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma” (1Sm 18.1). Nas batalhas anteriores, Jônatas havia lutado sozinho em fé (com exceção do seu escudeiro) contra os inimigos de Israel. Agora ele se alegrava em ver alguém que tinha um coração semelhante – de fato, um homem com fé ainda maior, pois Jônatas não havia sido capaz de lutar contra Golias. Está claro que Jônatas não se sentia condenado pela superioridade de Davi. Em vez disso, ele se alegrava pela fé maior de Davi.

Como reagimos quando surge alguém que nos supera em habilidade, fé ou talentos? Ficamos amargurados e buscamos meios mesquinhos para enfraquecer essa pessoa? O famoso pregador inglês F. B. Meyer percebeu que se ressentia pela habilidade e pelo desempenho de G. Campbell Morgan, um pregador que,

como Meyer, pastoreava uma grande igreja em Londres. A igreja de Meyer era bem frequentada, mas a de Morgan era mais. Meyer e Morgan geralmente pregavam juntos em conferências, mas aqueles que ouviam ansiosamente os brilhantes sermões de Morgan às vezes não estavam presentes quando Meyer assumia o púlpito. Sendo um pastor piedoso, Meyer ficou incomodado ao perceber a inveja e o ressentimento nascendo no seu coração e observou que havia criado o hábito de ressaltar os defeitos e erros de Morgan, ao mesmo tempo em que minimizava seus talentos e suas realizações. Em reação a isso, Meyer determinou que começaria a orar pela bênção de Deus ao ministério de Morgan, entendendo que não poderia continuar a sentir inveja de um homem por cuja bênção estava orando. Logo, Meyer podia ser ouvido alegrando-se pela pregação de Morgan: "Você precisava ter ouvido a pregação de Morgan hoje!", ele exultava. A oração de Meyer não apenas o capacitou a amar seu colega com o dom da alegria, mas, em resposta às suas orações, Deus de tal modo superlotou a igreja de Morgan que muitas pessoas não tiveram escolha a não ser frequentar a igreja de Meyer.

Deve ter sido muito encorajador para Davi ver um líder destacado e potencial inimigo, como Jônatas, alegrando-se pela sua vitória. No entanto, o amor de Jônatas não era um amor que só se alegrava, mas também era um amor que dava. Foi uma cena memorável aquela quando o príncipe e capitão de Israel se aproximou de Davi depois de sua vitória e despojou-se "da capa que vestia e a deu a Davi, como também a armadura, inclusive a espada, o arco e o cinto" (1Sm 18.4). Alguns comentaristas veem isso como uma abdicação formal da parte de Jônatas, embora provavelmente essa interpretação seja exagerada. No entanto, Jônatas estava conscientemente concedendo seu prestígio e dando seu aval ao único rival prático ao seu próprio sucesso. Por que ele faria isso? S. G. DeGraaf responde: "Esse ato de sua parte foi um ato de fé. Somente a fé nos torna desejosos de ser menos. A fé nos faz ceder os direitos que pretendíamos ter".[4] Em resumo, onde o pecado teria feito inimigos, a fé fez irmãos.

Materialmente, o equipamento militar que Jônatas deu a Davi era de grande valor, especialmente porque, sem dúvida, era de alta qualidade. O que Jônatas realmente deu a Davi, porém, foi a honra de sua aprovação diante do exército. Teria sido muito fácil os soldados reagirem como os irmãos de Davi (1Sm 17.28), que ficaram ressentidos pelo repentino sucesso do irmão. Alguns deles, em lealdade ao seu herói Jônatas, podiam ter ficado ressentidos pelo fato de o filho de Saul ter sido superado. Outros teriam procurado defeitos em Davi apontando para sua falta de experiência militar. Porém, nada disso seria possível

uma vez que Jônatas, o herói do exército, havia colocado sobre Davi sua capa, sua armadura, sua espada, seu arco e seu cinto.

O presente de Jônatas parece ter sido espontâneo, mas ele também deve ter levado em conta quanto esse presente seria valioso para Davi. Do mesmo modo, amamos quando entendemos as vulnerabilidades, os temores e as fraquezas dos outros e os ajudamos e fortalecemos precisamente nesses pontos. Àqueles que estão desencorajados, o amor dá encorajamento. Àqueles que são desobedientes, o amor dá conselhos bons e bíblicos. Àqueles que estão exaustos, o amor dá entendimento e ajuda prática. Àqueles que estão enfraquecidos e sofrendo, o amor dá compaixão e lágrimas.

Desse modo, Jônatas declarou sua fidelidade pessoal a Davi em amizade, vínculo que manteve até o dia da sua morte, muitas vezes com considerável risco e custo pessoais. Alguns comentaristas dizem que essa aliança possui nuances de parceria política, e sabemos que o rei Saul, posteriormente, considerou-a uma conspiração. Jônatas deu voluntariamente o que não era obrigado a dar, mas, uma vez assumido, levou a sério seu compromisso de parceria e fidelidade. Sem dúvida, essa aliança reflete a bênção extraordinária do Espírito de Deus sobre Davi como o verdadeiro rei ungido de Israel. Walter Chantry escreve sobre a aliança de Jônatas com Davi:

O príncipe de Israel fez uma aliança com o pastor. Ele deu suas vestes e suas armas a Davi como símbolos da sua amizade sincera. Um dia, Jônatas até mesmo expressa sua aceitação da vontade de Deus de que Davi, e não ele, teria a coroa. Esse foi um amor altruísta, sacrificial e leal a Davi, que durou até sua morte. A fidelidade mútua foi assegurada nesse dia, e ela provou ser uma amizade muito satisfatória para esses homens durante a vida inteira.[5]

Jônatas ilustra o modo como um crente mantém um vínculo pactual de fé com Jesus Cristo. A fé salvadora não envolve apenas a aceitação de verdades a respeito de Jesus, mas inclui nossa lealdade e a submissão da nossa vontade ao seu reinado soberano. Muito mais digno é o Senhor Jesus Cristo de nossa fidelidade e amor pactuais do que Davi, e muito mais abençoada será nossa comunhão com ele não apenas nesta vida, mas na eternidade.

A passagem conclui com uma declaração simples sobre o imediato sucesso de Davi a serviço de Saul, que foi, em parte, resultado do amor e da bênção de Jônatas ao seu amigo: “Saía Davi aonde quer que Saul o enviava e se conduzia com prudência; de modo que Saul o pôs sobre tropas do seu exército, e era ele benquisto de todo seu povo e até dos próprios servos de Saul” (1Sm 18.5). Não em pequena medida graças ao encorajamento, ao aval e à firme lealdade de Jônatas, Davi foi bem-sucedido ao realizar tarefas difíceis. Do mesmo modo, nosso amor deve capacitar outras pessoas a cumprirem o chamado que todos temos como seguidores de Cristo e a encontrar bênção no cumprimento de chamados particulares que Deus colocou na nossa própria vida. Confrontados com muitos desafios na vida, uma amizade como essa é uma bênção para qualquer um de nós. Eclesiastes 4.9-10 diz: “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante”.

Um grande amigo

Por fim, devemos ver o amor de Jônatas por Davi como um dom especial de Deus para seu servo ungido. Todos os cristãos, especialmente os homens, devem ver o exemplo de Jônatas como um chamado para buscar essa amizade e, ainda mais, para dedicar esse amor fraterno uns aos outros. Chantry escreve:

Quando as provações começaram, Deus deu a Davi o presente precioso de um amigo. Um amigo fiel é uma defesa forte na adversidade, um remédio calmante quando se está profundamente ferido. Os homens precisam de amigos bem escolhidos dentre aqueles que amam o Senhor. É claro que Jesus quer ver nosso amor por ele demonstrado no amor aos irmãos.[6]

Ainda mais importante para nós é receber a maior amizade já vista neste mundo, o amor fraterno do Filho de Deus, Jesus Cristo. Jônatas uniu seu coração a Davi depois de testemunhar seu surpreendente espetáculo de fé triunfante. Mas Jesus nos amou em nossa fraqueza, pecado e vergonha. O amor de Jônatas por Davi

foi notável porque um superior entregou sua dedicação a um cidadão inferior. Mas embora seja o próprio Filho de Deus, Jesus nos amou e se fez nosso servo na cruz, chamando-nos para servir uns aos outros em troca (Jo 13.15). Jônatas fez uma aliança de amizade fiel e leal a Davi. Mas Jesus aceitou do Pai uma aliança que exigiu o derramamento do seu próprio sangue pelos nossos pecados. A respeito do seu próprio dom de amor, Jesus disse: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15.13).

Além disso, assim como Jônatas manteve sua aliança de amor com Davi até o fim de sua vida, quando Davi perdeu seu precioso amigo, o Evangelho de João nos diz que Jesus “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13.1). Jesus nos amar até o fim de sua vida significa nos abençoar com seu amor para sempre, já que ele conquistou a morte com seu poder de vida eterna. Assim, se aceitarmos sua aliança de amor pela fé nele, nunca haverá um tempo, em toda a eternidade, em que não possamos confiar no seu amor, que nos alegra, nos dá e nos abençoa. Hebreus 7.25 afirma que “por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”.

Finalmente, enquanto Jônatas se despiu dos símbolos reais de honra e ofício, Jesus colocou sobre nós sua própria justiça, entrelaçada com uma vida de perfeita obediência à lei de Deus, para que possamos ser aceitos na santa presença de Deus. Matthew Henry comenta que “nosso Senhor Jesus assim mostrou seu amor por nós, a saber, despiu-se para nos vestir, esvaziou-se para nos encher; sim, ele fez mais que Jônatas, ele se vestiu com nossos trapos, enquanto Jônatas não vestiu os trapos de Davi”.[7] Vestindo nossos trapos pecaminosos, Jesus levou nossos pecados para a cruz. Aqui está o amor acima de todos os outros, como o apóstolo João declarou: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (1Jo 4.10-11). Se Davi se alegrou no amor de Jônatas com grande bênção, muito mais nosso coração deve se unir a Jesus em resposta à sua aliança de amor por nós.

Como a vitória de Davi sobre Golias mudou sua vida, do mesmo modo também nosso recebimento da vitória sobre o pecado pela fé em Cristo será o dia que mudará nossa vida para sempre. Recebendo o perdão de Cristo pela fé em seu sangue, também recebemos seu amor, que é mais forte que a morte e que assegura para nós seu dom de vida eterna.

1 Robert P. Gordon, I & II Samuel: A commentary, Library of biblical interpretation (Grand Rapids: Zondervan, 1986), 159.

2 Richard D. Phillips, The heart of an executive: Lessons on leadership from the life of king David (Nova York: Doubleday, 1999), 81.

3 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 203.

4 Citado em Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 156.

5 Walter Chantry, David: Man of prayer, man of war (Edimburgo: Banner of Truth, 2007), 37.

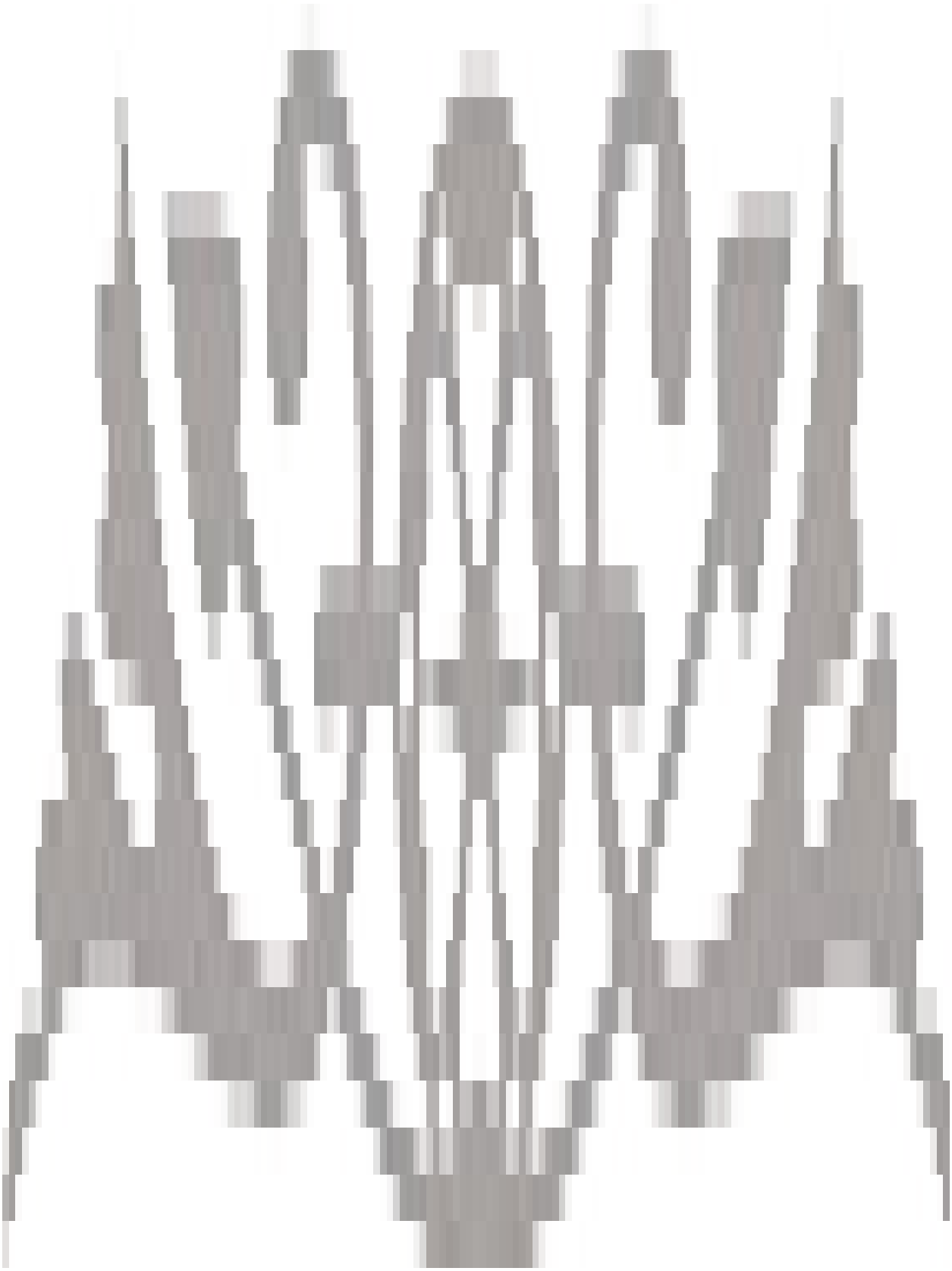
6 Ibid.

7 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:296.

28

A LOUCURA DO REI SAUL

1Samuel 18.6-30



No dia seguinte, um espírito maligno, da parte de Deus, se apossou de Saul, que teve uma crise de raiva em casa; e Davi, como nos outros dias, dedilhava a harpa; Saul, porém, trazia na mão uma lança, que arrojou, dizendo: encravarei a Davi na parede. Porém Davi se desviou dele por duas vezes. (1Sm 18.10-11)

A História revela que nem sempre é seguro viver na companhia dos reis. Considere o caso de Cleito, o Negro. Cleito foi um dos principais generais de Alexandre, o Grande, e comandante da sua famosa cavalaria. Na batalha do rio Granico, Cleito salvou a vida de Alexandre quando o rei foi desarmado pelos seus inimigos. Alguns anos mais tarde, depois de Alexandre conquistar o império persa, Cleito foi um dos muitos macedônios que ficaram descontentes com a aceitação das práticas orientais por Alexandre e com sua interminável ânsia por conquistas. Durante uma festa na tenda de Alexandre, os dois homens se estranharam e Cleito dirigiu vários insultos ao rei. Amigos separaram os dois homens, mas, quando Cleito voltou para dar a Alexandre sua opinião final, o jovem conquistador pegou sua lança, enfiou-a no peito do seu general e o matou. Quando o efeito da bebedeira passou, Alexandre sentiu remorso e o exército sentiu horror.

Alexandre não percebeu que estava imitando o rei Saul de Israel. O ódio ciumento desse rei por Davi foi ainda pior que o violento ataque de Alexandre, já que a todo o momento Davi demonstrou respeito e lealdade ao seu rei. Porém, ao contrário de Alexandre, Saul não foi bem-sucedido em matar Davi, pois Deus era com Davi. Até mesmo a perseguição de Saul levou ao progresso de Davi.

Esse episódio dá início a um longo período de problemas e dificuldades para o jovem Davi. Pode ser irônico que o ódio contra Davi aparecesse imediatamente depois da sua grande façanha no vale de Elá e sua repentina elevação a uma posição de destaque, mas isso não foi por acaso. Podemos ver no período de provações e testes a que Davi foi submetido, que continuará até o fim de 1Samuel, a mão de Deus preparando seu servo. William Blaikie escreve: “Aprouve a Deus, em amor infinito, fazer Davi passar por um longo período de severa disciplina e salutar preparação para o ofício para o qual havia sido chamado”.[1] Também devemos observar, pela reação de Saul a Davi, quão pouco podemos confiar na aprovação e na recompensa do mundo. Nos dias

imediatamente seguintes ao seu triunfo sobre o gigante filisteu, Golias, Davi começou a aprender a lição que seria registrada no salmo 146.3: “Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação”.

A raiva ciumenta de Saul

As sementes do problema foram semeadas antes que Saul e Davi voltassem do campo de batalha. “Sucedeu, porém, que, vindo Saul e seu exército, e voltando também Davi de ferir os filisteus, as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro do rei Saul, cantando e dançando, com tambores, com júbilo e com instrumentos de música” (1Sm 18.6). A demonstração de alegria era semelhante a uma chuva de papel picado de hoje. Ao saudar o rei, as mulheres cantaram: “Saul feriu os seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares” (1Sm 18.7).

Há muito a ser criticado nessa canção, a começar pela sua imprudência. Podemos entender por que Davi foi incluído na canção, já que ele havia matado o gigante inimigo, e era obrigatório que Saul também fosse elogiado. O problema foi a comparação feita entre os dois e o destaque dado a Davi em relação a Saul. As mulheres não estavam dizendo que Saul havia literalmente matado milhares, e Davi dez milhares. Elas estavam se referindo ao seu poder para matar os inimigos de Israel, e o efeito foi retratar Davi como muito mais poderoso que o rei. O desprezo a Saul, embora provavelmente não tenha sido intencional, era inevitável.

No entanto, a canção das mulheres revela mais do que incompetência política. O baixo estado espiritual de Israel é revelado no fato de que nenhum louvor foi dado a Deus, apenas a homens. Compare essa canção com a canção de Miriã e das mulheres de Israel depois da destruição do exército de Faraó no mar Vermelho, quando Miriã cantou: “Cantai ao SENHOR, porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro” (Êx 15.21). Nenhum louvor foi dado a Moisés, que havia levantado a mão sobre o mar Vermelho para que ele se abrisse, porque o povo sabia que o poder e a glória pertenciam somente a Deus. Quando os cristãos seguem o mundo e louvam os homens em vez de Deus, isso geralmente revela um baixo nível espiritual. Não obstante, essa é a tendência em evidência hoje no marketing dos ministros-celebridade e seus impérios. Devemos, é claro, dar graças por cristãos capacitados e fiéis, mas a

glória deve ser reservada apenas para Deus.

Ouvindo os fracos louvores a si mesmo e o forte louvor a Davi, “Saul se indignou muito, pois estas palavras lhe desagradaram em extremo; e disse: Dez milhares deram elas a Davi, e a mim somente milhares; na verdade, que lhe falta, senão o reino?” (1Sm 18.8). O coração orgulhoso de Saul, obscurecido por preocupações pecaminosas, não conseguia suportar uma comparação favorável com outra pessoa. Longe de se alegrar com a aclamação do seu jovem herói, Saul via Davi como uma ameaça ao seu governo. O louvor ao jovem herói transformou imediatamente seu relacionamento com o rei, e “Saul não via a Davi com bons olhos” (18.9).

Devemos vigiar cuidadosamente contra o aparecimento de um espírito de inveja no nosso coração. Como pecadores, somos todos tendentes a esse pensamento, que corrompe nossa capacidade de nos alegrar e nos coloca desnecessariamente contra pessoas que deveriam ser nossas amigas. Se nos encontrarmos pensando malignamente contra outros cujos talentos superam os nossos ou nos ressentindo de louvores dados a realizações de outras pessoas, devemos mortificar essa atitude pecaminosa. Fazemos isso principalmente levando a questão a Deus em oração, sem deixar lugar para que essa impiedade se aloje no nosso coração. Matthew Henry observou: “É um sinal de que o Espírito de Deus está afastado dos homens se eles forem rabugentos no seu ressentimento a afrontas, invejosos e desconfiados de tudo o que está à sua volta e maus em sua conduta, pois a ‘sabedoria do alto’ nos faz totalmente diferentes disso”.[2]

O hábito mais seguro é não nos preocuparmos com a opinião que outras pessoas têm de nós, preocupando-nos mais profundamente com o que Deus pensa do nosso caráter e das nossas ações. Saul nos mostra o que é verdadeiro sobre toda pessoa que almeja louvor pessoal: ela perde a capacidade de se alegrar e de amar. Não muito antes fomos informados de que “este [Saul] o amou muito e o fez seu escudeiro” (1Sm 16.21). Agora, por causa de seu espírito orgulhoso e inseguro, Saul começa a detestar e temer um jovem que apenas havia sido fiel no serviço que lhe prestou.

O pecado acalentado no coração invariavelmente expressa-se através da boca e das mãos, e o coração de Saul ardia tão amargamente que levou apenas um dia para que sua inveja de Davi se tornasse pública:

No dia seguinte, um espírito maligno, da parte de Deus, se apossou de Saul, que teve uma crise de raiva em casa; e Davi, como nos outros dias, dedilhava a harpa; Saul, porém, trazia na mão uma lança, que arrojou, dizendo: Encravarei a Davi na parede. Porém Davi se desviou dele por duas vezes (1Sm 18.10-11).

Diz muito sobre a humildade de Davi o fato de que, depois do seu triunfo público ao matar Golias, e apesar do louvor da nação, ele continuou humildemente prestando serviço a Saul, tocando harpa na sua corte. No passado, a música de Davi havia suavizado o mau-humor de Saul, mas agora a mera visão de Davi despertava em Saul uma fúria violenta. Com um impulso mau, Saul usou sua lança contra Davi, mas o jovem atlético que havia enfrentado a grande lança de Golias conseguiu se esquivar da arma de Saul.

A imagem de um Saul furioso, andando para lá e para cá na sua casa segurando uma lança deve ser levada em consideração. Muitas pessoas vivem de maneira semelhante, alimentando pensamentos maus, ciumentos ou rancorosos e tendo uma atitude que é quase tão perigosa quanto a lança de Saul. Não é por acaso que são lançadas contra cônjuges ou filhos palavras que lembram a arma de Saul usada contra Davi. Muita dor emocional é sentida nos lares, hoje, por aqueles que permitem que sua mente se entretenha com pensamentos sombrios. Tiago escreveu, em contraste, que “a sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento” (Tg 3.17). O que Alexander Maclaren escreveu sobre a inveja pode ser dito sobre outros pensamentos sombrios e raivosos: “Temos de eliminá-los no início. Um filhote de tigre pode ser segurado no colo e suas unhas podem ser cortadas, mas isso não pode ser feito com um tigre adulto”.[3]

A coisa mais importante que devemos perceber sobre Saul é que ele é um retrato desenvolvido e concentrado do homem em rebelião contra Deus. Saul é semelhante a pessoas que, hoje, concentram seu ressentimento e sua frustração em outras pessoas quando, na verdade, o problema delas é Deus. O verdadeiro problema de Saul não era a sua popularidade, a tola canção das mulheres ou mesmo os filisteus. O problema de Saul era seu relacionamento hostil com o Senhor. Vemos prova disso no versículo 12, que diz que Saul percebeu que Davi era abençoado por Deus de um modo que ele não era. Saul havia colocado sua vontade contra o Senhor e endurecido seu coração rancoroso contra os

mandamentos de Deus. Portanto, Deus estava contra Saul, como é visto pelo "espírito maligno" que alimentava a raiva ciumenta do rei (1Sm 18.10).

Walter Chantry observa que "as palavras e os atos de Deus não podem ser negados e resistidos sem sérias consequências para aqueles que odeiam o que o Senhor estabeleceu".[4] Nossa sociedade secular humanista prova isso quando a rebelião contra os mandamentos morais de Deus causa sofrimento a um número cada vez maior de pessoas, cujas vidas são estilhaçadas por violência doméstica, promiscuidade sexual ou vício em drogas, álcool e jogo. O salmo 1, que fala da bem-aventurança daqueles que amam a Deus e sua palavra, também observa que "os ímpios não são assim; são, porém, como a palha que o vento dispersa. Por isso, os perversos não prevalecerão no juízo [...] mas o caminho dos ímpios perecerá" (Sl 1.4-6).

Esse sofrimento, que é a parcela inicial de Deus pelo futuro juízo sobre o pecado, foi grande para o rei Saul. Incapaz de pedir o auxílio de Deus, ele havia se encolhido diante do poderoso Golias, assim como as pessoas, hoje, vivem ansiosas e com medo diante de poderes maiores que elas mesmas. Então, quando Davi mostrou o poder de Deus para salvar aqueles que confiam nele, Saul o odiou pelo louvor que recebeu. Esses são apenas alguns dos modos como o princípio de Isaías sobre aqueles que estão em rebelião contra Deus é verdadeiro: "Os perversos são como o mar agitado [...] Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz" (Is 57.20).

A humildade abençoada de Davi

Saul estava enraivecido não apenas por causa de Davi, mas porque tinha consciência de que Deus era com Davi. O episódio da lança – que, notavelmente, aconteceu duas vezes, indicando que Davi continuou a servir a Saul sob circunstâncias opressivas – inspirou medo não em Davi, mas em Saul, já que o rei corretamente percebeu que a mão de Deus estava protegendo o jovem herói. Assim como o comportamento de José na casa de Potifar era tal que seu senhor viu que "o SENHOR era com ele" (Gn 39.3), era evidente para Saul que o Senhor era com Davi. Ter consciência disso deveria tê-lo feito arrepender-se, mas, em vez disso, apenas aumentou a insensata resolução de Saul de acabar com a vida de Davi.

Com isso em mente, Saul retirou Davi do seu serviço pessoal e colocou-o no comando de uma força militar que lutava contra os filisteus, pensando que a probabilidade de que Davi morresse em combate era relativamente alta. Porém, "Davi lograva bom êxito em todos os seus empreendimentos, pois o SENHOR era com ele" (1Sm 18.14). Como resultado, o povo aclamava Davi ainda mais, de modo que "vendo Saul que Davi lograva bom êxito, tinha medo dele" (18.15). O texto afirma literalmente que ele "temia sua face" e sugere que Saul suspeitava que Davi fosse o homem segundo o coração de Deus que Samuel havia dito que o substituiria como rei (13.14).

Dada a elevada popularidade de Davi, Saul dificilmente poderia continuar os abertos ataques à sua vida. Mas há outras maneiras de preparar um funeral, e uma delas é manter a perspectiva de casamento diante do jovem herói. "Disse Saul a Davi: Eis aqui Merabe, minha filha mais velha, que te darei por mulher; sê-me somente filho valente e guerreia as guerras do SENHOR; porque Saul dizia consigo: Não seja contra ele a minha mão, e sim a dos filisteus" (1Sm 18.17). Essa afirmação revela a avançada depravação de Saul tanto por meio da sua máscara de piedade, buscando a morte de Davi, quanto pelo tratamento insensível ao coração da sua filha. Blaikie comenta que "nada mostra um coração mais ímpio do que desejar envolver outra pessoa, especialmente o próprio filho, numa vida inteira de tristeza para satisfazer um sentimento pessoal".[5]

Lembramos que havia pelo menos o rumor de que o homem que matasse o gigante filisteu ganharia a mão da filha de Saul (1Sm 17.25). Em vez de exigir seu direito ao prêmio, Davi humildemente alegou sua indignidade de ser elevado à família real. "Respondeu Davi a Saul: Quem sou eu, e qual é a minha vida e a família de meu pai em Israel, para vir a ser eu genro do rei?" (18.18). Há todas as razões para ver essa declaração como uma verdadeira expressão de humildade. Vindo de uma família pobre e na qual recentemente havia havido mistura com sangue não judeu (como o livro de Rute revela), Davi sinceramente achou estranho casar-se com uma mulher da estatura de Merabe. Em resposta, Saul ofereceu a mão de sua filha a outra pessoa, sem dúvida tentando despertar uma resposta emocional. "Sucedeu, porém, que, ao tempo em que Merabe, filha de Saul, devia ser dada a Davi, foi dada por mulher a Adriel, meolatita" (1Sm 18.19). É significativo que os cinco filhos desse casal foram posteriormente entregues à morte como pagamento pelos pecados de Saul contra os gibeonitas (2Sm 21.8-9), um detalhe que dá mais evidência da maldição de Deus que estava sobre Saul e a família dele.

Algum tempo depois disso, Saul descobriu que outra de suas filhas, Mical, estava apaixonada por Davi. “Contaram-no a Saul, e isso lhe agradou. Disse Saul: Eu lha darei, para que ela sirva de laço e para que a mão dos filisteus venha a ser contra ele” (1Sm 18.20-21). Evidentemente Saul acreditava que o casamento de Mical com Davi enfraqueceria o caráter dele ou o estorvaria de algum outro modo. A expressão “ser um laço” é usada em outras passagens para indicar a prática de idolatria (veja Êx 23.33; 34.12; Dt 7.16). Talvez, então, Saul pensasse que Mical tentaria Davi a adorar ídolos, desse modo arruinando o relacionamento dele com Deus.

Dessa vez, a oferta de Saul foi prefaciada por palavras de aprovação: “Eis que o rei tem afeição por ti, e todos os seus servos te amam” (1Sm 18.22). O propósito dos mensageiros era, aparentemente, suavizar as reservas de Davi a respeito da sua posição social inferior. Mas Davi ainda estava inseguro, especialmente em vista do seu contexto de pobreza: “Parece-vos coisa de somenos ser genro do rei, sendo eu homem pobre e de humilde condição?” (18.23).

Nessa resposta há um nítido contraste com a atitude vista no rei Saul. Enquanto Saul revela o orgulho e o medo de um homem alienado de Deus, Davi mostra a humildade de um verdadeiro servo do Senhor. Nesse estágio, parece que Davi não percebe que Saul está, na verdade, planejando um funeral, não um casamento. Não obstante, sua humildade – que Saul não pode sondar nem alcançar – o protegeu e confundiu os esquemas ímpios do rei. Henry observa: “É bom, por mais que Deus nos faça prosperar, sempre ter pensamentos modestos sobre nós mesmos. [...] E, se Davi de tal modo exaltou a honra de ser genro do rei, muito mais devemos exaltar a honra de sermos filhos (não pela lei, mas pelo evangelho) do Rei dos reis”.[6]

Já que preeminência e popularidade trouxeram a Davi pouco mais que sofrimento, é difícil ver por que os cristãos desejam ser grandes no mundo. Em vez disso, reconhecendo humildemente nossa indignidade, estimando os outros mais que nós mesmos e desejando que toda prosperidade venha somente das mãos de Deus, os cristãos sábios resistem em correr em busca de posições e privilégios. Em Jeremias 45.5, Deus pergunta: “E procuras tu grandezas? Não as procures”. Além disso, “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4.6, citando Pv 3.34). A humildade resulta não meramente de uma avaliação precisa das nossas deficiências, mas também do nosso contentamento com a provisão de Deus para nossa vida. Henry aplica esta verdade aos crentes:

Se entregarmos nossa alma, nosso corpo, caráter e interesses, nosso caminho e nosso trabalho nas mãos do Senhor, ele fará acontecer tudo o que for bom para nós e nos conduzirá em segurança por meio de tudo até aquele mundo onde traição, inveja e malícia não podem entrar, mas o perfeito amor prevalecerá para sempre.[7]

O cuidado preservador de Deus

Saul estava determinado a enredar Davi pelo casamento com sua filha Mical e, no processo, assegurar que Davi continuasse realizando serviços perigosos na guerra. Por isso Saul respondeu a ponderação de Davi de que não tinha dinheiro suficiente para pagar o dote pela filha do rei. Seus servos disseram a Davi: “O rei não deseja dote algum, mas cem prepúcios de filisteus, para tomar vingança dos inimigos do rei. Porquanto Saul tentava fazer cair a Davi pelas mãos dos filisteus” (1Sm 18.25).

Saul desejou esse presente de casamento incomum por causa do perigo envolvido em matar e remover o prepúcio de 100 soldados filisteus – ato que mostra o repúdio dos israelitas pela condição incircuncisa dos seus inimigos – e também porque, mesmo em caso de sucesso, Davi se tornaria tão odioso aos filisteus que sua vida estaria em grande perigo. Não somente os filisteus resistiriam a Davi em batalha com a máxima força, mas ficariam muito ofendidos por essa profanação dos seus soldados mortos.

Nesses termos, porém, aprouve a Davi entrar na família de Saul. Muitos noivos tentam encontrar um modo de estimular seu relacionamento com o futuro sogro, mas o desafio feito a Davi foi ideal para um homem com as suas habilidades. Antes do fim do prazo determinado para o pagamento do dote, Davi retornou ao rei Saul e apresentou não 100, mas 200 prepúcios de filisteus. Com isso, Davi havia alcançado sua maior posição, e, assim, reivindicou a filha do rei em casamento.

Saul ficou mortificado, não pelo dote, mas pela implicação da realização de Davi. Agora ele sabia mais do que antes que “o SENHOR era com Davi” e que Davi havia roubado o coração até mesmo da sua própria filha (1Sm 18.28).

Como resultado, “Saul temeu ainda mais a Davi e continuamente foi seu inimigo” (18.29). A bravura de Davi de tal modo insultou os filisteus que seus príncipes saíram para a guerra, mas “cada vez que os príncipes dos filisteus saíam à batalha, Davi lograva mais êxito do que todos os servos de Saul; portanto, o seu nome se tornou muito estimado” (18.30).

Essa passagem revela a terceira pessoa que estava presente – aquela cujas ações dominam esse capítulo. Consideramos Saul como uma imagem clássica da ansiedade louca que acompanha a vida sem Deus. Davi, por outro lado, demonstra a humildade que conduz à proteção e à bênção de Deus. Finalmente, somos levados a ver o próprio Deus como o ator principal desses acontecimentos. Assim, Davi nos mostra que diferença faz estarmos corretos com Deus. Enquanto Saul é levado, pelo medo e pela inveja, à loucura, Davi é levado, pelo sucesso, à estima do povo de Deus.

Ficamos corretos com Deus não fazendo uma busca ou realizando boas obras em quantidade suficiente, mas aceitando sua misericórdia como revelada em Jesus Cristo. Somos justificados olhando para trás, em fé, para o Cordeiro de Deus, que morreu pelos nossos pecados, assim como Davi foi justificado olhando para frente, para o sangue de Cristo (cf. Sl 51.7). Então devemos viver por uma fé ativa, da qual Davi foi um excelente exemplo. Por meio dessa vida de fé, somos ricamente abençoados por Deus. O salmo 1 diz sobre o homem de fé: “Tudo quanto ele faz será bem sucedido” (v. 3). Jesus ensinou: “Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto” (Jo 15.5). Jesus é o bendito Filho de Deus em quem os pecadores prosperam espiritualmente, produzindo bons frutos para a glória de Deus.

Isso não quer dizer que os cristãos não pecam, ou que aqueles que confiam no Senhor não passam por provações, erros e muitos outros problemas, porque eles passam. No que se refere aos seus pecados, os crentes são diferentes do rei Saul porque os confessam e se arrependem de tê-los cometido. Em anos posteriores, quando Davi caiu em grande pecado, ele se arrependeu e, assim, teve seu relacionamento com Deus restaurado. “Pequei contra o SENHOR”, disse ele, e o mensageiro de Deus respondeu: “O SENHOR te perdoou o teu pecado” (2Sm 12.13).

E o que dizer sobre bênçãos mais práticas? O favor de Deus significa que todos os cristãos certamente serão ricos? A resposta não é meramente “não”, mas também que os cristãos têm algo melhor que riquezas materiais: não precisamos

ser ricos para estar contentes e satisfeitos, porque Deus enche nosso coração. Isso significa que os cristãos sempre triunfarão sobre os filisteus neste mundo? A resposta é “não”, mas Deus prometeu usar até mesmo nossas derrotas, assim como nossas vitórias, para fazer com que “todas as coisas cooperem para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28). Com frequência os crentes têm razões para repetir a explicação que José deu aos seus irmãos: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim, porém Deus o tornou em bem” (Gn 50.20).

É por isso que Saul ficava tão enervado com Davi: o Senhor era com Davi e por Davi. Foi por essa mesma razão que o Império Romano passou a temer os primeiros cristãos e a admirá-los. Justino Mártir explicou ao imperador, em sua Primeira apologia: “O senhor pode nos matar, mas não pode nos causar dano”.[8] É por isso que a selvagem perseguição oficial aos cristãos na China não apenas não conseguiu fazer nada para diminuir a propagação do evangelho, mas na verdade estimulou a expansão da igreja, pois as pessoas têm dado testemunho do poder de Deus para abençoar seu povo mesmo contra essa aflição.[9] Então, quanto mais Saul intentava o mal contra Davi, mais o temia. Por quê? Porque a promessa do salmo 121 era verdadeira para Davi, como é verdadeira para todos aqueles que são possuídos por Deus pela fé salvadora: “O SENHOR é quem te guarda [...] O SENHOR te guardará de todo mal; guardará a tua alma” (Sl 121.5,7). Imagine tentar opor-se a uma pessoa que é guardada pelo Senhor. Preciosíssima para os cristãos é a promessa ainda maior de que, embora o mundo às vezes nos odeie injustamente, como Saul odiou Davi, “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38-39). A experiência de tentar prejudicar um homem protegido por esse amor infalível levou a loucura de Saul a uma angústia ainda maior, e a mesma realidade, hoje, deve fazer os oponentes de Cristo temerem o Senhor.

Bendize ó minha alma, ao SENHOR!

Se unirmos todos os lados do retrato apresentado nesse capítulo, veremos a mais forte motivação para que cada um de nós busque o Senhor. Saul tinha sua vontade estabelecida contra Deus. Ele não queria obedecer os mandamentos de Deus e se ressentia pela oposição judicial de Deus à sua vida. O resultado dessa atitude endurecida em relação a Deus produziu o que há de mais distante de

felicidade, paz, alegria e sucesso para Saul. Nem mesmo das coisas que ele possuía – muito notavelmente o reinado – ele pôde desfrutar, vendo ameaças perigosas por toda parte. Além disso, como cultivava paixões ímpias, foi levado por Deus à loucura (1Sm 18.10). Saul, então, descobriu que sua vontade e sua rebelião espiritual o levaram a realizar ações chocantes. De modo semelhante, hoje, homens e mulheres que vivem sem a bênção de Deus em sua vida não encontram satisfação na vida e frequentemente são levados pelo pecado a comportamentos aos quais dificilmente conseguiriam se imaginar capazes de ter. Como Saul, o verdadeiro problema deles é com Deus. Não estão em paz com Deus e Deus não está em paz com eles, por isso não conseguem encontrar paz em si mesmos e em ninguém mais.

Embora o problema de homens e mulheres incrédulos seja com Deus, ele também é a solução. Toda a mensagem do cristianismo é que Deus enviou seu Filho para morrer pelos pecados dos seus inimigos. Paulo diz: “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). Portanto, se Saul não voltasse para Deus e sua bênção por meio de sincero arrependimento e fé, não seria porque Deus não queria recebê-lo. Muitos dos maiores pecadores da Bíblia foram aceitos por Deus quando se humilharam diante dele em fé.[10] Paulo escreveu: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1Tm 1.15).

Nós, então, olhamos para Davi e vemos o que significa viver na bênção e no favor de Deus. A verdadeira vitória de Davi foi sua humilde confiança e seu prazer no Senhor, uma bênção que Deus disponibiliza a todos que confiam nele. Em muitos aspectos, é claro, Davi tinha um lugar único nos planos de Deus, por isso muito poucos vivenciarão a grandeza do seu sucesso. Davi retrata para nós outro homem que foi odiado sem causa e não apenas injustamente ameaçado, mas também injustamente entregue à morte pelo seu povo. Jesus Cristo, o Filho de Davi, alcançou vitória sobre inimigos maiores que os filisteus, conquistando as forças malignas de Satanás, do pecado e da morte. Em sua vitória, recebida somente pela fé, temos todas as bênçãos, a começar pelo perdão dos nossos pecados.

Como resultado, no caso de Jesus temos uma exceção à regra de que devemos louvar a Deus e não ao homem, pois ele é homem e Deus. Quando levamos em conta tudo o que esse capítulo nos mostrou sobre a presença salvadora de Deus com seu povo humilde, temos coisas pelas quais louvar. Somos informados três

vezes nesse capítulo que o Senhor era com Davi, e isso fez toda a diferença. Jesus é chamado Emanuel, “Deus conosco”, e promete estar com todos os que o buscarem em fé (Hb 13.5). Com Davi, portanto, louvamos a Cristo não meramente dizendo que ele matou milhares ou dez milhares, mas também cantando: “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR [...] Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades, quem sara todas as tuas enfermidades; quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia” (Sl 103.2-4).

1 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 295.

2 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:297.

3 Alexander Maclaren, Expositions of Holy Scripture, 17 v. (Grand Rapids: Baker, 1982), 2:352.

4 Walter Chantry, David: Man of prayer, man of war (Edimburgo: Banner of Truth, 2007), 38.

5 Blaikie, First Samuel, 303.

6 Henry, Commentary on the whole Bible, 2:299.

7 Citado em Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The Message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 180.

8 Justino Mártir, First apology, cap. 2, em Ante-Nicene fathers, Alexander Roberts e James Donaldson (orgs.), 10 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), 1:163.

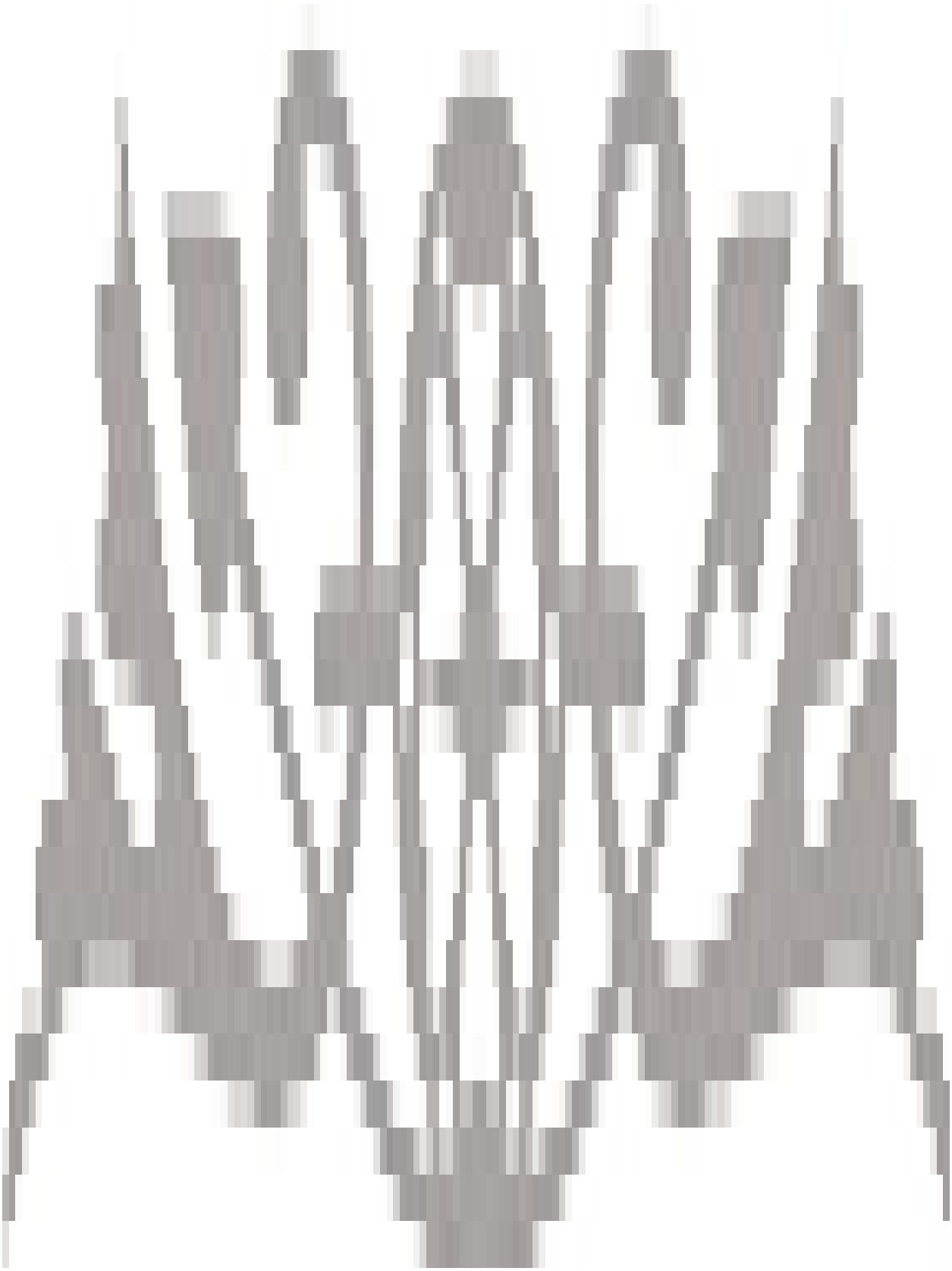
9 Um relato notável do recente crescimento do cristianismo na China pode ser lido em David Aikman, Jesus in Beijing (Washington, DC: Regnery, 2003).

10 Exemplos importantes são o rei Manassés, no Antigo Testamento (2Cr 33.12-13), e Saulo/Paulo, no Novo Testamento (At 9.1-16).

29

MATAR DAVI

1Samuel 19.1-24



Também ele despiu a sua túnica, e profetizou diante de Samuel, e, sem ela, esteve deitado em terra todo aquele dia e toda aquela noite; pelo que se diz: Está também Saul entre os profetas? (1Sm 19.24)

Em forma poética, o salmo 2 apresenta a resposta da majestade soberana de Deus às patéticas tentativas da humanidade de torcer sua vontade. Ele começa com uma expressão perplexa a respeito da vaidade da rebelião do homem contra o céu:

Por que se enfurecem os gentios

e os povos imaginam coisas vãs?

Os reis da terra se levantam,

e os príncipes conspiram

contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo:

Rompamos os seus laços

e sacudamos de nós as suas algemas (Sl 2.1-3).

Deus responde a esse desafio de um modo que não mostra o menor respeito nem dá o menor crédito ao punho levantado do homem:

Ri-se aquele que habita nos céus;

o SENHOR zomba deles.

Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar

e no seu furor os confundirá.

Eu, porém, constituí o meu Rei

sobre o meu santo monte Sião (Sl 2.4-6).

Se já houve um exemplo bíblico da repreensão zombeteira de Deus à pretensão humana em pecado e incredulidade, é o do rei Saul de Israel. Por mais louco que possa ter sido, Saul tinha todo o poder que o mundo podia oferecer. Ele estava enlouquecido pelo desejo de matar Davi, seu servo fiel e o ungido do Senhor. O ódio de Saul era, no fim das contas, dirigido contra o evangelho da graça de Deus, para que pudesse eliminar o reino de Deus para preservar o seu. Desse modo, Saul é o precursor direto dos fariseus e de outros líderes religiosos de Jerusalém que tentaram tão loucamente tirar a vida de Jesus Cristo, o verdadeiro Messias ungido de Deus. Como eles, Saul aprenderia quanto Deus é capaz de preservar seu Ungido. E, como Davi observou no salmo 59, que se acredita ter sido escrito nessa ocasião, Saul aprenderia quanto é fácil para Deus vencer seus inimigos. “Dispersa-os pelo teu poder e abate-os, ó SENHOR, escudo nosso”, orou Davi. “Na sua própria soberba sejam enredados [...] Consome-os com indignação, consome-os, de sorte que jamais existam” (Sl 59.11-13).

O pecado de Saul frustrado pela palavra de Deus

A ira em espiral descendente de Saul contra Davi mostra o perigo de um coração sem arrependimento. Sem dúvida, o pensamento de arrepender-se de sua disposição obviamente ímpia era repulsivo a Saul, mas isso o teria poupado de muitos problemas. Em vez disso, quando seus planos loucos falhavam, ele simplesmente fazia novos planos para destruir seu merecido castigo. Foi por isso que “falou Saul a Jônatas, seu filho, e a todos os servos sobre matar Davi” (1Sm 19.1).

Essa afirmação direta foi notavelmente imprudente da parte de Saul. Ele sabia que Jônatas tinha uma aliança de lealdade e amizade com Davi e que o coração dele estava unido ao jovem herói. Além disso, Saul deve ter percebido quanto todo o Israel admirava as virtudes e as realizações de Davi. Como podia esperar

que sua equipe participasse de uma conspiração para matar Davi? A resposta é que aqueles que são apanhados pelo mal geralmente imaginam que os outros são tão corruptos quanto eles mesmos. O apelo a Jônatas era óbvio, pensou Saul, já que a popularidade de Davi colocava em perigo a subida de Jônatas ao trono. Do mesmo modo, os oficiais de Saul perderiam seu prestígio numa mudança de governo, e um homem como Saul só poderia imaginar que esse pensamento eclipsaria todas as outras considerações.

A fidelidade de Jônatas a Davi foi testada pelo avanço de Saul, e seu coração era tal que foi facilmente aprovado. Para ele, a graça de Deus em ação na vida de Davi era muito mais atraente que qualquer benefício pessoal. Por essa razão, era "Jônatas, filho de Saul, mui afeiçoado a Davi" (1Sm 19.1). Como resultado, Jônatas imediatamente avisou a Davi, pouco se importando com seu próprio bem-estar e fornecendo mais um exemplo de verdadeira amizade. Jônatas disse a Davi: "Meu pai, Saul, procura matar-te; acautela-te, pois, pela manhã, fica num lugar oculto e esconde-te" (19.2). Enquanto isso, Jônatas conversaria com seu pai, ainda esperando trazê-lo de volta à sanidade.

Com esse objetivo em mente, Jônatas falou com seu pai. Sua abordagem fornece um exemplo positivo de como um filho de Deus deve reagir com verdade e graça a conspirações de pecado e incredulidade. A conversa de Jônatas com seu pai foi ao mesmo tempo cortês e ousada, dando conselhos de prudência e apelando diretamente à palavra de Deus. Seu propósito era pressionar Saul a aceitar a inocência de Davi, juntamente com a insensatez pecaminosa do seu plano de assassinato.

Podemos classificar a abordagem inicial de Jônatas a Saul como um apelo à graça comum. Essa expressão refere-se ao modo como Deus age no mundo de modo comum ou preservativo, promovendo a virtude e a verdade para restringir o mal para o bem do seu evangelho. A graça comum não é graça salvadora. Ela não salva diretamente ninguém. Não obstante, pela boa influência de Deus sobre a sociedade humana, ela preserva aqueles que Deus, mais tarde, salvará pela graça especial e salvadora pela fé em Cristo. Jônatas estava se baseando na graça comum quando apelou a Saul para que fosse mais sensato:

Jônatas falou bem de Davi a Saul, seu pai, e lhe disse: Não peque o rei contra seu servo Davi, porque ele não pecou contra ti, e os seus feitos para contigo têm

sido mui importantes. Arriscando ele a vida, feriu os filisteus e efetuou o SENHOR grande livramento a todo o Israel; tu mesmo o viste e te alegraste (1Sm 19.4-5).

Sob a influência da ordem moral de Deus e confrontado por um apelo geral à prudência, o mal de Saul foi restringido, embora não vencido.

Do mesmo modo os cristãos devem conversar com o mundo pecaminoso com base na moral comum e nas bênçãos óbvias do pensamento correto. Mas também será necessário confrontar o mal recorrendo diretamente à palavra de Deus. Jônatas fez isso abertamente, informando a Saul que suas propostas eram pecado: “Não peque o rei”, aconselhou (1Sm 19.4). “Por que, pois, pecarias contra sangue inocente, matando Davi sem causa?” (19.5). A advertência sobre “sangue inocente” refere-se a Deuteronômio 19.10, que amaldiçoa o derramamento de sangue inocente; Deuteronômio 27.24-25 também aplica a maldição de Deus contra “aquele que aceitar suborno para matar pessoa inocente”. Hoje, na sua resposta ao mal, os cristãos devem anunciar as claras advertências de Deus na Bíblia, procurando frustrar os planos do mal com repreensões divinas.

Deus fez este mundo, que continua sob seu governo providencial mesmo estando em pecado, por isso não é de admirar que o apelo de Jônatas tenha tido um sucesso inicial em afastar Saul do seu intento pecaminoso: “Saul atendeu à voz de Jônatas e jurou: Tão certo como vive o SENHOR, ele não morrerá” (1Sm 19.6). Hoje Deus preserva seu evangelho e sua igreja por meios semelhantes. Roger Ellsworth comenta: “Deus primariamente preserva sua causa por meio do testemunho dos seus filhos da graça de Deus a um mundo sombrio. Podemos dizer sobre o cristianismo o que Jônatas disse sobre Davi: ‘Ele lhe fez bem. Por que causar-lhe dano?’”.[1]

O pecado de Saul revelado no juízo de Deus

Em resposta ao juramento de Saul de não matar seu servo, Davi retornou ao serviço do rei. “Jônatas chamou a Davi, contou-lhe todas estas palavras e o levou a Saul; e esteve Davi perante este como dantes. Tornou a haver guerra, e, quando

Davi pelejou contra os filisteus e os feriu com grande derrota, fugiram diante dele" (1Sm 19.7-8). Assim Saul foi ricamente recompensado por ouvir o conselho do seu filho, quando Deus continuou a dar livramento a Israel por meio da espada de Davi. No entanto, sem dúvida isso produziu uma nova onda de louvor ao jovem herói, o que teve como resultado o rápido retorno do ciúme louco de Saul.

A parte de Saul na história de Davi revela a corrupção e os tormentos de um homem em rebelião contra Deus. Observe a incoerência de Saul. Sob a influência do seu filho piedoso, recentemente Saul havia feito um juramento de não atentar contra a vida de Davi. Mas quando Davi voltou da guerra e, com notável humildade, retomou seu ministério de músico na presença de Saul, ele certamente notou um sinal indicador de problemas: "Estava este [Saul] assentado em sua casa e tinha na mão a sua lança, enquanto Davi dedilhava o seu instrumento músico" (1Sm 19.9). Consumido pelo medo de fantasmas que só existiam na sua mente, Saul descobriu que seu "medo e ciúme fizeram dele um tormento para si mesmo, de modo que não conseguia sentar-se na sua casa sem uma lança na mão".[2] Sem dúvida, Davi estava pronto quando o inevitável aconteceu: "Procurou Saul encravar a Davi na parede, porém ele se desviou de seu golpe, indo a lança ferir a parede" (19.10).

Como podemos explicar o comportamento de Saul? Primeiro, como todos os outros homens sem o governo de Deus, Saul era consumido por forças divergentes. Por um lado, ele sabia quanto seu comportamento era ímpio, motivo pelo qual ao longo de todos esses capítulos de 1Samuel ele se arrepende repetidamente. Porém, por outro lado, Saul estava sob a influência da louca paixão do pecado. Gordon Keddie escreve: "Saul estava vivendo uma mentira. É por isso que ele podia tão facilmente fazer juramentos piedosos e contradizê-los quase no mesmo fôlego". Quanto a isso, Saul apresenta, de forma concentrada, o que deve ser verdadeiro para toda pessoa que seja restringida pelo conhecimento de certo e errado, mas é, por fim, vencida pela ira, luxúria ou outros males. "Sem uma transformação salvadora, um pecador é uma confusão. Ele mal se conhece. [...] E muito embora saiba que Deus julgará a impiedade, continua praticando-a, como se tivesse um desejo de morte, e incentiva outras pessoas a tomarem o mesmo caminho fatal."[3]

Se algum homem já provou nossa necessidade da graça salvadora de Jesus Cristo, esse homem é o rei Saul. O que está concentrado nele é verdadeiro sobre toda pessoa que não tem a graça salvadora de Cristo: somos incapazes de viver

de acordo com nossas pretensões morais e capazes de cometer pecados que ansiosamente condenaríamos nos outros e que, por fim, nos condenarão diante de Deus. É por isso que apelos à graça comum e à prudência racional, por fim, não conseguem restringir o pecado: o poder do pecado contamina a mente de tal modo que homens e mulheres se tornam suicidamente irracionais em sua busca de prosperidade, poder, luxúria ou ódio.

Mas irracionalidade não era o único problema do rei Saul. A Bíblia é sincera ao falar sobre o juízo contínuo de Deus na forma de um espírito atormentador, que, presumivelmente, era um mensageiro angelical que afligia a mente de Saul: "O espírito maligno, da parte do SENHOR, tornou sobre Saul" (1Sm 19.9). A realidade desse castigo espiritual é chocante para aqueles que veem Deus como um muito amoroso vovô idoso que vive no céu. Essa concepção é falsa, pois a Bíblia nos diz: "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31). Saul era um réprobo cujo coração estava endurecido contra Deus. Por isso, de todos os seus problemas na vida, o principal era o terrível juízo do Todo-Poderoso. Não apenas a natureza dividida de Saul não lhe permitia levar uma vida agradável e piedosa, mas também Deus não permitia que Saul tivesse uma vida agradável e piedosa.

Não há dúvida de que havia uma interação entre o ciúme que Saul tinha de Davi e os tormentos causados pelo espírito maligno, assim como Paulo nos adverte: "Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo" (Ef 4.26-27). Mesmo sem o tipo de castigo que Saul recebia de Deus, há influências malignas em quantidade suficiente no nosso mundo para que também sejamos advertidos a guardar nosso coração e nossa mente em todo tempo, não permitindo o crescimento de sementes amargas, luxúria ou ira que nos exponham a males que estão muito além do que imaginamos.

O pecado de Saul não apenas causou o juízo de Deus, mas também foi revelado pelo constante juízo e castigo de Deus. Deus continuou a preservar seu servo Davi – motivo pelo qual a lança de Saul continuou a errar o jovem herói mesmo a curta distância – ao mesmo tempo em que o juízo de Deus sobre Saul revelava sua apostasia perante Israel. Do mesmo modo, Paulo escreve sobre os idólatras que se afastam de Deus e seguem seus pecados. Falando sobre homens e mulheres pecaminosos que não reconhecem a Deus nem obedecem os seus mandamentos, Paulo diz que "os entregou Deus a paixões infames [...] [e] a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes" (Rm 1.26-28). Quando homens, mulheres e sociedades se afastam totalmente de Deus, ele

libera seu juízo sobre elas na forma de paixões desenfreadas, revelando, pelo seu juízo, o pecado, a loucura e o tormento daqueles que se afastaram de Deus e colheram os frutos da impiedade.

Quando Davi havia se desviado de uma quantidade suficiente de lanças de Saul, fugiu da corte para sua casa. No entanto, Saul enviou mensageiros para vigiar a casa de Davi e tirar sua vida pela manhã. Mas esse plano chegou aos ouvidos da esposa de Davi, Mical, que também era filha de Saul, e, por meio de sua lealdade, mais uma vez Deus poupou a vida de Davi. No salmo 59, Davi descreve os mensageiros de Saul como "homens sanguinários" (v. 2). "Pois que armam ciladas à minha alma; contra mim se reúnem os fortes, sem transgressão minha, ó SENHOR, ou pecado meu" (v. 3). Davi não estava dizendo que nunca havia cometido pecado, mas que, nessa situação, estava sendo oprimido sem motivo. A verdade de sua afirmação torna o pecado de Saul ainda mais grave.

Aqui, como em outras passagens, a aflição de Davi prenuncia o ódio irracional dos líderes religiosos de Israel contra Jesus Cristo. Vemos na situação de Davi as duas reações do nosso mundo a Jesus, de quem Davi era um tipo. Há aqueles que têm olhos para vê-lo em sua glória, como Jônatas teve prazer em Davi por meio de sua fé em Deus. Mas há outros que veem Jesus apenas como uma ameaça à sua autonomia e especialmente aos seus desejos pecaminosos. Era assim que Saul via Davi: o ungido de Deus era uma ameaça contínua para ele, seu caráter justo era uma ofensa à alma torturada de Saul. Como você reage ao retrato bíblico de Jesus? Ele é uma ameaça à sua autonomia e aos seus desejos mundanos? Ou você o vê como o próprio desejo do seu coração, a soma de tudo o que é bom e o Salvador que o levará ao seu destino em glória? Não há pergunta mais importante em toda a vida.

Deus estava empenhado em proteger seu servo ungido, Davi, assim como Jesus não pôde ser tomado pelos seus inimigos até o tempo determinado para sua crucificação. Nesse caso, Deus usa a própria filha de Saul, Mical, para salvar seu inimigo, assim como anteriormente havia usado Jônatas, o filho de Saul. "Disto soube Davi por Mical, sua mulher, que lhe disse: Se não salvares a tua vida esta noite, amanhã serás morto. Então, Mical desceu Davi por uma janela; e ele se foi, fugiu e escapou" (1Sm 19.11-12).

Diferentemente de Jônatas, Mical não parece ser uma verdadeira seguidora do Senhor. Isto se tornará evidente mais tarde na vida de Davi, quando ela o desprezar por causa de sua adoração entusiasmada a Deus quando a arca da

aliança é levada para Jerusalém (2Sm 6.16). Nessa ocasião anterior, Mical ajudou na fuga de Davi – elogiável, pelo menos, como uma esposa leal – por meio de um ídolo que mantinha na sua casa:

Mical tomou um ídolo do lar, e o deitou na cama, e pôs-lhe à cabeça um tecido de pelos de cabra, e o cobriu com um manto. Tendo Saul enviado mensageiros que trouxessem a Davi, ela disse: Está doente. Então, Saul mandou mensageiros que vissem Davi, ordenando-lhes: Trazei-mo mesmo na cama, para que o mate. Vindo, pois, os mensageiros, eis que estava na cama o ídolo do lar, e o tecido de pelos de cabra, ao redor de sua cabeça (1Sm 19.13-16).

Esse ídolo era um teraphim, um objeto do tamanho de uma pessoa provavelmente empregado na falsa adoração ao Senhor, ou talvez na adoração a outros deuses. É difícil entender como esse objeto podia estar na casa de Davi, a não ser que ele e sua esposa divergissem quanto à fidelidade ao Senhor. Lembramos que essa havia sido a intenção de Saul ao oferecer a mão de Mical em casamento. Ele esperava que sua filha fosse um "laço" para ele (1Sm 18.21). Talvez isso explique a falta de afeto revelada nesse casamento desse momento em diante. Além disso, como filha de Saul, Mical ficava num cabo de guerra que é revelado na sua explicação a Saul quando ele descobriu sua duplicidade ao ajudar Davi a fugir: "Então, disse Saul a Mical: Por que assim me enganaste e deixaste ir e escapar o meu inimigo? Respondeu-lhe Mical: Porque ele me disse: Deixa-me ir, se não, eu te mato" (19.17). Essa foi uma mentira totalmente desnecessária, na qual Mical revelou menos interesse pela reputação de Davi do que havia mostrado pela vida dele. Walter Chantry pergunta: "É possível que essa conversa tenha prejudicado o relacionamento [de Davi e Mical] de um modo que nunca foi curado?"[4] O pecado de bigamia cometido por Davi em anos futuros, em si mesmo injustificável, pode ter sido motivado por um relacionamento fraco no seu casamento com a filha de Saul.

O pecado de Saul é dominado, resultando em louvor a Deus

Importunado pela persistente hostilidade de Saul, Davi fugiu para Gibeá,

correndo para salvar sua vida até próximo de Ramá, onde ainda morava o profeta Samuel. Se o salmo 59 foi de fato escrito durante essa jornada, ele revela que Davi não estava fugindo em pânico, mas que sua mente estava apaziguada pela fé no Senhor: “Livra-me, Deus meu, dos meus inimigos, põe-me acima do alcance dos meus adversários” (Sl 59.1). Embora Mical tenha dito a Davi que ele seria morto pela manhã, Davi reagiu com fé no Senhor: “Eu, porém, cantarei a tua força; pela manhã louvarei com alegria a tua misericórdia; pois tu me tens sido alto refúgio e proteção no dia da minha angústia” (Sl 59.16). Como geralmente acontece com o povo de Deus, o ódio do mundo levou Davi para os braços de Deus, desse modo prestando grande serviço à sua fé. William Blaikie comenta: “Na companhia de Samuel, ele encontraria amizade adequada, e, da sabedoria madura de Samuel e de sua dedicação à lei de Deus, aprenderia muita coisa que seria útil mais tarde na sua vida”.[5]

A fuga bem-sucedida de Davi para Ramá nos lembra que Deus protege seu evangelho e sua causa, e que aqueles que buscam refúgio nele serão mantidos em segurança. Fugindo para Samuel, Davi estava lançando-se na misericórdia do Senhor, já que Samuel era o verdadeiro líder do povo fiel a Deus em Israel. Ali ele veria uma cena intrigante e instrutiva a respeito da salvação que Deus concede àqueles que confiam nele.

Pouco depois, a notícia chegou a Saul: “Eis que Davi está na casa dos profetas, em Ramá” (1Sm 19.19). A casa dos profetas era um local ou uma propriedade rural onde Samuel morava com os profetas. Ouvindo isso,

Enviou Saul mensageiros para trazerem Davi, os quais viram um grupo de profetas profetizando, onde estava Samuel, que lhes presidia; e o Espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul, e também eles profetizaram. Avisado disto, Saul enviou outros mensageiros, e também estes profetizaram; então, enviou Saul ainda uns terceiros, os quais também profetizaram (19.20-21).

A descrição que os profetas e, depois, os mensageiros de Saul estavam “profetizando” parece se referir a um estado de êxtase no qual esses homens falavam com mensagens da parte de Deus. O ponto principal é que Davi foi salvo pela intervenção direta do Espírito de Deus. Matthew Henry comenta que

Deus “mostrou como ele pode, quando quiser, causar admiração até nos piores homens, por meio de sinais da sua presença na congregação dos fiéis, e forçá-los a reconhecer que Deus está com aqueles que pertencem à verdade”.[6] Esse preceito nos lembra que é a adoração a Deus que melhor protege o povo de Deus, especialmente quando a palavra de Deus é pregada no poder do Espírito Santo. Paulo afirmou que, quando a palavra profética é dita com poder, até mesmo o observador incrédulo “adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós” (1Co 14.25). É pelo poder do Espírito pela palavra de Deus que os inimigos de Deus são convertidos em crentes e, assim, em nossos amigos. Mas mesmo quando o mundo não é convertido, o poder do Espírito por meio da palavra e da oração na santa congregação da adoração cristã instila temor e reverência que protegem o povo de Deus da língua e até da espada dos seus inimigos.

Somos lembrados aqui de Deus usando os lábios de Balaão, o profeta contratado para amaldiçoar Israel nos dias do êxodo, de cuja boca Deus só permitiu que saíssem bênçãos sobre seu povo e maldições sobre os inimigos (Nm 24.1-9). Não somos informados sobre quais profecias foram feitas pelos mensageiros de Saul, mas podemos facilmente imaginar que, sob o controle do Espírito, eles, assim como Balaão, falaram importantes verdades a respeito da proteção dos justos por Deus e de suas promessas para o sucesso do seu Messias e do evangelho.

Finalmente, o próprio Saul foi a Ramá em busca de Davi:

E o mesmo Espírito de Deus veio sobre ele, que, caminhando, profetizava até chegar à casa dos profetas, em Ramá. Também ele despiu a sua túnica, e profetizou diante de Samuel, e, sem ela, esteve deitado em terra todo aquele dia e toda aquela noite; pelo que se diz: Está também Saul entre os profetas? (1Sm 19.23-24).

Evidentemente, sob controle do Espírito de Deus, Saul ficou extasiado de um modo que o deixou completamente desarmado e destituído de todos os emblemas do seu ofício real. Saul foi, assim, humilhado por Deus quando ameaçou a vida do servo ungido de Deus, e Deus venceu seu inimigo de uma

maneira que trouxe louvor ao seu nome. O provérbio que resultou disso, “Está também Saul entre os profetas?”, não era uma expressão de louvor, mas de espanto pela conduta errática do governante ímpio. Keddie escreve: “Deus interveio soberanamente e manifestou seu poder de modo a expressar sua desaprovação da intenção de Saul em relação a Davi e a expor a loucura autodestrutiva dos seus caminhos”.[7]

Seguro na fortaleza

Quando refletimos sobre esse notável capítulo, devemos observar tanto a misericórdia quanto a advertência que ele apresenta a todos os que se colocam contra o Senhor e seu Salvador, Jesus Cristo. Primeiro, observamos a misericórdia de Deus demonstrada àqueles que observavam Saul, de modo que a obstinada incredulidade do rei fosse vista facilmente como a loucura que era. Segundo, Deus também estava mostrando misericórdia ao próprio Saul, colocando-o em circunstâncias que deveriam ter deixado claro para ele a loucura dos seus caminhos. É assim que os incrédulos devem pensar sobre os desapontamentos em sua vida e as falhas do seu caráter. Blaikie escreve: “Ó, amigos, se houver em vocês a menor insatisfação com seu passado, o menor desejo de ser melhor, aproveite a oportunidade e volte-se para Deus”.[8] Se você sentir que Deus está impedindo o avanço das suas ambições pecaminosas, egoístas ou sensuais, não endureça seu coração, mas apresente-o a Deus para livrá-lo do pecado. Quando Balaão, o profeta pago para amaldiçoar Israel, tentou seguir em frente com seu plano errado, Deus enviou um anjo com uma espada flamejante para barrar seu caminho. Você deve responder à oposição da parte de Deus com palavras como as de Balaão: “Pequei, porque não soube que estavas neste caminho para te opores a mim; agora, se parece mau aos teus olhos, voltarei” (Nm 22.26-34). Afaste-se do seu pecado e volte-se para Deus em busca de perdão pelo sangue de seu Filho, Jesus Cristo.

Se estiver determinado a voltar sua face contra Deus, porém, e persistir nas suas resoluções pecaminosas, especialmente quando procura se opor ao Salvador Ungido de Deus, Jesus Cristo, e seu povo, a situação de Saul o adverte sobre a condenação vindoura. Davi cantou, no salmo 59: “Mas tu, SENHOR, te rirá deles; zombarás de todas as nações” (v. 8). No salmo 2, ele exultou sobre todos aqueles que estão em injusta oposição a Deus e seu povo: “Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro” (2. 9). Muito melhor é

arrepender-se e buscar a graça que pode ser encontrada por toda pessoa em Jesus Cristo. O salmo 2 conclui:

Agora, pois, ó reis, sede prudentes;

deixai-vos advertir, juízes da terra.

Servi ao SENHOR com temor

e alegrai-vos nele com tremor.

Beijai o Filho para que se não irrite,

e não pereçais no caminho;

porque dentro em pouco

se lhe inflamará a ira.

Bem-aventurados todos os que nele se refugiam (2.10-12).

A promessa de refúgio dá consolo ao povo de Deus. Davi cantou no salmo 59: “Em ti, força minha, esperarei; pois Deus é meu alto refúgio. Meu Deus virá ao meu encontro com a sua benignidade, Deus me fará ver o meu desejo sobre os meus inimigos” (v. 9-10). Com a mão providencial de Deus nos guiando pelos perigos e o Espírito de Deus nos fortalecendo contra os poderes espirituais das trevas, nós crentes somos livres para encontrar toda a segurança na palavra de Deus por meio da oração: “Se Deus é por nós”, argumentou Paulo, “quem será contra nós?” (Rm 8.31).

O castelo dos reis escoceses em Stirling está sobre uma rocha, erguendo-se sobre as terras férteis do vale Forth. Por trás das suas grandes muralhas, suportou inúmeros cercos ao longo de 800 anos e, em 1314, viu a vitória de Bannockburn, quando o reino da Escócia foi recuperado da usurpação inglesa. Dentro dos muros do castelo está o palácio de James V, uma residência serena e pacífica com belos jardins internos e externos. Dentro desse palácio, seguros atrás de

poderosas muralhas, o rei e a rainha podiam viver em paz com a alegria da bênção de Deus no coração.[9]

Assim acontece com o cristão, como Davi revelou na sua experiência de refúgio com os profetas de Ramá. Estamos seguros dentro dos muros do poderoso Espírito protetor de Deus, livres não apenas para nos alegrarmos na sua bondade revelada a nós, mas também para viver em paz e bênção em relação àqueles que nos odeiam. Nessa bênção, somos chamados por Deus a fazer como Samuel e os profetas fizeram: anunciar a palavra de Deus com grande alegria, no poder do Espírito por meio da fé. Somos livres para orar até mesmo por aqueles que nos odeiam, para que, pelo poder do Espírito no evangelho, tornem-se nossos amigos e aliados. Pois foi enquanto os profetas de Ramá estavam adorando e exultando na palavra de Deus que o Espírito tomou seus inimigos. Que Deus, do mesmo modo, revele sua glória na nossa presença e seu poder por meio do nosso testemunho de Cristo e do seu evangelho, para que, pela arma divina da palavra inspirada pelo Espírito, possamos "destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2Co 10.4-5).

1 Roger Ellsworth, The shepherd king: Learning from the life of David (Darlington, UK: Evangelical Press, 1998), 50.

2 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:301.

3 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 185.

4 Walter Chantry, David: Man of prayer, man of war (Edimburgo: Banner of Truth, 2007), 49.

5 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 312.

6 Henry, Commentary on the whole Bible, 2:303.

7 Keddie, Dawn of a Kingdom, 188.

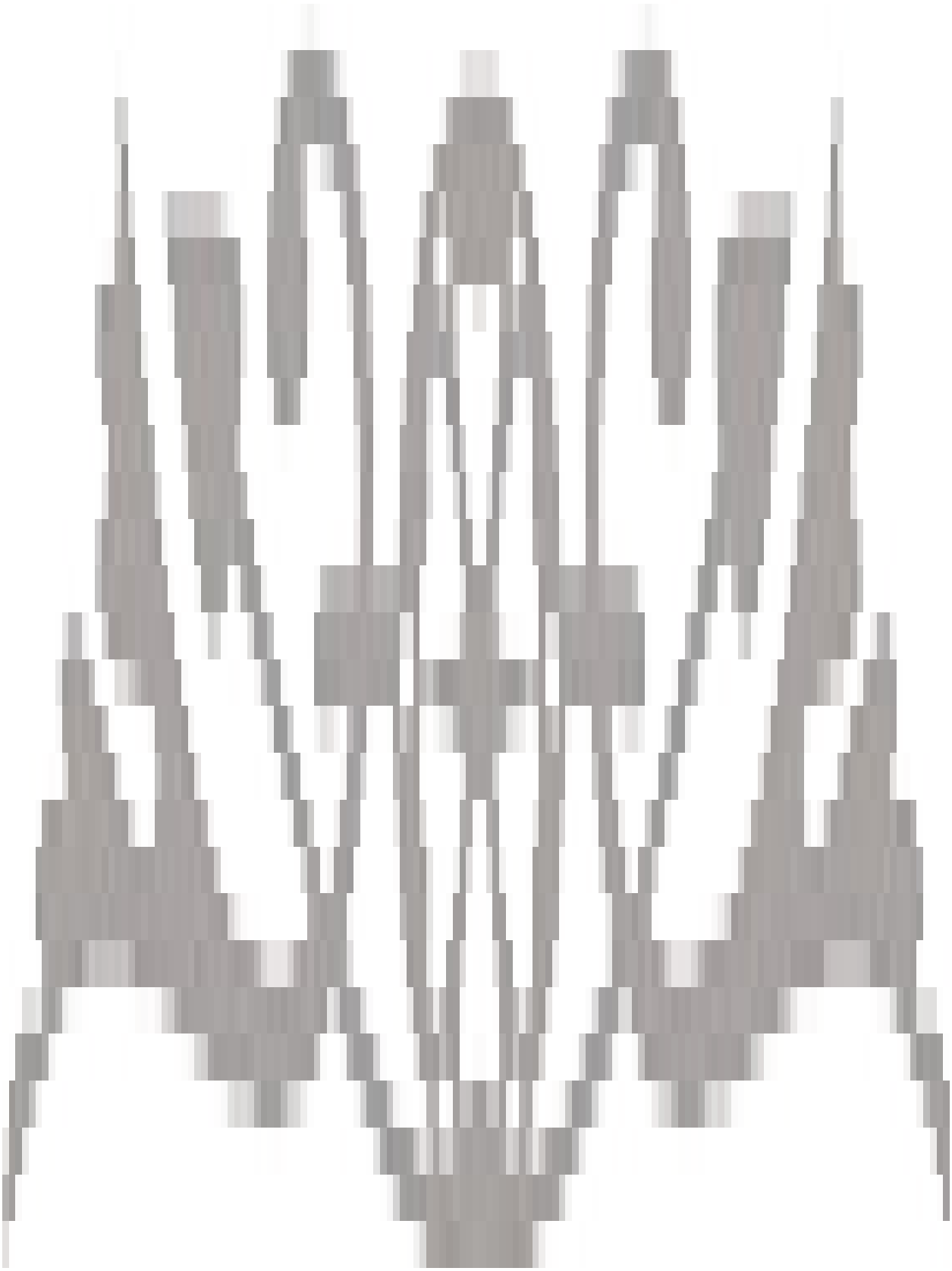
8 Blaikie, First Samuel, 316.

9 Keddie, Dawn of a Kingdom, 189.

30

FLECHAS ALÉM DE TI

1Samuel 20.1-42



Disse Jônatas a Davi: Vai-te em paz, porquanto juramos ambos em nome do SENHOR, dizendo: O SENHOR seja para sempre entre mim e ti e entre a minha descendência e a tua. (1Sm 20.42)

Étriste dizer, mas desde o momento em que Davi ganhou fama pela sua vitória sobre o gigante Golias, seus dias de paz em Israel estavam contados. A razão foi o ciúme insano do rei Saul, que via Davi apenas como uma ameaça, apesar do contínuo relato sobre o serviço humilde e fiel do jovem. Nos capítulos seguintes à vitória de Davi, avançamos em direção ao seu exílio, com cada capítulo apresentando um estudo de personagem durante esse tempo de crise e provação. No capítulo 18, o ator principal é Davi em sua reação às repentinas tentativas de Saul para tirar sua vida. O capítulo 19 concentra-se em Saul, cujo espírito maligno o leva de uma tentativa frustrada a outra contra Davi. O capítulo 20 concentra-se em Jônatas, filho de Saul e amigo pactual de Davi. Jônatas encontra-se preso no que muitas pessoas consideram um aperto terrível, com sua fé e sua piedade competindo contra a ambição e o ganho pessoal. Jônatas nos mostra como um homem de Deus aborda uma situação aparentemente governada por luxúria, medo e ódio, mas, de fato, governada por sua fé e pelos vínculos de fidelidade pactual.

O apelo apavorado de Davi

Vendo Davi no início desse capítulo, é difícil lembrar que esse é o jovem campeão que ousadamente enfrentou Golias em nome do Senhor. Diferentes ameaças têm diferentes influências sobre as pessoas, e, embora Davi pudesse enfrentar destemidamente um guerreiro incircunciso como Golias, ele ficou debilitado diante da hostilidade aberta do rei do próprio povo da aliança de Deus. Por isso, quando Saul foi a Ramá, Davi fugiu novamente em pânico para Gibeá. Procurando seu amigo Jônatas, perguntou por que estava recebendo aquele tratamento. “Que fiz eu? Qual é a minha culpa? E qual é o meu pecado diante de teu pai, que procura tirar-me a vida?” (1Sm 20.1).

Alguns comentaristas veem a fuga de Davi da casa dos profetas como uma

indicação de que ele estava buscando auxílio terreno, não divino. Certamente é verdade que a atitude apavorada de Davi é explicada pelo menos em parte pela ausência de oração nesse capítulo. Há um sentido em que Davi havia permitido que seus pensamentos se concentrassem na injustiça da situação e na ameaça temporal apresentada pelo rei Saul, esquecendo-se da realidade do pecado no mundo como uma explicação suficiente para a injustiça e não se lembrando do cuidado soberano de Deus com a sua vida. Em outra ocasião, Davi oraria: "O SENHOR é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo?" (Sl 27.1). No entanto, aqui não vemos evidência dessa luz na vida de Davi, mas apenas as trevas de medo e sobressalto.

Jônatas reagiu ao apelo de Davi com consternação: "Tal não suceda; não serás morto", ele respondeu (1Sm 20.2). Ele lembrou a Davi que participava nos conselhos de Saul e saberia de qualquer plano contra seu amigo. Essa atitude parece incrível, já que Saul já havia feito vários atentados diretos contra a vida de Davi e Jônatas havia recentemente repreendido seu pai pelo seu intuito declarado de matar Davi (19.1-5). Sem dúvida, Jônatas não estava apenas sendo ingênuo ou excessivamente caridoso em negar a intenção de Saul. Mais provavelmente, ele ainda estava lidando com dificuldade com essa situação terrível e sua mente ainda não havia se acostumado com a evidência sobre seu pai. Matthew Henry explica: "Jônatas, partindo de um princípio de respeito filial pelo seu pai, relutava muito em acreditar que ele planejasse ou que faria algo tão ímpio".[1]

Davi não ficou convencido pela avaliação otimista de Jônatas e respondeu, criteriosamente: "Muito bem sabe teu pai que da tua parte achei mercê; pelo que disse consigo: Não saiba isto Jônatas, para que não se entristeça. Tão certo como vive o SENHOR, e tu vives, Jônatas, apenas há um passo entre mim e a morte" (1Sm 20.3). O juramento de Davi aponta para sua perda de ânimo diante da perspectiva de violência por parte de Saul. Vendo a angústia de Davi, Jônatas perguntou o que podia fazer para ajudar. Davi respondeu lembrando-lhe que a corte de Saul participaria de um banquete ritual mensal, no qual era esperado que Davi estivesse presente. Ele disse: "Deixa-me ir, e esconder-me-ei no campo, até à terceira tarde". Jônatas deveria justificar a ausência de Davi com uma mentira, dizendo que sua família havia exigido que ele voltasse para casa rapidamente para um sacrifício. "Se disser assim: Está bem! Então, teu servo terá paz." Davi concluiu: "Porém, se muito se indignar, sabe que já o mal está, de fato, determinado por ele" (20.5-7).

Os comentaristas divergem na avaliação do subterfúgio de Davi. Alguns o desculpam como um engano compreensível e outros o condenam como uma clara transgressão do mandamento divino de não mentir (Êx 20.16). Acho que é possível justificar esse engano biblicamente, considerando a guerra santa de Deus contra Saul, mas também está claro que Davi estava agindo motivado pelo medo, não pela fé. Esse não era o tipo de ação de que Davi posteriormente se orgulharia, e somos lembrados pelo apóstolo Paulo que "tudo o que não provém de fé é pecado" (Rm 14.23).

No entanto, há um ponto no qual Davi deu um bom exemplo. Na sua angústia, ele buscou segurança nas promessas pactuais que lhe haviam sido feitas. Jônatas havia prometido sua fidelidade a Davi, por isso Davi buscou auxílio em Jônatas. Dale Ralph Davis comenta: "Em confusão e dificuldade, você confia numa pessoa que fez uma aliança com você. No mundo em desintegração de Davi, ainda havia um espaço de sanidade, um refúgio ainda intacto – Jônatas. Havia aliança; ali Davi podia esperar encontrar fidelidade".[2]

De fato, foi à fidelidade pactual de Jônatas que Davi recorreu no seu desespero. "Usa, pois, de misericórdia para com o teu servo", pediu ele, "porque lhe fizeste entrar contigo em aliança no SENHOR" (1Sm 20.8). Esse é um modo excelente para os crentes orarem ao seu Deus pactual. Davi pede a Jônatas para não o entregar ao seu pai e, se Davi tivesse cometido um pecado digno de morte e devesse ser levado a julgamento, Jônatas seria aquele que o mataria: "Se, porém, há em mim culpa, mata-me tu mesmo" (20.8). Davi sabia que encontraria justiça num amigo com o qual estava em aliança, assim como os crentes que apelam ao sangue da nova aliança em Cristo podem confiantemente buscar justificação na presença de Deus. A aliança de Deus faz a promessa: "Para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei" (Hb 8.12, citando Jr 31.34), por isso aqueles que entraram em aliança com Deus pela fé em Cristo podem ir até ele para serem justificados e encontrar proteção para sua alma.

O juramento e a aliança de Jônatas

Quando Jônatas prometeu sua boa vontade e apoio, Davi perguntou como Jônatas daria a notícia da conduta de Saul. Então, Jônatas levou Davi a um campo – aparentemente conhecido de ambos – e fez seu acordo. Ele falou na

linguagem formal de um juramento pactual:

O SENHOR, Deus de Israel, seja testemunha. Amanhã ou depois de amanhã, a estas horas sondarei meu pai; se algo houver favorável a Davi, eu to mandarei dizer. Mas, se meu pai quiser fazer-te mal, faça com Jônatas o SENHOR o que a este aprouver, se não to fizer saber eu e não te deixar ir embora, para que sigas em paz (1Sm 20.12-13).

Observe como Jônatas reage a esse terrível dilema. Ele não pode administrar todas as variáveis, nem mesmo conciliar suas próprias lealdades. Ele é filho de Saul e tem um vínculo de dever com seu pai, mas também é amigo pactual de Davi. Além disso, ele tem muito a perder se as coisas tomarem o caminho errado. Muitas pessoas têm sido vencidas pelo tipo de dilema em que Jônatas se encontrava. No entanto, no fim desse capítulo – na verdade, no fim da sua vida – Jônatas escapa sem qualquer repreensão e é bem-sucedido em proteger sua consciência. O que o capacitou a fazer isso? A resposta é fidelidade. O dever de Jônatas era ser fiel em todos os seus relacionamentos e à aliança na qual tinha entrado. Ele confiou em Deus para salvá-lo, pois o Senhor podia ordenar os acontecimentos de sua vida. De sua parte, ele procurou cumprir seu dever e resolveu viver fielmente.

Primeiro, o dever de Jônatas exigia que ele fosse fiel à sua promessa pactual a Davi. Por isso ele combinou como informar a Davi sobre a disposição de seu pai:

Amanhã é a Festa da Lua Nova; perguntar-se-á por ti, porque o teu lugar estará vazio. Ao terceiro dia, descerás apressadamente e irás para o lugar em que te escondeste no dia do ajuste; e fica junto à pedra de Ezel. Atirarei três flechas para aquele lado, como quem atira ao alvo. Eis que mandarei o moço e lhe direi: Vai, procura as flechas; se eu disser ao moço: Olha que as flechas estão para cá de ti, traze-as; então, vem, Davi, porque, tão certo como vive o SENHOR, terás paz, e nada há que temer. Porém, se disser ao moço: Olha que as flechas estão para lá de ti. Vai-te embora, porque o SENHOR te manda ir (1Sm 20.18-22).

Segundo, Jônatas tomou conselho da palavra de Deus até onde ele a conhecia. Não somos informados como Jônatas descobriu que Deus havia designado Davi para suceder Saul como rei, mas está claro que Jônatas sabia disso. Isso, é claro, significava que Jônatas não sucederia seu pai no trono. Em vez de resistir à vontade de Deus, Jônatas colocou a glória de Deus antes da sua própria e decidiu servir ao lado do Senhor. Conhecendo a vontade de Deus sobre o reinado de Davi, serviu cuidadosamente a essa causa, aceitando que sua obrigação em fazer a vontade de Deus era maior que a obrigação de obedecer ao seu pai. Do mesmo modo, devemos servir à causa do evangelho de Deus, independentemente do aparente custo que tenhamos de pagar, obedecendo a palavra de Deus em todos os casos, mesmo que tenhamos de nos recusar a cumprir as ordens de homens.

Terceiro, tendo aceitado a palavra de Deus, Jônatas buscou seu próprio refúgio em promessas pactuais. Para isso, tendo se comprometido a ser fiel a Davi, ele agora prende Davi em fidelidade de aliança a si mesmo, sabendo, pela fé na palavra de Deus, que o destino real estava com Davi, apesar das ameaças do seu pai de tirar a vida dele. “Seja o SENHOR contigo”, disse ele, “como tem sido com meu pai. Se eu, então, ainda viver, porventura, não usarás para comigo da bondade do SENHOR, para que não morra? Tampouco cortarás jamais da minha casa a tua bondade; nem ainda quando o SENHOR desarraigar da terra todos os inimigos de Davi” (1Sm 20.13-15).

No mundo antigo, quando havia uma mudança de dinastia, a prática universal exigia a eliminação total da antiga dinastia. Então, Jônatas apelou a Davi para poupar sua vida e a dos seus filhos quando Deus limpasse o caminho para o seu reinado. Jônatas estava agindo com base na sua responsabilidade pactual com seus filhos e os filhos deles. Para prover para eles depois da queda da casa do seu pai, “Jônatas fez jurar a Davi de novo, pelo amor que este lhe tinha, porque Jônatas o amava com todo o amor da sua alma” (1Sm 20.17). “Raramente há, se houver, exemplo mais excelente de fé triunfante”, escreve William Blaikie, “que quando o príncipe, com todos os recursos de seu reino à sua disposição, fez esse pedido como um proscrito desamparado.”[3] Somente dessa maneira, pela fé na palavra de Deus aplicada a essa situação, Jônatas assegurou um futuro para seus descendentes, quando Davi, mais tarde, cumpriu sua parte dessa aliança ao trazer o filho aleijado de Jônatas, Mefibosete, para sua própria casa.

Como Jônatas, hoje os crentes devem orientar seu caminho através dos desafios

da vida pela bússola da fidelidade aos seus deveres de aliança. Poucos de nós enfrentam controvérsias dinásticas, mas enfrentam vários desafios na vida. Davis lembra um exemplo dessa fidelidade no ministério abnegado de sua mãe perto da morte de seu pai, depois que a mente dele começou a falhar. Ela havia prometido fidelidade "na saúde e na doença" e seu dever em relação a ele não era glamoroso nem dramático, apenas pactual. Davis lembra: "Nove meses depois que meu pai morreu, minha mãe morreu, talvez porque sentisse que podia. Ela havia cumprido sua missão: cuidar do seu marido".[4] Os exemplos podem ser multiplicados: maridos que permanecem fiéis a esposas de trato difícil, cristãos que mantêm um negócio não lucrativo para manter o emprego de funcionários antigos, membros de igreja que trabalham em harmonia durante uma transição pastoral ou, em outros casos, cristãos que assumem uma posição custosa em favor da palavra de Deus apesar do deboche de líderes de igreja e amigos.

Ainda mais importante, hoje, os crentes, como Jônatas, podem encontrar sua salvação entrando na aliança de amor oferecida pelo rei ungido ao povo de Deus. Jesus nos chama para aceitar essa aliança, prometendo dar-nos descanso (Mt 11.28), matar a sede da nossa alma (Jo 7.37), conceder-nos luz nas trevas (8.12), perdão (3.36) e ressurreição para a vida eterna (11.25-26). Jesus faz aliança com todos os que vão até ele: "Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (Jo 5.24).

À mesa com o rei Saul

O dever de Jônatas para com Saul exigia que ele voltasse à presença do seu pai: "Sendo a Festa da Lua Nova, pôs-se o rei à mesa, para comer. Assentou-se o rei na sua cadeira, segundo o costume, no lugar junto à parede; Jônatas, defronte dele, e Abner, ao lado de Saul; mas o lugar de Davi estava desocupado" (1Sm 20.24-25). Saul, é claro, notou a ausência de Davi, mas, como era um banquete ritual, supôs que Davi tivesse sofrido alguma contaminação, o que poderia ocorrer por várias maneiras. Depõe a favor de Davi que a explicação natural de Saul representava a cuidadosa observância da lei de Deus por parte de Davi. Porém, no segundo dia, que não era uma refeição ritual, não havia desculpa. Por isso, quando Saul pediu a Jônatas uma explicação, seu filho respondeu com a resposta combinada: "Respondeu Jônatas a Saul: Davi me pediu, encarecidamente, que o deixasse ir a Belém", pois sua família tinha um sacrifício

e seu irmão exigiu sua presença. “Por isso, não veio à mesa do rei” (20.28-29).

Seja o que for que pensemos sobre a mentira de Davi e Jônatas, ela claramente não realizou nada de positivo. Jônatas, sem dúvida, mentia muito mal, e uma pessoa astuta como Saul era capaz de perceber imediatamente sua mentira. A resposta explosiva do rei foi surpreendente para seu filho: “Então, se acendeu a ira de Saul contra Jônatas, e disse-lhe: Filho de mulher perversa e rebelde; não sei eu que elegeste o filho de Jessé, para vergonha tua e para vergonha do recato de tua mãe?” (1Sm 20.30). É um sinal de graça quando um crente aprende a controlar sua língua em momentos de ira, e a fúria ardente de Saul significa o oposto. Saul deu rédea solta à sua ofensa, insultando seu filho ao amaldiçoar a mãe dele, sua própria esposa. Seu ódio por Davi é visto em sua referência a ele como “filho de Jessé” (exatamente como demonstramos desprezo hoje quando nos referimos a alguém pelo seu nome completo). Para Saul, incontido em sua fúria abusiva, a oposição de Jônatas à sua vontade por qualquer motivo – mesmo um motivo justo – merecia a perda da sua condição de filho. Como Jônatas se recusa a pleitear o favor do seu pai, até mesmo sua mãe é amaldiçoada agora por ter parido um filho tão insolente.

Na medida em que é proveitoso refletir sobre a ira injuriosa de Saul, podemos observar três motivadores poderosos que fluíram do coração de Saul. O primeiro é a vergonha. Saul estava tão determinado a dominar todas as vontades que a justa desobediência do seu filho era uma fonte de vergonha para o rei. Saul desceu a tal depravação que viu a piedade de Jônatas como a “vergonha do recato de tua mãe”, expressão pela qual ele se refere ao ato de uma mulher dar à luz. Segundo, Saul procura manipular por meio da culpa, chamando Jônatas de “filho de mulher perversa e rebelde”, por não obedecer a sua vontade assassina (1Sm 20.30). Finalmente, Saul apela à cobiça: “Pois, enquanto o filho de Jessé viver sobre a terra, nem tu estarás seguro, nem seguro o teu reino” (20.31). Assim, Saul descreve uma alma depravada pela sua rebelião contra Deus: ele vê vergonha numa conduta justa, aplica falsa culpa para motivar outros a pecar e sua visão é guiada pela cobiça do que ele mesmo ou sua família pode possuir.

Com essas farpas envenenadas plantadas no coração de Jônatas, Saul anuncia sua ordem: ele deve trazer Davi para ser morto. A não ser que tenhamos sofrido esse tipo de manipulação parental ou conhecido pessoas amadas que a tenha sofrido, não conseguiremos imaginar o poder desse veneno. O filme Coração valente descreve um encontro semelhante entre o jovem lorde escocês Robert the Bruce (1274-1329), que, mais tarde, torna-se um dos grandes heróis da Escócia,

e seu pai ávido de poder, Lorde de Annandale. Bruce é chamado ao dever para com sua nação, mas é intimidado pelo escárnio do seu pai e pela sua própria cobiça de poder. Vencido pelo seu pai, Bruce trai a Escócia indo à batalha contra seus compatriotas na companhia do seu maior inimigo, Guilherme I da Inglaterra. A fraqueza que Bruce mostrou sob a influência do seu ímpio pai só é igualada pela vergonha em seu rosto quando é reconhecido por William Wallace, líder da resistência escocesa. O aprendizado por meio do seu erro acaba moldando Bruce, de modo que ele nunca mais trai seu povo novamente.

Jônatas, filho de Saul, não precisava dessa experiência vergonhosa para saber qual era seu dever pactual. Ele defendeu Davi diante de seu pai: “Por que há de ele morrer? Que fez ele?” (1Sm 20.32). Diante disso, Saul pegou sua lança, sempre presente, e usou-a contra seu próprio filho.

Reflitamos sobre o horror da degeneração moral de Saul. Ele nem imaginava que chegaria a essa conduta desprezível quando pela primeira vez endureceu seu coração contra o Senhor. Saul havia justificado tornar-se servo de sua própria vontade e do seu próprio pecado porque estava ressentido contra o castigo imposto por Deus e não quis se humilhar diante das repreensões da palavra de Deus por intermédio do profeta Samuel. Pergunto se Saul teria seguido esse caminho se soubesse em que homem o pecado o transformaria. Ele mal reconhecia o poder pervertedor do pecado uma vez que é aceito ou a maldição do juízo de Deus quando o Senhor decide entregá-lo à iniquidade. Não é sem razão que Hebreus 3.12-13 orienta os cristãos:

Tende cuidado, irmãos, jamais aconteceça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.

A ira louca de Saul teve dois efeitos sobre Jônatas. Primeiro, ela afastou qualquer esperança de razão ou piedade em seu pai. “Com isso entendeu Jônatas que, de fato, seu pai já determinara matar a Davi” (1Sm 20.33). O segundo efeito foi uma tristeza amarga pela conduta de seu pai. “Jônatas, todo encolerizado, se levantou da mesa e, neste segundo dia da Festa da Lua Nova, não comeu pão,

pois ficara muito sentido por causa de Davi, a quem seu pai havia ultrajado" (20.34).

Jônatas havia se libertado da depravação do seu pai ao escolher a fidelidade pactual a Deus em lugar de um apego egoísta à ambição pessoal. Ele havia adotado uma das máximas de Jesus: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). Mas a tristeza pela maldade de seu pai queimava no seu coração. Saul não conseguia aceitar Jônatas pela mesma razão que a palavra de Deus o elogia. Saul achava que seu filho era um tolo vergonhoso por aceitar a perda de um reino para ser fiel a uma aliança de amor. Sofrer esse equívoco e desprezo tem sido o quinhão de muitos que andam com o Senhor. Jesus declarou que seus seguidores devem estar dispostos a sofrer esse tipo de abuso: "Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo" (Lc 14.26-27).

Lágrimas de despedida

O amargo aprendizado de Jônatas à mesa de Saul o deixou com apenas um curso de ação a seguir. "Na manhã seguinte, saiu Jônatas ao campo, no tempo ajustado com Davi, e levou consigo um rapaz" (1Sm 20.35). Percebendo agora a loucura ardilosa de seu pai e suspeitando que podia estar sendo seguido, Jônatas foi discreto e cuidadoso. "Disse ao seu rapaz: Corre a buscar as flechas que eu atirar. Este correu, e ele atirou uma flecha, que fez passar além do rapaz. Chegando o rapaz ao lugar da flecha que Jônatas havia atirado, gritou Jônatas atrás dele e disse: Não está a flecha mais para lá de ti?" (20.36-37). Esse era, é claro, o sinal combinado para Davi fugir. Comunicando a urgência e a retirada de toda restrição, Jônatas acrescentou: "Apressa-te, não te demores" (20.38). Depois de enviar o rapaz de volta para a cidade com suas armas, Jônatas foi à frente e Davi saiu de onde estava escondido. Davi reconheceu sua dívida com Jônatas prostrando-se diante dele três vezes. Então "beijaram-se um ao outro e choraram juntos; Davi, porém, muito mais. Disse Jônatas a Davi: Vai-te em paz, porquanto juramos ambos em nome do SENHOR, dizendo: O SENHOR seja para sempre entre mim e ti e entre a minha descendência e a tua" (20.41-42).

Toda pessoa que fique confundida por essa demonstração de afeição entre

homens piedosos nada sabe sobre o forte vínculo que há entre companheiros em tempo de guerra, amigos de infância ou irmãos em aliança no Senhor. Também não apreciamos a gravidade da lamentável situação deles se pensarmos que suas lágrimas foram uma demonstração de fraqueza. No início da Guerra Civil Americana, Lewis Armistead e Winfield Scott Hancock passaram a noite chorando juntos quando partiram para a guerra, um para assumir o comando de uma tropa do Sul e o outro, de uma tropa do Norte. Ambos lamentaram amargamente a separação, especialmente no dia em que, com Armistead morto e Hancock sangrando, suas respectivas tropas entraram em choque na batalha climática de Gettysburg. Homens de grande sensibilidade demonstram emoção não apenas nas suas vitórias e derrotas, mas também pela perda e pela partida de companheiros.

Davi e Jônatas partiram para cumprir seus deveres em lados opostos do conflito que estava para começar. O capítulo termina com a afirmação de que Davi "se levantou e se foi; e Jônatas entrou na cidade" (1Sm 20.43). Apenas mais uma vez, brevemente e num cenário de desespero e perigo, os dois homens se encontrariam novamente nesta vida. Mas, apesar da dificuldade da ocasião, a separação deles não foi manchada pela infidelidade e a consciência deles estava limpa por causa da obediência ao cumprimento ao claro chamado do dever. Embora afastados fisicamente e separados por diferentes obrigações, "eles permaneceriam inseparavelmente unidos pelo juramento que fizeram em nome do Senhor".[5]

Essa amizade fornece um exemplo eterno do efeito enriquecedor e purificador da amizade piedosa. A fidelidade pactual de Jônatas só pode ser superada pela do Filho de Deus, Jesus Cristo. Blaikie escreve: "No caso de Jesus Cristo, temos todas as qualidades nobres de Jônatas numa excelência muito maior que a dele e temos mais esta consideração, a saber, que, por nós, ele entregou sua vida, e quem recebe sua amizade jamais pode ser separado do seu amor".[6]

"Vai-te em paz"

As últimas palavras desse capítulo são ditas por Jônatas: "Vai-te em paz". De uma observação externa, essa é uma declaração ridícula. Eles estavam se separando para guerra e conflito. Davi estava prestes a fugir em pânico e viveria por anos como fugitivo, e Jônatas estava voltando para o que era provavelmente

o destino mais angustiante: continuar a serviço do seu pai ímpio e louco. Como Jônatas podia falar em ir em paz? Sua resposta era a aliança que haviam feito, que estabelecia paz entre eles: “Vai-te em paz, porquanto juramos ambos em nome do SENHOR, dizendo: O SENHOR seja para sempre entre mim e ti e entre a minha descendência e a tua” (1Sm 20.42). Em meio a todos os problemas que viriam, os dois homens seriam fiéis a essa aliança até o fim dos seus dias, de modo que, no meio de tão grande conflito, partiram em paz e viveram em paz. Se nós, da mesma maneira, nos comprometermos a uma vida de fidelidade em aliança com outras pessoas, também teremos paz mesmo num mundo de aflição.

Ainda mais importante foi a paz que receberam por meio de sua aliança com o Senhor. A paz deles estava baseada nas promessas pactuais de Deus e na fidelidade de Deus em cumprir seu juramento. É aí que nossa alma também encontra paz: “Seu juramento, sua aliança, seu sangue / sustentam-me na intensa inundação”.[7] Obtemos paz com Deus por meio da aliança da graça, que diz: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua casa” (At 16.31). Pela fé no sangue de Cristo, somos perdoados dos nossos pecados e justificados com Deus. Sua promessa pactual nos garante paz: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1). Mesmo que o mundo todo nos ataque, a fidelidade pactual de Deus e a certa esperança de sua bênção acalmarão nossa alma: “Quando tudo ao redor minha alma ceder, /ele, então, é toda a minha esperança e arrimo”.[8] Como Jônatas, não temos o poder de controlar as questões da nossa época ou restringir os pecados ao nosso redor. Contudo, como ele, podemos viver em tempos difíceis com a bênção da paz de Deus. Isaías falou daqueles que são como Jônatas quando disse ao Senhor: “Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti” (Is 26.3).

Finalmente, assim como Jônatas reagiu aos males dos seus dias chamando Davi para fazer uma aliança, Deus nos chama a uma aliança pela fé em seu Filho, Jesus. Cristo nos chama a uma vida de fidelidade pactual, e, para isso, ele nos fortalece com a bênção divina da paz (Lc 2.14). Assim como Jônatas e Davi separaram-se em paz, com seus corações descansando num vínculo de amor pactual, do mesmo modo temos nossa alma descansando na graça prometida de nosso Senhor e Salvador soberano. Ele promete ao seu povo da aliança: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14.27).

1 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:304.

2 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the Heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 168.

3 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 321.

4 Davis, 1 Samuel, 170.

5 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 219.

6 Blaikie, First Samuel, 328.

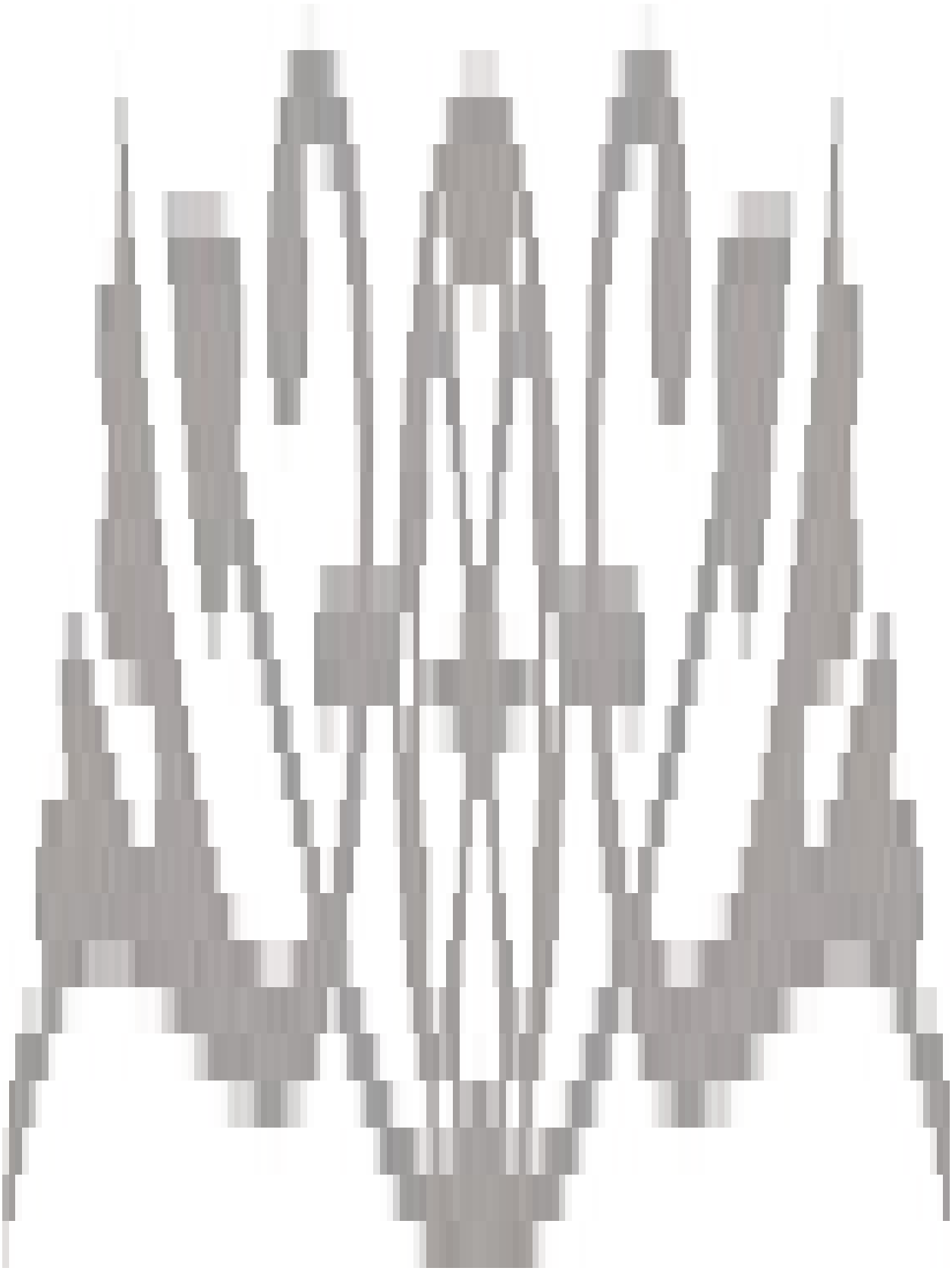
7 “His oath, his covenant, his blood / support me in the whelming flood.” Edward Mote, “My hope is built on nothing less” (1834).

8 “When all around my soul gives way, / he then is all my hope and stay.” Ibid.

31

FUGA ÍMPIA

1Samuel 21.1-15



Respondeu Davi ao sacerdote Aimeleque: O rei deu-me uma ordem e me disse: Ninguém saiba por que te envio e de que te incumbo. (1Sm 21.2)

Ocasionalmente, você ouvirá o nome de um lugar que lhe parece estranhamente familiar. Embora não consiga localizá-lo totalmente, parece que você já esteve ali. A maioria dos cristãos reagiria dessa maneira ao ler 1Samuel 21. Ouvimos o nome "Nobe" e perguntamos: "Já não estive lá?" Lemos sobre "Gate" e pensamos: "Este não é um lugar que já visitei?"

Digo isso não porque a maioria dos cristãos já tenha visitado a Palestina, onde estão localizadas essas localidades antigas. Em vez disso, visitamos a realidade espiritual que elas representam. Nobe é o lugar para onde Davi fugiu com medo e Gate é a cidade de refúgio do louco Davi. Os poucos que têm tentado seguir Jesus Cristo por algum tempo evitaram essas paradas de viagem. A maioria de nós reconhece, por experiência própria, a amargura que elas representam.

Felizmente, Deus também conhece Nobe e Gate muito bem, por isso sabe como resgatar seu povo desses lugares e usá-los para desafiar e moldar nossa fé. Quando estudarmos a fuga de Davi por Nobe e seu refúgio em Gate, examinaremos não apenas a loucura de um crente tomado pelo medo, mas também aprenderemos, como Dale Ralph Davis escreve, que "nem mesmo em nossos momentos mais desesperados o Senhor abandona seus servos, muito menos Davi, seu rei eleito".[1]

A fuga medrosa de Davi através de Nobe

Agora Davi estava enfrentando um tipo de desafio diferente do claro e óbvio perigo que havia enfrentado antes, ao vencer Golias, o gigante filisteu. A nova ameaça à vida de Davi, dessa vez proveniente de Saul, o próprio rei de Israel, levou Davi à beira do desespero. Ele havia recorrido à amizade do filho de Saul para obter proteção, mas Jônatas havia sido incapaz de resistir à fúria de seu pai. Então, Davi refugiou-se com Samuel e seus profetas em Ramá, mas Saul o seguiu até lá. Descobrindo, por meio de Jônatas, que Saul estava totalmente

determinado a vê-lo morto, Davi fugiu precipitadamente, levando, ao que parece, pouco mais que uma camisa nas costas.

A primeira parada de Davi não foi longe: o complexo sacerdotal de Nobe, uma localização cerca de 3,2 quilômetros ao sul da casa de Saul, em Gibeá. Tendo recorrido ao filho do rei e aos profetas em busca de segurança, agora Davi volta-se para a terceira instituição de Israel: os sacerdotes. Depois da queda de Siló, os sacerdotes tinham, obviamente, mudado o tabernáculo para Nobe, embora a arca da aliança permanecesse em Quiriate-Jearim (1Sm 7.2; 2Sm 6.3). Davi provavelmente nunca quis se esconder tão perto de Saul, em Nobe, mas pode ter ido consultar o Senhor e receber qualquer ajuda que os sacerdotes pudessem oferecer. Conquanto pareça excessivamente generoso com Davi, em razão do teor desse capítulo, deve-se mencionar a sugestão de Matthew Henry de que Davi pode ter fugido para Nobe, em parte, por uma questão de sentimento. “Ele havia se despedido afetuosamente do seu amigo Jônatas e não pôde prosseguir sem antes se despedir de modo semelhante do tabernáculo.”[2]

Porém, quando Davi chegou foi desanimado pela conduta do sacerdote: “Aimeleque, tremendo, saiu ao encontro de Davi” (1Sm 21.1). Evidentemente, a notícia do ódio de Saul por Davi havia se espalhado a ponto de deixar o povo agitado por causa do fugitivo. O sacerdote não apenas foi se encontrar com Davi com as mãos tremendo e o rosto suado, mas imediatamente lhe perguntou: “Por que vens só, e ninguém, contigo?” (21.1).

Podemos entender por que causava estranheza ver um alto oficial como Davi desacompanhado de uma comitiva oficial. Mas o cumprimento abrupto só podia ter transmitido hesitação a respeito da posição de Davi, e isso parece tê-lo desanimado. Sua fé e compostura já estavam abaladas (veja 1Sm 20.3) e, então, ele começou a vacilar. De volta a Gibeá, Davi havia contado uma mentira (20.6) e agora, em Nobe, mais uma vez usou esse recurso. Ele respondeu: “O rei deu-me uma ordem e me disse: Ninguém saiba por que te envio e de que te incumbo” (21.2). Em outras palavras, Davi alegou estar numa missão secreta por ordem do rei Saul, com seus homens escondidos perto dali.

Não há como, como alguns comentaristas têm tentado, colocar uma face positiva nas palavras falsas de Davi, pois ele não tinha uma justificativa real. A mentira de Davi estava, de fato, ficando pior, já que agora ele engana face a face um sacerdote do Senhor enquanto estava no tabernáculo santo de Deus. É isso o que acontece quando nossa mente é tomada pelo medo. Quando nos esquecemos da

fidelidade e do amor de Deus, facilmente adotamos padrões de pecado.

O comentário de Jesus sobre essa passagem, em Mateus 12.3-4, sugere que Davi tinha pelo menos alguns companheiros e que eles haviam, de fato, se escondido por perto, mas ele não estava em nenhuma missão a mando do rei Saul. Assim como aconteceu com sua mentira anterior, contada por Jônatas a Saul, essa falsa afirmação não realizou nada de positivo e teve vários resultados danosos. A. W. Pink escreve: “Embora mentiras bem planejadas possam parecer promover segurança no momento, elas asseguram desgraça futura”.[3]

Além disso, se ajudar Davi era, provavelmente, colocar Aimeleque em perigo, o sacerdote tinha o direito de saber. Davi teria feito bem em revelar a verdade e buscar as orações e o conselho do sacerdote: é difícil imaginar conselhos e orações piedosos resultando nas ações que Davi tomaria. Aprendi no ministério pastoral que cristãos que estão andando junto do Senhor procuram seu pastor para pedir oração e conselho antes de uma decisão importante. Cristãos que estão se afastando do Senhor normalmente escondem seus planos e, depois, procuram seu pastor para pedir perdão por ações que sabiam todo o tempo que eram erradas.

No capítulo 22, vemos que Aimeleque consultou o Senhor para Davi (v. 10,15), muito embora Davi não tenha feito uma pergunta honesta. O principal interesse de Davi, porém, era provisão, não conselho: “Agora, que tens à mão? Dá-me cinco pães, ou o que se achar” (1Sm 21.3).

O pedido de Davi criou um problema, pois o alimento disponível no tabernáculo era pão consagrado, que ficava sobre a mesa no Lugar Santo e que só podia ser comido pelo sacerdote e sua família (veja Lv 21). Aimeleque disse: “Não tenho pão comum à mão; há, porém, pão sagrado” (1Sm 21.4). O sacerdote estava disposto a dar seu pão a Davi, mas impôs condições que exigiam um mínimo de consagração da parte de Davi e seus homens, a saber, que tivessem se abstido das mulheres (21.4). Essa proibição não representa uma noção bíblica de que a intimidade sexual seja inerentemente má, pois a Bíblia vê o sexo dado por Deus no casamento como uma grande bênção. Contudo, o código levita de santidade considerava a perda de fluidos corporais um sinal de impureza (veja Lv 15.18; cf. Êx 19.15). Felizmente para Davi, ele e os homens que com ele estavam cumpriam essa qualificação, e Davi afirmou que essa era uma postura-padrão em suas missões: “Sim, como sempre, quando saio à campanha, foram-nos vedadas as mulheres”. Referindo-se à condição santa dos corpos deles, acrescentou: “Os

corpos dos homens não estão imundos. Se tal se dá em viagem comum, quanto mais serão puros hoje!" (1Sm 21.5). Ao ouvir isso, "deu-lhe, pois, o sacerdote o pão sagrado, porquanto não havia ali outro, senão os pães da proposição, que se tiraram de diante do SENHOR, quando trocados, no devido dia, por pão quente" (21.6).

Certa vez Jesus disse algo sobre o sábado referindo-se a esse episódio. Os fariseus haviam acusado Jesus e seus discípulos de violar o sábado porque pegavam e comiam espigas enquanto andavam pelo campo. Jesus respondeu: "Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes?" (Mt 12.3-4). O que Jesus estava querendo dizer não era, como afirmam alguns comentaristas, que a maior obrigação da misericórdia é superior à mera observância da lei. Essa contradição, de fato, não existe. Em vez disso, Jesus quis dizer que o intento da lei foi cumprido pelo ato de misericórdia. Gordon Keddie explica: "O verdadeiro significado da lei cerimonial dos pães da proposição foi expresso ao serem dados a Davi como um ato de compaixão e misericórdia, suprindo uma necessidade real; a lei foi cumprida, não ignorada".[4] Ao usar esse episódio, Jesus aplicou sua lição aos fariseus: "Se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes" (Mt 12.7, citando Os 6.6). A referência de nosso Senhor a essa passagem deve orientar nossa guarda do sábado hoje e nos advertir contra regras excessivas que transformam o dia do Senhor num fardo. Por exemplo, não viola, mas cumpre o sábado fazer uma reunião para comunhão cristã num espírito de alegria, levar alimento para pessoas enfermas ou participar de qualquer outro tipo de liberalidade e generosidade espiritualmente salutares.

Duas últimas observações são feitas a respeito da breve passagem de Davi por Nobe. A primeira é a presença de uma figura ameaçadora chamada Doegue, o edomita, um servo de Saul que havia se demorado no tabernáculo e testemunhado a visita de Davi. Mais tarde, Davi admitiria que sabia que Doegue relataria a visita a Saul e que os sacerdotes sofreriam dano por isso, mas nada fez para intervir (veja 1Sm 22.22). A segunda é o pedido de Davi por uma arma, dizendo que havia saído às pressas e não estava equipado. Ele recebeu a espada de Golias, que havia sido depositada no tabernáculo (provavelmente como um troféu da vitória de Deus). Aimeleque disse: "A espada de Golias, o filisteu, a quem mataste no vale de Elá, está aqui, envolta num pano detrás da estola sacerdotal; se a queres levar, leva-a, porque não há outra aqui, senão essa"

(21.9). É muito significativo que o mesmo Davi que havia se recusado a usar a armadura do rei de Israel quando estava cheio do Espírito para a batalha contra Golias agora se alegra em usar a espada do seu antigo inimigo pagão. Não mais confiando na força de Deus, exultou pela espada, dizendo: “Não há outra semelhante; dá-ma” (21.9).

Assim foi a passagem de Davi por Nobe, que se tornou para ele onde o medo deu lugar ao pecado, à incredulidade e à impiedade. Em Nobe, Davi tentou se proteger com uma mentira, permitiu que seu comportamento colocasse outras pessoas em perigo e se alegrou com as armas terrenas que adquiriu. Muito melhor teria sido se, ao ver a espada de Golias, Davi tivesse se lembrado de como anteriormente Deus havia respondido à sua fé e de como Deus está disposto a ajudar aqueles que invocam seu nome. Hoje, os cristãos devem lembrar-se da soberana graça de Deus em Cristo e serem fortalecidos nela contra as tentações para mentir, enganar ou manipular outras pessoas quando se sentem ameaçados ou com medo.

O refúgio louco de Davi em Gate

O melhor comentário sobre a passagem incrédula de Davi por Nobe é o destino ao qual isso o levou. Como Davi, sempre que passarmos por nossa Nobe, empenhados numa fuga obstinada e incrédula da fé obediente em Deus, provavelmente nos colocaremos em cenários espiritualmente desvantajosos. Podemos não nos surpreender com o fato de a fuga de Davi tê-lo levado a um lugar incrédulo, mas certamente ficaremos surpresos por ela tê-lo levado para a cidade natal de Golias, Gate. No entanto, foi para lá que ele fugiu: “Levantou-se Davi, naquele dia, e fugiu de diante de Saul, e foi a Aquis, rei de Gate” (1Sm 21.10).

Esse relato é mais breve que o de Davi em Nobe e envolve um desfecho simples. Davi provavelmente fugiu para Gate para se retirar dos domínios de Saul. Ele pode ter pensado que ser um inimigo de Saul lhe garantiria asilo entre os filisteus. No entanto, ele havia se esquecido de que ele mesmo era a principal fonte de aflição dos filisteus e o responsável pela morte dos seus soldados (se Davi havia se esquecido dos 200 prepúcios de filisteus, o povo de Gate não). Logo que Davi entrou na cidade o povo o reconheceu e alertou ao rei Aquis: “Este não é Davi, o rei da sua terra? Não é a este que se cantava nas danças,

dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares?" (1Sm 21.11). Os dez milhares de filisteus de Davi, é isso! Acrescentando insulto ao dano, Davi tinha a audácia de passear na cidade usando a espada do herói deles, com a qual havia cortado a cabeça de Golias, de Gate.

A fuga medrosa de Davi o havia levado a um lugar de refúgio que se mostrou ainda mais ameaçador que o louco rei Saul. Ele percebeu isso imediatamente: "Davi guardou estas palavras, considerando-as consigo mesmo, e teve muito medo de Aquis, rei de Gate" (1Sm 21.12). Aparentemente sem outras opções, Davi recorreu a uma última e desesperada tática: "Pelo que se contrafez diante deles, em cujas mãos se fingia doido, esgravatava nos postigos das portas e deixava correr saliva pela barba" (21.13). Na providência de Deus, a obstinada tolice de Davi estava sendo zombada: todo plano que resulta em ter de deixar correr saliva pela barba não é um plano que deu certo. As ações de Davi são, é claro, um comentário sobre seu próprio estado mental: suas ações haviam sido loucas e, então, era apropriado que ele agisse dessa maneira. Roger Ellsworth comenta: "O homem que se postou calmamente diante de Golias porque estava possuído pela fé agora age como um maníaco porque está possuído pelo medo".[5] Também nos lembramos da loucura de Saul e vemos que, unindo-se a Saul no caminho de incredulidade e pecado, Davi estava começando a ter um castigo semelhante.

A única coisa positiva a dizer sobre a ação desesperada de Davi é que ela funcionou. A resposta de Aquis é cômica: "Então, disse Aquis aos seus servos: Bem vedes que este homem está louco; por que mo trouxestes a mim? Faltam-me a mim doidos, para que trouxésseis este para fazer doidices diante de mim? Há de entrar este na minha casa?" (1Sm 21.14-15). Aquis provavelmente cria na antiga superstição de que maltratar lunáticos trazia má sorte. Principalmente, contudo, ele já tinha doidos em quantidade suficiente e não precisava de mais um. Isso dificilmente pode ser um elogio a um homem ungido por Deus para ser o futuro rei de Israel – e mostra a vergonha na qual o pecado nos joga –, mas permitiu que Davi escapasse.

Advertências de Nobe e Gate

Como podemos explicar a conduta ímpia de Davi? Ele estava sendo conduzido pelo medo, mas Davi já havia enfrentado o medo antes. Possivelmente, tinha

bebido do veneno da autopiedade, racionalizando, assim, seu pecado e sua loucura obstinada. Ele não havia pedido para ser ungido por Samuel e ainda havia servido fielmente a Saul. Qual havia sido o resultado? Estava sendo caçado implacavelmente por um rei louco. Davi tinha grandes promessas de Deus, mas tão pouca providência delas. Sem dúvida, a verdadeira injustiça dessa situação partiu seu coração. Os salmos que escreveu mais tarde sobre esse período da sua vida indicam que ele ficou quebrantado e com "espírito oprimido" (Sl 34.18). Porém, em vez de levar esses problemas ao Senhor, Davi parece tê-los alimentado, em prejuízo do seu próprio coração. Em pânico, amargurado e exausto, Davi fugiu do caminho da fé, que sua autopiedade via como sendo a raiz dos seus problemas. Por isso a palavra de Deus não faz parte dos seus planos, e ele nunca para de fugir por tempo suficiente para orar pedindo o auxílio de Deus para recompor seu ânimo estraçalhado. Passando por Nobe, Davi tolerou o pecado e, indo para Gate, a loucura de sua fuga foi totalmente revelada.

Podemos encontrar quatro advertências proveitosas para os crentes na conduta de Davi. A primeira é que nossos pecados de incredulidade têm consequências reais. A mentira de Davi a Aimeleque expôs o sacerdote a um perigo que seria plenamente percebido num futuro próximo. Como Davi em Nobe, podemos cobrir nossos pecados com mentiras bem elaboradas, mas o pecado que protegemos assim inevitavelmente causará dano a nós e aos outros. Como cristãos, cônjuges e pais, podemos negligenciar deveres claros – especialmente nosso dever de orar e de estudar regularmente a palavra de Deus – mas, com o tempo, nos juntaremos àqueles que, pesarosamente, observam o naufrágio no lar e na vida. Podemos nos comprometer com valores e ambições mundanas, assim como Davi exultou com a posse da espada de Golias. Porém, o dinheiro, prestígio e prazer que ganharmos só resultarão na tristeza que Davi sentiu em Gate. Esse é um território inimigo e nenhum servo de Deus pode habitar ali em segurança. Mesmo depois que os crentes se arrependem e são restaurados por Deus, as consequências de Nobe e Gate podem permanecer dolorosamente reais.

Segunda, o comportamento de Davi nos adverte que todo crente pode cair em pecado, ao dar ouvidos ao conselho do medo, da incredulidade e da autopiedade. Davi foi um grande servo de Deus, um homem de grandes qualidades espirituais. Ali estava o homem que podia ser chamado de um "homem que lhe [a Deus] agrada" (1Sm 13.14). Mas os melhores homens são, na melhor das hipóteses, homens, e Davi não podia tolerar seguramente a incredulidade e o pecado mais do que nós. Olhando para esse exemplo, Paulo nos aconselha: "Aquele, pois, que

pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10.12). Com isso em mente, Jesus nos ensinou a orar urgentemente: “Não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (Mt 6.13).

Uma terceira advertência nos lembra não apenas que qualquer um de nós pode cair, mas também quão longe podemos cair e com que rapidez isso pode acontecer. Pouco tempo atrás, Davi havia estado servindo na corte de Saul e conduzindo os exércitos de Israel valorosamente em batalha. Agora ele está babando num canto na cidade natal de Golias. É por isso que a Bíblia nos diz para sempre levarmos em conta tanto a graça de Deus quanto o nosso dever. Hebreus 3.12 nos orienta especialmente a tomar cuidado com qualquer endurecimento do nosso coração em relação a Deus: “Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo”.

Quarta, Davi nos mostra que até mesmo pessoas muito piedosas enfrentam dúvidas, medos, ressentimentos e corações partidos. É por isso que precisamos de amigos cristãos, nos quais possamos confiar para nos aconselhar, nos compreender e orar por nós. Observe que as lutas de Davi ocorrem logo que ele se separa de Jônatas, o amigo com quem estava em aliança. Também é por isso que Deus dá presbíteros e pastores à igreja. Aimeleque pode não ter agido perfeitamente quando Davi apareceu no tabernáculo, mas Davi ainda podia ter aberto seu coração e buscado encorajamento bíblico de um homem separado para o ministério. É por causa da nossa necessidade de orientação pastoral que Deus coloca cristãos em congregações, sob a supervisão espiritual de presbíteros, aos quais Deus designou para “velar por [n]ossa alma” (Hb 13.17).

“Provai e vede”

O apóstolo Paulo escreveu que os erros do Antigo Testamento foram registrados como “exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram” (1Co 10.6). Quando Davi se afastou de Gate e recuperou a segurança, ele também refletiu sobre esse período baixo da sua vida, e, nos salmos 34 e 56, registrou seus pensamentos, que se concentram principalmente em Deus. Tendo aprendido lições com a fuga de Davi, também podemos observar quatro verdades sobre o modo de Deus lidar com seu povo.

A primeira lição é que Deus supre todas as necessidades do seu povo. Vemos essa providência no pão que foi dado a Davi no tabernáculo. Davi escreveu, no salmo 34.9-10: “Temei o SENHOR, vós os seus santos, pois nada falta aos que o temem. Os leõezinhos sofrem necessidade e passam fome, porém aos que buscam o SENHOR bem nenhum lhes faltará”. Davis comenta: “Observamos que, em confusão, perigo e medo, Davi recebeu seu pão diário”. Os pães da propiciação eram “um testemunho claro de que [o Senhor] sustenta as pessoas e supre suas necessidades”.[6]

Você se encontra sob uma pesada carga de preocupações e cuidados? Você às vezes acha que será esmagado pela pressão? Olhe, então, para a provisão diária de Deus e lembre-se que, assim como Deus não expulsou Davi em sua loucura e pecado, ele continuará fiel a você.

Segunda, Davi comenta sobre como Deus protege seu povo em perigo. Esse é o ponto principal de que Davi trata nesses salmos. O salmo 34.6-8 lembra: “Clamou este aflito, e o SENHOR o ouviu e o livrou de todas as suas tribulações. O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem e os livra. Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia”.

Davi percebeu que, mesmo em seus momentos mais difíceis, o auxílio invisível de Deus ainda o estava protegendo. O salmo 56 fornece a aplicação mais óbvia dessa percepção, a saber, que quando Davi estiver com medo, deve se lembrar de confiar em Deus: “Em Deus, cuja palavra eu exalto, neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer um mortal?” (56.4).

A segunda aplicação é que, enquanto confiamos em Deus, devemos obedecer as suas leis e mandamentos: “Os votos que fiz, eu os manterei, ó Deus; render-te-ei ações de graças. Pois da morte me livraste a alma” (56.12-13). É digno de nota que Davi concentra-se na fidelidade no falar como um fruto da fé na proteção de Deus: “Refreia a língua do mal e os lábios de falarem dolosamente. Aparta-te do mal e pratica o que é bom; procura a paz e empenha-te por alcançá-la” (34.13-14).

Deus não apenas protegeu Davi de Saul e do rei de Gate, mas também o protegeu do seu próprio pecado. Davi quis esconder sua identidade entre o povo de Gate, mas, como Pink escreve, “Deus não permitirá que seu povo permaneça incógnito neste mundo”. Assim, Davi foi rapidamente reconhecido, assim como

todo verdadeiro crente em Cristo não será capaz de misturar-se e passar despercebido no mundo. “E misericordiosamente é esse o caso, pois Deus não quer que os seus se estabeleçam entre seus inimigos e desfrutem da amizade deles.”[7] Sempre que Deus se recusa a conceder sucesso aos nossos planos pecaminosos, devemos louvá-lo por nos proteger de ficar permanentemente enredados no mal.

Terceira, da experiência de Davi aprendemos sobre a pedagogia de Deus, isto é, o sábio treinamento que ele dá aos seus filhos. Não era apenas Davi que estava agindo nesse capítulo; Deus também estava. Se Davi perdeu seu apoio em Deus, isso aconteceu em parte porque Deus parece ter retirado temporariamente sua presença como um modo de testar e treinar a fé de Davi. Conhecendo os desafios que estavam à frente de Davi, parece que o Senhor preparou essa experiência para ensinar a Davi sua fraqueza e sua necessidade constante de graça. A sabedoria resultante é vista no salmo 34.4, no qual Davi reflete: “Busquei o SENHOR, e ele me acolheu; livrou-me de todos os meus temores”. Poucos de nós buscam diariamente o Senhor, até que, por meio de uma experiência dolorosa, aprendemos que, à parte de Deus, estamos em perigo.

Quarta, Davi foi convencido por essas experiências e pelo livramento que recebeu de Deus em Gate de que Deus tem compaixão daqueles que lhe pertencem. Ele escreveu no salmo 34.17-18: “Clamam os justos, e o SENHOR os escuta e os livra de todas as suas tribulações. Perto está o SENHOR dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito oprimido”. Davi errou ao não levar sua angústia a um amigo crente ou a um líder espiritual, mas há um auxílio ainda mais imediato que este: a compaixão de Deus pelo seu povo.

A resposta à autopiedade, que produz o fruto ruim de tantos pensamentos sombrios e aparentemente justifica tantos pecados destrutivos, é buscar a compaixão de Deus em oração. Muito tocante é a declaração de Davi no salmo 56, escrito depois desses acontecimentos, no qual Davi observa o cuidado amoroso com que Deus trata cada uma de nossas tristezas. “Contaste os meus passos quando sofri perseguições”, suspira Davi. Ele pergunta: “Recolheste as minhas lágrimas no teu odre; não estão elas inscritas no teu livro?” (Sl 56.8). O Senhor que nos amou tanto que enviou seu Filho para morrer pelos nossos pecados também trata com bálsamo cada ferida no nosso coração. Devemos responder, portanto, como o hino de Charles Wesley nos aconselha: “Jesus, amante de minha alma, / Deixe-me correr para o teu seio”.[8]

Alguém maior que Davi

Os sofrimentos de Davi têm o propósito último de prenunciar os sofrimentos ainda maiores do verdadeiro Rei ungido de Deus, o Messias. Do mesmo modo, os salmos de Davi, que geralmente expressam um entusiasmo espiritual maior do que o que ele parece ter tido pessoalmente, refletem muito verdadeiramente a fé e a devoção do seu Filho mais nobre, Jesus Cristo. É a graça de Deus por nós em Cristo que responde ao nosso medo e à nossa necessidade em tempo de dificuldade. “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33).

Davi recebeu provisão dos pães da proposição no tabernáculo. Mas Jesus é o verdadeiro pão que supre nossa maior necessidade. Ele disse: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne” (Jo 6.51). Do mesmo modo, Davi podia louvar a Deus por sua proteção ao poupá-lo da morte. Mas a maior proteção de Deus, em Jesus Cristo, protege-nos até mesmo na morte. A alegria de Davi no salmo 34 se aplica muito exatamente à morte de Cristo na cruz, que nos redime do pecado: “O SENHOR resgata a alma dos seus servos, e dos que nele confiam nenhum será condenado” (Sl 34.22). Finalmente, a compaixão de Deus pelo seu povo que sofre é mais perfeitamente manifesta na vinda de Jesus ao nosso mundo. O escritor de Hebreus nos lembra: “Não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15). Jesus nos dá graça suficiente para todas as nossas necessidades:

Tu, ó Cristo, és tudo o que quero;

Mais que tudo em ti encontro:

Levantas os caídos, cuidas dos fracos,

Curas os enfermos e conduzes os cegos.[9]

Jesus está disposto para tudo isso e mais. O pastor de Hebreus nos exorta: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.16).

1 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 174.

2 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:308.

3 A. W. Pink, A life of David, 2 v. (Grand Rapids: Baker, 1981), 1:76.

4 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 196.

5 Roger Ellsworth, The shepherd king: Learning from the life of David (Darlington, UK: Evangelical Press, 1998), 62.

6 Davis, 1 Samuel, 176.

7 Pink, Life of David, 74.

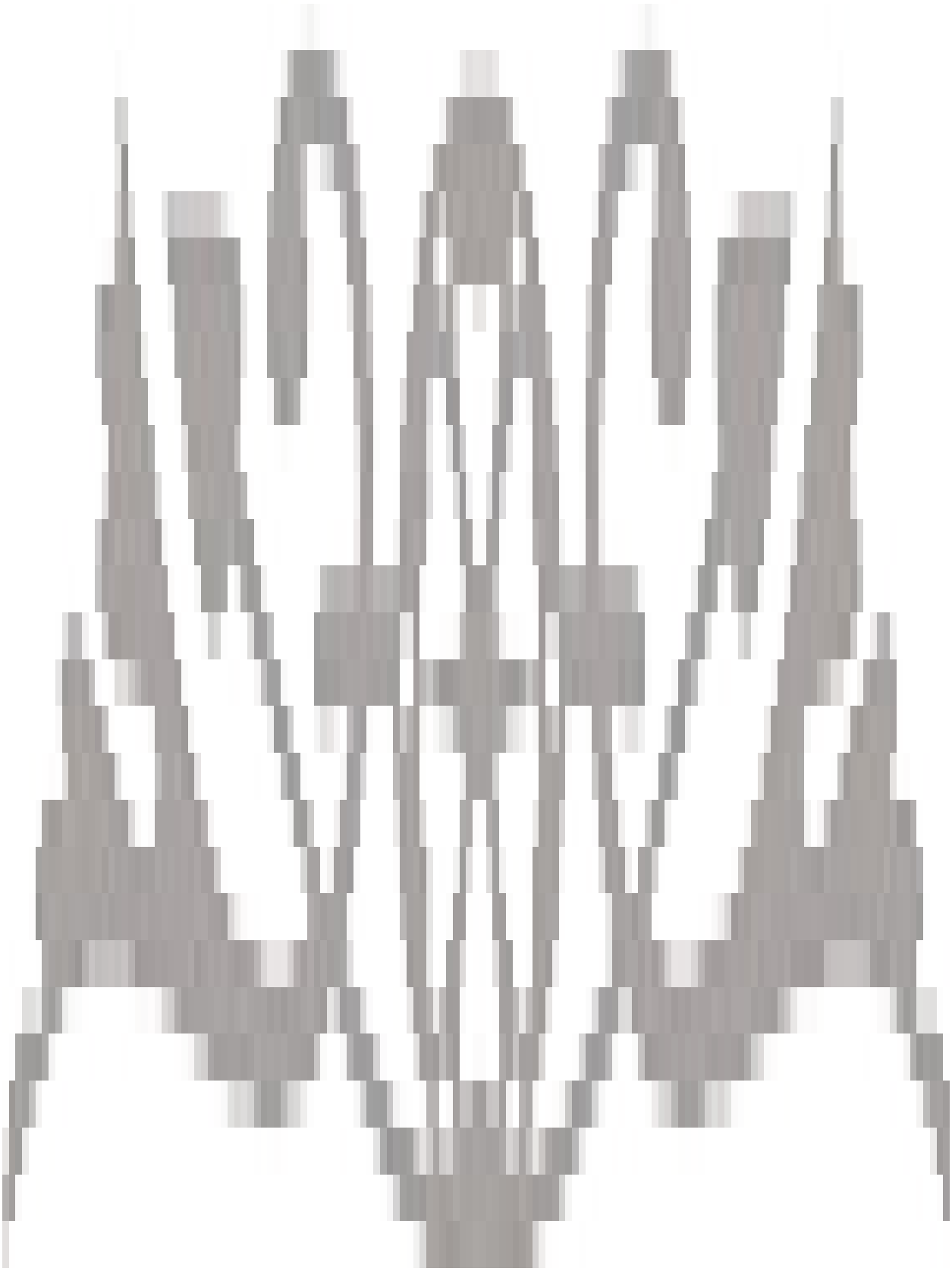
8 “Jesus, lover of my soul, / Let to thy bosom fly.” Charles Wesley, “Jesus, lover of my soul” (1740).

9 “Thou, O Christ, art all I want; / More than all in thee I find: / Raise the fallen, cheer the faint, / Heal the sick, and lead the blind.” Ibid.

32

O ASSASSINATO DOS SACERDOTES

1Samuel 22.1-23



Disse o rei aos da guarda, que estavam com ele: Volvei e matai os sacerdotes do SENHOR, porque também estão de mãos dadas com Davi [...] (1Sm 22.17)

Ninguém nunca permanece inalterado. Isso é verdadeiro de muitas maneiras: estamos ficando mais velhos a cada minuto, nossa saúde está melhorando ou declinando e nosso patrimônio líquido está aumentando ou diminuindo o tempo todo. Mas esse princípio é especialmente verdadeiro quando se trata do nosso caráter moral e da nossa condição espiritual. O princípio bíblico dado pelo apóstolo Paulo se aplica a questões grandes e pequenas: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (Gl 6.7-8).

Quando avançamos na narrativa de 1Samuel, descobrimos que o rei Saul não permaneceu inalterado. Ele havia estado semeando rebelião à palavra de Deus e ódio louco ao fiel Davi. Ele também estava colhendo uma consciência cada vez mais dura e um caráter cada vez mais moralmente distorcido. A semeadura e a colheita de Saul chegaram ao estágio de apostasia total. Ele não foi bem-sucedido nas suas tentativas maníacas de matar Davi, mas a lança sempre presente na sua mão significa as feridas mortais na sua própria condição espiritual. Ele semeou o mal e colheu o inferno vivo de uma alma deformada.

O capítulo 22 apresenta uma das últimas descrições detalhadas do coração de Saul, pois, depois desses acontecimentos, haverá pouco mais a dizer sobre ele. Nesse ponto ele havia se tornado totalmente servo do mal, um dos principais agentes de Satanás na oposição ao plano divino de salvação. Iremos nos concentrar na condição do coração de Saul apenas mais uma vez, quando, no capítulo 28, seu impulso de servir a Satanás o leva a buscar o auxílio de uma médium para falar com os mortos. Tudo o que resta para Saul depois desse episódio é uma morte vergonhosa e, depois, o juízo final de Deus e sua condenação eterna. Saul é o apóstata típico, cujas escolhas teimosas levam, dia após dia, decisão após decisão, a uma eternidade no inferno. O apóstolo João, escrevendo sobre a vinda do último anticristo, observou que “muitos anticristos têm surgido” (1Jo 2.18). Saul tornou-se um deles, e ele retrata, de forma concentrada, o destino que espera aqueles que colocam seu coração endurecido

no caminho da rebelião contra Deus. No programa antidavídico de Saul vemos outra descrição do reino do pecado, quando os justos são proscritos, as coisas sagradas são profanadas e os ímpios são soltos num furor de violência e morte.

Os justos são proscritos

Ao perceber que a intenção de Saul era sua morte, Davi fugiu numa carreira medrosa que o levou a Nobe, onde os sacerdotes ministravam no tabernáculo, e à cidade filisteia de Gate. Finalmente despertando de sua loucura, Davi voltou ao deserto da Judeia, a meio caminho entre Gate e Belém, refugiando-se no extenso sistema de cavernas de Adulão. Esse intervalo permitiu a Davi recobrar o juízo, e é evidente que ele se comunicou com sua família. Observando a ameaçadora vigilância de Saul sobre a casa de Davi, a família de Jessé saiu de Belém e foi se juntar a Davi nas cavernas.

Uma pessoa que se entregou ao pecado nunca conseguirá concentrar a impiedade numa só parte da sua vida. O engano leva à mentira, por exemplo, e a mentira leva a uma acusação falsa, que leva ao ódio e à violência. Walter Chantry escreve: “A injustiça [...] torna-se um modo de vida para autoridades que começam a tomar medidas abusivas”.[1] Somos poupados dos detalhes da expansão do governo corrupto de Saul, mas não pode haver dúvida de que sua administração começou a fomentar injustiça, corrupção e abuso em toda parte.

Quando as coisas pioraram, um número cada vez maior de pessoas não conseguia mais tolerar o governo de Saul. Tornando-se proscritos contra o mau rei, era natural que procurassem o rival de Saul, Davi: “Ajuntaram-se a ele todos os homens que se achavam em aperto, e todo homem endividado, e todos os amargurados de espírito, e ele se fez chefe deles; e eram com ele uns quatrocentos homens” (1Sm 22.2). Esse grupo de 400 homens formou o núcleo do que se tornaria o reinado de Davi, e é digno de nota que, na providência de Deus, foi a injustiça de Saul em relação a Davi que marcou o jovem como líder dos fiéis em Israel. Na História, é muito frequente que Deus chame líderes para seu povo depois de eles terem sofrido perseguição nas mãos dos ímpios. A habilidade de Davi logo seria revelada ao transformar esse bando de proscritos e refugiados num efetivo militar disciplinado.

Há muitas maneiras nas quais Davi tipifica o Salvador que viria, Jesus Cristo.

Essa passagem em que Davi reúne os proscritos e indesejáveis de Israel é um exemplo que geralmente é negligenciado, mas está entre os mais profundos. Como Davi em Adulão, Jesus reuniu um grupo de seguidores que o mundo descreveria como gentalha e que os fariseus ridicularizavam como "publicanos e pecadores" (Mt 9.11). Pescadores como Pedro, Tiago e João, um publicano como Mateus e joões-ninguém como Filipe, Bartolomeu, Tadeu e outros – para não mencionar o grupo de mulheres, liderado por uma mulher outrora possuída por demônios, Maria Madalena (Lc 8.2) – não eram o tipo de seguidores que tinham influência cultural ou que exerciam autoridade terrena. Muito semelhante era a situação do precursor de Jesus, Davi, e do grupo sempre crescente de descontentes que se juntaram a ele no exílio. Sob a influência de Davi, porém, esses seguidores formaram o núcleo inicial do que se tornaria um grande e glorioso reinado, cujo legado literalmente duraria para sempre. Liderados pelo Filho de Deus, Jesus, e fortalecidos pelo Espírito Santo que ele enviou do céu, os seguidores de Cristo são uma influência dinâmica no mundo, apesar de sua aparência humilde e de sua fraqueza terrena. Paulo comentou sobre os primeiros crentes: "Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento" (1Co 1.26). Não obstante, em breve os sábios, poderosos e nobres do mundo reclamariam de sua incapacidade de fazer parar o poder dinâmico de Cristo em ação nessas pessoas. "Estes [...] têm transtornado o mundo", reclamam, alarmados (At 17.6).

Além disso, assim como Davi foi marcado como verdadeiro líder pela ira do rei ímpio, Saul, do mesmo modo Jesus Cristo foi aprovado como Messias pelo ódio dos fariseus hipócritas e dos céticos governantes romanos, por trás dos quais o plano maligno do diabo estava em ação. No salmo 2, Davi havia predito o cenário registrado nos Evangelhos: "Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido" (Sl 2.2). A habilidade de Jesus em constantemente confundir seus inimigos e especialmente de ressuscitar de entre os mortos para derrotar até mesmo a obra assassina deles na cruz o identificam como o Salvador predito muitos anos antes. "Ri-se aquele que habita nos céus", escreveu Davi, "o SENHOR zomba deles" (2.4). A vitória de Cristo sobre seus inimigos terrenos e seu triunfo sobre os maiores poderes do pecado e da morte por meio da ressurreição o caracterizam como o Capitão sob cujos cuidados devemos desejar colocar nosso futuro.

Como Jesus, Davi estava interessado não apenas em grandes multidões do povo de Deus, mas também naqueles que estavam mais próximos dele (veja Jo 19.26-27). No tempo do seu refúgio em Adulão, os pais de Davi deviam ser idosos, e

parece que Davi estava preocupado em levá-los para um lugar seguro. Por isso “dali passou Davi a Mispa de Moabe e disse ao seu rei: Deixa estar meu pai e minha mãe convosco, até que eu saiba o que Deus há de fazer de mim” (1Sm 22.3). Não somos informados por que o rei de Moabe estava disposto a mostrar bondade a Davi. Talvez sua condição de refugiado de Saul tenha lhe garantido seu favor, ou talvez sua herança moabita, por meio de Rute, também tenha ajudado.

O que é evidente nesse breve episódio é que Davi havia passado por um avivamento espiritual. Ele estava caído em apostasia na sua fuga louca de Saul, passando por Nobe e indo até Gate, a cidade natal de Golias. Mas agora observe que ele expressa seu desejo de discernir a vontade de Deus pedindo aos moabitas para cuidarem de seus pais “até que eu saiba o que Deus há de fazer de mim”. Dois dos salmos de Davi são atribuídos ao seu período de refúgio em Adulão, e ambos são importantes por falar de um compromisso renovado de orar e esperar no Senhor. O salmo 57.2 diz: “Clamarei ao Deus Altíssimo, ao Deus que por mim tudo executa”. O salmo 142.1-2 fala de modo semelhante: “Ao SENHOR ergo a minha voz e clamo, com a minha voz suplico ao SENHOR. Derramo perante ele a minha queixa, à sua presença exponho a minha tribulação”.

O resultado desse apelo renovado a Deus em oração e da atenção à palavra de Deus na vida de Davi foi o mesmo que seria na nossa: a fé de Davi foi fortalecida e ele começou, mais uma vez, a discernir de um modo espiritual e sábio. Assim ele declara sua convicção: “Ele dos céus me envia o seu auxílio e me livra; cobre de vergonha os que me ferem. Envia a sua misericórdia e a sua fidelidade” (Sl 57.3).

O resultado da fé fortalecida de Davi é uma disposição de obedecer a palavra de Deus. Vemos isso no aparecimento de um profeta chamado Gade, que disse a Davi: “Não fiques neste lugar seguro; vai e entra na terra de Judá. Então, Davi saiu e foi para o bosque de Herete” (1Sm 22.5). Esse tipo de obediência imediata à palavra de Deus é a marca de uma fé viva e verdadeira. Se professamos a fé no Deus de Davi, devemos estar dispostos a obedecer, como Davi obedeceu, quando a Bíblia fala claramente à nossa vida. Na chegada do profeta Gade ao seu refúgio em Adulão, Davi deve ter visto um retorno do favor de Deus a ele. Do mesmo modo, devemos tratar a palavra de Deus como o sinal mais seguro de sua vontade de nos abençoar, de modo a estimar a Escritura, crer nela e obedecer a ela.

Em contraste com a fé e a obediência renovadas de Davi, Saul não apenas se afastou do Senhor em incredulidade endurecida, mas teve tão pouca tolerância pelos justos que os tornou proscritos. Devemos tomar como uma advertência quando as pessoas piedosas não mais consideram a sua companhia salutar. O caminho da impiedade e do orgulho tem recompensas de curta duração e a companhia do povo santo de Deus não é uma delas. Se você considerar os crentes sérios e comprometidos com Jesus como um aborrecimento, e se suas ações tornarem difícil que eles se aproximem de você, saiba que você está em perigo. Perceba que esses crentes têm a bênção de Deus sobre si e, portanto, aqueles que os oprimem habitarão nas trevas da ira de Deus.

Profanação de coisas sagradas

A notícia dos movimentos de Davi inevitavelmente chegou aos ouvidos malignos de Saul, que estava "em Gibeá, debaixo de um arvoredo" (1Sm 22.6). Nunca em paz com sua alma, Saul tinha na mão sua sempre presente lança. Seus servos estavam com ele quando ele começou a se encolerizar com a notícia a respeito de Davi. Saul se enfureceu: "Ouvi, peço-vos, filhos de Benjamim, dar-vos-á também o filho de Jessé, a todos vós, terras e vinhas e vos fará a todos chefes de milhares e chefes de centenas, para que todos tenhais conspirado contra mim?" (22.7-8). Incrédulo, Saul nunca imaginou que seus seguidores pudessem agir por simples lealdade e dever honesto. Sua única maneira de apelar a eles era usar cenouras melhores e um bastão maior. No virtuoso Davi, Saul via uma ameaça cada vez maior. Por isso ele reclamou: "Ninguém houve que me desse aviso de que meu filho fez aliança com o filho de Jessé; e nenhum dentre vós há que se doa por mim e me participe que meu filho contra mim instigou a meu servo, para me armar ciladas, como se vê neste dia" (22.8). Autopiedade e medo haviam se apossado totalmente do coração de Saul: ele só conseguia se sentir confortável se aqueles que estavam à sua volta sentissem pena dele e participassem de sua conspiração pervertida.

A maioria das pessoas que se acham a serviço de um governante como Saul é acuada por esse tipo de acusação desvairada. Mas outras a veem como uma oportunidade de ouro. Uma dessas pessoas foi Doegue, o edomita, que encontramos no capítulo anterior enquanto observava Davi em Nobe com os sacerdotes. Assim, Doegue tinha notícias que interessariam muito ao irado rei: "Então, respondeu Doegue, o edomita, que também estava com os servos de

Saul, e disse: Vi o filho de Jessé chegar a Nobe, a Aimeleque, filho de Aitube, e como Aimeleque, a pedido dele, consultou o SENHOR, e lhe fez provisões, e lhe deu a espada de Golias, o filisteu" (1Sm 22.9-10).

Se Saul tivesse pelo menos sido restringido pelos mandamentos da santa lei de Deus, teria investigado o caráter de Doegue e procurado uma segunda testemunha contra os sacerdotes. A lei exigia: "Pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato" (Dt 19.15). No entanto, Saul não era mais refreado pela lei de Deus e, assim, não hesitou em levantar sua mão e atacar os santos sacerdotes de Deus.

O desprezo de Saul por Deus é visto na sua arrogante acusação contra o sumo sacerdote de Israel, o segundo maior oficial da nação: "Ouve, peço-te, filho de Aitube". A maneira como ele se dirigiu a Aimeleque era desrespeitosa. O sumo sacerdote respondeu: "Eis-me aqui, meu senhor" (1Sm 22.12). Saul respondeu: "Por que conspirastes contra mim, tu e o filho de Jessé? Pois lhe deste pão e espada e consultaste a favor dele a Deus, para que se levantasse contra mim e me armasse ciladas, como hoje se vê" (22.13). Observe que Saul está irado contra Aimeleque simplesmente pelo fato de ele ter realizado suas funções como servo de Deus. Do mesmo modo, as pessoas ficam iradas quando ministros cristãos pregam os mandamentos e as doutrinas da palavra de Deus, esquecendo-se que essa é a função para a qual foram chamados pelo Senhor.

A resposta de Aimeleque revela sua inocência ao ministrar a Davi: "e quem, entre todos os teus servos, há tão fiel como Davi, o genro do rei, chefe da tua guarda pessoal e honrado na tua casa? Acaso, é de hoje que consulto a Deus em seu favor? Não!" (1Sm 22.14-15). É possível que o sacerdote sinceramente não tenha percebido que Davi não contava mais com o favor do rei, embora, alternativamente, o sacerdote possa apenas ter confrontado Saul corajosamente a respeito de sua bem conhecida injustiça contra Davi. Confrontar o pecado é parte do trabalho daqueles que foram chamados para pregar a palavra de Deus. Portanto, os ministros do evangelho devem anunciar a verdade de Deus sem medo do homem. Paulo afirmou esse princípio como fundamental ao seu ministério: "Rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus" (2Co 4.2). Nesse mesmo espírito, Aimeleque chamou Saul a um modo mais são de pensar e falar: "Jamais impute o rei coisa nenhuma a seu servo, nem a toda a casa de meu pai, pois o teu servo de nada soube de tudo isso, nem muito nem pouco" (1Sm 22.15). Os

sacerdotes estavam totalmente fora de qualquer conspiração contra o rei e não mereciam suas acusações.

Foi precisamente porque a resposta de Aimeleque foi tão nobre e verdadeira que despertou em Saul uma fúria assassina: “Aimeleque, morrerás, tu e toda a casa de teu pai” (1Sm 22.16). Aqueles que não se arrependem atacam a fonte de sua reprovação, e, por ter tão claramente revelado a injusta maldade de Saul contra Davi, o sacerdote e toda a sua família devem morrer.

Aqui vemos um segundo sinal de que o reinado de Saul havia se tornado um mal totalmente satânico: ele não mostra temor ao profanar coisas sagradas ou ao atacar pessoas sagradas. Ou não lhe ocorreu ou ele não se importou com o fato de que os sacerdotes haviam sido separados por Deus para o serviço sagrado e que a violência contra esses homens ou suas famílias, portanto, seria um insulto especial ao Senhor.

Aqueles que profanam as coisas sagradas de Deus acabam causando verdadeiro dano apenas a si mesmos. Observamos esse princípio anteriormente em 1Samuel, quando a arca da aliança foi colocada em sujeição ao ídolo do deus filisteu Dagom. O resultado foi a execução judicial da divindade filisteia e o juízo divino na forma de uma praga mortal sobre o povo. Deus não apenas preserva a santidade das suas verdades e instituições sagradas, mas, às vezes, usa as ações sacrílegas de homens como Saul para despertar mais indignação. Um famoso exemplo foi a revolta do povo judeu sob a liderança de Judas Macabeu depois que o rei selêucida Antíoco Epifânio revelou seu desprezo arrogante, profanando o Santo dos Santos dentro do templo de Jerusalém. De modo semelhante, a profanação descuidada de Saul de nada menos que toda a família do sumo sacerdote despertou a animosidade dos sacerdotes levíticos em todo o Israel e despertou neles simpatia por Davi.

Deus preservou apenas um membro da casa do sumo sacerdote, seu filho Abiatar, que levou os santos símbolos do sumo sacerdócio ao acampamento de Davi. William Blaikie observa:

A própria presença no seu acampamento de Abiatar, filho de Aimeleque, que escapou do massacre, com sua éfode – um meio oficial de consultar a Deus em casos de necessidade – seria uma prova visível para seus seguidores e para a

comunidade em geral de que Deus estava do seu lado. [...] Não podia deixar de ganhar força o sentimento de que a causa de Davi era a causa de Deus e a causa do país e que, no devido tempo, seus pacientes sofrimentos e seus nobres serviços seriam coroados com a devida recompensa.[2]

Do mesmo modo, na nossa época, quando santas instituições, como o casamento, são miseravelmente profanadas tanto por negligência quanto por ataques, os cristãos que sustentam essa divina instituição em santidade e pureza defendem a causa de Deus no mundo. O mesmo é verdadeiro quanto ao ensino verdadeiro e puro do evangelho e a fiel ministração dos sacramentos na igreja. Aqueles que desejam não apenas buscar a bênção de Deus, mas também querem ser conhecidos como aqueles que defendem e confiam na poderosa graça de Deus, serão ainda mais zelosos em adorar a Deus "com reverência e santo temor" (Hb 12.28) e a preservar a santidade daquelas coisas que Deus nos entregou.

Os ímpios desenfreados

Saul não apenas transformou justos em proscritos e tratou os santos servos de Deus com desprezo, mas também deu o passo final de armar os ímpios e permitir sua violência na terra. Apesar da explicação digna de confiança de ninguém menos que o sumo sacerdote de Israel e apesar do seu erro de não se apoiar em mais de uma única testemunha, "disse o rei aos da guarda, que estavam com ele: Volvei e matai os sacerdotes do SENHOR, porque também estão de mãos dadas com Davi e porque souberam que fugiu e não mo fizeram saber" (1Sm 22.17). Imagine ser um dos soldados de Saul, que ficaram mortificados com a cena diante de si. O ódio louco de Saul contra Davi era ruim o suficiente, mas esse ataque ímpio contra homens inocentes era mais do que eles conseguiam suportar. Por isso "os servos do rei não quiseram estender as mãos contra os sacerdotes do SENHOR" (22.17).

Para os guardas de Saul, a aquiescência a um governante ímpio inevitavelmente significava cometer graves pecados contra a lei de Deus. Havia chegado o tempo em que os israelitas fiéis teriam de tomar uma posição contra o mal ou envolverem-se em oposição sacrílega a Deus. É encorajador ver que nenhum

deles quis “estender as mãos contra os sacerdotes do SENHOR” (1Sm 22.17). Essa recusa em obedecer o rei certamente lhes traria problemas, mas as palavras ditas posteriormente por Jesus Cristo sem dúvida os teriam consolado: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28).

Talvez Saul não tivesse o poder de tomar uma ação contra seus guardas, mas ainda podia encontrar alguém que fosse mau o suficiente para obedecer a sua ordem ímpia:

... disse o rei a Doegue: Volve-te e arremete contra os sacerdotes. Então, se virou Doegue, o edomita, e arremeteu contra os sacerdotes, e matou, naquele dia, oitenta e cinco homens que vestiam estola sacerdotal de linho. Também a Nobe, cidade destes sacerdotes, passou a fio de espada: homens, e mulheres, e meninos, e crianças de peito, e bois, e jumentos, e ovelhas (1Sm 22.18-19).

Assim a descida de Saul às trevas satânicas foi total. Chantry ressalta quanto Saul havia caído: “Anos antes, Saul não havia sido capaz de matar todos os amalequitas e o gado deles. Agora ele eliminou tanto os sacerdotes quanto a cidade. Nem uma só alma foi deixada, senão Abiatar, que havia fugido para fazer o relato”.[3]

Parece nunca haver falta de doegues, a quem Satanás e governantes ímpios podem lançar contra o mundo, especialmente contra o povo de Deus. No tempo do nascimento de Jesus, Herodes, com crueldade, enviou seus guardas a Belém para matar todos os meninos com menos de 2 anos de idade, tentando desesperadamente eliminar o Redentor. Isso continua hoje. Na semana em que eu estava escrevendo este texto, os jornais divulgaram uma nova perseguição contra os cristãos na China, com multidões pagas pelo Estado indo às igrejas para destruir a propriedade e atacar os adoradores, com muitas mortes. Enquanto isso, de trás do véu negro do Islã chegam notícias de violência cada vez maior contra evangelistas cristãos – até mesmo o terrível sequestro de meninas cristãs para serem forçadas a se casar com abusivos homens muçulmanos.

Aqui na América, não devemos duvidar da prontidão dos doegues para atacar o povo de Deus, muito embora esses insensíveis agressores mais provavelmente

sejam advogados vestidos de belos ternos ou funcionários que trabalham nas repartições do governo. Um procurador cristão recentemente teve negada sua licença para advogar em Indiana. Por nenhuma outra razão que não suas crenças cristãs, o governo do Estado exigiu que Bryan Brown fosse submetido a uma avaliação psicológica. Depois de ser questionado sobre suas crenças a respeito do juízo final, moralidade sexual e papéis bíblicos de gênero, Brown foi declarado psicologicamente instável e, por isso, desqualificado para advogar.[4] Enquanto isso, legisladores nacionais trabalham fervorosamente para elaborar a legislação que aumentará os recursos do governo para clínicas que matam bebês não nascidos. Num mundo como o nosso, os cristãos geralmente terão necessidade de se voltar para Deus com palavras como as da oração de Davi, ditas durante este tempo de opressão depravada de Saul: "A ti clamo, SENHOR, e digo: tu és o meu refúgio, o meu quinhão na terra dos viventes. [...] Livra-me dos meus perseguidores, porque são mais fortes do que eu" (Sl 142.5-6).

Um refúgio para os justos

A notícia do terrível massacre em Nobe chegou a Davi por meio do único sobrevivente, Abiatar, filho do sumo sacerdote: Abiatar "anunciou que Saul tinha matado os sacerdotes do SENHOR" (1Sm 22.21). Então o pecado de Davi de ter falado falsamente com Aimeleque no tabernáculo veio à tona com clareza amarga: "Disse Davi a Abiatar: Bem sabia eu, naquele dia, que, estando ali Doegue, o edomita, não deixaria de o dizer a Saul. Fui a causa da morte de todas as pessoas da casa de teu pai" (22.22).

Isso pode não ter dado muito consolo a Davi, mas os leitores de 1Samuel sabem que a morte desses sacerdotes foi resultado não apenas do pecado de Davi, mas também da maldição de Deus sobre os pecados anteriores do negligente sumo sacerdote Eli e seus filhos ímpios, Hofni e Fineias. Deus, em sua ira, predisse a Eli: "Eis que vêm dias em que cortarei o teu braço e o braço da casa de teu pai, para que não haja mais velho nenhum em tua casa" (1Sm 2.31). Deus prometeu que somente um descendente de Eli seria poupado "para te consumir os olhos e para te entristecer a alma; e todos os descendentes da tua casa morrerão na flor da idade" (2.33).

O fato de que Deus havia predito a morte dos sacerdotes em seu juízo sobre a casa de Eli não diminui o erro moral de Davi. O fato de que Deus soberanamente

governa nossos assuntos para seus próprios propósitos também não diminui nossa culpa pelo pecado. Blaikie argumenta:

Essa é uma importante advertência para nós. Às vezes você não é tentado a pensar que o pecado para você não é uma questão séria porque será perdoado por ele porque a obra expiatória do Salvador o purificará de sua culpa? Sim; porém, e se o seu pecado envolveu outras pessoas e o sangue expiatório não foi aspergido sobre elas? [...] Ai! Ai! O pecado é como uma rede cujas ramificações vão para a esquerda e para a direita, e, quando quebramos a lei de Deus, não podemos dizer quais serão as consequências disso para os outros.[5]

E então Davi percebe seu chamado como o verdadeiro rei ungido de Israel: sua mente não mais seria consumida apenas por temores e interesses pessoais, mas pelo dever que lhe havia sido confiado. “Fica comigo”, diz ele a Abiatar, “não temas, porque quem procura a minha morte procura também a tua; estarás a salvo comigo” (1Sm 22.23). Como Davi poderia fazer essa afirmação, a não ser que agora – talvez sem ter outra escolha – tenha estendido suas mãos para a promessa de Deus quanto ao reinado? Anteriormente, Jônatas havia desempenhado o papel de incentivar Davi a crer na promessa de salvação de Deus (20.2). Agora, a providência de Deus na fúria desenfreada de Saul levou Davi a avançar para a verdadeira fé ao aceitar seu chamado.

Nesse oferecimento de salvação temporal, Davi muito provavelmente tipifica a obra salvadora de Jesus Cristo. Davi seria bem-sucedido em proteger Abiatar e muitos outros que buscariam segurança nele. Mas o próprio Davi sabia que somente o Senhor era o verdadeiro refúgio para os justos. Foi por isso que ele orou na sua caverna, dando graças pela proteção que somente Deus pode oferecer: “Pois a tua misericórdia se eleva até aos céus, e a tua fidelidade, até às nuvens” (Sl 57.10).

Como Jesus enfatizou, o refúgio de que precisamos não é primariamente contra os sauls do mundo, que só podem matar o corpo, mas da justa ira de Deus, que ameaça nossa alma com condenação eterna. Para esse perigo maior, o próprio Deus concedeu refúgio ao enviar seu Filho, Jesus Cristo, para morrer em sacrifício pelos nossos pecados. Jesus declarou: “Em verdade, em verdade vos

digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (Jo 5.24). O escritor de Hebreus nos assegura que, na promessa pactual divina de salvação em Cristo, "corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta" (Hb 6.18).

Portanto, assim como os refugiados de Adulão iam a Davi – "ajuntaram-se a ele todos os homens que se achavam em aperto, e todo homem endividado, e todos os amargurados de espírito" (1Sm 22.2) – devemos buscar refúgio em Cristo. Ali, no refúgio de sua cruz, o reinado ímpio de Satanás foi derrubado, a dívida do pecado foi paga no sangue de Cristo e a amargura da alienação do pecador de Deus foi substituída pela doçura da graça perdoadora. Assim como o grupo de proscritos de Davi, fugimos para Cristo por causa da nossa insatisfação com os prazeres e recompensas deste mundo mau. Como todos nascemos como pecadores no reino de Satanás, todos devemos sentir o descontentamento desses refugiados se quisermos encontrar segurança na graça de Deus em Cristo, deixando tudo para seguir Jesus Cristo. Além disso, buscar refúgio requer que nos tornemos exilados num mundo de desaprovação. O escritor de Hebreus afirma: "Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério" (Hb 13.13). Roger Ellsworth comenta:

Essa é, de fato, uma decisão difícil. Aqueles que saíram do reino de Saul para se unir a Davi deixaram para trás muitos confortos e conveniências e entraram numa vida que acarretava sacrifício e sofrimento, mas a paz e a segurança de ser um seguidor de Davi eram muito maiores que as dificuldades envolvidas. Assim acontece com todos aqueles que, pela graça de Deus, deixam o reino de Satanás e vão para o reino de Cristo.[6]

Jesus nos conclama a fugir para ele em busca de salvação, chamando o mundo: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28).

Enquanto isso, somos lembrados que, mesmo nas horas mais terríveis, quando Satanás parece ser poderosamente superior ao mundo, Deus sempre preserva um remanescente fiel que é precioso para ele. Você ainda se apega à sua cidadania neste mundo? Se sim, você pode exultar no seu aparente sucesso em desprezar o

governo de Deus. Mas perceba que você, como Saul, inevitavelmente avançará nos caminhos do mal e da corrupção da sua alma. No devido tempo, os prazeres do pecado se transformarão numa miserável escravidão, e seu salário será a morte (Rm 6.23). Você pode fugir para Jesus Cristo, o rival do déspota do mundo, que triunfou sobre o pecado na sua cruz. Jesus assegura a seu remanescente proteção e provisão. “No mundo, passais por aflições”, admitiu Jesus, “mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33).

Esse capítulo começou com os seguidores de Davi parecendo ser pouco mais que um bando. Mas, no fim do capítulo, Deus convocou Davi para aceitar o reinado e lhe deu um sacerdote e um profeta. Eles representam nossa grande necessidade: sermos defendidos por um Rei poderoso, reconciliados com Deus por um Sacerdote expiador e instruídos na fé e na salvação por um verdadeiro Profeta. Este é o refúgio do povo de Deus neste mundo: o reino real do poderoso Filho de Deus, o ministério sacerdotal do sangue expiatório de Cristo e o ministério profético da Sagrada Escritura. Unir-se a Jesus pela fé é unir-se sob o estandarte do grande Filho de Davi, a quem o Pai declara: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão” (Sl 2.8).

1 Walter Chantry, David: Man of prayer, man of war (Edimburgo: Banner of Truth, 2007), 70.

2 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 348.

3 Chantry, David, 74.

4 Fort Wayne News-Sentinel, 10 de dezembro de 2009.

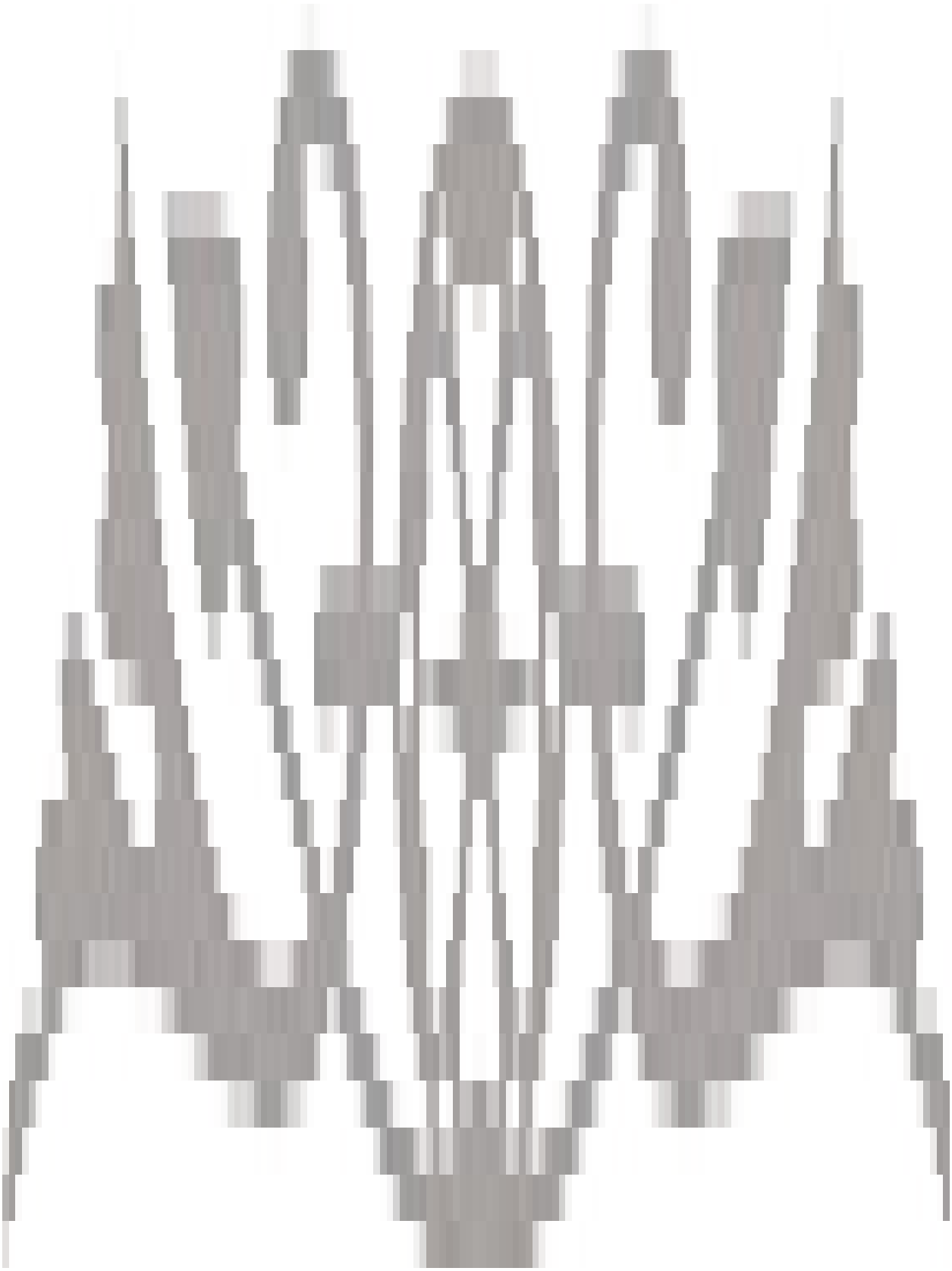
5 Blaikie, First Samuel, 350.

6 Roger Ellsworth, The shepherd king: Learning from the life of David (Darlington, UK: Evangelical Press, 1998), 73.

33

VIVENDO PELA PALAVRA

1Samuel 23.1-14



Entregar-me-ão os homens de Queila nas mãos dele? Descerá Saul, como o teu servo ouviu? Ah! SENHOR, Deus de Israel, faze-o saber ao teu servo. (1Sm 23.11)

Os capítulos de 1Samuel que relatam o período em que Davi viveu como um fora da lei são das mais amadas e valiosas passagens do relato bíblico da sua vida. Esses foram os anos em que Davi respondeu a grandes desafios espirituais com uma fé que o guiou e lhe deu força. O salmo 18, significativamente escrito "no dia em que o S ENHOR o livrou de todos os seus inimigos", resume o pensamento de Davi: "Eu te amo, ó S ENHOR , força minha. O S ENHOR é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio" (Sl 18.1-2). Gerações de crentes têm sido fortalecidas por essa e outras expressões semelhantes de fé forjadas no cadinho da luta de Davi.

A luta espiritual de Davi, embora única de algumas maneiras, foi, de muitos modos, muito semelhante à nossa. Davi tinha importantes promessas de Deus, mas circunstâncias que tinha à sua frente faziam seu cumprimento parecer improvável. Deus havia prometido elevar Davi ao trono de Israel. Isso havia parecido muito mais provável em dias anteriores, como os que se seguiram ao seu triunfo sobre o gigante Golias. Naquela ocasião, crer na promessa de Deus deve ter sido simples, assim como nossa fé vem facilmente depois dos primeiros triunfos na vida cristã. Mas agora, durante o período de exílio, a fé de Davi seria um caminho de altos e baixos – às vezes forte e vibrante, às vezes desesperada e vacilante. Podemos não ter a promessa de reinar sobre o povo de Deus, como Davi, mas temos promessas de bênçãos, auxílio e poder da parte de Deus. Assim como Davi deve ter questionado a promessa de Deus, também enfrentamos circunstâncias que fazem a salvação prometida por Deus parecer incerta.

O capítulo 23 vê Davi num estágio particularmente difícil do seu exílio, embora fosse um importante estágio no seu crescimento espiritual. Ele é desafiado pelo Senhor a pensar não meramente na sua própria sobrevivência, mas também no seu dever para com o próximo, mesmo quando continua a sofrer a dolorosa situação de traição e ódio. Deus sustenta Davi em sua provação usando dois grandes recursos: a revelação da sua palavra e o encorajamento de um companheiro crente.

Consultando o Senhor

A primeira metade do capítulo concentra-se na segurança de Davi em confiar na revelação de Deus, ensinando-nos o valor de viver pela palavra de Deus em todos os altos e baixos da vida. No capítulo 22, Deus havia orientado Davi por intermédio do profeta Gade para voltar a Judá. Na época, não houve explicação para essa ordem, mas a razão se torna conhecida no capítulo 23. Queila, uma cidade murada na terra cultivada a leste de Judá, estava cercada pelos filisteus, que estavam saqueando as eiras (1Sm 23.1). A economia da cidade estava sendo arruinada e sua existência estava ameaçada. A notícia desse cerco chegou aos ouvidos de Davi: “Eis que os filisteus pelejam contra Queila” (23.1). O zelo de Davi pelo seu país é visto na sua disposição para se arriscar em favor dessa cidade. Mas, primeiro, “Consultou Davi ao SENHOR, dizendo: Irei eu e ferirei os filisteus?” (23.2). Tanto o zelo de Davi quanto seu cuidado em consultar a palavra de Deus indicam que sua recuperação espiritual, iniciada no capítulo anterior, havia progredido. Por essa razão, a fase seguinte da vida de Davi será a de sua maior produtividade espiritual.

Deus promete abençoar aqueles que buscam sua orientação. Como Davi ensinou no salmo 19, “o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos” (Sl 19.7-8). No salmo 119.105, ele declarou: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos”. Nesse caso, a palavra de Deus orientou Davi a libertar Queila: “O SENHOR lhe respondeu e disse: Dispõe-te, desce a Queila, porque te dou os filisteus nas tuas mãos” (1Sm 23.4).

Quando os homens de Davi descobriram o que seu líder planejava fazer, ficaram compreensivelmente abalados: “Temos medo aqui em Judá, quanto mais indo a Queila contra as tropas dos filisteus” (1Sm 23.3). Já era suficientemente ruim serem fugitivos de Saul. Eles não viam necessidade de enfrentar também o exército filisteu. Em resposta à objeção deles, “Davi tornou a consultar o SENHOR” (23.4).

Durante esses acontecimentos, Davi não apenas teve um profeta à disposição para descobrir a vontade de Deus, mas também, nessa época, Abiatar, filho do sumo sacerdote, chegou ao acampamento de Davi, tendo escapado do

assassinato dos sacerdotes em Nobe. Nesse assassinato, somos informados que Doegue, o edomita, matou “oitenta e cinco homens que vestiam estola sacerdotal de linho” (1Sm 22.18). A estola sacerdotal, uma espécie de avental sagrado, era parte do uniforme dos sacerdotes (veja Êx 28.6-8). Uma dessas estolas, a do sumo sacerdote, continha o Urim e o Tumim, dados por Deus para que se descobrisse a sua vontade (Êx 28.30). Eles eram usados por Deus para dar resposta “sim ou não” a perguntas específicas ou para indicar uma pessoa escolhida por sortes.

O que devemos observar aqui é que Deus havia dado a Davi todo o aparato para o reinado. Saul, o rei em atividade, havia afastado os profetas e matado os sacerdotes. Davi, o rei verdadeiro e divinamente ungido, era, agora, servido por um profeta fiel e um verdadeiro sacerdote. Walter Chantry comenta: “Isolado dos servos de Deus e dos meios de graça, o ímpio Saul tinha a companhia de espíritos maus que manipulavam seu humor, suas palavras e suas ações. Sob influência demoníaca, Saul se tornou um homem focado em matar seu sucessor designado por Deus”.[1] Em contraste, Davi, abastecido pelos meios de graça de Deus disponíveis, foi guiado e ajudado no seu papel real pelo profeta e pelo sacerdote. Desse modo, Davi estava preparado, como um servo justo e salvador, para suprir as necessidades do povo de Israel. O verdadeiro rei de Israel deveria governar pela palavra de Deus, em estreita companhia com os profetas e sacerdotes. Vemos por que o reinado davídico alcançou seu cumprimento último em Jesus Cristo, que não apenas é o Rei do seu povo, mas também é nosso verdadeiro Profeta e perfeito Sumo Sacerdote.

Reinando pela palavra

Duas das funções da palavra de Deus são salientadas nesses versículos: Davi reina pela palavra de Deus e Davi é resgatado pela palavra de Deus. Primeiro, considere como Davi reinou sobre seu pequeno exército recorrendo à palavra de Deus. Quando o povo expressou seu alarme diante de ideia de tentar resgatar Queila, Davi não recorreu aos seus próprios argumentos, que facilmente poderiam falhar, nem à coação. Em vez disso, aceitou consultar a Deus mais uma vez. Desse modo, Davi nos mostra a base da liderança cristã eficaz ainda hoje. Os verdadeiros líderes espirituais não são aqueles que motivam o povo de Deus pela sua personalidade dinâmica, recorrendo a benefícios terrenos ou por meio de manipulações coercitivas de culpa ou abuso. Em vez disso, a verdadeira

liderança cristã é baseada na clara afirmação da palavra de Deus.

Observe como Davi lidou com a difícil questão de persuadir seus homens a aliviar seus temores compreensíveis. Abiatar ainda não havia chegado com a estola sacerdotal, por isso Davi presumivelmente consultou o Senhor por intermédio do profeta. “O SENHOR lhe respondeu e disse: Dispõe-te, desce a Queila, porque te dou os filisteus nas tuas mãos” (1Sm 23.4). Em resumo, a palavra de Deus deu a Davi uma clara direção para ação e uma promessa de auxílio divino e sucesso. Isso é o que os líderes cristãos devem fornecer hoje pela revelação escrita de Deus: tanto as instruções de Deus quanto as promessas de bênçãos de Deus à obediência. A. W. Pink comenta: “Davi não se enfureceu com seus homens e os chamou de covardes. [...] Nem argumentou e tentou convencê-los. Colocando de lado sua própria sabedoria, sentindo sua total dependência de Deus e mais especificamente para benefício deles – para dar-lhes um exemplo piedoso – foi mais uma vez consultar a Jeová”.[2]

Os líderes cristãos hoje não seguem o exemplo real de Davi; antes, recorrem às mais recentes práticas de administração ou a manobras de marketing, apresentando-se como celebridades espirituais trancendentes, mas sem trazer a palavra de Deus ao povo. O reino de Cristo é servido quando, como Davi, os crentes buscam a direção da revelação de Deus, que temos na Sagrada Escritura.

Considere a liderança de um pai cristão na sua casa. Como ele deve estabelecer o reinado de Cristo? A resposta é: implementando padrões e expectativas bíblicas para os relacionamentos familiares. O marido deve amar sacrificialmente e liderar sua esposa, e a esposa deve ajudar seu marido e submeter-se a ele (Ef 5.22-33). Os filhos devem obedecer os seus pais, e os pais devem tratá-los com bondade e consideração (6.1-2). A base para as relações familiares, assim, é dada na Escritura.

Considere também o pastor e outros líderes da igreja. Hoje, é comum as igrejas serem organizadas segundo princípios empresariais, com equipes de diretores governando nos bastidores e os membros da igreja vistos como consumidores. Mas Cristo reina na sua igreja por meio do governo eclesiástico bíblico – com pastores, presbíteros e diáconos liderando membros comprometidos de acordo com as Epístolas Pastorais e outras instruções do Novo Testamento. Cristo reina na sua igreja por meio do ensino bíblico fiel centralizado na cruz (1Co 2.2) e anuncia “todo o desígnio de Deus” (At 20.27). Cristo reina na sua igreja quando os líderes conduzem o povo a Deus “de modo agradável”, que é regulado pela

palavra de Deus, “com reverência e santo temor” (Hb 12.28).

Como Davi, que buscou e ensinou a palavra de Deus, os líderes cristãos hoje – pais e mães em casa, pastores e presbíteros na igreja – devem comunicar a base bíblica para suas decisões e orientações. No cerne da liderança cristã está o conhecimento da Bíblia e a capacidade de comunicá-la aos seguidores, assim como a pregação da palavra de Deus está no cerne da vida de uma igreja.

A obediência de Davi à palavra de Deus foi recompensada de várias maneiras. A primeira foi o esforço conjunto feito pelos seus seguidores, que foram, evidentemente, convencidos da vontade de Deus nessa questão. Segunda, Deus abençoou a obediência de Davi com o cumprimento de sua promessa de entregar os filisteus nas suas mãos (1Sm 23.4). Como resultado, “partiu Davi com seus homens a Queila, e pelejou contra os filisteus, e levou todo o gado, e fez grande morticínio entre eles” (23.5). Aqui está uma bênção inesperada de provisão material para o grupo de Davi, pois o gado dos filisteus caiu em suas mãos. Além disso, “Davi salvou os moradores de Queila” (23.5). Finalmente, parece que, como consequência desse sucesso, Abiatar chegou com a estola sacerdotal do sumo sacerdote, incluindo o Urim e o Tumim, para uma revelação ainda mais precisa de Deus. Consultando a palavra de Deus, Davi trouxe unidade e confiança aos seus seguidores e recebeu a bênção prometida por Deus.

Resgatado pela palavra

Isso não significa que Davi estivesse mais livre de problemas do que nós e que em nossa obediência seremos descuidados, pois Saul ainda precisava ser levado em conta: “Foi anunciado a Saul que Davi tinha ido a Queila. Disse Saul: Deus o entregou nas minhas mãos; está encerrado, pois entrou numa cidade de portas e ferrolhos. Então, Saul mandou chamar todo o povo à peleja, para que descessem a Queila e cercassem Davi e os seus homens” (1Sm 23.7-8).

Assim que Davi recebeu essa notícia sobre Saul, Abiatar chegou com o Urim e o Tumim. Davi recorreu diretamente a esse meio divinamente ordenado de revelação: “Sabedor, porém, Davi de que Saul maquinava o mal contra ele, disse a Abiatar, o sacerdote: Traze aqui a estola sacerdotal” (1Sm 23.9). Podemos sentir o enfado de Davi e a maldade sem fim de Saul quando Davi invoca o Senhor com fervor, mencionando repetidamente o relacionamento pactual de

Deus com seu povo:

Orou Davi: Ó SENHOR, Deus de Israel, teu servo ouviu que Saul, de fato, procura vir a Queila, para destruir a cidade por causa de mim. Entregar-me-ão os homens de Queila nas mãos dele? Descerá Saul, como o teu servo ouviu? Ah, SENHOR, Deus de Israel, faze-o saber ao teu servo. E disse o SENHOR: Descerá. Perguntou-lhe Davi: Entregar-me-ão os homens de Queila, a mim e aos meus servos, nas mãos de Saul? Respondeu o SENHOR: Entregarão. Então, se dispôs Davi com os seus homens, uns seiscentos, saíram de Queila e se foram sem rumo certo. Sendo anunciado a Saul que Davi fugira de Queila, cessou de persegui-lo (23.10-13).

Como Davi, quando criamos o hábito de consultar cuidadosamente o Senhor não apenas somos capacitados a reinar pela palavra de Deus, mas também somos resgatados de todos os perigos. Considere os insistentes pecados da nossa época, como a desenfreada tolerância sexual e a celebração do adultério. Apesar da tentação e da confusão dos valores morais, os cristãos que diligentemente consultam a palavra de Deus são libertos de grandes pecados. A Bíblia ensina: “Fugi da impureza” (1Co 6.18) e “digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hb 13.4). Seguindo esse conselho, os crentes são poupados de muitas angústias. Especialmente os jovens, considerando a natureza dissoluta da cultura jovem do mundo, podem ser tentados a adotar um modo sensual de se vestir ou de se comportar, apesar do estilo de vida a que essa atitude geralmente leva. A palavra de Deus nos livra desse perigo. Paulo nos lembra de nosso chamado à pureza e à santidade: “A impudicícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos” (Ef 5.3).

Podemos fazer observações semelhantes sobre outras áreas comuns de pecado. A sociedade norte-americana tem sofrido por causa do materialismo frenético e da cobiça, manifestos num desatino insensato nos mercados de bens imóveis e financeiro. Cristãos que consultam a palavra de Deus geralmente estão protegidos da quebra de mercados e da queda acentuada de valores imobiliários, pois foram preservados da ganância pelo ensino bíblico. Paulo escreveu: “Os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências

insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição" (1Tm 6.9). A sabedoria da palavra de Deus protege os crentes do desastre da ganância, sabendo que "grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento" (1Tm 6.6). Orientando-nos corretamente e livrando-nos da insensatez e do pecado, a palavra de Deus oferece aos crentes a bênção do famoso provérbio: "Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas" (Pv 3.5-6).

Discernindo a vontade de Deus hoje

Quando aplicamos o exemplo de Davi à nossa vida hoje, muitos objetarão que os cristãos não possuem mais os recursos proféticos que permitiram que Davi tivesse respostas específicas sobre sua vida. Essa objeção é baseada numa observação precisa, pois Davi desempenhou um papel único na história da obra redentora de Deus e, por isso, recebeu recursos especiais. Como, então, os cristãos, hoje – sem o Urim e o Tumim – recebem orientação de Deus para as importantes decisões da vida?

No seu breve e valioso livro sobre este assunto, Discovering God's will [Como descobrir a vontade de Deus], Sinclair Ferguson nos orienta no uso adequado da Escritura para discernir a vontade de Deus para nossas decisões importantes.[3] Ferguson apresenta vários passos que nos ajudam a tomar decisões com base bíblica hoje.

Primeiro, quando diante de uma escolha, devemos procurar entender o que a Bíblia proíbe ou ordena. Os cristãos são salvos não somente para não mais viver em pecado, mas para obedecer a palavra de Deus. Portanto, "nenhuma ação que seja contrária à clara palavra de Deus pode ser legítima para o cristão".[4]

Essa é uma razão pela qual é tão importante que os cristãos conheçam os Dez Mandamentos. Todo curso de ação que envolva mentir, odiar outra pessoa ou tomar posses de outras pessoas transgride a lei de Deus. Isso parece óbvio, mas os cristãos podem evitar muitos erros sérios se simplesmente colocarem a grade dos Dez Mandamentos sobre sua tomada de decisões. O mesmo acontece quando se trata de claros deveres que a Bíblia nos dá. A vontade de Deus sempre é que obedeçamos os seus mandamentos e nunca violemos sua lei.

Segundo, tendo verificado quais cursos de ação são proibidos, os cristãos devem examinar quais opções são sábias e benéficas segundo os princípios bíblicos. A ação é provavelmente proveitosa e está de acordo com as prioridades bíblicas? Se não, mesmo que não seja proibida, deve ser evitada. Geralmente isso envolverá escolhas profissionais ou locais de trabalho. Esse é um trabalho que sustentará minha família e me permitirá ser fiel como marido, pai e cristão? Conheço uma boa igreja no local para onde pretendo me mudar? Esse futuro marido/futura esposa demonstra ter fé firme e caráter bíblico? Essa é uma compra justificável, levando-se em conta meus recursos e meu desejo de apoiar a obra da igreja? Essa escolha fortalecerá meu relacionamento com Jesus Cristo ou enfraquecerá minha fé? Ferguson escreve: "É possível fazer escolhas que, no final, tenderão a oprimir nossas energias espirituais; é possível nos comprometermos com coisas que, por mais legítimas que sejam em termos gerais, no final se tornarão a força dominante e orientadora em nossa vida".[5]

Terceiro, os cristãos devem perguntar que efeito determinada escolha provavelmente terá sobre outras. Como essa ação afetará os membros da minha família, meus colegas de trabalho, amigos e os membros da minha igreja? É verdade que a Bíblia ensina a liberdade cristã em questões de permissão bíblica. No entanto, nossa liberdade deve ser sempre guiada por responsabilidade e amor. Paulo escreve que nunca devemos permitir que nossas escolhas destruam "a obra de Deus" ou causem escândalo aos outros (Rm 14.20). Embora tenhamos a tendência de ser motivados pelo nosso conforto e segurança pessoais, Deus nos desafia a nos sacrificarmos pelo bem-estar espiritual dos outros.

Quarto, os cristãos devem comparar sua proposta de ação com um exemplo ou ilustração bíblica. Paulo escreveu aos coríntios: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1Co 11.1). Como homens e mulheres fiéis na Escritura lidaram com a mesma situação? Hebreus 13.7 diz que devemos levar em conta o exemplo de líderes cristãos fiéis: "Considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram". Mais importante é o exemplo de Jesus Cristo, corretamente entendido na Escritura. Muita coisa do que ele fez só podia ser feita por ele e, em muitos casos, devia ser feita somente por ele. Só Jesus é Senhor, e não devemos assumir suas prerrogativas. Mas quando se trata da sua compaixão pelos fracos e oprimidos, do seu zelo por Deus e seus caminhos e da sua coragem diante da oposição do mundo, Jesus é, de fato, nosso grande modelo. Observe a ênfase que Pedro deu ao apresentar o exemplo de Jesus Cristo, ao falar da cruz: "Para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus

passos” (1Pe 2.21).

Esses princípios bíblicos de tomada de decisão pressupõem duas pré-condições vitais. A primeira é que conheçamos a Bíblia. Nunca saberemos a vontade de Deus se não seguirmos a ordem de Paulo: “Transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Ferguson escreve: “A principal necessidade que temos, portanto, é de maior familiaridade com a sabedoria da sua palavra e sensibilidade a ela”.[6] Acompanhando uma mente cada vez mais moldada pela Escritura está um coração aquecido pelos frequentes encontros com o Senhor em oração. Observe que a prioridade na Escritura e na oração equivale aos dois recursos dados a Davi: a palavra profética e a intercessão sacerdotal. O puritano John Newton recorreu a esses mesmos recursos ao escrever a um amigo cristão:

Como, então, a orientação do Senhor deve ser esperada? [...] Em geral, ele orienta e dirige seu povo dando-lhe, em resposta à oração, a luz do seu Santo Espírito, o que lhe permite entender e amar as Escrituras. A palavra de Deus [...] nos fornece princípios justos, apreensões corretas para regular nossos juízos e sentimentos e, assim, influencia e orienta a nossa conduta.[7]

Alguns podem considerar que esse tipo de análise bíblica exclui o que é geralmente entendido como “condução de Deus” na nossa vida. É verdade que Deus pode colocar fardos ou paixões no nosso coração e que, dessa maneira, o Espírito Santo nos orienta, juntamente com oportunidades providenciais que Deus coloca diante de nós. No entanto, a condução do Espírito e a providência de Deus nunca contrariam a palavra de Deus. Nada que seja proibido por Deus será estimulado pelo Espírito, e Deus não nos conduz de modo contrário aos princípios e motivos bíblicos.

Às vezes os cristãos desejam informação que Deus simplesmente não prometeu dar. Um jovem deve se alistar no exército ou na marinha? Pode haver circunstâncias que conduzam a uma ou outra resposta, mas muito mais importante do que escolher entre os dois é decidir honrar a Cristo no trabalho, seja ele qual for. Um homem cristão deve procurar se casar com Maria ou Amanda? Uma mulher cristã deve se casar com João ou José? Supondo que os

potenciais cônjuges sejam igualmente comprometidos com Cristo e tenham bom caráter, uma pessoa pode se sentir livre para se casar com aquele pelo qual ela é mais naturalmente atraída. O que realmente importa é que homens e mulheres obedeçam as ordens de Deus, sobre como maridos e esposas devem se amar mutuamente. A revelação de que realmente precisamos da parte de Deus é precisamente o que Deus já nos deu em sua palavra: seus mandamentos e instruções para glorificá-lo e viver de uma maneira piedosa, amorosa e sábia.

Pecado e salvação revelados

A Bíblia não apenas nos ajuda a tomar decisões piedosas, mas, ainda mais importante, a palavra de Deus nos informa sobre as grandes e vitais verdades da vida. Algumas das grandes verdades da Bíblia são reveladas na experiência de Davi registrada nessa passagem.

Primeiro, a Bíblia nos diz que não encontraremos esperança de salvação nos caminhos dos homens. Considere o povo de Queila. Quando as forças de Saul se aproximaram, Davi perguntou ao Senhor: “Entregar-me-ão os homens de Queila, a mim e aos meus servos, nas mãos de Saul? Respondeu o SENHOR: Entregarão” (1Sm 23.12). Davi havia se arriscado sacrificialmente e também a seus homens para salvar a cidade, mas logo surgiu um novo perigo: os habitantes de Queila também estavam dispostos a se salvar entregando Davi a Saul. Esse é o caminho de todo o mundo, como a Bíblia ensina. “Não há justo, nem um sequer”, escreve Paulo, “[...] não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3.10,12, citando o Sl 14.1,3). Sendo isso verdadeiro, não podemos confiar nossa salvação às mãos de qualquer homem. Isso é verdadeiro até mesmo sobre nós mesmos. Muito raramente vivemos à altura dos nossos próprios ideais mais elevados e frequentemente caímos em nossa fraqueza e pecado. Até mesmo quando desejamos salvar uns aos outros, geralmente não temos o poder para isso, como os moradores de Queila não tinham poder para proteger Davi de Saul. Foi por isso que Davi cantou: “Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação” (Sl 146.3).

Segundo, a Bíblia revela que somos perseguidos por um poderoso e terrível inimigo que procura destruir nossa alma. Davi não havia feito mal a Saul, mas Saul estava inclinado a destruí-lo totalmente. Também somos ameaçados pelo nosso adversário maligno, o diabo. Pedro nos adverte: “O diabo, vosso

adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8). O ódio do nosso inimigo não é evitado facilmente, pois ele maneja o poder do pecado, e o pecado é apoiado com a ameaça da lei do próprio Deus e sua maldição de morte por causa do pecado. É por isso que o escritor de Hebreus diz que o diabo sujeita toda a humanidade "pelo pavor da morte [...] à escravidão por toda a vida" (Hb 2.15). Paulo escreve: "O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei" (1Co 15.56). Este é o grande e terrível problema, a saber, que o inimigo louco que nos odeia ganhou poder sobre nós por meio do pecado e se aproxima para nos destruir com a espada da santa justiça de Deus. Vemos esse terror refletido nos salmos de Davi quando ele foge do ímpio rei Saul: "Contra mim se levantam os insolentes, e os violentos procuram tirar-me a vida" (Sl 54.3). No entanto, por trás de Saul estavam os maiores inimigos, Satanás e o pecado, buscando a condenação eterna de Davi, bem como a nossa.

Terceiro, a Bíblia revela que podemos encontrar um refúgio e uma fortaleza segura na graça e no poder de Deus, cuja palavra fala de um Salvador que nos liberta de Satanás e do pecado. Embora o povo de Queila tenha traído Davi e embora o ímpio rei Saul ainda tentasse tirar a vida de Davi, o Senhor o salvou e o preservou: "Permaneceu Davi no deserto, nos lugares seguros, e ficou na região montanhosa no deserto de Zife. Saul buscava-o todos os dias, porém Deus não o entregou nas suas mãos" (1Sm 23.14). Davi, por isso, cantou com alegria: "Eis que Deus é o meu ajudador, o SENHOR é quem me sustenta a vida" (Sl 54.4).

Deus efetuou nossa salvação enviando seu próprio Filho, Jesus Cristo, ao mundo para sofrer a punição pelos nossos pecados, a fim de nos livrar da ira da santa justiça de Deus, e, desse modo, venceu o reino do nosso grande inimigo, o diabo. O louvor de Davi a Deus é, portanto, adequado à nossa boca quando confiamos no Senhor para nossa salvação: "Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, cuja esperança está no SENHOR, seu Deus" (Sl 146.5).

1 Walter Chantry, David: Man of prayer, man of war (Edimburgo: Banner of Truth, 2007), 77-78.

2 A. W. Pink, A life of David, 2 v. (Grand Rapids: Baker, 1981), 1:95-96.

3 Sinclair B. Ferguson, Discovering God's will (Edimburgo: Banner of Truth, 1982).

4 Ibid., 66.

5 Ibid., 69.

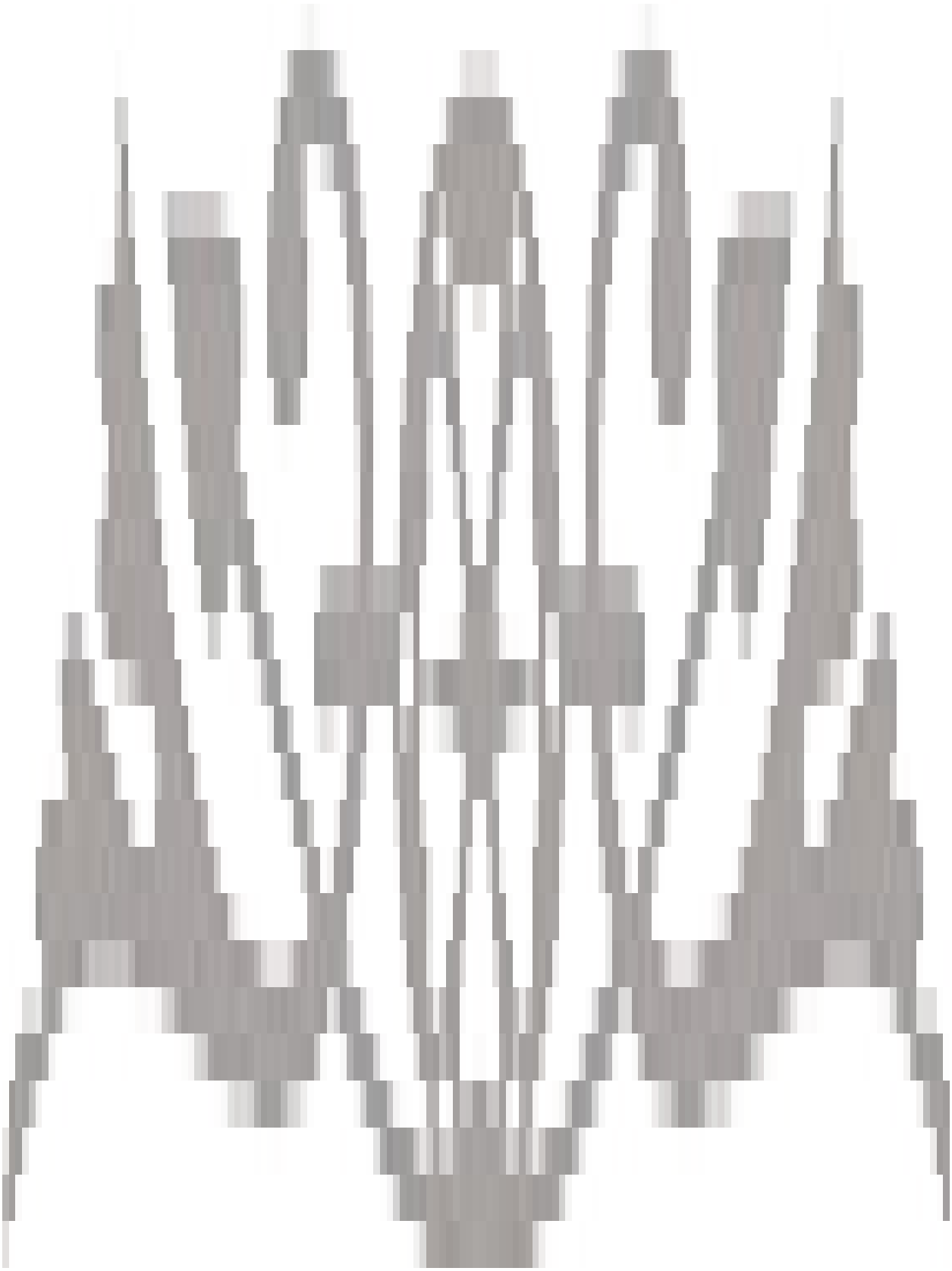
6 Ibid., 31.

7 Citado em ibid., 32.

34

FIEL EM AMIZADE

1Samuel 23.15-29



... se levantou Jônatas, filho de Saul, e foi para Davi, a Horesa, e lhe fortaleceu a confiança em Deus. (1Sm 23.16)

Juntas, duas estátuas em Washington D.C. contam uma história notável. Uma é o enorme memorial ao General Ulysses S. Grant, que fica na extremidade leste do espelho d´água, literalmente sob a sombra matinal do prédio do Capitólio. Os visitantes dificilmente deixam de apreciar a representação desse famoso general montado no seu garanhão de guerra. A liderança militar de Grant foi decisiva para a vitória da União na Guerra Civil, e ele é considerado um símbolo da força da vontade humana, um ícone do homem forte que se posiciona contra a tempestade quando todos os outros fogem. Esse monumento foi construído pela grata geração de Grant, como uma celebração das suas contribuições únicas.

A cerca de 4 quilômetros de distância, num agradável, mas pequeno e desinteressante parque municipal, há um memorial mais comum. A estátua desse vulto menos conhecido da Guerra Civil, General de Divisão John Rawlins, já esteve em oito lugares diferentes e dificilmente é notada pelos visitantes. Rawlins havia sido advogado em Galena, Illinóis, onde Grant morava antes da guerra, e tornou-se chefe da equipe de Grant. Rawlins conhecia as falhas de caráter de Grant, especialmente sua fraqueza pelo álcool. No início da guerra, Rawlins fez Grant comprometer-se a se abster de bebida, e, quando o general ameaçou quebrar essa promessa, seu amigo insistiu com ele e o apoiou até que Grant conseguiu se endireitar. De muitas maneiras, foi Rawlins quem ficou ao lado da figura aparentemente solitária de Grant, o grande general. O memorial de Rawlins é modesto comparado com a grande glória concedida a Grant, mas, sem seu amor não anunciado e seu apoio, haveria momentos em que Grant dificilmente conseguiria sequer montar no seu cavalo. É por isso que o sábio de Eclesiastes exaltou a virtude de um amigo em tempo de necessidade: “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante” (Ec 4.9-10).

O amigo que vem

Se a amizade entre Grant e Rawlins é uma grande história norte-americana, talvez a maior amizade registrada na Escritura seja o amor fraterno entre Jônatas e Davi. Os dois homens conheceram-se depois da famosa vitória de Davi sobre Golias, o gigante filisteu. A passagem de 1Samuel 17 nos conta como todo o exército israelita se acovardou aterrorizado diante desse guerreiro assustador e como Davi, o menino pastor, protegido somente pela sua fé em Deus e armado somente com uma funda, matou o filisteu e levou Israel à vitória. Jônatas era o filho e herdeiro do rei Saul, e o herói de batalhas anteriores. De fato, Jônatas havia sido o favorito do exército de Israel antes do explosivo aparecimento de Davi em cena. Seria natural se Jônatas tivesse ficado magoado com o jovem que surgiu do nada. Porém, aconteceu exatamente o oposto, pois Jônatas apresenta uma das mais belas descrições de graça varonil em toda a Escritura. A passagem de 1Samuel 18.1 registra simplesmente que “a alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma”. Jônatas amou Davi porque amava o Senhor e amava a fé que viu queimando no jovem Davi. É importante observar que esse homem, que é considerado entre os maiores amigos, também era um homem de fé vibrante e pureza de coração.

A vitória de Davi sobre Golias deve ter parecido distante quando Davi foi levado à beira do desespero pela cruel perseguição empreendida pelo rei Saul. Depois de sua fuga inicial de Saul, Davi encontrou refúgio nas cavernas de Adulão, na Judeia central. Tendo deixado sua fortaleza, porém, para libertar Queila do cerco filisteu, Davi havia se exposto ao ataque de Saul. O rápido avanço de Saul levou Davi e seus homens ao deserto do sul, perseguidos pelas forças superiores do rei. Quando Davi parecia prestes a ser derrotado, Jônatas foi até ele e forneceu um modelo de amizade cristã.

Lemos sobre a difícil situação de Davi em 1Samuel 23.14: “Permaneceu Davi no deserto, nos lugares seguros, e ficou na região montanhosa no deserto de Zife. Saul buscava-o todos os dias, porém Deus não o entregou nas suas mãos”. Nessa época, Davi já estava fugindo de Saul há vários anos. Podemos imaginar seu cansaço extremo e quanto seu apego às promessas de salvação feitas por Deus deve ter sido fraco em alguns momentos. Não é de admirar que tenha sido esse o homem que escreveu: “Também a minha alma está profundamente perturbada; mas tu, SENHOR, até quando?” (Sl 6.3).

Justamente nessa época Jônatas retornou a Davi. Tendo consciência da posição cada vez mais desesperadora de Davi, Jônatas ofereceu um dos clássicos exemplos de amizade: “Então, se levantou Jônatas, filho de Saul, e foi para Davi,

a Horesa, e lhe fortaleceu a confiança em Deus” (1Sm 23.16).

Essa simples declaração está carregada de implicações práticas. Para começar, Jônatas tomou a iniciativa de ir até Davi. Esse foi um ato de ministério sacrificial. Seguro ao lado do seu pai e cercado pelas fortes fileiras do exército perseguidor, Jônatas partiu para se expor ao perigo que Davi estava vivenciando. Do conforto da provisão real, ele foi para a privação do deserto em busca do seu amigo. Mas isso é o que a amizade exige. Um amigo que não está disposto, e até mesmo ansioso, a sacrificar tempo, trabalho e privação não é digno desse nome.

Segundo, Jônatas era sensível às necessidades do seu amigo. Muitos de nós estaríamos dispostos a fazer sacrifícios se entendêssemos as reais necessidades dos outros. Mas isso exigiria de nós que fizéssemos o que Jônatas fez: pensar sobre o que Davi estava passando até conseguir resolver. Jônatas não estava focado na sua própria dificuldade, na situação difícil que sua amizade com Davi criou para ele, nem no risco que corriam suas aspirações profissionais. Em vez disso, Jônatas entregou suas necessidades ao Senhor e passou a pensar na situação do seu amigo. Esse é o tipo de atitude que Paulo tinha em mente quando escreveu aos filipenses: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2.3-4).

Considere a situação difícil de Davi. Ele era o líder de um grupo de fugitivos exaustos, preso no deserto. Pagando o preço da liderança, Davi havia voltado seus pensamentos para seus homens e suas necessidades, enquanto ficava sozinho, sem companheiros para seu próprio consolo. Enquanto Davi emprestava sua força aos outros, não havia ninguém que o apoiasse em sua fraqueza. Considere, hoje, um médico ou enfermeiro que cuida de alguém que está desesperadamente doente: quem está ali para apoiar e encorajar aquele que cuida do doente? Ou considere uma mãe que se dedica ao cuidado dos seus filhos pequenos, ou um pastor rural que se esforça sozinho para cuidar do seu rebanho. Que amigo ficaria ao seu lado, procurando entendê-lo e ajudá-lo de acordo com esse entendimento? Jônatas sabia quanto era importante o dom da amizade a um amigo em dificuldade.

A Bíblia deixa claro que Deus não estava disposto a entregar Davi a Saul. Mas você acha que Davi estava consistentemente confiante nisso? Ele não teria achado difícil ver a proteção de Deus nesse tempo de provação? Ali ele estava

numa terra hostil, com um inimigo terrível nos calcanhares. Davi podia usar um lembrete da fidelidade de Deus, que o encorajasse a continuar a lutar. Deus estava prestes a fornecer esse encorajamento na forma de um verdadeiro amigo.

Jônatas foi até Davi no seu lugar de luta. Do mesmo modo, nossa amizade hoje significa pouco se não buscarmos e encontrarmos nossos irmãos e irmãs nos seus locais de necessidade. É bom mandar um cartão a um amigo no hospital, mas é melhor ir pessoalmente. Faz uma grande diferença quando convidamos um amigo em dificuldade para almoçar ou lhe damos uma palavra de apreciação. "Em todo tempo ama o amigo", diz o provérbio, "e na angústia se faz o irmão" (Pv 17.17).

A mão que ajuda

Significaria muito para Davi apenas ver seu fiel amigo Jônatas nesse tempo e lugar de necessidade. No entanto, Jônatas fez mais do que procurá-lo. Ele fez por Davi o que é mais necessário em tempos de dificuldade: "Jônatas [...] lhe fortaleceu a confiança em Deus" (1Sm 23.16). A mão de Davi estava tremendo, em perigo de escorregar de seu forte apoio, que era a fé em Deus. Jônatas foi e fortaleceu a fé de Davi e sua esperança no Senhor. William Blaikie comenta: "Ele fortaleceu sua confiança em Deus. Palavras simples, mas bonitas. Ele colocou a mão de Davi, por assim dizer, na mão de Deus [...] em sinal de que o Todo-Poderoso estava empenhado em preservá-lo e abençoá-lo, e que [...] nenhuma arma apontada contra ele prosperaria".[1]

Você já se perguntou como encorajar um amigo em dificuldade? Às vezes somos tentados a fazer isso com palavras sobre o que faremos para ajudar ou sobre o que o amigo pode fazer por si mesmo. Mas a dura realidade logo mostrará a insuficiência da nossa força. É uma boa coisa tomar o outro pela mão. Mas é ainda melhor pegar essa mão trêmula e colocá-la sobre as promessas de Deus. Foi exatamente isso que Jônatas fez por Davi: "E lhe disse: Não temas, porque a mão de Saul, meu pai, não te achará; porém tu reinarás sobre Israel, e eu serei contigo o segundo, o que também Saul, meu pai, bem sabe" (1Sm 23.17). "Certamente nenhum ato de amizade é tão verdadeiro quanto esse", diz Blaikie. "Lembrar aos nossos amigos cristãos, nos seus dias de dificuldade, sobre sua relação com Deus, encorajá-los a pensar no interesse que Deus tem por eles e em suas promessas a eles, falar aos seus ouvidos algumas de suas garantias [...] é,

certamente, a melhor maneira de encorajar os abatidos."[2]

No exato momento em que Jônatas disse isso, o exército do seu pai estava indo contra Davi. Então, com base em quê ele falou dessa maneira? Jônatas falou com base na lembrança que tinha das promessas feitas por Deus a Davi, promessas que certamente seriam cumpridas. Podemos parafrasear o encorajamento de Jônatas da seguinte maneira: "Veja, Davi, não deixe de colocar sua confiança em Deus. Lembre-se da promessa do Senhor de que você será rei. Mas, caso esteja duvidando, deixe-me compartilhar uma coisa com você. Até mesmo meu pai, Saul, sabe que é assim que tudo acabará. Então, não tenha medo de Saul, Davi, mas confie no Senhor".

Era porque Jônatas estava fortalecendo a fé de Davi no caráter e nas promessas de Deus que ele podia dizer a Davi: "Não temas" (1Sm 23.17). Davi estava correndo o risco de ser arrasado pelo medo. O salmo 54, escrito nessa ocasião, apresenta razões honestas para o medo de Davi: "Contra mim se levantam os insolentes, e os violentos procuram tirar-me a vida; não têm Deus diante de si" (Sl 54.3). Desde o assassinato dos sacerdotes em Nobe, Saul havia se mostrado disposto a usar malfeitores e assassinos para fazer sua violência. Esses homens estavam avançando contra Davi. Se já tivermos sentido a ameaça gradual de brigões da vizinhança, de um superior maldoso no trabalho ou de forças de um governo corrupto e tirânico, poderemos nos colocar no lugar de Davi. Para que Davi continuasse, ele precisaria de um antídoto para o medo, que Jônatas lhe deu nas promessas de Deus.

Foi isso o que o profeta Eliseu fez pelo seu servo quando os dois homens foram cercados pelos cavaleiros inimigos: "Não temas", disse o profeta, "porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles". Em resposta à dúvida e à incredulidade de seu servo, Eliseu deu um exemplo de como nossas palavras encorajadoras geralmente precisam ser acompanhadas pela oração. Eliseu orou precisamente pelo que seu companheiro precisava e o que nós geralmente precisamos para não nos tornarmos vítimas do medo: "SENHOR, peço-te que lhe abras os olhos para que veja" (2Rs 6.16-17).

Dietrich Bonhoeffer sabia o valor de uma amizade piedosa em meio ao perigo. Emergente estudioso alemão da Bíblia, que havia sido franco na sua oposição a Hitler logo que este começou a ascender, Bonhoeffer havia sido convencido a ir para o exílio voluntariamente, de modo que, durante os primeiros anos de dominação nazista, ele viveu seguramente na América. Mas Bonhoeffer sabia

que seus amigos e sua congregação precisavam da sua presença e da sua ajuda pessoal para terem a fé fortalecida. Voltando à Alemanha nazista contra o conselho de muitos dos seus apoiadores, dirigiu um seminário secreto, vivendo junto com cristãos fiéis que se preparavam para ministrar naquela situação difícil, até que sua oposição a Hitler, por fim, levou à sua prisão e execução. Em Life together [Vida em comunhão], livro que conta sua experiência nessa comunidade cristã secreta, Bonhoeffer escreveu:

O cristão precisa de outro cristão que lhe diga a palavra de Deus. Precisa dele ainda mais quando se torna inseguro e desencorajado [...] Precisa do seu irmão como portador e proclamador da palavra divina de salvação. [...] E que também esclareça o objetivo de toda comunidade cristã: o encontro de um com o outro como portadores da mensagem de salvação.[3]

Ajuda para perseverar

A intervenção de Jônatas foi um ponto de virada para Davi. Jônatas ajudou seu amigo fortalecendo sua confiança em Deus para que não fosse tomado pelo medo. Mas o que Jônatas estava ajudando Davi a fazer? A resposta é que Davi precisava de ajuda para perseverar na fé. Perseverança era essencial para a salvação de Davi: ele precisava não apenas crer na salvação do Senhor, mas também continuar crendo e agindo com base nessa fé.

A perseverança é absolutamente essencial também para a nossa salvação. Em sua carta aos colossenses, Paulo exultou na salvação dos crentes pelo sangue de Cristo "se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes" (Cl 1.23). O puritano Thomas Watson explicou: "Não é o início da vida cristã que produz glória, mas o seu fim. [...] A excelência de um edifício não está em ter a primeira pedra colocada, mas em ser terminado: a glória e a excelência de um cristão é quando ele terminou a obra de fé".[4]

Nunca saberemos quanto Davi chegou perto de desistir, talvez abandonando seus seguidores e fugindo de Israel para sempre ou abandonando a fé para viver como um verdadeiro fora da lei contra o rei Saul. A provisão de Deus por meio do

encorajamento de Jônatas é um sinal de que Davi estava agarrado a um fiapo de fé. Considere as novas dificuldades que teve de enfrentar, além das suas angústias anteriores. Primeiro, teve de expor suas forças, livrando Queila dos filisteus, que respondeu relatando sua presença a Saul (1Sm 23.12-14). Agora, no deserto rochoso da Judeia, onde Davi estava tentando se esconder, os zifeus estavam ativamente negociando com Saul a sua traição (23.19). Estes eram seus próprios compatriotas, judeus. Diferentemente do povo de Queila, que pelo menos tinha a desculpa de temer pela própria vida, os zifeus agiram por frio e cínico oportunismo: “Subiram os zifeus a Saul, a Gibeá, dizendo: Não se escondeu Davi entre nós, nos lugares seguros de Horesa, no outeiro de Haquila, que está ao sul de Jesimom? Agora, pois, ó rei, desce conforme te impõe o coração; toca-nos a nós entregarmo-lo nas mãos do rei” (1Sm 23.19-20). Sem enfrentar qualquer ameaça específica da parte de Saul, os zifeus entraram em contato com o rei motivados por ganância, dando informações detalhadas sobre o paradeiro de Davi e oferecendo entregá-lo.

Saul, na sua espiritualidade distorcida, honrou essa impiedade com sua suposta bênção do Senhor: “Benditos sejais vós do SENHOR, porque vos compadecestes de mim” (1Sm 23.21). Essa atitude é típica de déspotas, que calculam o bem somente em termos do aumento do seu poder. Mais precisamente, Saul planejou a destruição de Davi. Imagine quanto essa notícia foi desanimadora para Davi. Quão desanimadora é a depravação totalmente amadurecida, tão comum entre os ímpios. Aqui, Davi segue um caminho que seu maior descendente trilharia perfeitamente: cercado por inimigos maus, traído por alguém próximo e entregue para sofrer suplício e morte. No salmo 22, Davi ora com palavras de lamento a que Jesus, mais tarde, daria vida na cruz:

Não te distancies de mim,

porque a tribulação está próxima,

e não há quem me acuda.

Muitos touros me cercam,

fortes touros de Basã me rodeiam.

Contra mim abrem a boca,

como faz o leão que despedaça e ruge (Sl 22.11-13).

Saul era semelhante aos inimigos vorazes que se reuniram ao redor de Jesus enquanto ele morria. Nunca deixando de aproveitar uma oportunidade de atacar Davi, Saul encorajou os zifeus em sua traição: “Ide, pois, informai-vos ainda melhor”, disse ele (1Sm 23.22). Eles deveriam dar a localização exata de Davi:

Sabei e notai o lugar que frequenta e quem o tenha visto ali; porque me foi dito que é astutíssimo. Pelo que atentai bem e informai-vos acerca de todos os esconderijos em que ele se oculta; então, voltai a ter comigo com seguras informações, e irei convosco; se ele estiver na terra, buscá-lo-ei entre todos os milhares de Judá. Então, se levantaram eles e se foram a Zife, adiante de Saul (23.22-24).

O que Davi deveria fazer diante desse mal implacável? A resposta é vista no relato dos primeiros cristãos, que suportaram séculos de violenta perseguição romana e se recusaram a adorar a César como “Senhor”, enquanto anunciavam o evangelho e louvavam a Deus. A resposta é vista no evangelho que sofreu a tirania e a violência de décadas de poder comunista na Rússia, na Europa Oriental e na China. Cristãos fiéis dedicaram seus anos de prisão injusta à oração, liberando, assim, o poder do evangelho sobre suas terras. A resposta será vista hoje, nos cristãos do Ocidente pós-cristão, que se recusam a ser absorvidos num hedonismo secular humanista e falsidade, que continuam a obra da igreja e a proclamação do evangelho da salvação no sangue de Cristo. O que Davi deveria fazer no deserto de Zife? Deveria perseverar em fé, servindo a Deus e ao seu povo enquanto aguardava pelo tempo de livramento do Senhor.

Os espiões de Davi trouxeram notícias sobre os movimentos de Saul: “Isto foi dito a Davi; pelo que desceu para a penha que está no deserto de Maom” (23.25). As circunstâncias eram, naturalmente, desanimadoras, e a situação de Davi se deteriorava a cada minuto. Mas com sua confiança no Senhor fortalecida pelas palavras de Jônatas, colocou sua esperança em Deus e continuou em fé renhida.

O título do salmo 54 diz que ele foi escrito “quando os zifeus vieram dizer a

Saul: Não está Davi homiziado entre nós?” O salmo, assim, registra a oração de Davi durante esse tempo. Ele começou: “Ó Deus, salva-me, pelo teu nome, e faze-me justiça, pelo teu poder” (Sl 54.1). Essa petição ecoa a lembrança da promessa de Deus por Jônatas, de modo que Davi ora pelo nome do Senhor. Quando pressionado, Davi sabe muito bem onde colocar sua confiança: “Eis que Deus é o meu ajudador, o SENHOR é quem me sustenta a vida. Ele retribuirá o mal aos meus opressores; por tua fidelidade dá cabo deles” (Sl 54.4-5). Com sua fé fortalecida quando ora, Davi conclui com palavras de livramento certo, olhando para suas circunstâncias não pela vista, mas pela fé na palavra de Deus: “Oferecer-te-ei voluntariamente sacrifícios; louvarei o teu nome, ó SENHOR, porque é bom. Pois me livrou de todas as tribulações; e os meus olhos se enchem com a ruína dos meus inimigos” (54.6-7). Aqui a fé se levanta como deveria. Como Davi, confiamos verdadeiramente em Deus quando lhe damos graças pelo triunfo que nossa fé viu, embora os olhos não tenham visto.

A fé de Davi não foi desapontada. Justamente quando Saul estava para cercar o grupo fugitivo e parecia que a causa de Davi estava perdida, um mensageiro se aproximou do rei: “Apressa-te e vem, porque os filisteus invadiram a terra. Pelo que Saul desistiu de perseguir a Davi e se foi contra os filisteus” (1Sm 23.26-28). O livramento dado por Deus foi marcado pelo nome dado ao lugar: “Por esta razão, aquele lugar se chamou: Pedra de Escape” (23.28). A certeza da decisão soberana de Deus salvar seu povo é corretamente comparada a uma grande e sólida rocha. Blaikie comenta: “Se o propósito de Deus for livrá-lo, ele tem milhares de métodos invisíveis aos quais pode recorrer quando, aos olhos dos sentidos, parece não haver a menor esperança”.[5]

A fidelidade do Senhor em livrar Davi nunca esteve em dúvida, mas era a perseverança da fé de Davi que estava sendo provada. Do mesmo modo, Deus prova nossa fé por meio de circunstâncias que parecem sem esperança, exceto nele. Assim, quando Davi se mudou para uma nova fortaleza, em Em-Gedi, partiu com fé renovada, fortalecida pela provação. De acordo com Jesus, este é o propósito de toda a nossa vida, a saber, que pela perseverança não apenas provemos nossa fé (1Pe 1.6-7), mas entremos na plenitude da salvação. Observe o lugar de destaque dado ao tema da perseverança nas mensagens de Jesus às igrejas sofredoras de Apocalipse:

Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida (Ap 2.10).

Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo [...] (2.17).

Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações [...] dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã (2.26-28).

Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono (3.21).

Perseverança vencedora era o objetivo do encorajamento fraterno de Jônatas. Davi não foi chamado para derrotar o poder de Saul ou manter os zifeus afastados de seus terríveis pecados. Davi deveria perseverar fielmente no chamado que havia recebido de Deus. Isso significava serviço fiel a Israel enquanto esperava sua elevação ao trono. Hoje somos chamados a perseverar fielmente na busca da santidade, na obra da igreja, no testemunho do evangelho, na educação cristã dos nossos filhos e no cumprimento fiel dos nossos deveres em casa, no trabalho e na escola. Não devemos ceder quando as forças seculares ameaçarem nos derrotar, quando os costumes pecaminosos se tornarem atraentes ou quando a dificuldade nos deixar desanimados. Devemos continuar, guiados e inspirados por muitas promessas de Jesus no evangelho: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas” (Jo 8.12); “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7.38, citando Pv 18.4). Devemos perseverar, fazendo orações como as de Davi em sua exaustão no deserto. Depois de seu escape, Davi orou:

Tem misericórdia de mim, ó Deus, tem misericórdia,

pois em ti a minha alma se refugia;

à sombra das tuas asas me abrigo,

até que passem as calamidades.

Clamarei ao Deus Altíssimo,

ao Deus que por mim tudo executa.

Ele dos céus me envia o seu auxílio e me livra;

cobre de vergonha os que me ferem (Sl 57.1-3).

Jônatas nos mostra que o objetivo do nosso ministério na amizade cristã é o apoio encorajador para a perseverança que Davi mostrou. Se apenas fortalecermos a fé, a salvação logo virá. Mas às vezes é necessário muito encorajamento para fortalecer a fé. O escritor de Hebreus nos exorta: "Exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado" (Hb 3.13).

É emocionante perceber que, quando Davi e Jônatas se separaram no amargo cenário do deserto de Zife, eles estavam se vendo pela última vez. "Ambos fizeram aliança perante o SENHOR. Davi ficou em Horesa, e Jônatas voltou para sua casa" (1Sm 23.18). Aparentemente, o filho de Saul estava cansado da implacável perseguição do seu pai, embora seu dever fosse voltar para o lado dele. No seu último ato de amizade, ele direcionou o coração de Davi para descansar naquele que pode fazer muito mais do que ele jamais conseguiria. Uma das melhores maneiras que temos para servir ao Senhor, refletir sua glória no mundo e cumprir o chamado de Deus a nós como irmãos e irmãs cristãs, é evitar as ocupações secundárias da vida para oferecer nosso tempo e compaixão a amigos em necessidade e falar palavras de verdade e graça que levem outras pessoas (ou as conduzam de volta) ao Senhor.

O maior amigo

A Escritura diz que "há amigo mais chegado do que um irmão" (Pv 18.24), e o exemplo máximo dessa amizade é o Filho de Deus, que voluntariamente morreu para nos libertar dos nossos pecados. Como Jônatas, Jesus veio de um lugar de segurança para nosso mundo de dificuldade e perigo. Como Jônatas, Jesus

deixou riquezas e conforto para entrar na nossa pobreza. Como Jônatas, Jesus pensou na nossa necessidade e, refletindo sobre nossa miséria, trouxe palavras de salvação. De fato, se nos encontrarmos em necessidade sem um Jônatas por perto para fortalecer nossa fé, podemos nos voltar para Jesus e encontrar um amigo disposto e presente, capaz de "compadecer-se das nossas fraquezas" e oferecer "graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4.15-16).

Muitos heróis da fé encontraram em Jesus o melhor amigo. Andrew Bonar escreveu no seu diário sobre certo bosque para onde ele ia para ser fortalecido pela amizade em oração com Cristo. Ele o chamava de "Bosque de Zife". Ele registrou: "Deus tem fortalecido minhas mãos com frequência, meu Jônatas divino me encontra aqui". Jonathan Edwards, no seu leito de morte, da mesma maneira invocou "Jesus de Nazaré, meu verdadeiro amigo, que sempre está presente".[6] O apóstolo Paulo disse o mesmo sobre seu julgamento perante César: "Ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. [...] Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças" (2Tm 4.16-17).

Jesus não apenas fortalece nossa confiança em Deus, mas ele é nosso caminho para Deus, expiando nossos pecados com seu sangue. Jesus nos diz: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei" (Hb 13.5, citando Js 1.5). Portanto, perseveremos inclinando nossa alma para sua graça salvadora. E sirvamos a Jesus quando estivermos diante dos nossos amigos, dizendo-lhes palavras que fortaleçam sua fé, e, em nome de Cristo, participemos dos seus problemas e tristezas. Jesus disse sobre si mesmo: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos" (Jo 15.13). Se formos amigos verdadeiros dos nossos irmãos e irmãs em seu nome, algo semelhante a isso talvez seja dito sobre nós. Cristo usará nosso ministério para fortalecer as mãos e o coração de muitos para que perseverem até o dia em que a salvação vier para sempre.

1 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 360-61.

2 Ibid., 361.

3 Dietrich Bonhoeffer, Life together (São Francisco: Harper & Row, 1954), 23.

4 Thomas Watson, A body of divinity (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 286.

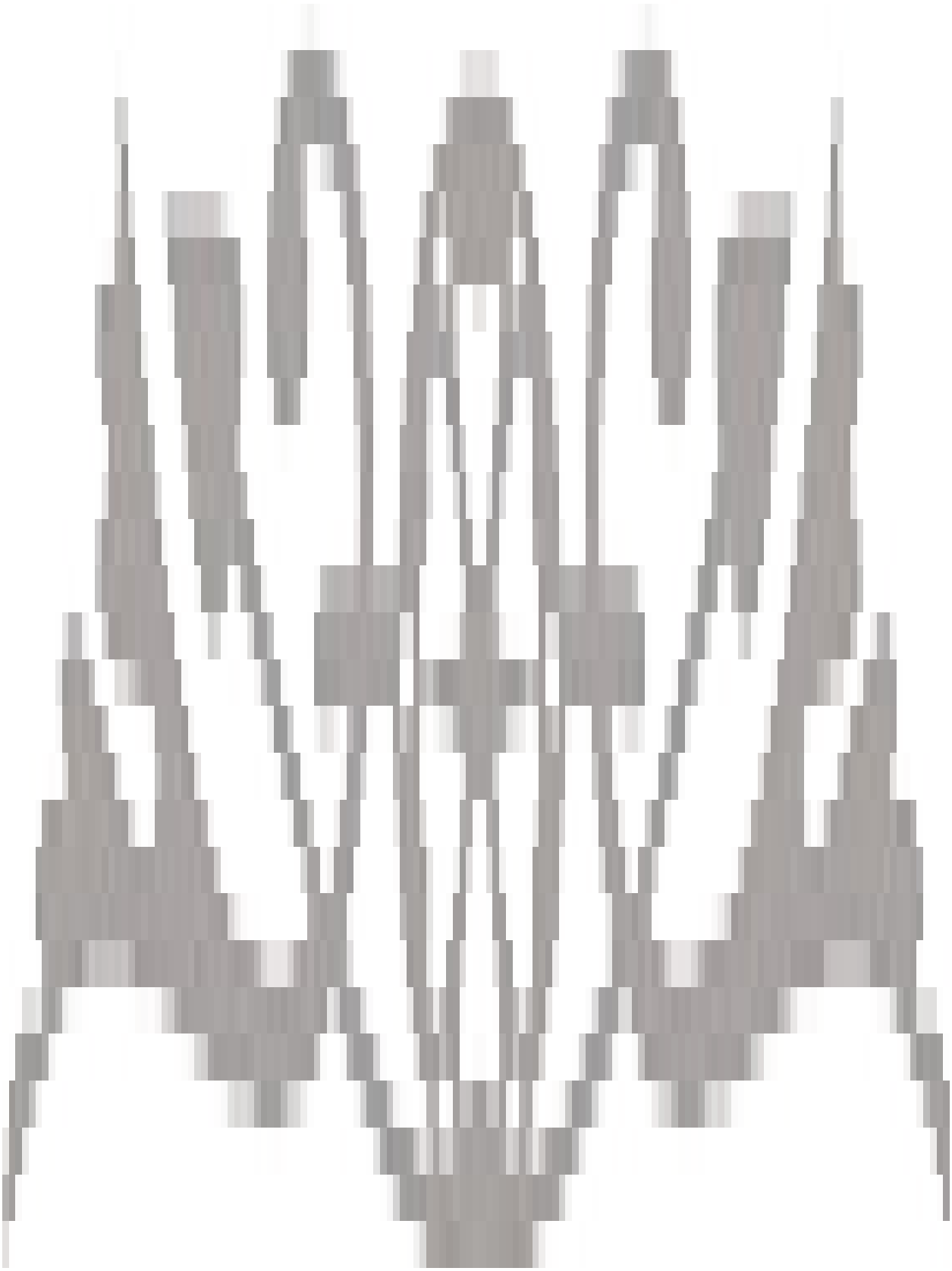
5 Blaikie, First Samuel, 364.

6 Os dois exemplos são citados em Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 194-95.

35

A ORLA DO MANTO

1Samuel 24.1-22



Olha, pois, meu pai, vê aqui a orla do teu manto na minha mão. No fato de haver eu cortado a orla do teu manto sem te matar, reconhece e vê que não há em mim nem mal nem rebeldia. (1Sm 24.11)

No primeiro capítulo de Romanos, o apóstolo Paulo enfatiza que as pessoas que negam a Deus não fazem isso por falta de evidência. Isso porque não apenas foram todos os homens e mulheres criados para conhecer a Deus, mas a evidência sobre Deus nos bombardeia no mundo criado. Paulo diz que "os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas" (Rm 1.20). Portanto, os incrédulos rejeitam um Deus a quem conhecem, motivados por uma rebelião moral. Paulo explica que eles "detêm a verdade pela injustiça [...] porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças" (1.18,21). O resultado é que "se tornaram nulos em seus próprios raciocínios" (1.21), de modo que aceitaram e foram entregues por Deus a todos os tipos de caminho perverso de pensamento e de ação.

Ao ensinar a justificação pela fé, Paulo empregou vários exemplos do Antigo Testamento para provar seu argumento, incluindo Abraão, Moisés e Davi. Se o apóstolo quisesse se estender sobre a doutrina da incredulidade, dificilmente poderia ter citado um exemplo melhor do que Saul, o rei de Israel. Saul escolheu o caminho da sua própria vontade em vez da vontade de Deus. Ele é um retrato de todos, hoje, que conhecem a verdade de Deus, mas suprimem essa verdade. Sem dúvida, Saul pensava que, como rei de Israel, podia adiar as consequências da sua rebelião contra Deus, assim como o homem pós-moderno se convence de que pode ignorar a Deus e reescrever normas milenares de moralidade e sociedade humana, confiando em sua tecnologia, prosperidade e lazer para viver de maneira bem-sucedida em oposição à palavra de Deus. Saul aprendeu, contudo, que o dia do ajuste de contas pode vir repentinamente, mesmo no que parece ser um momento de triunfo. Em Romanos, Paulo mostrou que a incredulidade sempre tem consequências, com o preço de prioridades morais distorcidas a ser pago ao longo do caminho. Saul foi uma ilustração viva desse ensino.

O dia do Senhor na vida de Saul

Saul teve uma experiência amarga com o castigo do Senhor, especialmente durante sua longa perseguição a Davi. O capítulo anterior mostrou o rei quase vencendo seu fugitivo genro, mas o exército filisteu lançou uma invasão inesperada e ele teve de se afastar. Não somos informados sobre quanto tempo foi necessário para Saul derrotar os filisteus, apenas que, quando retornou da campanha, imediatamente retomou seus esforços para perseguir Davi. Isso mostra que nem todo sucesso humano é um sinal do favor de Deus. Além disso, Saul não refletiu sobre essas experiências, não percebeu que o Deus que lhe deu a vitória sobre os inimigos de Israel era o mesmo Deus que preservava Davi dos seus ataques. Assim como Faraó persistiu em oposição a Deus depois de sucessivas pragas sobre o Egito, Saul persistiu nos seus esforços assassinos contra Davi.

Em geral é isso o que acontece com os incrédulos, cujos planos pecaminosos e egoístas podem ser interrompidos por reveses, enfermidades ou outras restrições, cada uma das quais oferece uma oportunidade para reflexão sobre o estado da sua alma. Como Saul, logo que Deus providencialmente o restaura, o incrédulo segue em frente, cavando sua sepultura eterna com um compromisso renovado com o pecado e o próprio ego. Assim aconteceu quando Saul voltou da batalha contra os filisteus. Ele pegou 3.000 soldados de elite e partiu determinado a dar cabo de Davi de uma vez por todas: “Tomou, então, Saul três mil homens, escolhidos dentre todo o Israel, e foi ao encalço de Davi e dos seus homens, nas faldas das penhas das cabras monteses” (1Sm 24.2).

Aqueles que confiam no Senhor e servem a ele têm a bênção de saber que o auxílio salvador de Deus certamente aparecerá no tempo devido. Exatamente o oposto é verdadeiro para aqueles que voltam as costas para Deus: podem estar certos de que o dia do juízo de Deus virá, geralmente de modo repentino e surpreendente. Jesus falou desta maneira sobre o rico insensato que havia buscado segurança nas suas riquezas terrenas: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (Lc 12.20). Para Saul, o dia do castigo do Senhor também veio inesperadamente e de um modo que revelou sua pretensão real: “Chegou a uns currais de ovelhas no caminho, onde havia uma caverna; entrou nela Saul, a aliviar o ventre” (1Sm 24.3). Em-Gedi é uma região de rochas de xisto, com inúmeras cavernas e uma fonte perene de água fresca, o

que a torna um lugar excelente para o descanso de pastores e seus rebanhos. Davi e alguns de seus homens haviam fugido para uma dessas fundas cavernas, e, pouco tempo depois, Saul também entrou, sozinho. O texto hebraico diz que Saul, então, “descobriu os pés”, e a maioria dos estudiosos concorda que isso se refere a Saul retirar o manto para aliviar o ventre com privacidade.

Ali Davi e seus homens estavam amontoados, como pequenos ratos na escuridão de sua caverna, com as “forças especiais” de Saul posicionadas logo abaixo. Saul devia sentir-se muito seguro em sua força. No entanto, até mesmo um rei deve responder ao chamado da natureza, e, segundo a lei israelita, ele era proibido de aliviar-se dentro dos limites do acampamento. Encontrando uma caverna longe dos olhares, Saul foi se aliviar.

A Bíblia diz que “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4.6, citando Pv 3.34), mas nos esquecemos de quanto o Senhor pode ser implacável ao humilhar seus oponentes orgulhosos. Deve ter sido uma grande visão para Davi e seus homens quando entrou correndo no esconderijo onde eles estavam o confiante rei, expondo-se não somente aos olhos deles, mas também às suas ávidas espadas. Os homens mal conseguiram conter seu prazer, dizendo a Davi: “Hoje é o dia do qual o SENHOR te disse: Eis que te entrego nas mãos o teu inimigo, e far-lhe-ás o que bem te parecer” (1Sm 24.4). Porém, a Bíblia não registra nenhuma profecia assim, e, considerando o que acontece aqui, é provável que os homens simplesmente tenham elaborado uma teologia criativa. Não era preciso um professor de seminário, insistiam eles, para interpretar o que Deus estava fazendo. Dale Ralph Davis os imagina calmamente cantando em coro: “Este é o dia, este é o dia que o Senhor fez”.[1]

Na verdade, esse foi um dia do Senhor para Saul, mas não é certo se foi ou não o dia do seu acerto de contas. Provérbios 13.15 diz: “A boa inteligência consegue favor, mas o caminho dos pérfidos é intransitável”. Saul não conseguia imaginar quanto sua desgraça seria humilhante. No entanto, o Deus que entrega os ímpios à imundície e à concupiscência (Rm 1.24) também os entrega à destruição no momento que lhe apraz. Enquanto Saul continuasse a ser um mero ser humano, ele continuaria dependente da misericórdia do Deus que havia rejeitado, e, tendo desprezado a misericórdia de Deus, podia cair em qualquer momento que o Senhor quisesse entregá-lo nas mãos dos seus inimigos. Essa é a situação lamentável de todos aqueles que suprimem o conhecimento de Deus e desprezam sua oferta misericordiosa de salvação em Jesus Cristo. Jesus advertiu que todos devemos, portanto, ficar “apercebidos; porque, à hora em que não

cuidais, o Filho do Homem virá” (Mt 24.44).

O coração aflito de Davi

Tendo exposto Saul à humilhação e ao ataque, o texto volta sua atenção para o lado de Davi na caverna. Impelido pela agitação dos seus homens, Davi começou a se arrastar atrás do seu inimigo, que de nada suspeitava. Finalmente, aproximou-se e seu grupo de seguidores coletivamente prendeu a respiração. Mas Davi hesitou. “‘Não hesite, Davi’, seus homens devem ter desejado silenciosamente. ‘Acabe com ele!’ Davi hesitou, antes de finalmente agir. Porém, não foi o próprio Saul que ele alcançou, foi apenas seu manto real que estava no chão.”[2] Essa cena dramática é um breve entendimento do versículo 4: “Levantou-se Davi e, furtivamente, cortou a orla do manto de Saul”.

Podemos imaginar o chocado desapontamento dos seguidores de Davi quando o viram retornar sem haver derramado o sangue de Saul. A oportunidade seria perdida. Davi voltou para travar uma batalha de vontades com seus homens, que só podiam estar frustrados pela sua aparente falta de coragem. Mas não foi falta de coragem que segurou a mão de Davi. Na verdade, quando voltou ao seu esconderijo, Davi estava aflito até mesmo pelo pequeno gesto de vingança que havia realizado. Ele disse aos homens: “O SENHOR me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, isto é, que eu estenda a mão contra ele, pois é o ungido do SENHOR” (1Sm 24.6).

Por que Davi estava com a consciência aflita? O versículo 5 diz: “Sucedeu, porém, que, depois, sentiu Davi bater-lhe o coração, por ter cortado a orla do manto de Saul”. Davi sabia que o manto real era um símbolo da autoridade de Saul como rei de Israel. Vimos isso em 1Samuel 15.28, quando Samuel rasgou o manto de Saul como um símbolo de que o reino seria rasgado dele e dado “ao teu próximo, que é melhor do que tu”. Robert Bergen escreve: “o confisco feito por Davi de uma porção do manto real significava a transferência de poder da casa de Saul para a casa de Davi”.[3]

Por que Davi ficou aflito por esse modo misericordioso de poupar a vida de Saul? Em vez de congratular-se pelo fato de ter poupado a vida do seu incansável perseguidor, Davi se afligiu com o fato de que, tomando uma parte do manto de Saul, estava, na verdade, em rebelião contra Deus. Davi sabia que Saul

não permanecia no trono por acaso, mas pela vontade soberana de Deus. Por menos respeito que Davi tivesse por Saul, ele tinha uma profunda reverência pelo ofício que Saul ocupava, vendo-o como uma manifestação do reino de Deus. Considerando a situação da perspectiva de Deus, Davi se lembrou que Saul ainda era o "ungido do SENHOR" (1Sm 24.6), de modo que lutar contra o rei era lutar contra Deus. Certo dessa convicção, Davi não apenas se explicou aos homens, mas insistiu com eles para impedi-los de causar dano a Saul. "Com estas palavras, Davi conteve os seus homens e não lhes permitiu que se levantassem contra Saul" (24.7).

Refletindo sobre esse dramático episódio, primeiro perguntamos como Davi chegou a essa conclusão. Ele poderia ter concordado com os homens que Saul havia sido colocado à sua mercê. No entanto, o mero fato de Deus ter dado uma oportunidade não garante que ele queira que a aproveitemos. Geralmente, como é o caso aqui, Deus testa seus servos para revelar o verdadeiro estado do coração deles. Quando Jonas chegou a Jope e encontrou um barco que ia para Társis já no porto, Deus não estava facilitando sua rebelião, mas testando sua fidelidade. Do mesmo modo, Deus nos testa dando-nos a oportunidade de pecar para nos mostrar a verdadeira condição do nosso coração e para nos aproximar dele em busca de força e proteção. Gordon Keddie escreve que "uma 'porta aberta' não é, em si mesma, prova da vontade de Deus. Na providência de Deus, as circunstâncias não substituem o princípio que ele revelou em sua palavra, a Bíblia".[4]

Considere quanto esse teste foi severo para Davi. A. W. Pink comenta:

Um golpe de sua espada e ele sobe ao trono. Adeus, pobreza! Adeus vida de animal perseguido. Reprovações, desprezo e derrotas cessariam; adulações, triunfos e riquezas seriam seus. Mas ele faz o sacrifício da fé, o sacrifício de uma vontade humilde, sempre esperando o tempo de Deus; o sacrifício de mil experiências preciosas do cuidado de Deus, da provisão de Deus, da orientação de Deus, da ternura de Deus. Não, até mesmo um trono a esse preço é caro demais. A fé espera.[5]

Não teria sido difícil justificar a morte de Saul. O rei era culpado e merecia

morrer pelo assassinato dos profetas em Nobe, se não pelos seus outros crimes. Além disso, a remoção de Saul do poder levaria a uma restauração nacional de Israel ao Senhor. Finalmente, já que Davi havia sido ungido por Deus para o reinado, ele podia estar agindo dentro do seu direito. Quantos cristãos hoje usariam esses argumentos, justificando meios pecaminosos ou não bíblicos para os fins que estão buscando, argumentando que o que realmente importa são os resultados. No entanto, Davi percebeu que estava num momento crucial da sua vida. Deus havia lhe prometido o trono. Ele o tomaria num assassinato sem misericórdia, matando com suas próprias mãos o ungido do Senhor e, com a mesma mão cheia de sangue, colocaria a coroa do povo de Deus sobre sua cabeça? O fato de que Davi reinaria nunca esteve em dúvida, pois Deus havia prometido isso. Mas como Davi reinaria e que tipo de reinado sua liderança produziria estavam em jogo na escuridão da caverna em Em-Gedi. Ele percebeu que era vitalmente importante para seu relacionamento com Deus e para seu futuro como servo de Deus que se abstivesse de pecados convenientes e oportunos.

Davi mostra, em contraste com Saul, o poder da palavra de Deus para governar as paixões de impedi-las de explodir em violência e pecado. Saul é um homem que conhece, mas suprime a verdade de Deus. Seu reinado, portanto, é de violência e tirania irrestritas. Tão forte era sua agitação interior que ele literalmente andava carregando sua lança, com a qual podia impulsivamente golpear a qualquer momento. Davi, ao contrário, não apenas conhece Deus, mas faz da palavra de Deus “lâmpada para os [seus] pés e luz para os [seus] caminhos” (Sl 119.105). O resultado é um domínio próprio que é praticamente impossível para qualquer outro tipo de homem. Davi é assediado por fortes pressões para agir violentamente, incentivado por homens que haviam sacrificado tudo por ele, e com a frustração por anos de perseguição injusta e cruel por esse tirano que, aparentemente, havia arruinado sua vida. Além disso, o ato de Davi ocorreria no escuro, dando-lhe oportunidade de relatá-lo como melhor lhe conviesse.

Muitos corações nobres fracassaram em provações menos potentes que a de Davi. Robert the Bruce, da Escócia, enfrentou uma provação semelhante quando encontrou seu rival pelo trono, o traiçoeiro John Comyn, na Capela Greyfriars. O ódio e a indignação de Bruce eram tão grandes que ele não conseguiu se abster de enfiar uma faca no peito de Comyn. Bruce passaria o restante de sua vida tentando desfazer a base sangrenta do seu reinado como rei da Escócia.

Então, que força conteve a mão de Davi sob uma pressão ainda maior para matar? A resposta é que o peso da palavra de Deus sobre sua consciência lhe deu domínio próprio para que não se tornasse vítima de uma paixão pecaminosa. Davi refletiu que Saul era o "ungido do SENHOR" (1Sm 24.6). Talvez também tenha se lembrado do sexto mandamento: "Não matarás" (Êx 20.13), e da ordem de Êxodo 22.28, que proíbe os israelitas de amaldiçoarem seu governante. William Blaikie resume a motivação de Davi em palavras que expressam nossa única esperança de não sermos levados à ruína por paixões pecaminosas: "Ele agiu em total desprezo pelo que era pessoal e egoísta, e na mais profunda reverência pelo que era santo e divino".[6] Governar a vontade por uma reverência a Deus é prova segura de um coração instruído pela frequente consulta à palavra de Deus.

Fora da caverna

Davi escapou de um pecado que teria manchado todo o seu futuro, apesar da aprovação dos seus seguidores. Um Davi que matasse Saul teria sido como Lady Macbeth, na clássica peça de Shakespeare, que procura sempre apagar a mancha condenatória de sangue. Que tipo de reinado Davi teria se tivesse chegado ao trono matando friamente seu antecessor? Do mesmo modo, os cristãos podem evitar as calamidades que são comuns entre os ímpios – fraudes financeiras, infidelidade sexual e relacionamentos cheios de ira – submetendo sua conduta à norma da Escritura.

Pelo lado positivo, também vemos como Davi foi capacitado a prover liderança espiritual mesmo diante da autoridade ímpia de Saul. O contraste entre Davi e Saul, tão claro dentro da caverna – um deles amaldiçoado e o outro abençoado com poder espiritual – é igualmente claro fora dela. Começando com Davi, vemos como a submissão fiel a Deus e à sua palavra nos capacita a mostrar bênção espiritual em qualquer situação.

Primeiro, o poder de Deus capacitou Davi a ser um pacificador, em face da mais ímpia hostilidade: "Depois, também Davi se levantou e, saindo da caverna, gritou a Saul, dizendo: Ó rei, meu senhor! Olhando Saul para trás, inclinou-se Davi e fez-lhe reverência, com o rosto em terra" (1Sm 24.8). Como Davi podia se curvar diante de um déspota como Saul, que havia feito tudo para destruí-lo? A resposta é que Davi havia se entregado nas mãos de Deus, deixando sua vida

aos cuidados da vontade soberana dele. Além disso, instruído pela Escritura, havia deixado a vingança para o Senhor. “Não vos vingueis a vós mesmos, amados”, disse Paulo, “mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor” (Rm 12.19, citando Dt 32.35). Imagine o olhar assustado no rosto de Saul, primeiro ao perceber que havia escapado por pouco e depois ao ver seu inimigo jurado de morte curvando-se em reverência. Apesar de suas queixas contra o rei, Davi tinha uma fé que lhe permitia abordar Saul não como um fora da lei ou um inimigo, mas como o súdito fiel que havia desejado ser. “Em vez de cair sobre Saul num ataque assassino, Davi caiu sobre o solo ‘e fez-lhe reverência, com o rosto em terra’”,[7] falando com o rei pacificamente e com o devido respeito.

Então, Davi disse a Saul: “Por que dás tu ouvidos às palavras dos homens que dizem: Davi procura fazer-te mal?” (1Sm 24.9). Essa foi uma maneira generosa de interpretar a política de Saul contra Davi. Pink observa: “Muito graciosamente Davi lançou a culpa sobre os cortesãos de Saul, não sobre o próprio rei”.[8] É possível que Davi estivesse consciente de alguma verdade em sua alegação, já que Saul havia se cercado de muitos que consideravam Davi um rival. No entanto, a fala de Davi tinha o objetivo de abrandar, não de inflamar a hostilidade de Saul. Muitas disputas que aumentaram de intensidade, rompendo amizades e vínculos familiares, poderiam ter sido dissolvidas por esse generoso espírito de conciliação. O fato de que até mesmo Saul respondeu favoravelmente ao tratamento pacífico de Davi prova o ensino de Provérbios 15.1: “A resposta branda desvia o furor”.

Segundo, homens e mulheres que vivem em sujeição à palavra de Deus são capazes de mostrar sua boa vontade a todos os outros. Vivemos numa sociedade cada vez mais dividida em tribos e facções, com cada um isolado pela hostilidade dos outros. Vivendo de acordo com a palavra de Deus, os cristãos devem ser como Davi, que demonstrou a Saul que seus motivos e intenções eram amigáveis. Davi disse:

Os teus próprios olhos viram, hoje, que o SENHOR te pôs em minhas mãos nesta caverna, e alguns disseram que eu te matasse; porém a minha mão te poupou; porque disse: Não estenderei a mão contra o meu senhor, pois é o ungido de Deus. Olha, pois, meu pai, vê aqui a orla do teu manto na minha mão. No fato de haver eu cortado a orla do teu manto sem te matar, reconhece e vê

que não há em mim nem mal nem rebeldia, e não pequei contra ti, ainda que andas à caça da minha vida para ma tirares (1Sm 24.10-11).

Não pode haver dúvida de que Saul, ao ouvir as palavras de Davi, instintivamente observou a orla do seu manto. Vendo a ponta cortada, sofreu o impacto atordoante da realidade com força impressionante. A faca de Davi havia chegado muito perto da carne de Saul; o homem de fé havia declinado fazer com Saul o que Saul havia passado anos tentando fazer com ele. Davi provou ser um homem de princípios piedosos e, assim, virtualmente o único tipo de pessoa em quem se podia confiar que não fizesse o mal, mas apenas o bem. Assim deve ser com todos os crentes: nossa fidelidade, domínio próprio e amor devem nos indicar como aqueles poucos em que se pode confiar quando integridade é o que mais importa.

Essa ênfase desempenhou uma parte importante da defesa dos cristãos da igreja primitiva contra a calúnia dos pagãos. Em sua Primeira apologia, Tertuliano pôde afirmar claramente que os cristãos eram os mais leais, pacíficos e confiáveis cidadãos de César, de modo que apenas impulsos loucos e autodestrutivos podiam buscar a morte deles. Ele escreveu ao imperador:

Na realização das nossas boas obras, não fazemos qualquer exceção de pessoas, pois as fazemos por causa de nós mesmos e buscamos obter a bênção de aprovação ou recompensa não do homem, mas de Deus. [...] Somos os mesmos diante do imperador e dos nossos vizinhos. Pois somos, do mesmo modo, proibidos de desejar, fazer, falar ou pensar o mal de qualquer pessoa.[9]

Os cristãos podem dizer isso hoje? Se dissermos, o sórdido relato de muitos pastores e de outros cristãos de notoriedade pública, caindo nos mesmos pecados da sociedade pagã, ridicularizaria a alegação cristã de integridade sincera e boa vontade. Segurando o pedaço do manto de Saul, Davi tinha uma prova material que dava testemunho de sua boa vontade e fidelidade. Cada cristão deve perguntar que prova de boa vontade pode apresentar diante de seus vizinhos, colegas de trabalho e até mesmo dos seus inimigos.

Terceiro, Davi mostra como os crentes podem respeitosamente repreender o pecado em nome de Deus. Ele declarou a Saul:

Julgue o SENHOR entre mim e ti e vingue-me o SENHOR a teu respeito; porém a minha mão não será contra ti. Dos perversos procede a perversidade, diz o provérbio dos antigos; porém a minha mão não está contra ti. Após quem saiu o rei de Israel? A quem persegue? A um cão morto? A uma pulga? (1Sm 24.12-14).

Davi foi sábio em fazer sua repreensão depois de provar sua paz e boa vontade. Tendo anteriormente falado com humildade para amolecer o coração, mereceu a consideração de Saul quando, agora, expressou uma reprovação piedosa.

Finalmente, Davi concluiu essa notável missão diplomática recorrendo ao Senhor para sua segurança e sucesso: “Seja o SENHOR o meu juiz, e julgue entre mim e ti, e veja, e pleiteie a minha causa, e me faça justiça, e me livre da tua mão” (1Sm 24.15). Esse apelo a Deus deu força à afirmação anterior de Davi: “Não estenderei a mão contra o meu senhor, pois é o ungido de Deus” (24.10). Desse modo, Davi fez seu apelo para que Saul reconsiderasse sua violenta perseguição, pois aqueles que recorrem à justiça de Deus podem ser contados como aqueles que obedecem a palavra de Deus, vivendo em paz com todos os homens (veja Rm 12.18). Quando os crentes se veem em disputas ou desacordos, devem se lembrar que seu apelo à justiça de Deus os obriga a agir cuidadosamente em obediência à palavra do Senhor. Paulo aconselhou: “Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4.26, citando o Sl 4.4). Esse é um princípio que os cristãos devem aplicar a toda situação, para que sua integridade glorifique a Deus e promova reconciliação com seus oponentes.

A chorosa autorrefutação de Saul

O sucesso do apelo piedoso de Davi não é visto na mudança permanente por parte de Saul, mas em mais um contraste entre a consciência de cada um deles. Com seu espírito em submissão à palavra de Deus, Davi falou pacificamente de

um modo coerente com a evidência de sua vida. Saul, por outro lado, só pôde expressar sua consciência de um modo que condenou as principais prioridades da sua própria vida. E isso é algo que acontece com muita frequência com o testemunho do incrédulo.

Três elementos da resposta de Saul se destacam, começando com a bênção chorosa que diz a Davi: “Tendo Davi acabado de falar a Saul todas estas palavras, disse Saul: É isto a tua voz, meu filho Davi? E chorou Saul em voz alta” (1Sm 24.16). Qualquer que fosse a capacidade de amar que havia sido deixada no coração de Saul, o humilde tratamento de Davi a havia trazido à tona. No entanto, Davi não podia produzir verdadeiro arrependimento em Saul, pois apenas a obra regeneradora do Espírito Santo pode transformar o coração. O rei mostrou quem ele verdadeiramente era quando admitiu: “Mais justo és do que eu; pois tu me recompensaste com bem, e eu te paguei com mal” (24.17). Essa é uma piedade típica da incredulidade, que sempre procura reservar alguma autojustificação: não que Saul seja totalmente injusto, mas simplesmente Davi é mais justo que Saul. Contraste o argumento de Saul com o humilde arrependimento do publicano na parábola de Jesus, cujo verdadeiro arrependimento implorou: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lc 18.13). Aqueles que se arrependem verdadeiramente nada têm a dizer em favor da sua própria justiça, mas estão totalmente convencidos dos seus muitos pecados. Não obstante, Saul pelo menos admitiu a justa conduta de Davi ao poupar sua vida como prova da sua boa vontade: “Porque quem há que, encontrando o inimigo, o deixa ir por bom caminho? O SENHOR, pois, te pague com bem, pelo que, hoje, me fizeste” (1Sm 24.19). Com essas palavras, Saul implicitamente invocou o juízo de Deus sobre sua perseguição incansável ao inocente Davi.

Segundo, Saul fez uma revelação chocante que anunciou publicamente a futilidade da sua vida ímpia: “Agora, pois, tenho certeza de que serás rei e de que o reino de Israel há de ser firme na tua mão” (1Sm 24.20). De modo semelhante, os incrédulos, hoje, frequentemente reclamam da vaidade da busca de fama e fortuna, apesar da sua incapacidade de parar de buscar essas mesmas coisas. Saber que estava errado não impedia Saul de perseguir Davi, assim como incrédulos que admitem a falta de sentido de sua existência não são capazes de mudar sua vida sem a intervenção graciosa de Deus por meio do seu evangelho.

Terceiro, de maneira chorosa Saul pediu que Davi poupasse sua família no inevitável evento de sua subida ao trono: “Jura-me pelo SENHOR que não eliminarás a minha descendência, nem desfarás o meu nome da casa de meu pai”

(1Sm 24.21). O mesmo Davi que havia cortado a orla do manto de Saul tinha poder para cortar toda a linhagem e o nome de Saul, e Saul buscou misericórdia, sem pronunciar qualquer palavra de misericórdia a Davi.

Observe que Davi nem mesmo se incomodou em pedir a Saul que prometesse poupar sua vida. Ele havia entregado sua vida ao Senhor e, embora estivesse perdoando Saul em nome do Senhor, Davi sabia que não podia confiar numa palavra que saísse dos lábios não regenerados dele. Confiando na misericórdia de Davi, Saul deu testemunho eloquente da bênção insuperável que vem àqueles que confiam no mesmo Deus que Saul havia rejeitado. Saul não conseguia enfrentar a realidade da situação que tinha diante de si sem condenar sua incredulidade, dando testemunho, no seu apelo a Davi, de que Deus pode criar e cria homens e mulheres que lhe agradam (1Sm 13.14), crentes que podemos confiar que vivem num plano mais elevado que aquele a que Saul sequer aspirava.

A coroa e a cruz

Na caverna de Em-Gedi, observamos Davi num dos mais elevados pináculos espirituais de toda a sua vida. Fez uma grande diferença para seu futuro que ele tivesse honrado o Senhor durante seu tempo de provação. Do mesmo modo é importante para nós que passemos nos testes de fé que Deus coloca diante de nós, pois, em muitos casos, nossa futura utilidade para o Senhor pode depender disso.

Pensando sobre Davi no seu misericordioso autocontrole em relação a Saul, somos lembrados do maior e mais significativo exemplo do seu descendente, Jesus Cristo. De fato, o relato bíblico sobre Davi tem o objetivo de retratar o caráter e a realização de Jesus em nos salvar dos nossos pecados. É extremamente vital para nossa salvação que Jesus não tenha tentado obter seu trono de um modo contrário ao plano de Deus. O diabo tentou isso como talvez a melhor chance de desviar o Messias do seu curso salvador. Satanás colocou diante de Jesus “todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (Mt 4.8-9). Por que Jesus deixou seu reino aos pés de Satanás? Porque Satanás ofereceu a coroa sem a cruz. Esse é sempre o falso apelo de Satanás ao povo de Deus. Satanás prometeu a Jesus nada menos que aquilo que Deus havia ordenado. Ele poderia ter argumentado que os meios

empregados não fariam diferença. A diferença está na nossa salvação, e Jesus sabia que a própria natureza do seu reino estava em jogo: apenas realizando a obra de Deus do modo de Deus Jesus receberia verdadeiramente a recompensa de Deus para si mesmo e para seu povo.

Você é tentado a buscar a coroa da salvação sem a cruz de uma vida governada pela obediência à palavra de Deus? Você é tentado a justificar meios pecaminosos ou mundanos porque os resultados externos virão com mais facilidade? Que Deus nos conceda o poder, como concedeu a Davi, olhando para o Jesus crucificado e ressurreto, de nunca colocar as mãos nas bênçãos que Deus prometeu de um modo contrário à vontade dele na sua palavra. Em vez disso, recebamos as bênçãos que Deus tem para nós das mãos do próprio Deus ou não as recebamos. De qualquer outra maneira as bênçãos são perdidas, a colheita é contaminada e o cálice da salvação é corrompido com a mácula do pecado e do compromisso com o mundo. “Espera no SENHOR, segue o seu caminho, e ele te exaltará para possuíres a terra; presenciarás isso quando os ímpios forem exterminados” (Sl 37.34).

1 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 199.

2 Richard D. Phillips, The Heart of an executive: Leadership lessons from the life of King David (Nova York: Doubleday, 1998), 127.

3 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 239.

4 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 224.

5 A. W. Pink, A life of David, 2 v. (Grand Rapids: Baker, 1981), 1:114.

6 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 368.

7 Bergen, 1, 2 Samuel, 240.

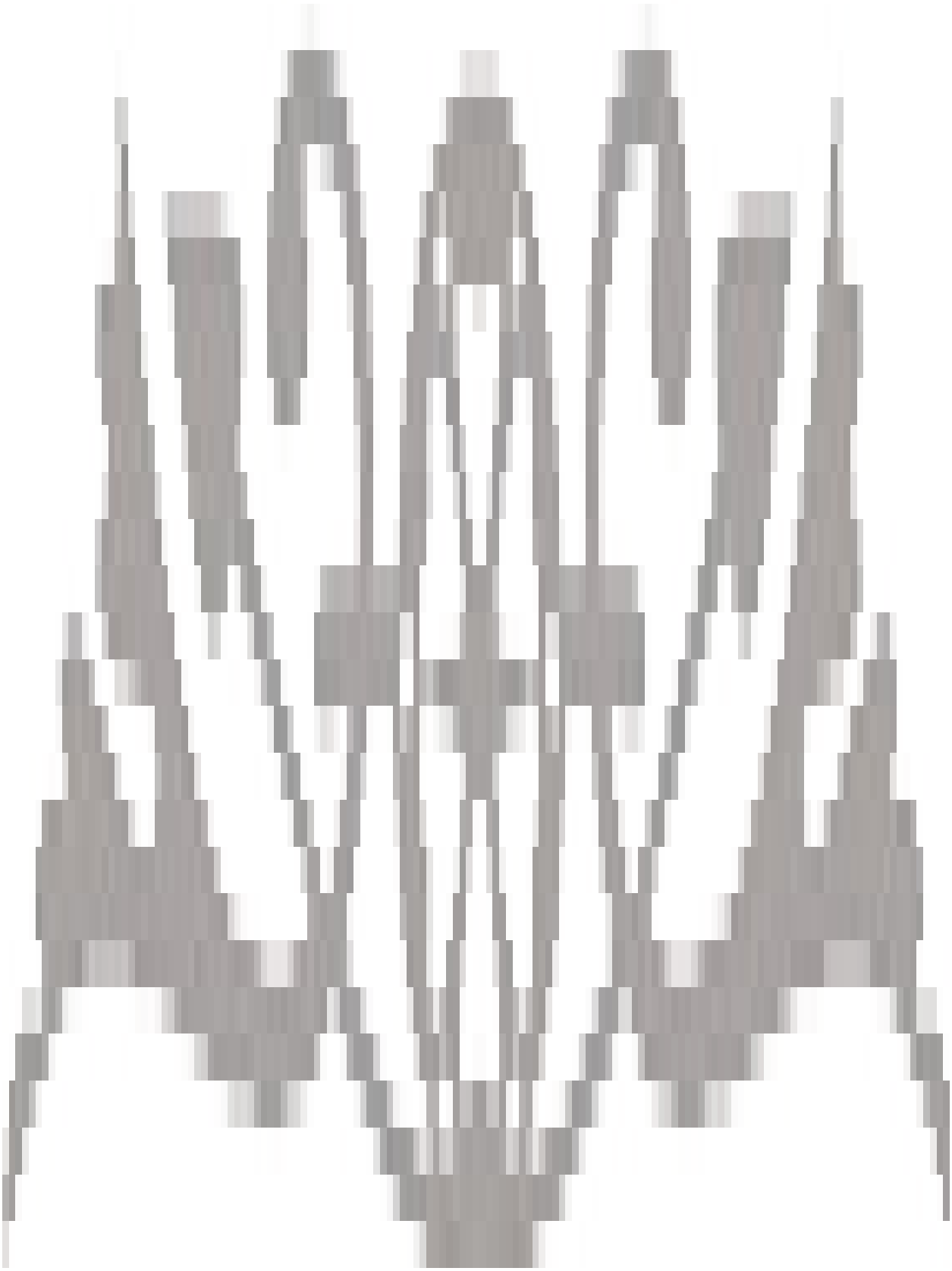
8 Pink, Life of David, 1:120.

9 Tertuliano, First apology, 36.

36

INSULTO E INJÚRIA

1Samuel 25.1-31



Perdoa a transgressão da tua serva; pois, de fato, o SENHOR te fará casa firme, porque pelejas as batalhas do SENHOR, e não se ache mal em ti por todos os teus dias. (1Sm 25.28)

Algumas notícias são tão significativas que só podem ser relatadas como um simples fato. Em 13 de abril de 1912, a manchete do jornal Boston Daily Globe dizia: “Titanic afunda, 1.500 morrem”. Trinta e três anos depois, nessa mesma data, o San Francisco Chronicle anunciou: “Morre Franklin Delano Roosevelt!” Em 12 de setembro de 2001, a manchete do New York Times dizia: “América atacada”. Nesse mesmo espírito de brevidade enfática, 1Samuel 25.1 anuncia: “Faleceu Samuel”. Assim foi registrado um divisor de águas na história do antigo povo de Israel tão importante quanto a morte de Moisés, muitos anos antes. Não apenas Samuel foi o maior líder de Israel depois de Josué, sucessor de Moisés, mas sua partida também selou uma transição decisiva no governo divinamente designado de Israel, dos juízes capacitados pelo Espírito para as dinastias reais.

Samuel foi o último dos juízes e o fundador da escola de profetas, uma linhagem que culminaria na vida e obra de Jesus Cristo. Além disso, o Senhor deu a Samuel a tarefa de ungir, proteger e preparar o grande campeão romântico do Antigo Testamento, o rei Davi, cujo trono foi erigido para o reino eterno de Jesus, Filho de Deus e Filho de Davi. Assim, embora Samuel tenha abdicado da liderança dia a dia de Israel com a coroação do rei Saul, o velho profeta e juiz só entregou sua vida depois que Saul reconheceu publicamente o direito de Davi ao trono em seu lugar. A passagem de 1Samuel 24 conclui com Saul admitindo a Davi: “Tenho certeza de que serás rei e de que o reino de Israel há de ser firme na tua mão” (v. 20). Somente depois disso lemos: “Faleceu Samuel” (1Sm 25.1).

Quando homens importantes e piedosos morrem, até mesmo seus detratores são forçados a prantear sua morte. Por isso, “todos os filhos de Israel se ajuntaram, e o prantearam, e o sepultaram na sua casa, em Ramá” (1Sm 25.1). Isso faz surgir a pergunta: Davi estava presente no sepultamento de Samuel? A resposta parece ser “não”. A incansável perseguição de Saul havia levado Davi para as regiões desérticas ao sul, e é questionável se Davi teria voltado ao norte, para a região central de Israel, para o sepultamento de Samuel, especialmente considerando

que nossa passagem o coloca ainda mais ao sul, no deserto da península do Sinai, no “deserto de Parã” (25.1). Davi teria se sentido ainda mais vulnerável com a morte de Samuel e por isso colocado mais distância entre si mesmo e Saul? Sentindo a chegada de um momento final e decisivo na sua vida, Davi teria se retirado para o deserto para ficar mais perto de Deus, prefigurando a jornada de Jesus ao deserto depois do seu batismo? Dada a conduta de Davi nesse capítulo, parece provável que seu afastamento tenha sido baseado mais no medo que na fé. Não obstante, Davi deve ter percebido que à sua frente havia um período de provação que determinaria sua dignidade para governar como rei de Israel.

O humilde apelo de Davi

Depois do retiro pessoal de Davi para o mesmo deserto onde Israel havia peregrinado no êxodo, ele voltou ao seu pequeno exército e seus muitos problemas. O mais imediato era o problema de logística, pois Davi dependia da população vizinha para sustentar seu exército considerável de 600 soldados, juntamente com seus familiares e seguidores no acampamento. Não longe de Zife, de onde havia fugido, havia as cidades de Maom e Carmelo. Ali Davi encontrou os servos de um homem chamado Nabal. Era um homem “abastado, tinha três mil ovelhas e mil cabras” (1Sm 25.2). Davi sabia que era obrigado a garantir o bom comportamento do seu exército, e há evidência de que fez isso para viver em paz com a população vizinha. Mais tarde, ouvimos dos trabalhadores de Nabal que os homens de Davi “nos têm sido muito bons, e nunca fomos agravados por eles e de nenhuma coisa sentimos falta em todos os dias de nosso trato com eles, quando estávamos no campo” (25.15-16).

Em resumo, Davi era um bom vizinho. Em vez de permitir que seus homens tivessem liberdade com o rebanho disponível ou usassem sua força superior para intimidar e explorar o povo vizinho, os homens de Davi protegiam os inocentes que estavam ao seu redor. Eles respeitavam a propriedade. Eles viviam o ensino de Paulo às igrejas da Galácia: “Enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6.10). Longe da expectativa natural de que alguma perda era inevitável por causa da presença de um grande grupo nômade na região, a propriedade de Nabal foi extraordinariamente preservada, de modo que seu lucro aumentou. O exemplo de Davi também mostra a diferença que a liderança cristã deve fazer. Foi muito

diferente a conduta do Exército Confederado da Virgínia do Norte na sua invasão à Pensilvânia em relação à conduta do Exército da União do Tennessee, na sua famosa “Marcha para o mar”. O exército do Sul, liderado pelo general cristão Robert E. Lee, respeitou a propriedade e pagou pelas provisões que usou, enquanto o Exército da União, liderado por William Tecumseh Sherman, causou tal destruição e violência que sua passagem ainda causava rancor aos sulistas 100 anos depois. Davi não apenas restringiu a violência do seu exército, mas fez da sua presença uma fonte de auxílio para os vizinhos. Esta é a diferença que os cristãos devem fazer em suas comunidades, vizinhança e família: nossa presença deve ser uma fonte extraordinária de benefício e bênção para aqueles que estão ao nosso redor. Assim como os homens de Davi eram “muito bons” para a família de Nabal, as pessoas que nos conhecem no trabalho, na vizinhança ou num jogo devem dizer: “É muito bom conhecê-los”.

Era importante para Davi ter uma boa reputação entre seus vizinhos. Como alguém chamado para governar como rei de Israel, ele tinha de sustentar não somente a letra, mas também o espírito da lei, incluindo suas exigências de justiça e misericórdia. Nesse caso Davi provou ser um bom pastor não apenas para o seu próprio rebanho, mas também para os rebanhos ao redor, demonstrando sua aptidão para liderar o povo de Deus. Como os homens de Nabal disseram que o exército de Davi era um “muro em redor”, vemos que Davi adotou a exigência divina de ser tutor do próximo (1Sm 25.16).

Apesar de tudo isso, porém, o próprio Davi estava em considerável necessidade. Seu serviço ao Senhor requeria apoio por parte do povo de Deus, e, com centenas de bocas para alimentar todos os dias, Davi precisava de suprimento e ajuda generosos. Sabendo que era a época da tosquia dos grandes rebanhos de Nabal, Davi enviou dez delegados para buscar provisão do abastado fazendeiro.

Assim como a boa vizinhança de Davi é um modelo para nós, a abordagem cortês de Davi a Nabal em busca de ajuda também é. “Ide a Nabal, perguntai-lhe, em meu nome, como está. Direis àquele próspero: Paz seja contigo, e tenha paz a tua casa, e tudo o que possuis tenha paz” (1Sm 25.5-6). William Blaikie comenta: “Não invejando sua prosperidade, nem se ressentindo de sua abundância, mas apenas expressando o desejo cristão de que ele tenha a bênção de Deus e de que tudo vá bem”.[1] Os homens de Davi deveriam ressaltar que os pastores de Nabal haviam sido protegidos de dano e que nenhuma de suas ovelhas foi perdida enquanto o grupo de Davi esteve por perto. Como a recente experiência de Queila havia mostrado, os filisteus eram uma ameaça real a

grandes rebanhos (1Sm 23.5), ameaça que Davi afastou para Nabal. Nabal podia aprender com seu próprio povo. “Achem mercê, pois, os meus moços na tua presença, porque viemos em boa hora; dá, pois, a teus servos e a Davi, teu filho, qualquer coisa que tiveres à mão” (25.8).

O pedido de Davi foi humilde – ele chamou a si mesmo de “Davi, teu filho” – e razoável, pedindo apoio logístico num momento em que Nabal tinha abundância. Com tudo isso em mente, Davi deve ter enviado seus homens com a expectativa de uma resposta amigável e generosa. Afinal, ele não estava lidando com cananeus, mas com compatriotas israelitas, até mesmo judeus. Nabal pertencia ao nobre clã de Calebe, destacado na história de Israel pela piedade e fé. Considerando a maneira como havia tratado os pastores de Nabal, sua atitude respeitosa e a ocasião do seu pedido, Davi tinha a expectativa de uma resposta boa e generosa, uma resposta adequada de um vizinho pelo bem que Davi havia feito ao rico Nabal.

A resposta dura de Nabal

O relato bíblico sobre Davi é um estudo em contrastes. Nessa ocasião, conhecemos outro homem que contrasta nitidamente com Davi. Nabal tinha posses, a saber, suas riquezas e o bom nome de sua família calebita, mas não tinha caráter. Ele “era duro e maligno em todo o seu trato” (1Sm 25.3). Em relação ao dinheiro, Nabal era o que Saul era em relação ao poder: era corrupto a tal ponto que seu nome significava “insensato”. Isso não significa uma pessoa boba, simplória, mas “implica corrupção, ateísmo e materialismo”.[2] Walter Brueggemann comenta: “Sua vida é determinada pela sua propriedade. Nabal vive para defender sua propriedade e morre numa orgia, desfrutando de sua propriedade. Somente depois de sermos informados sobre suas riquezas é que somos informados sobre seu nome”.[3] Podemos perguntar se Davi tinha Nabal em mente quando compôs o salmo 14.1: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem”. Em hebraico, o texto é: “Diz Nabal no seu coração: Não há Deus”.

O salmo 14 descreve perfeitamente Nabal na sua resposta de coração duro ao pedido de Davi por ajuda. Ele não apenas recusou compartilhar sua abundância, mas também acrescentou insulto e injúria. Ele respondeu aos servos de Davi: “Quem é Davi, e quem é o filho de Jessé? Muitos são, hoje em dia, os servos que

fogem ao seu senhor” (1Sm 25.10). É óbvio que Nabal sabia muito bem quem era Davi, pois mencionou seu pai pelo nome, embora tenha fingido vê-lo como alguém sem importância. De fato, não é realisticamente possível que a fama de Davi não o tenha precedido em Maom e Carmelo. Nabal foi mais longe e zombou de Davi como um mero renegado que dependia de sua caridade: “Tomaria, eu, pois, o meu pão, e a minha água, e a carne das minhas reses [...] e o daria a homens que eu não sei donde vêm?” (25.11).

Nabal fornece um modelo de uma atitude errada em relação à riqueza e às posses. Ele não levou em conta a generosidade que Deus tinha por ele na sua resposta ao humilde pedido de Davi. Blaikie escreve:

Era a época da tosquia, quando as ovelhas eram provavelmente contadas e o aumento sobre o ano anterior era calculado; e, por um bom e antigo costume, era a época de liberalidade e bondade. Um tempo de aumento devia ser sempre assim; é tempo de ajudar parentes pobres [...] para reconhecer antigas bondades, para aliviar a angústia e para planejar coisas boas para a igreja de Cristo.[4]

O que teria levado Nabal a ser tão miserável com seu dinheiro? A resposta é encontrada no versículo 11, em que as palavras eu e meu ocorrem frequentemente: “Tomaria eu, pois, o meu pão, e a minha água, e a carne das minhas reses que degolei para os meus tosquiadores e o daria a homens que eu não sei donde vêm?” Somos lembrados do rico insensato da parábola de Jesus, que falava tão constantemente na primeira pessoa que só tinha a si mesmo com quem falar: “Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te” (Lc 12.18-19). Como Jesus ressalta, o problema era que sua própria vida não pertencia mais a si mesmo, muito menos as suas posses: “Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (12.20). Jesus conclui: “Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” (12.21).

Nabal empilha falsas acusações contra Davi – denunciando-o como um salafrário qualquer – porque não queria admitir que amava mais o dinheiro do

que o seu compatriota. Do mesmo modo, o homem ganancioso hoje não meramente recusa-se a suprir as necessidades do pobre, mas acrescenta comentários abusivos a respeito da sua preguiça; mantém a carteira fechada quando são pedidos recursos para a obra do evangelho, reclamando que a igreja fala muito em dinheiro. De fato, a verdadeira razão para a ganância é a idolatria (Cl 3.5): não meramente a idolatria de adorar o dinheiro, mas a idolatria de adorar a si mesmo. Em contraste com Nabal e o rico insensato da parábola de Jesus, conquanto devemos ser prudentes no uso do dinheiro, devemos nos alegrar em contribuir com aqueles que estão em necessidade, especialmente numa oportunidade de ajudar os servos de Deus na causa de missões mundiais, estabelecimento de igrejas e evangelização.

Coloque-se no lugar de Davi quando recebe o relato que veio do banquete de Nabal. Por anos, Davi havia sido caçado por Saul. Por quê? Porque Deus havia ungido Davi como o verdadeiro rei sobre seu povo. Enquanto isso, Davi tinha o fardo e a ansiedade de alimentar seu grande grupo de seguidores, e sua necessidade deveria ser grande. Davi havia se esforçado para conter seus homens e respeitar os fazendeiros locais. Agora, tendo pacientemente suportado ameaças dos grandes do mundo, como o rei Saul, era forçado a sofrer insultos dos pequenos do mundo – Nabal. No capítulo anterior, quando Saul entrou na caverna e colocou-se à mercê de Davi, o jovem herói havia respondido com graça e fé, até mesmo curvando-se diante de Saul e defendendo sua causa depois que o rei havia saído da caverna. Como Davi reagiria a esse novo e diferente desafio, não da parte do ungido do Senhor, mas da parte de um homem que era tão vil que se chamava Insensato?

A resposta é que Davi não reagiu muito bem a essa frustração: “Disse Davi aos seus homens: Cada um cinja a sua espada. E cada um cingiu a sua espada, e também Davi, a sua; subiram após Davi uns quatrocentos homens, e duzentos ficaram com a bagagem” (1Sm 25.13).

A violenta reação de Davi nos fornece várias lições importantes. Primeira, Davi caiu tão facilmente em pecado porque não estava preparado contra ele. Certamente isso explica grande parte da diferença entre seu domínio próprio na presença de Saul e sua reação furiosa diante do insulto do insensato Nabal. Do mesmo modo, somos facilmente levados a pecar quando não estamos esperando um desafio ao nosso caráter e graça. Pedro deu um exemplo disso na noite em que Jesus foi preso. Esperando problemas quando Judas chegou com os soldados, Pedro foi ousado na sua defesa fiel de Jesus. Porém, mais tarde,

naquela noite, depois de seguir Jesus até a casa do sumo sacerdote, a guarda de Pedro estava baixa e sua fé foi facilmente abalada por uma pergunta feita por uma criada (Jo 18.10,17).

Além disso, é digno de nota que a reação ímpia de Davi a Nabal veio logo depois do seu notável sucesso em poupar o rei Saul. Tendemos a reagir ao sucesso espiritual confiando em nós mesmos e afrouxando nossa dependência da graça de Deus pela oração e pela palavra de Deus. Uma vez que sua carne não era contida pela confiança em Deus, Davi foi transformado em outro Saul. Saul reagiu a ao que entendeu ser uma afronta ordenando a morte de todos os sacerdotes em Nobe; agora Davi quer responder ao insulto de Nabal matando todos os homens daquela casa (1Sm 25.22). A. W. Pink comenta:

Ninguém fica de pé um momento além do que a graça divina o sustenta. Os mais fortes são fracos como água imediatamente depois que o poder do Espírito é retirado; o cristão mais maduro e experiente age insensatamente no momento em que é deixado por si mesmo; nenhum de nós tem qualquer reserva de força ou sabedoria em si mesmo para se manter: nossa fonte de suficiência está toda guardada para nós em Cristo. Assim que a comunhão com ele é quebrada, assim que deixamos de olhar somente para ele, ficamos desamparados.[5]

Finalmente, a reação de Davi deixa claro que ele tinha esperado que certo respeito fosse dado à sua pessoa e ao seu nome. É especialmente fácil que os servos de Deus desenvolvam um interesse orgulhoso pela sua reputação, de modo que ficam facilmente aborrecidos pelo tipo de insulto que Nabal lançou contra Davi. Foi muito diferente a atitude de Jesus quando, depois de ter se humilhado à obediência da cruz, foi zombado pelos líderes judaicos e pelos soldados romanos. Pedro escreve aos crentes: “Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos [...] quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente” (1Pe 2.21-23). Com isso em mente, um bom teste da nossa semelhança a Cristo é nossa reação àqueles que falam mal de nós ou interpretam mal nossas ações. Se tivermos nos humilhado na cruz, perceberemos que o pior que os outros possam dizer sobre nós não se compara à verdadeira profundidade de nosso pecado. Especialmente quando somos ultrajados por

causa da nossa religião cristã, a Bíblia nos exorta a aceitar o privilégio de sofrer ofensas verbais juntamente com Cristo.

A diplomacia sensata de Abigail

Até esse ponto, o legado de Samuel não havia sido muito bem honrado, nem por Davi nem por Nabal. No entanto, essa situação explosiva revela uma mulher que incorpora o oposto exato do que seu marido demonstra. Abigail foi apresentada no versículo 3 como esposa de Nabal, uma mulher "sensata e formosa". A sabedoria e o caráter brilhante dessa mulher piedosa foram extremamente provados pelo que tinha acontecido. A notícia foi levada a ela por um dos servos:

Davi enviou do deserto mensageiros a saudar a nosso senhor; porém este disparatou com eles. Aqueles homens, porém, nos têm sido muito bons, e nunca fomos agravados por eles e de nenhuma coisa sentimos falta em todos os dias de nosso trato com eles, quando estávamos no campo. De muro em redor nos serviram, tanto de dia como de noite, todos os dias que estivemos com eles apascentando as ovelhas. Agora, pois, considera e vê o que hás de fazer, porque já o mal está, de fato, determinado contra o nosso senhor e contra toda a sua casa; e ele é filho de Belial, e não há quem lhe possa falar (1Sm 25.14-17).

Diz muito sobre a situação nessa casa o fato de que o servo foi à esposa de Nabal quando surgiu uma questão de vida ou morte. Enquanto o senhor era tão vil que seus homens não podiam falar com ele, Abigail era acessível e confiável. Gordon Keddie escreve: "Abigail parece ser a esposa competente que havia sido chamada antes para corrigir algumas das teimosias do seu marido. Homens como esse raramente sabem quanto devem à fidelidade de sua esposa".[6]

Abigail não perdeu tempo em agir para salvar seu marido e sua família. Alguns podem questionar sua insubmissão, visto que ela tratou com Davi pelas costas de Nabal. Porém, essa preocupação não leva em conta a severa ameaça à sua sobrevivência. Keddie comenta: "A submissão da esposa não se estende a argumentos infrutíferos, muito menos a uma demora potencialmente suicida".[7]

Imediatamente ela ordenou que suprimentos fossem reunidos para uma oferta a Davi: “Então, Abigail tomou, a toda pressa, duzentos pães, dois odres de vinho, cinco ovelhas preparadas, cinco medidas de trigo tostado, cem cachos de passas e duzentas pastas de figos, e os pôs sobre jumentos, e disse aos seus moços: Ide adiante de mim, pois vos seguirei de perto” (1Sm 25.18-19). Essa oferta, enviada diretamente a Davi, não teria aliviado nem sua necessidade material nem a ofensa ao seu orgulho. No entanto, ela era sinal de boas intenções e respeito daquela que a enviou.

Quando Abigail se aproximou do grupo de Davi, o terreno lhe permitiu ouvir o que Davi estava dizendo antes que ela fosse vista. O que ela ouviu revelou que as coisas eram tão ruins quanto podiam ser, já que, na sua reação violenta, Davi chegou a fazer o voto de destruir a casa de Nabal: “Faça Deus o que lhe aprouver aos inimigos de Davi, se eu deixar, ao amanhecer, um só do sexo masculino entre os seus” (1Sm 25.22). Essas eram palavras terríveis para Abigail ouvir de um homem com grande reputação militar, apoiado por uma força armada tão formidável. Abigail não perdeu tempo em se dirigir a Davi com um pedido de paz, suas ações e palavras revelando toda a profundidade do seu discernimento e de sua beleza interior.

Podemos traçar o apelo de Abigail para conter Davi em cinco passos que devem ser seguidos pelos cristãos quando querem desviar da ira um crente ofendido. Primeiro, Abigail se humilhou na presença de Davi: “Vendo, pois, Abigail a Davi, apressou-se, desceu do jumento e prostrou-se sobre o rosto diante de Davi, inclinando-se até a terra” (1Sm 25.23). Nossa cultura despreza aquele que se abaixa diante de um inimigo, mas, no reino de Deus, isso é uma marca de graça especial. Pink comenta sobre a humildade de Abigail: “Nabal havia insultado Davi como um escravo fugitivo, mas sua esposa o reconhece como um superior, como seu rei no propósito de Deus”.[8]

Segundo, Abigail confessou a culpa do seu pecado: “Lançou-se-lhe aos pés e disse: Ah! Senhor meu, caia a culpa sobre mim” (1Sm 25.24). Podemos objetar que foi Nabal, não Abigail, quem prejudicou Davi. Mas, como sua esposa, ela admitia o pecado do seu marido e o reconhecia diante de Davi. Esse não é o tipo de confissão indiferente que tão comumente ouvimos hoje: “Sinto muito que você se sinta assim” e assim por diante. Abigail estava pesarosa não porque Davi estava irado, mas porque seu marido o havia ofendido. Aqui vemos sua excelente sabedoria, pois, nesse ímpeto, ela confrontou Davi não com a culpa do seu marido indigno, mas com a penitência de uma bela e submissa mulher. Nabal

havia pecado contra Davi ao reter o que seus serviços haviam merecido (Dt 24.15), e a reconciliação com Davi exigia a confissão desse pecado. Do mesmo modo, também devemos confessar os pecados que estão entre nós e outras pessoas se quisermos honrar o Senhor em reconciliação piedosa.

Terceiro, Abigail ofereceu restituição pela afronta cometida contra Davi. A provisão correta havia sido negada a Davi, então Abigail trouxe suprimentos para dar a ele. “Este é o presente que trouxe a tua serva a meu senhor; seja ele dado aos moços que seguem ao meu senhor”, disse ela (1Sm 25.27). Igualmente importante, enquanto Davi havia sido publicamente ultrajado por Nabal, Abigail fez correções ao publicamente exaltar sua grandeza: “Perdoa a transgressão da tua serva; pois, de fato, o SENHOR te fará casa firme, porque pelejas as batalhas do SENHOR, e não se ache mal em ti por todos os teus dias” (25.28). O Novo Testamento deixa claro que a confissão de pecados deve ser acompanhada por tentativas sinceras de corrigir os erros. Não ocorreu a Zaqueu, por exemplo, confessar seus pecados e proclamar sua fé em Jesus sem acrescentar: “E, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais” (Lc 19.8). Aqui, Abigail restaura a honra de Davi fazendo o primeiro pronunciamento, aparentemente conduzida pelo Espírito Santo, da dinastia eterna de Davi.

Quarto, Abigail pediu perdão a Davi: “Perdoa a transgressão da tua serva” (1Sm 25.28). Foi apenas depois de abordar Davi humildemente, confessar o pecado de sua casa, fazer um esforço sincero para corrigir o pecado e pedir perdão que Abigail, quinto, apelou à piedade de Davi. Quando erramos com outras pessoas, devemos apelar a elas para que reajam de maneira piedosa, mas somente depois de termos confessado os pecados cometidos e agido para sanar o dano que tenhamos causado. O apelo de Abigail a Davi foi forte não somente por suas ações, mas também pelo poder persuasivo das suas palavras.

Primeiro Abigail apelou a Davi para não reagir ao insensato comportamento de Nabal da mesma maneira:

Não se importe o meu senhor com este homem de Belial, a saber, com Nabal; porque o que significa o seu nome ele é. Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele; eu, porém, tua serva, não vi os moços de meu senhor, que enviaste. Agora, pois, meu senhor, tão certo como vive o SENHOR e a tua alma, foste pelo SENHOR impedido de derramar sangue e de vingar-te por tuas próprias

mãos. Como Nabal, sejam os teus inimigos e os que procuram fazer mal ao meu senhor (1Sm 25.25-26).

Na verdade, ela estava advertindo Davi a não reagir a Nabal tornando-se como ele, mas a ser grato pelo seu próprio ministério de contenção, por meio do qual o próprio Senhor havia afastado Davi do mal.

Seu segundo apelo retoma esse tema. Em vez de agir como o ímpio Nabal, Davi deveria agir como o servo do Senhor que era e, especialmente, exibir as características graciosas daquele que é marcado e favorecido pelo Senhor: “Se algum homem se levantar para te perseguir e buscar a tua vida, então, a tua vida será atada no feixe dos que vivem com o SENHOR, teu Deus; porém a vida dos teus inimigos, este a arrojará como se a atirasse da cavidade de uma funda” (1Sm 25.29). Seria Abigail tão habilidosa a ponto de mencionar uma funda para lembrar a vitória de Davi sobre Golias pela fé? Provavelmente sim. Além disso, ela continua, Davi será grato, nos anos vindouros, por aceitar o conselho de Abigail e abjurar sua vingança sangrenta:

E há de ser que, usando o SENHOR contigo segundo todo o bem que tem dito a teu respeito e te houver estabelecido príncipe sobre Israel, então, meu senhor, não te será por tropeço, nem por pesar ao coração o sangue que, sem causa, vieres a derramar e o te haveres vingado com as tuas próprias mãos (1Sm 25.30-31).

Pink resume: “Ela pediu a Davi que deixasse sua glória futura regular suas ações presentes, de modo que, naquele dia, sua consciência não o reprovaria por tolices anteriores”. Pink aplica essa verdade a nós: “Se mantivermos mais diante de nós o trono de juízo de Cristo, certamente nossa conduta será mais controlada”.[9]

Com essas palavras habilidosas, Abigail afastou o coração de Davi da sua fúria assassina, de modo que ele aceitou o presente dela e respondeu com palavras de paz. A graça de Deus era com Davi para torná-lo desejoso não somente de conceder perdão, mas também de arrepender-se dos seus planos insensatos e incrédulos. Deus nos mostra que devemos nos arrepender humildemente de

votos ímpios, em vez de mantê-los obstinadamente. “Aqui os filhos de Deus se tornam manifestos; eles são tratáveis, abertos ao diálogo, prontos a reconhecer seus erros; mas os filhos do diabo são como Nabal – grosseiros, obstinados, orgulhosos e irredutíveis.”[10] Se nós, como Davi, estivermos dispostos a receber apelos piedosos de vozes sábias e fiéis como a de Abigail, evitaremos os maus efeitos de muita insensatez e seremos poupados de muitos arrependimentos que nos incomodarão mais tarde.

O evangelho segundo Abigail

A sábia abordagem de Abigail a Davi não apenas evitou o desastre. Suas ações também nos lembram o evangelho da salvação que vem até nós pelo caminho de incredulidade, pecado e destruição. Abigail não é formalmente um tipo de Cristo do mesmo modo que Davi era. No entanto, seu ministério gracioso a Davi apresenta fortes analogias com a graça com qual Jesus vem ao nosso encontro e nos salva.

Como Abigail, Jesus veio entre nós de um modo humilde. Paulo escreve que ele “se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens” (Fp 2.7). Então, como a inocente Abigail tomou sobre si a culpa pelo pecado de Nabal, Jesus tomou sobre si os nossos pecados para levá-los diante de Deus. “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas”, predisse Isaías, “cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Is 53.6). Não apenas isso, mas Jesus também ofereceu a Deus o que era devido a ele por nós, a saber, uma vida de perfeita obediência à lei. Jesus cumpriu toda a justiça em nosso lugar, e apresenta sua justiça a Deus como a obediência devida por nós; como analogia, Abigail presenteou Davi com as provisões que lhe eram devidas por Nabal, satisfazendo as exigências de justiça para evitar sua ira. Finalmente, como Abigail pediu perdão e orientou Davi a uma resposta piedosa, Jesus nos fala da purificação dos nossos pecados e nos chama a uma vida santificada. Como disse a uma pecadora que foi levada até ele, Jesus declara a todo o seu povo: “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” (Jo 8.11).

Assim como Abigail salvou Nabal da fúria pecaminosa de Davi, Jesus Cristo nos salvou da justa ira do Deus santo. Aproveitemos o exemplo gracioso de Abigail, como Davi, mas também vejamos no seu exemplo um apelo gracioso à salvação

pela fé em Jesus Cristo.

1 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 383.

2 Daniel M. Doriani, David the anointed (Filadélfia: Great Commission Publications, 1984), 63.

3 Walter Brueggemann, First and Second Samuel, Interpretation (Louisville: John Knox, 1990), 175.

4 Blaikie, First Samuel, 383.

5 A. W. Pink, A life of David, 2 v. (Grand Rapids: Baker, 1981), 1:134.

6 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 235.

7 Ibid.

8 Pink, A life of David, 1:146.

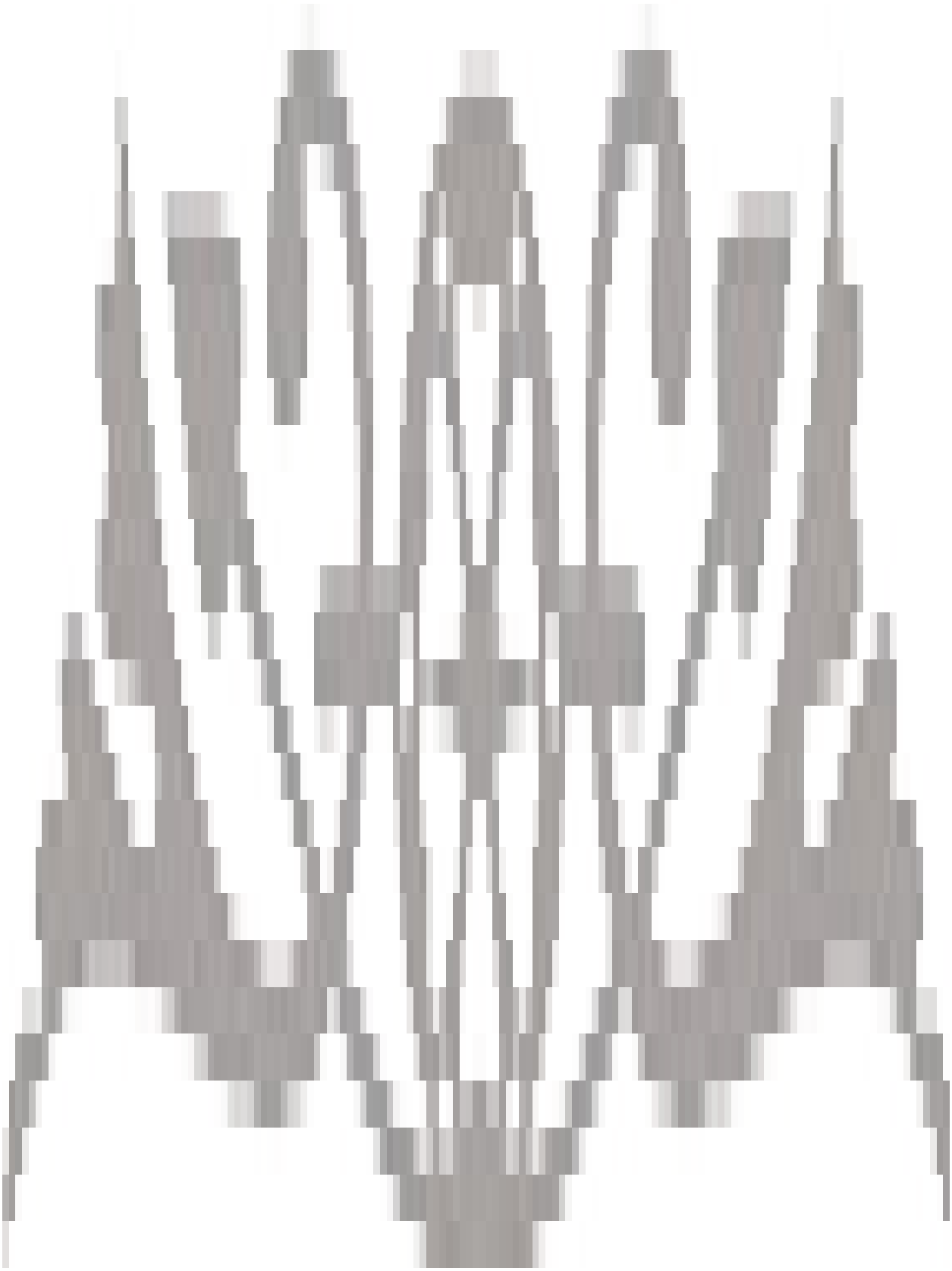
9 Ibid., 1:147.

10 Ibid.

37

O SENHOR DARÁ A PAGA

1Samuel 25.32-44



Ouvindo Davi que Nabal morrera, disse: Bendito seja o SENHOR, que pleiteou a causa da afronta que recebi de Nabal e me deteve de fazer o mal, fazendo o SENHOR cair o mal de Nabal sobre a sua cabeça. Mandou Davi falar a Abigail que desejava tomá-la por mulher. (1Sm 25.39)

Entre as doutrinas bíblicas em disputa hoje, é preeminente a ideia da justiça retributiva de Deus. Esse conceito de juízo divino foi resumido pelo apóstolo Paulo quando afirmou: “A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor” (Rm 12.19, citando Dt 32.35). Vários estudiosos hoje rejeitam essa doutrina, negando que Deus “acerte contas” com os pecadores por meio de retaliação judicial. Stephen Travis, por exemplo, escreveu que “o juízo de Deus deve ser visto não primariamente em termos de retribuição, por meio da qual a pessoa ‘recebe de volta’ segundo seus atos”. [1] Ele e outros oponentes dessa doutrina objetam que a retribuição divina incentiva a violência.

Contra essa negação temos o testemunho de ambos os Testamentos, nos quais a justiça de Deus é claramente retributiva. Quando Acã desobedeceu a Deus roubando dos despojos de Jericó, sua punição foi ser apedrejado até à morte, juntamente com sua família, tendo seus restos mortais sendo queimados juntamente com todas as suas posses (Js 7.24-26). Por quê? Josué explicou em clara linguagem de retribuição: “Por que nos conturbaste? O SENHOR, hoje, te conturbará. E todo o Israel o apedrejou; e, depois de apedrejá-los, queimou-os” (Js 7.25). O mesmo tipo de juízo é observado no Novo Testamento. Considere o destino de Ananias e Safira, que mentiram ao Espírito Santo sobre o dinheiro que haviam dado à igreja e foram mortos pela palavra do apóstolo Pedro (At 5.1-10). Além disso, a descrição bíblica do juízo final é pura retribuição aos ímpios: “Os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros” (Ap 20.12).

Não apenas a Bíblia prova a punição inflexível imposta por Deus ao pecado, mas a aceitação dessa verdade é essencial para a fé e a prática bíblicas. Poucos capítulos da Bíblia demonstram esse princípio de modo tão vívido quanto 1Samuel 25, em que o resultado dos acontecimentos depende da importante verdade de que o Senhor sempre retribui.

Deixando a vingança para Deus

Apesar das alegações de que a crença na retribuição divina promove violência na sociedade humana, o relato bíblico mostra que o oposto é que é verdadeiro. Um exemplo é visto quando Davi avançou com intenção assassina contra a casa de Nabal, o rico insensato que havia negado provisões e feito injúrias ao seu nome. Enquanto a fé de Davi na justiça de Deus o havia capacitado anteriormente a evitar o pecado contra o rei Saul, o fato de ele não ter se lembrado disso contribuiu para essa atitude violenta em relação a Nabal. No caminho, entretanto, Davi se encontrou com a bela e sensata mulher de Nabal, Abigail. Ela não apenas levou os suprimentos que Davi havia pedido, mas também levou palavras de advertência a respeito da justiça de Deus, que Davi precisava ouvir. Abigail explicou que havia ido impedir Davi de "derramar sangue", tomando vingança "por [suas] próprias mãos" (1Sm 25.26). Ela também argumentou que, em tempos futuros, quando a promessa de Deus de fazer de Davi rei tivesse sido cumprida, ele se sentiria feliz por não "te haveres vingado com as tuas próprias mãos" (25.31). No argumento bíblico de Abigail, Davi deveria se abster de tomar vingança precisamente porque Deus não se absteria.

Abigail estava repetindo um princípio expresso claramente na sagrada Escritura: quando os seres humanos são vítimas de pecado alheio, não devem fazer vingança com suas próprias mãos, mas deixar a vingança para o Senhor. Abigail possivelmente estava se referindo a Deuteronômio 32.35, em que Deus declarou: "A mim me pertence a vingança, a retribuição, a seu tempo, quando resvalar o seu pé; porque o dia da sua calamidade está próximo, e o seu destino se apressa em chegar".

Essas palavras são parte do Cântico de Moisés, no qual o grande libertador conclui seu ministério com uma canção de louvor por tudo o que Deus havia feito no êxodo. Nesse cântico, Moisés condenou não apenas a oposição das nações pagãs, mas também o coração endurecido de Israel. Esse havia sido o grande problema de Moisés, pois Israel frequentemente se rebelava contra sua autoridade e reclamava contra o Senhor. Por exemplo, quando Coré, Datã e Abirão lideraram uma rebelião contra Moisés no deserto, Deus respondeu abrindo o chão para que engolisse esses rebeldes, juntamente com suas famílias (Nm 16.31-33). Numa ocasião posterior, toda a congregação dos israelitas levantou-se contra Moisés e Arão, avançando contra a tenda da congregação,

onde estavam os servos de Deus. Deus respondeu enviando uma praga sobre os israelitas que matou quase 15.000 pessoas (16.41-50). Desse modo, Deus executou a justiça da sua vingança contra a rebelião de Corá ao enviar retribuição adicional contra os inimigos de Moisés. Ao se lembrar desses acontecimentos e de outros semelhantes, Moisés cantou a vingança de Deus: "Porque o SENHOR fará justiça ao seu povo e se compadecerá dos seus servos" (Dt 32.36). A vingança de Deus sobre os seus inimigos mostrará que ele é o verdadeiro Deus, mesmo quando expõe os ídolos daqueles que se rebelam contra o seu governo.

Às vezes ouvimos ser afirmado como uma norma que o povo de Deus sempre deve fazer o que Deus faz, mas aqui está um exemplo exatamente oposto. O povo de Deus não deve fazer vingança precisamente porque sabe que Deus fará. Moisés não ora a um Deus que é indiferente ao mal, mas a um Deus cuja ira arde contra o pecado e a rebelião. A retribuição pertence ao Senhor, que é justo e perfeito em seu juízo. Alguns homens e mulheres que trabalham no serviço público têm o dever de executar de modo sério e piedoso a justiça civil (Rm 13.4). Mas, fora essas notáveis exceções, nós, homens e mulheres falíveis, devemos deixar a vingança para Deus, cuja justiça sempre é feita e ele nunca erra.

Portanto, Davi havia estado à beira de cometer graves pecados na sua ira contra Nabal. Pouco antes da chegada da mulher de Nabal, ele havia se gabado diante dos seus homens de que, pela manhã, não teria restado nem um só homem vivo em toda a casa de Nabal. Agora, lembrando-se do Senhor, Davi agradeceu a Deus e a Abigail por livrá-lo desse sentimento violento: "Bendito o SENHOR, Deus de Israel, que, hoje, te enviou ao meu encontro. Bendita seja a tua prudência, e bendita sejas tu mesma, que hoje me tolheste de derramar sangue e de que por minha própria mão me vingasse" (1Sm 25.32-33). Davi sentiu-se muito aliviado quando foi afastado do seu caminho pecaminoso. "Porque, tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, que me impediu de que te fizesse mal, se tu não te apressaras e me não vieras ao encontro, não teria ficado a Nabal, até ao amanhecer, nem um sequer do sexo masculino" (25.34).

A diplomacia de Abigail nos lembra que o melhor conselho é aquele que nos aproxima do Senhor e declara seus mandamentos. Do mesmo modo, a resposta de Davi mostra que a melhor decisão sempre é a que se submete à Escritura. As pessoas nem sempre enxergam a reprovação bíblica como a bênção que ela é. "Porém, Davi sabia quanto coragem e discernimento foram necessários para que

Abigail agisse como agiu. [...] Ela havia salvado vidas e impedido que ele cometesse um pecado trágico, a saber, vingar-se pelas suas próprias mãos."[2] Davi percebeu o que John Murray resumiria mais tarde: "A essência da impiedade é que presumimos tomar o lugar de Deus, tomar tudo em nossas mãos. É fé entregar-nos a Deus, lançar sobre ele todo o cuidado por nós mesmos e entregar a ele todas as nossas preocupações".[3] O coração receptivo à correção bíblica de Davi foi um dos principais fatores para sua grandeza como homem de Deus. Sua humildade diante da palavra de Deus é uma característica recorrente entre os vultos exemplares da Bíblia.

Davi concluiu seu encontro restaurando sua atitude pacífica em relação à mulher de Nabal e, assim, em relação ao próprio Nabal: "Então, Davi recebeu da mão de Abigail o que esta lhe havia trazido e lhe disse: Sobe em paz à tua casa; bem vês que ouvi a tua petição e a ela atendi" (1Sm 25.35). Se Nabal tivesse cruzado seu caminho, o dever bíblico de Davi teria sido estender a mesma paz e bênção a ele. Paulo aplica a lição, explicando como os cristãos, sabendo que Deus retribuirá, devem responder àqueles que lhes causam dano: "Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (Rm 12.20-21, citando Pv 25.21-22). De acordo com a Bíblia, embora Deus seja o único que tem competência para executar vingança, todos somos capacitados e autorizados a exercer misericórdia. De acordo com Charles Hodge, "Amontoar brasas vivas sobre a cabeça é uma punição que ninguém consegue suportar; ele deve desistir disso. A bondade não é menos eficaz; nem mesmo o inimigo mais maligno pode sempre resistir a ela. O método verdadeiro e cristão, portanto, para subjugar um inimigo é 'vencer o mal com o bem'".[4]

Impiedade retribuída com assombro e morte

A melhor prova de que Davi estava certo em deixar a vingança para o Senhor foi o que subsequentemente aconteceu ao insensato Nabal. Quando o vimos pela última vez, esse rico avarento estava negando a provisão necessária a Davi e ao seu grupo patriótico. Quando se tratava de si mesmo, porém, Nabal estava disposto a gastar prodigamente. Ele não estava apenas embriagado pela ganância, mas literalmente embriagado por desfrutar de suas riquezas: "Voltou Abigail a Nabal. Eis que ele fazia em casa um banquete, como banquete de rei" (1Sm 25.36). Não apenas Nabal se via como um rei, mas nos lembra um rei

específico: o rei Saul. O contraste com Davi é claro: no exato momento em que Davi estava abençoando Abigail por ajudá-lo a manter-se bem com Deus, Nabal estava entregando-se a prazeres pecaminosos, em violação à lei de Deus.

Nabal nos lembra o homem rico da parábola de Jesus, que "todos os dias, se regalava esplendidamente", enquanto se recusava a dar até mesmo as migalhas da sua mesa ao pobre Lázaro, que mendigava à sua porta (Lc 16.19-21). Além disso, Nabal incorpora a falsa segurança de pecadores que mergulham luxuriosamente no pecado que, tendo até aqui escapado do juízo divino, imaginam-se além do alcance de Deus (veja Ec 8.11). A. W. Pink escreve: "O insensato Nabal retrata vividamente o caso de multidões ao nosso redor. A maldição da quebra da lei de Deus está sobre eles; no entanto, festejam como se tudo estivesse bem com sua alma pela eternidade".[5]

A depravação de Nabal é vista não apenas na sua embriaguez e ganância, mas também nos seus relacionamentos. Anteriormente nesse capítulo, vimos que seus servos fiéis o consideravam "filho de Belial, e não há quem lhe possa falar" (1Sm 25.17). Na sua conversa com Davi, sua esposa também havia sido forçada a chamá-lo de "homem de Belial" (25.25). Para uma mulher com sua virtude, isso não pode ter sido um reconhecimento agradável. Considerando que a ocasião para essa embriaguez era uma festa de tosquia, Cyril Barber sugere que os convidados de Nabal eram os "tosquiadores migrantes [...] com os quais ele parece ter muito em comum. [...] Se as pessoas forem julgadas pelas companhias que mantêm, é significativo que Nabal tenha estabelecido amizade com os membros menos desejáveis da sociedade hebraica".[6] Para muitos pecadores, o desprezo pelos discernentes e a companhia dos depravados é um antegozo do juízo final que espera por eles no inferno.

Aos olhos do mundo, um homem rico como Nabal estava numa situação invejável. No entanto, pelas lentes da Escritura, nós o vemos maduro para o juízo de Deus. Abigail havia afirmado a Davi que "a vida de teus inimigos, [Deus] arrojará como se a atirasse da cavidade de uma funda" (1Sm 25.29), e Nabal havia se colocado precisamente nesse lugar vulnerável ao juízo. Mas, antes que viesse sua punição mortal, veio o assombro que confronta todos que percebem, tarde demais, o erro dos seus caminhos pecaminosos. Para Nabal, esse assombro chegou na manhã seguinte, quando sua esposa finalmente pôde falar com ele. "Pela manhã, estando Nabal já livre do vinho, sua mulher lhe deu a entender aquelas coisas; e se amorteceu nele o coração, e ficou ele como pedra" (1Sm 25.37). Por causa da sua prudência ao falar com Davi, não temos

ideia de quão mansamente Abigail levou ao seu marido a notícia de que ele havia escapado por pouco de ser morto pela espada de Davi. No seu desgosto, talvez ela não tenha sido nem um pouco cautelosa. De qualquer modo, o choque da notícia trouxe tal assombro a Nabal que “se amorteceu nele o coração”, o que talvez signifique um ataque cardíaco ou um derrame. Finalmente, “passados uns dez dias, feriu o SENHOR a Nabal, e este morreu” (25.38). Muitos pecadores hoje se iludem com a ideia de que, quando a realidade do juízo chegar à sua mente, eles terão tempo e oportunidade para se arrepender e serem salvos. Nabal mostra a insensatez desse pensamento, pois o assombro causado pelo juízo é em si um tipo de morte do qual não se pode recuperar.

Observe que Nabal não morreu simplesmente de “causas naturais” como resultado de sua convulsão anterior. Foi o Senhor que lhe tirou a vida. Deus havia feito vingança pelo pecado de Nabal contra Davi, o rei ungido de Deus, assim como certamente fará no juízo final contra todos que desprezam Jesus Cristo, de quem o reino de Davi era um tipo. O pecado de Nabal havia sido cometido pessoalmente contra Deus, e seu juízo havia sido executado pessoalmente por Deus contra ele. A morte de Nabal não foi o resultado de regras impessoais da providência divina: o próprio Deus tirou a vida de Nabal em retribuição pelo seu pecado. A impiedade de Nabal havia sido retribuída no tempo de Deus, um tempo que era e é muito mais rápido do que pecadores como Nabal insensatamente esperam.

Não apenas o pecado de Nabal recebeu punição, mas seu juízo também foi celebrado. Esse foi um homem por quem ninguém parece ter pranteado. Davi, ouvindo a notícia, alegrou-se abertamente: “Bendito seja o SENHOR, que pleiteou a causa da afronta que recebi de Nabal e me deteve de fazer o mal, fazendo o SENHOR cair o mal de Nabal sobre a sua cabeça” (1Sm 25.39).

Davi pode ter se alegrado por muitas razões, nenhuma das quais implicaria que ele teria tido um divertimento ímpio com a morte do seu inimigo. Primeiro, ele pode ter se alegrado pela revelação da glória de Deus que o juízo do Senhor sempre envolve. No salmo 58.10-11 ele escreve exatamente sobre isso: “Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança; banhará os pés no sangue do ímpio. Então, se dirá: Na verdade, há recompensa para o justo; há um Deus, com efeito, que julga na terra”. A chave para essa afirmação é a glória da justiça de Deus, que é revelada diante dos olhos dos homens. Pink explica:

Não foi o exercício de um espírito de maldade que teve prazer em ver a destruição dos seus inimigos: de fato, não, pois, no Antigo Testamento, a ordem era: “Quando cair o teu inimigo, não te alegres, e não se regozije o teu coração quando ele tropeçar” (Pv 24.17). Em vez disso, foi o coração curvando-se em adoração diante das tratativas governamentais de Deus, adorando a justiça que deu ao ímpio o que era devido.[7]

Se formos tentados a pensar que essa atitude de glória pelo juízo de Deus é imprópria à era da graça do Novo Testamento, devemos considerar o prazer celestial revelado no último livro da Bíblia. Isso porque, na queda da Grande Babilônia, as vozes no céu cantam com louvor: “Exultai sobre ela, ó céus, e vós, santos, apóstolos e profetas, porque Deus contra ela julgou a vossa causa” (Ap 18.20). De fato, no céu, as almas, libertas das motivações pecaminosas, aperfeiçoadas em santidade, cantam aleluias pela glória e poder revelados no juízo de Deus: “Porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. [...] Aleluia! E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos” (19.2-3).

No caso de Davi, podemos imaginar pelo menos outros dois motivos justos para sua alegria pela morte de Nabal. Primeiro, Davi deve ter visto nessa afirmação da justiça de Deus a futura defesa de sua causa contra o ímpio rei Saul. Lembre-se de que Davi ainda era um fugitivo procurado, restringindo-se de violência, enquanto o ódio de Saul continuava a correr solto contra ele. Desse modo, o juízo de Deus sobre Nabal pode ter inspirado em Davi decisões como a que vemos no salmo 37.7: “Descansa no SENHOR e espera nele, não te irrites por causa do homem que prospera em seu caminho, por causa do que leva a cabo os seus maus desígnios”. A justiça de Deus é sempre igualmente certa, mas, na sua sabedoria soberana, sua justiça não é sempre igualmente rápida. Enquanto esperava que o Senhor o vingasse das acusações odiosas de Saul, Davi deve ter sido incentivado a observar como o Senhor agiu no caso de Nabal.

Acrescentado esse consolo à sua fé, o juízo de Deus deve ter dado alívio a Davi pelo fato de seu inimigo não ter caído por meio de uma vingança pessoal pecaminosa, como Davi havia planejado anteriormente. O salmo 37 continua, orientando-nos a manter as mãos e o coração livres do mal:

Deixa a ira, abandona o furor;

não te impacientes; certamente, isso acabará mal.

Porque os malfeitores serão exterminados,

mas os que esperam no SENHOR possuirão a terra.

Mais um pouco de tempo, e já não existirá o ímpio;

procurarás o seu lugar e não o acharás.

Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão

na abundância de paz (Sl 37.8-11).

Fé retribuída com vida e amor

Em contraste com a insensatez depravada do seu marido, Abigail é uma imagem de virtude feminina. Era uma grande calamidade para essa mulher ser casada com um homem indigno como Nabal. Suspeita-se que a prosperidade material de Nabal explique essa união, talvez por meio de um acordo imprudente feito com o pai de Abigail (desse modo desmentindo seu nome, que significa "alegria do meu pai" ou "meu pai é força"). É muito lamentável hoje quando jovens cristãs entregam seu coração a homens ímpios, simplesmente por causa dos seus atrativos terrenos, enfrentando, como resultado, uma vida inteira de desunião espiritual e discórdia matrimonial. Paulo fala sobre esse tema vital em linguagem forte: "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas?" (2Co 6.14). No entanto, pela fé no Senhor, a virtude de Abigail não havia sido destruída nem mesmo por esse casamento. William Blaikie comenta que "o luxo não havia diminuído a energia do seu espírito, e a prosperidade não havia destruído a regularidade dos seus hábitos".[8]

O caráter de Abigail também fornece uma espécie de ideal para homens cristãos que procuram uma esposa. Abigail é citada não somente pela beleza, mas, mais

importante, por sua cautela e sabedoria, generosidade de espírito, serviço humilde e dedicação bíblica. Como diz Provérbios 31.10 sobre uma mulher desse tipo: “Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas joias”. As mulheres jovens, do mesmo modo, devem procurar seguir o modelo de Abigail em seu caráter piedoso. Apesar de toda a sua beleza exterior, é principalmente a beleza da sua santidade que se destaca. “Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada” (Pv 31.30).

De fato, Abigail revela o lado positivo da certa recompensa de Deus. Assim como Nabal recebeu retribuição pela sua impiedade com assombro e morte, Abigail foi abençoada pela maneira piedosa como tratou Davi. Podemos imaginar quantas vezes essa mulher deve ter sofrido o infortúnio do seu casamento. Muitas vezes, a vida de Abigail com Nabal deve ter sido como uma prisão sombria. Mas a fé humilde e o serviço humilde haviam recebido sua recompensa numa nova vida que seria cheia de amor, pois Davi conhecia um tesouro quando via um, e ele não perdeu tempo, logo depois da morte de Nabal, para pedir a viúva em casamento: “Mandou Davi falar a Abigail que desejava tomá-la por mulher” (25.39). Seus servos se aproximaram dela e disseram: “Davi nos mandou a ti, para te levar por sua mulher” (25.40). Esse modo de pedido de casamento pode não se encaixar nos padrões românticos da nossa época, mas, como vinha de um homem tão importante e tão bom quanto Davi, que, apesar de todos os seus pecados era um homem que agradava a Deus (13.14), Abigail só pôde se emocionar com a bênção de Deus.

Em resposta ao pedido de Davi, Abigail manteve sua humildade e seu comportamento servil: “Eis que a tua serva é criada para lavar os pés aos criados de meu senhor” (1Sm 25.41). Abigail não apenas aceitaria a proposta de Davi, mas também seria uma verdadeira esposa para ele ao cumprir seu chamado para servir como uma serva do Senhor. Montando num jumento e levando consigo suas servas, Abigail obedeceu a primeira ordem do seu novo marido e seguiu os mensageiros de Davi para se tornar sua esposa.

O capítulo termina com uma afirmação que parece manchar a pureza e a alegria da ocasião. Por um lado, descobrimos que “Saul tinha dado sua filha Mical, mulher de Davi, a Palti, filho de Laís, o qual era de Galim” (1Sm 25.44). Sempre vigilante para ferir Davi de todas as maneiras possíveis, Saul tentou não apenas afligir o coração de Davi com o pensamento doloroso de sua esposa sendo entregue a outro homem, mas provavelmente também assegurar acordos

políticos vantajosos para si e prejudiciais a Davi. Por outro lado, “também tomou Davi a Ainoã de Jezreel” para ser sua esposa juntamente com Abigail (25.43). Por mais angustiante que tenha sido para Abigail descobrir que ela seria uma das duas esposas de Davi, essa não era uma prática incomum para um homem da estatura pública de Davi naquela época. No entanto, devemos observar que a poligamia de Davi não preservava o desígnio de Deus para o casamento e, por fim, levaria a grande dano para Davi e sua família.

No entanto, a questão que parece ser ressaltada aqui é que não apenas Deus retribuiu a Abigail pela sua fé, mas que Deus supriu a necessidade de Davi na medida em que ele continuava a confiar nele. Assim, Davi foi compensado por tomar erradamente sua primeira esposa idólatra, Mical, filha de Saul, ao receber uma mulher da beleza e prudência de Abigail. Além disso, por meio dos seus vínculos com a comunidade ao redor, Deus deu a Davi recursos materiais e contatos que o ajudariam a se destacar entre o povo de Judá. Um episódio que começou com frustração e vergonha, de modo que Davi quase cometeu graves pecados contra o Senhor, terminou com a graça de Deus como fonte de revigoramento, apoio e discernimento para sustentar Davi em muitas provações que ainda estavam por vir. A graça de Deus revela uma verdade que Davi repetiu no salmo 37.4: “Agrada-te do SENHOR, e ele satisfará os desejos do teu coração”.

Vida nova como esposa de Davi

Quando consideramos Abigail, indo montada num jumento para entrar em amor matrimonial com Davi, vemos uma bela descrição da bênção que espera todo aquele que olha em fé para Jesus Cristo, o mais importante descendente de Davi. A fala anterior de Abigail a Davi deixou claro que ela cria nas promessas de Deus quanto à sua glória e ao seu reino, ao mencionar “todo o bem que tem dito a teu respeito” e o fato de que Deus o havia estabelecido como “príncipe sobre Israel” (1Sm 25.30). A fé em Jesus é, da mesma maneira, fé nas promessas de Deus a respeito do seu verdadeiro Filho e Rei divino: “O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino” (Hb 1.8, citando o Sl 45.6). Abigail foi a Davi sabendo que, como sua esposa, reinaria com ele no dia do cumprimento da promessa de Deus; do mesmo modo olhamos para Jesus, sabendo que reinaremos com ele como herdeiros da glória celestial de Deus (Rm 8.17). Por isso, Matthew Henry observa: “Aqueles que se unem a Cristo devem

estar preparados, agora, para sofrer com ele, crendo que, depois, reinarão com ele”.[9]

Abigail deixou para trás sua vida antiga – uma vida que havia se tornado sórdida pela associação com corrupção e pecado – para começar uma vida nova com o servo ungido de Deus. Quando nos voltamos para Jesus Cristo, do mesmo modo voltamos as costas para a velha vida de pecado, felizes em sofrer a perda de todas as coisas nesta vida por causa dele, para que levemos seu nome na presente desgraça e na glória eterna, certos de que, em seu amor, seremos compensados com a vida eterna.

Há, ainda, mais um ponto de contato entre o casamento de Abigail com Davi e nossa salvação em Jesus Cristo. Como foi, afinal, que Abigail decidiu entregar seu amor ao nobre Davi? Ele havia enviado seus servos com um convite. Você, também, tem um convite pessoal para entrar num relacionamento de amor e salvação com Jesus Cristo. Esse convite está contido na mensagem do evangelho, apresentada a você pelos servos de Cristo, os profetas e apóstolos, na sagrada Escritura. Ele diz: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28). “Vem”, diz Jesus de novo, “aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22.17). Foi uma ocasião abençoada para Abigail quando ela recebeu o pedido de casamento de Davi. É uma bênção, também, para todo pecador receber e aceitar a mensagem salvadora de Cristo. Jesus nos diz: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.24).

1 Stephen H. Travis, prefácio a Christ and the judgment of God: Divine retribution in the New Testament (Basingstoke, UK: Marshall Pickering, 1986).

2 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 239.

3 John Murray, The Epistle to the Romans (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), 141.

4 Charles Hodge, A commentary on Romans (Edimburgo: Banner of Truth, 1972), 402.

5 A. W. Pink, A life of David, 2 v. (Grand Rapids: Baker, 1981), 1:152.

6 Cyril J. Barber, The Books of Samuel, 2 v. (Neptune, NJ: Loizeaux, 1994), 1:269.

7 Pink, A life of David, 1:154.

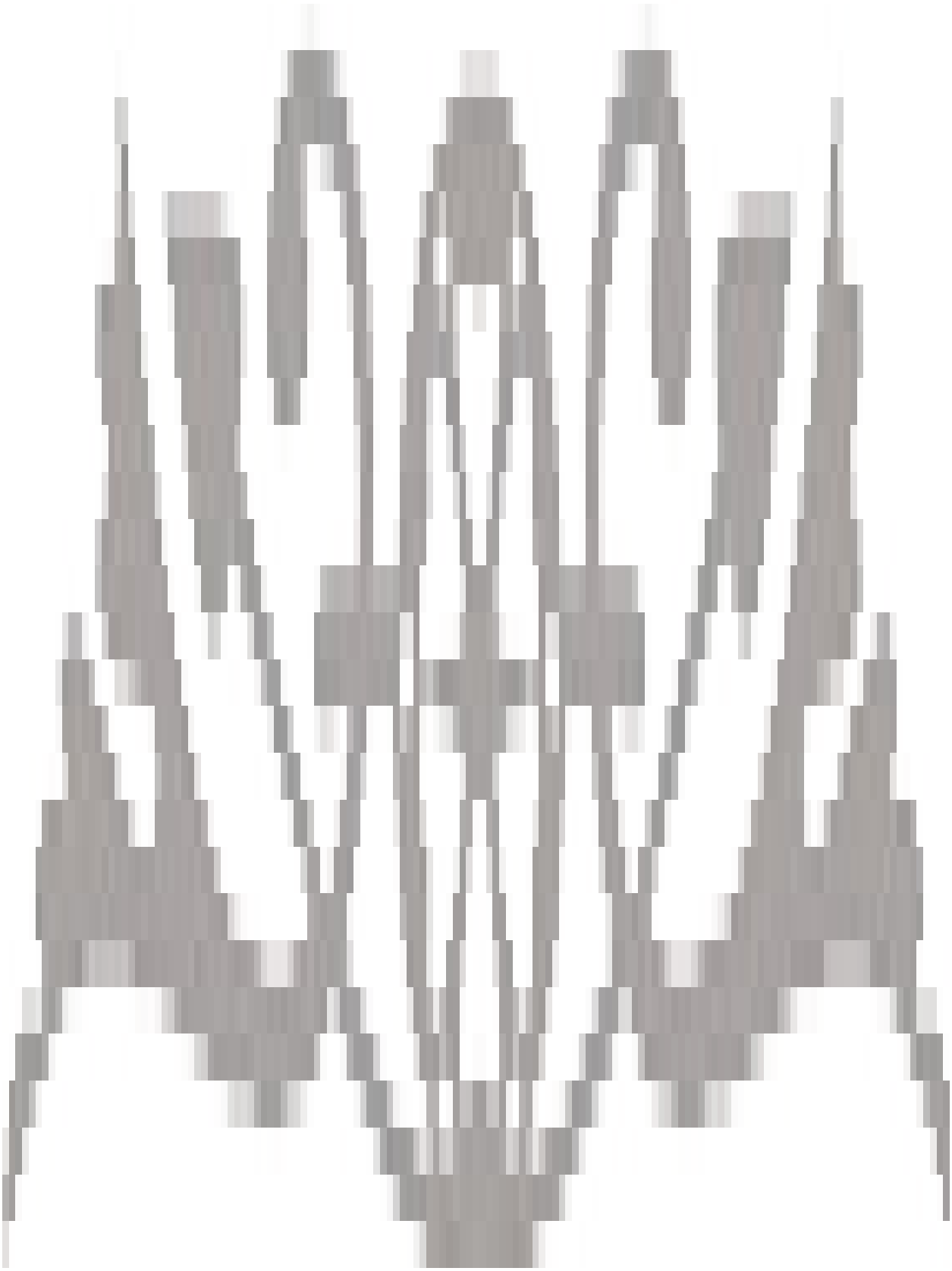
8 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 385.

9 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:329.

38

O REI JUSTO

1Samuel 26.1-25



Pague, porém, o SENHOR a cada um a sua justiça e a sua lealdade; pois o SENHOR te havia entregado, hoje, nas minhas mãos, porém eu não quis estendê-las contra o ungido do SENHOR. (1Sm 26.23)

Em 11 de maio de 1685, Margaret Wilson, de 18 anos de idade, foi condenada por recusar-se a fazer o Juramento de Abjuração, a notória declaração de lealdade ao rei Tiago VII não apenas como governante soberano da Escócia, mas também como soberano sobre a igreja de Jesus Cristo. Margaret estava disposta a reconhecer o rei como seu soberano secular, mas, como cristã, não podia jurar o governo de sua alma a ninguém exceto a Jesus Cristo. Jesus, ela insistiu, era o único soberano do seu reino, e somente em suas mãos ela entregava seu destino eterno.

Por esse "crime", Margaret foi amarrada a uma estaca no rio Solway, esperando a invasão da maré. Também estava presa na água sua colega mais velha, Margaret Lachlison, de modo que a Margaret mais nova a viu afogando-se e poderia reconsiderar sua obstinada recusa de jurar lealdade a Tiago VII. No entanto, a jovem Margaret não se intimidou diante do espetáculo, declarando que o próprio Cristo havia sofrido em sua amiga. Então, quando as águas subiram e chegaram à sua estaca, Margaret recitou em alta voz o capítulo 8 de Romanos, concluindo com a grande promessa de Paulo de que nem mesmo a morte pode separar os crentes do amor de Deus em Cristo Jesus.

Quando vieram as águas e depois de Margaret ter sofrido um pouco, seus perseguidores a tiraram da estaca. Colocando-a deitada na margem, onde respirava com dificuldade, perguntaram se ela oraria pelo rei Tiago. Ela lhes assegurou que oraria pela salvação dele, já que "desejo a salvação de todos os homens". Mas ela faria o juramento de lealdade espiritual ao rei da Escócia? "Não", disse ela. Diante disso, um soldado puxou seu corpo debilitado de volta para a água e a manteve debaixo d´água até que ela morreu.[1]

Hoje vivemos num tempo em que cristãos professos no Ocidente raramente são suficientemente ousados para resistir até mesmo às manias e modas de uma cultura em rebelião ao governo de Cristo. Margaret Wilson certamente nos reprovaria, como Jesus ensinou, por não temer "os que matam o corpo e não

podem matar a alma", em vez de temer "aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10.28). Além disso, sua experiência mais profunda com as autoridades terrenas nos orienta a refletir sobre as palavras registradas no salmo 118.8-9: "Melhor é buscar refúgio no SENHOR do que confiar no homem. Melhor é buscar refúgio no SENHOR do que confiar em príncipes".

A depravação mais profunda de Saul

Se os crentes precisam de instrução para não confiar em autoridades terrenas, Saul, rei de Israel, dá-nos uma lição convincente. A passagem de 1Samuel 26 apresenta a depravação de Saul mais uma vez, numa segunda ocasião em que Davi graciosamente poupou um inimigo que estava à sua mercê. Por causa da semelhança entre os capítulos 24 e 26, em que Davi se abstém de matar Saul, estudiosos críticos são unânimes em negar a exatidão histórica dos relatos, assegurando-nos que dois acontecimentos semelhantes não podem ser aceitos como sendo possíveis. No entanto, assim como acontece com outras chamadas discrepâncias da Bíblia, apenas um conhecimento independente dos acontecimentos em questão poderia provar a existência de erro na Escritura. Na falta desse conhecimento e crendo no testemunho da própria Bíblia de que ela é a palavra inspirada de Deus, temos boa razão para aceitar os acontecimentos de 1Samuel 26 não apenas como verdadeiros, mas também como instrutivos para nossa fé.

Reconhecidamente, Saul não mudou muito desde seu último aparecimento. Nisso, ele representa bem a corrupção ímpia que aflige todas as autoridades terrenas que não têm a graça salvadora de Deus. Observe, por exemplo, quanto Saul estava disposto a comprometer-se com o mal. O capítulo começa com Davi refugiando-se mais uma vez no deserto de Zife. Estudiosos críticos duvidam que Davi voltaria a esse lugar depois de ter sido traído (veja 1Sm 23.19-20), mas não deveria haver muitos esconderijos adequados para Davi e seu grupo de 600 homens. A História, de fato, se repete: "Vieram os zifeus a Saul, a Gibeá, e disseram: Não se acha Davi escondido no outeiro de Haquila, defronte de Jesimom?" (26.1).

Dadas as palavras de Saul no fim do seu encontro anterior com Davi, fora da caverna de En-Gedi, onde sua vida havia sido poupada, podíamos esperar que o

rei ignorasse essa informação. Afinal de contas, Saul havia inocentado Davi de traição (1Sm 24.20). Poderíamos esperar que Saul, portanto, mandasse os zifeus embora com uma admoestação para que deixassem Davi em paz. No entanto, aconteceu exatamente o oposto: “Saul se levantou e desceu ao deserto de Zife, e com ele, três mil homens escolhidos de Israel, a buscar a Davi” (1Sm 26.2).

O que explica essa reviravolta? A resposta é que o homem em pecado está sempre disposto a se entregar ao mal. Essa realidade é ainda mais verdadeira para homens e mulheres que exercem grande autoridade e cujo coração ímpio carrega o peso de privilégio e autoridade. Considere as incessantes notícias sobre líderes políticos hoje, que, um após outro, caem vítimas de pecados sexuais, desonestidade, fraude e encobrimento da verdade, apesar da alta probabilidade de serem pegos. Por que não perdem a oportunidade de pecar? Porque, tendo se inflamado com paixões arrebatadoras de poder e orgulho, sua natureza depravada os arrasta para pecados autodestrutivos.

Saul não havia entendido ainda que Deus não lhe permitiria tirar a vida de Davi, como ele mesmo havia admitido no último encontro que tiveram? Porém, o pecado é irracional em seu poder. Como o rei da Escócia podia imaginar que afogar publicamente uma adolescente aumentaria sua autoridade espiritual? Como os tiranos comunistas na China, hoje, não percebem que sua perseguição a igrejas em casas só as faz crescer? O problema é a corrupção da natureza depravada do homem: ele está sempre disposto a cometer pecado e esquecer-se da punição de Deus àqueles que fazem o mal. Esse é um problema que não está limitado aos grandes e poderosos. Você, tendo tomado o governo soberano da sua vida e das suas escolhas, não percebe o perigo dos seus desejos pecaminosos? É o pecado, não a fé, que é cego, e sempre disposto a seguir um desastre com zelo renovado por outro.

Consciente dessa tendência, Davi não havia confiado em Saul depois da penitência superficial do rei em En-Gedi. A sábia resposta de Davi nos lembra a resposta de Jesus ao louvor superficial que recebeu nos primeiros meses do seu ministério: “O próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos. [...] porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (Jo 2.24-25). Cristãos que são sábios em lidar com o mundo, aprendendo na palavra de Deus a verdade sobre sua depravação, entendem o que Margaret Wilson veio a conhecer cedo na vida, quando confiou sua alma somente a Jesus, mesmo a custo de uma saída prematura do reino de reis ímpios e terrenos nesta vida.

O crescimento de Davi em graça

Como foi observado, não há uma razão convincente para vermos o capítulo 26 meramente como outra versão dos acontecimentos registrados no capítulo 24. Toda pessoa que tenha estado num relacionamento abusivo, como o de Davi com Saul, pode dizer que as mesmas cenas tendem a se repetir indefinidamente, ao contrário das alegações liberais de que esses capítulos são semelhantes demais para que ambos sejam verdadeiros. No entanto, o mais importante é que, refletindo sobre o material encontrado nos capítulos 24–26, discernimos um importante avanço no entendimento e na maturidade espiritual de Davi. Enquanto Saul volta inalterado pela sua experiência, a experiência de Davi sob a tutela de Deus produziu um notável crescimento em graça. Vemos isso no desenrolar dos acontecimentos no acampamento militar de Saul.

Sabendo do movimento de Saul por meio dos seus observadores, Davi avançou para ver por si mesmo o exército inimigo. Saul estava acampado numa colina "defronte de Jesimom" (1Sm 26.3). Ali, Davi viu todo o exército de Saul dormindo no chão. Vendo o próprio Saul no centro, com seu general Abner por perto, Davi propôs descer ao acampamento. Ele perguntou: "Quem descerá comigo a Saul, ao arraial?" (26.6). Seu sobrinho Abisai, filho de Zeruia, irmã de Davi, concordou. "Vieram, pois, Davi e Abisai, de noite, ao povo, e eis que Saul estava deitado, dormindo no acampamento, e a sua lança, fincada na terra à sua cabeceira; Abner e o povo estavam deitados ao redor dele" (26.7). Assim como seus seguidores o haviam incitado na caverna de Em-Gedi, Abisai pediu a Davi permissão para "encravá-lo com a lança, ao chão, de um só golpe" (26.8). Davi recusou: "Não o mates, pois quem haverá que estenda a mão contra o ungido do SENHOR e fique inocente?" (26.9). Em vez disso, Davi decidiu pegar a lança de Saul – tão conhecida como símbolo do ódio de Saul contra ele – e o jarro de água próximo à cabeça do rei. Com esses objetos, Davi e seu companheiro saíram pela noite, sem acordar ninguém, porque "da parte do SENHOR, lhes havia caído profundo sono" (26.12).

Davi deu a Abisai duas razões para não matar Saul. A primeira foi que o povo de Deus nunca deve buscar seu próprio benefício transgredindo a palavra de Deus. Saul havia sido designado rei por Deus e, portanto, deveria ser tratado com reverência e respeito (veja Êx 22.28). Vemos esse princípio afirmado no Novo Testamento quando Paulo ordena aos cristãos sujeitarem-se "às autoridades

superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus" (Rm 13.1). Gordon Keddie comenta: "Devemos temer a Deus e honrar o rei. Devemos orar pelos príncipes e por aqueles que têm autoridade. Devemos reconhecer que Deus instituiu o governo civil e ele deve ser obedecido".[2] Isso não envolve dar a César o que é de Deus, como o rei Tiago VII da Escócia exigiu quando seus soldados afogaram Margaret Wilson, nem justifica transgredir a lei de Deus para cumprir os mandamentos dos homens. No entanto, requer uma conduta respeitosa em relação à pessoa e ao ofício dos governantes civis. O exemplo de Davi nos mostra que esse respeito é exigido especialmente quando o povo de Deus pode estar em oposição à política do governo. Numa nação democrática como a América, onde os cidadãos têm o direito de contestar a política dos seus líderes, os cristãos devem ser cuidadosos em tratar oficiais nacionais, estaduais e locais com o respeito devido àqueles que foram estabelecidos no ofício por Deus.

Davi também percebeu que seria pecaminoso vingar-se de Saul, lição que foi muito bem ilustrada no capítulo anterior. A vigorosa proposta de Abisai de encravar Saul no chão com sua própria lança mostra todas as marcas das tentativas anteriores de Saul de se vingar encravando Davi na parede do palácio com a mesma arma. Alexander Maclaren comenta: "Abisai representa o impulso natural de todos nós – golpear nossos inimigos quando pudermos, pagar ódio com ódio e fazer ao outro o mal que ele queria fazer a nós".[3] No entanto, fazer isso seria pecar, como Davi sabia muito bem. No recente episódio com Nabal, Abigail o havia lembrado que tomar vingança significa ser culpado de sangue diante de Deus. Mais tarde, durante a guerra civil que ocorreu depois da morte de Saul, Davi se alegraria por não ter aceito os métodos sangrentos de Abisai e seus irmãos, em determinado momento alegando que "estes homens, filhos de Zeruia, são mais fortes do que eu" (2Sm 3.39).

Nessa ocasião, Davi não lutou com a tentação de matar Saul em vingança pessoal. Podemos ver a razão para isso ao considerar mais detidamente sua resposta a Abisai, nos versículos 9-11, em que Davi cita o nome do Senhor não menos que cinco vezes. Isso mostra que o modo de restringir nossos sentimentos pecaminosos é manter Deus constantemente em mente, lembrando-nos de sua palavra, submetendo-nos à sua vontade e honrando seu nome.

A segunda razão pela qual Davi poupou Saul é que o povo de Deus não deve forçar a providência de Deus. Aqui estava a lição que Davi havia aprendido no capítulo 25, ao lidar com o insensato e ganancioso Nabal. Na sua ira contra os insultos de Nabal, Davi esteve prestes a cometer assassinato em massa, até que

Abigail, a graciosa esposa de Nabal, interveio. Como resultado, Deus havia cuidado de Nabal de uma maneira melhor do que Davi podia sequer ter imaginado. Com esse episódio, Davi aprendeu a esperar no Senhor na confiante esperança de que ele agiria de maneira justa e sábia. Davi exercita sua imaginação santificada no versículo 10, dizendo a Abisai: “Tão certo como vive o SENHOR, este o ferirá, ou o seu dia chegará em que morra, ou em que, descendo à batalha, seja morto”.

O crescimento de Davi em graça envolveu sua consciência da soberania de Deus nas questões humanas, combinada com a bondade, a justiça e a sabedoria de Deus. Sabendo que servia a um Deus onipotente, soberano e fiel que havia prometido sua salvação, Davi preferiu esperar a solução de Deus para o seu problema com Saul, em vez de tentar resolver por si mesmo. Nos anos seguintes, foi muito melhor que Davi tivesse esperado o tempo de Deus e a solução de Deus ao lidar com Saul. A autoridade moral e espiritual, tão necessária ao reino de Davi, teria sido impossível se estivesse com as mãos sujas pelo sangue de Saul. Davi raciocinou que, se Deus queria que ele fosse o rei, e se a impiedade de Saul estava obstruindo o caminho do seu reinado, então Deus agiria contra Saul. William Blaikie lamenta: “Ai! Em quantos pecados e em quantos crimes os homens têm caído pela sua indisposição de esperar pelo tempo de Deus!”.[4] Em vez de tomar os problemas em suas próprias mãos quando confrontado com um empregador hostil, pais abusivos ou mesmo um governo perseguidor, o povo de Deus deve esperar a ação do Senhor em humilde oração, abstendo-se da ira e da retribuição violenta. Na verdade, Davi desafiou Saul até onde seu dever a Deus exigia, assim como Margaret Wilson recusou-se firmemente a aceitar o rei Tiago VII como soberano sobre sua alma. Mas ambos os crentes foram abençoados por obedecer humildemente a palavra de Deus enquanto esperavam pacientemente pelo tempo de Deus para seu livramento.

Um modo de encorajar nossa fé enquanto esperamos pelo Senhor é observar os muitos auxílios que Deus fornece. Considere o sono misterioso que colocou Saul e seus homens à mercê de Davi. Davi podia não saber disso, mas “da parte do SENHOR, lhes havia caído profundo sono” (1Sm 26.12). Quer possamos ver como isso está acontecendo ou não, os crentes podem ser assegurados do constante auxílio e proteção de Deus, mesmo nas provações. Davi escreveu no salmo 34.7-8: “O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem e os livra. [...] bem-aventurado o homem que nele se refugia”.

O resultado do crescimento de Davi em graça foi um aumento correspondente da

sua autoridade espiritual entre o povo. Em capítulos anteriores, enquanto Davi estava aprendendo essas lições, os acontecimentos referiam-se principalmente ao próprio Davi. Mas agora, armado com uma graciosa obediência à palavra de Deus, Davi é colocado numa posição de grande utilidade espiritual para outras pessoas. Tendo crescido em graça, ele está preparado para liderar o povo de Deus.

Observe, por exemplo, a importância da remoção da lança de Saul. Essa arma havia se tornado o símbolo do governo de Saul, um emblema sempre presente da sua atuação real (veja 1Sm 22.6). Ali estava ela, encravada no chão pelo rei que dormia, e Davi percebeu a importância da remoção dela. Talvez isso simbolizasse o fim a que servia a liderança de Davi: a remoção do pecado do reino e um compromisso com a paz entre o povo de Deus.

Observe, também, a ousadia de Davi ao reprovar o erro do exército de Saul. Essa é a primeira vez que Davi não se dirige apenas a Saul, mas também fala com autoridade àqueles que serviam ao rei. Ele os repreende por terem caído no sono quando deveriam vigiar, uma ofensa capital em quase todo exército ao longo da História. Tendo ido para uma localização segura, Davi dirige sua repreensão a Abner, general de Saul:

Por que, pois, não guardaste o rei, teu senhor? Porque veio um do povo para destruir o rei, teu senhor. Não é bom isso que fizeste; tão certo como vive o SENHOR, deveis morrer, vós que não guardastes a vosso senhor, o ungido do SENHOR; vede, agora, onde está a lança do rei e a bilha da água, que tinha à sua cabeceira (1Sm 26.15-16).

O que deu a Davi a autoridade espiritual para assumir esse papel de liderança? Uma resposta é o chamado de Deus na sua vida para o ofício sagrado, mas, inseparável desse chamado está seu exemplo de piedade pessoal em obediência à palavra de Deus. A recusa de Davi em matar Saul pecaminosamente havia lhe dado uma plataforma da qual podia exortar outras pessoas. A piedade diária e prática de todo crente, especialmente de um líder cristão, lhe concederá uma plataforma digna de confiança para falar contra o pecado e a corrupção no mundo à nossa volta. Mas quando os líderes cristãos caem nos mesmos tipos de

pecado desenfreado do mundo, a autoridade moral de toda a igreja fica comprometida.

As últimas palavras de Davi a Saul

Ao longo de 1Samuel, vimos Davi contrastado com Saul. Desde o início, Davi foi planejado para ser o substituto de Deus para o líder apóstata (veja 1Sm 13.14). Nesse capítulo, nós os vemos juntos pela última vez – Saul mais profundamente afundado na sua depravação e Davi crescendo na graça de Deus. Nesses respectivos cursos, o tempo serviu apenas para alargar o abismo entre os dois. Imagine quanto esse abismo é largo quando consideramos a eternidade. A diferença real, é claro, era seus respectivos relacionamentos com Deus, que os haviam colocado em suas diferentes trajetórias. Nossa posição em relação ao Senhor é o que mais importa a cada um de nós. Uma pessoa relativamente moral que é uma estranha à graça de Deus irá se mover numa direção ímpia, mesmo que apenas no seu coração. No entanto, uma pessoa relativamente imoral que vem à fé em Cristo tornar-se-á cada vez mais santa ao longo do tempo. O mesmo princípio é verdadeiro para nossa resposta ao ministério da palavra de Deus. Aqueles, como Davi, que confiam na palavra de Deus com fé humilde crescerão em graça, começando exatamente onde estão. Aqueles, como Saul, que endurecem o coração contra a palavra de Deus colocam os pés num caminho escuro que desce para a depravação, um caminho no qual até mesmo as virtudes presentes certamente serão corrompidas e destruídas.

Conquanto ainda iremos ver Saul novamente nesse livro, esse encontro noturno no acampamento será a última vez que Davi verá Saul. Davi havia reprovado Abner quando Saul despertou e reconheceu a voz: “Não é a tua voz, meu filho Davi? Respondeu Davi: Sim, a minha, ó rei, meu senhor” (1Sm 26.17). A última conversa contém três ênfases que continuam a mostrar o crescimento de Davi em graça. Davi foi realista em relação a Saul e não sentimentalizou essa oportunidade de falar. Em vez disso, aproveitou a oportunidade para buscar o maior bem para a alma de Saul, começando com um chamado sincero para que seu perseguidor se arrependesse.

O chamado de Davi ao arrependimento assumiu a forma de perguntas: “Por que persegue o meu senhor assim seu servo? Pois que fiz eu? E que maldade se acha nas minhas mãos?” (1Sm 26.18). Como no seu encontro anterior em En-Gedi,

Davi defendeu sua inocência e apresentou provas da sua boa vontade – a lança e a bilha de água, que evidenciavam que havia poupado a vida de Saul. Apesar dessa boa vontade amplamente demonstrada, os servos de Saul haviam virtualmente exilado Davi da terra da promessa. A perseguição era equivalente a eliminar Davi para que não tivesse "parte na herança do SENHOR, como que dizendo: Vai, serve a outros deuses" (26.19). Essa afirmação reflete a teologia geográfica em vigor no Antigo Testamento, já que era necessário adorar a Deus no seu tabernáculo para receber o benefício dos sacrifícios expiatórios realizados ali. Ao privar Davi das ordenanças sagradas de Deus, Saul o estava colocando numa condição amaldiçoada de paganismo. Por que razão Saul permitiu que seu governo fosse dominado pela perseguição louca a um simples servo – e um servo leal – dessa maneira? "Saiu o rei de Israel em busca de uma pulga, como quem persegue uma perdiz nos montes" (26.20). Com essas palavras, Davi confrontou Saul com sua louca insensatez, chamando-o ao arrependimento.

Muitos cristãos encontrar-se-ão afastados de sua família, área profissional ou outras bênçãos como resultado de ressentimentos e ódio pecaminosos. Como Davi, os crentes devem tomar medidas prudentes para se proteger e se conter enquanto aguardam o livramento de Deus. No entanto, quando tiverem oportunidade, devem conversar calmamente, numa tentativa de produzir arrependimento. Esse mesmo modelo aplica-se à ação política num Estado secular. Os cristãos devem falar ousadamente a verdade a respeito do pecado, chamando o governo ao arrependimento, mas devem ser capazes de fazer isso demonstrando evidência de piedade e boa vontade.

Davi percebeu, é claro, que um mero chamado ao arrependimento provavelmente não amoleceria um coração duro como o de Saul. Por isso, acrescentou uma segunda mensagem, um chamado à verdadeira religião. "Ouve, pois, agora, te rogo, ó rei, meu senhor, as palavras de teu servo: se é o SENHOR que te incita contra mim, aceite ele a oferta de manjares; porém, se são os filhos dos homens, malditos sejam perante o SENHOR" (1Sm 26.19).

Como Davi entendia a situação, havia duas fontes prováveis para a louca impiedade de Saul. A primeira era o castigo da ira de Deus. Saul deveria considerar que seu raciocínio debilitado podia ser resultado do juízo de Deus sobre os seus pecados. Provavelmente essa não é uma mensagem que as pessoas hoje receberiam com mais alegria que Saul. Mas Davi continuou, lembrando a Saul que Deus havia providenciado uma forma de purificação e restauração ao seu favor, a saber, os sacrifícios cruentos de expiação. Davi sabia que, nessas

ofertas, Deus prometia perdão e paz – e, desse modo, ele olhava para frente, para a vinda do verdadeiro e grande sacrifício, o próprio Filho de Deus, Jesus Cristo. João Batista identificou Jesus exatamente nesses termos, clamando: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).

De fato, Davi estava oferecendo-se para ir com Saul ao Senhor para recorrerem mutuamente ao sangue sacrificial para receberem perdão e renovação. Isso estabelece um exemplo para nós na maneira como lidamos com pessoas hostis numa cultura hostil. Quando enfrentamos hostilidade intratável, devemos convidar aqueles que se opõem a nós para se encontrarem conosco debaixo da cruz de Cristo, assumindo o lugar de pecadores que recorrem à graça de Deus no sangue de Cristo. É aí, por exemplo, que a harmonia matrimonial é alcançada e a disputa conjugal é reconciliada: pela mútua confissão de pecado e pelo apelo mútuo à graça perdoadora. Do mesmo modo, no testemunho cristão ao mundo, devemos não meramente denunciar o pecado sob o juízo de Deus, mas também mostrar a graça purificadora de Deus no sangue de Cristo, pela qual até mesmo nossos oponentes mais ferozes podem ser perdoados e restaurados a Deus.

Davi juntou a esse seu apelo uma advertência sobre o perigo de más companhias: “Se são os filhos dos homens, malditos sejam perante o SENHOR” (1Sm 26.19). Uma vez que somos reconciliados com Deus pelo sangue de Cristo, devemos nos afastar do conselho dos ímpios se quisermos permanecer na bênção da paz de Deus.

Como havia acontecido no encontro anterior, Saul respondeu às palavras de Davi com um arrependimento superficial: “Pequei; volta, meu filho Davi, pois não tornarei a fazer-te mal; porque foi, hoje, preciosa a minha vida aos teus olhos. Eis que tenho procedido como louco e errado excessivamente” (1Sm 26.21). Alguns diriam que os cristãos devem não apenas perdoar, mas também renovar imediatamente sua confiança com base numa declaração como essa. Davi era mais prudente. O que estava faltando na confissão de Saul? Não havia um retorno a Deus; portanto, também não houve uma obra profunda na vida de Saul que pudesse deter seu progresso na corrupção do pecado. Saul estava feliz agora, percebendo que Davi podia ter tirado sua vida, mas essa boa vontade não tinha meios para prevalecer. Ele é o retrato daqueles, hoje, que se angustiam pelas consequências dos seus pecados, mas não pela sua condição pecaminosa em si; aqueles que insistem que estão arrependidos, mas que não aceitam tratar o mal encoberto voltando-se para Deus em fé verdadeira. O verdadeiro arrependimento por parte de Saul teria sido expresso numa decisão de ir ao altar do Senhor, para,

ali, lidar com seu grande pecado diante de Deus, e somente depois fazer afirmações de boa-fé ao seu servo ofendido.

Davi percebeu a superficialidade das palavras de Saul, e isso provavelmente é indicado pela sua referência imediata à notória arma em sua mão: “Eis aqui a lança, ó rei; venha aqui um dos moços e leve-a” (1Sm 26.22). Um Saul arrependido teria dito a Davi para ficar com ela, se não para destruí-la, por ser um emblema da sua corrupção ímpia. Davi só pôde concluir colocando a questão nas mãos de Deus, lembrando a Saul que ele colherá o que plantou: “Pague, porém, o SENHOR a cada um a sua justiça e a sua lealdade; pois o SENHOR te havia entregado, hoje, nas minhas mãos, porém eu não quis estendê-las contra o ungido do SENHOR” (26.23). A recompensa de Davi pela sua boa-fé e obediência à palavra de Deus não foi o fim da perseguição maldosa de Saul, mas uma consciência limpa diante de Deus e uma fé firme na vingança de Deus. Como cristãos, devemos ter esse mesmo objetivo em toda área de conflito – pessoal e pública – absolvendo-nos pacificamente e recusando a falsa paz de arrependimento insincero, enquanto continuamos a esperar de Deus justiça e graça.

Ao prosseguir no nosso estudo sobre 1Samuel, veremos como a justiça de Deus persegue e alcança o réprobo Saul. Que triste bênção seria para Davi, naquele dia, lembrar que, em resposta ao seu tratamento justo e gracioso, as últimas palavras que ouviu de Saul foram de defesa de sua própria causa: “Então, Saul disse a Davi: Bendito sejas tu, meu filho Davi; pois grandes coisas farás e, de fato, prevalecerás. Então, Davi continuou o seu caminho, e Saul voltou para o seu lugar” (1Sm 26.25).

O rei justo

No mesmo dia em que Margaret Wilson pereceu nas águas do Solway – 11 de maio de 1685 –, Andrew Hislop, de 17 anos de idade, foi colocado diante de um pelotão de fuzilamento. Seu crime havia sido ajudar sua mãe a fornecer abrigo a um dissidente religioso e recusar-se a aceitar um rei terreno como soberano sobre sua alma. Quando as armas foram carregadas, Andrew foi orientado a cobrir o rosto. Com a mesma segurança em Deus que Davi tinha mostrado diante de Saul, o jovem crente declinou: “Posso olhá-lo no rosto”, ele respondeu, “não fiz nada de que precise me envergonhar. Mas como você olhará naquele dia em

que será julgado pelo que está escrito neste Livro?” As armas foram disparadas e as balas derrubaram o corpo de Andrew ao chão, suas mãos ainda estendendo a palavra de Deus aos seus algozes.[5]

Davi percebeu que, para servir como um verdadeiro rei a serviço do Senhor, deveria dedicar-se a ser um rei justo, confiando no Senhor, esperando o tempo de Deus e submetendo-se obedientemente à palavra do Senhor. Em anos vindouros, ele teria uma confusa história de sucesso, mas Israel prosperaria no seu governo geralmente justo. Mais importante, Davi tipificava o Rei maior e verdadeiramente justo, que recebeu a lealdade de Margaret Wilson e Andrew Hislop na hora da morte, uma lealdade que eles não abandonaram nem mesmo sob a dor da morte. Ambos recusaram lealdade a um mundo enlouquecido pelo pecado para encontrar salvação no reino do verdadeiro e justo Rei do céu. Ambos, a seu próprio modo, lembraram aos seus perseguidores o julgamento justo diante do qual todo pecador estará um dia.

O escritor de Hebreus, ministrando a outro grupo de crentes angustiados, fez um apelo semelhante. Ele escreveu para lembrar ao grupo de cristãos judeus perseguidos que há um Rei verdadeiro e justo em cujas mãos podemos seguramente entregar nossa alma. Em Jesus, vemos um Rei que assegurou a justiça na qual podemos comparecer diante do trono de juízo de Deus. Hebreus 1.8-9 declara a ele: “O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros” (citando o Sl 45.6-7). Embora as autoridades ímpias deste mundo tenham seu dia de glória, Hebreus 1.11-12 continua: “Eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste; também, qual manto, os enrolarás, e, como vestes, serão igualmente mudados; tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim” (citando o Sl 102.26-27).

Foi no manto da justiça de Cristo que Davi, juntamente com os mártires escoceses, desejou estar diante da afronta dos ímpios governantes terrenos. Foi por esse reino de justiça que ele desejou oferecer sua vida, como devemos fazer hoje. Aprendamos, como todos os mártires certamente descobriram na glória, a verdade daquilo que Davi escreveu no salmo 37.16-18:

Mais vale o pouco do justo

que a abundância de muitos ímpios.

Pois os braços dos ímpios serão quebrados,

mas os justos, o SENHOR os sustém.

O SENHOR conhece os dias dos íntegros;

a herança deles permanecerá para sempre.

1 Alexander Smellie, Men of the covenant (Edimburgo: Banner of Truth, 1960), 416-20.

2 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 244.

3 Alexander Maclaren, Expositions of Holy Scripture, 17 v. (Grand Rapids: Baker, 1982), 2:369.

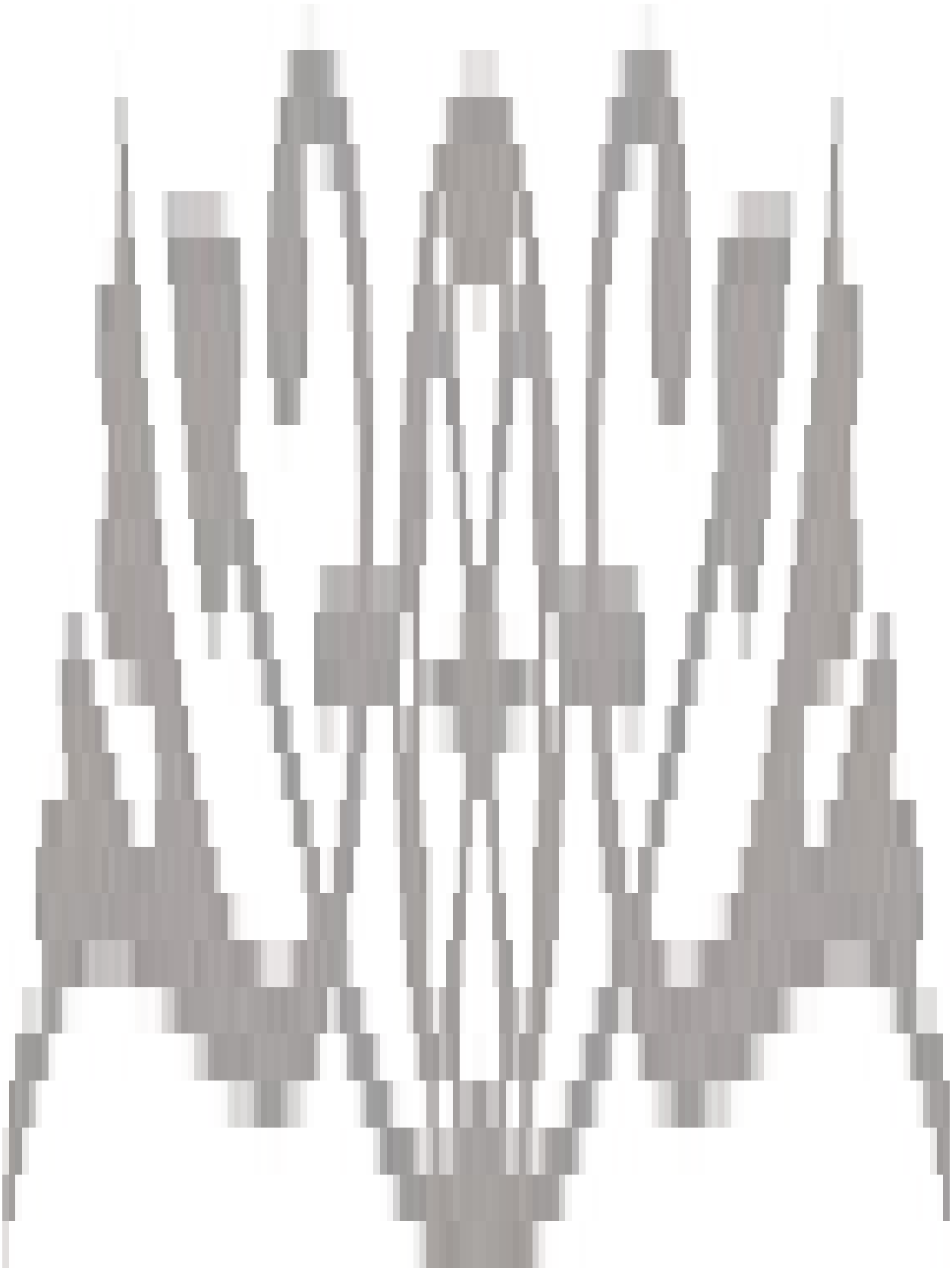
4 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 376.

5 Smellie, Men of the covenant, 386-87.

39

CRUZANDO A LINHA

1Samuel 27.1–28.2



Disse, porém, Davi consigo mesmo: Pode ser que algum dia venha eu a perecer nas mãos de Saul; nada há, pois, melhor para mim do que fugir para a terra dos filisteus; para que Saul perca de todo as esperanças e deixe de perseguir-me por todos os limites de Israel; assim, me livrarei da sua mão. (1Sm 27.1)

Há vários anos, uma sociedade para propagação do ateísmo publicou um panfleto expondo a depravação de vários heróis da Bíblia. Sob o rosto de Abraão uma inscrição dizia que ali estava um covarde que estava disposto a sacrificar a honra da sua esposa para salvar sua própria pele. O panfleto relacionava as passagens em que a Bíblia admite isso e, depois, onde a Bíblia o chama de "amigo de Deus". "Que tipo de Deus", o panfleto perguntava, "seria amigo de um homem tão desonrado?" Sob o desenho que representava Jacó havia sua descrição bíblica como mentiroso e enganador, e também a passagem em que Deus o torna príncipe do seu povo. O que isso diz sobre o caráter de uma divindade que chama a si mesma de "Deus de Jacó"? A seguir vinha o lembrete de que Moisés era um assassino, mas Deus o escolheu para trazer sua lei ao mundo. Davi era o pior de todos. Ele seduziu Bate-Seba e mandou matar o marido dela para encobrir seu adultério. No entanto, esse é "o homem segundo o coração de Deus", dizia o panfleto. Que tipo de Deus poderia encontrar tanto a ser apreciado num homem como esse, e por que alguém serviria a ele?

Como nós, como cristãos e seguidores do Deus da Bíblia, respondemos a essa exposição de fatos? A primeira coisa a dizer é que tudo o que o panfleto ateu diz é verdadeiro. É verdade – não, é uma gloriosa verdade – que os heróis da Bíblia, exceto Jesus Cristo, todos quebraram a lei de Deus e são essencialmente pecadores. Isso mostra a honestidade da Bíblia; nenhum outro livro religioso atreve-se a revelar a fraqueza e os pecados humanos dos seus heróis como a Bíblia revela, porque a Bíblia não confia no homem, mas em Deus.

Além disso, é verdade que Deus salva essas pessoas, transformando-as em seus amigos, filhos e servos. Deus "justifica o ímpio", escreve Paulo (Rm 4.5). Sobre isso, pelo menos, concordamos com os ateus. A diferença é que vemos isso como glória de Deus, não como sua vergonha. Como somos pecadores como as pessoas da Bíblia, o fato de que Deus salva pecadores o recomenda à nossa afeição, em vez de sujeitá-lo ao nosso desprezo.

Fora de Israel

No longo relato bíblico sobre a vida e o reinado de Davi, há vários incidentes que mostram sua necessidade da misericórdia e da graça perdoadora de Deus. Provavelmente, o mais notável entre eles é o relato de seu pecado com Bate-Seba (2Sm 11). Mas outro capítulo importante que revela a fraqueza da carne de Davi é 1Samuel 27. O pecado de Davi com Bate-Seba mostra a fraqueza de Davi no seu período de força e poder, enquanto esse capítulo mostra sua fraqueza num período de ansiedade e aflição. Os comentaristas são virtualmente unânimes em sua severa denúncia contra a decisão de Davi de fugir do rei Saul refugiando-se entre os inimigos de Israel, os filisteus.

O argumento contra as ações de Davi concentra-se no fato de que repentinamente ele deixou de crer nas promessas de Deus. Vemos isso no fato da fuga de Davi de Israel e no local para o qual ele fugiu. Como é típico em relação a Davi quando ele não está agindo pela fé, o relato de suas ações é inesperado e breve:

Disse, porém, Davi consigo mesmo: Pode ser que algum dia venha eu a perecer nas mãos de Saul; nada há, pois, melhor para mim do que fugir para a terra dos filisteus; para que Saul perca de todo as esperanças e deixe de perseguir-me por todos os limites de Israel; assim, me livrarei da sua mão. Dispôs-se Davi e, com os seiscentos homens que com ele estavam, passou a Aquis, filho de Maoque, rei de Gate (1Sm 27.1-2).

Davi foge de Israel porque está convencido de que “as mãos de Saul” estão prestes a prevalecer em tirar-lhe a vida. Essa é uma avaliação notável, considerando a abundância de evidências da sua experiência recente de que a mão de Saul era impotente contra o cuidado protetor de Deus. No capítulo 23, Saul estava prestes a estender a mão e agarrar Davi quando um ataque repentino dos filisteus fez com que o exército fosse desviado (1Sm 23.27-28). No capítulo 24, quando Saul estava caçando Davi, o Senhor o colocou à mercê de Davi na caverna de En-Gedi. Pouco antes, Deus fez cair um profundo sono sobre todo o

exército de Saul para que Davi pudesse entrar no acampamento e apanhar a lança de Saul. Tudo isso era forte evidência da impotência de Saul contra a promessa de Deus de elevar Davi ao trono. Quando Abigail interveio para afastar Davi dos seus planos contra seu marido, Nabal, ela falou dessas coisas como sendo de conhecimento comum: “Se algum homem se levantar para te perseguir e buscar a tua vida, então, a tua vida será atada no feixe dos que vivem com o SENHOR, teu Deus” (1Sm 25.29). Como, então, Davi agora conclui “pode ser que algum dia venha eu a perecer nas mãos de Saul” (27.1)? O capítulo começa dizendo que Davi “disse [...] consigo mesmo”. Davi aconselhou seu coração com palavras incrédulas, de modo que não é de admirar que ele tenha respondido não com fé, mas com insensatez e incredulidade.

A incredulidade de Davi foi vista na sua fuga de Israel, mas sua insensatez está no fato de ele ter retornado à inimiga cidade de Gate. Davi havia fugido para lá antes, no início da perseguição de Saul, e o resultado havia sido quase desastroso (1Sm 21.10-15). Naquela ocasião, Davi se salvou da maldade dos filisteus fingindo-se de louco. Como agora ele pode pensar que encontrará segurança naquele lugar ímpio? A. W. Pink atribui a insensatez de Davi a uma tendência à incredulidade que todo crente vivencia: “Ai! Quando a incredulidade nos domina, Deus é esquecido, e o livramento, nosso próprio conforto, atormenta a mente; e é por isso – a menos que a graça divina se interponha – que buscamos alívio no lugar errado e por meios não espirituais. Isso é o que acontece com Davi aqui: ele e seus homens foram para Aquis, rei de Gate”.[1]

Essa avaliação das ações de Davi é inquestionável. No entanto, devemos ainda dar atenção à explicação de Davi. Uma coisa que Davi quis dizer quando falou de perecer nas mãos de Saul foi que, na sua avaliação, Saul nunca o deixaria em paz, apesar das ocasionais expressões de arrependimento e promessas de moderação por parte do rei. Essa avaliação era totalmente exata. Como resultado, não havia lugar em Israel em que Davi pudesse descansar em segurança. Seu recente retorno a Zife – um lugar onde o povo antes já o havia traído, como fizeram novamente logo depois – indica que não havia muitos lugares de refúgio disponíveis em Israel para um grupo grande como o de Davi. O estressante encontro de Davi com Nabal no capítulo 25 mostra que Davi enfrentava dificuldades logísticas que não podiam ser supridas facilmente enquanto ele e seus seguidores fossem fugitivos na terra. O versículo 3 indica que o cuidado de suas esposas, Ainoã e Abigail, estava na mente de Davi, além do bem-estar das esposas e filhos dos seus homens, de modo que a comunidade total sob os cuidados de Davi devia ser de cerca de 2.000 pessoas. Como Davi

poderia continuar a sujeitar suas esposas, juntamente com as famílias dos seus soldados, a essa privação e perigo? Além de tudo isso estava o desgaste que toda essa angústia causava no ânimo de Davi. Dale Ralph Davis comenta:

Caçado, perseguido e atacado por Saul; traiçoeiramente exposto; fazendo fugas emocionantes (p. ex., 23.24-29) e escapadas audaciosas (p. ex., cap. 24, 26) – nove capítulos recheados de narrativas cheias de pressão e perigo. Essa é a substância que faz grandes filmes, mas cobra caro a pessoas reais.[2]

Creio que nesse caso temos um exemplo de quanto é fácil sermos piedosamente críticos de outros sem levar em conta suas verdadeiras dificuldades. Quando consideramos os vultos bíblicos, podemos facilmente dar uma resposta simplista aos seus problemas. Nesse caso, poderíamos dizer que, se Davi confiasse em Deus, ele simplesmente ignoraria as ameaças de Saul por causa do cuidado prometido por Deus. Aplicamos essa mesma abordagem a situações atuais. Quando observamos um pastor que enfrenta oposição e críticas por parte de sua congregação mundana e carnal, dizemos: “Ele só precisa continuar a fazer o que a Bíblia ensina”. Isso é verdade, mas damos pouca atenção à rejeição social que sua esposa e filhos sofrem e aos efeitos exaustivos de sua dieta diária de conflitos, calúnias e críticas. Para dar outro exemplo, considere uma esposa cristã que enfrenta assédio emocional, críticas amargas e tratamento rude por parte do seu marido diariamente. Corretamente dizemos que ela precisa colocar sua confiança em Deus e honrar seus votos matrimoniais, mas também deveríamos levar em conta as feridas que esse ambiente emocional está causando ao seu coração. As coisas parecem muito diferentes quando vistas de dentro, e avaliamos muito mais favoravelmente nossas próprias transigências e erros quando estamos sob provação do que as dos outros.

Uma resposta que Davi certamente daria aos seus críticos é que a prudência não se opõe à fé. O mesmo Deus que lhe prometeu salvação também lhe confiou o cuidado de muitas vidas. O dever de Davi exigia que ele tomasse medidas prudentes para evitar o perigo. Confiar em Deus não requer que Davi confie em Saul e se coloque à mercê de sua inexistente misericórdia. Confiar na promessa de Deus também não libera Davi do dever de encontrar uma base adequada para seu grupo. O próprio Jesus foi modelo de prudência na sua resposta à ameaça

dos fariseus, mostrando que a fé não requer fanatismo suicida. Em João 7, Jesus demorou a ir a Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos “porque não desejava percorrer a Judeia, visto que os judeus procuravam matá-lo” (Jo 7.1). Ninguém acusará Jesus de incredulidade por não caminhar na direção de uma armadilha aberta, muito embora Jesus estivesse consciente do cuidado e da proteção de Deus. Ainda que confiasse na promessa de Deus, Davi tinha de contar com a maldade cada vez maior de Saul, e sua obrigação para com Deus exigia que ele procurasse um lugar seguro para seus seguidores.

O exemplo de Davi adverte os cristãos a não se envolverem em atos sentimentais de insensatez. Uma mãe cristã pode precisar tomar medidas prudentes para proteger seus filhos de um marido violento. Líderes missionários considerarão sábio levar em conta o perigo em certas partes do mundo. Líderes eclesiásticos são sábios em examinar cuidadosamente os padrões doutrinários de outras igrejas ou ministérios que desejem fazer uma parceria. Conquanto a fé em Cristo inspire seus servos com um espírito destemido diante de ameaças terrenas, o dever dos cristãos que têm aos seus cuidados a vida de outras pessoas e os recursos de um ministério requer que deem a devida atenção a questões de cuidado e proteção.

Uma fronteira atravessada

Então, qual postura é correta em relação a Davi: crítica ou simpatia? As duas são corretas, até certo ponto. No entanto, no fim, ao unir-se aos ímpios filisteus, inimigos de Israel, Davi cruzou uma linha que nunca deveria ter sido cruzada. A fraseologia do versículo 2 parece reconhecer isso: “Dispôs-se Davi [...] passou a Aquis” (1Sm 27.2). John Woodhouse observa: “Naquele dia Davi cruzou uma fronteira que não era apenas geográfica. Ele ‘passou’ para o outro lado”.[3] Podemos entender sua necessidade de encontrar um refúgio seguro para seu povo e seu desejo de ter uma noite de sono longe do perigo. Podemos imaginar como era difícil encontrar esse lugar em Israel tendo Saul como rei. No entanto, havia lugares em que Davi não podia ir sem quebrar a fé, e um deles era a Filístia.

Pode-se pesquisar a Bíblia em vão em busca de um exemplo de israelitas buscando salvação fora da terra da promessa, recorrendo ao cuidado dos ímpios, que não os enrede em pecado e nas maldições da desobediência. Quando Abraão

buscou refúgio no Egito, rapidamente caiu em pecado e perigo (Gn 12.10-20). Ló destruiu sua família ao levá-la para Sodoma (Gn 13.10-13), assim como o marido de Noemi, quando levou sua família para Moabe no tempo da fome (Rt 1.2-3). Os filhos de Jacó foram abençoados com alimento dos celeiros do Egito construídos pelo seu irmão José, mas a permanência deles no Egito logo se transformou em escravidão (Êx 1.8-14). Considerando esses exemplos bíblicos, não podemos esperar que a fuga de Davi de Israel para a Filístia resultasse em bênção.[4]

O mesmo é verdadeiro quanto ao pastor assediado que mencionei anteriormente: apesar de toda a nossa simpatia, há compromissos com sua congregação que ele não pode cumprir fielmente, especialmente aqueles que envolvem a integridade do seu ensino bíblico. O mesmo é verdadeiro sobre a esposa emocionalmente atormentada ou o marido desapontado. Tomar medidas de prudência para melhorar ou administrar um relacionamento doloroso é uma coisa, mas buscar consolo no amor de outro homem ou de outra mulher ou buscar um divórcio não bíblico é cruzar a linha para a desobediência à palavra de Deus. Davi cruzou a linha da deslealdade quando partiu de Israel para Gate, e não poderia evitar as consequências danosas da sua ação. Quando violamos nossos votos sagrados ou transgredimos mandamentos claros da palavra de Deus, cruzamos a linha entre a prudência e a insensatez do pecado, de modo que não estamos mais confiando no Senhor.

Se nos admirarmos das ações incrédulas de Davi, perceberemos que esse episódio se encaixa num padrão visto em ocasiões anteriores. Não lemos sobre orações a Deus pedindo sabedoria, nem sobre consulta à palavra de Deus, nem pedido de conselho a amigos piedosos. A dinâmica piedade versus pecado geralmente é direta e coerente. Deus estabeleceu meios de graça para fortalecer a fé do seu povo. Quando negligenciamos esses meios de graça – a palavra de Deus, a oração e a adoração comunitária – nossa fé enfraquece e nossa tendência ao pecado e à insensatez aumenta. Esse triste exemplo de um gigante espiritual como Davi prova que, especialmente quando estão sofrendo sob provações, os cristãos devem se apegar à Bíblia, aproximar-se de Deus em oração fervorosa e ser especialmente dedicados à adoração a Deus entre seu povo. Isaías disse que “os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias” (Is 40.31). No seu pânico, Davi havia deixado de esperar o tempo do Senhor para seu livramento, lançando-se num caminho de incredulidade que só podia levar a problemas.

Davi em Ziclague

É verdade que a última visita de Davi a Gate quase havia resultado num desastre e também é verdade que muita coisa havia mudado desde então. Anteriormente, Davi era conhecido pelos filisteus como o assassino do seu povo (1Sm 21.11), mas agora ele era famoso como o fugitivo do rei Saul, de Israel. Além disso, Davi agora apareceu com uma formidável força de combate para aumentar a força de Aquis. Provavelmente por essas razões Davi foi bem recebido em Gate, e seu estabelecimento na antiga cidade natal de Golias logo teve o resultado desejado: "Avisado Saul de que Davi tinha fugido para Gate, desistiu de o perseguir" (27.4). Davi havia conseguido finalmente se livrar da perseguição de Saul – mas a que preço?

Imediatamente Davi solicitou que seu grupo tivesse sua própria cidade em vez de permanecer na cidade de Gate. Esse arranjo parece ter sido mutuamente conveniente. Aquis dificilmente teria desejado ter um exército tão poderoso às suas portas, e não receberia bem a obrigação de alimentar tantas bocas. Davi acharia melhor seguir seu próprio programa de ação, longe da observação oficial. Foi dada a Davi a cidade de Ziclague, provavelmente próxima ao sul do deserto da Judeia, e ali Davi podia agir independentemente de Aquis e fora do alcance de Saul. Ziclague foi uma das cidades dadas à tribo de Judá na distribuição feita por Josué (Js 15.31), mas nunca havia sido capturada. Por meio da sua astúcia, Davi assegurou essa cidade como posse legítima de Israel, e o versículo 6 diz: "Ziclague pertence aos reis de Judá, até ao dia de hoje".

Três temas emergem dos 16 meses que Davi e seu grupo estiveram em Ziclague, na Filístia. O primeiro é a habilidade de Davi em administrar uma situação muito delicada. Aparentemente passando para o lado dos filisteus, ele arriscou arruinar sua reputação em Israel. De fato, isso foi exatamente o que Aquis achou que estava acontecendo. A passagem de 1Samuel 27.12 afirma que "Aquis confiava em Davi, dizendo: Fez-se ele, por certo, aborrecível para com o seu povo em Israel; pelo que me será por servo para sempre". Isso é precisamente o que Davi queria que Aquis pensasse. No entanto, Davi não estava realizando ataques contra Israel, como disse a Aquis que estava (1Sm 27.10). Em vez disso, ele estava fazendo guerra contra os perenes inimigos de Israel nas redondezas: "contra os gesuritas, os gersitas e os amalequitas; porque eram estes os moradores da terra desde Telã, na direção de Sur, até à terra do Egito" (27.8). Se

perguntarmos como Davi conseguiu manter um subterfúgio tão grande por tanto tempo, a resposta está no versículo 9: “Davi feria aquela terra, e não deixava com vida nem homem nem mulher, e tomava as ovelhas, e os bois, e os jumentos, e os camelos, e as vestes; voltava e vinha a Aquis”.

A especialidade de Davi eram os ataques de surpresa, e ele era totalmente eficaz em eliminar seus inimigos e cobrir seus rastros. O lema de Davi em Ziclague saiu direto de um filme de faroeste: “Homens mortos não contam histórias”. Por meio de um genocídio sistemático, ele foi engenhosamente bem-sucedido em fazer seu povo prosperar, ganhando a aprovação de Aquis e evitando a traição formal ao seu país. Olhando na superfície, a esperteza de Davi estava sendo bem-sucedida. Mas o preço que ele estava pagando não foi escondido tão facilmente quanto a identidade de suas vítimas. Gordon Keddie escreve: “Davi foi brilhante e bem-sucedido, mas matou comunidades inteiras e mentiu a Aquis no processo. Ele havia deixado seus princípios nas montanhas de Judá e colocado-se num canto em que engano e crueldade era o que o mantinham vivo”.[5]

Mais positivamente, devemos dar crédito a Davi por se dedicar à causa do seu povo e ao chamado de longa data de Deus, para que se completasse a conquista da Terra Prometida. Davi podia corretamente defender suas ações, ressaltando que, embora tivesse sido injustamente levado ao exílio, fez o que pôde para realizar a obra de Deus e o bem-estar de Israel. Além disso, se rejeitarmos as táticas sangrentas de Davi, ele pode ressaltar que todo o seu morticínio era parte de uma guerra antiga. Além disso, todas essas nações eram ímpias e estavam sob a condenação de Deus. Davi estava, de fato, cumprindo a guerra santa que Saul havia sido punido por não ter realizado. “Vai, pois, agora, e fere a Amaleque, e destrói totalmente a tudo o que tiver, e nada lhe poupes; porém matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos” (1Sm 15.3). Por essa razão, Robert Bergen vê razão apenas para elogiarmos Davi pelas suas ações durante este período: “Davi remiu seu tempo no exílio, usando-o para retomar a conquista de Canaã por Israel. [...] Assim, a obediência de Davi às regulamentações de guerra da Torá o fez prosperar”.[6]

Apesar de toda a verdade que pode haver nessa avaliação, também continua sendo verdade que Davi estava se tornando habilidoso em enganar, e, assim, violando a lei de Deus. Embora Aquis fosse um filisteu pagão, Davi havia aceitado sua autoridade e, portanto, devia-lhe integridade. Além do mais, conquanto Davi estivesse, de fato, executando o juízo de Deus por meio de

guerra santa sobre povos condenados contra os quais guerreava, a passagem afirma que essa matança foi feita não para a glória e o serviço de Deus, mas para assegurar que não houvesse sobreviventes que pudessem expor suas mentiras aos líderes filisteus (1Sm 27.11).

Uma avaliação equilibrada desses acontecimentos mostra uma mistura de fé e concessão ímpia por parte de Davi. A única justificativa real para suas ações é argumentar que os fins justificam os meios. Essa, contudo, não é a ética proposta nos salmos de Davi. Depois de sua visita anterior a Gate, Davi escreveu: "Refreia a língua do mal e os lábios de falarem dolosamente. Aparta-te do mal e pratica o que é bom; procura a paz e empenha-te por alcançá-la" (Sl 34.13-14). Esse dificilmente é o lema da permanência de Davi em Ziclague. Davi nos lembra que há uma grande diferença entre buscar o livramento da parte do Senhor em oposição a alcançar o próprio livramento por meio de astúcia e engenhosidade. Não é de admirar que, durante todo o período em que Davi passou na Filístia, nada lemos sobre oração, adoração e ministério de sacerdotes ou palavra de Deus. Lutando para efetuar sua própria salvação, Davi estava comprometendo os valores que havia protegido tão cuidadosamente em dias anteriores, dando um exemplo que possivelmente não serviria bem ao seu povo quando finalmente tomasse posse do seu reino.

O terceiro tema do tempo de Davi em Ziclague encaixa-se nessa descrição. Apesar de toda a sua astúcia, Davi não foi capaz de lidar com as consequências imprevistas das suas ações enganosas. O capítulo 27 termina com Aquis enganado por Davi. No entanto, o capítulo 28 começa com um resultado alarmante que Davi nunca havia previsto: "Sucedeu, naqueles dias, que, juntando os filisteus os seus exércitos para a peleja, para fazer guerra contra Israel, disse Aquis a Davi: Fica sabendo que comigo sairás à peleja, tu e os teus homens" (1Sm 28.1). Podemos imaginar Davi esforçando-se para encontrar algo a dizer. Ele respondeu com toda a ambiguidade que conseguiu reunir: "Assim saberás quanto pode o teu servo fazer". Aquis respondeu: "Por isso, te farei minha guarda pessoal para sempre" (28.2). Isso colocou Davi numa posição ainda mais difícil do que quando estava fugindo de Saul. Ele havia sido tão bem-sucedido em convencer os filisteus da sua lealdade que seu rei estava disposto a confiar nele para se juntar ao ataque contra Israel, o mesmo povo que Davi estava determinado a nunca causar dano. A única resposta adequada para Davi é o ditado destinado a advertir os filhos contra a mentira: "Tecemos uma rede emaranhada quando começamos a enganar".

Falando ao seu coração

Da insensata incredulidade de Davi em cruzar a fronteira para a Filístia e da emaranhada rede de mentiras e concessões que resultou disso, há pelo menos três importantes lições para nós hoje. A primeira pode ser vista nas primeiras palavras do capítulo 27: “Disse, porém, Davi consigo mesmo”. Nossa atitude diária de fé ou incredulidade depende, em grande parte, de quais pensamentos cultivamos e de quais sermões pregamos ao nosso coração. A esse respeito, podemos traçar a queda de Davi no capítulo 27 às palavras que ele disse a Saul no capítulo anterior, palavras que indicam os pensamentos que estavam passando pela sua mente: “Eles me expulsaram hoje”, reclama Davi, “para que eu não tenha parte na herança do SENHOR, como que dizendo: Vai, serve a outros deuses” (1Sm 26.19). Davi estava sentindo pena de si mesmo, alimentando ressentimento por causa da injustiça da sua situação em Israel, e, assim, nutrindo na mente pensamentos que logo tomariam forma em ações.

Isso nos lembra não apenas da necessidade de recorrer diariamente à Bíblia, mas também do propósito da nossa dedicação à Escritura e à oração, a saber, formar nossos pensamentos com base em coisas que são verdadeiras e edificantes e que nos guardem do pecado e do erro. Os salmos de Davi modelam esse ministério de pregação ao próprio coração, como pode ser visto no salmo 42.5: “Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu”. No salmo 73, Asafe conta uma história semelhante. Ele havia se tornado amargo por causa da prosperidade dos ímpios, pessoas incrédulas, e seu coração estava ficando endurecido. Mas então, disse ele, “entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles. Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição” (Sl 73.17-18). Em outras palavras, uma vez que voltou à casa de Deus e colocou-se sob o ministério da palavra, Asafe começou a pensar claramente sobre o juízo dos ímpios e a salvação daqueles que confiam em Deus. O resultado desse controle de mente e coração foi uma fé renovada que caminhava com retidão perante o Senhor. Como Davi no salmo 42, devemos nos certificar de que pregamos o evangelho da verdade a nós mesmos, lembrando que Deus nos amou ao enviar seu Filho, Jesus, para morrer pelos nossos pecados e nos conceder vida eterna. Além disso, como Asafe no salmo 73, devemos frequentar regularmente os cultos na igreja, para que as trevas da incredulidade, do medo e do ressentimento não façam uma rede na nossa mente.

Segunda, o plano de Davi de fugir para a Filístia pode ser avaliado recorrendo-se a Provérbios 14.12: “Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte”. Simpatizamos com Davi por causa da pressão e da fadiga que devem ter contribuído para suas ações, juntamente com o fardo da responsabilidade por tantos homens e suas famílias. Podemos ver facilmente como sua estratégia astuta teria sido atrativa para ele, especialmente considerando seu sucesso anterior em se livrar da perseguição de Saul. Mas, ao fazer isso, de acordo com sua própria habilidade incitada pelo momento, Davi cruzou uma linha que colocou todo o seu futuro em grande risco. Apesar dos meses em que conseguiu enganar Aquis, o episódio termina com Davi unindo-se à vanguarda dos filisteus para atacar Israel.

A lição é que a verdadeira sabedoria é sempre alcançada pela submissão aos preceitos e mandamentos da palavra de Deus. Davi teria feito melhor se seguisse outro provérbio: “Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas” (Pv 3.5-6). No fim, não é nosso trabalho que nos salva. Como Jonas aprendeu dentro do grande peixe: “Ao SENHOR pertence a salvação” (Jn 2.9). Provérbios não nos diz para abandonar nosso próprio entendimento, mas sim para não dependermos desse entendimento. É sempre em Deus que devemos confiar, e, se confiarmos no Senhor para nossa salvação, acharemos fácil manter a sabedoria de andar nos caminhos retos da sua palavra.

Finalmente, Davi foi insensato em fugir de Israel por causa da geografia de salvação que é ensinada no Antigo Testamento. Uma vez que Deus colocou seu povo na Terra Prometida, a salvação deve ser sempre, e somente, encontrada ali. Em anos vindouros, Davi capturaria Jerusalém para ser a capital de Israel e, depois, seu filho Salomão edificaria o santo templo do Senhor ali no monte Sião. A salvação viria somente àqueles que fossem ao Senhor no seu santo lugar. Tudo isso prefigurava a vinda de Jesus Cristo, em quem Deus habita entre seu povo. Agora não há salvação fora de Jesus Cristo (At 4.12). Fugir para alguma outra salvação quando os problemas aparecem, não aceitar a obrigação de obedecer a palavra de Cristo para traçar nosso próprio caminho ou desviar-se do aprisco da igreja de Cristo é arriscar uma separação eterna que ultrapassa em muito o perigo que Davi correu ao fugir para Gate. Seja o que for que aconteça na nossa vida, seja qual for a perseguição que soframos ou as adversidades pelas quais passemos, seja qual for a injustiça que suportemos ou as cruzes que tenhamos de carregar, devemos permanecer em Jesus Cristo, confiando no único Salvador para o perdão dos nossos pecados e obedientemente nos submetermos à sua

vontade. Não devemos escolher nossa própria salvação nesta vida, mas fugir para a salvação oferecida por Deus em Cristo, apegando-nos a ele em todas as coisas.

Se apenas permanecermos em Cristo, podemos estar certos de que Deus nos salvará no fim e até mesmo que ele nos protegerá de acordo com sua vontade ao longo do caminho. Um casamento infeliz, desapontamentos na carreira ou mudanças ímpias na nossa cultura, para citar algumas ameaças típicas à nossa felicidade, podem nos causar ansiedade e angústia. Porém, se permanecermos em Cristo por meio de uma fé perseverante, como Davi deveria ter permanecido em Israel, podemos estar certos de estar presentes no grande dia, quando todo o povo de Deus entrará na plena glória da salvação. Com nossos olhos fixados na herança gloriosa que compartilharemos com Cristo, cantaremos:

Ó doce e bendito país, o lar dos eleitos de Deus!

Ó doce e bendito país que o coração ansioso espera!

Jesus, em misericórdia, leva-nos a essa querida terra de descanso;

Que é, com Deus Pai e o Espírito, bendito para sempre![7]

1 A. W. Pink, A life of David, 2 v. (Grand Rapids: Baker, 1981), 1:183.

2 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 224-25.

3 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 500.

4 Quando os pais de Jesus fugiram para o Egito por ordem de Deus, eles foram aos exilados que viviam lá, não aos governantes pagãos (Mt 2.13-15).

5 Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 251-52.

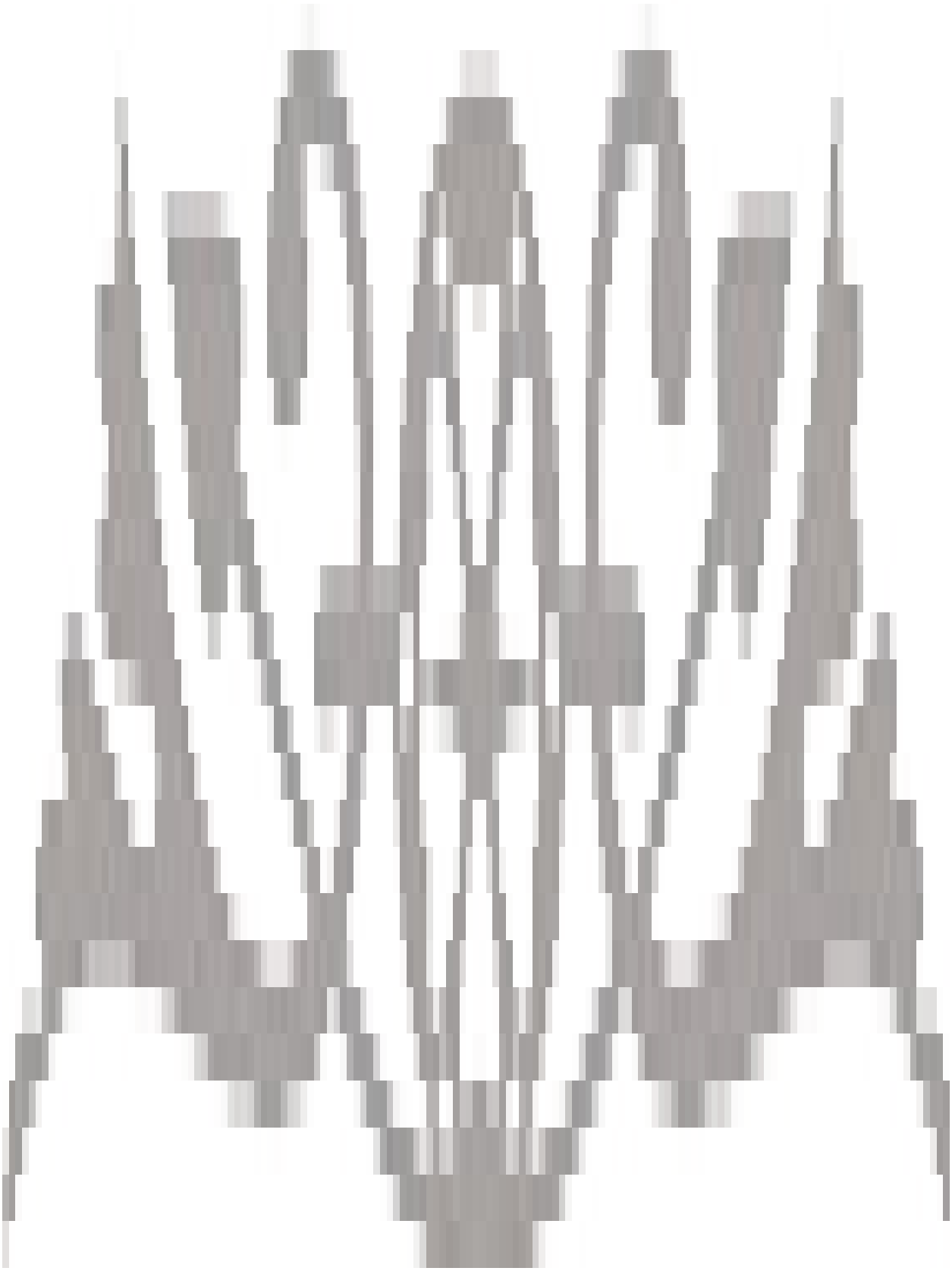
6 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 261-62.

7 “O sweet and blessed country, the home of God´s elect! / O sweet and blessed country that eager hearts expect! / Jesus, in mercy bring us to that dear land of rest; / Who are, with God the Father and Spirit, ever blest.” Bernard de Cluny, “Jerusalem the Golden” (12ª. c.).

40

A NOITE ESCURA DA ALMA

1Samuel 28.3-25



... disse Samuel: Por que, pois, a mim me perguntas, visto que o SENHOR te desamparou e se fez teu inimigo? Porque o SENHOR fez para contigo como, por meu intermédio, ele te dissera; tirou o reino da tua mão e o deu ao teu companheiro Davi. (1Sm 28.16-17)

Em alguns ramos místicos do cristianismo, há um fenômeno conhecido como “a noite escura da alma”. Essa expressão foi cunhada pelo místico católico-romano do século 16, João da Cruz, que escreveu um famoso poema e um tratado sobre esse tema. “A noite escura da alma” descreve a experiência de uma pessoa que suporta uma noite ou um período mais longo de tormento espiritual, que é geralmente seguido por uma experiência de bênção e paz de Deus. Pouco depois da morte de Madre Teresa, famosa por décadas de serviço em favor dos órfãos de Calcutá, suas memórias revelaram uma noite escura de luta espiritual que durou de 1950 até sua morte, em 1997. “O silêncio e o vazio são tão grandes”, afirmou ela, “que olho e não vejo, escuto e não ouço.” [1] Madre Teresa registrou como suas lutas espirituais incessantes alimentaram seu esforço pela realização de boas obras.

A passagem de 1Samuel 28 revela Saul, rei de Israel, numa noite de trevas mais breve, mas mais mortal, na qual não encontrou redenção e na qual sua alma endurecida não produziu boas obras. A noite escura da alma de Saul foi um prelúdio para uma escuridão mais longa, sem fim, que viria sobre ele na morte por causa de sua incredulidade endurecida e do seu pecado não perdoado.

Sem uma palavra

Ao começar a nos falar sobre a noite escura da alma de Saul, o capítulo 28 primeiro nos informa sobre a morte de Samuel: “Já Samuel era morto, e todo o Israel o tinha chorado e o tinha sepultado em Ramá, que era a sua cidade” (v. 3). Fora ali que Samuel havia ungido Saul como rei de Israel e transmitido a ele as mensagens do Senhor. Essas mensagens haviam cessado antes da morte de Samuel, mas a morte do grande juiz e profeta deu um senso de finalidade à alienação de Saul de Deus.

Segundo, somos informados que Saul havia anteriormente “desterrado os médiuns e adivinhos” (1Sm 28.3). Isso estava de acordo com a palavra de Deus, que declarava: “Não se achará entre ti [...] nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos” (Dt 18.10-11). Era por essas “abominações” que Deus estava castigando os cananeus (Dt 18.12).

A importância desses dois fatos está na repentina necessidade urgente que Saul teve do auxílio divino, quando os filisteus se juntaram para lançar um grande ataque contra Israel. Mobilizando suas forças em Gilboa para encontrar o inimigo, Saul “foi tomado de medo, e muito se estremeceu o seu coração” (1Sm 28.5). Essa afirmação é um comentário sobre o estado geral da alma de Saul. Há pouca dúvida de que ele estava diante de um poderoso exército filisteu. No entanto, ele não tinha fé que lhe desse coragem. Os filisteus haviam se aproximado de Saul numa região onde algumas das maiores vitórias de Israel haviam acontecido por intervenção do poder de Deus. Perto dali, Baraque e sua milícia reunida às pressas haviam vencido o exército dos cananeus (Jz 4) e o pequeno grupo de Gideão havia vencido o exército midianita (Jz 7). Contudo, Saul foi tomado pela incredulidade da sua escuridão espiritual e moral. Repentinamente, tornou-se consciente, como parece não ter acontecido por anos, da sua necessidade de uma palavra de esperança da parte do Senhor.

Se o primeiro problema de Saul era a invasão dos filisteus, seu segundo problema era que Deus se recusou a responder quando ele chamou: “Consultou Saul ao SENHOR, porém o SENHOR não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas” (1Sm 28.6). Esses eram os três meios pelos quais Deus geralmente se comunicava com seus servos naqueles dias, e nenhum deles estava disponível a Saul. Muito digna de nota é a referência ao Urim, que ficava dentro da estola sacerdotal e por meio do qual orientação da parte de Deus poderia ser recebida. O problema era que Saul havia matado todos os sacerdotes, exceto Abiatar, que havia levado a estola sacerdotal a Davi. (Nessa mesma época, Davi recorreu com êxito a Deus por meio do Urim, recebendo orientação vitalmente importante da parte do Senhor; veja 1Sm 30.7-8.) É possível que Saul tenha nomeado seu próprio sumo sacerdote e tivesse feito outro Urim, mas Deus recusou-se a honrar a religião interesseira de Saul. Tendo sido anteriormente repudiado por Samuel por desobediência e depois matado impiamente os santos sacerdotes do Senhor, Saul deve ter achado o silêncio de Deus ensurdecedor.

A recusa de Deus a responder a Saul apresenta uma interessante questão à luz da

frequente promessa bíblica de que Deus responderá àqueles que invocarem seu nome. O profeta Joel não declara, repetido pelo apóstolo Paulo, que “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Jl 2.32; Rm 10.13)? A explicação evidente é que, embora Saul tenha usado os mecanismos para buscar ao Senhor, seu coração nunca se abriu o mínimo que fosse para o arrependimento e a fé. Em anos vindouros, alguns dos mais ímpios reis, Acabe e Manassés, encontrariam a misericórdia de Deus mesmo por meio de uma pequena expressão de verdadeira contrição (1Rs 21.29; 2Cr 33.12-13). Então, por que não Saul? A resposta é dada em 1Crônicas 10.14, que explica que Saul “[consultou] não ao SENHOR, que, por isso, o matou”. Saul buscou consolo, mas não orientação, e seu coração inflexível encontrou a rejeição inflexível de Deus.

Assim, Saul é um terrível lembrete do perigo da apostasia. Um apóstata não é um verdadeiro crente em Cristo que depois se afasta. Em vez disso, um apóstata é um crente professo, um membro externo da comunidade de crentes, que, em vez de se entregar ao Senhor em fé verdadeira, endurece seu coração em pecado. O resultado final não é meramente incredulidade, mas uma consciência cauterizada e um coração endurecido a ponto de não haver retorno (veja Hb 6.4-6). William Blaikie explica a situação de Saul:

Saul era incapaz desse exercício de alma que teria salvado a ele e ao seu povo. Esse é o efeito mais terrível do pecado alimentado. Ele seca as fontes de contrição e elas não fluem. Ele endurece os joelhos e eles não se dobram. Ele paralisa a voz e ela não clama. Ele cega os olhos e eles não veem o Salvador.[2]

Na sua noite escura da alma, Saul está disposto a se empenhar em atividades externas com o intuito de manipular o auxílio de Deus. Mas o ouvido do Senhor está atento somente àqueles que têm o coração quebrantado e o espírito contrito. É algo terrível endurecer o coração contra o Senhor e sua palavra. Por fim, o tempo passa para o apóstata, e até mesmo a oportunidade de arrependimento se vai. Assim aconteceu com Saul, como mais tarde aconteceria com todo o Israel, quando Deus diria: “Não os ouvirei quando eles clamarem a mim, por causa do seu mal” (Jr 11.14). Blaikie comenta: “Teria sido infinitamente preciosa uma lágrima de verdadeiro arrependimento nessa hora escura. Ela teria salvado milhares de israelitas de uma morte sangrenta; teria salvado a nação de derrota e

humilhação”.[3]

A dura obstinação de Saul fica clara na sua resposta ao silêncio de Deus: “Então, disse Saul aos seus servos: Apontai-me uma mulher que seja médium, para que me encontre com ela e a consulte. Disseram-lhe os seus servos: Há uma mulher em En-Dor que é médium” (1Sm 28.7). Anteriormente, Saul havia corretamente proibido médiuns e necromantes – aqueles que fazem adivinhações pelos mortos – embora o evidente fracasso de sua proibição pareça testificar sua falta de autoridade espiritual na terra. Ora, sua falta de vitalidade espiritual é provada quando ele se volta para esses adivinhos ocultistas, tentando substituir a voz do Deus vivo pela dos mortos.

Talvez porque os médiuns tivessem medo dele, ou talvez por causa da sua consciência culpada com medo de Deus, Saul usou um disfarce em sua viagem a En-Dor, onde era conhecida uma mulher que falava com os mortos. Ao chegar, Saul lhe pediu: “Peço-te que me adivinhes pela necromancia e me faças subir aquele que eu te disser” (28.8). A “médium de En-Dor”, como era conhecida, respondeu com medo: “Bem sabes o que fez Saul, como eliminou da terra os médiuns e adivinhos; por que, pois, me armas cilada à minha vida, para me matares?” (28.9). É notável que Saul consolou a mulher jurando em nome do Senhor – o Deus de Israel – “Tão certo como vive o SENHOR, nenhum castigo te sobrevirá por isso” (28.10). Aqui temos outro sinal da condição espiritual endurecida de Saul: para violar a lei de Deus e garantir proteção a uma ocultista sob a condenação de Deus, Saul jura em nome do Senhor.

Concedida essa garantia, a mulher perguntou a Saul: “Quem te farei subir? Respondeu ele: Faze-me subir Samuel” (1Sm 28.11). Aqui está outra torcedura no plano distorcido. Embora Saul transgrida a lei de Deus e sua própria proibição, é o servo de Deus que ele procura. Saul conhece a verdade e crê que a salvação só pode vir de Deus – o Deus contra o qual endureceu seu coração – então, se Deus não falar a Saul, Saul procurará levantar o espírito daquele com quem Deus fala, Samuel. É um terrível estado aquele em que se reconhece a necessidade da verdade da parte de Deus e estar endurecido demais para ir a Deus. Vemos esse desespero espiritual hoje em pessoas que não oram e não conseguem orar a Deus, mas buscam as orações dos crentes. O que essas pessoas devem fazer para obter acesso direto à misericórdia de Deus? A resposta é: ouvir o chamado de Jesus Cristo, levar o fardo dos seus pecados até a cruz e, ali, receber confiança para achegar-se “confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna”

(Hb 4.16).

O profeta de Deus subiu?

Depois que Saul identificou Samuel como o espírito a ser chamado, o texto diz que a mulher viu Samuel e, então, “gritou em alta voz”. Nesse ponto, ela percebeu que seu cliente era ninguém menos que Saul: “Por que me enganaste? Pois tu mesmo és Saul”. O rei lhe perguntou o que ela via, e ela respondeu: “Vejo um deus que sobe da terra”. “Como é a sua figura?”, perguntou Saul urgentemente. “Respondeu ela: Vem subindo um ancião e está envolto numa capa” (1Sm 28.12-14).

Isso faz surgir uma pergunta sobre cuja resposta os expositores da Escritura têm discordado: a pitonisa realmente chamou o espírito de Samuel da sepultura? A maioria dos expositores, no curso da história da igreja, nega que Samuel tenha sido verdadeiramente invocado. Uma interpretação popular da igreja primitiva era que a mulher ímpia havia invocado Satanás para aparecer como se fosse o profeta Samuel. Tertuliano escreveu: “Deus proibiu que creiamos que uma alma, muito menos a de um profeta, possa ser invocada por um demônio”.[4] No tempo da Reforma, Martinho Lutero argumentou: “Quem poderia crer que as almas dos crentes, que estão na mão de Deus e no seio de Abraão, estivessem sob o poder do diabo [...]?”[5] João Calvino acrescentou que “Deus nunca teria permitido que seus profetas fossem submetidos a essa conjuração diabólica [...], como se o diabo tivesse poder sobre o corpo e a alma dos santos que estão sob a guarda de Deus”.[6] Com base nisso, Lutero afirmou que a suposta aparição foi um engano de Satanás, enquanto Calvino suspeitou de uma ilusão da mente de Saul e da abominável mulher.

O problema com essa negação é que há elementos no texto que não podem ser facilmente ignorados. Primeiro, não apenas Saul e a mulher descreveram o espírito como Samuel, mas o escritor inspirado concorda. O versículo 15 afirma: “Samuel disse a Saul”. Além disso, o espírito que foi chamado respondeu a Saul com a mesma mensagem que Samuel havia lhe dado em vida: “O SENHOR fez para contigo como, por meu intermédio, ele te dissera: tirou o reino da tua mão e o deu ao teu companheiro Davi” (1Sm 28.17). Um Saul enganado buscando consolo provavelmente não teria conjurado essas palavras, e, se Satanás tivesse aparecido para enganar Saul, não está claro por que ele teria falado a verdade.

Além disso, o espírito fez uma profecia que mostrou-se ser verdadeira: “Amanhã, tu e teus filhos estareis comigo; e o acampamento de Israel o SENHOR entregará nas mãos dos filisteus” (28.19). Falando do reino dos mortos, o espírito esperava ver Saul e seus filhos no mesmo reino no dia seguinte.

Isso significa que um servo de Satanás realmente conseguiu invocar a alma do profeta, que havia morrido e que estava sob os cuidados de Deus? A resposta da maioria dos comentaristas hoje é que a Bíblia parece afirmar que Samuel foi chamado, mas não pode ter sido pelo poder demoníaco da médium que isso aconteceu. Portanto, é muito provável que Samuel tenha vindo não por ordem da médium, mas pela inesperada vontade de Deus. Isso explicaria por que a mulher gritou em choque quando viu o espírito, a quem inicialmente identificou como “um deus”: “Vendo a mulher a Samuel, gritou em alta voz” (1Sm 28.12). Isso sugere que suas atividades ocultas regulares eram fraudulentas e que ela ficou tão chocada quanto Saul quando um espírito realmente apareceu. Matthew Henry comenta: “Deus permitiu, naquela ocasião, que a alma de um profeta morto viesse como uma testemunha do céu, enviando-o para confirmar a palavra que havia falado na terra”.[7] Carl Keil e Franz Delitzsch acrescentam que a aparição de Samuel “foi de um caráter tal que não podia deixar de mostrar à feiticeira e ao rei que Deus não permite que suas proibições sejam infringidas impunemente”.[8]

Devemos nos lembrar que Samuel não foi o último dos servos mortos de Deus a aparecer na terra em forma de espírito. Os Evangelhos registram que os espíritos de Moisés e Elias apareceram com Jesus no monte da transfiguração (Mt 17.3). Isso nos lembra que a alma daqueles que morrem em Cristo ainda vive em glória. Enquanto os dois grandes do Antigo Testamento, Moisés e Elias, apareceram para se alegrar com Jesus no evangelho, quando Samuel alegadamente apareceu ao apóstata Saul antes da vinda de Cristo, ele veio apenas com a rígida condenação da lei.*

Mensagem dos mortos

Observei anteriormente o estado miserável de um coração endurecido e apóstata na incapacidade de Saul de ter comunhão com Deus. Essa lamentável realidade foi apenas amplificada quando Saul ouviu a mensagem que [alegadamente]

Samuel veio anunciar. Saul cumprimentou o espírito de Samuel com reverência: “Inclinou-se com o rosto em terra e se prostrou” (1Sm 28.14). Henry sugere que Saul agiu dessa maneira por orientação da médium, enfatizando a ironia de que o mesmo rei que não queria se submeter à palavra de Deus estava disposto a obedecer a palavra da feiticeira.[9] Isso nos lembra que aqueles que se recusam a servir ao Senhor pela fé submetem-se à escravidão da cruel obediência a Satanás.

[Segundo a vidente,] Samuel falou com Saul, perguntando:

Por que me inquietaste, fazendo-me subir? Então, disse Saul: Mui angustiado estou, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se desviou de mim e já não me responde, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos; por isso, te chamei para que me reveles o que devo fazer (1Sm 28.15).

Samuel teria respondido com surpresa: como poderia Saul esperar uma palavra do Senhor por intermédio de Samuel quando o rei havia sido deserdado pelo Senhor? O profeta disse: “Por que, pois, a mim me perguntas, visto que o SENHOR te desamparou e se fez teu inimigo?” (1Sm 28.16). Afinal de contas, Samuel era um servo do Senhor, e, por isso, não ajudaria um inimigo de Deus.

Saul representa nesse caso todo homem que rejeita os repetidos apelos de Deus, que primeiro rejeita aceitar o evangelho e depois endurece seu coração contra toda a palavra de Deus, apenas para ver chegar o dia em que um Deus irado não está mais disposto a pronunciar palavras de graça. Em vida, essa pessoa acha a ideia de servir a Deus algo desagradável, desejando nada mais do que livrar-se de Deus e de sua palavra. No entanto, mal sabe ela que a pior coisa que poderia acontecer seria Deus fazer a vontade dela. Se você é uma pessoa assim, o que lhe aconteceria se Deus removesse toda a influência dele da sua vida, abandonando-o como você o abandonou no seu orgulho e desejo pecaminoso? Blaikie adverte:

Ó, pecador, se o seu desejo fosse atendido, você amaldiçoaria o dia em que o declarou. Quando desejos ímpios alcançam uma autoridade incontrolável – quando aqueles a quem você ama se tornam desesperadamente ímpios, quando

você se encontra triste, desamparado, desesperado, quando tenta se arrepender e não consegue, quando tenta orar e não consegue, quando tenta ser puro e não consegue – que terrível calamidade, então, você sentirá por Deus ter se afastado de você!

Ele conclui com reflexão: “Não brinque, ó homem, com sua relação com Deus”.[10]

Saul aprendeu ainda mais que o Deus que se recusou a abençoá-lo também estava agindo para derrotá-lo. [Segundo a vidente,] Samuel continuou informando a Saul que foi realmente o Senhor quem havia enviado o exército filisteu para as portas de Israel: “O SENHOR fez para contigo como, por meu intermédio, ele te dissera; tirou o reino da tua mão e o deu ao teu companheiro Davi. Como tu não deste ouvidos à voz do SENHOR e não executaste o que ele, no furor da sua ira, ordenou contra Amaleque, por isso, o SENHOR te fez, hoje, isto” (1Sm 28.17-18). Isso se refere à desobediência de Saul à palavra de Deus no capítulo 15, quando o Senhor instruiu o rei a aniquilar seus inimigos, os amalequitas. Saul havia tratado as ordens de Deus como algo de pouca importância, mas Deus as tratou como algo da maior importância. Saul pensou que seu pecado fosse algo que pudesse ser facilmente apagado, mas Deus o via como uma rebelião mortal ao seu governo soberano. Saul não deu ouvidos a Deus e, agora, Deus não falava com Saul, a não ser para anunciar a chegada do seu castigo, há muito tempo esperado. O Saul que não havia dado atenção à palavra do Senhor enfrentaria os gritos da ofensiva dos filisteus.

No seu muito interessante relato da queda de Berlim nas últimas semanas da Segunda Guerra Mundial, Cornelius Ryan fala de um telefonema dado pelo ministro da propaganda, Joseph Goebbels, a Adolf Hitler. A oeste, o exército norte-americano havia cruzado o rio Reno e estava avançando rapidamente para Berlim, enquanto, pelo leste, o exército soviético estava destruindo as defesas alemãs, finas como papel. Contudo, Goebbels ligou para o führer com notícias jubilantes. Ele havia recentemente passado a Hitler as informações astrológicas que previam duros golpes para a Alemanha no início de abril, mas uma vitória esmagadora na segunda metade do mês. Haviam chegado notícias que confirmavam a mensagem das estrelas, pois o presidente norte-americano, Franklin Delano Roosevelt, havia acabado de morrer. No entanto, a previsão de Goebbels estava totalmente errada. Hitler e Goebbels mal sabiam da total

destruição que resultaria da insensatez ímpia dos seus pecados. Mais para o fim do mês, o triunfo anunciado pelas predições astrológicas de Goebbels não havia acontecido e, no dia 30, Hitler cometeu suicídio, seguido, no dia seguinte, pelo próprio Goebbels.[11] Seja o que for que as estrelas ou outras fraudes idólatras possam sugerir, o resultado inevitável do pecado é o juízo de um Deus santo.

Saul foi lembrado, primeiro, de que Deus o havia abandonado em silêncio, e, segundo, de que Deus o estava visitando com juízo, mas também ouviu uma terceira mensagem: "O SENHOR entregará também a Israel contigo nas mãos dos filisteus, e, amanhã, tu e teus filhos estareis comigo; e o acampamento de Israel o SENHOR entregará nas mãos dos filisteus" (1Sm 28.19).*

Aí está a calamidade final do abandono de Deus. Quando o homem abandona a Deus, deseja apenas que Deus o deixe por sua própria conta. Porém, quando Deus abandona o homem, impõe a ele a sentença de morte (Rm 6.23). O homem pecaminoso violou a lei de Deus e se rebelou contra o governo de Deus. O único resultado possível para que Deus mantenha sua justiça, honra e seus direitos soberanos é o resultado predito por Jesus na sua parábola das dez minas. No tempo da sua chegada, o Senhor soberano anunciará seu decreto de juízo e morte: "Quanto, porém, a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e executai-os na minha presença" (Lc 19.27).

Se pensarmos que essa é uma descrição terrível da justiça e da ira de Deus, não nos esqueçamos que foi rejeitada sua oferta de graça no sangue sacrificial do seu próprio Filho. Se você ouviu, mas recusou a oferta do evangelho de perdão pelo sangue expiatório de Cristo, seu julgamento será não apenas por rebelião contra a autoridade divina, mas também pelo desprezo à graça salvadora. A aplicação da situação de Saul é urgente e insistente: "Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar" (Is 55.6-7).

Medo e repulsa

Não tendo mais sequer a possibilidade de arrependimento, Saul foi abandonado ao medo e à rejeição nessa última noite escura da sua alma. Ele "de súbito, caiu Saul estendido por terra e foi tomado de grande medo por causa das palavras de

Samuel” (1Sm 28.20). Aquele havia sido um dia terrível para o rei, em que não havia comido durante o dia e a noite. Vendo-o dessa maneira, a mulher foi a Saul e falou com ele com bondade. Como ela havia obedecido a Saul, ele agora devia obedecer a ela:

Agora, pois, ouve também tu as palavras da tua serva e permite que eu ponha um bocado de pão diante de ti; come, para que tenhas forças e te ponhas a caminho. Porém ele o recusou e disse: Não comerei. Mas os seus servos e a mulher o constrangeram; e atendeu. Levantou-se do chão e se assentou no leito (28.22-23).

A situação de Saul estava muito pior agora que havia consultado a médium para ouvir o espírito do falecido Samuel. Isso porque ele foi não apenas confrontado com o anúncio do ataque violento dos filisteus, mas ainda pior foi a perspectiva de abandono da parte de Deus para juízo e morte.

Nesse ponto nós nos lembramos de Davi e suas muitas provações. Davi havia sido caçado por Saul durante vários anos e agora havia fugido de Israel para se refugiar entre os filisteus. No entanto, pela fé Davi manteve seu acesso a Deus e à sua graça. O Urim da revelação divina havia sido enviado de Saul para Davi, de modo que Davi pôde se recuperar da insensatez buscando luz da parte do Senhor, assim como nós, que temos a Bíblia, podemos nos recuperar recorrendo à palavra de Deus.

À luz da condição sombria e pecaminosa de Saul, Dale Ralph Davis estimula os cristãos a refletir sobre sua própria situação nesse contexto:

Você pode estar exausto pelo trabalho. De fato, seu patrão pode estar tratando-o de maneira rude. [...] Você perdeu a saúde ou problemas familiares estão surgindo por toda parte. O texto diz que há algo muito pior. Você percebe que alívio há nisso diante de todo o seu fracasso em ter acesso ao trono da graça e à face sorridente de Deus em oração? Você percebe que tudo o que você sofreu não é nada perto do trágico gemido de uma pessoa que diz “Deus se afastou de mim”?[12]

Assim como não há sofrimento maior do que perceber que foi abandonado por Deus na hora de necessidade, não há consolo maior do que se lembrar do auxílio gracioso de Deus àqueles que o invocam em fé. Lembremo-nos de Jesus, crendo na sua promessa a todo aquele que pertence a ele por simples fé: “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?” (Hb 13.5-6, citando Js 1.5; Sl 118.6).

Sem qualquer consolo da parte do Senhor, Saul se contentou com as distrações que conseguiu encontrar. Talvez entendendo a importância das palavras de pesar [que alegou ser] de Samuel, a médium preparou uma última refeição digna de um rei: “Tinha a mulher em casa um bezerro cevado; apressou-se e matou-o, e, tomando farinha, a amassou, e a cozeu em bolos asmos. E os trouxe diante de Saul e de seus servos, e comeram. Depois, se levantaram e se foram naquela mesma noite” (1Sm 28.24-25). Talvez Saul conseguisse se esquecer do que o esperava pela manhã e da eternidade que se seguiria à sua morte, assim como os incrédulos geralmente procuram ignorar o mal-estar da sua alma. Essa foi a última refeição de Saul, na escuridão da última noite escura da sua alma neste mundo, com a companhia apenas de seus servos e de uma feiticeira condenada.

Fora das trevas

Quando refletimos sobre Saul, lembramo-nos de outra última ceia, quando Jesus Cristo se reuniu com seus discípulos no Cenáculo, na noite em que foi preso. Saul traz à mente um dos discípulos, que, apesar de todos os seus privilégios, como um dos que eram próximos do Salvador, abandonou Jesus no seu coração. João diz sobre Judas Iscariotes que “tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite” (Jo 13.30). O apóstolo estava se referindo não apenas ao tempo, mas também ao estado da alma de Judas e ao destino para o qual estava se voltando em incredulidade. Como Saul, Judas tinha um coração de trevas. As palavras de Jesus sobre Judas são verdadeiras sobre todos aqueles que se afastam de sua luz para as trevas do pecado e da autonomia, como Saul: “Melhor lhe fora não haver nascido” (Mt 26.24).

Depois da ceia, o próprio Jesus saiu para a escuridão. Como Saul, Jesus recebeu

sobre sua cabeça a maldição de uma morte profetizada. O único homem totalmente justo, o único que havia obedecido perfeitamente a vontade de Deus em cada momento da sua vida, o Filho de Davi, que era muito mais diferente de Saul do que o próprio Davi, seria pregado numa cruz para morrer pelo pecado. Marcos registra: “Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra até a hora nona. À hora nona, clamou Jesus em alta voz: [...] Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mc 15.33-34). Quando o Filho de Deus se preparou para morrer nas trevas amaldiçoadas do pecado, as palavras ditas por Saul a Samuel podiam ser igualmente ditas por ele: “Deus se desviou de mim e já não me responde” (1Sm 28.15).

No entanto, quão grande – quão infinitamente grande – era a diferença entre Saul nas trevas do seu próprio pecado e Jesus nas trevas dos pecados que ele não havia cometido. Saul, com seu coração endurecido na sua rebelião contra Deus, havia entrado numa escuridão que duraria para sempre no inferno. Mas o Salvador, Jesus Cristo, em obediência à vontade salvadora do Pai e em harmonia com a aliança de Deus para nossa salvação, entrou nas trevas da condenação para que pudesse afastar sua maldição para sempre do povo que lhe pertence pela fé. Jesus entrou nas trevas da cruz para que pudéssemos entrar na vida e na luz de sua ressurreição gloriosa. O relato sobre Saul termina com as palavras “depois, se levantaram e se foram naquela mesma noite”, tendo à sua frente somente as trevas do abandono divino (1Sm 28.25). Jesus também entrou nas trevas, mas, no terceiro dia, ressurgiu na luz do sepulcro aberto, e todos aqueles que colocam seus pecados na cruz de Cristo podem conhecer, agora, a alegria da vida eterna na sua graça. A respeito deles, o evangelho declara que “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38-39).

1 Citado em David van Biema, “Mother Teresa’s crisis of faith”, Time, 23 de agosto de 2007, http://www.time.com/time/world/article/0,8599,1655415,00.html

2 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 406.

3 Ibid., 407.

4 John R. Franke (org.), Joshua, Judges, Ruth, 1–2 Samuel, Ancient Christian commentary on Scripture, Old Testament v. 4 (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), 321.

5 Citado em Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch, Commentary on the Old Testament, 10 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), 2:544n1.

6 Ibid., 2:544–45n1.

7 Citado em Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 272.

8 Keil e Delitzsch, Commentary on the Old Testament, 2:546.

* 1Samuel 28.12 Vendo a mulher a Samuel, gritou em alta voz. Essa expressão relata o que a mulher disse ter visto, porém, nem mesmo Saul viu coisa alguma. A partir da vaga descrição da médium ele “entendeu” que era Samuel (v. 14). Em uma primeira leitura, a surpresa da mulher pode sugerir que de fato Samuel apareceu diante dela e que o fenômeno era algo fora do seu controle. Mas a surpresa foi mais provavelmente causada por haver ela reconhecido o rei (v. 12). Dizer que a aparição foi realmente de Samuel contraria vários argumentos na área teológica. O diálogo nos versos seguintes entre o suposto Samuel e Saul também foi feito por intermédio da mulher, sem nenhuma evidência de que o verdadeiro Samuel tenha dito qualquer das coisas mencionadas. Isso sem contar a descrição vaga e imprecisa que a médium dá nos próximos versos da suposta figura de Samuel e a predição equivocada de que “... amanhã, tu e teus filhos estareis comigo...” (v. 19). Ainda mais, seria incoerente, uma vez que Saul não foi respondido pelo Senhor por várias formas (nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas, v. 6), que recebesse agora uma resposta por meio do finado profeta Samuel (se fosse mesmo Samuel falando pela necromante, o Senhor agora estaria respondendo, pois Samuel não falaria de si mesmo). O autor do

agora estaria respondendo, pois Samuel não falaria de si mesmo). O autor do Livro das Crônicas, ao relatar as causas da morte de Saul (1Cr 10.13-14), diz que este morrera porque “interrogara e consultara uma necromante e não ao Senhor”. (Nota da Bíblia de Estudo de Genebra.)

[9] Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2.337.

10 Blaikie, First Samuel, 411-12.

11 Cornelius Ryan, The last battle, citado em Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 232-33.

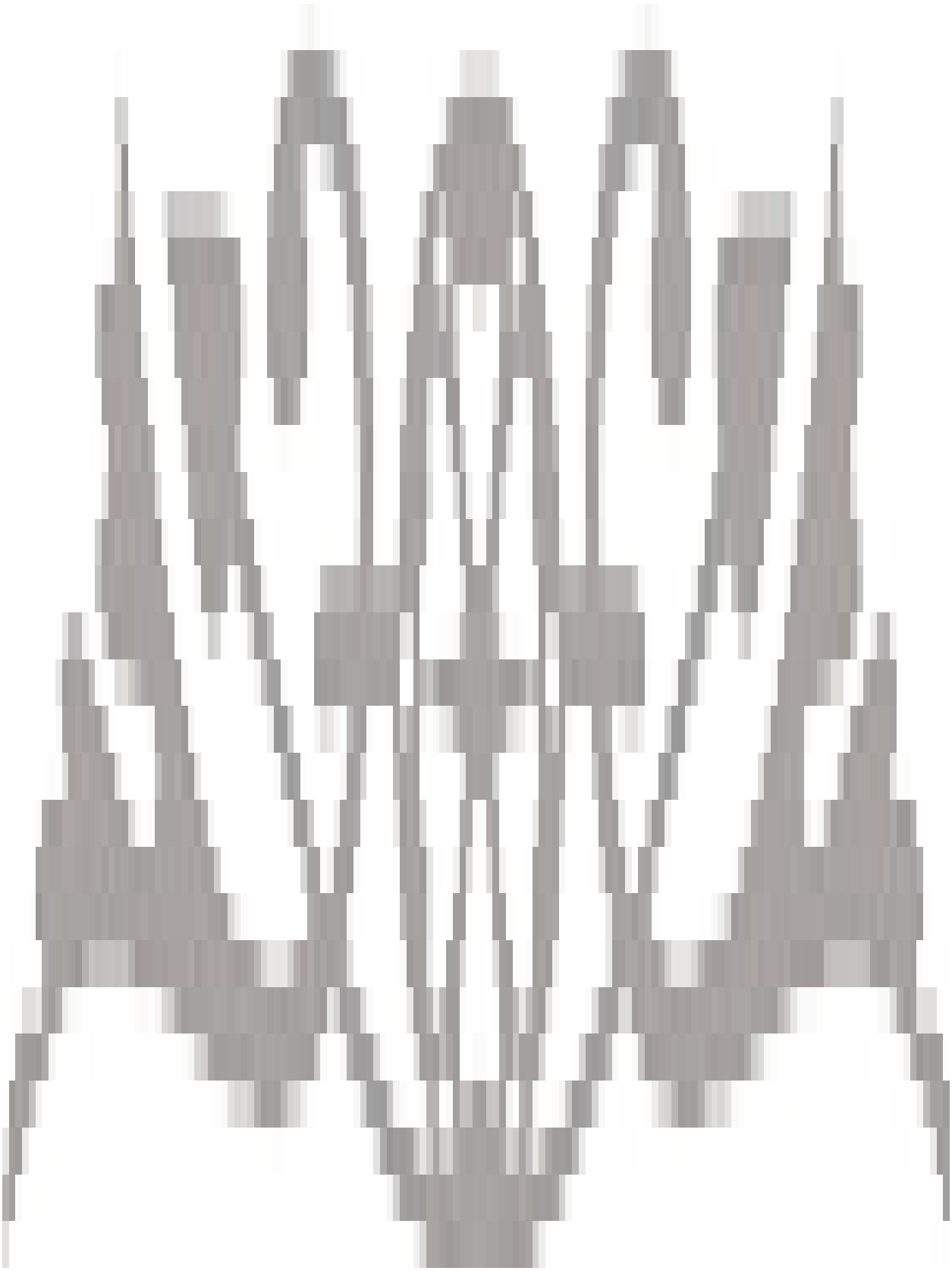
* Porque o verdadeiro profeta de Deus jamais erra em suas predições, sabemos que não foi Samuel quem disse “amanhã, tu e teus filhos estareis comigo”. Nem todos os filhos de Saul morreram no dia seguinte.

12 Davis, 1 Samuel, 239.

41

MARCHANDO COM O INIMIGO

1Samuel 29.1-11



... Davi disse a Aquis: Porém que fiz eu? Ou que achaste no teu servo, desde o dia em que entrei para o teu serviço até hoje, para que não vá pelejar contra os inimigos do rei, meu senhor? (1Sm 29.8)

Os livros históricos da Bíblia não são simples relatos de acontecimentos passados, mas narrativas teológica e pastoralmente moldadas. Para isso, foram escritos com notável habilidade, empregando cuidadosa construção para manter o suspense e o significado. Um exemplo disso é o fluxo da narrativa de 1Samuel 24–26, que apresenta Davi crescendo em graça enquanto Saul afunda-se na depravação. Um exemplo ainda melhor são os capítulos 27–31, nos quais o historiador sagrado molda a linha do tempo para apresentar seu argumento com sutileza.

Para ver a perícia dessa narrativa, devemos alinhar as ações nos capítulos finais de 1Samuel. No capítulo 27, Davi busca escapar da impiedade de Saul voltando-se para os filisteus. No capítulo 28, Saul busca salvação da rejeição de Deus buscando uma médium ocultista. No capítulo 29, Davi é salvo dos filisteus; no capítulo 31, Saul é destruído pelos filisteus. O objetivo desse arranjo não é mostrar que Davi é mais sábio ou mais virtuoso que Saul (embora, sem dúvida, ele seja). O objetivo é mostrar que o relacionamento de Davi com o Deus da graça faz diferença vital. Davi é salvo do seu erro, enquanto Saul, tendo afastado seu coração do Senhor, é destruído na sua insensatez. A lição desses capítulos é resumida por Davi no salmo 118: “O SENHOR é a minha força e o meu cântico, porque ele me salvou. [...] O SENHOR me castigou severamente, mas não me entregou à morte” (Sl 118.14,18).

Sob o estandarte dos filisteus

Podemos ver como o autor inspirado reorganizou os acontecimentos destacando a geografia na progressão desses capítulos. A passagem de 1Samuel 28.4 mostra os filisteus e Saul enfrentando-se em Suném e Gilboa, na rica região norte da Galileia, que os filisteus haviam invadido. No capítulo 29, porém, Davi se junta aos filisteus em Afeca, na planície de Saron, cerca de 48 quilômetros ao sul. Isso

significa que o capítulo 29 não apenas muda a ação de Saul para Davi, mas nos faz recuar vários dias, para a mobilização dos filisteus. Da última vez que vimos Davi, ele havia sido inesperadamente promovido à posição de guarda-costas do rei filisteu, Aquis. O escritor deixou-nos em suspense, perguntando como Davi conseguiria sair dessa situação difícil. Tendo aumentado o suspense mudando a ação para a noite escura de Saul, o autor agora volta para resolver o dilema de Davi. O escritor claramente quer que o suspense aumente nossa consciência da magnitude do problema que Davi arranjou para si mesmo.

A menção a Afeca é agourenta, pois essa era a localização do acampamento filisteu na batalha quando Israel foi arrasado e a arca da aliança foi capturada, depois do que o sumo sacerdote Eli morreu (1Sm 4.1). Esse desastre havia precipitado a designação de Saul como o rei exigido pelo povo para liderá-lo contra os filisteus. Embora Davi não soubesse disso, sabemos que a morte de Saul na batalha por vir foi predeterminada. John Woodhouse escreve: “O que aconteceu em Afeca antes de Saul se tornar rei aconteceria novamente e daria fim ao seu reinado. No fim, ‘o rei como todas as nações’, que iria ‘adiante de nós e [faria] nossas guerras’ (1Sm 8.20) havia falhado”.[1] Quer Davi tivesse consciência disso ou não, o leitor deve observar a infeliz ironia da união de Davi ao exército filisteu nesse momento e nesse lugar. Tentar resolver suas questões do seu próprio modo em vez de esperar pelo Senhor não havia funcionado muito bem para Davi.

Podemos resumir o problema de Davi desta maneira: tendo insensatamente procurado salvamento por meio dos filisteus, ele agora precisava ser salvo da sua amizade com os filisteus. Anteriormente, o problema de Davi havia sido o ódio do rei apóstata de Israel, Saul. Naquela época, esse problema parecia ser muito grande. No entanto, agora Davi tinha um problema que ameaça mais do que apenas sua vida: ele deveria ser salvo da sua aliança com os inimigos de Deus. Por 16 meses, Davi havia administrado habilidosamente essa situação precária, fazendo os filisteus pensarem que ele os estava ajudando contra Israel enquanto, na verdade, ele não estava causando nenhum dano ao povo de Deus. Como geralmente acontece, a habilidade de Davi foi incapaz de controlar as variáveis, e seu plano foi revelado como um castelo de cartas que desaba. O pior de todos os cenários havia ocorrido: seu novo rei filisteu havia saído para guerrear contra Israel.

Com o exército filisteu, incluindo Davi, mobilizando-se contra o povo da aliança de Deus, Davi foi obrigado a fazer uma escolha decisiva que determinaria seu

futuro. Se demonstrasse lealdade a Aquis, seu novo rei, ele estaria agora em posição totalmente oposta a Israel, seu próprio povo. Davi seria um apóstata, na lamentável condição posteriormente descrita pelo apóstolo Paulo: “Sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2.12). Mas como Davi se livraria das suas obrigações para com os filisteus? E como geralmente acontece quando o povo de Deus se envolve em pecado e impiedade, Davi estava agora mais enredado do que imaginou ser possível, talvez tendo ido longe demais para conseguir voltar.

Levando uma vida dupla

Devemos refletir sobre como a história de Davi se relaciona com o plano salvador de Deus que culminaria na vinda de Cristo e como a vida de Davi lança luz sobre nossa fé hoje. Geralmente tratamos Davi como um tipo que prenuncia a pessoa e a obra de Cristo. Esse é classicamente o caso na vitória de Davi sobre Golias, o gigante filisteu. Porém, tendo ido para os filisteus, Davi não age mais como um precursor de Jesus. Como, então, a experiência de Davi nesse caso aponta para a nova aliança e instrui a vida dos cristãos hoje?

A resposta é que, tendo se desviado do seu papel tipológico como precursor de Cristo, Davi é, agora, um típico servo inconstante de Deus. Ele cometeu um erro clássico ao qual todos estamos inclinados: tentar levar uma vida dupla com respeito a Cristo e ao mundo. Davi havia buscado salvamento temporal com os filisteus enquanto buscava sua salvação eterna com Deus. Davi era como uma pessoa hoje que quer ir para o céu e por isso professa sua fé em Jesus. No entanto, ela também quer segurança financeira, por isso acumula dinheiro e segue o movimento da bolsa de valores com dedicação religiosa. Ela quer prazer e aprovação, por isso bebe da gamela do entretenimento sensual mundano. E, desejando uma eternidade no céu, aos domingos presta seus respeitos a Cristo na igreja.

Qual é o problema com essa perspectiva de vida, com a busca de Davi por segurança terrena entre os filisteus e segurança eterna com Deus? O problema é que os dois estão em guerra. A situação é bem descrita pela pergunta de Paulo: “Que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do

crente com o incrédulo?” (2Co 6.14-15). No fim, Davi não conseguiria manter sua lealdade aos filisteus – juntamente com a aprovação e proteção deles – sem abandonar sua lealdade a Deus, e vice-versa. Assim acontece com o pretenso cristão. Para obter um salvamento terreno por parte do mundo, não será capaz de viver a vida de fé que é exigida daqueles que esperam pelo céu por meio de Jesus Cristo.

Refletindo desse modo sobre Davi, percebemos que não somente ele é semelhante a muitos pretensos cristãos hoje, mas tornou-se especialmente semelhante ao seu inimigo, Saul. E essa constatação é muito angustiante, já que sabemos que a sentença de morte de Saul está prestes a chegar. O povo de Israel havia exigido Saul porque queria um rei “como todas as nações” (1Sm 8.20) e Saul era mais alto, mais bonito e mais habilidoso que seus pares. Ao afastar-se da sua confiança no Senhor, Davi havia feito seu futuro depender das suas próprias qualidades semelhantes às de Saul. Assim como o pragmatismo incrédulo de Saul o estava levando à ruína, o pragmatismo incrédulo de Davi também o estava colocando “entre a cruz e a espada”.

No entanto, havia uma diferença entre Davi e Saul. A diferença era o relacionamento de Davi com o Senhor. Saul, tendo endurecido seu coração contra o Senhor, havia sido, por fim, repudiado por Deus. Davi, contudo, ainda não havia perdido sua fé. Basicamente, a diferença entre os dois homens – a razão pela qual um era um apóstata a ser julgado e o outro era um desviado a ser amorosamente disciplinado – é a graça soberana de Deus. A graça preservadora de Deus é, sem dúvida, a razão pela qual a fé de Davi prevaleceu. Isso é o que o escritor quer mostrar quando organiza as cenas no fim de 1Samuel. Enquanto o fato decisivo no reinado fracassado de Saul foi sua confiança em sua força, habilidade e astúcia, o reinado de Davi se apoiaria numa base totalmente diferente. Davi aprenderia que, apesar de toda sua prodigiosa habilidade, seus planos autoconfiantes quase o haviam levado à ruína eterna, de modo que sua verdadeira e única esperança estava na graça do seu Deus salvador.

“Faze voltar este homem”

Espiritualmente, essa aventura na Filístia representa o período mais perigoso na vida de Davi. Davi havia cruzado a linha, transgredindo sua fé em Deus, quando passou de Israel para o santuário da Filístia. Não obstante, embora sua fé tivesse

esmorecido, ela ainda não havia morrido. Vemos isso na campanha de 16 meses de Davi contra os inimigos de Israel, durante os quais recusou-se a agir como um inimigo do povo de Deus, muito embora tivesse buscado refúgio entre os inimigos de Israel. Davi não havia apostatado. Ele não havia abandonado a confiança no Senhor. Contudo, ele havia falhado. A perseguição de Saul o havia vencido, de modo que, se sua fuga para a Filístia não o desqualificava para ser rei de Israel, colocava-o sobre o fio de uma navalha. Tudo o que havia restado a Davi era a graça de Deus para livrá-lo. Os acontecimentos desse capítulo e dos seguintes mostram que a graça de Deus é suficiente. A graça de Deus, se isso for tudo o que tivermos, é suficiente para livrar-nos do mal – o mal do mundo e o nosso próprio mal – e conduzir-nos à salvação.

Ironicamente, quando aprouve a Deus livrar seu servo inconstante da armadilha em que havia caído, ele usou os filisteus como instrumento para livrar Davi dos próprios filisteus. Para ver isso, voltemos às tropas em Afeca: “Os príncipes dos filisteus se foram para lá com centenas e com milhares; e Davi e seus homens iam com Aquis, na retaguarda. Disseram, então, os príncipes dos filisteus: Estes hebreus, que fazem aqui?” (1Sm 29.2-3).

A nação dos filisteus era governada pelos príncipes das suas cinco cidades principais, dos quais Aquis era um. Quando os vários príncipes, com suas tropas, chegaram ao acampamento, ficaram horrorizados ao ver ali soldados israelitas. Aquis achou que poderia explicar isso com facilidade, mas sua resposta foi ainda mais problemática: “Não é este Davi, o servo de Saul, rei de Israel, que esteve comigo há muitos dias ou anos? E coisa nenhuma achei contra ele desde o dia em que, tendo desertado, passou para mim, até ao dia de hoje” (1Sm 29.3). Ele explicou que aqueles israelitas eram mercenários, e haviam provado serem confiáveis ao seu serviço. Vemos aqui que a duplicidade de Davi havia sido totalmente convincente a Aquis, que acreditava que Davi havia traído seu povo e não tinha outra escolha senão juntar-se aos filisteus.

Contudo, os outros filisteus não foram convencidos tão facilmente, e apresentaram seu argumento a Aquis com ira. O primeiro argumento deles foi um apelo à prudência: “Faze voltar este homem, para que torne ao lugar que lhe designaste e não desça conosco à batalha, para que não se faça nosso adversário no combate; pois de que outro modo se reconciliaria com o seu senhor? Não seria, porventura, com as cabeças destes homens?” (1Sm 29.4). Vários comentaristas sugerem que, com base na evidência, os príncipes filisteus haviam corretamente previsto a intenção de Davi. A última coisa que eles queriam

quando fossem para a batalha era um grupo de israelitas armados na sua retaguarda.

Além do argumento da prudência, os líderes filisteus argumentaram com base na História: “Não é este aquele Davi, de quem uns aos outros respondiam nas danças, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares?” (1Sm 29.5). Este cântico persistente de exaltação à glória militar de Davi, entoado nos primeiros dias pelas mulheres de Israel, havia causado a Davi mais problemas do que o cântico valia. Foi por Saul tê-lo ouvido pela primeira vez que sentiu inveja do seu servo fiel. Os comandantes filisteus ficaram irados por Aquis provavelmente ser tão ingênuo a ponto de pensar ser seguro incluir Davi – aquele Davi – na batalha da invasão deles a Israel.

Os príncipes filisteus avaliaram corretamente a situação com relação a Davi. Se tivessem a Bíblia, poderiam ter apresentado várias passagens para provar seus argumentos, começando em Gênesis 3. Por que sempre há uma incompatibilidade entre o povo de Deus e o mundo? A principal razão é que Deus desejou que fosse assim. Quando Adão e Eva fizeram cair toda a nossa raça por causa da desobediência deles à ordem de Deus, o Senhor reagiu com uma série de maldições sobre todos os participantes: a serpente, a mulher e o homem. O propósito dessas maldições era tanto penal quanto redentor. Em particular, Deus amaldiçoou a serpente, por trás da qual estava Satanás, com estas palavras: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15).

Essa promessa básica da nossa salvação, conhecida pelos teólogos como protoevangelho, ou “primeiro evangelho”, estabelece duas prioridades. A primeira é a hostilidade entre a mulher e sua descendência e Satanás e sua descendência. Isso refere-se à linhagem de filhos crentes que viria de Adão e Eva e à linhagem dos incrédulos, pessoas mundanas que seguiriam os caminhos pecaminosos do diabo. Essas duas linhagens aparecem no capítulo seguinte, Gênesis 4, quando o incrédulo Caim ficou tão ressentido pelo favor de Deus a Abel, seu irmão crente, que o matou com ira. A segunda prioridade do evangelho foi que um descendente específico de Eva nasceria para vencer o reino de Satanás e do pecado. “Este te ferirá a cabeça”, Deus disse à serpente, “e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15). Satanás aplicou seu golpe contra Jesus Cristo quando providenciou sua morte torturante na cruz. No processo, no entanto, Jesus esmagou a cabeça de Satanás, destruindo seu governo sobre o povo de Cristo, ao pagar com seu próprio sangue a penalidade pelos pecados de seu

povo.

O que os príncipes filisteus perceberam, e o que Davi deveria ter sabido de sua Bíblia, é que esses dois princípios necessariamente caminham juntos. Aqueles que pertencem ao Salvador e são perdoados e justificados por Deus também são aqueles que sofrem a hostilidade do mundo incrédulo e que, por isso, não podem ter êxito em colaborar com os ímpios. Jesus disse aos seus discípulos: “Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15.19). Davi não pode, definitivamente, marchar nas fileiras dos filisteus por causa da inimizade que Deus estabeleceu entre os dois.

O exemplo de Davi nesse capítulo mostra que essa inimizade entre o povo de Deus e o mundo é estabelecida, em parte, para a proteção dos cristãos. Os prazeres e tesouros do mundo são tangíveis aos nossos sentidos, enquanto as bênçãos do céu são invisíveis sem a fé (2Co 5.7). Portanto, para que o povo de Deus não seja tão tolo a ponto de manter colaboração com os poderes do mundo, Deus colocou uma inimizade no coração do mundo contra seu povo. Embora Davi pudesse confortavelmente manter sua aliança com os filisteus, os comandantes filisteus olhavam para o servo do Senhor com uma hostilidade preordenada por Deus, por isso objetaram: “Estes hebreus, que fazem aqui?” (1Sm 29.3). Os cristãos que percebem essa prioridade bíblica, juntamente com a ordem bíblica de separação moral e espiritual, se não sempre uma separação física (Êx 33.16), não ficarão surpresos nem assustados com a hostilidade do mundo, mas reconhecerão o cuidado protetor de Deus com sua alma eterna.

O elogio dos ímpios

Se os príncipes filisteus foram hostis à presença de Davi, Aquis não poderia defendê-lo com eficácia. Uma das ironias desse capítulo é que quase metade do seu conteúdo envolve Aquis defendendo a lealdade de Davi, quando, de fato, Davi não havia sido leal a ele.

Depois de receber as ordens iradas dos seus pares,

Aquis chamou a Davi e lhe disse: Tão certo como vive o SENHOR, tu és reto, e me parece bem que tomes parte comigo nesta campanha; porque nenhum mal tenho achado em ti, desde o dia em que passaste para mim até ao dia de hoje; porém aos príncipes não agradas. Volta, pois, agora, e volta em paz, para que não desagrades aos príncipes dos filisteus (1Sm 29.6-7).

Poderíamos pensar que essas palavras representassem para Davi seu livramento de uma situação difícil, a saber, marchar com o exército filisteu numa batalha contra Israel. É muito surpreendente, então, saber da objeção de Davi: “Porém que fiz eu? Ou que achaste no teu servo, desde o dia em que entrei para o teu serviço até hoje, para que não vá pelejar contra os inimigos do rei, meu senhor?” (29.8). Apologeticamente, Aquis respondeu a Davi: “Bem o sei; e que, na verdade, aos meus olhos és bom como um anjo de Deus; porém os príncipes dos filisteus disseram: Não suba este conosco à batalha. Levanta-te, pois, amanhã de madrugada com os teus servos, que vieram contigo; e, levantando-vos, logo que haja luz, parti” (29.9-10). Aquis estava triste por ter sido negado a Davi a oportunidade de marchar contra seu próprio povo, concordando que Davi merecia esse privilégio. Contudo, os príncipes filisteus haviam ordenado e nada mais havia a ser feito. O capítulo conclui: “Então, Davi de madrugada se levantou, ele e os seus homens, para partirem e voltarem à terra dos filisteus. Os filisteus, porém, subiram a Jezreel” (29.11).

O que Davi estava fazendo? Há duas escolas de pensamento. Uma diz que Davi estava meramente levando sua falsa lealdade ao fim necessário, para que não houvesse suspeitas sobre sua duplicidade. Matthew Henry expressa essa opinião, escrevendo: “Ele parecia ansioso para servir quando, na verdade, estava ansioso para ir embora, mas não queria que Aquis soubesse disso”.[2]

A outra interpretação da objeção de Davi é que os príncipes filisteus haviam corretamente percebido a verdadeira intenção de Davi, a saber, voltar-se contra eles no calor da batalha para obter uma vitória decisiva em favor de Israel. Pistas dessa intenção podem ser deduzidas da conversa de Davi. Observe quanto Aquis estava sendo enganado por Davi, jurando pelo Deus de Davi (1Sm 29.6) e dizendo que Davi era, aos seus olhos, “como um anjo de Deus” (29.9). Davi havia sido aparentemente aceito pela ingenuidade de Aquis, de modo que falou em linguagem que podia ter vários significados. Ele expressou seu zelo em “pelejar contra os inimigos do rei, meu senhor” (29.8). Aquis presumiu que Davi

estivesse se referindo a ele como rei e a Israel como seus inimigos, mas Davi podia estar falando de modo enganoso para se justificar de qualquer maneira. A linguagem “rei meu senhor” era a designação habitual de Davi ao rei Saul (veja 24.8; 26.19) e o título que seria usado para fazer referência a Davi incontáveis vezes depois que assumisse o trono de Israel. Essa interpretação das palavras de Davi certamente é coerente com o atrevimento com que Davi havia mentido e enganado Aquis virtualmente desde o momento em que chegou. Se esse entendimento estiver correto, então Davi estava sinceramente tentando reverter a ordem dos príncipes filisteus, para que pudesse colocar em ação um plano desesperado de redimir-se e livrar Israel por meio de um ataque traiçoeiro a partir de dentro das fileiras dos filisteus.

Como podemos avaliar essa seção final do capítulo? Primeiro, devemos observar que o elogio por parte dos incrédulos geralmente é recomendável. A conduta do povo de Deus deve ser tal que mereça a aprovação até mesmo dos líderes, vizinhos e colegas de trabalho deste mundo. Henry escreve: “O povo de Deus deve se comportar sempre tão inofensivamente quanto for possível para receber a aprovação daqueles com os quais lida; e isso é algo que devemos àqueles que se acostumaram a elogiá-lo”.[3]

O problema nesse caso é que Aquis elogiou Davi não por causa de trabalhos bem realizados e honestamente apresentados, mas por causa do sucesso de Davi em enganar seu senhor filisteu quanto ao seu verdadeiro comportamento. Davi era como um funcionário que recebeu uma promoção não por causa de trabalho honesto e realizações, mas pela falsificação de relatórios e roubo do crédito de outros. A esse respeito, o elogio de Aquis meramente mostra quanto Davi havia se comprometido ao buscar salvação com base na sua própria capacidade e sabedoria. A Bíblia ordena que o povo de Deus incorpore candura e honestidade, especialmente ao lidar com pessoas que têm o direito de esperar integridade de nossa parte: “Seja o vosso sim sim, e o vosso não não”, diz Tiago 5.12. A única razão pela qual Aquis elogiou Davi foi que o filisteu pensava que Davi havia traído seu próprio povo, que estava servindo impiamente como um traidor ao atacar o povo de Israel e que, portanto, nunca poderia voltar para casa e estava preso a serviço do rei de Gate. Em outras palavras, o elogio de Aquis a Davi era fruto das desonestas manipulações de Davi e da aprovação, por Aquis, da impiedade que ele pensava que Davi estava cometendo. Um elogio como esse não é do tipo que recebe a aprovação de Deus.

Infelizmente, a ação de Davi para receber o elogio do mundo é a mesma que

muitos pretensos cristãos adotam hoje. Eles tentam ser o mais parecidos possível com o mundo, sem renunciar definitivamente à sua fé em Jesus Cristo. A esse respeito, vemos que os príncipes filisteus hostis mostram mais discernimento que Aquis, que se apresenta como alguém de mente fraca e insensato. Os outros príncipes filisteus olharam para Davi e seus seguidores e objetaram: “Estes hebreus, que fazem aqui?” (1Sm 29.3). Eles não estimavam um crente como Davi meramente pelo fato de usar as cores dos filisteus e não confiavam num homem que fingia ser um filisteu, mas no seu coração ainda era um israelita. Alexander Maclaren escreve sobre esse tipo de seguidor de Cristo que faz concessões desonrosas:

Você acha que o mundo respeita esse tipo de cristão ou considera sua religião como o tipo de coisa a ser admirada? Não; a pergunta que fazemos sobre essas pessoas é a pergunta com que Davi foi humilhado por ela ter sido lançada sobre sua cabeça – ‘Estes hebreus, que fazem aqui?’. ‘Que voltem para suas montanhas, o lugar deles não é aqui.’ O mundo respeita um cristão íntegro; mas nem Deus nem o mundo respeitam um cristão incoerente.[4]

Segundo, observamos que, mais uma vez, Davi é livrado pela graça interveniente de Deus. Podemos imaginá-lo frustrado quando parte de Afeca retira seu grupo armado da batalha decisiva daquela geração. É muito difícil para os crentes deixar para trás sua astúcia segundo este mundo para esperar no Senhor em obediência à sua palavra. Essa é uma lição que virtualmente todos os crentes acham difícil aprender, mas que Deus está determinado a nos ensinar por meio de muitas provações e livramentos graciosos.

O que teria acontecido, perguntamos, se o Senhor tivesse permitido que Davi seguisse seu plano nessa ocasião? Davi teria tido sucesso, marchando nas fileiras dos filisteus contra as tropas de Saul? Como ele e seus homens teriam reagido quando olhassem do outro lado da planície e vissem seus vizinhos, seus primos e os estandartes de Israel no exército “inimigo”? É possível, especialmente tratando-se de um homem tão capacitado e carismático como Davi, que ele mudasse a estratégia, atacando os filisteus pelas costas no momento decisivo da batalha e salvando o dia para si mesmo e para seu povo. Porém, mesmo em caso de sucesso, os riscos seriam grandes e a repercussão seria séria. Quando Davi se

tornasse rei, que rei estrangeiro confiaria nele, e como seus seguidores teriam certeza do que seu líder realmente tinha em mente ao falar com palavras que podiam ser interpretadas de várias maneiras e que havia praticado tão grande trapaça? Além disso, que outro excesso Davi poderia cometer no futuro se fosse bem-sucedido num plano tão temerário e precário como o que ele tramou na Filístia? A opinião do Senhor sobre o estratagema de Davi pode ser observada pelo veto da providência divina: Deus livrou Davi não somente dos filisteus, mas também de si mesmo por meio da suspeita dos príncipes filisteus. Será interessante, quando virmos nossa própria vida pela perspectiva do céu, descobrir por quantas intervenções do Senhor temos de agradecer – intervenções que nos frustraram, mas que, na verdade, nos livraram da nossa insensatez e incredulidade. Davi pode ter parecido a Aquis tão inocente quanto um anjo, mas sua conduta não resistiu diante dos anjos de Deus.

Na sua graça, Deus livrou Davi da sua insensatez e dos seus inimigos. Um resultado da aventura de Davi no mundanismo, contudo, é que ele ficou ausente da grande batalha do seu povo naquela geração. Na verdade, a culpa pela sua ausência é, em grande parte, por Saul tê-lo expulsado de Israel. No entanto, Davi, ao consultar seu próprio conselho, e não a palavra de Deus, e ao recorrer à sua própria astúcia, em vez de recorrer a Deus em oração, buscou um curso de ação que o tornou inútil no dia da necessidade do seu povo.

O mesmo é verdadeiro hoje quando muitos cristãos que adotaram os caminhos do mundanismo em vez de buscar o caminho da piedade apresentado na Escritura vivem tão perto quanto possível do mundo, em vez de tão perto quanto possível de Deus. Muitas dessas pessoas serão salvas no fim, por meio de uma fraca, mas salvadora fé em Jesus Cristo. Porém, na batalha pela verdade e pela piedade em sua geração, na obra do evangelho para a salvação de almas, não terão contribuído virtualmente com nada. Paulo escreve que, no dia da vinda de Cristo, “manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão” (1Co 3.13-14). Mas outros, que viveram em constante compromisso com o mundo, verão que a contribuição de sua vida se queimou como escória, por mais impressionante que possa ter parecido aos olhos do mundo. Sobre tal pessoa, Paulo escreve: “Esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo” (1Co 3.15). Assim aconteceu com Davi quando seu grupo se afastou da batalha para voltar para sua base em Ziclague.

Não há culpa nele

Eu disse que, na Filístia, as ações de Davi não tipificam a pessoa e a obra de Jesus Cristo. No entanto, nas palavras de Aquis a Davi ouvimos um eco das palavras que seriam ditas a Jesus no julgamento antes da sua crucificação. Aquis disse a Davi: “Nenhum mal tenho achado em ti, desde o dia em que passaste para mim até ao dia de hoje” (1Sm 29.6). À luz da revelação de Deus, essas palavras a respeito de Davi provaram ser falsas. Se o mundo disser o mesmo sobre nós, a luz da verdade revelará que elas são falsas também. Mas, no seu julgamento perante Pilatos, palavras quase idênticas foram ditas sobre Jesus Cristo. Pilatos declarou sobre Jesus: “Nada verifiquei contra ele dos crimes de que os acusais” (Lc 23.14). Tendo examinado Jesus completamente, Pilatos deu um veredito que se sustenta nas cortes dos anjos e de Deus: “Não acho nele crime algum” (Jo 18.38).

É apenas porque essas palavras, falsamente ditas sobre Davi, eram verdadeiras sobre Jesus Cristo, e porque Jesus não livrou a si mesmo da pena de morte que nossos pecados merecem, que nós, como Davi, temos um Salvador que nos livra do mal. A grande diferença entre Davi e Saul, e a diferença entre os cristãos hoje e o mundo incrédulo, não é que somos achados dignos de elogios, sem culpa ou insensatez alguma. A diferença é que aceitamos, pela fé, o Salvador, que é o único digno desse elogio, e que, pela sua morte sacrificial, livrou-nos não apenas da condenação dos homens, mas também da condenação de Deus, para que possamos servir a ele na batalha desta época e, depois, entrar na vida eterna. Jesus disse: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.24).

1 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 521.

2 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:341.

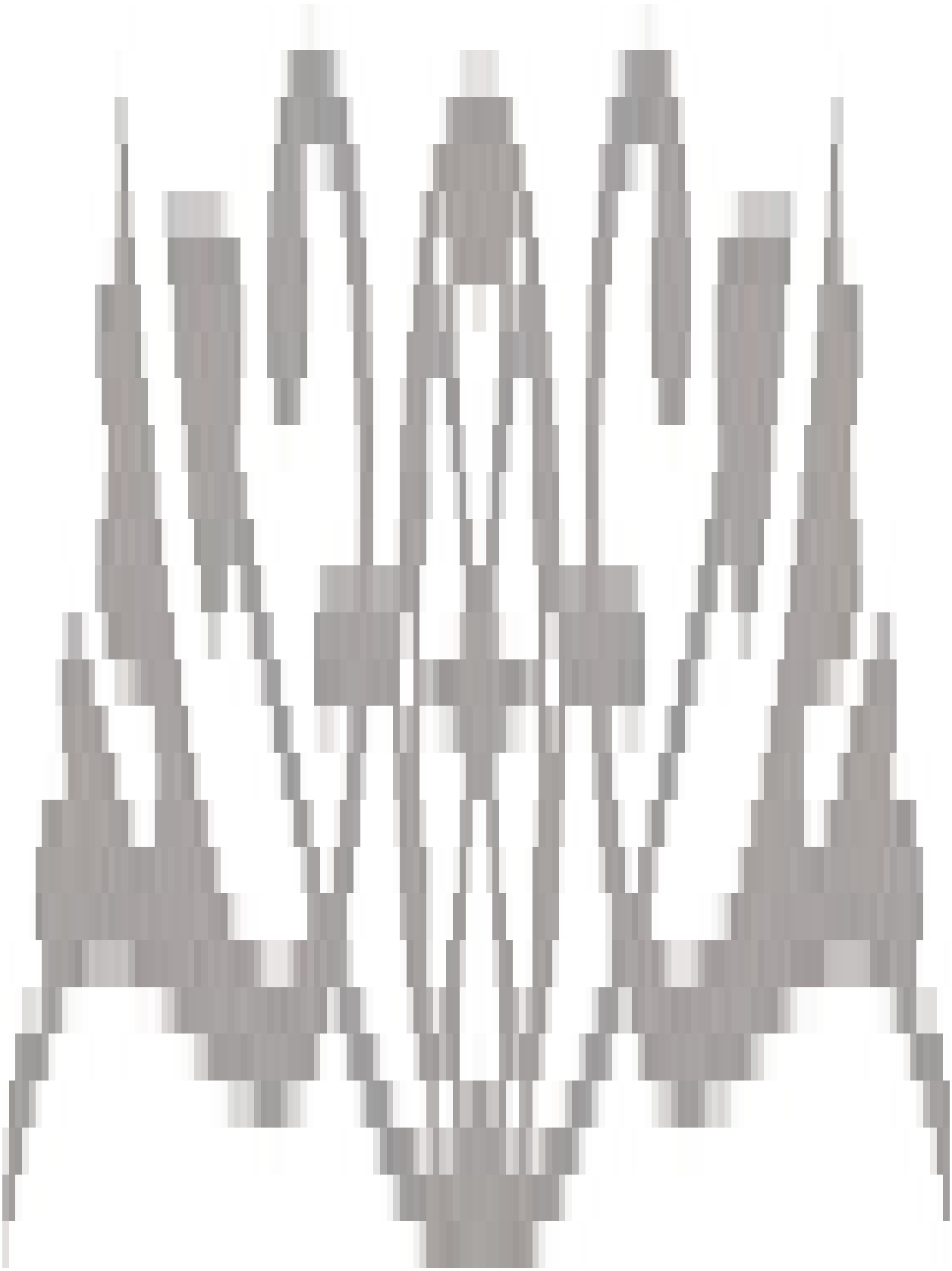
3 Ibid.

4 Alexander Maclaren, Expositions of Holy Scripture, 17 v. (Grand Rapids: Baker, 1982), 2:382-83.

42

FORTALECIDO NO SENHOR

1Samuel 30.1-31



Davi muito se angustiou, pois o povo falava de apedrejá-lo, porque todos estavam em amargura, cada um por causa de seus filhos e de suas filhas; porém Davi se reanimou no SENHOR, seu Deus. (1Sm 30.6)

Jacob DeShazer nasceu numa família cristã, mas cresceu como rebelde à fé dos seus pais. Em 1942, tendo se alistado na Força Aérea, Jacob estava a bordo do USS Hornet no oceano Pacífico, preparando-se para o que a História chamaria de o famoso Ataque Doolittle. Batizado com o nome do seu comandante, o tenente-coronel James Doolittle, esse ataque seria a primeira retaliação da América ao ataque japonês a Pearl Harbor. O culto de Páscoa realizado a bordo estava lotado de aviadores, mas DeShazer não estava interessado. Duas semanas mais tarde, Jacob decolou com seu esquadrão e, como bombardeiro, certificou-se de que as bombas do seu avião haviam atingido o alvo na cidade de Nagoia, Japão.

O ataque Doolittle foi uma viagem só de ida, pois a tripulação havia recebido a ordem de saltar de paraquedas sobre a neutra China. No entanto, dois dos bombardeiros, incluindo o de DeShazer, perderam-se sobre território controlado pelos japoneses, e Jacob foi tomado como prisioneiro de guerra.

Os três anos seguintes seriam infernais para DeShazer e seus amigos. Eles foram torturados para fazer confissões e ficaram meses em confinamento solitário. Vários foram executados publicamente e os demais permaneceram presos como criminosos de guerra. Jacob manteve-se vivo cultivando um ódio intenso pelos seus captores japoneses. Com o tempo, os aviadores sobreviventes foram transferidos para uma prisão militar na China e receberam gentilezas básicas, como uma única Bíblia para ler. Quando chegou a vez de Jacob ter a Bíblia, ele a leu direto, começando em Gênesis, vendo as profecias do Antigo Testamento confirmadas na descrição que o Novo Testamento faz de Jesus. Em sua leitura de Romanos 10.9, ele recebeu graça de Deus para crer, confessou seus pecados e conheceu a alegria do perdão de Deus. Como Paulo havia escrito, DeShazer invocou o nome do Senhor e foi salvo. Mais tarde ele escreveu: “Meu coração muito se alegrou com minha nova vida espiritual, muito embora meu corpo estivesse sofrendo terrivelmente pelos castigos físicos e pela falta de comida”.[1] Na mais profunda agonia, Deus havia dado vida à alma de Jacob DeShazer.

Desastre em Ziclague

Jacob DeShazer não foi a primeira pessoa que precisou ser humilhada antes de ter o coração aberto ao chamado do Senhor para a salvação. Um exemplo mais famoso é o do grande herói do Antigo Testamento, Davi. Davi havia fugido da perseguição de Saul, rei de Israel, e buscado refúgio entre os filisteus, uma ação que a Bíblia considera como ter passado para os ímpios (1Sm 27.2). Para se ambientar entre os ímpios, Davi adotou uma vida de engano quando secretamente fazia guerra aos inimigos de Israel. Sua astúcia chegou ao fim quando os filisteus se reuniram para invadir Israel, forçando Davi a se alinhar abertamente com os inimigos de Israel ou se revelar um traidor contra seus novos amigos. Justamente quando Davi parecia ter sido pego, Deus o livrou por meio da suspeita dos príncipes filisteus, que objetaram a ter um contingente israelita no exército deles. O capítulo 29 conclui com Davi ainda fazendo seus planos, saindo relutantemente da cena de ação para sua base, no sul do deserto.

O capítulo 30 retoma o fim da marcha de Davi e seus 600 homens para Ziclague. Durante a jornada de três dias, o coração de todo o grupo deve ter se alegrado ante a perspectiva de descanso depois de muita angústia e do alegre encontro com suas esposas e filhos. No entanto, quando o grupo se aproximou, ficou alarmado ao ver o sinal de fumaça no horizonte. Podemos facilmente imaginar as fileiras se desfazendo e os homens correndo em direção às suas casas. A visão que os recebeu era o pior dos seus pesadelos:

Os amalequitas tinham dado com ímpeto contra o Sul e Ziclague e a esta, ferido e queimado; tinham levado cativas as mulheres que lá se achavam, porém a ninguém mataram, nem pequenos nem grandes; [...] Davi e os seus homens vieram à cidade, e ei-la queimada, e suas mulheres, seus filhos e suas filhas eram levados cativos (1Sm 30.1-3).

Depois de todas as privações por tantos anos – mês após mês de perseguição, fuga e perigo – Davi havia então chegado ao limite dos seus recursos. Entre os ausentes estavam as duas esposas de Davi, Ainoã e Abigail (30.5). Isso era de

mais, e “Davi e o povo que se achava com ele ergueram a voz e choraram, até não terem mais forças para chorar” (30.4).

Esse golpe não foi demais apenas para Davi, mas também foi a última gota para seus homens exaustos. Eles haviam se juntado a Davi por causa dos seus próprios problemas com Saul, mas também por causa da promessa de bênção associada ao jovem herói. Ali haviam vivido grandes momentos, mas o coração deles não conseguia mais suportar a amargura da aflição à qual Davi os havia conduzido. Era o suficiente. Os homens agora manifestavam sua ira contra seu líder: “Davi muito se angustiou, pois o povo falava de apedrejá-lo, porque todos estavam em amargura, cada um por causa de seus filhos e de suas filhas” (1Sm 30.6).

Esse foi o fundo do poço para Davi. Ele estava separado do povo de Israel e das ordenanças da religião salvadora. Seus planos desesperados para ganhar tempo haviam sido um desastre. As esposas que lhe davam consolo estavam sofrendo horrores desconhecidos por causa do seu fracasso, e seus homens, tendo perdido filhos e esposas, não queriam mais segui-lo. Davi merecia o desprezo deles, tendo incrivelmente deixado sua base totalmente desguarnecida enquanto marchava com os filisteus, deixando os amalequitas, que ele havia provocado por 16 meses, livres para saquear e pilhar. Dale Ralph Davis comenta:

Aqui está um sério e perturbador retrato do povo de Deus. Não há momentos em que você acha que as coisas não podem piorar? E 1Samuel 30 diz: Sim, podem. Há momentos em que você conclui que seu problema atual é a última gota. Então vem Ziclague, a última gota depois da última gota.[2]

Podemos pensar em pelo menos duas razões pelas quais Davi sofreu tanto em Ziclague. A primeira foi que ele havia se desviado da sua fé, de modo que todos os seus sofrimentos haviam sido causados, basicamente, por ele mesmo. A segunda é que sabemos que Deus estava preparando Davi para uma liderança singularmente importante e, por isso, estava determinado a chamar a atenção de Davi e levar seu coração de volta à obediência confiante.

O que Davi deveria fazer nessa situação chocante, com seus homens literalmente ajuntando pedras para dar um fim à sua vida e ao seu governo? De uma

perspectiva de liderança, a melhor coisa que um líder questionado pode fazer é simplesmente liderar. Quando eu era tenente do exército, foi contada a história de uma companhia de blindados que se amotinou durante a guerra do Vietnã por causa de fadiga e desespero. Seu coronel chegou, tirou o capitão do comando e ordenou que os soldados o seguissem num ataque ao inimigo. Os soldados irados perguntaram por que o coronel achava que eles o seguiriam. Ele respondeu: "Porque eu sou o coronel, e a comida, a munição e o apoio de artilharia vão aonde eu vou". Um a um, os blindados começaram a seguir o coronel e a obediência foi restaurada. Davi fez algo parecido quando convocou o sumo sacerdote, Abiatar, e lhe pediu para consultar o Senhor. Se os homens de Davi quisessem recuperar suas esposas e filhos, precisavam do auxílio de Deus, e Deus se revelava somente ao seu servo ungido, Davi.

No entanto, antes de controlar seus homens Davi tinha de controlar a si mesmo. Seu longo surto de autoconfiança o havia levado à beira da morte, então era hora de abandonar seu programa de salvar a si mesmo. Nesse momento de total desespero, Davi fez uma coisa muito necessária: "Davi se reanimou no SENHOR, seu Deus" (1Sm 30.6). Se anteriormente Davi havia recorrido aos seus próprios recursos, virtualmente sem orar e sem recorrer à palavra de Deus, ele agora se afastava de sua própria força e se dedicava ao Senhor. Quando lemos que Davi "se reanimou no SENHOR, seu Deus", isso não significa que ele realizou algum ritual que supostamente lhe daria auxílio divino, nem que a intensidade emocional da situação o colocou num plano espiritual superior, mas que, apenas pela fé, ele se apegou ao Senhor e às suas promessas de salvação.

O que significa "se reanimar" em Deus? Temos uma pista de uma ocasião anterior em 1Samuel quando Jônatas foi a Davi quando este estava em angústia e "lhe fortaleceu a confiança em Deus" (1Sm 23.16). Jônatas fez isso lembrando a Davi da promessa de Deus de elevá-lo ao trono, de modo que até mesmo Saul sabia que não seria bem-sucedido contra Davi (23.17). Esse incidente sugere que, agora em Ziclague, sem o auxílio de Jônatas, Davi se lembrou das promessas de Deus. Sem dúvida, ele também se lembrou do auxílio anterior do Senhor ao livrá-lo e refletiu sobre a natureza de Deus, incluindo sua onipotência, fidelidade e soberania. Juntando todos esses atributos, Davi se recuperou do seu medo e angústia pensando em Deus e recorrendo pessoalmente a ele em busca de salvamento. Enquanto Saul, na sua angústia, havia buscado consolo numa feiticeira ocultista, recebendo o juízo de morte da parte de Deus (1Sm 28), Davi buscou força no Senhor e recebeu nova vida.

Outro exemplo de um crente que se voltou para Deus em busca de força é o pastor escocês Andrew Bonar, que anotou no seu diário, em 15 de outubro de 1864, que havia estado meditando sobre Naum 1.7: “O SENHOR é bom, é fortaleza no dia da angústia e conhece os que nele se refugiam”. Mais tarde, naquele dia, Bonar sofreu a morte de sua querida esposa, Isabella, e lembrou-se do versículo da Bíblia que havia estudado. Ele comentou: “Eu não sabia quanto precisaria disso meia hora mais tarde”. Durante anos depois disso, Bonar registraria Naum 1.7 no seu diário no dia 15 de outubro. Por quê? Porque, em sua dor pela perda de sua esposa, ele estava se fortalecendo com a palavra de Deus.[3]

Outro exemplo de voltar-se para Deus em busca de força vem do missionário pioneiro na África, David Livingstone. Nas ocasiões em que Livingstone se sentia com medo, ele se lembrava das palavras de Jesus: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.19-20). Ao lembrar-se de que Cristo o havia enviado com o evangelho, Livingstone fortalecia seu coração no conhecimento de que Cristo o protegeria.[4]

Como devemos seguir esses exemplos, fortalecendo-nos no Senhor em tempos de necessidade? Roger Ellsworth comenta:

Fortalecer-nos em Deus significa lembrar do que a Escritura diz sobre Deus e suas promessas e aplicar essas verdades à situação. Cada provação faz com que vozes opostas soem aos ouvidos do filho de Deus. Uma é a voz das nossas circunstâncias, dizendo-nos que nossa situação não tem esperança. A outra é a voz da fé, dizendo-nos que nosso Deus é suficiente para a provação.[5]

Seguindo a palavra de Deus

A partir do momento do seu retorno à fé no Senhor, Davi foi um homem transformado. No restante do capítulo, Davi nos mostra o que fazer quando voltamos o coração para Deus, seja pela primeira ou pela centésima primeira vez. Tendo renovado sua fé no Senhor e recebido a força que vem de Deus, Davi

imediatamente consultou o Senhor em busca de orientação: “Consultou Davi ao SENHOR, dizendo: Perseguirei eu o bando? Alcançá-lo-ei? Respondeu-lhe o SENHOR: Persegue-o, porque, de fato, o alcançarás e tudo libertarás” (1Sm 30.8). Davi recebeu essa revelação por meio do Urim mantido na estola sacerdotal do sumo sacerdote, uma provisão especial que Deus havia feito para os líderes de Israel. É a primeira vez que lemos que Davi consultou o Senhor desde que havia entrado na Filístia, e isso marca o ponto de virada nessa fase da sua vida. Não mais traçando seu próprio curso cambaleante, Davi pôde mais uma vez seguir a linha reta da vontade revelada de Deus.

Não havia como saber para onde os amalequitas haviam ido, pois era um povo nômade. Então Deus disse a Davi para seguir em frente do melhor modo que pudesse, da mesma maneira que Deus frequentemente chama os crentes hoje para obedecerem a ele sem um claro fim em vista. Davi se aplicou vigorosamente à obediência: “Partiu, pois, Davi, ele e os seiscentos homens que com ele se achavam, e chegaram ao ribeiro de Besor, onde os retardatários ficaram. Davi, porém, e quatrocentos homens continuaram a perseguição” (1Sm 30.9-10). Nesse caso Davi estabelece um exemplo para os novos crentes e também para aqueles que se arrependem de ter se desviado. Um crítico pode dizer que Davi estava entrando num deserto sem rastro com recursos notavelmente precários para encontrar os amalequitas. Davi responderia que obedecer as claras ordens de Deus era seu dever e sua esperança.

Há pelo menos duas razões pelas quais obedecer a palavra de Deus funciona bem na nossa vida. A primeira é que as ordens de Deus são boas, de modo que obedecendo a Escritura estaremos agindo de maneira que beneficia a nós mesmos e a outros. A segunda razão pela qual obedecer as ordens de Deus faz bem é que Deus abençoa soberanamente a obediência do seu povo. Não apenas a própria Bíblia “funciona”, mas Deus faz com que ela funcione e acrescenta sua bênção especial àqueles que confiam nele e obedecem a sua palavra. Isso é válido para os crentes hoje, assim como foi válido para Davi: Deus provê tudo o que é necessário para preservar e sustentar seu povo fiel.

No caso de Davi, a bênção providencial de Deus veio na forma de um servo egípcio que havia sido abandonado no deserto pelo seu dono amalequita. Os homens de Davi o encontraram e o revigoraram com comida e bebida (1Sm 30.11-12). Quando interrogaram o homem, descobriram que os amalequitas haviam atacado Judá e o “lado sul de Calebe” e também ateado fogo em Ziclague (30.14). Davi perguntou se o homem podia levá-los aos amalequitas e

ele concordou, desde que Davi não lhe causasse dano nem o entregasse (30.15). Armado com esse reconhecimento ideal, Davi conseguiu surpreender seus inimigos, que estavam tão seguros em sua falsa confiança que estavam "comendo, bebendo e fazendo festa" sem sequer terem colocado um vigia (30.16):

Feriu-os Davi, desde o crepúsculo vespertino até à tarde do dia seguinte, e nenhum deles escapou, senão só quatrocentos moços que, montados em camelos, fugiram. Assim, Davi salvou tudo quanto haviam tomado os amalequitas; também salvou as suas duas mulheres. Não lhes faltou coisa alguma, nem pequena nem grande, nem os filhos, nem as filhas, nem o despojo, nada do que lhes haviam tomado: tudo Davi tornou a trazer (30.17-19).

É evidente que Davi nunca teria encontrado seus inimigos se Deus não tivesse lhe dado o servo egípcio para guiá-lo. Do mesmo modo, quando confiamos na palavra de Deus, descobrimos a verdade da promessa de Paulo: "O meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Fp 4.19). O mesmo Deus que havia humilhado Davi para restaurar seu coração era totalmente capaz de restaurar a Davi tudo o que ele havia perdido.

Como Davi, quando voltamos nosso coração para o Senhor, devemos estudar sua palavra e agressivamente colocar em prática tudo o que Deus ordena. Jacob DeShazer descobriu essa verdade imediatamente depois de confiar em Cristo como seu Salvador. Até aquele momento, ele havia sido o prisioneiro mais recalcitrante, ardendo em ódio pelos japoneses. Mas ele aprendeu na Bíblia que Jesus queria que ele perdoasse como ele havia sido perdoado. Naquele mesmo dia, um carcereiro que costumava hostilizar DeShazer amarrou seus pés no vão da porta e o maltratou fisicamente. Em vez de responder com seu típico veneno, Jacob se lembrou da palavra de Cristo e não ultrajou o carcereiro. Nos dias subsequentes, ele cumprimentou o carcereiro com bondade, o que levou a conversas e com o tempo a um tipo de amizade. Nos meses seguintes, o outrora brutal carcereiro chegou a roubar comida para o desnutrido DeShazer, possivelmente salvando sua vida. O prisioneiro concluiu que Deus não apenas estava provando sua obediência, mas também lhe mostrando como bênçãos

inesperadas surgem da obediência à palavra revelada de Deus.[6]

Graça recuperada

Os acontecimentos posteriores à vitória de Davi mostraram que, ao voltar para o Senhor, ele recuperou não somente sua obediência, mas também sua sabedoria e graça. Na sua perseguição aos amalequitas, um terço do grupo de Davi, 200 homens, não havia conseguido continuar no clima árduo do deserto. Esses 200 ficaram para trás, guardando os suprimentos de Davi junto ao ribeiro de Besor (1Sm 30.10). Depois da vitória, alguns dos 400 que haviam continuado até o fim objetaram a repartir o espólio com esses 200: "Então, todos os maus e filhos de Belial, dentre os homens que tinham ido com Davi, responderam e disseram: Visto que não foram conosco, não lhes daremos do despojo que salvamos; cada um, porém, leve sua mulher e seus filhos e vá se embora" (30.22). Davi discordou, dizendo:

Não fareis assim, irmãos meus, com o que nos deu o SENHOR, que nos guardou e entregou às nossas mãos o bando que contra nós vinha. Quem vos daria ouvidos nisso? Porque qual é a parte dos que desceram à peleja, tal será a parte dos que ficaram com a bagagem; receberão partes iguais (30.23-24).

A oposição de Davi ao plano dos ímpios era baseada em dois pontos. O primeiro era a solidariedade, que é fundamental aos crentes como povo da aliança de Deus. Nem todos haviam corrido os mesmos riscos e realizado as mesmas tarefas, mas todos haviam contribuído do seu próprio modo e, por isso, deviam participar: "Qual é a parte dos que desceram à peleja, tal será a parte dos que ficaram com a bagagem". Essa ênfase reflete o ensino do apóstolo Paulo sobre a unidade dos cristãos como corpo de Cristo: "Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós. Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; [...] se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam" (1Co 12.21-26). Percebendo isso, as igrejas hoje devem ter por aqueles que oram por missões exatamente a mesma consideração que têm

por aqueles que vão para o campo missionário. Em vez de meramente depender dos dons de pregadores eficazes, os cristãos devem se comprometer a orar pelo ministério da palavra e devem ser zelosos em convidar não crentes para ouvir o evangelho que é proclamado.

Segundo, e ainda mais importante, a atitude de Davi em relação à vitória e ao espólio foi marcada pela sua gratidão à graça de Deus. A afirmação-chave de Davi é vista no versículo 23: “Não fareis assim, irmãos meus, com o que nos deu o SENHOR, que nos guardou e entregou às nossas mãos o bando que contra nós vinha”. Seu espólio recuperado, juntamente com a propriedade amalequita, não havia sido alcançado pelo grupo de Davi por nenhum plano seu ou de qualquer outra pessoa. A realidade-chave é vista nas palavras de Davi: “o que nos deu o SENHOR”. “Tudo era de graça no que se refere a Davi. A vitória não havia sido alcançada pelos seus homens, mas Deus a havia dado. Como haviam recebido a graça de Deus na batalha, devem agora demonstrar essa graça àqueles que haviam ficado para trás.”[7]

A graça não havia contaminado apenas o raciocínio de Davi – um sinal seguro de que a pessoa se voltou para o Senhor em fé verdadeira –, mas também a sua conduta como líder agora é marcada pela graça. Um líder inspira confiança quando seus julgamentos refletem os preceitos e princípios da palavra de Deus. Observe também a brandura com que Davi se dirigiu aos homens descritos na Escritura como “maus e filhos de Belial” (1Sm 30.22). Ele não os repreende severamente nem os insulta, mas dirige-se a eles graciosamente como “irmãos meus” (30.23), dessa maneira apelando à melhor natureza deles. Um exemplo de como o Novo Testamento elogia o exemplo de Davi a líderes cristãos hoje é visto no conselho de Paulo a jovens pastores: “Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a pai; aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza” (1Tm 5.1-2).

Uma vez restaurado à fé em Deus, Davi ficou muito diferente dos pagãos filisteus e do tirânico rei Saul. John Woodhouse comenta: “Davi foi um pacificador entre seu povo. A autoridade que Davi estava começando a assumir não era a de um tirano. Esses homens, até mesmo os problemáticos, eram seus ‘irmãos’”.[8] A política de Davi era tão agradável que, em anos posteriores, formou a base de um governo durável em seu reinado (1Sm 30.25). Matthew Henry sugere a conduta graciosa de Davi como uma norma fixa para todos os cristãos: “Os superiores frequentemente perdem sua autoridade por arrogância, mas raramente por cortesia e condescendência”.[9]

Doação generosa

O capítulo conclui com a descrição de um resultado adicional do retorno de Davi ao Senhor em fé: sua generosidade em doar aos necessitados: “Chegando Davi a Ziclague, enviou do despojo aos anciãos de Judá, seus amigos, dizendo: Eis para vós outros um presente do despojo dos inimigos do SENHOR” (1Sm 30.26).

Enquanto cada homem de Davi recuperou os membros de sua família e seus pertences, parece que Davi reservou para si a maior parte, se não todos, dos bens amalequitas capturados no ataque (veja 1Sm 30.20). Com essas ovelhas e gado, Davi deu presentes aos seus companheiros judeus. Depois de 16 meses de exílio autoimposto, no qual Davi proveu principalmente para si mesmo, sua restauração a Deus resultou numa restauração de sua compaixão e amor ao povo de Deus. Do mesmo modo, a evidência da graça de Deus na nossa vida deve nos levar a considerar o que podemos fazer pela igreja e por outras pessoas.

Os presentes de Davi foram para os “anciãos de Judá, seus amigos, dizendo: Eis para vós outros um presente do despojo dos inimigos do SENHOR” (1Sm 30.26). Alguns comentaristas veem esses presentes como uma grosseira manobra política para tirar o apoio de Saul ou como um exemplo de nepotismo, pois a Bíblia cita os amigos de Davi como os beneficiários. Sem dúvida, Davi estava lembrando a unção que recebeu de Deus como verdadeiro rei de Israel e estava agindo em resposta a esse chamado. É muito provável que, em vez de Davi não citar os anciãos pelo nome porque eram seus amigos, ele os chame de amigos porque eram os anciãos do povo de Deus. Robert Bergen comenta: “Como seria esperado do ungido do Senhor, Davi havia lutado contra os inimigos do Senhor. Como seria esperado do ungido do Senhor, ele agora estava trazendo bênção ao povo do Senhor”.[10]

Desse modo, Davi havia sido liberto não apenas do seu pecado e do perigo das suas circunstâncias, mas também dos efeitos envenenadores da alma de viver somente para si mesmo, em vez de pensar nas necessidades do povo e do reino de Deus. Como as cidades citadas como beneficiárias dos presentes de Davi estavam todas localizadas na região sul de Judá, onde Davi havia se refugiado de Saul por muito tempo (1Sm 30.27-31), Davi provavelmente havia sido ajudado por elas em sua necessidade, por isso pensa na necessidade delas no seu tempo de fartura. É exatamente assim que aqueles que foram a Deus em fé devem agir

em relação aos outros.

Observe que, tendo perdido tudo por incredulidade obstinada, Davi agora tem tudo o que perdeu e ainda mais, uma vez que anda com Deus em fé. A experiência de Davi é refletida na vida do povo de Deus de todas as épocas. Como Davi, sempre que nos afastamos do Senhor, negligenciando a adoração e a palavra de Deus, dando rédea solta às nossas paixões pecaminosas, nossa descida ao sofrimento e ao desespero pode ser mais rápida e mais abrupta do que podemos imaginar. Davi havia caído muito fundo enquanto estava na Filístia, terminando com o desastre em Ziclague. O cristão pode cair muito e com muita rapidez se endurecer o coração para o Senhor. Mas também, como Davi, quando nos apegamos ao Senhor em fé renovada, buscando e obedecendo a palavra de Deus, nosso progresso em piedade e bênção pode ser surpreendentemente rápido. Muitas pessoas, tendo se voltado para Deus com uma fé viva, participando diligentemente da pregação fiel e empenhando-se em dedicação particular à palavra de Deus e à oração, têm visto sua fé e sua piedade crescerem dramaticamente em questão de meses, tudo pelo poder de Deus. Voltando-se para Deus em fé obediente, Davi não apenas ganhou muitas bênçãos para si, mas foi feito por Deus uma bênção para muitas outras pessoas.

Presentes do rei

Nessa passagem, Davi aponta para Jesus de várias maneiras. Assim como Davi se reanimou em Deus, do mesmo modo Jesus se fortaleceu em oração quando se preparava para tomar a cruz (Jo 17.1-5). Como Davi na sua vitória arrasadora sobre os amalequitas, libertando as mulheres e as crianças do seu povo, Jesus também venceu nosso forte captor e nos libertou do domínio do pecado e do juízo. Nessa batalha, fizemos ainda menos do que os homens que ficaram para trás para guardar a bagagem, mas Cristo graciosamente nos admitiu na sua vitória. Finalmente, como Davi tomou do que era seu e deu aos necessitados da Judeia, Jesus também deu dons à sua igreja depois da sua ressurreição e ascensão. Paulo escreveu: “Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro e concedeu dons aos homens” (Ef 4.8, citando o Sl 68.18). Nesse contexto, Paulo cita o dom de líderes espirituais fiéis para o povo de Deus (Ef 4.11-12). Mas o maior dom de Cristo é a vida eterna, concedida por meio da fé pelo poder do Espírito Santo, a quem Cristo enviou do céu (cf. Gl 3.14). Tanto na Antiguidade quanto hoje, os reis dão presentes ao seu povo quando são coroados, e o mais

precioso presente de Jesus é a salvação que ele adquiriu com seu precioso sangue (1Pe 1.18-19), salvação que todo pecador pode receber simplesmente pela fé.

Foi isso o que Jacob DeShazer descobriu quando entregou sua vida a Jesus na cela da prisão. Ele descobriu que Cristo queria que ele desse presentes àqueles que anteriormente ele havia odiado. O primeiro foi o presente de suas orações, quando passou boa parte do tempo na sua cela orando pela salvação dos guardas e pelo povo japonês como um todo. Então, quando a guerra acabou, Jacob matriculou-se numa faculdade de teologia para se preparar para voltar ao Japão como missionário, o que o capacitou a dar o melhor de todos os presentes: um testemunho do evangelho de Jesus Cristo, para que outros pudessem receber de Deus o dom da vida eterna pela fé nele. Nos anos seguintes, DeShazer começaria uma igreja em Nagoia, a cidade que ele havia bombardeado alguns anos antes, e escreveu um panfleto descrevendo sua conversão que foi muito usado para conduzir japoneses à fé em Cristo. Um homem que recebeu o panfleto e creu em Jesus foi Matsuo Fuchida, o comandante japonês que havia comandado o ataque aéreo contra Pearl Harbor e que havia caído em desespero depois da derrota japonesa. DeShazer e Fuchida realizaram encontros evangelísticos juntos, recebendo as bênçãos que Deus lhes havia dado graciosamente em Cristo e entregando a mensagem do evangelho da salvação a muitos outros, que creram e foram salvos.[11]

Ao dar a seu povo presentes do tesouro dos seus próprios despojos, Davi prenuncia a graça de Cristo como nosso verdadeiro Rei. Como aconteceu com Davi e seus seguidores, Jesus nos chama de seus “amigos” (Jo 15.15) e se compromete a suprir todas as nossas necessidades, especialmente nossa necessidade de perdão e vida eterna. “O bom pastor dá a vida pelas ovelhas”, Jesus disse (Jo 10.11). E o que é mais maravilhoso, o dom do evangelho de Cristo é tal que, quando o damos aos outros, não o perdemos, mas o possuímos ainda forte e ricamente. Isso é um grande incentivo para todos nós nos fortalecermos na fé no Senhor e começarmos a seguir sua palavra com fé renovada. Quem pode dizer o que Deus fará em nós e por meio de qualquer um de nós se nos entregarmos sem reservas a Jesus?

1 Citado em Don Stephens, War and grace: Short biographies from the World Wars (Darlington, UK: Evangelical Press, 2005), 135-44.

2 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 250-51.

3 Ibid., 254.

4 William G. Blaikie, Expository lectures on the Book of First Samuel (1887; reimpr., Birmingham, AL: Solid Ground, 2005), 421-22.

5 Roger Ellsworth, The shepherd king: Learning from the life of David (Darlington, UK: Evangelical Press, 1998), 119.

6 Stephens, War and grace, 144-45.

7 Ellsworth, The shepherd king, 121.

8 John Woodhouse, 1 Samuel: Looking for a leader (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 539.

9 Matthew Henry, Commentary on the whole Bible, 6 v. (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 2:345.

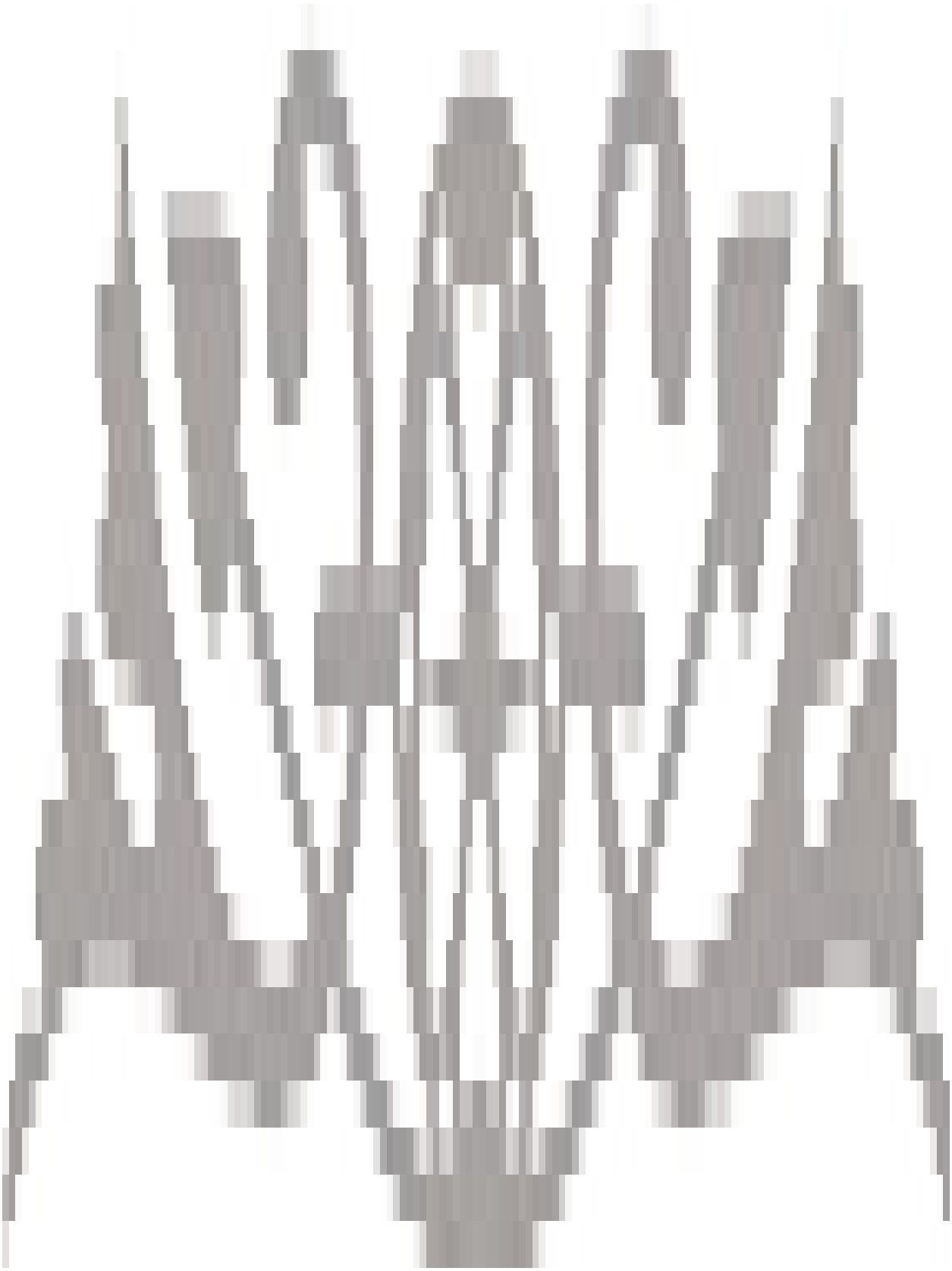
10 Robert D. Bergen, 1, 2 Samuel, New American commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 280.

11 Stephens, War and grace, 135-44.

43

O FIM TRÁGICO DE SAUL

1Samuel 31.1-13



... os filisteus pelejaram contra Israel, e, tendo os homens de Israel fugido de diante dos filisteus, caíram feridos no monte Gilboa. Os filisteus apertaram com Saul e seus filhos e mataram Jônatas, Abinadabe e Malquisua, filhos de Saul. (1Sm 31.1-2)

Em cada vida pode ser discernido um tema primário. A vida do meu pai, um oficial de carreira do exército com 30 anos de serviço, foi dominada pelo seu compromisso com o dever. Houve, é claro, muitas outras coisas que podiam ser ditas sobre ele, mas o fator primário em suas decisões era sempre seu senso de dever. Para outros homens, o tema dominante é a ambição pessoal, de modo que o fator decisivo em suas ações é o que promoverá melhor seus próprios interesses. Na vida de muitos gigantes corporativos parece que um ardente desejo por prosperidade, poder ou realizações domina; e, de acordo com a primeira página dos tabloides, o tema principal na vida de cantores e estrelas de cinema é uma necessidade de atenção e prazer.

Os cristãos também têm um tema dominante na vida. A Bíblia apresenta virtudes apropriadas, como justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14.17), ou fé, esperança e amor (1Co 13.13). Se quisermos resumir a vida de Davi, podemos dizer que seu tema dominante foi a fé, assim como o de Paulo foi a paixão pelo evangelho e o de Pedro foi o amor por Jesus Cristo.

Quando chegamos ao fim do relato bíblico sobre Saul, rei de Israel, e ao fim da vida de Saul, não é difícil ver que o tema dominante da sua vida foi sua impedernida impenitência. O profeta Isaías coloca o arrependimento juntamente com a fé como a chave para se receber a bênção de Deus: “Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Is 55.7). Infelizmente, a vida de Saul foi um relato amargo do abandono do caminho de Deus e da perda do perdão de Deus pela sua recusa em se arrepender. Alexander Maclaren resume: “Não há sinal de que ele alguma vez tenha tentado cultivar seu caráter moral [...], e um longo curso de prazer em crueldade obstinada, suspeita deprimente e ira ardente fez dele uma vítima e um escravo do seu próprio ódio sem causa”.[1] Só pode haver um fim para uma vida como a de Saul, um fim tão trágico quanto desnecessário para aqueles que

testemunharam a graça e o poder de Deus.

O fim amargo do rei Saul

O escritor de 1Samuel vem se esforçando para contar a história da derrota final de Saul desde o capítulo 28. Por mais esperada que seja, a total derrota do exército de Israel no monte Gilboa foi um desastre nacional de proporções monumentais, equiparando-se à terrível perda na batalha de Ebenézer duas gerações antes (1Sm 4), bem como em grande medida refletindo-a. O exército de Israel foi destruído, sua liderança foi assassinada, sua terra foi ocupada e sua religião foi desgraçada. Tendo nos contado sobre a invasão dos filisteus, juntamente com o prometido juízo sobre Saul nessa batalha, o escritor de 1Samuel volta à história de Davi nos capítulos 29 e 30, antes de voltar ao trágico fim de Saul no capítulo 31. A vitória de Davi sobre os amalequitas no sul e a derrota de Saul para os filisteus no norte acontecem virtualmente ao mesmo tempo, e é esperado que percebamos os contrastes entre elas.

Uma vez que o escritor se concentra na derrota de Saul, há pouco para ele contar. Seguindo para o norte de sua base em Afeca, os filisteus avançaram para sudeste, ao longo da planície do vale de Jezreel, com seus carros correndo desembaraçadamente no terreno plano dessa tradicional rota de invasão. De acordo com o versículo 1, os israelitas fugiram dos filisteus e tentaram firmar posição nas ladeiras do monte Gilboa. Ali, os arqueiros filisteus entraram em combate e muitos dos israelitas “caíram feridos” (1Sm 31.1). Quando os israelitas recuaram, a fuga se tornou uma derrota total e seu exército foi destruído.

Como Deus havia retirado seu auxílio de Saul, esse era o fim inevitável, em razão da deterioração do seu governo e do poder dos filisteus. Esse seria o fim que teria alcançado Saul muitas vezes no passado se Deus não houvesse interferido. Agora que Deus havia decretado a hora do juízo de Saul, tendo anunciado esse juízo na noite anterior (1Sm 28.19) e como Davi, seu sucessor ungido, estava muito longe do campo de batalha, não havia nada que impedisse os filisteus de destruir o exército de Saul. Era a hora de “Icabô” ser pronunciado sobre o reinado de Saul, pois a glória do Senhor havia partido há muito tempo (1Sm 4.21-22).

Mais trágico é o fato de que Saul não morreu sozinho nessa batalha, pois “os filisteus apertaram com Saul e seus filhos e mataram Jônatas, Abinadabe e Maquisua, filhos de Saul” (1Sm 31.2). Isso prova que os líderes israelitas não recuaram da luta. Podemos imaginar especialmente Jônatas, o herói honrado por Deus de tantas batalhas, reanimando as tropas de Saul e mantendo a posição até que foi finalmente atingido por uma flecha ou espada filisteia. O elogio fúnebre de Jônatas será cantado por Davi em 2Samuel 1, mas Dale Ralph Davis faz um breve obituário: “Ele foi um verdadeiro amigo de Davi e um filho fiel de Saul. Ele entregou seu reinado a Davi (18.1-4); sacrificou sua vida por Saul. Nesse fiasco sem esperança, Jônatas estava no lugar que Yahweh lhe havia atribuído – ao lado do seu pai”.[2]

O tema da vida de Jônatas foi fidelidade, e ele nos mostra que uma vida digna não depende das circunstâncias. Ele viveu em tempos mais perigosos e sofreu pela ingrata obrigação que devia a seu louco pai. Apesar de tudo, a fidelidade de Jônatas a Deus, aos seus amigos e ao seu pai permitiu que ele perseverasse com integridade e sentisse o perfume das rosas desta vida, apesar dos muitos espinhos. Tendemos a pensar que sua morte, juntamente com a morte dos seus irmãos menos conhecidos, foi a grande tragédia dessa batalha, mas Davis objeta. “O que é trágico”, ele pergunta, “em continuar fielmente no chamado que Deus nos deu?”.[3] À luz da eternidade, a morte de Jônatas não foi tanto trágica, mas gloriosa; por meio da sua fé no Senhor, Jônatas saiu da tragédia para entrar na glória para sempre. Jônatas morreu enquanto cumpria seu dever; ele morreu a morte de um guerreiro e recebeu a recompensa de um servo fiel.

O relato da derrota de Israel não apenas envolve um fim trágico e inevitável, mas também tem seu clímax no amargo fim de Saul: “Agravou-se a peleja contra Saul; os flecheiros o avistaram, e ele muito os temeu” (1Sm 30.3). Nesse ponto, Saul percebeu que o fim realmente havia chegado. Seus filhos estavam mortos e seu exército estava disperso. Saul foi ferido quando os filisteus se aproximaram. Diante disso, virou-se para seu escudeiro e deu sua última ordem real: “Arranca a tua espada e atravessa-me com ela, para que, porventura, não venham estes incircuncisos, e me traspassem, e escarneçam de mim. Porém o seu escudeiro não o quis, porque temia muito; então, Saul tomou da espada e se lançou sobre ela”, depois do que seu escudeiro “se lançou sobre a sua espada e morreu com ele” (31.4-5).

O suicídio de Saul dá origem a algumas questões. A maioria dos comentaristas considera-o um simples ato de matar a si mesmo. Herman Hoeksema afirma que

“o suicida não é um homem corajoso, mas um covarde ímpio” que se retira desta vida “para abrir seus olhos no inferno”.[4] Devemos amenizar essa postura no caso de doentes mentais ou daqueles seriamente deprimidos, cujo raciocínio está prejudicado, caso em que pode ter ocorrido algo diferente de um suicídio verdadeiro. Há exemplos de cristãos crentes que sofreram depressão e se esforçaram muito para retomar a vida, como o grande hinólogo William Cowper, que foi preservado desse fim terrível pelo ministério do seu grande amigo John Newton.

No entanto, o suicídio de Saul não foi resultado de um impulso irracional, mas uma decisão calculada. De uma perspectiva terrena, foi uma escolha compreensível: humanamente falando, Saul não tinha chance de sobreviver e a possibilidade de tortura era real. Isso pressupõe que Saul não tinha outra perspectiva. Assim, seu suicídio é o último prego no caixão da fé que ele uma vez professou. Maclaren comenta: “Se Saul tivesse alguma fé em Deus, alguma submissão, algum arrependimento, não poderia ter terminado uma vida de rebelião matando a si mesmo, o que foi, em si mesmo, o próprio desespero da rebelião”.[5]

Talvez mais problemático do que o que Saul fez naquela hora de desespero seja o que ele não fez. Não há clamor a Deus por auxílio. Não há súplica ao céu por misericórdia. Nada lemos parecido com os apelos que virtualmente enchem os salmos de Davi. Anos antes, na noite em que Saul havia enviado bandidos para matar Davi em sua casa, Davi orou: “Livra-me, Deus meu, dos meus inimigos; põe-me acima do alcance dos meus adversários. Livra-me dos que praticam a iniquidade e salva-me dos homens sanguinários” (Sl 59.1-2). Agora, com os filisteus o apertando, Saul não tem orações como essa na sua aljava. Assim, ele morre como viveu, em dura obstinação e sem fé na salvação de Deus, sem nem mesmo clamar ao Senhor no seu último suspiro. “Durante todo o seu reinado, nenhuma mão lhe havia causado dano, a não ser a sua própria; e, como viveu, assim ele morreu, seu próprio destruidor e seu próprio assassino.”[6]

A conclusão de temas trágicos

Quando observamos o fim trágico de Saul, também podemos observar o fim calamitoso dos principais temas que governaram sua vida e sua época. O reinado de Saul surgiu de uma exigência de Israel de ter um rei para que fosse “como

todas as nações” (1Sm 8.19-20). O que os israelitas viam como uma solução prática para sua difícil situação militar foi denunciado por Deus como idolatria. Israel havia sido criado para ser único entre as nações porque Deus era seu soberano. No entanto, o povo queria ser conduzido em batalha por um rei visivelmente impressionante, que “[saia] adiante de nós e [faça] as nossas guerras” (8.20). O resultado dessa idolatria foi a morte do rei que Israel desejou e do exército que ele liderou.

A experiência de Israel nos mostra qual é sempre o fim da idolatria. O maior exemplo é a destruição de Jerusalém em 587 a.C. e o exílio na Babilônia, que se seguiu. O profeta Jeremias deixou claro que essa calamidade resultou da persistente busca do povo aos ídolos (Jr 2.1-13). O fim foi a sujeição do povo aos adoradores de ídolos. Como os israelitas estavam determinados a servir aos ídolos, o Senhor os entregou para viver como escravos numa terra de ídolos.

Assim aconteceu depois da morte de Saul: “Vendo os homens de Israel que estavam deste lado do vale e daquém do Jordão que os homens de Israel fugiram e que Saul e seus filhos estavam mortos, desampararam as cidades e fugiram; e vieram os filisteus e habitaram nelas” (1Sm 31.7). Tão grande foi o desastre dessa batalha que os israelitas que viviam na fértil região atrás do monte Gilboa, incluindo as cidades ao longo do Jordão e até mesmo as do lado oriental, abandonaram suas terras e fugiram. Portanto, o fim da idolatria foi a dominação da terra e das cidades deles pelos servos dos ídolos.

Uma consequência desse desastre mostra outro resultado trágico da idolatria entre o povo de Deus: a desgraça pública do nome do Senhor. O evangelho dos filisteus agora seria pregado por toda parte, declarando a supremacia de Dagom sobre Yahweh. Aqui estava a maior calamidade da idolatria de Israel: a desgraça do Senhor na vida do seu povo. A cabeça e a armadura do rei israelita se tornaram os emblemas do orgulho filisteu, que as carregavam orgulhosamente como “boas-novas à casa dos seus ídolos e entre o povo” (1Sm 31.9).

Esse exemplo fornece duas razões pelas quais os cristãos devem recusar-se a adorar os ídolos da sua época – falsos deuses como dinheiro, poder, orgulho e prazer. A primeira razão é que nossa adoração aos ídolos terminará com o poder dos ídolos sobre nossa vida. Aqueles que se entregam ao pecado em apoio aos seus ídolos descobrem que não conseguem parar de pecar, tendo seu coração sido capturado e governado pelos ídolos a que insensatamente servem.

Considere o caso do jovem Aaron Burr, neto de Jonathan Edwards, em cujo nascimento convergiram oito linhagens de pregadores. Dotado de mente brilhante, Burr tornou-se orgulhoso das suas ideias e foi consumido por um desejo idólatra de louvor. Durante um encontro de avivamento em Yale, Burr sentiu-se movido pelo Espírito Santo quando o evangelho era pregado. Depois do sermão foi feito um convite para aqueles que estivessem interessados em professar sua fé em Cristo se reunissem numa sala anexa. Juntamente com muitos outros alunos, Burr levantou-se do seu banco e dirigiu-se para a sala. Mas, naquele momento, alguém o viu e gritou: "Vejam, Aaron Burr está indo para a sala de interrogatório!" Envergonhado, Burr voltou e disfarçou seu embaraço. "Eu só estava brincando", ridicularizou.[7] Envergonhado por ser visto humildemente indo a Cristo em busca da salvação, Aaron Burr nunca dobrou os joelhos a Jesus. Por fim, o orgulho em seu coração o levaria a trair seu país e lançar seu nome em desgraça e infâmia.

O que é particularmente triste sobre o caso de Aaron Burr é o excelente exemplo cristão que lhe havia sido dado pelos seus pais. Infelizmente para Burr, seu pai, um cativante pregador do evangelho, morreu antes que seu filho pudesse crescer sob sua influência. Mas a piedade de sua mãe, filha de Jonathan Edwards, Esther Edwards Burr, mostrou uma atitude que seu filho teria feito bem em adotar, assim como nós. Em sua dor e ansiedade pela morte do seu marido, ela escreveu: "Ó, estou com medo de me comportar de maneira a trazer desonra ao meu Deus e à religião que professo! Não, é melhor me deixar morrer neste momento do que ser deixada para trazer desonra ao santo nome de Deus".[8] Como o filho inconstante de Esther, Aaron Burr, o rei Saul pouco se importava como sua vida e sua morte desonrariam o Senhor e ajudariam os inimigos do seu povo.

A morte de Saul mostra o fim que espera toda vida impenitente. O rei começou com grandes privilégios e bênçãos, mas entregou-se a obstinada desobediência a Deus. Quando reprovado, Saul endurecia seu coração e se lançava numa trajetória declinante de orgulho, ódio e desespero. Seus últimos anos foram marcados pelo seu ódio louco ao fiel Davi, pelo assassinato dos santos sacerdotes de Deus (1Sm 22.18-19) e pela busca de auxílio da parte de uma serva do diabo (28.7-8). Não é de admirar que essa vida impenitente terminasse lançando seu corpo sobre uma espada. Saul havia estado matando sua alma durante todo o tempo em que se afastou da misericórdia de Deus, de modo que era adequado que seu último ato impenitente fosse matar a si mesmo.

Saul não é um exemplo isolado. O mesmo fim está reservado para todos que se

afastam do Senhor e se recusam a se arrepender. Considere o homem que abandona sua esposa e filhos por uma vida de prazer sensual. Ou considere um filho que abandona a fé dos seus pais por desejar aprovação do mundo ou uma vida de pecado. Pastores e amigos piedosos se opõem à insensatez desse curso autodestruidor, mas a carne dessas pessoas foi fortalecida com orgulho, rebelião e desejo. Elas não ouvirão e não voltarão. O fim do seu curso, caso se recusem a arrepender-se, só pode ser o mesmo de Saul: morte e condenação.

Caso Saul tivesse se arrependido verdadeiramente, podemos estar certos de sua aceitação e bênção por parte de Deus. O exemplo de reis ainda mais ímpios que invocaram o Senhor e foram salvos prova isso. Provavelmente o mais notoriamente ímpio rei de Israel foi Manassés, filho do piedoso rei Ezequias. Esse foi o homem que promovia o sacrifício infantil no vale de Geena e é tradicionalmente apontado como tendo ordenado o assassinato do profeta Isaías. No entanto, quando Deus entregou Manassés nas mãos dos seus inimigos, o ímpio rei se arrependeu dos seus pecados e invocou o Senhor para salvá-lo (2Cr 33.12-13). Talvez Manassés tivesse ouvido a boa-nova que Isaías pregava: “Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra”, declara o Senhor (Is 45.22). Saul havia sido abençoado por receber o ministério do grande profeta Samuel, mas o rei de coração duro não buscou o Senhor. Assim, escreve Maclaren, “aquele que se rebela contra Deus desfigura seu próprio caráter”, um preceito provado na vida e na morte de Saul:

Os miseráveis anos de Saul, assombrado e caçado como se por um demônio por causa da sua própria rebelião cultivada e inchada e por uma suspeita incansável, são um exemplo das tristezas que sempre acompanham o pecado; e, quando está ali em Gilboa, o terrível provérbio vem à nossa lembrança: “O homem que muitas vezes repreendido endurece a cerviz será quebrantado de repente sem que haja cura”.[9]

O juízo de Deus sobre o coração endurecido

Se o tema de Israel era a idolatria e o tema da vida de Saul era sua recusa em se arrepender, então o tema que governou a resposta de Deus foi o juízo. Deus há muito tempo havia ameaçado Saul com juízo, começando com suas reprovações

em 1Samuel 15.23-28. Se tivesse conhecido o cântico de Ana, Saul teria levado suas ameaças mais a sério. Esboçando os temas dessa era da História, Ana concluiu: “Os que contendem com o SENHOR são quebrantados; [...] O SENHOR julga as extremidades da terra” (1Sm 2.10). Saul também deveria ter aproveitado o triste exemplo de Eli e seus filhos, cuja morte prometida chegou exatamente no tempo de Deus (2.27-34; 4.12-22). Porém, Saul não se aproveitou das experiências dos outros e, assim, o juízo ameaçado na noite anterior à sua batalha (28.19-20) veio a ele com terrível eficiência.

Um grande juízo espera por todos. A Bíblia adverte que “aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hb 9.27). Paulo escreve que “importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo” (2Co 5.10). O juízo de Deus é prometido sobre todos os pecadores impenitentes, e seu fim está chegando rapidamente.

Felizmente, o cumprimento da palavra de Deus a respeito do juízo de Saul nos lembra a confiança que podemos ter em toda a mensagem da Bíblia. Se a promessa de juízo de Deus sobre Saul foi verdadeira, então as promessas de vida eterna do evangelho de Deus para aqueles que creem são igualmente verdadeiras. “Israel pode cair em Gilboa, Saul pode cair sobre sua própria espada, mas a palavra de Yahweh não cairá.”[10] Jesus insistiu: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mt 24.35). Assim como há certeza de juízo sobre aqueles que não se arrependem e também há garantia de salvação para todos que se arrependem e creem, a grande questão em toda vida é, portanto, como nos posicionamos em relação à salvação oferecida aos pecadores em Jesus Cristo. Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.24).

Apesar de toda a lealdade externa de Saul a Israel e de sua crença na existência de Deus, ele nunca se arrependeu nem se voltou para o Senhor com uma fé viva e verdadeira. No monte Gilboa, a idolatria de Israel, a impenitência de Saul e o juízo de Deus chegaram juntos a um fim desastroso que podia ter sido evitado se Saul tivesse se humilhado perante o Senhor, invocado o Senhor para sua salvação e buscado a graça do Senhor para se afastar da sua rebelião e dos seus pecados. Por causa dessa única diferença, Saul morreu e Davi viveu, assim como Saul passará a eternidade em condenação no inferno enquanto Davi mora na glória do céu. Esta é a questão decisiva na vida de todos: nós nos

arrependeremos e seremos salvos ou endureceremos o coração contra Deus e pereceremos?

Tragédia oposta pela graça

O último capítulo de 1Samuel realmente não marca o fim de um livro na Bíblia, uma vez que 1Samuel e 2Samuel se juntam para formar um único livro. No entanto, o fim de 1Samuel marca uma divisão importante na vida de Davi e de Israel. O registro da morte de Saul marca um fim apropriado ao juízo de Deus, mas o livro conclui com o heroico ataque dos homens de Jabes-Gileade, proporcionando um lembrete inspirador da graça que dá esperança para o futuro de Israel.

Tendo vencido a batalha, os filisteus entraram alegremente nas cidades da vizinhança, abandonadas pelos israelitas em fuga. Tão completa foi sua vitória que, no dia seguinte, os cadáveres dos líderes israelitas ainda estavam abandonados no campo de batalha. Portanto, "sucedeu, pois, que, vindo os filisteus ao outro dia despojar os mortos, acharam Saul e seus três filhos caídos no monte Gilboa" (1Sm 31.8). Saul pode ter escapado da tortura enquanto ainda vivia, mas não pôde evitar o abuso do seu cadáver: "Cortaram a cabeça a Saul e o despojaram das suas armas; enviaram mensageiros pela terra dos filisteus, em redor, a levar as boas-novas à casa dos seus ídolos e entre o povo" (1Sm 31.9).

Depois que a cabeça de Saul foi removida, seu corpo, juntamente com o de seus filhos, foi afixado "no muro de Bete-Seã" e sua armadura foi guardada como um troféu "no templo de Astarote" (1Sm 31.10). Bete-Seã era uma importante cidade murada na junção do vale de Jezreel com o vale do rio Jordão. Era a mais oriental das antigas cidades cananeias que Israel não havia capturado. Escavações em Bete-Seã descobriram os restos intactos de um templo que provavelmente era usado para a adoração aos deuses filisteus, como Dagom e Astarote, e no qual provavelmente a cabeça e a armadura de Saul foram colocadas para que pudessem se vangloriar de sua vitória sobre o Deus de Israel.[11] A batalha havia terminado, a vitória havia sido alcançada e agora tudo o que restava era os ímpios desfrutarem dos despojos do triunfo dos seus deuses.

No entanto, na manhã do dia seguinte, ou num dos dias seguintes, os filisteus acordaram para descobrir que ainda havia esperança entre o povo sitiado de

Deus. O povo de Jabes-Gileade, uma fortaleza israelita remanescente, cerca de 16 quilômetros além do Jordão, ouviu

o que os filisteus fizeram a Saul, [e] todos os homens valentes se levantaram, e caminharam toda a noite, e tiraram o corpo de Saul e os corpos de seus filhos do muro de Bete-Seã, e, vindo a Jabes, os queimaram. Tomaram-lhes os ossos, e os sepultaram debaixo de um arvoredo, em Jabes, e jejuaram sete dias (1Sm 31.11-13).

Está lembrado de Jabes-Gileade? Foi a cidade que Saul havia libertado ousadamente no início do seu reinado, quando Naás e os amonitas haviam sitiado a cidade e ameaçado remover o olho direito de todos os homens (1Sm 11.1-11). Isso havia acontecido 40 anos antes, e talvez tenha sido o melhor ato de todo o reinado de Saul. Durante 40 anos, o povo de Jabes-Gileade havia mantido viva a lembrança da sua dívida com o rei Saul. A desonra do cadáver de Saul em Bete-Seã foi de mais para o coração do povo de Jabes-Gileade, de modo que eles desprezaram o perigo e colocaram em ação sua gratidão e amor. Enquanto os filisteus dormiam, reuniram os cadáveres de Saul e de seus filhos e os levaram ao solo israelita para dar a eles um sepultamento decente.

Depois de todo o pecado do coração duro de Saul, apesar da sua tirania assassina e até mesmo do seu satanismo, Deus conclui seu relato com uma lembrança do único ato piedoso e obediente de Saul. Do mesmo modo, atos abnegados de bondade e misericórdia formarão nosso legado, plantando sementes de gratidão e amor que florescerão quando tivermos partido, assim como nosso testemunho do reino de Cristo, que dará esperança quando tudo o mais tiver falhado.

O fato de que 1Samuel termina com um corajoso ato de gratidão por Saul diz mais sobre Deus do que sobre Saul. Ele nos lembra que até mesmo o pior dos vivos nasceu portando a imagem de Deus e possui pelo menos centelhas da bondade e do amor de Deus. Essa nota final também mostra quanto Deus está ansioso por abençoar e recompensar os mínimos atos de fé e obediência. Até mesmo a morte de um rebelde endurecido como o rei Saul nos dá um incentivo para nos arrependermos dos nossos pecados, nos voltarmos para o Senhor em fé verdadeira e servir ao Senhor com sinceridade neste mundo sombrio e perigoso.

Fé em meio às trevas

No fim do musical Camelot, de Alan Jay Lerner, há uma cena animadora, na qual o rei Arthur, incapaz de dormir antes da batalha com Lancelot, que marca o fim do seu reinado, é visto aquecendo-se ao lado de um fogo que está se apagando. Ouve-se um som nos arbustos, e Arthur pergunta quem está ali. Aparece um jovem na fraca luminescência. “Quem é você?”, pergunta o rei. “Tom, senhor”, responde o menino. “E por que veio até aqui?”, pergunta Arthur. “Para ver a luta, senhor.” Arthur percebe que ali, em meio às últimas brasas do seu reinado, esse jovem havia vindo com uma fé inocente em sua causa. O reinado do rei havia sido despedaçado por pecado, traição e paixão sem sentido, mas ali estava um menino que acreditava. Então, Arthur, por segurança, manda o menino para longe da batalha e o encarrega de um dever real: contar a história do seu reinado: “Não permita que seja esquecido / Que houve uma vez um lugar / Por um breve momento brilhante / Chamado Camelot”.[12]

Os homens valentes de Jabes-Gileade chegam no fim de 1Samuel no papel de fé verdadeira em meio ao desastre, muito parecido com o papel do menino Tom no Camelot de Lerner. Há uma razão pela qual o heroísmo dos valentes de Jabes-Gileade ainda é lido e celebrado pelo povo de Deus, 3.000 anos depois da sua incursão noturna. A razão não é meramente que alguém o colocou por escrito para preservar a memória. A maior razão é que seu lado venceu. O reino no qual haviam crido recuperou-se da derrota. De fato, dentro de pouco tempo esses crentes verdadeiros e valentes veriam um novo rei ungido, um homem segundo o coração de Deus, irrompendo em poder conquistador. Enquanto Saul estava morrendo, Davi estava obtendo uma vitória pelo poder de Deus. Em breve, o que podia ter parecido um gesto vão de fé seria elogiado por mensageiros que chegariam com as bênçãos reais de Davi e promessas de recompensa (2Sm 2.4-7).

Os homens heroicos de Jabes-Gileade provam que, em tempos sombrios, quando a impiedade parece ter prevalecido na sociedade e a igreja parece ter sucumbido aos ataques pagãos, a melhor coisa que um cristão valente pode fazer é simplesmente tomar posição em defesa da piedade, da verdade e do amor santo, pois onde quer que Jesus seja servido com verdadeira fé e obediência à sua palavra, há um novo começo no qual a graça do seu reinado pode crescer.

Os homens de Jabes-Gileade nos lembram das mulheres que foram ao túmulo onde o corpo de Jesus havia sido colocado. Jesus foi ainda mais diferente de Saul do que Davi: Saul foi, de fato, a própria antítese da pessoa santa de Jesus Cristo. No entanto, como Saul, Jesus havia sido cercado por soldados pagãos, e, assim como o cadáver de Saul foi deixado em orgulhoso desprezo sobre os muros de Bete-Seã, o corpo de Jesus foi pendurado escarnecedoramente numa cruz. Como os habitantes de Jabes-Gileade que foram pegar o cadáver de Saul, dois homens, José de Arimateia e o fariseu Nicodemos, amorosamente removeram o corpo sem vida de Cristo da cruz e lhe deram um sepultamento mais adequado à sua amada memória. Três dias depois, as heroicas mulheres, as duas Marias e Joana, foram ao túmulo de Jesus com especiarias para ungir seu corpo. Elas foram porque, apesar de todas as provas de derrota, apesar da realidade inevitável de que Jesus estava morto, o coração delas ainda guardava o que Jesus havia ensinado e vivido. Como os homens de Jabes-Gileade, cujo amor fiel prenunciou um novo começo mesmo com o fim de Saul, a dedicação dessas mulheres falou de fé invencível e corações não abatidos pela realidade do pecado no mundo. Assim como os fiéis de Jabes-Gileade foram os primeiros a serem elogiados pelo novo rei ungido, Davi (2Sm 2.5), as mulheres fiéis foram recompensadas com a primeira notícia da ressurreição de Jesus, com os anjos proclamando: “Ele não está aqui; ressuscitou” (Mt 28.6).

Não temos também razões para tomar posição em favor do reino de Cristo? Não podemos olhar para nossa própria história e ver as reivindicações do amor de Deus sobre o nosso coração, juntamente com suas promessas evangélicas na Bíblia? Se pudermos, sejamos aqueles que, como o menino Tom de Camelot, mantêm a fé viva e continuam contando a história. Sejamos, como os valentes de Jabes-Gileade, discípulos que estimam a honra do reino de Cristo e não recuarão em tempos de perigo. Isso porque servimos mais do que à memória honrada de um rei morto. Servimos a um Senhor ressurreto, vivo, que reina no trono do céu, que prometeu voltar em glória e poder para salvar seu povo. Se Davi observou a fidelidade dos homens de Jabes-Gileade, certamente Cristo não deixará de honrar aqueles que se levantam por ele agora. “Muito bem, servo bom e fiel”, ele prometeu dizer (Mt 25.23) – e esses crentes valentes entrarão na alegria de seu rei triunfante para sempre.

1 Alexander Maclaren, Expositions of Holy Scripture, 17 v. (Grand Rapids: Baker, 1982), 2:403.

2 Dale Ralph Davis, 1 Samuel: Looking on the heart (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), 262.

3 Ibid.

4 Citado em Gordon J. Keddie, Dawn of a kingdom: The message of 1 Samuel (Darlington, UK: Evangelical Press, 1988), 273.

5 Maclaren, Expositions of Holy Scripture, 2:402.

6 Ibid.

7 Basil Miller, The preacher's magazine, 17, 10 (1942): 253.

8 Citado em Davis, 1 Samuel, 264.

9 Maclaren, Expositions of Holy Scripture, 403.

10 Davis, 1 Samuel, 262-63.

11 Joyce G. Baldwin, 1 & 2 Samuel, Tyndale Old Testament commentaries (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988), 171.

12 Citado em Cyril J. Barber, The Books of Samuel, 2 v. (Neptune, NJ: Loizeaux, 1994), 1:317-18.